STEPHEN KING

TROCAS MACABRAS

STEPHEN KING
Open
TROCAS MACABRAS

Para Chris Lavin,
que não tem todas as respostas – mas tem as que importam.

Venham todos, venham ver!
Tenho algo a lhes dizer
Cheguem perto, que é de graça!
(E, se assim crerem em mim,
vamos nos dar bem, enfim)

– Steve Earle
"Óleo de Cobra"

Ouvi falar de muita gente
que se perdia até nas ruas do povoado,
quando as trevas eram tão densas
que se podia cortá-las com a faca,
como diz a expressão. ...

– Henry David Thoreau,
Walden

Você já esteve aqui antes.

CLARO QUE ESTEVE. Claro. Nunca esqueço um rosto.

Chegue mais perto, quero apertar sua mão! Vou confessar uma coisa: reconheço-o pelo seu

jeito de andar, antes mesmo de ver bem o seu rosto. Você não poderia ter escolhido um dia

melhor para voltar a Castle Rock. Não é uma belezoca? Logo vai começar a estação de caça,

com aqueles bobos andando pelos bosques e atirando em tudo que faça um movimento e que

não esteja com uma jaqueta alaranjada; depois vem a neve e o granizo, mas isso é depois. É

outubro agora, e aqui em Rock a gente deixa Outubro ir ficando o tempo que ele quiser.

No que me diz respeito, é a melhor época do ano. A primavera é bonita por aqui, mas

prefiro outubro a maio a qualquer hora. O oeste do Maine é a região do estado que fica mais

esquecida depois que passa o verão, quando aquela gente toda nos chalés nas margens do lago

e lá em cima na Vista já voltou para Nova Iorque e Massachusetts. O povo daqui fica vendo

eles virem e irem embora a cada ano — alô, alô, alô; até logo, até logo, até logo. É bom

quando eles chegam, trazendo os seus dólares urbanos, mas é bom quando vão embora, porque

eles também trazem seus gravames.

E é sobre esses gravames que eu queria falar — será que você pode se sentar um

pouquinho aqui comigo? Aqui mesmo, nos degraus do coreto, será ótimo. O sol está

quentinho, e bem aqui no meio da Praça Pública, dá para vermos todo o centro. Só precisa ter

cuidado com as farpas. Os degraus precisam ser lixados e pintados de novo. Isso é trabalho do

Hugh Priest, mas ainda não deu para o Hugh começar. Ele bebe, entende? Mas não é nenhum

segredo. Segredos podem ser — e são — guardados em Castle Rock, mas dá um trabalho

danado, e quase todos nós sabemos que Hugh Priest e trabalho pesado não se dão lá muito bem

há muito tempo.

Como é?

Ah! *Aquilo*! Me diga, não é uma beleza? Esses cartazes estão espalhados pela cidade toda.

Acho que foi Wanda Hemphill, ela mesma (o marido dela, Don, é o dono do Mercado

Hemphill) quem os colou. Você pode arrancar um deles do poste e me dar? Não tenha medo —

pra início de conversa, ninguém tem nada que ir colando cartazes no coreto da cidade.

Provocação danada! *Olhe* só para isto! DADOS DO DEMÔNIO impressos bem no alto.

Em enormes letras vermelhas saindo *fumaça* delas, como se fosse correio

expresso direto do

Inferno! Ha! Alguém que não saiba que cidadezinha modorrenta é a nossa. Iria pensar que

estamos indo para o brejo! Mas, você sabe como, às vezes, as coisas saem dos eixos numa

cidade deste tamanho. E, desta vez, não há dúvida de que o reverendo Willie está com a pulga

atrás da orelha. Não há dúvida. As igrejas das cidades pequenas... ora, acho que nem preciso

explicar *como* é. Dão-se bem — em termos — mas nunca é *um mar de rosas* entre elas. As

coisas andam tranqüilas durante algum tempo, e de repente surge um quebra-pau.

Mas, desta vez, é uma briga bem feia, com muitos ressentimentos. Veja bem, os católicos

estão planejando uma coisa à qual deram o nome de “Uma Noite no Cassino”, a realizar-se na

Fraternidade dos Cavaleiros de Colombo (F.C.C.), que fica lá do outro lado da cidade. Na

última quinta-feira do mês, creio eu, e os lucros serão para ajudar no custeio do conserto do

telhado da igreja. A Igreja de Nossa Senhora das Águas Serenas — você deve ter passado por

ela, no seu caminho para cá, se é que veio pela Vista do Castelo. Igrejinha bonita, não é?

A idéia da “Noite no Cassino” foi do padre Brigham, mas foram as Filhas de Isabela que

realmente botaram a bola pra rolar. Principalmente Betsy Vigue. Acho que ela adora a idéia de

sair toda enfeitada no vestido preto mais justo que tiver, fazendo o carteado de 21 ou rodando a

roleta e dizendo: “Façam seu jogo, senhoras e senhores; por favor, façam seu jogo”. Ah, mas

todo mundo gostou da idéia, acho. Apostas de dois ou três níqueis, inofensivas, mas, seja como

for, têm para eles um leve sabor de pecado.

Só que o rev. Willie não a acha inofensiva, e para ele e sua congregação o sabor de pecado

é bem mais picante. De fato, ele é o rev. William Rose, e nunca foi muito com a cara do padre

Brigham, e o padre também não morre de amores por ele. (Afinal, foi o padre Brigham quem

pôs o apelido de “Willie Barcaça” nele, e o rev. Willie sabe que foi ele.)

Quando esses dois pajés se encontram sempre sai faísca, mas essa história da “Noite no

Cassino” é um pouco pior, acho que se pode dizer que é uma batalha campal. Quando Willie

ouviu falar que os católicos pretendiam passar uma noite de jogatina na F.C.C., ele subiu pelas

paredes até quase bater com sua cabeça pontuda no teto. Pagou do seu próprio bolso por esses

cartazes de DADOS DO DEMÔNIO e Wanda Hemphill e suas amigas do círculo de costura os

espalharam pela cidade toda. Desde então, o único lugar onde batistas e católicos se falam é na

seção de “Cartas” do nosso jornalzinho semanal, onde esbravejam, se digladiam e cada um

manda o outro para o inferno.

Se você olhar naquela direção vai entender o que estou dizendo. Aquela que acabou de sair

do banco é Nan Roberts. A dona da Nan’s Lanchonete, e acho que é a pessoa mais rica da

cidade agora que o velho Pop Merril foi para aquele imenso mercado das pulgas que existe lá

no céu. Também, ela é batista desde que Hector ainda era bebê. E, do lado oposto, lá vem

vindo o grandalhão do Al Gendron. Ele é tão católico que faz o papa parecer judeu, e seu

melhor amigo é o irlandês Johnny Brigham. Agora, preste bem atenção! Viu como os dois

levantaram levemente o nariz? Não é uma comédia? Aposto dez contra um que a temperatura

caiu uns vinte graus quando os dois se cruzaram. É o que minha mãe sempre dizia — gente é o

bicho que mais se diverte neste mundo, fora os cavalos, e estes não conseguem.

Agora, olhe ali. Vê aquela viatura de polícia parada no meio-fio em frente ao vídeo-clube?

Quem está nela é John LaPointe. Ele deveria estar de olho nos que ultrapassam a velocidade —

o centro é área de velocidade reduzida, sabe, principalmente na hora da saída das escolas —

mas se você proteger a vista com a mão e olhar firme, vai ver que o que ele

está *realmente* fazendo é ficar olhando uma fotografia que tirou da carteira. Não posso

distinguir bem daqui, mas posso jurar pela alma de minha mãe que sei de quem é a foto. É o

instantâneo que Andy Clutterbuck tirou de John e Sally Ratcliffe na Feira Estadual de

Fryeburg, faz um ano agora. Na fotografia, John passou o braço ao redor de Sally, e ela está

abraçando o ursinho de pelúcia que ele ganhou na galeria de tiro ao alvo, e os dois parecem

irradiar felicidade. Mas, como dizem, isso foi naquela época, e agora é diferente; agora, Sally

está noiva de Lester Pratt, o treinador de educação física do ginásio. Ele é batista roxo,

exatamente como ela. John ainda não se refez do choque de tê-la perdido. Viu o suspiro dele?

Deixou-se abater por uma profunda melancolia. E só um homem muito apaixonado (ou que se

julga tal) consegue soltar um suspiro tão fundo.

Você já notou que problemas e gravames surgem, em geral, de coisas bem corriqueiras?

Coisas sem emoção. Vou lhe dar um exemplo. Está vendo aquele cara subindo a escada do

fórum? Não, não o homem de terno — aquele é Dan Keeton, nosso presidente do Conselho

Municipal. Refiro-me ao outro — aquele preto de macacão de faxina. Aquele é Eddie

Warburton, vigia da noite do Edifício Municipal. Fique de olho nele um pouquinho e veja o

que ele faz. Olha lá! Viu como ele parou no último degrau e olhou rua acima? E aposto mais

dez contra um que ele está olhando para o posto de gasolina Sunoco. O proprietário e gerente

do posto é Sonny Jackett, e há uma rixa entre eles desde o dia em que Eddie levou seu carro

até lá para uma olhada no mecanismo da direção.

Lembro-me bem daquele carro. Era um Honda Civic, nada de especial, só que era especial

para Eddie porque era o primeiro e único carro zero quilômetro que ele tinha tido na vida. E o

Sonny Jackett não somente fez um trabalho porco como ainda cobrou uma exorbitância. Essa é

a versão de *Eddie* da história. Warburton está simplesmente usando a cor da pele para ver se

consegue um abatimento na conta do conserto — e essa é a versão de *Sonny*. Você sabe como

é, não sabe?

Muito bem, Sonny levou Eddie ao tribunal de pequenas causas, e houve um bate-boca

sério, primeiro dentro da sala do tribunal, e depois no saguão externo. Eddie se queixou que

Sonny o xingou de preto burro, e Sonny replicou que ora essa, eu não o xinguei de preto, mas o

resto é verdade. No fim, nenhum dos dois saiu satisfeito. O juiz fez Eddie desembolsar

cinqüenta pratas, e Eddie comentou que estaria pagando cinqüenta pratas a mais do que

deveria, e Sonny disse que não dava nem para a saída. Depois, sem mais nem menos, houve

um incêndio no sistema elétrico do carro novo do Eddie e acabou que o Honda Civic foi parar

num ferro-velho em Town Road nº 5, e agora o Eddie tem um Oldsmobile 89 que queima óleo.

Eddie diz que está convencido de que Sonny Jackett sabe muito mais do que ousaria admitir a

respeito daquele incêndio no sistema elétrico do carro.

Menino, gente é o bicho que mais se diverte neste mundo, fora os cavalos, e estes não

conseguem. Isso não chega para encher as medidas num dia quente?

Apesar disso, é vidinha de cidade pequena — seja Peyton Place, Grover's Corners ou

Castle Rock, tudo não passa de gente comendo torta e tomando café e falando da vida dos

outros pelas costas. Slopey Dodd, por exemplo, tão solitário porque os outros meninos caçoam

dele porque gagueja. Ou Myrtle Keeton, e se ela parece um pouco sozinha e confusa, como se

não soubesse bem onde se encontra ou o que se passa ao seu redor, isso tudo é porque o marido

(aquele cara que você viu subindo a escada do fórum bem atrás do Eddie) anda meio diferente

nestes últimos seis meses mais ou menos. Notou como os olhos dela estão inchados? Acho que

ela andou chorando ou passando a noite em claro, ou ambas as coisas, não concorda?

E lá vai Lenore Potter, como se estivesse saindo de um embrulho para presente. Está indo

para a Western Auto, sem dúvida, verificar se já chegou o fertilizante orgânico especial que

encomendou. Aquela mulher tem mais espécies de flores crescendo ao redor da casa do que o

Tio Patinhas tem moedas. Ela tem um orgulho danado daquelas suas flores. Ela não é muito

popular entre as mulheres da cidade — acham-na antipática, com suas flores, seus colares, e

suas permanentes de US$ 70 feitas em Boston. Acham que ela é antipática, e vou lhe contar

um segredo, já que estamos os dois sentados aqui, lado a lado, nesta escadinha escalavrada de

coreto. Acho que elas têm razão.

Tudo muito comum, acho que você diria, mas nem todos os nossos problemas, aqui em

Castle Rock, são comuns, acho bom que se diga. Ninguém se esqueceu de Frank Dodd, o

guarda-de-trânsito que de repente ficou maluco, há uns 12 anos, e matou algumas mulheres, e

também ninguém esqueceu o cão, aquele que apareceu com raiva e matou Joe Camber e o

velho bêbado que morava pouco mais adiante. O cão também matou nosso bom xerife George

Bannerman. Alan Pangborn ocupa esse posto hoje em dia, e é um bom homem, mas aos olhos

da cidade jamais vai se comparar a Big George.

E também não foi nada corriqueiro o que aconteceu a Reginald “Pop” Merrill — Pop era o

velho avarento, dono da loja de quinquilharias da cidade. Emporium Galorium, era o nome.

Ficava bem ali onde agora está aquele terreno baldio, no outro lado da rua. Houve um

incêndio, algum tempo atrás, mas tem gente na cidade que viu (ou diz que viu), e depois de

alguns chopinhos no Tigre Manso vai soltar a língua, que foi algo muito mais sério do que um

simples incêndio o que destruiu o Emporium Galorium e tirou a vida de Pop Merrill.

Ace, o sobrinho dele, diz que algo sobrenatural aconteceu com seu tio antes daquele

incêndio — algo assim como “A Zona Crepuscular”. Claro, Ace não se achava nem por perto

quando seu tio esticou as canelas; estava acabando de cumprir sua sentença de quatro anos no

Presídio Shawshank por invasão de domicílio na calada da noite (o pessoal sempre soube que

Ace Merrill ia acabar mal; quando estava na escola, era um dos piores valentões que esta

cidade já viu, e pelo menos uns cem garotos atravessavam para o outro extremo da rua quando

viam Ace vindo em sua direção, as fivelas e zíperes da jaqueta com que andava de moto

tilintando e os ferrinhos da sola de suas botas ressoando pela calçada). E, no entanto, sabe que

ainda acreditam nele? Talvez, de fato tenha sido algo de estranho o que aconteceu ao Pop

naquele dia, ou talvez tudo não passe de conversa fiada na lanchonete, enquanto se degusta

xícaras de café e fatias de torta de maçã.

Muito provavelmente, aqui é igualzinho ao lugar onde você nasceu. Gente que se irrita por

causa de religião, pessoas com suas paixões, seus segredos, seus ressentimentos... e até mesmo

uma história de fantasma de vez em quando — como o que poderia ter acontecido ou não no

dia em que Pop morreu na sua loja de quinquilharias — para animar um dia ocasionalmente

monótono. Castle Rock ainda é um bom lugar para se viver e crescer, como está escrito no

cartaz que se vê ao entrar na cidade. O sol rebrilha bonito no lago e nas folhas das árvores, e

nos dias claros, do alto da Vista do Castelo, dá para ver até Vermont. Os veranistas discutem

por causa dos jornais de domingo, e, de vez em quando, sai uma briga no estacionamento do

Tigre Manso nas noites de sexta-feira ou sábado (às vezes, nas duas noites), mas os veranistas

sempre voltam às suas casas e as brigas terminam. Rock tem sido sempre um dos bons lugares,

e quando as pessoas ficam nervosas, sabe o que dizemos? Dizemos, *"Ele acaba superando*

isso" ou *"Ela acaba superando isso"* .

Henry Beaufort, por exemplo, já está cansado de tanto que o Hugh Priest chuta a eletrola

dele quando fica bêbado... mas Henry acaba superando isso. Wilma Jerzyck e Nettie Cobb

estão furiosas uma com a outra... mas Nettie acaba (provavelmente) superando isso, e Wilma já

tem raiva correndo nas veias. O xerife Pangborn ainda chora a perda da mulher e da criança

mais nova, que morreram prematuramente, e sem dúvida foi uma tragédia, mas com o tempo

ele acaba superando. A artrite de Polly Chalmers não vai melhorar — na verdade, aos

pouquinhos, está ficando cada vez pior, e ela talvez não acabe superando a dor, mas vai acabar

se acostumando com ela. Como milhões de outras pessoas.

Por vezes, batemos de frente um contra o outro, mas as coisas correm bem quase o tempo

todo. Ou corriam, até agora. Mas, tenho que lhe contar um *segredo de verdade*, meu amigo; foi

mais por causa disso que eu o chamei aqui, quando vi que tinha retornado à cidade. Acho que

problemas — *problemas sérios* — estão chegando. Sinto o cheiro, além do horizonte, como

uma tempestade fora de estação, cheia de relâmpagos. A discussão entre batistas e católicos

por causa da "Noite no Cassino”, as crianças que amolam o pobre do Slopey porque ele

gagueja, a paixão de John LaPointe, o sofrimento do xerife Pangborn... acho que tudo isso vai

parecer ninharia perto do que está chegando.

Está vendo aquele prédio do lado de lá da Rua Principal? Aquele, três portas adiante do

terreno baldio onde ficava o Emporium Galorium? Que tem um toldo verde na frente? É, é

esse mesmo. As vitrines estão todas ensaboadas porque ainda não está bem na hora de abrir. A

tabuleta diz COISAS NECESSÁRIAS — e, agora, eu pergunto, que diabos significa isso! Eu

também não sei, e é daí que parece vir o mau pressentimento.

Bem daí.

Olhe rua acima novamente. Você está vendo aquele garoto, não está? Aquele que vem

andando, segurando a bicicleta, e com o olhar mais docemente sonhador que já se viu no rosto

de um menino? Fique de olho nele, meu amigo. Acho que ele vai ser o ponto de partida de

tudo.

Não, já lhe disse, não sei o que... exatamente. Mas, preste atenção naquele garoto. E vá

ficando por aqui, pela cidade. As coisas parecem *esquisitas*, e se alguma coisa acontecer, é

muito melhor que haja uma testemunha.

Eu conheço aquele menino — aquele que vem empurrando sua bicicleta. Talvez você

também o conheça. Brian não-sei-o-quê. O pai dele instala portas e laterais em Oxford ou

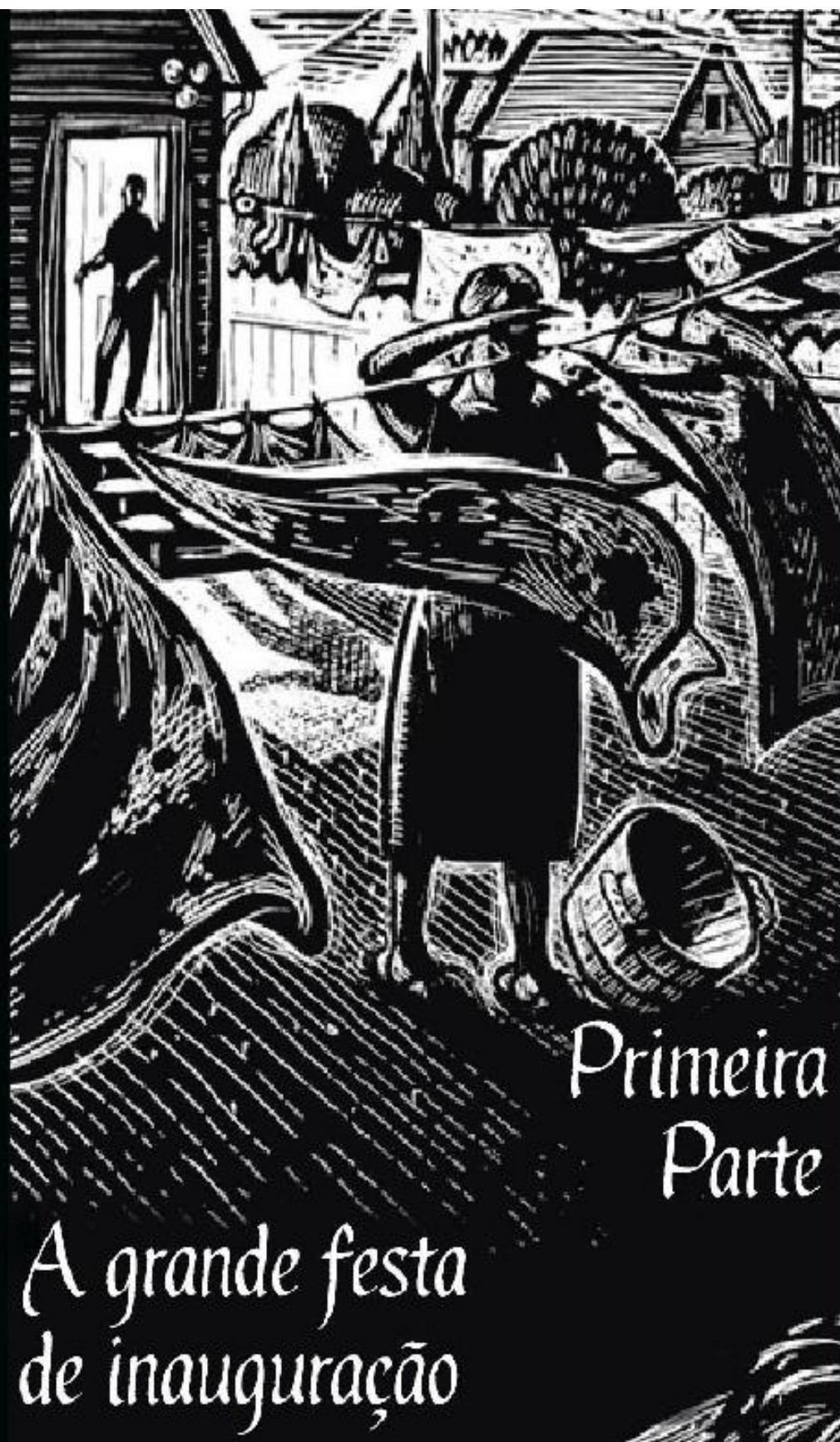
South Paris, eu creio.

Fique de olho nele, é o meu conselho. Fique de olho em tudo. Você já esteve aqui antes,

mas as coisas estão a pique de mudar.

Eu sei.

Eu *sinto*.

A tempestade vem chegando.

Primeira
Parte
A grande festa
de inauguração

CAPÍTULO UM

1

NUMA CIDADE PEQUENA, a inauguração de uma nova loja é uma grande novidade.

Brian Husk não lhe dava tanta importância quanto outros davam; sua mãe, por exemplo.

Ele a ouvira comentar (não devia dizer que era mexerico, ela lhe havia ensinado, porque

mexericar era um hábito muito feio que ela não possuía) numa longa conversa ao telefone, com

sua melhor amiga, Myra Evans, há um mês e pouco. Os primeiros operários chegaram ao velho

prédio, cujo último ocupante tinha sido a Companhia Oeste do Maine — Seguros e

Administração de Imóveis, na mesma época da volta às aulas, e vinham se mantendo bem

ocupados desde então. Não que se pudesse imaginar ao certo o que faziam lá dentro: o

primeiro ato deles tinha sido construir uma ampla vitrine; e o segundo, ensaboá-la até que

ficasse opaca.

Duas semanas atrás, uma tabuleta tinha surgido no batente da porta, pendurada num

barbante preso a um prendedor de sucção transparente:

INAUGURAÇÃO — BREVE

dizia a tabuleta

COISAS NECESSÁRIAS

UMA LOJA DIFERENTE

“Você não vai acreditar no que vê!"

— Não passa de outra loja de antigüidades — disse a mãe de Brian para Myra. Cora Rusk

estava reclinada no sofá no momento, segurando o fone numa das mãos e devorando bombons

de cereja com a outra, enquanto assistia Santa Bárbara na televisão. — Apenas outra loja de

antigüidades com uma porção de imitações fajutas de mobília colonial e telefones antigos

embolorados. Você vai ver.

Isto acontecera pouco depois que a nova vitrine tinha sido Instalada e em seguida

ensaboada, e a mãe falara com tamanha convicção que Brian com certeza deveria ter achado

que era assunto encerrado. Só que, com relação a sua mãe, assunto algum parecia ficar

completamente encerrado. Suas especulações e suposições pareciam tão

Infindáveis quanto os

problemas que assaltavam os personagens dos seriados Santa Bárbara e Hospital Geral.

Na semana anterior, a primeira linha da tabuleta pendurada na porta tinha sido alterada

para:

GRANDE INAUGURAÇÃO

-- EM 9 DE OUTUBRO! --

TRAGA OS AMIGOS!

O interesse de Brian a respeito da loja era menor que o de sua mãe (e que o de algumas

professoras; ele as ouvira conversar sobre a loja na sala dos professores do Colégio de Castle

Rock, quando chegou sua vez de ser o “Carteiro”), mas ele tinha 11 anos, e qualquer garoto

saudável de 11 anos se interessa por uma novidade. Além disso, o nome da loja exercia seu

fascínio sobre ele. “Coisas Necessárias” — o que exatamente significaria isso?

Ele tinha lido a primeira linha alterada na terça-feira passada, quando voltava da escola

para casa. Nas tardes de terça-feira chegava mais tarde. Nascera com lábio leporino, e embora

corrigido por cirurgia aos sete anos, ainda tinha que freqüentar terapia da fala. Ele afirmava

vigorosamente para todo mundo que detestava aquilo, mas não era verdade. Estava profunda e

desesperadamente apaixonado pela srta. Ratcliffe, e passava a semana inteira esperando a hora

da sua aula de exercícios especiais. Terça-feira na escola parecia durar mil anos, e ele sempre

passava as duas últimas horas de aula sentindo um agradável friozinho na boca do estômago.

Havia apenas mais quatro crianças na mesma classe, e nenhuma delas morava na sua

periferia. Isto lhe agradava. Depois de uma hora na mesma sala com a srta. Ratcliffe, ele se

sentia num estado exaltado demais para aturar companhia. Ele gostava de voltar para casa

devagarinho, no fim da tarde, geralmente empurrando a bicicleta ao invés de montá-la,

sonhando com a srta. Ratcliffe enquanto folhas douradas e amarelas caíam ao seu redor nos

raios oblíquos do sol de outubro.

Sua andança levou-o para a área de três quadras da Rua Principal, defronte à praça, e no

dia em que vira a tabuleta anunciando a grande inauguração ele tinha espremido o nariz contra

o vidro da porta, na esperança de ver o que teria substituído as pesadas escrivaninhas e as

paredes amarelas dos finados Agentes de Seguro e Administradores de Imóveis do Oeste do

Maine. Viu sua curiosidade derrotada. Uma persiana fora instalada e estava arriada até o chão.

Brian nada viu além do reflexo de seu rosto e mãos juntas em concha.

Na sexta-feira, dia 4, surgiu um anúncio da nova loja no jornal semanal de Castle Rock, *O*

Chamado. O anúncio era cercado por um babado, e abaixo da matéria impressa havia um

desenho de anjos, dando-se as costas, e tocando longas trombetas. O anúncio, na verdade, nada

dizia que não pudesse ter sido lido na tabuleta que pendia do copo: o nome da loja era “Coisas

Necessárias”, e estaria aberta ao público a partir das 10h da manhã do dia 9 de outubro, e,

claro, “Você não vai acreditar no que vê”. Nenhuma dica sobre as mercadorias que o

proprietário ou proprietários de “Coisas Necessárias” pretendia(m) oferecer.

Isto aparentemente irritou Cora Rusk profundamente — o suficiente, de qualquer forma,

para fazê-la telefonar na manhã de sábado, coisa rara, para Myra.

— É claro que vou acreditar no que *vejo* — ela disse. — Quando vir aqueles *leitos de*

colunas, que deveriam ter *200 anos de idade*, mas que trazem gravado Rochester, *New*

York no *estrado*, onde qualquer pessoa pode curvar *sua cabeça* e espiar embaixo dos babados

da *colcha* para verificar, então vou acreditar no que vejo *muito bem*!

Myra respondeu alguma coisa. Cora ouviu, tirando grãos de amendoim Planter’s da lata,

aos dois ou três, mastigando-os sofregamente. Brian e o irmãozinho menor, Sean, estavam

sentados no chão da sala de estar assistindo a desenhos na televisão. Sean encontrava-se

completamente imerso no mundo dos Smurfs, e Brian não estava completamente desligado

daquela comunidade de pequenos seres azulados, mas uma de suas orelhas ficava voltada para

a conversa.

— *Ccccerrrto*! — Cora Rusk exclamou ainda mais segura e enfática do que habitualmente,

depois que Myra fez algum comentário especialmente ferino. — Preços altos e telefones

antigos cheios de bolor.

Ontem, segunda-feira, Brian tinha passado de bicicleta pelo centro da cidade, ao término

das aulas, com dois ou três amigos. Ficaram do outro lado da calçada da nova loja, e ele viu

que durante o dia um toldo verde-escuro tinha sido instalado. Em letras brancas, ao longo da

dobra do toldo estava escrito COISAS NECESSÁRIAS. Polly Chalmers, dona da loja de

armarinho, estava parada na calçada, mãos pousadas em quadris admiravelmente esbeltos,

contemplando o toldo com uma expressão que parecia ser ao mesmo tempo de admiração e

perplexidade.

Brian, que tinha certo conhecimento de toldos, também se admirou. Era o único toldo *de*

verdade na Rua Principal, e conferia à nova loja uma aparência distinta e especial. A expressão

“sofisticação” não fazia parte de seu vocabulário cotidiano, mas ele notou de imediato que não

havia outra loja na Rua Principal que tivesse aparência semelhante. O toldo fazia com que

parecesse uma daquelas lojas que se poderia ver na televisão. Por comparação, a Western

Auto, no outro lado da rua, parecia vulgar e caipira.

Quando chegou em casa, sua mãe estava no sofá, assistindo Santa Bárbara, comendo

bombinhas de creme “Little Debbie” e bebendo Coca-Cola dietética. Sua mãe sempre tomava

refrigerante dietético enquanto assistia aos programas da tarde. Brian não sabia bem por que,

tendo em vista que ela usava o líquido apenas para engolir o que mastigava, mas ponderou que

provavelmente seria perigoso perguntar a razão. Poderia até fazer com que ela respondesse aos

gritos, e quando sua mãe começava a gritar, o melhor era procurar abrigo.

— Oi, mãe! — ele disse, jogando os livros na bancada e tirando o leite da geladeira. —

Adivinha! A nova loja tem um toldo!

— Quem está torto? — a voz veio flutuando da sala de estar.

Ele se serviu de leite e surgiu no vão da porta.

— *Toldo* — ele disse. — Na nova loja lá na rua.

Ela endireitou—se, encontrou o controle—remoto, e apertou o botão de silêncio. Na tela,

Al e Corinne continuaram a discutir seus problemas em Santa Barbara, no seu restaurante

favorito de Santa Bárbara, mas no momento apenas quem soubesse fazer leitura labial poderia

contar exatamente quais seriam esses problemas.

— O quê? — ela disse. — Aquela loja das Coisas Necessárias?

— É — ele disse, e tomou um pouco do leite.

— *Não faça ruído* tomando o leite — ela disse, estufando o resto do lanche dentro. da

boca. — O som é *repugnante*. Quantas vezes tenho que repetir?

Mais ou menos o mesmo número de vezes em que me disse para não falar de boca cheia,

Brian pensou, mas ficou calado. Desde multo cedo, aprendera a ter controle verbal.

— Desculpe, mãe.

— Que tipo de toldo?

— Verde.

— Prensado ou alumínio?

Brian, cujo pai tinha sido vendedor de laterais para a Cia. Dick Perry de Portas e

Laterais,

de South Paris, sabia exatamente o que ela queria dizer, mas tivesse sido esse o tipo de toldo,

ele dificilmente teria notado. Toldos de alumínio ou de metal prensado eram encontrados a

preço de banana. Eles se projetavam das janelas de metade das casas de Rock.

— Nem um, nem outro — ele disse. — É de tecido. Lona, eu acho. Ele se estica, de modo

que faz sombra bem embaixo dele. E é redondo, assim — curvou as mãos (com cuidado, para

não derramar seu leite) e fez um movimento em semicírculo. — O nome fica impresso na aba.

Honestamente, é de tirar a respiração!

— Ora, que um raio me parta!

Esta era a frase com que Cora quase sempre expressava seu entusiasmo ou exasperação.

Brian deu um cauteloso passo atrás, caso se tratasse da segunda alternativa.

— O que você acha que vai ser, mãe? Um restaurante, quem sabe?

— Não sei — ela disse, esticando a mão para o telefone na mesinha lateral. Teve que

afastar Squeebles, o gato, o *Guia da TV*, e a garrafa de Coca-Cola dietética para alcançá-lo. —

Mas, me soa maroto.

— Mãe, o que significa Coisas Necessárias? É como —

— Não me aborreça agora, Brian. Mamãe está ocupada. Se você quiser, temos

Devil

Dogs na cesta de pão. Mas, só um, para não perder o apetite para o jantar. — Ela já estava

discando para Myra, e logo estavam discutindo o toldo verde com enorme entusiasmo.

Brian, que não estava com vontade de comer um Devil Dog (ele amava muito sua mãe,

mas, às vezes, vê-la comer tirava seu apetite), sentou-se à mesa da cozinha, abriu seu livro de

matemática, e começou a fazer o dever de casa — era um menino inteligente e consciencioso,

e o dever de matemática era o único que não terminara na escola. Enquanto ia metodicamente

assinalando os pontos decimais e fazendo a divisão, ouvia o lado de sua mãe no diálogo.

Estava novamente dizendo a Myra que logo teriam *mais uma* loja vendendo velhos vidros

de *perfume* fedorento e fotografias de finados parentes de qualquer um, e era realmente uma

vergonha como essas coisas surgiam e desapareciam. Havia lá fora, Cora dizia, gente demais

cujo lema de vida era “pegue o dinheiro e fuja”. Quando mencionou o toldo, foi como se

alguém tivesse feito menção de deliberadamente fazer-lhe um insulto, e tivesse alcançado

esplêndido êxito na empreitada.

Acho que ela pensou que alguém deveria ter-lhe contado, Brian raciocinou, enquanto o

lápis corria firmemente pelo papel, fazendo as contas e chegado ao total.

É, era isso. Primeiro: ela estava curiosa. E, segundo: estava irritada. E essa combinação era

fatal. Ora, logo ela descobriria. Quando descobrisse, talvez contasse o grande segredo a ele. E,

caso se mostrasse muito ocupada, ele ficaria sabendo pelo simples expediente de ouvir uma

das conversas da tarde com Myra.

Do modo como os fatos se sucederam, no entanto, Brian ficou sabendo uma porção de

coisas a respeito de Coisas Necessárias, antes mesmo de sua mãe, Myra ou qualquer outra

pessoa em Castle Rock.

2

Ele mal andou na bicicleta ao voltar da escola para casa, na tarde anterior ao dia

programado para a inauguração de Coisas Necessárias. Ia absorto, num devaneio morno (ao

qual não daria voz ainda que Induzido por carvões em brasa e tarântulas) no qual convidava a

srta. Ratcliffe a ir com ele à Feira Municipal de Castle Rock e ela aceitava.

— Obrigada, Brian — dizia a srta. Ratcliffe, e Brian nota diminutas lágrimas de gratidão

no canto de seus olhos azuis — olhos de cor tão profunda que pareciam quase tempestuosos

— Eu tenho andado... muito triste... ultimamente. Sabe... perdi o meu amor.

— Farei com que o esqueça — diz Brian, a voz firme e tema ao mesmo tempo.

— Se me chamar de... Bri.

— Obrigada — eia sussurra, e então, curvando-se para tão perto que ele chega a sentir o

seu perfume — um perfume embriagador de flores silvestres — ela diz:

— Obrigada... Bri. E, já que, pelo menos por esta noite, seremos rapaz e moça, em vez de

aluno e professora, pode me chamar de... Sally.

Ele toma suas mãos. Olha fundo em seus olhos.

— Não sou apenas um rapaz — ele diz. — Posso ajudá-la a esquecê-lo... Sally. Ela parece

quase hipnotizada por essa inesperada compreensão, essa inesperada virilidade. Ele pode ter

apenas 11 anos, ela pensa, mas é muito mais homem do que Lester jamais foi! A mão dela

aperta a dele... Seus rostos se aproximam... se aproximam...

— Não — ela murmura, e tem agora os olhos tão abertos e tão próximos que ele se sente

afundar dentro deles. — Você não deve, Bri... é errado...

— É certo, baby — ele diz, e junta seus lábios aos dela.

Depois de alguns momentos, ela se afasta e segreda ternamente...

— Ei, garoto, veja por onde anda, porra!

Arrebatado de seu devaneio, Brian viu que acabara de passar bem na frente da

camioneta

de Hugh Priest.

— Desculpe, sr. Priest — ele disse, corando violentamente. Não era de bom alvitre irritar o

sr. Priest. Trabalhava para o Departamento de Serviços Públicos e tinha fama de ter o pior

gênio de Castle Rock. Brian observou-o atentamente. Caso fizesse menção de sair da

camioneta, Brian planejava pular na bicicleta e descer a Rua Principal mais ou menos à

velocidade da luz. Não tinha qualquer interesse em passar o mês seguinte no hospital apenas

porque estivera a sonhar acordado que estava levando a srta. Ratcliffe à Feira Municipal.

Mas, Hugh Priest trazia uma garrafa de cerveja na dobra das pernas. No rádio, Hank

Williams Jr. cantava *High and pressurized*, e tudo parecia gostoso demais para acabar de

maneira tão radical como espancar um menininho numa tarde de terça-feira.

— Mantenha os olhos bem abertos — ele disse, tomando um gole pelo gargalo da garrafa e

olhando irritado para Brian. — Porque, da próxima vez, não vou me dar ao trabalho de parar.

Passo por cima de você bem no meio da rua. Você vai guinchar, garoto.

Engrenou a camioneta e afastou-se. Brian sentiu um insano (e felizmente breve) impulso de

gritar “Ora, quero que raios o partam!” às costas dele. Esperou até que o veículo alaranjado

dobrasse para a Rua Linden, e então seguiu seu caminho. Seu devaneio, que pena, ficara

estragado pelo resto do dia. Hugh Priest trouxera a realidade de volta. A srta. Ratcliffe não

tinha tido um briga com o noivo, Lester Pratt; ainda usava o delicado anel de noivado, e ainda

dirigia o Mustang azul dele enquanto esperava o seu próprio carro voltar da oficina.

Brian tinha visto a srta. Ratcliffe e o sr. Pratt ainda na véspera à noite, colando aqueles

cartazes de dados do demônio nos postes telefônicos na parte baixa da Rua Principal,

juntamente com um grupo de outras pessoas. O único senão era que, assim que terminavam,

vinham os católicos e arrancavam todos os cartazes. De certa forma, era bem engraçado... mas,

se ele fosse maior, Brian faria de tudo para proteger quaisquer cartazes colados pelas mãos

abençoadas da srta. Ratcliffe.

Brian pensou em seus profundos olhos azuis, suas longas pernas de dançarina, e sentiu a

mesma sombria perplexidade que sentia sempre que se dava conta de que em janeiro próximo

ela pretendia mudar seu nome, de Sally Ratcliffe — que tinha um som lindo — para Sally

Pratt, que, para Brian, soava como uma senhora gorducha caindo escada abaixo por um

pequeno lance de degraus duros.

Ora, ele pensou, chegando ao meio-fio oposto e começando a descer lentamente a Rua

Principal, talvez ela mude de idéia. Não é impossível. Ou, talvez Lester Pratt se meta em

algum acidente de carro, ou apareça com um tumor cerebral ou qualquer coisa do gênero. Pode

até ser que se descubra que ele é viciado em drogas. A srta. Ratcliffe jamais se casaria com um

viciado.

Esses pensamentos deram a Brian um bizarro conforto, mas não alteraram o fato de que

Hugh Priest tinha abortado o devaneio bem no limiar de seu apogeu (beijar a srta. Ratcliffe e

até *tocar seu seio direito* enquanto estivessem dentro do Túnel do Amor, na Feira). De

qualquer forma, era um sonho louco, um garoto de 11 anos levando a professora à Feira

Municipal. A srta. Ratcliffe era bonita, mas também era velha. Havia confessado às crianças da

classe de terapia da fala que faria 24 anos em novembro.

Assim, com muito cuidado, Brian tornou a dobrar seu sonho, pelos vincos que já existiam,

como um homem dobra um documento lido e relido, de muito valor; guardou-o

num

escaninho, bem no fundo de sua mente, que era o seu lugar. Preparou-se para montar a

bicicleta e voltar pedalando para Casa.

Mas passava, naquele exato momento, pela nova loja, e a tabuleta da porta chamou sua

atenção. Algo nela tinha mudado. Parou a bicicleta e olhou.

GRANDE INAUGURAÇÃO

-- EM 9 DE OUTUBRO! --

TRAGA OS AMIGOS!

ao alto, tinha desaparecido. Substituída por um pequeno letreiro quadrado, de letras

vermelhos sobre fundo branco.

ABERTA

dizia, e

ABERTA

era *tudo* o que dizia. Brian parou, a bicicleta entre as pernas, olhando aquilo, e seu coração

desandou a bater um pouquinho mais forte.

Você não vai entrar, vai? ele se perguntou. Isto é, mesmo que esteja abrindo um dia antes,

você não vai entrar, certo?

Por que não? perguntou-se.

Ora... porque a vitrine ainda está cheia de sabão. A cortina da porta ainda está arriada. Se

você entrar, tudo pode acontecer. Tudo.

Claro. Se o cara que é o dono for como o tal de Norman Bates ou coisa parecida, vestido

nas roupas da mãe e esfaqueando os fregueses. *Cccerto!*

Ora, esqueça, dizia a parte mais tímida de sua mente, posto que esta parte já soubesse que a

batalha estava perdida. Há alguma coisa de esquisito nisso.

E, então, Brian imaginou-se contando para sua mãe. Apenas dizendo descuidadamente...

“Sabe a loja nova, mãe? Coisas Necessárias? Pois é, abriu um dia mais cedo. Eu entrei e dei

uma boa olhada.”

No mesmo instante, ela tiraria o som, com o controle-remoto, pode crer. Iria querer saber

de tudo, com detalhes!

Essa idéia foi demais para Brian. Baixou a vareta de apoio da bicicleta e entrou

devagarinho na sombra do toldo — estava pelo menos 10 graus mais fresco sob o dossel — e

aproximou-se da porta de Coisas Necessárias.

Ao pousar a mão na grande maçaneta antiga-de-latão, ocorreu-lhe que o aviso poderia estar

errado. Provavelmente, já estava colocado ali, mas virado para dentro da porta, para o dia

seguinte, e alguém o colocara à vista por acidente. Não ouviu um único ruído do outro lado da

cortina da porta. O lugar dava a impressão de estar deserto.

Mas, já que chegara tão perto, tentou abrir a maçaneta... que girou suavemente sob sua

mão. A lingüeta retraiu-se com um clique e a porta de Coisas Necessárias escancarou-se para

ele.

3

Havia penumbra lá dentro, mas não escuridão. Brian pôde observar que os trilhos de

iluminação (uma especialidade da Cia. de Portas e Laterais Dick Perry) estavam Instalados e

alguns dos *spots* montados nos trilhos estavam acesos. O foco de luz dirigia-se para uma série

de balcões de vidro arrumados ao redor da ampla sala. A maior parte dos balcões estava vazia.

Os spots realçavam os poucos objetos que se encontravam nos balcões de vidro.

O soalho, que tinha sido de madeira nua quando o local ainda se chamava Oeste do Maine

Imóveis e Seguros, tinha sido coberto de parede a parede por um carpete cor-de-vinho, As

paredes estavam pintadas de branco, como casca de ovo. Um fino ralo de luz, alvo como as

paredes, filtrava-se através da vitrine ensaboada.

Bem, seja como for, foi um engano, Brian pensou. Ele ainda nem trouxe o

estoque. Quem

colocou o aviso de ABERTA na porta por engano, também por engano deixou-a destrancada.

O gesto educado a fazer, nas circunstâncias, seria tomar a fechar a porta, pegar sua bicicleta e

ir embora.

Contudo, relutava em sair. Encontrava-se, afinal de contas, realmente vendo o interior da

nova loja. Quando ficasse sabendo disso, sua mãe passaria a tarde inteira em conversa com ele.

O ponto crucial era o seguinte: ele não sabia exatamente o que estava vendo. Havia uma meia-

dúzia (amostras) de peças nos balcões, focalizadas pelos *spots* — provavelmente, em teste —

mas ele não sabia bem o que eram. Sabia, no entanto, o que *não eram*: camas de colunas, e

velhos telefones embolorados.

— Alô — ele disse hesitante, ainda parado no limiar da porta. — Há alguém aqui?

Estava a ponto de agarrar a maçaneta e sair fechando a porta, quando uma voz respondeu:

— *Estou aqui.*

Um vulto alto — que, a princípio, pareceu ser *descomunalmente* alto — surgiu de uma

porta atrás de um dos balcões de vidro. A porta se camuflava por uma cortina de veludo

escuro. Brian sentiu uma passageira, e verdadeiramente monstruosa, câimbra de medo. Depois,

a luz de um dos *spots* resvalou pelo rosto do homem e o medo de Brian sumiu. Era um homem

bastante idoso, e tinha um rosto muito bondoso. Olhava para Brian com interesse e prazer.

— A porta não estava trancada — Brian começou a explicar — e eu pensei —

— Claro que está destrancada — disse o homem alto. — Decidi deixá-la aberta esta tarde,

rapidamente, como uma espécie de... de pré-estréia. E você é o meu primeiro freguês. Entre,

meu amigo. Entre e fique à vontade, e deixe aqui um pouco da felicidade que você traz!

Sorriu e estendeu a mão. O sorriso era contagiante. Brian sentiu uma simpatia Imediata

pelo proprietário de Coisas Necessárias. Teve que atravessar o limiar da porta e entrar na loja a

fim de apertar a mão do homem alto, e o fez sem a menor hesitação. Aporta fechou-se e a

lingüeta correu como que por vontade própria. Brian não notou. Estava ocupado demais

observando que os olhos do homem alto eram de um azul profundo — exatamente da mesma

cor que os olhos da srta. Sally Ratcliffe. Poderiam ser pai e filha.

O aperto de mão do homem alto era firme e forte, mas não doloroso. Mesmo assim, havia

algo de desagradável nele... algo de escorregadio. Firme demais, talvez.

— Prazer em conhecê-lo - Brian disse.

Aqueles olhos profundamente azuis fixaram-se em seu rosto como se fossem duas

lanternas noturnas à beira da via férrea.

— Eu também tenho muito prazer em travar conhecimento com você — disse o homem

alto, e foi assim que Brian Rusk ficou conhecendo o proprietário de Coisas Necessárias antes

de qualquer outro habitante de Castle Rock.

4

— Meu nome é Leland Gaunt — o homem alto disse. — E o seu é...?

— Brian. Brian Rusk.

— Muito bem, sr. Rusk. E já que se trata de meu primeiro freguês, creio que posso oferecer

um preço especial para qualquer mercadoria que lhe agrade.

— Muito obrigado — Brian disse. — Mas, realmente, não creio que pudesse comprar coisa

alguma numa loja como esta. Só vou receber minha mesada na sexta-feira e...

— lançou outro olhar de dúvida aos balcões vazios — bem, parece que o senhor ainda não

trouxe todo o seu estoque.

Gaunt sorriu. Seus dentes eram tortos e pareciam bem amarelos na penumbra, mas Brian

achou o sorriso inteiramente cativante, apesar de tudo. Novamente, viu-se quase forçado a

retribuir.

— Não — Leland Gaunt disse — ainda não. A maior parte do meu — estoque, como você

disse — vai chegar mais tarde, esta noite. Mas, ainda assim, tenho algumas peças interessantes.

Dê uma olhada ao seu redor, meu jovem sr. Rusk. Adoraria que, pelo menos, me desse sua

opinião... e, imagino que tem sua mãe, não tem? Claro que sim. Um rapaz excelente como

você sem dúvida não é órfão. Estou certo?

Brian concordou com um movimento de cabeça, ainda sorrindo.

— Claro. Mamãe está em casa, neste momento. — Ocorreu-lhe uma idéia. — Gostaria que

eu fosse buscá-la? — Mas, na mesma hora em que o oferecimento foi feito, veio o

arrependimento. *Ele não queria trazer sua mãe aqui*. Amanhã, o sr. Leland Gaunt pertenceria a

toda a cidade. Amanhã, sua mãe e Myra Evans começariam a alisá-lo, assim como todo o

mulherio de Castle Rock. Brian calculava que, pelo fim do mês, o sr. Gaunt já não pareceria

tão estranho e diferente; droga, talvez pelo fim da *semana*, mas, neste exato momento ele

ainda *parecia pertencer*, neste exato momento ele pertencia a Brian Rusk e

apenas a Brian

Rusk, e era assim que Brian desejava que fosse.

Assim, alegrou-se quando o sr. Gaunt levantou a mão (de dedos extremamente finos e

extremamente longos, Brian observou que o indicador e o médio eram exatamente do mesmo

comprimento) e balançou a cabeça.

— De forma alguma — ele disse. — Isto é exatamente o que eu *não quero*. Sem dúvida,

ela iria querer trazer uma amiga, não é?

— É — Brian confirmou, pensando em Myra.

— Talvez, até, *duas* amigas, ou três. Não, é melhor como estamos, Brian — posso chamá-

lo de Brian?

— Claro — Brian respondeu, divertido.

— Obrigado. Você me chamará de sr. Gaunt, já que sou mais velho do que você — mas

não necessariamente seu superior. De acordo?

— Claro — Brian não sabia ao certo o que o sr. Gaunt queria dizer com mais velhos e

superiores, mas estava adorando ouvir aquele cara falar. E seus olhos eram realmente

extraordinários. Brian não conseguia desviar o olhar.

— Sim, é muito melhor como estamos. — O sr. Gaunt esfregou as mãos e o som que

fizeram era como um silvo. Isso foi uma coisa que não deixou Brian tão encantado. As mãos

do sr. Gaunt se esfregando daquele modo pareciam soar como uma serpente que está irritada e

pronta a dar o bote.

— Você irá contar a sua mãe, talvez até mostrar a ela o que comprou, se vier a comprar

alguma coisa —

Brian ponderou se deveria confessar ao sr. Gaunt que trazia a soma total de US$ 0.91 no

bolso, mas decidiu-se contra.

— ... e ela contará a suas amigas, e estas contarão às amigas delas... Entendeu, Brian? Você

será uma propaganda melhor do que qualquer jornal local poderia pensar em publicar! Eu não

poderia fazer melhor, mesmo que contratasse você para andar pelas ruas da cidade como

homem-sanduíche.

— Se pensa assim... — Brian concordou. Não fazia Idéia do que fosse um homem-

sanduíche, mas tinha certeza de que jamais em sua vida seria surpreendido sendo um deles.

— *Seria* divertido dar uma olhada. — Sua educação não lhe permitia acrescentar: *“No*

pouco que existe para ser olhado" .

— Então, comece a olhar! — disse o sr. Gaunt, com um gesto na direção dos

balcões de

vidro. Brian notou que ele usava um longo paletó de veludo vermelho. Imaginou que poderia

ser realmente um *smoking*, Como nas histórias de Sherlock Holmes que havia lido. Era

elegante.

— Fique à vontade, Brian!

Brian dirigiu-se lentamente para o balcão mais próximo da porta. Olhou por cima do

ombro, certo de que o sr. Gaunt estaria vindo em seus Calcanhares, mas este ainda se

encontrava de pé ao lado da porta, fitando-o com um divertido sorriso torcido. Era como se

tivesse lido os pensamentos de Brian e descoberto que Brian detestava que o dono de uma loja

o seguisse de perto enquanto examinava as mercadorias. Supunha que era porque a maioria dos

lojistas tinha medo de que quebrasse algum objeto, ou o furtasse, ou ambas as coisas.

— Não tenha pressa — disse o sr. Gaunt. — Comprar é uma alegria quando não se tem

pressa, Brian, e um pé em certas partes baixas quando se tem.

— Diga, o senhor vem de algum lugar além do oceano? — Brian perguntou. O uso que o

sr. Gaunt fazia do “se” reflexivo em vez de “você” interessava Brian. Lembrava-lhe o

antiquado apresentador do programa “Obras-Primas do Teatro”, ao qual sua mãe assistia

ocasionalmente, caso o *TV-Guia* indicasse que se tratava de uma história de amor.

— Eu — esclareceu o sr. Gaunt — sou de Akron.

— Fica na Inglaterra?

— Fica em Ohio — Leland Gaunt disse com toda seriedade, e, em seguida, exibiu seus

dentes fortes e irregulares num sorriso radioso.

Brian achou engraçado, como achava engraçadas as falas de programas de televisão como

“Cheers” (“Viva!”). Na verdade, tudo o que estava acontecendo fazia-o sentir-se como se

tivesse invadido um programa de televisão, um que fosse um pouco misterioso, mas que não

chegasse a ser assustador. Ele caiu na gargalhada.

Houve um momento em que temeu que o sr. Gaunt pudesse considerá-lo grosseiro (talvez

porque sua mãe vivesse acusando-o de grosseria, a tal ponto que Brian viera a acreditar que

vivia numa imensa e quase invisível teia de etiqueta social), e, então, o riso do homem alto

juntou-se ao seu. Os dois riram juntos, e, em tudo e por tudo, Brian não conseguia lembrar-se

de uma outra tarde tão agradável quanto esta estava se tomando.

— Vá em frente, olhe! — o sr. Gaunt disse, com um aceno de mão. —

Trocaremos

opiniões uma outra hora, Brian.

Assim, Brian deu uma boa olhada. Havia apenas cinco peças, no balcão maior, que tinha

dimensões para guardar confortavelmente vinte ou trinta unidades. Uma, era um cachimbo.

Outra, uma fotografia de Elvis Presley com sua echarpe vermelha e o blusão branco com o

tigre nas costas. O Rei (era como sua mãe sempre se referia a ele) segurava um microfone

junto aos lábios fazendo beicinho. A terceira peça era uma máquina fotográfica Polaroid. A

quarta, uma pedaço de pedra polida com uma cavidade cheia de pontas de cristal no centro.

Estas captavam e fulguravam a luz do spot acima. A quinta era uma lasca de madeira, do

comprimento e da grossura do dedo indicador de Brian.

Ele apontou para o cristal.

— Aquilo é um geodo, não é?

— Que rapaz esperto você é, Brian. É exatamente isso. Tenho plaquetas para a maioria de

minhas peças, mas ainda não estão desembaladas — como a maior parte do meu estoque. Vou

ter que trabalhar como um verdadeiro demônio para aprontar tudo para a inauguração amanhã.

Mas não parecia estar nem um pouco preocupado, e mostrava-se perfeitamente

satisfeito

em permanecer onde estava.

— O que é aquilo? — Brian perguntou, apontando para a lasca de madeira. Pensava com

seus botões que aquele estoque era muito esquisito para uma loja de cidade pequena. Havia

sentido uma simpatia forte e imediata por Leland Gaunt, mas se o resto das coisas fosse como

isto, Brian não acreditava que ele pudesse fazer negócio em Castle Rock durante muito tempo.

Se era para vender coisas como cachimbos, fotografias do Rei e lascas de madeira, o lugar

ideal para se montar uma loja era Nova Iorque... ou, pelo menos, era o que deduzira pelo

filmes que tinha visto.

— Ah! — exclamou o sr. Gaunt. — É uma peça muito interessante. Vou mostrar-lhe!

Atravessou a loja, deu a volta ao balcão, puxou do bolso um chaveiro bem gordo

e selecionou uma chave quase sem olhar. Abriu a tampa do balcão e cuidadosamente

retirou a lasca de madeira.

— Estenda a mão, Brian.

— Chiiii! Acho melhor não — Brian disse. Natural de um estado onde a maior indústria é a

do turismo, já tivera oportunidade de entrar em um bom número de lojas de presentes, e já vira

um número considerável de letreiros com a seguinte quadrinha: “*Bonito de olhar/Suave é ao*

tato/Mas se o quebrar/Comprou-o de fato" . Imaginou a reação de horror de sua mãe, caso

quebrasse aquela lasca — ou o que quer que fosse aquilo — e o sr. Gaunt, já de cara amarrada,

a dizer que o preço era US$ 500.00.

— Mas, por que não? — o sr. Gaunt perguntou, arqueando as sobrancelhas que, na

verdade, eram apenas uma: espessa, crescendo do alto do nariz em linha contínua.

— É que sou desajeitado.

— Bobagem! — o sr. Gaunt replicou. — Reconheço meninos desajeitados quando os vejo.

Você não pertence a essa raça. — Deixou a lasca de madeira cair na palma da mão de Brian.

Brian fitou-a, com alguma surpresa, descansando na palma de sua mão. Não se dera conta, até

ver a lasca ali, de que tinha a mão aberta.

Não lhe dava a *sensação* de ser de madeira. Mais parecia...

— Parece uma pedra — ele comentou, em dúvida, e levantou os olhos para fitar o sr.

Gaunt.

— É madeira e pedra ao mesmo tempo — explicou o sr. Gaunt. — É petrificada.

— Petrificada — Brian maravilhou-se, Estudou atentamente a lasca, depois correu o dedo

ao longo dela. Era, ao mesmo tempo, macia e áspera. Não sabia explicar, mas não era uma

sensação inteiramente agradável.

— Deve ser muito antiga.

— Mais de 2.000 anos — o sr. Gaunt concordou gravemente.

— *Poxa*! — Brian exclamou. Deu um pulo e quase deixou cair a lasca. Fechou a mão em

punho para protegê-la contra uma queda... e viu-se imediatamente invadido por uma sensação

de estranheza e distorção. Sentiu-se subitamente — o quê? Tonto? Não, tonto não, mas

distante. Como se uma parte dele tivesse sido arrebatada de seu corpo e levada embora.

Via o sr. Gaunt olhando para ele, interessado e divertido, e de repente os olhos do sr. Gaunt

foram aumentando até ficar do tamanho de um pires de chá. Ainda assim, esse sentimento de

desorientação não lhe dava medo. Era, melhor dizendo, excitante, e, sem dúvida, mais

agradável do que tinha sido a impressão que lhe dera a madeira sob seu dedo explorador.

— Feche os olhos, Brian — convidou o sr. Gaunt. — Feche os olhos e me diga o que

sente!

Brian fechou os olhos e ficou imóvel por um momento, de braço estendido, e na

extremidade deste o punho fechado segurando a lasca. Não chegou a ver o lábio

superior do sr.

Gaunt arreganhar-se brevemente, como o de um cão, sobre os dentes grandes e tortos, no que

poderia ter sido uma careta de prazer ou de expectativa. Teve a vaga impressão de movimento

— uma espécie de movimento pendular. Um som, leve e rápido: *tchum-tchum... tchum-*

tchum... tchum-tchum... Ele conhecia aquele som. Era —

— Um barco! — ele gritou, encantado, sem abrir os olhos. — É como se eu estivesse num

barco!

— É mesmo? — o sr. Gaunt disse, e para os ouvidos de Brian a voz soou impossivelmente

distante.

As sensações se intensificaram. Sentia agora como se estivesse subindo e descendo longas

ondas vagarosas. Ouvia ao longe o piar dos pássaros; e, bem mais perto, os sons de muitos

animais — vacas mugindo, galos cantando, o miado rouco de um gato muito grande — não era

um ruído de raiva, antes seria uma expressão de tédio. Naquele único segundo ele quase podia

sentir o bosque (o bosque do qual esta lasca um dia fizera parte, ele tinha certeza), e deu-se

conta de que seus pés estavam calçados não em tênis Converse mas em uma espécie de

sandálias, e —

Então, tudo começou a sumir, encolhendo-se a um diminuto ponto brilhante,

como a luz de uma tela de televisão quando a energia elétrica é cortada, e depois tudo

desapareceu. Ele abriu os olhos, trêmulo e exultante.

Seus dedos se haviam contraído num punho tão fechado ao redor da lasca que ele teve que

fazer força para abri-los, e as juntas rangeram como dobradiças enferrujadas.

— Poxa, *cara*! — ele murmurou.

— Bacana, não é? — o sr. Gaunt perguntou alegremente, retirando a lasca da mão de Brian

com a habilidade fácil de um médico extraindo uma farpa da cante. Devolveu-a ao lugar, e

tornou a trancar o balcão de vidro.

— Bacana — Brian concordou, soltando longamente o fôlego, quase num suspiro. Curvou-

se para contemplar a lasca. Ainda sentia um pouco de comichão na mão que a segurara.

Aquelas sensações: o deque do barco montando a onda e depois descendo de proa, o choque

das ondas contra o casco, a impressão de madeira sob seus pés... essas coisas permaneciam

nele, embora adivinhasse (com sentimento de verdadeira tristeza) que elas passariam, como

passam os sonhos.

— Você conhece a história da Arca da Noé? — o sr. Gaunt perguntou.

Brian franziu as sobrancelhas. Tinha quase certeza de que se tratava de uma história

bíblica, mas costumava se desligar durante os sermões de domingo e nos estudos bíblicos nas

noites de quinta-feira.

— É como aquela história do barco que deu a volta ao mundo em 80 dias?

O sr. Gaunt tornou a sorrir...

— Mais ou menos isso, Brian. Algo bem semelhante. Pois bem, supõe-se que esta lasca

veio da Arca de Noé. Claro que não vou dizer que a lasca veio da Arca de Noé porque o povo

diria que sou um embusteiro da pior espécie. Deve haver hoje no mundo umas 4.000 pessoas

tentando vender pedaços de madeira que elas afirmam terem vindo da Arca de Noé — e,

provavelmente umas *400.000* tentando mercadejar lascas da Única Cruz Verdadeira — mas o

que posso dizer é que tem mais de 2.000 anos porque já passou pelo teste do carbono, e posso

dizer que veio da Terra Santa, embora tenha sido encontrada não no monte Ararat, mas no

monte Boram.

A maior parte da história era incompreensível para Brian, mas o fato mais saliente não era.

— Dois mil anos — ele disse, sem fôlego. — Poxa! o senhor tem certeza?

— Tenho, sim — o sr. Gaunt respondeu. — Tenho um certificado do Instituto de

Tecnologia de Massachusetts onde foi feito o teste do carbono, que, naturalmente, acompanha

a peça. Mas, sabe de uma coisa, eu realmente creio que pode ter vindo da Arca.

Por um instante, fitou a lasca especulativamente, e em seguida ergueu seus estonteantes

olhos azuis para os olhos cor-de-mel de Brian. Novamente, Brian sentiu-se transfixado por

esse olhar.

— Afinal, o monte Boram fica a menos de 30km, em linha reta, do monte Ararat, e

enganos maiores do que o local do descanso final de um barco, mesmo um de grandes

dimensões, já foram cometidos em muitas das histórias do mundo, especialmente quando essas

histórias se transmitem oralmente, durante gerações, antes que sejam finalmente postas no

papel, Estou certo?

— É — Brian disse. — Tem lógica.

— E, além do mais, a lasca produz estranhas sensações quando a seguram. Não concorda?

— *Adivinhe*!

O sr. Gaunt sorriu e despenteou os cabelos do menino, quebrando o encanto.

— Gosto de você, Brian. Tomara que todos os meus fregueses tivessem esse dom de se

maravilhar que você tem. A vida seria muito mais fácil para um comerciante humilde como eu

se todos no mundo fossem assim.

— Por quanto... por quanto o senhor venderia uma peça como aquela? — Brian indagou.

Apontou para a lasca de madeira com um dedo não muito firme. Somente agora começava a

perceber quão profundamente a experiência o tinha afetado. Tinha sido como segurar uma

concha junto ao ouvido e escutar o ruído do mar... só que em 3-D e Sensurround. Desejava

ardentemente que o sr. Gaunt lhe permitisse segurar a lasca novamente, talvez até por um

pouco mais de tempo, mas não achou jeito de pedir e o sr. Gaunt não fez o oferecimento.

— Ah, bem — disse o sr. Gaunt, juntando os dedos esticados sob o queixo e fitando Brian

com ar malicioso. — Tratando-se de uma peça como aquela — e como a maioria das boas

mercadorias que vendo, coisas realmente interessantes — o preço dependeria do comprador.

De quanto o *comprador* estivesse disposto a pagar. Quanto você estaria disposto a pagar,

Brian?

— Não sei — Brian respondeu, pensando nos 91 cents no bolso, e engoliu em seco.

— *Muito*!

O sr. Gaunt jogou a cabeça para trás e riu com gosto. Com o gesto, Brian notou que tinha

se enganado a respeito do homem. Logo ao entrar, julgara que o sr. Gaunt tinha cabelos

grisalhos. Via agora que só era grisalho nas têmporas. Talvez ele tivesse parado embaixo de

um dos *spots*, Brian pensou.

— Bem, foi tudo muito interessante, Brian, mas eu realmente tenho muito trabalho pela

frente até as 10:00h de amanhã, e assim —

— Claro — Brian disse, novamente forçado, de supetão, à consideração de sua boa

educação. — Eu também preciso ir. Desculpe ter tomando tanto do seu tempo...

— Não, não, não, você não me compreendeu! — O sr. Gaunt pousou uma de suas longas

mãos no braço de Brian. Brian desvencilhou o braço. Esperou que seu gesto não tivesse sido

grosseiro, mas não podia evitar, mesmo que fosse esse o caso. A mão do sr. Gaunt era dura e

seca e, de certa forma, desagradável. Na verdade, era muito pouco diferente da lasca de

madeira petrificada que se supunha ter vindo da Arca de Noé ou coisa parecida. Mas o sr.

Gaunt estava falando muito a sério para notar o instintivo retraimento de Brian. Agia como se

ele próprio, e não Brian, tivesse cometido uma quebra de etiqueta.

— Apenas pensei que .poderíamos discutir negócios. Não faz realmente sentido que você

gaste seu tempo olhando as poucas outras peças que consegui tirar da embalagem; ainda não

há muitas delas fora, e você já viu as mais interessantes daquelas que foram desencaixotadas.

No entanto, como conheço muito bem o meu estoque, mesmo sem um inventário na mão, pode

ser que eu tenha alguma coisa que o interesse, Brian. O que desejaria, Brian?

— Puxa vida! — Brian disse. Havia *milhares* de coisas que desejava, e esse era o problema

— com a pergunta feita assim sem rodeios, ele não saberia dizer qual dessas milhares de coisas

ele desejaria mais.

— O melhor a fazer é não pensar demais — o sr. Gaunt disse. Falou em tom indiferente,

mas não havia expressão de indiferença em seus olhos, que estudavam o rosto de Brian

atentamente. — Quando eu digo “Brian Rusk, o que você deseja mais que tudo no mundo,

neste momento?” qual é a sua resposta? Depressa!

— Sandy Koufax — Brian respondeu prontamente. Assim como ele não sabia que a palma

de sua mão estava aberta para receber a lasca da Arca de Noé até que a viu repousando ali, ele

também não sabia o que diria em resposta à indagação do sr. Gaunt até que ouviu as palavras

saindo de sua boca. Mas, no momento em que as pronunciou, deu-se conta de que eram a

expressão exata e completa da verdade.

5

— Sandy Koufax — o sr. Gaunt disse pensativamente. — Que interessante.

— Quer dizer, não Sandy Koufax *em pessoa* — Brian disse. — Mas a sua figurinha de

beisebol.

— Da marca Topps ou da Fleers? — o sr. Gaunt perguntou.

Brian não poderia ter acreditado que a tarde poderia tomar-se ainda melhor, mas

subitamente tomara-se. O sr. Gaunt conhecia figurinhas tão bem quanto conhecia lascas e

geodos. Era surpreendente, realmente surpreendente.

— Topps.

— Acredito que você esteja interessado na figurinha dele como calouro — o sr. Gaunt

disse desapontado. — Não creio que possa ajudá-lo se for esse o caso, mas —

— Não — Brian disse. — Não a de 1954. A de '56. Essa é a que eu gostaria de ter. Tenho

uma coleção das figurinhas de beisebol de 1956. Comecei por causa de meu pai. É divertido, e

só algumas delas são realmente caras — Al Kaline, Mel Pamell, Roy Campanella, esse

pessoal. Já tenho mais de cinqüenta. Inclusive Al Kaline. Custava 38 “paus”. Cortei muita

grama de jardim para conseguir o Al.

— Aposto que sim — disse o sr. Gaunt com um sorriso.

— Bem, como eu disse, a maior parte das figurinhas de '56 não são muito caras — custam

cerca de cinco, sete dólares, às vezes dez dólares. Mas um Sandy Koufax em boas condições

chega a custar noventa e até cem “paus”. Ele não era uma das grandes estrelas *daquele* ano,

mas, claro, ele tornou-se grande, e isso quando os Dodgers ainda estavam em Brooklyn. Todo

mundo os chamava de Da Bum naquela época. Pelo menos, é o que o meu pai diz.

— Seu pai está 200% certo — disse o sr. Gaunt. — Creio que tenho algo aqui que vai

deixá-lo muito contente, Brian. Espere aí.

Passou pela porta escondida pela cortina e deixou Brian ao lado do balcão que guardava a

lasca e a Polaroid e a fotografia do Rei. Brian quase sapateava de um pé para outro, tanto de

esperança como de expectativa. Disse a si mesmo para não ser um idiota; mesmo que o sr.

Gaunt *tivesse* uma figurinha de Sandy Koufax, e mesmo que fosse uma figurinha da Topps dos

anos ’50, provavelmente descobriria que era uma figurinha de ’55 ou ’57. E,

vamos supor que

fosse mesmo uma '56? De que lhe adiantaria, se tinha menos de um dólar no bolso?

Ora, posso olhar, não posso? Brian pensou. Olhar não tira pedaço, não é? E este era outro

dos ditados favoritos de sua mãe.

Da sala atrás da cortina chegou o ruído de caixas sendo movimentadas e de leves baques

quando eram colocadas no chão.

— Um minuto só, Brian — o sr. Gaunt disse lá de dentro. Parecia um pouco sem fôlego. —

Tenho certeza de que há por aqui uma caixa de sapatos...

— Não se incomode por minha causa, sr. Gaunt! — Brian gritou de volta, na louca

esperança de que o sr. Gaunt se incomodasse o quanto fosse necessário.

— Talvez a caixa ainda esteja num dos carregamentos que ainda estão a caminho — disse

dubiamente o sr. Gaunt.

O coração de Brian murchou.

E, então:

— Mas eu tinha certeza... Espere aí! Está bem aqui!

O coração de Brian animou-se — mais do que animou-se, voou e deu uma cambalhota.

O sr. Gaunt surgiu novamente de trás da cortina. Os cabelos ligeiramente em desalinho, e

havia uma mancha de poeira na lapela de seu casaco de veludo. Trazia nas mãos uma caixa que

acondicionara, no passado, um par de tênis da marca Air Jordan. Colocou-a sobre o balcão e

tirou a tampa. Brian estava de seu lado esquerdo, espiando para dentro. A caixa estava cheia de

figurinhas de beisebol, cada uma mantida em seu próprio invólucro de plástico, exatamente

como as que Brian comprava, às vezes, na Loja de Figurinhas de Beisebol em North Conway,

New Hampshire.

— Achei que poderia haver um rol do que existe aí dentro, mas seria pedir demais — o sr.

Gaunt disse. — Assim mesmo, sei bastante bem o que tenho em meu estoque, como já lhe

disse — e esta é a chave para se administrar um negócio no qual se vende um pouquinho de

cada coisa — e tenho certeza de ter visto...

Sua voz se perdeu e de começou à passar rapidamente os dedos pelas figurinhas.

Brian acompanhava as figurinhas que se sucediam depressa, mudo de assombro. O cara

que era o proprietário da Loja de Figurinhas de Beisebol era o que seu pai chamava uma “boa

coleção de Feira Estadual” de velhas figurinhas, mas todo o conteúdo daquela loja não chegava

aos pés dos tesouros escondidos naquela caixa de tênis. Havia figurinhas de

fumo de mascar

com a figura de Babe Ruth e Dom DiMaggio e Big George Keller e até de Hiram Dissen, o

lançador de um só braço que tinha jogado pelo time dos White Sox nos anos '40. LUCKY

STRIKE VERDE FOI À GUERRA! proclamavam muitas das figurinhas de cigarro. E ali, vista

de relance, um rosto largo e solene aparecendo acima da camisa do uniforme do time de

Pittsburgh —

— Meu Deus, aquele não era Honus Wagner? — Brian perguntou engasgado. Seu coração

era um passarinho muito pequeno que fora parar em sua garganta por acaso e que agora

ruflava, numa armadilha. — É a figurinha de beisebol mais rara de todo o universo!

— Sim, sim — o sr. Gaunt respondeu distraído. Seus longos dedos moviam-se rapidamente

de figurinha em figurinha, fisionomias de outras eras presas em seus invólucros de plástico

transparente, homens que tinham quebrado lanças, suado as camisas, defendido suas cores,

heróis de uma época dourada que jazia no passado, uma época da qual o menino ainda

cultivava sonhos alegres e movimentados.

— Um pouquinho de cada coisa, nisso se resume um negócio bem-sucedido,

Brian.

Diversificação, prazer, surpresa, satisfação... uma *vida* bem-sucedida, afinal de contas... Não

sou de dar conselho, mas se desse, diria que o melhor que você tem a fazer é... agora, deixe-me

ver... em algum lugar... em algum lugar... *ah!*

Puxou uma figurinha do meio da caixa, como um mágico fazendo o seu truque, e

triunfantemente colocou-a na mão de Brian.

Era um Sandy Koufax.

Era uma figurinha Topps de ’56.

E estava *autografada*.

“Ao meu amiguinho Brian, com os meus melhores votos, Sandy Koufax” — Brian leu num

sussurro rouco.

E, então, descobriu que não conseguia pronunciar uma única palavra.

6

Levantou o olhar para o sr. Gaunt, mexendo os lábios. O sr. Gaunt sorriu.

— Não botei isso aí, nem planejei a coisa, Brian. É tudo uma coincidência... mas

uma *feliz* coincidência, você não acha?

Brian ainda não conseguia falar, e, assim, decidiu-se por um único menear de cabeça. O

invólucro de plástico com sua preciosa carga pesava estranhamente em seu mão.

— Tire do envelope — o sr. Gaunt ofereceu.

Quando, finalmente, a voz de Brian novamente subiu aos seus lábios, soava com a

rouquidão de um inválido muito velho.

— Não me atrevo.

— Pois *eu* sim — disse o sr. Gaunt. Tirou o envelope de Brian, introduziu a unha

cuidadosamente manicurada de um dedo é puxou a figurinha para fora. Colocou-a na mão de

Brian.

Podia-se notar diminutas mossas na superfície — feitas pela ponta da caneta que Sandy

Koufax usara para assinar seu nome... *seus* nomes. A assinatura de Koufax era quase igual à

que estava impressa, exceto que a impressa dizia Sanford Koufax e o autógrafo

dizia *Sandy* Koufax. Também, era mil vezes melhor porque era *real*. Sandy Koufax tinha

segurado essa figurinha em sua mão e colocado sua marca nela, a marca de sua mão viva e seu

nome mágico.

Mas havia também um *outro* nome nela — o próprio nome de Brian. Algum outro menino,

seu xará, tinha se postado ao lado do vestiário do Ebbets Field antes do jogo, e Sandy

Koufax, *o verdadeiro Sandy Koufax*, jovem e robusto, os anos de glória agora multo próximos,

tinha tomado a figurinha que lhe era oferecida, provável mente ainda cheirando a

goma de

mascar cor-de-rosa, e posto sua marca nela... *a minha marca também*, pensou Brian.

Subitamente, tudo voltou, a sensação que o havia Invadido ao segurar a lasca de madeira

petrificada. Só que desta vez era muito, muito mais Intensa

Cheiro de grama, doce e recém-cortada.

Leve sabor de cinza em couro de cavalo.

Gritos e risadas do banco de espera dos batedores.

— Alô, sr. Koufax, o senhor poderia autografar a minha figurinha?

Um rosto fino. Olhos castanhos. Cabelos para o escuro. O boné é tirado por um breve

instante, ele coça a cabeça bem acima da linha do cabelo, e torna a colocar o boné.

— Claro, garoto. — Pega a figurinha. — Como é o seu nome?

— Brian, senhor. Brian Seguin.

A caneta sobre o papel... rect. rect... rect... A mágica: a assinatura.

— Você quer ser jogador quando crescer, Brian? — a pergunta tem sabor de coisa

repetida, e ele fala sem levantar o rosto, que está curvado sobre a figurinha que segura em

sua grande mão direita enquanto escreve com a canhota que está prestes a se transformar em

mágica.

— *Sim, senhor.*

— *Exercite os fundamentais! — e devolve a figurinha.*

— *Sim, senhor.*

Mas, ele já está se afastando, começa em seguida uma corrida preguiçosa na grama

recém-cortada, na direção do banco dos batedores, sua sombra acompanhando-o na corrida.

— Brian? Brian?

Dedos longos estalando sob seu nariz — os dedos do sr. Gaunt. Brian acordou do devaneio

e viu o sr. Gaunt olhando para ele, divertido.

— Acorda!

— Desculpe — Brian disse, e ficou ruborizado. Sabia que tinha que devolver a figurinha,

devolvê-la e ir embora, mas não conseguia separar-se dela. O sr. Gaunt fitava-o novamente

fundo nos olhos — fundo em sua *mente*, melhor dizendo — e mais uma vez achou impossível

desviar seu olhar.

— Bem — o sr. Gaunt disse suavemente. — Digamos, Brian, que você é o comprador.

Digamos. Quanto você pagaria por essa figurinha?

Brian sentiu seu coração ser soterrado pelo desespero como se fosse uma avalanche.

— Tudo o que tenho —

A mão do sr. Gaunt levantou-se rapidamente.

— Shhh! — ele disse com severidade.. — Morda a língua! Um comprador jamais revela ao

vendedor o total de suas posses! Seria o mesmo que entregar sua carteira a ele e jogar tudo o

que tem nos bolsos sobre o balcão para completar! Se não sabe mentir, então fique calado!

Esta é a primeira regra do comércio justo, Brian, meu garoto!

Seus olhos — tão grandes e escuros. Brian sentia-se boiando dentro deles.

— Esta figurinha tem dois preços, Brian. Metade... e metade. Uma metade em dinheiro. A

outra, um favor. Você me entende?

— Sim — disse Brian. Sentia-se *distante* novamente — distante de Castle Rock, distante

de Coisas Necessárias, até distante de si mesmo. As únicas coisas concretas nesse lugar

longínquo eram os olhos grandes e escuros do sr. Gaunt.

— O valor em dinheiro para essa figurinha de 1956 autografada por Sandy Koufax é US$

0.85 — disse o sr. Gaunt. — Acha um preço justo?

— Sim — respondeu Brian, a voz fraca e distante. Sentia-se encolher, encolher... até

chegar ao ponto em que qualquer recordação clara cessaria.

— Ótimo — disse a voz cariciosa do sr. Gaunt. — Nossa negociação transcorre bem até

agora. Quanto ao favor... você conhece uma mulher chamada Wilma Jerzyck, Brian?

— Wilma, claro — Brian disse, do fundo da escuridão que aumentava. — Ela mora

defronte a nós, do outro lado da rua.

— É, creio que sim — concordou o sr. Gaunt. — Preste muita atenção, Brian. — Portanto,

ele teria continuado a falar, mas Brian não conseguia lembrar-se do que fora dito.

7

A primeira coisa de que teve consciência foi o sr. Gaunt gentilmente empurrando-o para a

Rua Principal, e lhe dizendo do prazer que sentira em conhecê-lo, e pedindo a ele que dissesse

à sua mãe e a todos os seus amigos que tinha sido bem-tratado e bem-atendido.

— Claro — Brian respondeu. Sentia-se confuso... mas também se sentia bem, como se

tivesse acabado de acordar de uma repousante sesta da tarde.

— Volte sempre — disse o sr. Gaunt no momento em que fechava a porta. Brian olhou para

a porta. A tabuleta agora dizia:

FECHADA

8

Achou que tinha passado horas em Coisas Necessárias, mas o relógio do banco mostrava

que eram apenas 10 para as 4. Menos de 20 minutos. Preparou-se para montar em sua bicicleta,

em seguida apoiou o guidão contra a barriga enquanto ia pondo a mão nos bolsos da calça.

De um deles tirou seis reluzentes moedinhas de cobre, de um cent de dólar cada uma.

De outro, tirou a figurinha autografada de Sandy Koufax.

Aparentemente, *tinham* feito algum negócio, embora Brian não conseguisse, de forma

alguma, lembrar-se exatamente o que — apenas que o nome de Wilma Jerzyck tinha entrado

na conversa.

"Ao meu amiguinho Brian, com os meus melhores votos, Sandy Koufax".

Fosse qual fosse o negócio que tivessem feito, a figurinha valia a pena.

Uma figurinha assim valia praticamente qualquer coisa.

Brian ajeitou-a com cuidado na mochila a fim de que não ficasse amassada, montou na

bicicleta, e começou a pedalar depressa para casa. Sorriu durante todo o trajeto.

CAPÍTULO DOIS

1

QUANDO UMA NOVA LOJA é inaugurada numa cidadezinha da Nova Inglaterra, seus

habitantes — caipiras, embora, com relação a muitos outros aspectos — exibem uma atitude

cosmopolita que seus primos das grandes metrópoles dificilmente seriam capazes de igualar.

Em Nova Iorque ou Los Angeles, uma nova galeria de arte poderia atrair um bom número de

patronos em perspectiva e meros circunstantes antes mesmo que suas portas se abrissem pela

primeira vez; para um clube novo seria necessário até formar fila com a presença da policia

com suas barricadas, com os *paparazzi*, armados com suas sacolas de equipamentos e lentes de

teleobjetiva, postados além deles, em estado de alerta. Há um burburinho agitado de conversa,

tal e qual a platéia de um teatro em Nova Iorque antes da estréia de uma nova peça que, por

poder vir a ser um tremendo sucesso ou um fracasso total, sem dúvida dará muito pano para as

mangas.

Quando uma nova loja é inaugurada numa cidadezinha da Nova Inglaterra, raramente se vê

um agrupamento de gente antes que suas portas se abram, e jamais há fila. As persianas se

levantam, as portas são destrancadas, e o novo negócio entra em operação, fregueses entram e

saem em número tão reduzido que um estranho sem dúvida consideraria apático... e, muito

provavelmente, um sinal de mau agouro para a futura prosperidade do dono da loja.

O que se afigura falta de interesse freqüentemente esconde aguda expectativa e ainda mais

aguda observação (Cora Rusk e Myra Evans não eram as duas únicas mulheres em Castle

Rock que tinham mantido ocupadas as linhas telefônicas, bisbilhotando sobre Coisas

Necessárias antes mesmo que a loja abrisse). Interesse e expectativa tais, no entanto, não

alteram o conservador código de conduta do comprador que reside na cidadezinha. Certas

coisas simplesmente Não se Fazem, particularmente nos rígidos enclaves ianques ao norte de

Boston. Estes constituem sociedades que durante nove meses no ano se comportam de maneira

extremamente auto-suficiente, e onde se aponta como falta de educação demonstrar interesse

demais cedo demais, ou por qualquer outro meio dar a perceber que se sentiu algo além de um

simples interesse passageiro, por assim dizer.

Investigar uma nova loja numa cidade pequena ou comparecer a uma festa socialmente

prestigiada numa grande cidade — ambas são atividades que causam uma boa dose de agitação

entre aqueles que vão participar de uma delas, e há regras para ambas — regras silenciosas,

imutáveis, e estranhamente semelhantes. A principal delas é que *não se deve ser o primeiro a*

chegar. Obviamente, esta regra cardeal tem que ser sempre quebrada, ou ninguém nunca

chegaria, mas é provável que uma loja nova fique vazia durante pelo menos uns 20 minutos

depois que a tabuleta de FECHADA na vitrine foi virada para exibir a palavra ABERTA pela

primeira vez, e um observador com conhecimento de causa poderia apostar com segurança que

as primeiras pessoas a chegar viram em grupo — duas, três, ou mais provavelmente, contudo,

quatro senhoras juntas.

A segunda regra é que os compradores que vão investigar a loja se comportem com

delicadeza tão completa que atinja as raias da frigidez. A terceira é que ninguém deve inquirir

(na primeira visita, pelo menos) o novo lojista sobre seus antecedentes ou *bona fides*. A quarta

é que ninguém deve trazer um presente de boas-vindas-à-cidade, especialmente se se tratar de

algo tão doméstico como um bolo feito em casa ou uma torta. A última regra é tão imutável

quanto a primeira: *ninguém deve ser o último a sair*.

Tal gavota cerimoniosa — à qual poder-se-ia dar o nome de A Dança da Bisbilhotice

Feminina — pode durar um período de tempo que vai de duas semanas a dois meses, e que não

se aplica quando quem abre a loja já é habitante da cidade. *Essa* inauguração tenderia a

assemelhar-se a um jantar de caridade da igreja em prol do Asilo dos Velhinhos — informal,

alegre, e completamente sem graça. Mas, quando o novo negociante é De Fora da Cidade

(sempre se pronuncia assim, de forma que se possa ouvir as iniciais maiúsculas), a Dança da

Bisbilhotice Feminina é algo tão real quanto o fato da morte ou a força da gravidade. Quando

termina o período de experiência (ninguém põe anúncio no jornal para informar que terminou,

mas todo mundo fica sabendo do mesmo jeito), acontece uma de duas coisas: ou o fluxo do

negócio se normaliza e os fregueses satisfeitos trazem presentes de boas-vindas um tanto

atrasados e fazem convites de Apareça lá em Casa, ou o novo negócio fracassa. Em

cidadezinhas como Castle Rock, corre o rumor de pequenos negócios que “quebraram”

semanas ou até meses antes que seus infelizes proprietários descubram o fato por si mesmos.

Havia pelo menos uma mulher em Castle Rock que não obedecia às regras estabelecidas do

jogo, imutáveis quanto pudessem ser para os outros. Essa mulher era Polly Chalmers, dona da

loja Costura que Costura. Poucos esperavam que ela se comportasse de forma normal; Polly

Chalmers era considerada pelas senhoras (e por alguns senhores) de Castle Rock como sendo

Excêntrica.

Polly apresentava toda sorte de problemas para os árbitros sociais de Castle Rock, que

assim se intitulavam por indicação própria. Para início de conversa, ninguém conseguia decidir

o mais fundamental fato a seu respeito: ela era Da Cidade, ou ela era De Fora da Cidade? Ela

tinha nascido e crescido em Castle Rock, sem dúvida, mas aos 18 anos tinha ido embora

levando um peixinho (cujo pai era Duke Sheehan) no seu “aquário”. Isto tinha acontecido em

1970, e ela apenas tinha vindo em visita uma vez, antes de vir instalar-se definitivamente em

1987.

Aquela rápida visita tinha começado em fins de 1975, quando seu pai agonizava de câncer

do intestino. Em seguida à sua morte, Lorraine Chalmers sofreu um ataque cardíaco, e Polly

ficou para tratar da mãe. Lorraine sofreu outro ataque cardíaco — desta vez fatal — no início

da primavera de 1976, e depois dos funerais de sua mãe em Homeland, Polly (que já então

adquirira um genuíno Ar de Mistério, pelo menos na opinião das senhoras da cidade) partiu

novamente.

Desta vez ela foi para sempre, era o consenso geral, e quando a última Chalmers, a velha

tia Evie, morreu em 1981 e Polly não compareceu aos funerais, parecia que o consenso se

tomara fato provado. No entanto, há quatro anos, ela havia voltado, abrindo a sua loja de

costura. Embora ninguém soubesse ao certo, constava que ela teria usado a herança da tia Evie

Chalmers para custear sua nova aventura. Para quem mais aquela velha maluca poderia ter

deixado o dinheiro?

Os mais ávidos seguidores de *la comédie humaine* da cidade (o que significava quase

todos) tinham certeza de que, se a loja de Polly fosse um sucesso e ela ficasse, a maior parte

das coisas sobre as quais sentiam curiosidade acabariam vindo à baila com o passar do tempo.

Mas no caso de Polly, muitos de tais assuntos permaneceram no escuro. Era extremamente

irritante.

Ela havia passado alguns dos anos intermediários em San Francisco, isto pelo menos ficou-

se sabendo, mas pouco mais além disso — Lorraine tinha sido discreta como um demônio no

que dizia respeito à filha rebelde. Polly freqüentara alguma faculdade lá, ou em alguma outra

cidade? Ela dirigia seu negócio como se tivesse feito um curso de administração de empresas e

aproveitado muito bem as aulas, mas ninguém tinha certeza. Estava solteira quando de seu

regresso, mas não teria se casado, em San Francisco ou em qualquer outro lugar onde pudesse

(ou não) ter passado algum tempo entre o Então e o Agora? Também ignorava-se a resposta;

sabia-se apenas que ela jamais se casara com o jovem Sheehan — ele tinha entrado para os

Fuzileiros Navais, prestado alguns serviços por lá, e agora vendia imóveis em algum lugar de

New Hampshire. E por que teria ela voltado para ficar depois de tantos anos?

Sobretudo, perguntava-se o que teria acontecido ao bebê. Teria Polly, que era tão

bonitinha, feito um aborto? Teria dado o bebê para adoção? Teria ficado com ele? Caso

positivo, teria ele morrido? Estaria ele (ou seria ela, que dúvida enlouquecedora!) vivo agora,

em alguma faculdade por aí, escrevendo cartas ocasionais à mãe? Ninguém tinha

as respostas,

e por muitas razões as perguntas sem resposta sobre “ele” eram as mais exasperantes. A garota

que tinha ido embora num ônibus Greyhound com um peixinho no seu aquário era agora uma

mulher de quase quarenta anos, que voltara para morar e ter seu negócio na cidade, desde há

quatro anos, e ninguém sequer sabia o sexo do bebê que fora a causa de sua partida.

Ultimamente, Polly Chalmers dera à cidade mais uma demonstração de sua excentricidade,

como se tal fosse preciso: estava fazendo companhia a Alan Pangborn, o xerife de Castle

Rock, e o xerife Pangborn tinha enterrado sua mulher e o filho mais novo há apenas um ano e

meio. Esse comportamento, se não chegava a ser um Escândalo, era sem dúvida Excêntrico, e

assim, ninguém se surpreendeu ao ver Polly Chalmers sair marchando pela calçada da Rua

Principal, de sua porta à de Coisas Necessárias, apenas dois minutos depois das 10h da manhã

do dia 9 de outubro. Nem mesmo se surpreenderam com o que ela carregava em suas mãos

enluvadas: um recipiente Tupperware que só poderia conter um bolo!

Era, disseram os locais ao discutir o fato mais tarde, típico de Polly Chalmers.

2

O sabão tinha sido removido da vitrine de Coisas Necessárias, e uma dúzia ou mais de

peças estavam lá expostas — relógios, um faqueiro de prata, um quadro, um tríptico muito

belo apenas à espera de que alguém o completasse com fotografias de seus queridos. Polly

lançou-lhes um olhar de aprovação, e depois dirigiu-se à porta. A tabuleta pendurada dizia

ABERTA. Ao obedecer ao que a tabuleta sugeria, um sininho tilintou acima de sua cabeça —

que tinha sido instalado depois da pré-estréia com Brian.

A loja cheirava a carpete novo e tinta fresca. A luz do sol inundava a loja, e, ao entrar,

olhando ao redor com curiosidade, um claro pensamento ocorreu-lhe: *Esta loja é um sucesso.*

Nenhum freguês atravessou ainda o umbral desta porta — a menos que eu seja um deles — e

já é um sucesso. Notável! Não era de seu feitio nem fazer julgamentos apressados como este,

nem ter esse impulso de imediata aprovação, mas os dois fatos eram inegáveis.

Um homem alto estava curvado sobre um dos balcões de vidro. Levantou os olhos ao ouvir

o sininho e sorriu para ela.

— Alô — ele disse.

Polly era uma mulher prática que sabia muito bem o que queria, e de um modo geral estava

gostando do que via; assim, esse instante de confusão que a assaltou ao encarar pela primeira

vez os olhos desse estranho era, de si e por si mesmo, bastante confuso.

Eu o conheço, este foi o primeiro pensamento claro que conseguiu atravessar aquela

nebulosidade inesperada. *Já conheço este homem. De onde?*

Mas, não conhecia; essa conclusão — essa certeza — veio-lhe um instante depois. Era *déjà*

vu, ela supunha, essa sensação de falsa recordação que acomete todo mundo de vez em

quando, uma sensação tanto mais desorientadora por ter ao mesmo tempo qualidade de sonho e

de realidade.

Sentiu-se insegura, por um ou dois momentos, e apenas sorriu para ele meio sem graça. E,

então, mexeu sua mão esquerda para segurar melhor o recipiente do bolo que vinha trazendo, e

uma fisgada de dor nas costas da mão subiu pelo seu pulso em duas agudas linhas. Era como se

os dentes de um forcado de cromo se tivessem cravado fundo em sua carne. Artrite, e doía

como uma filha da mãe, mas servia pelo menos para trazê-la de volta à realidade, e ela falou

sem um hiato que pudesse ser notado... só que ela imaginou que o homem *poderia* ter notado,

de qualquer jeito. Os olhos dele eram cor-de-avelã, brilhantes, e davam a

impressão de ver

muitas coisas.

— Alô — ela disse. — Meu nome é Polly Chalmers. Sou a dona daquela lojinha de roupas

e de costura duas portas adiante. Pensei, já que somos vizinhos, que deveria vir até aqui

apresentar-lhe as boas-vindas a Castle Rock antes que comece o movimento.

Ele sorriu e todo o seu rosto se iluminou. Ela sentiu um sorriso de retribuição aflorar a seus

lábios, apesar de sua mão ainda estar doendo como uma filha da mãe. Se eu já não estivesse

apaixonada por Alan, ela pensou, eu me jogaria aos pés deste homem num piscar de olhos.

“Mostre-me o quarto, meu senhor. Irei sem discutir.” Com um ligeiro sobressalto divertido,

pensou em quantas das senhoras que apareceriam por aqui para um rápido passar de olhos

antes do fim do dia voltariam para casa perdidas de amor por ele. Notou que ele não usava

aliança — mais lenha para a fogueira.

— Encantado em conhecê-la, sra. Chalmers — ele disse, vindo ao seu encontro. — Sou

Leland Gaunt. — Estendeu a mão direita ao se aproximar, depois franziu ligeiramente o cenho

ao vê-la dar um passo atrás.

— Desculpe — ela explicou. — Eu não aperto a mão de ninguém. Por favor, não

me julgue

grosseira. É a artrite. — Pousou o recipiente Tupperware num dos balcões de vidro e levantou

as mãos, protegidas por luvas de camurça. Nada havia de monstruoso nelas, mas eram

obviamente deformadas, a esquerda muito pouco mais acentuadamente que a direita.

Algumas senhoras da cidade achavam que, na verdade, Polly se orgulhava de sua artrite:

por que outra razão, raciocinavam, ela sempre tinha tanta pressa em exibi-la? A verdade era

exatamente o oposto. Embora não fosse vaidosa, preocupava-se com sua aparência o suficiente

para que a deformidade de suas mãos a deixasse embaraçada. Ela as mostrava logo que

possível, e sempre o mesmo pensamento vinha rapidamente à superfície — tão rápido que

passava quase despercebido — de sua mente: *Pronto. Está feito. Agora podemos passar a*

qualquer outro assunto.

Geralmente, as pessoas mostravam-se um pouco sem graça ou embaraçadas quando ela

exibia suas mãos. Gaunt, não. Ele prendeu o braço dela em mãos que eram

extraordinariamente fortes e foi isso o que ele apertou. Poderia tê-la feito sentir que se tratava

de um gesto impropriamente íntimo para um primeiro encontro, mas não. Fora

um gesto

rápido, amigo, até bastante divertido. De qualquer forma, ela gostou que fosse rápido. As mãos

dele transmitiam uma sensação seca e desagradável, mesmo através do leve mantô de outono

que ela estava usando.

— Deve ser difícil administrar uma loja de costura com essa incapacidade física em

particular, sra. Chalmers. Como consegue?

Era uma pergunta que raríssimas pessoas teriam coragem de lhe dirigir, e, à exceção de

Alan, não se lembrava de mais ninguém que lhe tivesse feito a pergunta tão à queima-roupa.

— Ficava costurando direto, em tempo integral, até não agüentar mais — ela disse. —

Sorrindo e chorando, acho que se pode dizer assim. Tenho agora meia dúzia de meninas que

trabalham em meio-expediente para mim, e me dedico mais a desenhar moda. Mas, ainda

tenho meus dias de alívio. - Era mentira, ela, porém, achou que não faria mal, ainda mais

porque a contava principalmente para seu próprio benefício.

— Muito bem. Estou encantado em recebê-la. E vou confessar-lhe — estou em plena crise

de estréia.

— É mesmo? Por quê? — Tinha ainda menos pressa em julgar seres humanos do

que em

julgar lugares e eventos, e surpreendeu-a — e até alarmou-a um pouco — a rapidez e a

naturalidade com que se sentiu à vontade na presença desse homem que conhecera há menos

de um minuto.

— Fico imaginando o que fazer se ninguém aparecer. Nem uma única pessoa, o dia inteiro.

— Elas virão — ela disse. — Vão querer examinar o seu estoque — ninguém parece fazer

uma idéia do que uma loja chamada Coisas Necessárias vende — mas, até mais importante,

vão querer examinar o senhor. É exatamente assim, num lugarejo como Castle Rock —

— Ninguém quer parecer ansioso demais — ele completou por ela. — Eu sei — tenho

alguma experiência de cidades pequenas. Meu lado racional me assegura que o que a senhora

acabou de dizer é a mais pura verdade, mas uma outra voz persiste em me dizer "Ninguém

virá, Leland, óóóh, ninguém virá, ficarão de longe, *aos montes*, você vai ver".

Ela riu, lembrando-se de súbito que fora exatamente o que sentira ao inaugurar sua loja

Costura que Costura.

— Mas, o que é isto? — ele perguntou, tocando a mão no recipiente Tupperware. E ela

notou o que Brian Rusk já havia notado: que o dedo indicador e o médio daquela mão eram

exatamente do mesmo tamanho.

— É um bolo. E se conheço bem esta cidade, posso lhe dar minha palavra de que será o

único que o senhor vai ganhar hoje.

Ele deu-lhe um sorriso, obviamente encantado.

— Muito obrigado! Muitíssimo obrigado, sra. Chalmers — estou emocionado.

E ela, que jamais dava licença a alguém para usar seu primeiro nome no primeiro dia ou

nos primeiros tempos, de um novo conhecimento (e que desconfiava de qualquer um —

corretores de imóveis, corretores de seguros, vendedores de carros, que se apropriavam de tal

privilégio, sem pedir licença), ficou surpreendida ao se ouvir dizer:

— Já que vamos ser vizinhos, será que não deveria me chamar de Polly?

3

O bolo estava uma delícia, como Leland Gaunt descobriu simplesmente por levantar a

tampa e cheirar. Convidou-a a ficar e repartir o bolo com ele. Polly fez-se de rogada. Gaunt

insistiu.

— Você deixou alguém cuidando da sua loja — ele argumentou — e ninguém ousará

aparecer na minha loja dentro da próxima meia-hora, pelo menos — isto deverá

satisfazer às

regras do protocolo. E tenho um milhão de perguntas sobre a cidade.

Assim, ela concordou. Ele desapareceu pela porta escondida atrás da cortina, nos fundos da

loja, e ela ouviu quando ele subiu uma escada — deve estar morando no sobrado, ela

Imaginou, ainda que temporariamente — para pegar pratos e talheres. Enquanto esperava pela

volta dele, Polly passeou pela loja examinando as peças.

Um cartaz emoldurado na parede ao lado da porta informava que a loja estaria aberta das

10h da manhã até as 17h nas segundas, quartas, sextas e sábados, Ficaria fechada — "exceto

por hora marcada” — nas terças e quintas, até o fim da primavera — ou, Polly pensou com um

sorriso interior, até que aqueles turistas e veranistas loucos e selvagens chegassem novamente,

com as mãos transbordando de dólares.

Coisas Necessárias, ela concluiu, era uma loja de objetos raros. Uma loja de objetos raros

em pequena escala, ela teria dito a um primeiro olhar, mas um exame mais atento das peças à

venda sugeria que não era assim tão fácil classificá-la.

As peças que estavam em exibição quando da visita de Brian na tarde da véspera — o

geodo, a máquina Polaroid, a fotografia de Elvis Presley, as poucas outras —

ainda lá se

encontravam; contudo, mais umas cinqüenta peças tinham sido acrescentadas. Um tapete de

dimensões reduzidas, que provavelmente valeria uma pequena fortuna, se encontrava

pendurado em uma das paredes brancas — era turco e antigo. Havia uma coleção de

soldadinhos de chumbo em um dos balcões de vidro, antigüidade possivelmente, mas Polly

sabia que todos os soldadinhos de chumbo, mesmo aqueles que, fabricados em Hong-Kong,

tinham completado uma semana na segunda-feira passada, adquiriam aquele ar de coisa antiga.

As peças eram extraordinariamente variadas. Entre a fotografia de Elvis, que lhe parecia

ser o tipo de coisa que poderia ser vendida em qualquer feira da América por US$ 4.99, e uma

águia americana em cerâmica particularmente sem interesse, havia um abajur de opalina que

sem dúvida valia US$ 800.00 e que poderia alcançar até US$ 5.000,00. Um bule de chá,

lascado e sem graça, ficava entre duas maravilhosas *poupées*, e ela nem se atrevia a tentar

imaginar quanto valeriam aquelas belíssimas bonecas francesas com suas faces pintadas de

ruge e ligas nas pernas.

Havia uma coleção de figurinhas de beisebol e de fumo, um leque de revistas de mistério

da década de ’30 (*Estranhos contos, Contos assombrosos, Histórias arrepiantes*), um rádio de

mesa dos anos ’50 naquele tom cor-de-rosa pálido horroroso que o pessoal daquela época

parecia aprovar quando se tratava de objetos domésticos, embora não na política.

A maioria — embora não todas — das peças tinham plaquetas na frente: GEODO

TRICRISTALIZADO, ARIZONA, dizia uma delas. JOGO DE CHAVES DE FENDA, dizia

outro. E a plaquinha em frente à lasca de madeira que tanto fascinara Brian anunciava que se

tratava de MADEIRA PETRIFICADA DA TERRA SANTA. As placas na frente das

figurinhas e das revistas diziam: TEMOS OUTRAS DISPONÍVEIS A PEDIDO.

Todas as peças, valiosas ou sem valor, tinham, no entanto, um detalhe em comum:

nenhuma trazia etiqueta de preço.

4

Gaunt voltou com dois pratinhos — simples, antigo Corning Ware, nada de especial —

uma faca de bolo, e dois garfos.

— Está tudo uma bagunça lá em cima — ele confessou, retirando a tampa do recipiente e

pondo-a de lado (virou a tampa para cima a fim de não deixar uma rodela da

cobertura do bolo

no tampo do móvel onde se servia).

— Vou começar a procurar casa assim que as coisas estiverem em ordem aqui na loja, mas

por enquanto vou morar no sobrado da loja. Tudo está dentro de caixas de papelão. Deus meu,

eu detesto caixas de papelão. Você não diria —

— Assim *tão* grande, não — Polly protestou. — Nossa Senhora!

— Está bem — Gaunt disse alegremente, colocando a fatia grossa de bolo de chocolate em

um dos pratinhos. — Esta fica para mim. Coma, Rowf, coma, estou mandando! Assim está

bem para você?

— Até mais fina.

— Não dá para cortar mais fino — ele disse, e cortou um pedaço bem fino. — Está com

um cheiro divino. Novamente, muito obrigado, Polly.

O cheiro *estava* bom, e ela não estava fazendo dieta, mas sua recusa inicial tinha sido mais

do que uma demonstração de boas-maneiras. As últimas três semanas tinham sido um período

de maravilhoso veranico de outono em Castle Rock, mas na segunda-feira o tempo ficara

fresco, e suas mãos sofreram horrivelmente com a alteração. A dor provavelmente amainaria

um pouco uma vez que suas juntas se acostumassem às temperaturas mais baixas (e era o que

rezava para que acontecesse, e era o que sempre tinha acontecido, mas ela não se fazia de cega

à natureza progressiva da doença), e desde esta manhã as dores estavam terríveis. Quando isto

acontecia, ela nunca tinha certeza do que poderia, ou não poderia, fazer com suas mãos

traidoras, e o motivo de sua recusa inicial era a preocupação e um certo embaraço em

potencial.

Agora, tirou as luvas, e experimentou flexionar as mãos. Uma lança de dor faminta correu

por seu braço até o cotovelo. Ela tornou a flexionar, comprimindo os lábios em expectativa. A

dor voltou, mas não tão intensa desta vez. Ela descontraiu-se um pouco. Ia ficar bem. Não cem

por cento, não agradável como deveria ser comer uma fatia de bolo, mas bem. Pegou o garfo

cuidadosamente, curvando os dedos o menos possível ao segurá-lo. Ao levar o primeiro

bocado à boca, viu Gaunt fitando-a com comiseração. *Agora ele vai querer me consolar*, ela

pensou aborrecida, *e vai me contar que seu avô também sofria de artrite*. *Ou sua ex-esposa.*

Ou qualquer outra pessoa.

Mas Gaunt não a consolou. Deu uma mordida no bolo e revirou os olhos comicamente.

— Esqueça moldes e costuras — ele disse. — Você deveria abrir um restaurante.

— Oh, não fui eu que fiz o bolo — ela respondeu. — Mas vou transmitir o elogio a Nettie

Cobb. É a minha governanta.

— Nettie Cobb — ele disse pensativamente, cortando outro bocado do bolo.

— É — você a conhece?

— Oh, duvido muito. — Falou com o ar de alguém que se vê subitamente trazido de volta

à realidade. — Não conheço *ninguém* em Castle Rock. — Lançou-lhe um olhar matreiro pelo

canto dos olhos. — Alguma chance de que eu possa roubá-la de você?

— Nenhuma — Polly respondeu, rindo.

— Eu ia indagar a respeito de agentes imobiliários — ele disse. — Quem, você acha, é o

mais digno de confiança das redondezas?

— Oh, são todos uns ladrões, mas Mark Hopewell é tão bom quanto qualquer outro.

Ele sufocou uma gargalhada e levou a mão à boca a fim de evitar uma chuva de farelo de

bolo. E, então, teve um acesso de tosse, e se as mãos dela não estivessem doendo tanto, ela

teria dado uns tapinhas amigáveis nas costas dele. Primeiro encontro ou não, ela *gostava* dele.

— Desculpe — ele disse, ainda um pouco sufocado. — Mas, todos eles são mesmo

ladrões, não é?

— Ah, sem dúvida.

Fosse ela uma mulher de outra espécie — da espécie que guarda menos completamente

para si mesma os fatos do passado — e Polly teria começado um verdadeiro interrogatório a

Leland Gaunt. Por que tinha vindo para Castle Rock? Onde tinha morado antes de vir para cá?

Pretendia ficar por muito tempo? Tinha família? Mas, não era uma mulher dessa espécie, e,

assim, contentou-se em responder às perguntas que ele fazia... ficou, na verdade, encantada, já

que nenhuma das perguntas era de cunho pessoal. Ele queria saber sobre a cidade, e sobre o

volume de trânsito na Rua Principal durante o inverno, e se havia algum lugar por perto onde

pudesse fazer compras para um fogão Jotul muito jeitoso, e sobre taxas de seguro, e uma

centena de outros detalhes. Tirou um caderninho de capa preta do bolso do *blazer* azul que

estava usando e gravemente anotou cada nome que ela indicou.

Ela baixou a vista para o seu prato, e viu que tinha terminado todo o seu pedaço de bolo.

Suas mãos ainda doíam, mas estavam muito melhor agora do que na hora em

que chegara.

Lembrou-se de que quase se decidira a não vir, porque estavam doendo tanto. E agora, estava

contente por ter vindo, afinal.

— Preciso ir — ela disse, consultando o relógio. — Rosalie é capaz de pensar que eu

morri.

Tinham ficado de pé enquanto comiam o bolo. Agora, Gaunt empilhou cuidadosamente os

pratinhos, colocou os garfos em cima, e recolocou a tampa do recipiente.

— Vou devolver isto aqui assim que o bolo terminar — ele disse. — Está bem assim?

— Perfeitamente.

— Provavelmente, você o terá de volta no meio da tarde — ele disse, com ar sério.

— Não precisa se apressar tanto assim — ela disse, enquanto Gaunt a acompanhava até a

porta. — Tive muito prazer em conhecê-lo.

— Muito obrigado pela visita — ele disse. Por um momento, ela pensou que ele iria tomar

seu braço e sentiu um certo desconforto ao pensamento desse toque — tolice, lógico — mas

ele não o fez.

— Você transformou o que eu pensava ser um dia de pavor em alguma coisa muito

especial.

— Vai ficar tudo bem. — Polly abriu a porta, e então parou. Não fizera uma única pergunta

a respeito dele, mas estava curiosa a respeito de um detalhe, curiosa demais para ir embora sem

perguntar.

— Você tem uma série de objetos interessantes —

— Muito obrigado.

—... mas nenhum traz o preço. Por que isso?

Ele sorriu.

— Uma pequena excentricidade minha, Polly. Sempre acreditei que uma venda digna de

ser feita também é digna de ser valorizada. Creio que devo ter sido um comerciante de tapetes

do Oriente Médio na minha encarnação passada. Do Iraque, provavelmente, embora eu não

devesse dizer isso nos dias de hoje.

— Então, você cobra o preço mais alto que o mercado agüenta? — ela perguntou, em tom

de sutil brincadeira.

— Pode-se dizer que sim — ele concordou gravemente, e mais uma vez ela se surpreendeu

com a profundeza dos olhos cor-de-avelã — estranhamente belos. — Mas prefiro pensar que o

valor se define pela necessidade.

— Entendo.

— Entende mesmo?

— Bem... *acho* que sim. Explica o nome da loja.

Ele sorriu.

— Poderia... Na verdade, acho que sim.

— Bem, desejo-lhe um bom dia, sr. Gaunt.

— Leland, por favor. Ou apenas Lee.

— Leland, então. E não precisa se preocupar com fregueses. Acho que aí pela sexta-feira,

será necessário contratar um segurança para convidá-los a sair na hora de fechar.

— Acha mesmo? Isso seria ótimo.

— Até logo.

— Tchau — ele disse e fechou a porta atrás dela.

Ficou parado por um momento, observando Polly Chalmers descer a rua, enquanto ajeitava

as luvas nas mãos, tão deformadas, e em contraste tão surpreendente com o resto de sua figura,

que era bonita e elegante, ainda que nada tivesse de excepcional. O sorriso de Gaunt alargou-

se. Quando seus lábios se estenderam, deixando à mostra os dentes irregulares, o sorriso

tornou-se desagradavelmente predatório.

— Você vai servir — ele disse baixinho, na loja deserta. — Você vai servir muito bem.

5

A previsão de Polly concretizou-se. Na hora de fechar naquele dia, quase todas as mulheres

de Castle Rock — as que tinham importância, pelo menos — e vários homens tinham dado

uma chegada a Coisas Necessárias para uma visitinha. Quase todos deram-se pressa em

afirmar a Gaunt que dispunham de apenas um momento, pois estavam a caminho de algum

outro lugar.

Stephanie Bonsaint, Cynthia Rose Martin, Barbara Miller, Francine Pelletier, foram as

primeiras; Steffie, Cyndi Rose, Babs, e Francie chegaram num grupo compacto antes que se

passassem dez minutos de Polly ser vista deixando a nova loja (a notícia da sua

partida

espalhou-se rápida e completamente pelo telefone e pelo eficiente telégrafo de muro que corre

pelos quintais da Nova Inglaterra).

Steffie e suas amigas fizeram uma inspeção. Exclamaram todos os “ohs” e “ahs”.

Afirmaram a Gaunt que não poderiam demorar-se porque esta era a tarde de bridge

(esquecendo-se de mencionar que o jogo semanal geralmente só começara depois das 2:00h da

tarde). Francie perguntou de onde ele vinha. Gaunt respondeu-lhe que vinha de Akron, Ohio.

Steffie perguntou se fazia muito tempo que ele entrara no negócio de antiguidades. Gaunt

respondeu-lhe que não considerava seu negócio como sendo de antigüidades... exatamente.

Cyndi quis saber se fazia muito tempo que o sr. Gaunt se encontrava na Nova Inglaterra.

Algum, respondeu o sr. Gaunt — algum.

Todas as quatro concordaram em que a loja era interessante — tantos objetos estranhos! —

mas a entrevista tinha sido um fracasso. O homem era tão discreto quanto Polly Chalmers,

talvez até mais. Babs, então, comentou o que todas já sabiam (ou pensavam que sabiam): que

Polly tinha sido a primeira pessoa na cidade a realmente entrar na loja, e que *ela tinha levado*

um bolo para ele. Talvez, Babs especulou, ela conhecesse o sr. Gaunt... daquela Época

Anterior, aquela época que ela passara Fora.

Cyndi Rose mostrou interesse por um vaso de cristal Lalique, e perguntou o preço ao sr.

Gaunt (que ficara por perto, mas sem se intrometer, o que fora notado com aprovação).

— Quanto a senhora imagina que seja? — ele perguntou com um sorriso.

Ela retribuiu o sorriso com ar bastante coquete.

— *Ah* — ela disse — então é *assim* que o senhor faz negócios, sr. Gaunt.

— É assim que eu os faço — ele concordou.

— Ora, o senhor é bem capaz de perder mais do que ganhar, se for barganhar com os

ianques — Cyndi Rose disse, enquanto suas amigas assistiam ao diálogo com o vivo interesse

de espectadores num jogo do Torneio de Wimbledon.

— Isso — ele disse — ainda vamos ver. — O tom da voz era gentil, mas agora havia nele

um leve tom de desafio, também.

Cyndi Rose, desta vez, examinou o vaso mais atentamente. Steffie Bonsaint cochichou-lhe

alguma coisa ao ouvido. Ela meneou a cabeça.

— US$ 17.00 — ela disse. Na verdade, o vaso parecia valer uns US$ 50.00, e ela

imaginava que numa loja de antigüidades em Boston seu preço chegaria a US$

180.00.

Gaunt colocou os dedos esticados sob o queixo, num gesto que Brian teria reconhecido.

— Acho que eu pediria no mínimo US$ 45.00 — ele disse com algum pesar.

Os olhos de Cyndi Rose faiscaram; via possibilidades. A princípio, considerara o vaso

apenas como um objeto de vago interesse, realmente pouco mais que munição de conversa a

ser usado contra o misterioso sr. Gaunt, Agora, examinou a peça com mais cuidado e notou

que era na verdade um belo objeto, que ficaria muito bem em casa, na sua sala de estar. A

guirlanda de flores ao redor do longo gargalo do vaso era exatamente da mesma cor que o seu

papel de parede. Até que Gaunt respondesse à sua sugestão com um preço que ficava apenas

um tiquinho além de suas posses, ela não se dera conta de que desejava aquele vaso tanto

assim, como queria agora.

Chamou suas amigas para uma consulta.

Gaunt as observava, sorrindo gentilmente.

O sininho acima da porta tilintou e duas outras senhoras entraram.

Em Coisas Necessárias, começava o primeiro dia completo de negócio.

6

Quando o Clube de Bridge da Rua do Freixo retirou-se de Coisas Necessárias,

dez minutos

mais tarde, Cyndi Rose carregava um sacola de compras pelas alças. Dentro dela estava o vaso

de cristal Lalique, envolto em papel de seda. Adquirira-o por US$ 31.00 mais impostos, quase

todo o seu dinheiro miúdo, mas mostrava-se tão feliz com o vaso que chegava quase a

ronronar.

Normalmente, sentia-se em dúvida e um pouco envergonhada após um compra assim de

impulso, certa de que tinha sido um pouco tapeada, se não descaradamente roubada; não era

este o caso hoje. Esta tinha sido uma compra em que ela saíra ganhando. O sr. Gaunt chegara

até a convidá-la a voltar, dizendo que tinha o par daquele vaso, que estaria chegando numa

entrega mais tarde naquela semana — talvez mesmo amanhã! Este ficaria lindo na mesinha

lateral da sua sala de estar, mas se ela tivesse dois, poderia colocá-los um em cada extremidade

do mantel da lareira e ficariam bárbaros!

Suas três amigas achavam que ela fizera um boa compra, e embora se sentissem bastante

frustradas por ficarem sabendo tão pouco do passado do sr. Gaunt, o conceito a respeito dele,

foi em geral, bastante alto.

— Ele tem os olhos verdes mais lindos — Francie Pelletier comentou, com ar um pouco

sonhador.

— Eram verdes? — Cyndi Rose perguntou, um pouco surpresa. Ela mesma tinha pensado

que eram cinzentos. — Não notei.

7

Mais adiante, naquela tarde, Rosalie Drake, da Costura que Costura, chegou até Coisas

Necessárias na hora do lanche, na companhia da governanta de Polly, Nettie Cobb. Várias

senhoras bisbilhotavam pela loja, e num canto dos fundos dois garotos do Ginásio Municipal

de Castle folheavam uma caixa de papelão de revistas de quadrinhos e cochichavam agitados

como era sensacional que tantos dos exemplares que precisavam para completar suas

respectivas coleções estivessem ali. Apenas, esperavam que os preços não fossem muito altos.

Era impossível ficar sabendo sem perguntar, porque não havia etiqueta de preço nos sacos de

plástico que protegiam as revistinhas.

Rosalie e Nettie cumprimentaram o sr. Gaunt e este pediu a Rosalie que agradecesse

novamente a Polly pelo bolo. Seus olhos vigiavam Nettie que, depois das apresentações, se

afastara a perambular pela loja, e naquele momento contemplava com expressão bastante

melancólica, uma pequena coleção de peças de opalina. Ele deixou Rosalie entretida na

inspeção da fotografia de Elvis, ao lado da lasca de MADEIRA PETRIFICADA DA TERRA

SANTA, e aproximou-se de Nettie.

— A senhora aprecia peças de opalina, Srta. Cobb? — ele indagou suavemente.

Ela sobressaltou-se um pouco — Nettie Cobb tinha as feições e as maneiras quase

dolorosamente tímidas de uma mulher que se sobressalta ao som de vozes, não importa quão

amigas e gentis, quando tais vozes parecem sair da região geral do seu cotovelo — e sorriu

para ele com nervosismo.

— É sra. Cobb, sr. Gaunt, embora já faça algum tempo que meu marido faleceu,

— Sinto muito.

— Não é necessário. Já são 14 anos. Muito tempo. Sim, eu tenho uma pequena coleção de

peças de opalina. — Parecia quase tremer, como tremeria um rato à aproximação de um gato.

— Eu não poderia comprar peças como estas. São lindas. Como devem ser as coisas no céu.

— Bom, vou lhe contar um segredo — ele disse. — Comprei um lote de peças de opalina

quando adquiri estas, e das não são assim tão caras como a senhora poderia

imaginar. E as

outras são *muito mais* lindas. Não gostaria de passar por aqui amanhã e vê-las?

Ela sobressaltou-se novamente e desviou-se um passo, como se ele a tivesse convidado a

passar pela loja no dia seguinte para que ele pudesse beliscar o seu traseiro algumas vezes... até

ela chorar, talvez.

— Oh, acho que não... quinta-feira é um dia cheio, entende... na casa de Polly... damos

faxina geral nas quintas-feiras, entende...

— Tem certeza de que não poderá vir? — ele a tentava. — Polly me contou que foi a

senhora quem fez o bolo que ela me trouxe hoje de manhã —

— Estava bom? — Nettie perguntou nervosa. Seus olhos diziam que esperava que ele

respondesse "Não, *não* estava bom, Nettie, me deu câimbras, na verdade, e fiquei dando

corridas até o banheiro; e, por isso, vou fazê-la sofrer, Nettie, vou arrastá-la para o quartinho

dos fundos e torcer o bico de seus seios até você rolar no chão de dor".

— Estava maravilhoso — ele disse tranqüilizando-a. — Lembrou-me os bolos que minha

mãe fazia... e isso foi há muito tempo.

Esse era o tom correto a usar-se com Nettie, que tinha amado a mãe devotadamente apesar

das surras que a gentil senhora lhe aplicava depois das freqüentes noites perambulando por

bares e botequins. Ela descontraiu-se um pouco.

— Bem, então está tudo bem — ela disse. — Fico muito contente de saber que estava bom.

Claro, foi idéia de Polly. Ela é a criatura mais doce deste mundo.

— Sem dúvida — ele disse. — Depois de conhecê-la, concordo com a senhora. — Olhou

de relance para Rosalie Drake, mas Rosalie ainda estava só olhando. Voltou o olhar para Nettie

e disse:

— Acho que lhe devo alguma coisa —

— Oh, não! — Nettie exclamou, novamente alarmada. — O senhor não me deve nada.

Nada mesmo, sr. Gaunt.

— Por favor, apareça. Vejo que entende de opalina, e eu também preciso devolver o

recipiente em que Polly trouxe o bolo.

— Bem... creio que eu *poderia* aparecer na minha hora de descanso... — Os olhos de

Nettie diziam que ela não conseguia acreditar no que seus lábios diziam.

— Maravilhoso! — ele disse, e deixou-a rapidamente, antes que ela novamente mudasse de

idéia. Aproximou-se dos garotos e indagou como estavam indo. Hesitantemente, eles lhe

mostraram velhos exemplares de *O Incrível Hulk* e *Os X-Men*. Cinco minutos mais tarde,

saíam os dois com a maioria das revistas de quadrinhos nas mãos e expressões de alegria

inaudita em seus rostos.

A porta mal se fechara atrás deles quando tornou a abrir-se. Cora Rusk e Myra Evans

entraram. Olharam ao redor, olhos brilhantes e ávidos como os de esquilos na estação das

nozes, e se dirigiram imediatamente para a vitrine que exibia a fotografia de Elvis Presley.

Cora e Myra se debruçaram, exibindo traseiros que mediam, fácil, fácil, o comprimento de dois

cabos de machado.

Gaunt as observava, sorrindo.

O sininho sobre a porta tornou a tilintar. A nova visita era tão grande quanto Cora Rusk,

mas enquanto Cora era gorda, esta mulher parecia *forte* — forte como parece ser um lenhador

que tenha corpo de barril. Um *button* branco, bem grande, estava preso à sua blusa. As letras

vermelhas proclamavam:

NOITE NO CASSINO

SIMPLES DIVERTIMENTO!

O rosto desta senhora tinha todo o encanto de uma pá de neve. O cabelo, um castanho

indefinido e desmaiado, estava quase que completamente escondido por um lenço severamente

atado embaixo do queixo grande. Ela inspecionou o Interior da loja por um ou dois momentos,

os olhinhos estreitos e fundos piscando aqui e ali como os olhos de um matador que examina o

interior de um *saloon* antes de entrar pela porta de vaivém e começar a baderna toda. Então,

ela entrou.

Poucas das senhoras que circulavam entre os mostruários se dignaram dar-lhe mais do que

um rápido olhar, mas Nettie Cobb fitou a recém-chegada com uma extraordinária expressão,

misto de ódio e frustração. E, então, afastou-se das peças de opalina. Seus movimentos

chamaram a atenção da recém-chegada. Esta contemplou Nettie com maciço desprezo, e em

seguida a ignorou..

O sininho sobre a porta tilintou quando Nettie saiu porta afora.

O sr. Gaunt acompanhou todo o incidente com agudo interesse.

Aproximou-se de Rosalie e disse:

— Creio que a sra. Cobb foi embora sem esperá-la.

Rosalie pareceu perplexa.

— Ora —... ela começou a falar, mas daí seus olhos encontraram a recém-chegada que

tinha o *button* da Noite no Cassino preso inflexivelmente no rego dos seios. Examinava o

tapete turco pendurado na parede com o fixo interesse de um estudante de arte numa galeria.

As mãos estavam plantadas nos quadris imensos.

— Oh — Rosalie disse. — Com licença, mas eu preciso mesmo ir andando.

— Aquelas duas não morrem de amores uma pela outra, eu diria — comentou o sr. Gaunt.

Rosalie sorriu distraída.

Gaunt voltou novamente o olhar para a senhora de lenço na cabeça.

— Quem é ela?

Rosalie franziu o nariz.

— Wilma Jerzyck — ela disse. — Com licença... eu realmente preciso alcançar Nettie. Ela

é muito sensível, o senhor entende.

— Claro — ele respondeu, e observou a saída de Rosalie. E, para si mesmo: “E, não somos

todos?"

Então, Cora Rusk deu-lhe um tapinha no ombro.

— Quanto custa a fotografia do Rei? — ela quis saber.

Leland Gaunt encestou seu sorriso irresistível sobre ela.

— Hem, vamos conversar — ele disse. — Quanto a senhora acha que ele vale?

CAPÍTULO TRÊS

1

O MAIS NOVO PORTO do comércio de Castle Rock estava fechado há quase duas horas

quando Alan Pangborn veio rodando lentamente pela Rua Principal na direção do Edifício

Municipal, que também abrigava a delegacia e todo o departamento de polícia de Castle Rock.

Ele estava atrás do volante do último carro sem identificação: uma camioneta Ford 1986. O

carro da família. Sentia-se moralmente abatido e meio bêbado. Tinha tomado apenas três

cervejas, mas o efeito tinha sido fulminante.

Relanceou um olhar para Coisas Necessárias, ao passar por ela, aprovando, exatamente

como Brian Rusk, o toldo verde-escuro que se projetava sobre a rua. Sabia menos a respeito

dessas coisas (não tendo parentes que trabalhassem para a Companhia de Portas e Laterais

Dick Perry, de South Paris), mas achou que *realmente* emprestava um ar de

classe à Rua

Principal, onde a maior parte dos lojistas tinha apenas levantado fachadas falsas, achando que

era suficiente. Ainda não sabia o que a nova loja vendia — Polly saberia, se, de fato, tivesse

visitado a loja logo de manhã, como tinha planejado — mas, para Alan, tinha a aparência de

um daqueles aconchegantes restaurantes franceses onde se leva a garota de seus sonhos antes

de tentar "uma cantada" e levá-la para a cama.

A loja ficou esquecida, assim que acabou de passar por ela. Fez sinal duas quadras adiante,

e virou para a passagem estreita entre o bloco de tijolos achatado que era o Edifício Municipal

e o prédio do distrito de água, com revestimento de madeira. A alameda estava marcada

RESERVADA PARA VEÍCULOS OFICIAIS.

O Edifício Municipal tinha a forma de um L plantando bananeira, e havia um pequeno

estacionamento no ângulo formado pelas duas alas. Três vagas estavam marcadas

DELEGACIA. O velho Fusca barulhento de Norris Ridgewick estava estacionado numa das

vagas. Alan estacionou seu carro em uma das outras, desligou as luzes e o motor, e estendeu a

mão para a maçaneta.

A depressão que se avizinhava dele, desde a sua saída da “Porta Azul” em Portland, do

modo como lobos freqüentemente se avizinham das fogueiras de acampamentos, como tinha

lido em tantos livros de aventuras, na sua adolescência, subitamente abateu-se sobre ele.

Largou a maçaneta da porta e deixou-se ficar, atrás do volante do carro, esperando que

passasse.

Tinha passado o dia no Tribunal Distrital de Portland, como testemunha de acusação em

quatro julgamentos seguidos. O distrito englobava quatro municípios — York, Cumberland,

Oxford, Castle — e de todos os homens da lei que serviam nesses municípios, Alan Pangborn

era o que tinha que percorrer a distância mais longa. Os três juízes distritais, assim, faziam o

que podiam para marcar para o mesmo dia uma porção de julgamentos em que ele iria prestar

depoimento, de modo que ele fizesse a viagem apenas uma ou duas vezes por mês. Isto lhe

permitia realmente passar algum tempo na cidade que ele prestara juramento de proteger, ao

invés de ficar de lá para cá na estrada entre Castle Rock e Portland; por outro lado, depois de

cada viagem, sentia-se como o garoto de ginásio cambaleando para fora do auditório onde

tinha acabado de prestar o seu exame vestibular. Ele deveria saber que a bebida não iria cair

bem, depois de tanto cansaço, mas Harry Cross e George Crompton estavam justamente indo

para a “Porta Azul” e insistiram para que Alan também fosse com eles. Havia uma boa razão

para que os acompanhasse: uma série de arrombamentos que obviamente tinham relação entre

si, que haviam ocorrido nas áreas dos três xerifes. Mas a verdadeira razão pela qual aceitara ir,

era aquela que a maioria das más decisões têm em comum: achou, na ocasião, que era uma boa

idéia.

Agora, sentado ao volante daquele que tinha sido o carro da família, colhia o que tinha

plantado por vontade própria. A cabeça doía mansamente. Sentia algo mais forte que apenas

uma sensação de náusea. Mas, o pior era a depressão — que voltava como um anjo vingador.

Alô!, gritava, com alegria, da fortaleza no interior de sua mente. *Estou aqui, Alan! Que*

bom tornar a vê-lo! Adivinhe! Eis aí! o fim de uma longa jornada de trabalho, e Annie e Todd

ainda estão mortos! Lembra-se do dia em que Todd derramou o milkshake no banco da

frente? Exatamente embaixo de onde está a sua maleta, não é? E você gritou com ele? Oba!

você não esqueceu, não é? Esqueceu? Ora, não faz mal, Alan, porque estou aqui para fazê-lo

lembrar! e lembrar! e lembrar!

Ele levantou a maleta e olhou fixamente a poltrona. Sim, a marca ainda estava lá, e sim, ele

tinha gritado com Todd. *Todd, porque você tem que ser sempre tão sem modos?* Alguma coisa

nesse sentido, nada de excepcional, mas também nada do que você diria se soubesse que seu

filho tinha menos de um mês de vida.

Ocorreu-lhe que as cervejas não eram o maior problema; era este carro, que nunca tinha

sido adequadamente lavado. Ele tinha passado o dia dirigindo na companhia dos fantasmas de

sua mulher e de seu filho mais novo.

Debruçou-se e deu um tapinha no porta-luvas à procura do seu Caderno de Ocorrências —

levar aquilo, mesmo quando ia para Portland a fim de passar o dia prestando testemunho no

tribunal, era um hábito inquebrável — e pôs a mão lá dentro. Seus dedos tocaram um objeto

redondo qualquer, que caiu no soalho do carro com um ligeiro ruído. Ele colocou o Caderno de

Ocorrências sobre a maleta, e abaixou-se para apanhar o que quer que fosse que tinha caído do

porta-luvas. Ergueu-o de forma que captou o fulgor do poste de luz de sódio, e

ficou

contemplando o objeto durante muito tempo, sentindo-se invadir pela terrível sensação ele

perda e sofrimento. A artrite de Polly sacrificava suas mãos; a dele, parecia, sacrificava seu

coração, e quem poderia dizer quem sofria mais?

A lata tinha sido de Todd, naturalmente — Todd, que, sem dúvida, *viveria* na Loja de

Novidades Auburn, se tivesse recebido permissão, O garoto ficara fascinado com as

quinquilharias que eram vendidas: buzinas disfarçadas, rapé, copos com furinhos invisíveis,

sabonete que deixava a mão de quem se ensaboava com ele da cor de cinza vulcânica, cocô de

cachorro de plástico.

Esta coisa ainda está aqui. Estão mortos há 19 meses, e esta coisa ainda está aqui. Como

não percebi, droga! Meu Jesus!

Alan girou a lata redonda nas mãos, lembrando-se de como o garoto tinha implorado para

ter licença de comprar este item em especial, com o dinheiro de sua mesada, como o próprio

Alan tinha objetado, recitando o provérbio de seu próprio pai: um tolo e seu dinheiro logo se

separam. E como Annie, com sua doçura, tinha-o feito mudar de idéia.

Ora, veja, Sr. Mágico Amador, falando como um puritano. De quem o senhor

pensa que o

menino herdou essa fascinação por peças de fazer truques e brincadeiras? Ninguém na minha

família tinha uma fotografia emoldurada de Houdini, pendurada na parede, pode aa-editar.

Você vai querer me convencer que nunca comprou um ou dois desses copos furados nos dias

ardentes e rebeldes da sua juventude? Que você morreria se não comprasse aquela caixa com-

a-cobra-de-mentirinha lá dentro, caso topasse como uma delas na vitrine de uma loja

qualquer?

E ele, resmungando e ranzinzando, parecendo mais e mais como um idiota cheio de vento.

Afinal, teve que erguer a mão para esconder um sorriso embaraçado. Entretanto, Annie

percebeu. Annie sempre percebia. Tinha sido o seu dom... e, várias vezes, a salvação dele. O

senso de humor de Annie — assim como o seu senso de perspectiva — tinham sempre sido

melhores que os dele. Mais agudos.

Deixe que ele compre, Alan. Ele só vai ser criança uma vez. E é uma coisa bem engraçada.

E ele tinha permitido. E —

- *e três semanas depois, Todd derramou o milkshake no assento e quatro semanas depois*

disso ele estava morto. Ambos estavam mortos. Puxa! Imagine só! O tempo voa, não é mesmo,

Alan? Mas, não se preocupe! Não se preocupe, porque estou aqui para fazê-lo lembrar! Sim,

senhor! E vou fazê-lo lembrar porque essa é a minha tarefa e pretendo cumpri-la.

O rótulo da lata dizia DELICIOSAS NOZES MISTAS. Alan desenroscou a tampa e 2m de

cobra verde comprimida saíram voando, bateram no pára-brisa e vieram cair no seu colo. Alan

olhou para aquilo, escutou o riso do filho morto ecoando em sua cabeça, e começou a chorar.

Seu pranto não tinha drama, era exausto e silencioso. Era como se suas lágrimas tivessem

muito em comum com os pertences dos seus amados mortos: pareciam não ter fim. Os

pertences eram muitos, e quando você começava a relaxar, pensando que tinham finalmente

acabado, aparecia mais um. E depois mais um. E mais um.

Por que tinha deixado Todd comprar aquela porcaria? Por que ainda estava guardada no

porta-luvas? E por que, em primeiro lugar, ele tinha apanhado a droga da camioneta da

família?

Apanhou um lenço do bolso traseiro da calça e enxugou as lágrimas do rosto. Depois,

lentamente, estufou a cobra — que não passava de uma mola metálica enrolada em papel

crepom verde e barato — de volta na lata de mentira. Apertou a tampa e ficou, pensativamente,

jogando a lata de uma das mãos para a outra.

Jogue essa droga fora!

Ele, porém, não se achava capaz disso. Pelo menos, não esta noite, jogou o brinquedo — o

último que Todd tinha comprado na loja que considerava a melhor do mundo — de volta para

dentro do porta-luvas e bateu a tampa. Depois, segurou novamente a maçaneta, apanhou a

maleta e saiu do carro.

Inspirou profundamente aquele ar de noite jovem, esperando que ajudasse. Não adiantou.

Sentia o cheiro de madeira podre e produtos químicos, um odor sem qualquer encanto que

periodicamente vinha flutuando para o sul, das fábricas de papel em Rumford, cerca de 48km

ao norte. Telefonaria para Polly e perguntaria se poderia aparecer, foi o que decidiu — isso

ajudaria um pouco.

Jamais houve pensamento mais verdadeiro! a voz da depressão concordou vigorosamente.

E, falando nisso, Alan, você se lembra como o Todd ficou feliz com a cobra? Fez a brincadeira

com todo mundo! Norris Ridgewick levou tamanho susto que quase teve um ataque do coração

e você riu tanto que quase molhou suas calças! Lembra-se? Ele não era um garoto cheio de

animação? Ele não era ótimo? E Annie — lembra-se de como ela riu quando você lhe contou?

Ela também não era cheia de animação e ótima? Claro, nos últimos tempos a animação não

era tão grande, nem ela estava tão ótima, mas você nem sequer notou, não é? Porque tinha

mais o que fazer, não é? Aquela história do Thad Beaumont, por exemplo — você não

conseguia tirar aquilo da cabeça. O que aconteceu na casa deles do lago, e depois, quando

tudo acabou, ele costumava se embriagar e chamava você. E, então, a mulher dele pegou os

gêmeos e foi embora... isso tudo, mais a rotina normal da cidade mantinham você ocupado

demais, não é? Ocupado demais para perceber o que estava acontecendo na sua própria casa.

Que pena que você não percebeu! Se tivesse percebido, eles poderiam estar vivos agora! Isto é

uma coisa que você não deve esquecer, por isso ficarei aqui, para fazê-lo lembrar... e

lembrar... e lembrar. Certo? Certo!

Havia um arranhão de quase 35cm ao longo da lateral do carro, exatamente acima da tampa

do tanque de gasolina. Tinha aparecido depois da morte da Annie e de Todd? Não conseguia

lembrar-se ao certo, e também pouca importância tinha isso, de qualquer forma. Correu o dedo

pelo arranhão e novamente lembrou-se para levar o carro até a oficina de Sunoco para o

reparo. Por outro lado, para que isso? Por que, simplesmente, não levar a droga do carro ao

Harrie Ford, em Oxford, e trocá-lo por alguma coisa menor? A quilometragem ainda estava

relativamente baixa; provavelmente, conseguiria uma troca decente —

Mas o Todd derramou o milkshake no assento da frente! — a voz em sua cabeça sibilou

indignada. Ele fez isso quando ainda estava VIVO, Alan, meu amigo! E Annie —

— Ora, cale a boca — ele disse.

Chegou ao edifício, e então parou. Estacionado bem rente, tão rente que se a porta da

delegada fosse completamente aberta provocaria um amassado na sua lateral, estava um

espaçoso Cadillac Seville vermelho. Ele não precisava verificar a placa para saber o que estava

escrito: KEETON 1. Pensativamente deixou a mão correr pela capota macia.

2

Sheila Brigham estava sentada no cubículo envidraçado dos Despachos, lendo a

revista *People* e tomando um Yoo-Hoo. O conjugado Delegacia/Departamento de Polícia de

Castle Rock estaria deserto se não fosse por Norris Ridgewick.

Norris estava sentado em frente a uma velha IBM elétrica, trabalhando num relatório com a

concentração agoniada, sem fôlego, com que apenas ele era capaz de executar um trabalho de

redação. Ele ficava de olhos fixos na máquina, e de repente debruçava-se sobre ela, como um

homem que acaba de receber um soco na barriga, e desandava a batucar rapidamente nas

teclas. Ficava nessa posição curvada o tempo suficiente para ler o que tinha acabado de

escrever, e em seguida gemia de mansinho. Ouvia-se o *clique-reque! clique-reque! clique-*

reque! da fita corretiva da IBM sendo usada, para apagar algum erro (usava em média um

estojo de fita corretiva por semana), e a seguir Norris voltava a uma posição ereta. Fazia-se

uma pausa prenhe, e então o ciclo se repetia. Depois de uma hora, mais ou menos, disso,

Norris jogava o seu relatório concluído na bandeja de Entrada de Sheila. Uma ou duas vezes

por semana, os relatórios de Norris chegavam até a ser inteligíveis.

Norris levantou o olhar e sorriu quando Alan atravessou a pequena área de espera.

— Oi, chefe, tudo bem?

— Bem, agora tenho duas ou três semanas longe de Portland. Alguma coisa

acontecendo

por aqui?

— Não. O mesmo de sempre. Sabe de uma coisa, os seus olhos estão vermelhos como o

inferno. Você já está fumando aquela porcaria de tabaco de novo?

— Não, não — Alan disse com azedume. — Fiz uma parada para tomar duas ou três

cervejas com dois ou três tiras, e depois fiquei encarando o farol alto de uma porção de gente,

durante 48km. Você tem suas aspirinas por aí?

— Sempre — Norris disse. — Você sabe disso. — A gaveta de baixo da mesa de Norris

guardava sua farmácia particular. Ele a abriu, remexeu, pegou um imenso frasco de Kaopectate

sabor morango, fitou o rótulo por um momento, balançou a cabeça, jogou-o de volta na gaveta,

e remexeu mais um pouco. Finalmente, encontrou um frasco de aspirinas normais.

— Tenho um trabalhinho para você — Alan disse, pegando o frasco e despejando dois

comprimidos na palma da mão. Junto com os comprimidos veio também uma porção de

pozinho branco, e ele se surpreendeu indagando-se por que seria que as aspirinas normais

sempre faziam mais pó do que as aspirinas com nomes de fantasia. Também se indagou se

estaria ficando maluco.

— Ah, Alan, ainda tenho mais dois desses formulários E-9 para preencher, e...

— Calma, calma. — Alan foi até o bebedouro e puxou um copo do cilindro pregado na

parede. *Glu-glu-glu-glu* fez o garrafão de água quando ele se serviu.

— Tudo o que tem a fazer é atravessar a sala e abrir a porta por onde acabei de entrar. Tão

fácil que até uma criança seria capaz de fazer, certo?

— O que —

— Apenas, não se esqueça de levar o seu caderno de ocorrências — Alan disse, e engoliu

as aspirinas.

Imediatamente, Norris fez cara de desconfiado. O seu caderno está bem ali, ao lado da

maleta.

— Eu sei. E é lá que ele vai ficar, pelo menos esta noite.

Norris fitou-o por muito tempo. Finalmente, perguntou:

— Buster?

Alan assentiu.

— Buster. Ele tornou a estacionar na porta da delegacia. Da última vez eu o preveni de que

estava cansado de chamar sua atenção.

Todos na cidade que conheciam o presidente do Conselho Municipal de Castle Rock,

Danforth Keeton III, referiam-se a ele como Buster... mas os servidores municipais que

queriam conservar os seus empregos faziam questão de se referir a ele como Dan ou Sr.

Keeton quando se encontrava por perto. Apenas Alan, cujo cargo era eletivo, atrevia-se a

chamá-lo de Buster na cara dele, e só o fizera duas vezes, e em ambas as vezes estava muito

zangado. Acreditava que tomaria a fazê-lo, entretanto. Dan “Buster" Keeton era o tipo de

homem com quem Alan achava muito fácil ficar zangado.

— Espera aí, Alan! — Norris disse. — *Você* vai, OK?

— Não posso. Tenho aquela reunião sobre desapropriações com os membros do Conselho

Municipal na semana que vem.

— Ele já me odeia! — Norris disse morbidamente. — Eu sei que ele me odeia.

— Buster odeia todo mundo, menos a mãe e a mulher — Alan disse. — E não tenho tanta

certeza a respeito da mulher. Mas, o fato permanece que eu o alertei pelo menos uma dúzia de

vezes, no mês passado, para não estacionar no único espaço reservado que temos disponível, e

agora vou botar pra quebrar.

— Não, você quer que eu bote o meu *emprego* pra quebrar. Isso não se faz, Alan.

Sinceramente! — Norris parecia feito para um comercial de *Quando Gente Boa*

Sofre Coisas

Más.

— Relaxe — Alan disse. — Você vai simplesmente colocar uma papeleta de multa de US$

5.00 no pára-brisa dele. Daí, ele me procura, e primeiro me diz para despedir você.

Norris gemeu.

— Eu me recuso. Aí, ele me diz para rasgar a multa. Eu também me recuso. Então, amanhã

ao meio-dia, depois que a boca dele tiver espumado de raiva durante algum tempo, eu faço a

vontade dele. E quando eu comparecer à próxima reunião de desapropriações, ele estará me

devendo um favor.

— Ah, é? E o que ele fica devendo *a mim*?

— Norris, você quer ou não quer aquele novo equipamento de radar?

— E a máquina de fax? Há pelo menos dois anos que estamos falando sobre ter um fax.

É! — a voz fingidamente alegre na sua cabeça gritou. *Você começou a falar nisso quando*

Annie e Todd ainda estavam vivos, Alan! Lembra-se disso? Lembra-se de quando eles ainda

estavam vivos?

— Pode ser — Norris disse. Apanhou seu caderno de ocorrências e na sua testa estavam

gravados tristeza e resignação.

— É isso aí! — Alan disse com um entusiasmo que não sentia. — Vou ficar na minha sala

por enquanto.

3

Fechou a porta e discou o número de Polly.

— Alô? — ela perguntou, e ele soube de imediato que não lhe diria nada sobre a depressão

que o havia assaltado de mansinho e de maneira tão completa. Polly tinha seus próprios

problemas naquela noite. Não fora necessário mais do que aquela única palavra para ele

entender como estavam as coisas com ela. O som do “ele” no alô tinha saído levemente

embaralhado. Isto só acontecia quando Polly tinha tomado um Percodan — ou talvez mais de

um — e ela só tomava Percodan quando a dor estava muito intensa. Embora ela nunca tivesse

confessado abertamente, Alan fazia idéia de que ela vivia sob o terror de que algum dia os

Percos deixassem de fazer efeito.

— Como vai, minha linda? — ele perguntou, reclinando-se na cadeira e pousando a mão

sobre os olhos. Parecia que a aspirina não estava fazendo nenhum bem à sua cabeça. Talvez eu

devesse pedir um Perco a ela, ele pensou.

— Eu estou bem. — Ele sentiu o cuidado com que ela falava, indo de uma palavra para a

próxima como uma mulher que atravessa devagarinho um riacho indo de pedra em pedra. —

E, você? Sua voz parece cansada.

— Advogados sempre causam esse efeito em mim — e arquivou a idéia de ir vê-la naquela

noite. Ela diria: Claro, Alan, e ficaria contente ao vê-lo — quase tanto quanto ele ficaria ao vê-

la — mas significaria aumentar ainda mais a tensão dela naquela noite.

— Acho que vou direto para casa, dormir cedo. Você se incomoda se eu não aparecer?

— Não, querido. Na verdade, talvez seja até um pouquinho melhor que você não venha

mesmo.

— Está ruim, hoje?

— Já esteve pior — ela respondeu, com cuidado.

— Não foi bem isso o que eu perguntei.

— Não demais, não.

A sua própria voz desmente você, meu amor.

— Ótimo. E que tal aquela terapia de ultra-som que você comentou comigo. Já descobriu

alguma coisa?

— Bem, poderia ser ótima se eu tivesse como pagar um mês e meio de Clínica Mayo —

com especialistas — mas não tenho. E não me diga que você tem porque estou me sentindo

cansada demais para ainda ter que chamá-lo de mentiroso.

— Pensei que você tinha mencionado o Boston Hospital —

— Ano que vem — Polly disse. — Eles vão abrir uma clínica usando terapia de ultra-som

no ano que vem. Talvez.

Fez-se um momento de silêncio e ele estava a pique de se despedir quando ela falou

novamente. Desta vez, o tom de sua voz era um pouco mais alegre.

— Dei uma chegada na nova loja hoje de manhã. Pedi a Nettie para fazer um bolo e o

levei. Pura vulgaridade, lógico — senhoras não levam bolos a inaugurações. A regra está

praticamente gravada em pedra.

— E que tal é? O que ele vende?

— Um pouquinho de cada coisa. Se você puser um revolver na minha cabeça, eu vou dizer

que é uma loja de curiosidades + peças de colecionador, mas na verdade a loja desafia

qualquer descrição. É ver para entender.

— Encontrou o proprietário?

— Sr. Leland Gaunt, de Akron, Ohio — Polly esclareceu e desta vez Alan até distinguiu

uma sugestão de riso no tom de sua voz. — Ele vai ser o destruidor de corações

do ano da alta

sociedade de Castle Rock — esta, pelo menos, é a minha previsão.

— O que você achou dele?

Quando ela tornou a falar, o riso em sua voz tornou-se ainda mais distinto.

— Bem, Alan, vou ser honesta — você é o amor da minha vida, e espero que eu seja o seu,

mas —

— Você é — ele disse. A dor de cabeça começara a melhorar um pouco. E ele duvidava

que a aspirina de Norris Ridgewick fosse responsável por esse pequenino milagre.

— ... mas ele fez meu coração bater descompassado, também. E você deveria ter visto

Rosalie e Nettie quando as duas voltaram...

— *Nettie*? — Tirou os pés do tampo da mesa e endireitou-se na poltrona. — Nettie tem

medo da própria sombra!

— É. Mas, depois que Rosalie a convenceu a ir até lá com ela — como você sabe, a pobre

queridinha não põe o *pé na rua* sozinha — perguntei a opinião dela sobre o sr. Gaunt, quando

voltei para casa hoje à tarde. Alan, aqueles olhinhos mortiços faiscaram! “Ele tem peças de

opalina!” ela me disse. “E até me convidou para voltar amanhã e ver as outras peças”. Acho

que ela nunca falou tanto comigo em quatro anos. E, então, eu disse “Nettie, como ele é

bonzinho!”, e ela respondeu “É, e quer saber de uma coisa?” e eu perguntei o quê, claro, e ela

respondeu: *"E é bem possível que eu vá!”*

Alan riu alto e com vontade.

— Se a Nettie tem vontade de vê-lo sem uma acompanhante, então acho que devo

investigá-lo. O homem deve realmente ser um sedutor.

— Sabe, é engraçado — ele não é bonito, pelo menos, não como um artista de cinema, mas

tem os olhos castanho-claros *mais lindos* do mundo. Eles iluminam todo o seu rosto.

— Espere aí, minha senhora — Alan rosnou. — Minhas mãos ciumentas estão começando

a se fechar em punhos impacientes.

Ela deu um risinho leve.

— Acho que você não tem com o que se preocupar. Mas, tem uma outra coisa.

— O que foi?

— Rosalie me contou que Wilma Jerzyck entrou enquanto Nettie estava na loja.

— Aconteceu alguma coisa? Houve troca de palavras?

— Não, Nettie fuzilou a tal da Jerzyck, e *ela* mais ou menos mostrou os dentes para Nettie

— foi assim que Rosalie descreveu — e então Nettie saiu correndo, Wilma Jerzyck tem

telefonado para você ultimamente por causa do cachorro da Nettie?

— Não Alan respondeu. — Não há razão. Já passei pela frente da casa da Nettie uma meia

dúzia de vezes, depois das 10h da noite, durante estas últimas seis semanas. O cachorro já não

late mais, Era coisa de filhotinho, Polly. Agora ele cresceu um pouco, e tem uma boa dona.

Nettie pode ter uns parafusos a menos, mas é muito boa para aquele cachorro — como é o

nome dele?

— Raider.

— Ora, Wilma Jerzyck terá que achar outro motivo para azucrinar, porque o Raider está

cem por cento. E ela vai acabar achando. Mulheres como Wilma nunca desistem. E, na

verdade, o caso nunca foi de fato o cachorro; Wilma foi a única pessoa em toda a vizinhança

que fez queixa. Nettie é que é o caso. Gente como Wilma fareja longe uma fraqueza. E as

fraquezas de Nettie soltam um cheiro muito forte.

— É — Polly parecia triste e preocupada. — Você sabe que Wilma Jerzyck telefonou para

ela certa noite e disse que Nettie não calasse o cachorro eia iria lá cortar a goela dele?

— Bem — Alan disse equânime. — Sei que foi isso o que Nettie contou a você. Mas

também sei que Wilma deixou Nettie aterrorizada, e que Nettie tem... problemas. Não estou

dizendo que Wilma não é capaz de dar um telefonema desses, porque ela é. No entanto, talvez

seja tudo imaginação de Nettie.

Dizer que Nettie tinha problemas era colocar a questão de forma muito amena, mas não

havia necessidade de se dizer mais nada; ambos sabiam sobre o que estavam conversando.

Depois de anos de inferno, casada com um brutamontes que infligiu maus-tratos de todas as

formas que um homem pode maltratar uma mulher, Nettie enfiou um garfo de trinchar no

pescoço dele enquanto ele dormia. Passara cinco anos em Juniper Hill, uma instituição para

doentes mentais perto de Augusta. Tinha vindo trabalhar para Polly como parte de um

programa de terapia ocupacional. No que lhe dizia respeito, Alan achava que ela não poderia

ter encontrando melhor companhia, e a recuperação progressiva do estado mental de Nettie

confirmava sua opinião. Há dois anos, Nettie havia se mudado para sua própria casinha na Rua

Ford, a seis blocos do centro da cidade.

— Nettie tem problemas, sim — Polly concordou —, mas sua reação ao sr. Gaunt foi

absolutamente surpreendente. Foi realmente uma delícia.

— Preciso ver esse cara com meus próprios olhos — Alan disse.

— Dê-me a sua opinião. E investigue aqueles olhos cor-de-avelã.

— Duvido que me causem a mesma impressão que parecem ter causado em você — ele

respondeu com secura.

Ela riu novamente, mas desta vez de julgou que o som parecia um pouco forçado.

— Tente dormir um pouco — ele disse.

— Vou tentar. Obrigado por me chamar, Alan.

— De nada. — Ele fez uma pausa. — Eu te amo, minha linda.

— Obrigada, Alan. Eu também te amo. Boa noite.

— Boa noite.

Desligou o telefone, torceu a luminária da sua mesa de forma que jogasse o jorro de luz na

parede, tornou a pôr os pés na mesa, e pôs as mãos juntas sobre o peito, como se estivesse

orando. Esticou os dedos indicadores. Na parede, a sombra de um coelho ficou de orelhas em

pé. Alan escorregou os polegares entre os dedos esticados e o coelho mexeu o focinho. Alan

fez o coelho sair saltitando pelo refletor improvisado. O que ficou para trás foi um elefante,

agitando a tromba. As mãos de Alan se moviam com hábil e incrível facilidade. Ele mal notava

os animais que ia criando. Era um velho hábito seu, sua maneira de olhar para a ponta do nariz

e dizer “Om”.

Pensava em Polly. Polly e aquelas pobres mãos. O que fazer a respeito de Polly?

Se fosse apenas uma questão de dinheiro, ele teria feito com que ela desse entrada num

apartamento da Clínica Mayo na tarde seguinte — pronta, entregue, de recibo passado. Tê-lo-

ia feito, mesmo que precisasse enfiar Polly numa camisa-de-força, cheia de injeções de

sedativos, para levá-la até lá.

Mas, não era apenas uma questão de dinheiro. O tratamento de ultra-som para artrite

deformante estava ainda dando seus primeiros passos. Poderia vir a tornar-se tão eficaz quanto

a vacina Salk, ou um embuste como a ciência da frenologia. De qualquer ângulo, não faria

sentido no momento. As chances de que o tratamento desse certo eram uma em mil. Não era a

perda do dinheiro o que ele temia, mas a destruição das esperanças de Polly.

Um corvo — flexível e vivo como num desenho de Walt Disney — flutuou lentamente

sobre o seu diploma de graduação da Academia de Policia de Albany. Suas asas tomaram-se

mais compridas quando se transformou num pterodátilo pré-histórico, a cabeça triangular

pendendo para um lado enquanto cruzava na direção dos arquivos no canto, e fora do alcance

da luz.

A porta abriu-se. O semblante melancólico, como o de um cachorro bassê, de Norris

Ridgewick surgiu.

— Pronto, Alan — ele disse, e parecia um homem confessando o assassinato de uma

porção de criancinhas.

— Ótimo, Norris — Alan disse. — Desta vez, a merda no ventilador não vai atingir você.

Prometo.

Norris contemplou-o por mais um instante, com os olhos úmidos, e meneou a cabeça,

muito em dúvida. Lançou um olhar à parede.

— Faz o Buster, Alan.

Alan sorriu, fez que não com a cabeça e esticou a mão para a luminária.

— Vamos — Norris tentou persuadi-lo. — Eu multei a droga do carro dele — eu mereço.

Faz o Buster, Alan. *Por favor*. É de matar. ..

Alan olhou por cima do ombro de Norris, não viu ninguém, e encaracolou uma mão sobre a

outra. Na parede, a silhueta de um homem corpulento atravessou o refletor, a barriga

balançando. Parou uma vez para enfiar sua camisa de sombra para dentro do cós

da calça e

continuou marchando, a cabeça movendo-se com truculência de um lado para outro.

A gargalhada de Norris soou alta e feliz — o riso de uma criança. Por um momento, Alan

viu-se forçado a se lembrar de Todd, e depois descartou-se da lembrança. Pelo amor de Deus,

já chegara ao limite por essa noite.

— Nossa, isso me mata — Norris disse, ainda rindo. — Você nasceu tarde demais, Alan.

Podia ter feito carreira no *The Ed Sullivan Show*.

— Vamos — Alan disse. — Vá embora.

Ainda rindo, Norris saiu fechando a porta,

Alan fez Norris — magricela e um pouco enfatuado — atravessar a parede, depois desligou

a lâmpada e tirou do bolso traseiro um caderninho de notas bastante arruinado, Folheou-o até

achar uma página em branco e escreveu *Coisas Necessárias*. Abaixo, rabiscou: *Leland Gaunt*,

Cleveland, *Ohio*. Era isso? Não. Rabiscou o *Cleveland* e escreveu *Akron*. Talvez eu esteja

mesmo ficando maluco, pensou. Numa terceira linha, escreveu: *investigar*.

Colocou o caderninho de volta no bolso, pensou em ir para casa, e, em vez disso, tornou a

acender a luz. Logo a parada de sombras marchava novamente pela parede: leões e tigres e

ursos, puxa. Como o nevoeiro sobre Sandburg, a depressão se esgueirava de volta com patas

macias de felino. A voz começou a falar de Annie e Todd de novo. Depois de algum tempo,

Alan começou a dar-lhe ouvidos. Fê-lo contra a vontade, mas com concentração cada vez

maior.

4

Polly estava deitada, e quando acabou de falar com Alan, virou-se para a esquerda para pôr

o fone no gancho. Ele caiu de sua mão e bateu no chão. A base do telefone Princesa deslizou

lentamente pela mesinha-de-cabeceira, obviamente no esforço de ir juntar-se à sua outra

metade. Um ataque monstruoso de dor atravessou a fina teia tecida pelo analgésico sobre seus

nervos, e correu-lhe ao longo do braço até alcançar o ombro. Ela mordeu os lábios para abafar

um grito.

A base do telefone caiu da mesinha e bateu no chão com um único “t-r-r-r-i-m” da

campainha. Ela ouvia o ruído idiota da linha livre subindo no ar. Era o som de um enxame de

insetos transmitido em ondas curtas.

Pensou em apanhar o telefone com as mãos curvas em garra que agora estavam aninhadas

em seu peito, o que teria que ser feito não por pinçamento — seus dedos seriam incapazes de

se curvar, hoje — mas *por pressão* — como uma mulher tocando acordeom; mas, subitamente,

era demais, mesmo um gesto simples como apanhar um telefone que tivesse caído no chão era

demais, e ela começou a chorar.

A dor despertara plenamente agora, estava desperta e desvairada, transformando suas mãos

— especialmente a que tinha sofrido o choque, em poços de febre. Ela ficou deitada, fitando o

teto através de olhos enevoados, e chorou.

Eu daria qualquer coisa para ficar livre disto, ela pensou. Eu daria qualquer coisa,

qualquer coisa, qualquer coisa mesmo!

5

Pelas 10h de uma certa noite de semana, no outono, a Rua Principal de Castle Rock estava

tão trancada quanto um cofre da marca Chubb. Os postes de iluminação lançavam círculos de

luz branca sobre a calçada e as fachadas dos prédios comerciais em perspectiva convergente,

fazendo com que o centro da cidade parecesse um palco deserto. Logo, poder-se-ia imaginar,

uma figura solitária, de fraque e cartola — Fred Astaire, talvez, ou Gene Kelly — surgiria para

o seu número de dança, de um dos círculos iluminados até o próximo, cantando uma canção

que falava da solidão de um cara quando sua namorada favorita lhe dá um fora e todos os bares

estão fechados. Então, da outra extremidade da Rua Principal, outra figura surgiria — Ginger

Rogers ou talvez Cyd Charisse — trajando um vestido de gala. Viria dançando na direção de

Fred (ou Gene) cantando uma canção que falava da solidão de uma garota quando seu

namorado a deixa esperando. Dariam de cara um com o outro, fariam uma artística pausa, e

então dançariam juntos na frente do banco ou então da loja Costura que Costura.

Em vez disso, Hugh Priest surgiu no cenário.

Não se parecia com Fred Astaire, nem tampouco com Gene Kelly, não havia uma garota na

outra extremidade da Rua Principal vindo na direção de um encontro romântico casual com

ele, e ele, definitivamente, não sabia dançar. Mas sabia beber, e vinha bebendo sem parar no

Tigre Manso desde as 4:00h da tarde. A esta altura das festividades, já o simples andar era uma

façanha, e nem pensar em passos enfeitados de dança. Andava devagar, passando pelos

círculos luminosos, um após outro, a sombra alongando-se pelas fachadas do salão de barbeiro,

da Western Auto, da locadora de vídeos. Cambaleava de leve, e os olhos injetados olhavam

fixamente à frente, a barriga protuberante esticando a camiseta azul (a frente da camiseta

exibia um mosquito imenso acima da expressão AVE DO ESTADO DO MAINE) numa longa

curvatura enviesada.

O caminhão *pick-up* do Departamento de Serviços Públicos de Castle Rock que ele estivera

a dirigir, ainda se encontrava descansando nos fundos do terreno de estacionamento e despejo

do Tigre Manso. Hugh Priest era o não muito orgulhoso recipiente de várias multas por dirigir

bêbado, e seguindo-se à última — cujo resultado fora uma suspensão de seis meses do seu

privilégio de dirigir — aquele filho da mãe do Keeton, com os seus coirmãos filhos da mãe

Fullerton e Samuels, e aquela coirmã cadela da tal Williams, tinham deixado claro que a

paciência deles a seu respeito estava no fim. A próxima infração por dirigir bêbado

provavelmente resultaria na perda permanente da sua carteira de motorista e sem dúvida

resultaria na perda do emprego.

Isto não levou Hugh a parar de beber — não havia poder na terra capaz disso — mas fez

com que ele tomasse uma firme resolução: não mais dirigir embriagado. Estava com 51 anos, e

já era um pouco tarde na vida para estar mudando de emprego, particularmente com uma ficha

de infrações por dirigir embriagado nos seus calcanhares, como uma lata amarrada no rabo de

um gato.

E era por isso que ele estava voltando para casa a pé, e era uma caminhada fodida de longa,

e havia um certo funcionário do Departamento de Serviços Públicos, chamado Bobby Dugas,

que teria que dar boas explicações amanhã a menos que quisesse voltar para casa com alguns

dentes a menos.

Ao passar pela Nan's Lanchonete, uma garoa leve como neblina começou a cair. Isso não

melhorou seu estado de espírito.

Ele havia perguntado a Bobby, que passava de carro bem em frente à casa de Hugh toda

noite ao voltar do trabalho, se ele ia passar pelo Tigre de noite para um ou dois tragos, E

Bobby Dugas teria dito, Ué, craro, Hubert — Bobby sempre o chamava de Hubert, que não era

a porra do seu nome, e você pode apostar que essa merda também vai mudar num Instante. *Ué,*

craro, Hubert, aí pelas sete, como sempre.

E Hugh, confiando na carona caso acabasse embriagado demais para dirigir, tinha

encostado no Tigre quase cinco minutos antes das 4:00h (tinha ido embora um pouco cedo,

quase uma hora e meia mais cedo, para falar a verdade, mas que diabos!, Deke Bradford não

estava por lá) e tinha entrado direto. E as 7:00h chegaram, e adivinhe? Nada de Bobby Dugas!

Droga — porcaria — merda! E vieram as 8:00 e as 9:00h e adivinhe mais o quê? O mesmo,

meu Deus!

Faltavam 20 minutos para as 10, quando Henry Beaufort, garçom e proprietário do Tigre

Manso, tinha convidado Hugh a levantar o traseiro da cadeira e tomar o caminho de casa, a

levantar acampamento e ir embora, a picar a mula e escafeder-se — em outras palavras, sair de

lá, porra! Hugh sentira-se ultrajado. Era verdade que tinha dado um chute na eletrola, mas é

que a porcaria do disco do Rodney Crowell tinha começado a pular de novo.

— O que você queria que eu fizesse? Ficar lá sentado ouvindo aquilo? — ele quis saber de

Henry. — Você tem mais é que tirar aquele disco de lá. Parece que o cara ’tá sofrendo um

ataque epiléptico, pô!

— Dá pra notar que você ainda não acabou — Henry disse. — Mas aqui você

não bebe

mais hoje. Se quiser beber mais, você vai procurar na sua própria geladeira.

— E se eu disser que não? — Hugh o desafiou.

— Então eu chamo o xerife Pangborn — Henry respondeu controladamente.

Os outros freqüentadores do Tigre — não que fossem muitos a esta hora da noite de um dia

útil — acompanhavam interessados essa troca de palavras. Os homens faziam questão de se

comportar bem na presença de Hugh Priest, especialmente quando este já entornara alguns

copos, mas a verdade é que ele jamais ganharia o concurso de Homem mais Popular de Castle

Rock.

— Não é o que eu *gostaria* de fazer — Henry continuou. — Mas é o que *vou fazer*, Hugh.

Já não agüento mais ver você chutar a minha eletrola.

Hugh ponderou se deveria responder que *Então, eu vou ter é que dar alguns chutes EM*

VOCÊ, seu sapo filho de uma cadela. Depois, pensou naquele filho da mãe do Keeton

gorducho, entregando a ficha rosa por arruaças na taverna local. Claro, se ele fosse mesmo

despedido, o bilhete azul viria pelo correio, como sempre, pois porcos como Keeton jamais

sujavam suas mãos (ou arriscavam um lábio inchado) entregando-o pessoalmente, mas pensar

nisso ajudava um pouco — fazia baixar um pouco a pressão. E, de fato, ele *tinha* umas duas

caixas de seis latas cada uma, a primeira na geladeira e a outra no telheiro de lenha.

— OK — ele disse. — Também não preciso disso; me dá minhas chaves. — Por

precaução, as tinha entregue ao Henry ao sentar-se no bar há seis horas e 18 cervejas.

— Nada disso. — Henry enxugou as mãos num pedaço de toalha e fitou Henry sem

pestanejar.

— *Nada disso?* — O que você quer dizer com *nada disso?*

— Quero dizer que você está bêbado demais para dirigir. Estou notando, e quando você

acordar amanhã também vai notar.

— Olhe aqui — Hugh disse pacientemente. — Quando eu lhe entreguei as chaves foi

porque pensei que ia ter uma carona até minha casa. Bobby Dugas disse que viria tomar

algumas cervejas. Não é minha culpa se aquele burro fodido falhou.

Henry soltou um suspiro.

— Você tem toda a minha solidariedade, mas o problema não é meu. Eu poderia ser

processado se você atropelasse alguém. Duvido que você se importe com isso, mas eu me

importo. Tenho que proteger o meu traseiro, amigo. Porque neste mundo, é cada um por si.

Hugh sentia ressentimento, autopiedade, e um sentimento de muda e esquisita infelicidade

subir à superfície de sua mente como um líquido repugnante vazando de um latão de resíduos

tóxicos. Seu olhar ia do lugar onde suas chaves estavam penduradas, atrás do bar e bem ao

lado de um placa que dizia SE VOCÊ NÃO GOSTA DA NOSSA CIDADE, PROCURE O

HORÁRIO DOS TRENS, para Henry. Sentiu-se alarmado ao dar-se conta de que estava a

ponto de chorar.

Henry olhou para os poucos outros fregueses presentemente servidos.

— Hei! algum dos bonecos aí vai para o lado de Castle Hill?

Homens abaixaram a cabeça e ficaram em silêncio. Um ou dois deles estalaram as juntas.

Charlie Fortin dirigiu-se ao toalete masculino com calma estudada. Ninguém respondeu.

— ’Tá vendo? — Hugh disse. — Ora, vamos, Henry, devolve as minhas chaves.

Henry balançou a cabeça lenta e decididamente.

— Da próxima que você vier tomar umas bebidas aqui, verifique se tem carona.

— OK, está bem! — Hugh disse. A voz era como a de uma criança birrenta á beira de um

ataque de raiva. De cabeça baixa e as mãos fechadas em punhos, atravessou a sala. Ficou na

expectativa de que alguém soltasse uma risada. Quase desejou que alguém risse. Ele poderia,

então, fazer uma limpeza geral no bar, e foda-se o mundo. Mas, à exceção de Reba McEntire,

que cantarolava baixinho alguma coisa sobre Alabama, o lugar estava em completo silêncio.

— Venha apanhar suas chaves amanhã — Henry disse às suas costas.

Hugh não respondeu. Com tremendo esforço constrangeu-se a não arrebentar a porcaria da

eletrola de Henry Beaufort, com a sua bota amarela de trabalho, que tinha ferrinhos na sola.

Depois, de cabeça baixa saiu para a escuridão da noite.

6

Agora, a garoa transformara-se em chuvisco propriamente dito, e Hugh imaginou que o

chuvisco se transformaria em chuva forte e constante antes que chegasse em casa. Sua sorte era

essa. Caminhava firme sempre em frente, já quase sem cambalear (o ar tinha dissipado um

pouco os vapores do álcool) e seus olhos mexiam-se incessantes de um lado para o outro. Sua

mente estava perturbada, e seu desejo era que alguém aparecesse para bater um papo. Mesmo

que fosse pequenininho. Pensou vagamente no garoto que tinha atravessado bem na frente do

seu caminhão ontem à tarde, e desejou que tivesse jogado aquele bem longe, do outro lado da

rua. E não teria sido sua culpa, de forma alguma, No seu tempo, os garotos

olhavam para onde

iam.

Passou pelo terreno baldio onde se erguera o Emporium Galorium antes de ser arrasado

pelo fogo. Costura que Costura, Loja de Ferragens Castle Rock... e, então, estava passando em

frente a Coisas Necessárias. Olhou para a vitrine, voltou o olhar para a Rua Principal (faltavam

apenas 2,5km, e talvez ganhasse da chuva antes que começasse a cair de fato) e, de repente,

parou.

Seus pés o haviam levado além da nova loja, e ele tinha que voltar. Havia apenas uma

lâmpada no alto iluminando a vitrine, lançando sua luz suave sobre as peças arrumadas nela. A

luz também iluminou o seu rosto ocasionando uma transformação maravilhosa. Subitamente,

Hugh parecia um menininho cansado que já devia estar na cama há muito tempo, uma

menininho que acabava de ver o que queria ganhar de Natal — o que *precisava* ganhar de

Natal, porque, de súbito, não o trocaria por nada mais nesta terra verde de Deus. O objeto

central na vitrine, ladeado por dois vasos canelados (os queridos vasos de opalina de Nettie

Cobb, embora Hugh não estivesse a par do fato, e mesmo que estivesse pouco

lhe importaria).

Uma cauda de raposa.

De repente, era 1955 novamente, e ele tinha acabado de receber sua carteira de motorista,

indo para o Campeonato Escolar do Oeste do Maine — Castle Rock versus Greenspark —

dirigindo o Ford ’53 conversível de seu pai. Fazia um calor fora de época para novembro, o

suficiente para abaixar a capota e cobri-la com a lona (se se tratasse de um grupo de rapazes de

sangue quente, dispostos, prontos e capazes de “levantar a poeira”), e havia seis deles dentro

daquele carro. Peter Doyon tinha trazido um frasco de uísque Log Cabin, Perry Como cantava

no rádio, Hugh Priest estava sentado atrás do volante branco, e tremulando na ponta da antena

do rádio havia uma cauda de raposa, longa e luxuriante, exatamente igual àquela que neste

instante ele contemplava na vitrine dessa loja.

Recordou-se de que fitara aquela tremulante cauda de raposa pensando que, algum dia,

quando tivesse o seu próprio conversível, teria uma exatamente igual.

Recordou-se de que recusara o frasco de uísque quando chegou a sua vez na rodada. Estava

dirigindo, e na sua opinião não se devia beber enquanto se dirigia porque era responsável pelas

vidas dos outros. E recordou—se de mais uma coisa: a certeza de que estava vivendo a hora

mais feliz do dia mais feliz de sua vida.

A lembrança surpreendeu-o e machucou-o, tal a nitidez e total memória sensorial — o

aroma esfumaçado de folhas queimando, o sol de novembro rebrilhando nos refletores de beira

de estrada, e agora, olhando para aquela cauda de raposa na vitrine de Coisas Necessárias, teve

a certeza de que *tinha sido* o dia mais feliz de sua vida; um dos últimos dias antes que a bebida

tomasse conta dele em suas garras fortes e avassaladoras, fazendo dele uma variação

teratológica do rei Midas: tudo o que ele tocava se transformava em merda.

Subitamente ocorreu-lhe o pensamento: eu poderia mudar.

Esta idéia tinha a sua própria nitidez fascinante.

Eu poderia recomeçar.

Seriam tais coisas possíveis?

Sim, acho que. às vezes são. Eu poderia comprar aquela cauda de raposa e prendê-la na

antena do meu Buick.

Caçoariam dele. Os caras caçoariam dele.

Que caras? Henry Beaufort? Aquele merdinha do Bobby Dugas? E daí? Fodam-se eles.

Compre aquela cauda de raposa, prenda-a na antena, e dirija —

Para onde?

Ora, e que tal a reunião de quinta-feira à noite dos Alcoólicos Anônimos (A.A.) em

Greenspark, para começar?

Por um momento, essa possibilidade deixou-o agitado e aturdido, como deve se sentir

agitado e aturdido o prisioneiro que vê a chave de sua cela esquecida na fechadura por um

carcereiro descuidado. Por um momento, viu-se a si mesmo fazendo o gesto, primeiro uma

ficha branca, depois uma ficha vermelha, depois uma ficha azul, mais sóbrio a cada dia e a

cada mês. Adeus Tigre Manso. Que pena. Mas, também, adeus ao terror que sentia nos dias de

pagamento de que fosse encontrar a notificação cor-de-rosa no seu envelope, junto com o

cheque, e isso não era tão ruim assim.

Naquele momento, enquanto contemplava a cauda de raposa na vitrine de Coisas

Necessárias, Hugh divisou um futuro. Pela primeira vez, em anos, conseguia divisar um futuro,

e aquele maravilhoso pincel ruivo da cauda de raposa com sua ponta branca flutuou por esse

futuro como uma bandeira de guerra desfraldada.

E, então, a realidade explodiu de volta, uma realidade que cheirava a chuva e roupas

úmidas e enlameadas. Não haveria cauda de raposa para ele, nem reuniões dos

A.A., nem

fichas, nem futuro. Ele tinha *cinqüenta e um anos fodidos*, e aos 51 você está velho demais

para sonhar com o futuro. Aos 51 anos, você tem é que correr ligeiro para escapar da

avalanche do seu próprio passado.

Se fosse no horário comercial, entretanto, ele até arriscaria, de qualquer modo. Claro que

sim. Entraria na loja; confiante como o dono do mundo, e perguntaria o preço daquela cauda

de raposa na vitrine. Mas eram 10:00h da noite, a Rua Principal estava tão passada a sete

chaves quanto o cinto de castidade da rainha do gelo, e quando acordasse amanhã de manhã,

sentindo como se alguém tivesse enfiado uma pinça de gelo entre seus olhos, teria esquecido

completamente aquela maravilhosa cauda de raposa, naquela vibrante cor avermelhada.

Ainda assim, ali permaneceu por mais um momento, deslizando os dedos sujos e calosos

pelo vidro como um menino espiando uma vitrine cheia de brinquedos. Um leve sorriso

tocava-lhe os cantos dos lábios. Era um sorriso doce, e parecia deslocado na fisionomia de

Hugh Priest. Então, lá para os lados da Vista do Castelo, o cano de descarga de um carro

qualquer soou, explosões agudas como tiros de metralhadora no ar chuvoso, e Hugh voltou a si

com um choque.

Foda-se. O que, diabos, está pensando?

Deu as costas à vitrine e aprumou o rosto na direção de sua casa — se é que poderia

chamar de casa ao casebre de dois cômodos com a extensão do telheiro de lenha onde morava.

Ao passar embaixo do toldo, olhou para a porta e parou novamente.

A tabuleta pendurada, claro, dizia:

ABERTA

Como um homem em transe, Hugh esticou a mão e tentou abrir a maçaneta. Esta girou

livremente sob a pressão. Acima da cabeça, um sininho de prata tilintou. O som parecia chegar

de uma distância impossivelmente longínqua.

Um homem se encontrava de pé no melo da loja. Passava um espanador no tampo de um

dos balcões de vidro e cantarolava. Virou-se para Hugh ao ouvir o sino. Não pareceu nem um

pouco surpreso ao ver alguém parado no limiar da porta às 10: 10h da noite numa noite de

quarta-feira. O único detalhe a respeito do homem, que chamou a atenção de Hugh naquele

confuso momento, foram seus olhos — negros como os de um índio.

— Você se esqueceu de virar a tabuleta, meu chapa — Hugh ouviu-se dizendo.

— Na verdade, não — o homem respondeu com delicadeza. — Sinto dizer que não durmo

muito bem, e em algumas noites sinto vontade de ficar aberto até tarde. Ninguém sabe quando

é que alguém, como o senhor, vai entrar... e sentir interesse por algum objeto. Gostaria de

entrar e dar uma olhada?

Hugh Priest entrou e fechou a porta.

7

— Há uma cauda de raposa — Hugh começou, e então teve que parar, limpar a garganta, e

recomeçar. As palavras tinham saído embargadas e ininteligíveis.

— Há uma cauda de raposa na vitrine.

— Sim — o proprietário disse. — Uma beleza, não é? — Empunhava agora o espanador à

sua frente, e seus olhos negros de índio fitavam Hugh interessadamente, acima do buquê de

plumas que escondia a parte inferior do rosto. Hugh não conseguia ver a boca do homem, mas

tinha a impressão de que ele sorria. Normalmente, sentia-se pouco à vontade quando gente —

especialmente gente que ele não conhecia — sorria para ele. Despertava-lhe vontade de

começar uma briga. Esta noite, no entanto, pareceu não se incomodar nem um pouco. Talvez

porque ainda se sentisse meio embriagado.

— É — Hugh concordou. — É uma beleza. Meu pai tinha um conversível com cauda, de

raposa como aquela presa à antena, no tempo em que eu era criança. Tem uma porção de gente

neste pedacinho esquecido de terra que pensa que eu nunca *fui* criança, mas fui sim.

Exatamente como todo mundo.

— Claro! — os olhos do homem continuavam fixos nos de Hugh, e á coisa mais estranha

estava acontecendo — pareciam *estar aumentando*. Hugh não conseguia desviar seus próprios

olhos deles. Outra coisa que fazia Hugh ter vontade de começar uma briga era contato visual

direto demais. Mas até isso parecia perfeitamente OK esta noite.

— Eu costumava pensar que aquela cauda de raposa era a coisa mais sensacional do

mundo.

— Claro.

— Formidável — essa era a palavra que a gente usava naquela época. Nada desse "é do

caramba" e "é do cacete" que não significam porra nenhuma para mim. E para o senhor?

Mas o proprietário de Coisas Necessárias permaneceu em silêncio, simplesmente parado

ali, observando Hugh com seus olhos negros de índio acima do apanhado de

penas do

espanador.

— Seja como for, gostaria de comprá-la. O senhor a venderia?

— Claro — Leland Gaunt disse pela terceira vez.

Hugh sentiu alívio e uma súbita e envolvente felicidade. Repentinamente, teve certeza de

que tudo ia dar certo — tudo. Era pura loucura — ele devia dinheiro a praticamente todo

mundo em Castle Rock e nas três cidades mais próximas, há seis meses se encontrava na

beirinha de perder o emprego, seu Buick só andava à custa de muita reza e milagre — mas

também era inegável.

— Quanto? — ele perguntou. De súbito perguntou-se se teria meios de adquirir uma cauda

tão linda, e sentiu uma pontada de pânico. E se estivesse além de suas posses? Pior ainda, se

conseguisse raspar o fundo do tacho até amanhã ou depois, apenas para descobrir que o cara a

vendera?

— Bem, isso agora depende.

— Depende? Depende do quê?

— De quanto está disposto a pagar.

Como um homem em transe, Hugh puxou do bolso traseiro sua velha carteira da marca

“Lord Buxton”.

— Guarde isso, Hugh.

Eu disse o meu nome a ele?

Hugh não se lembrava, mas guardou a carteira.

— Despeje tudo o que tem nos bolsos. Aqui, em cima deste balcão.

Hugh tirou tudo de seus bolsos. Seu canivete, um pacotinho de Certs, o isqueiro Zippo e

mais uns trocados somando mais ou menos US$ 1.50 sujos de fumo picado. As moedas

tilintaram no tampo da mesa.

O homem curvou-se e estudou o montinho.

— Parece que está em ordem — ele Comentou, e passou o espanador pelos pobres

pertences. Quando retirou o espanador, o canivete, o isqueiro e os Certs ainda estavam lá. As

moedas tinham sumido.

Hugh observava tudo sem qualquer surpresa. Ficou imóvel, como um boneco cujas pilhas

acabaram, enquanto o homem alto se dirigiu à vitrine e voltou com a cauda de raposa.

Colocou-a no tampo do móvel, ao lado do reduzido montículo da parafernália de bolso de

Hugh.

Lentamente, Hugh estendeu a mão e acariciou a cauda de raposa. Dava uma sensação

fresca e rica: estalando com sedosa eletricidade estática. Acariciá-la era como acariciar uma

noite clara de outono.

— Bom? — o homem alto perguntou.

— Bom — Hugh concordou alheado, e fez menção de apanhar a cauda de raposa.

— Não faça isso — o homem alto disse asperamente e a mão de Hugh retraiu-se

imediatamente. Fitou Gaunt com mágoa tão profunda que chegava a ser sofrimento.

— A barganha ainda não está concluída.

— Não — Hugh concordou. *Fui hipnotizado*, ele pensou. *Quero ser mico se ele não me*

hipnotizou. Mas não tinha importância. Na verdade, era... gostoso.

Novamente buscou sua carteira, movendo-se lentamente como um homem submerso.

— Deixe disso, seu idiota — o sr. Gaunt disse impaciente, e pôs de lado o espanador.

A mão de Hugh caiu novamente ao longo do corpo.

— Por que será que quase todo mundo pensa que todas as respostas estão dentro de suas

carteiras? — o homem indagou em tom de lamúria.

— Não sei — Hugh disse. A idéia jamais lhe ocorrera antes. — Parece mesmo uma coisa

meio boba.

— *Pior* — Gaunt disparou. Sua voz adquirira as cadências resmungonas e

ligeiramente

irregulares de um homem que está ou muito cansado ou muito zangado. Ele estava cansado —

o dia tinha sido longo e exaustivo. Muito já tinha sido realizado, mas o trabalho mal tinha

começado. — É muito pior. É criminalmente burrice. Sabe de uma coisa, Hugh? O mundo está

cheio de gente necessitada que não entende que tudo, t-u-d-o tem seu preço... se alguém está

disposto a pagar. Falam do conceito apenas da boca pra fora, isto sim, e se orgulham de seu

saudável cinismo. Ora muito bem, falar da boca pra fora é pura asneira.

— Asneira — Hugh concordou como um autômato.

— Para as coisas que as pessoas *realmente* necessitam, Hugh, a carteira não é a resposta. A

carteira mais gorda desta cidade não vale o suor de um operário. Completa *asneira!* E almas!

Se eu ganhasse um tostão, Hugh, cada vez que ouvi alguém dizer “Eu venderia minha alma por

isto ou aquilo...”, eu poderia comprar o Empire State Building! — Curvou-se para mais perto,

e agora seus lábios deixaram à mostra os dentes irregulares num enorme sorriso doentio.

— Diga-me, Hugh: o que eu quereria — em nome de todos os vermes que rastejam

embaixo da terra — com a sua alma?

— Provavelmente, nada. — Sua voz parecia muito distante. Sua voz parecia emergir do

fundo de uma caverna escura e profunda. — Não que ela tenha estado em boa forma

ultimamente.

Subitamente, o sr. Gaunt descontraiu-se e endireitou-se.

— Chega destas mentiras e meias-verdades. Hugh, você conhece uma mulher chamada

Nettie Cobb?

— A Nettie Maluca? Todo mundo na cidade conhece a Nettie Maluca. Ela matou o marido.

— É o que dizem. Agora, escute, Hugh. Preste atenção. Depois, você pode pegar sua cauda

de raposa e ir para casa.

Hugh Priest prestou multa atenção.

Lá fora, a chuva tinha aumentado e o vento começava a soprar.

8

— Brian! — disse a srta. Ratcliffe zangada. — Ora, Brian Rusk! Nunca pensei que você

fosse capaz! Venha já aqui! Imediatamente!

Ele estava sentado na fileira dos fundos da sala no subsolo onde as aulas de terapia da

fala tinham lugar, e tinha feito alguma coisa muito feia — horrivelmente feia, a julgar pelo

tom de voz da srta. Ratcliffe — mas não sabia o que era até que ficou de pé.

Então, viu que

estava nu. Uma onda horrorosa de vergonha apossou-se dele, mas ao mesmo tempo ele sentiu-

se excitado. Ao baixar os olhos para o pênis e ver que estava começando uma ereção, sentiu-

se simultaneamente alarmado e entusiasmado.

— Venha já aqui, eu disse!

Avançou lentamente para a frente da sala, enquanto os outros — Sally Meyers, Donny

Frankel, Nonie Martin, e o pobre do retardado do Slopey Dodd — olhavam-no de olhos

esbugalhados.

A srta. Ratcliffe estava de pé, na frente de sua mesa, mãos nos quadris, olhos faiscantes,

uma nuvem estonteante de cabelos ruivo-escuros flutuando ao redor da cabeça.

— Você é um menino mau, Brian — um menino muito mau!

Ele meneou a cabeça com ar parvo, mas o pênis estava levantando a SUA cabeça, e assim,

parecia que pelo menos uma parte de seu corpo não se incomodava nem um pouco de ser má.

Que, na verdade, parecia estar gostando MUITO de ser má,

Ela pôs um pedaço de giz em sua mão. Ele sentiu um ligeiro choque elétrico quando suas

mãos se tocaram.

— Agora — ela disse com severidade — escreva 500 vezes no quadro-negro:

VOU PAGAR

O MEU SANDY KOUFAX ATÉ O FIM.

— Sim, senhora.

Começou a escrever, ficando na ponta dos pés para alcançar o topo do quadro-negro,

sentindo o ar morno nas nádegas nuas. Tinha acabado de escrever VOU PAGAR O MEU

quando sentiu a mão macia e lisa da srta. Ratcliffe segurar seu pênis e começar a puxá-lo

suavemente. Por um instante julgou que iria cair desmaiado de tanto gozo.

— Continue escrevendo — ela disse severamente, atrás dele — e eu continuo a fazer isto.

— S-s-srta. Ra-Ra-Ratcliffe, e os meus exercícios de língua? — Slopey Dodd perguntou.

— Cale-se ou eu te atropelo no estacionamento, Slopey — respondeu a srta. Ratcliffe. —

Vou fazer você guinchar, meu amiguinho.

Continuou puxando o pinto de Brian enquanto falava. Ele estava gemendo, agora. Era

errado, ele sabia disso, mas era uma delícia. Era, muito sinceramente, uma maravilha. Era o

que precisava. Exatamente!

E, então, ele virou-se e viu que não era a srta. Ratcliffe que estava atrás dele, mas Wilma

Jerzyck com seu rosto grande, pálido e redondo, e os olhos castanhos fundos, como duas

passas apertadas em massa de pão.

— Ele tira a figurinha de você, se você não pagar — Wilma disse. — E tem mais, meu

amiguinho. Ele também vai —

9

Brian Rusk acordou com um sobressalto tão brusco que quase caiu da cama para o chão. O

corpo estava coberto de suor, o coração batendo forte como uma britadeira, e seu pênis era um

pauzinho pequeno e duro dentro das calças do pijama.

Sentou-se, todo trêmulo. Seu primeiro impulso foi abrir a boca e gritar chamando a mãe,

como fazia quando era pequeno e um pesadelo invadia seu sono. Depois deu-se conta de que já

não era pequeno, tinha 11 anos... e, seja como for, não era o tipo de sonho que se conta à

própria mãe, não é?

Deitou-se, olhos escancarados fitando a escuridão. Lançou um olhar ao relógio digital na

mesa ao lado da cama e verificou que passavam 4 minutos da meia-noite. Ouvia o som da

chuva, intensa agora, batendo na janela do quarto, empurrada por poderosas e imensas lufadas

de vento. O som era quase de granizo.

Minha figurinha. Minha figurinha do Sandy Koufax desapareceu.

Não desaparecera. Ele sabia que não, mas sabia também que não tornaria a pegar no sono

enquanto não verificasse que ela ainda estava lá, no álbum de folhas soltas onde colecionava as

figurinhas Topps de 1956. Ele tinha verificado no dia anterior, antes de ir para a escola, e

tornara a fazê-lo ao voltar para casa, e ontem à noite, depois do jantar, tinha interrompido o

jogo de bola no quintal, com Stanley Dawson, para tornar a verificar. Tinha dito a Stanley que

precisava ir ao banheiro. E tinha dado uma espiada, pela última vez, antes de se enfiar na cama

e apagar a luz. Admitiu que tinha se tomado uma espécie de obsessão para ele, mas admiti-lo

não o curava da obsessão.

Saiu da cama, mal notando o modo como o ar frio fazia seu corpo quente ficar todo

arrepiado e o pênis encolher. Silenciosamente, foi até a cômoda. Deixou para trás, impressa em

suor, a marca de seu próprio corpo no lençol que cobria o colchão. O grande álbum estava em

cima da cômoda num facho de luz branca lançada pelo poste elétrico na calçada.

Trouxe-o para baixo, e depois de abri-lo, folheou rapidamente as folhas de plástico

transparente com os envelopes para guardar as figurinhas. Passou por Mel Farnel, Whitey Ford

e Warren Spahn — tesouros que o tinham feito delirar — quase sem notá-las. Teve um instante

de terrível pânico quando chegou às folhas no fim do álbum, as que ainda estavam vazias, sem

achar Sandy Koufax. Em seguida, notou que, na pressa, tinha virado várias folhas de uma só

vez. Voltou atrás, e sim, lá estava ele — rosto estreito, aqueles olhos devotados, vagamente

sorridentes, espiando sob a aba do boné.

Ao meu amiguinho Brian, com meus melhores votos, Sandy Koufax.

Seus dedos acompanharam as linhas curvas da dedicatória. Seus lábios se moviam. Sentiu-

se novamente em paz... ou *quase* em paz. A figurinha ainda não lhe pertencia realmente.

Estava apenas sendo submetido a uma espécie de estágio. Havia alguma coisa que ainda

precisava fazer para que a figurinha lhe pertencesse inteiramente. Brian não sabia bem ao certo

o que era, mas sabia que tinha algo a ver com o sonho do qual tinha acabado de despertar, e

confiava em que saberia quando chegasse

(amanhã? mais tarde ainda hoje?)

a hora.

Fechou a capa solta — COLEÇÃO DE BRIAN — NÃO MEXA! cuidadosamente escrita

em letras de forma numa etiqueta presa com fita adesiva — e devolveu o álbum

à cômoda.

Depois, voltou para a cama.

Uma coisa apenas o preocupava com relação a possuir a figurinha de Sandy Koufax.

Gostaria de tê-la mostrado ao pai. Voltando de Coisas Necessárias, tinha imaginado

exatamente como aconteceria quando a mostrasse a ele. Ele, Brian,— fingindo grande

naturalidade: *“Hei, pai, hoje peguei uma figurinha de '56 na nova loja. Quer vê-la?* E seu pai

diria, OK, não muito interessado, apenas acompanhando Brian até o quarto para deixar o filho

contente — mas como seus olhos se iluminariam quando visse a sorte que Brian tivera! E

quando lesse a dedicatória!...

É, ficaria perplexo e maravilhado, sem dúvida. Provavelmente, apertaria o ombro de Brian

e lhe daria uma nota de 5.

E, então, *o quê?*

Então, começariam as perguntas, isso é que é... e esse era o problema! Em primeiro lugar,

seu pai iria querer saber onde tinha conseguido a figurinha, e, em segundo lugar, onde tinha

conseguido o dinheiro para comprar tal figurinha, que era a) rara; b) em excelente estado; e c)

autografada. A assinatura *impressa* na figurinha dizia Sanford Koufax, que era o

nome

verdadeiro do fabuloso lançador. Mas, o *autógrafo* dizia *Sandy* Koufax, e no mundo encantado

e algumas vezes custoso mundo de colecionadores de figurinhas, o fato significava que um

preço justo de mercado poderia alcançar US$ 150.00.

Brian ensaiou, mentalmente, uma resposta plausível.

Consegui a figurinha na nova loja, pai — Coisas Necessárias. O cara me vendeu com um

desconto realmente INFERNAL... dizendo que despertaria o interesse em ir até a loja se

soubessem que ele mantinha os preços baixos.

Parecia uma boa resposta, mas mesmo um menino que, pela diferença de um ano, ainda

não paga entrada inteira no cinema, sabia que era furada. Quando você dizia que alguém lhe

dera uma boa vantagem em qualquer negócio, todos sempre ficavam interessados. Interessados

demais.

Ah, é? E de quanto foi o desconto que ele deu? 30%? 40%? Fez pela metade do preço?

Ainda assim, seriam 60 ou 70 paus, Brian, e EU SEI que você não tem tanto dinheiro no seu

cofrinho.

Bem... na verdade, foi menos ainda, pai.

OK, me conte. Quanto pagou por ela?

Bem... 85 cents.

Ele vendeu uma figurinha '56 autografada de Sandy Koufax, em estado impecável, por 85

cents?

Pois é, era aí que começava o problema.

Que *tipo* de problema? Não sabia ao certo, mas ia acabar em bronca, disso tinha certeza.

De um jeito ou de outro, acabariam achando — talvez seu pai, e sem dúvida sua mãe — que

ele tinha alguma culpa.

Talvez até tentassem forçá-lo a devolver a figurinha, e *de forma alguma* ele o faria. Não

era só que estivesse autografada — estava autografada para *Brian*.

De forma alguma.

Droga, não pôde mostrar nem ao Stan Dawson quando ele veio jogar bola, embora tivesse

vontade — Stan ia cair de quatro. Mas Stan vinha passar a noite de sexta-feira, e era muito

fácil para Brian imaginar Stan dizendo ao pai de Brian: *"E o que que o senhor achou da*

figurinha do Sandy Koufax do Brian. Maravilha, né?" E o mesmo se aplicava aos seus outros

amigos. Brian acabara de descobrir uma das grandes verdades a respeito de cidadezinhas:

muitos segredos — na verdade, todos os segredos realmente *importantes* — não podem ser

compartilhados. Porque o rumor tem um jeito de se espalhar, e se espalhar depressa.

Via-se numa situação estranha e incômoda. Havia topado com uma coisa importante e não

tinha como mostrá-la ou compartilhá-la. Isto poderia viciar um pouco do seu prazer na nova

aquisição, e até um certo ponto, viciara de fato, mas também permitia-lhe uma satisfação

furtiva e sovina. Viu-se, não apenas tendo prazer na figurinha, mas *exultava* em possuí-la, e

assim, descobria outra grande verdade: a exultação íntima produz seu próprio prazer peculiar.

Como se tivessem levantado um muro de tijolos e segregado um dos cantos de sua

personalidade aberta e generosa, deixando-o iluminado por uma luz negra especial que tanto

distorcia como realçava o que se encontrava escondido ali.

E ele não ia desistir.

De forma alguma, hum-hum, *negativo*.

Então, é melhor acabar de pagar por ela, sussurrou uma voz no fundo de sua mente.

Ele pagaria. Sem problema. Não achava que o que deveria fazer seria um ato precisamente

bom, mas tinha bastante certeza de que também não se tratava de algum

totalmente ruim.

Apenas um... um...

Apenas uma brincadeira, a voz sussurrou em sua mente, e ele viu os olhos do sr. Gaunt —

azuis profundos, como o mar num dia de sol, e estranhamente tranqüilizantes. *Só isso. Apenas*

uma brincadeira.

É, fosse o que fosse, apenas uma brincadeira.

Sem problema.

Ajeitou-se ainda mais no cobertor de plumas, virou de lado, fechou os olhos, e

imediatamente começou a cochilar.

Algo lhe ocorreu enquanto seu amigo-sono e ele chegavam mais perto um do outro. Uma

coisa que o sr. Gaunt tinha dito. *Você será uma propaganda melhor do que qualquer jornal*

local poderia PENSAR em publicar! Só que ele não podia mostrar aquela figurinha

maravilhosa que tinha comprado. Se esse pequeno raciocínio era óbvio para de, um menino de

11 anos que nem sequer era esperto o bastante para ficar longe de Hugh Priest ao atravessar a

rua, como um cara inteligente como o sr. Gaunt não tinha percebido?

Ora, talvez sim. Talvez não. Gente grande não pensava do mesmo jeito que gente normal, e

além disso, ele tinha a figurinha, não tinha? E estava lá no álbum, bem no lugar

onde deveria

estar, não estava?

A resposta era positiva para as duas perguntas, e assim Brian tirou a coisa toda da cabeça e

voltou a dormir enquanto a chuva batia contra a sua janela, e o irrequieto Vento de outono

assobiava nos ângulos sob a hera.

CAPÍTULO QUATRO

1

A CHUVA AMAINARA AO ROMPER DO DIA, na quinta-feira, e aí pelas 10:30h,

quando Polly espiou pela janela da frente da Costura que Costura e viu Nettie Cobb, as nuvens

estavam começando a se dissipar. Nettie carregava um guarda-chuva fechado, descendo a

passos rápidos a Rua Principal, com a bolsa presa firmemente embaixo do braço como se

achasse que as mandíbulas de uma nova tempestade estivessem se escancarando bem nos seus

calcanhares.

— Como estão as suas mãos hoje, Polly? — Rosalie Drake perguntou.

Polly suspirou intimamente. Supunha que teria que enfrentar a mesma pergunta, naquela

tarde, mas feita de maneira mais insistente por Alan — tinha combinado encontrar-se com ele

para um café na Nan's Lanchonete, aí pelas 3:00h. Não se pode enganar as pessoas que nos

conhecem há muito tempo. Notam a palidez do nosso rosto e as meias-luas escuras sob nossos

olhos. Mais importante, notam a expressão de sofrimento *dentro* de nossos olhos.

— Muito melhores, hoje, obrigada — ela disse. Uma verdade bastante exagerada; estavam

melhores, mas *muito* melhores?

— Pensei que com essa chuva e tudo —

— Não se pode predizer o que vai fazê-las doer. Esse é que é o inferno. Mas isso não tem

importância, agora, Rosalie, venha aqui depressa e dê uma olhada pela janela. Acho que

estamos a ponto de presenciar um pequeno milagre.

Rosalie veio juntar-se a Polly na janela a tempo de ver o vulto pequenino e apressado com

o guarda-chuva agarrado numa das mãos — possivelmente para ser usado como um cajado, a

julgar pela posição em que era mantido — aproximar-se do toldo de Coisas

Necessárias.

— Aquela é a Nettie? É ela mesma? — Rosalie quase engasgou.

— Ela mesma.

— Deus do céu, ela vai entrar!

Mas, por um momento parecia que a previsão de Rosalie atrapalhara a história... Nettie

aproximou-se da porta... e depois deu atrás. Trocou o guarda-chuva de mãos e olhou para a

fachada de Coisas Necessárias como se fosse uma cobra venenosa que pudesse mordê-la.

Entre, Nettie — Polly disse baixinho. — Tenha coragem, queridinha!

— A tabuleta de FECHADA deve estar na porta — Rosalie disse.

— Não. Ele tem uma outra que diz TERÇAS E QUINTAS APENAS COM HORA

MARCADA. Eu a vi quando vinha para cá hoje de manhã.

Nettie novamente se aproximou da porta. Estendeu a mão para a maçaneta e novamente

deu atrás.

— Deus do céu, isto está *me matando* — Rosalie disse. — Ela me disse que talvez

voltasse, e eu sei como ela adora opalina, mas nunca imaginei que ela fosse até o fim.

— Ela me perguntou se não tinha importância se ela saísse de casa na hora do descanso

para ir até o que ela chama de “aquele lugar novo” e apanhar o meu recipiente de

bolo — Polly

murmurou.

Rosalie meneou a cabeça.

— Essa é a nossa Nettie. Ela costumava me pedir permissão para ir ao banheiro.

— Tenho a impressão de que uma parte dela esperava que eu negasse permissão, dizendo

que tinha muito trabalho a ser feito. Mas também creio que a outra metade dela queria que eu

dissesse que sim.

O olhar de Polly não se desviou um minuto sequer da batalha feroz e em pequena escala

que se travava a menos de 40m de distância, a miniguerra de Nettie Cobb contra Nettie Cobb.

Se ela realmente *entrasse*, que grande passo à frente isto significaria para ela!

Polly sentiu uma dor surda e quente nas mãos, baixou o olhar e notou que estivera a torcê-

las. Forçou-as a permanecerem ao longo do corpo.

— Não é o recipiente do bolo e também não é a peça de opalina — Rosalie disse. — É *ele*.

Polly lançou-lhe um olhar.

Rosalie deu uma risada e enrubesceu levemente.

— Oh, não quis dizer que a Nettie ficou toda assanhada por causa dele, ou qualquer coisa

do gênero, embora estivesse com um olhar bem sonhador quando a alcancei, na rua. Ele

foi *bom* para ela, Polly. Bom e sincero.

— Um porção de gente é boa para ela — Polly disse. — Alan se desdobra para ser

atencioso com ela, e mesmo assim ela se retrai com ele.

— O nosso sr. Gaunt tem um jeito especial de ser bom — Rosalie disse com simplicidade,

e como para provar seu ponto, viram Nettie agarrar a maçaneta e girá-la. Abriu a porta e então

apenas ficou parada na calçada, agarrando o guarda-chuva, como se o raso açude de sua

capacidade de ser resoluta estivesse completamente esgotado. Polly sentiu a súbita certeza de

que naquele momento Nettie fecharia a porta e fugiria dali. Suas mãos, com ou sem artrite, se

fecharam em punhos frouxos.

Vamos, Nettie. Entre. Aproveite a chance. Volte ao mundo.

Então Nettie sorriu, obviamente retribuindo o sorriso de alguém que nem Polly nem

Rosalie conseguiam ver. Abaixou o guarda-chuva que estivera cruzado sobre o peito... e

entrou.

A porta fechou-se atrás dela.

Polly virou-se para Rosalie, e emocionou-se ao ver que havia lágrimas em seus olhos. As

duas mulheres se entreolharam e então, entre risadas, se abraçaram.

— Vamos lá, Nettie! — Rosalie disse.

— Dois pontos para a nossa equipe! — Polly concordou, e o sol libertou-se das nuvens que

toldavam sua mente umas boas duas horas antes que finalmente brilhasse no céu sobre Castle

Rock.

2

Cinco minutos depois, Nettie Cobb estava sentada em uma das poltronas estofadas, de

encosto alto que Gaunt instalara ao longo de uma das paredes de sua loja. O guarda-chuva e a

bolsa jaziam esquecidos no chão, ao lado dela. Gaunt estava sentado a seu lado, suas mãos

segurando as dela, seu olhar agudo fixo nos vagos olhos dela. Um abajur de opalina

descansava ao lado do recipiente de bolo de Polly no tampo de um dos balcões de vidro. O

abajur era uma peça moderadamente bonita, e poderia ser vendida por US$ 300.00 ou mais em

alguma loja de antigüidades de Boston; Nettie Cobb, no entanto, acabara de adquiri-la por US$

10.40, que era todo o dinheiro que tinha em sua bolsa ao entrar na loja. Bonita ou não, estava,

no momento, tão esquecida quanto seu guarda-chuva.

— Um. trato — ele estava dizendo naquele momento. Parecia uma mulher que falasse

dormindo. Agitou as mãos levemente, como se fosse segurar as do sr. Gaunt com mais força.

Ele retribuiu, e um sorrisinho de prazer tocou seu rosto.

— Sim. Exatamente. Realmente, uma coisinha de nada. Você conhece o sr. Keeton, não

conhece?

— Oh, sim — Nettie disse. — Ronald e o filho, Danforth. Conheço ambos. A qual dos dois

se refere?

— O moço — o sr. Gaunt disse, acariciando a palma de suas mãos com seus longos

polegares. As unhas eram bastante compridas e amareladas. — O presidente do Conselho

Municipal.

— O pessoal o chama de Buster pelas costas — Nettie comentou, e soltou uma risadinha.

Era um som esganiçado, um pouquinho histérico, mas Leland Gaunt não pareceu alarmado. Ao

contrário, o som do riso um tanto estranho de Nettie parecia agradar-lhe. — É o que fazem

desde que ele era menininho.

— Quero que você complete o pagamento do seu abajur, fazendo uma brincadeira com

Buster.

— Brincadeira? — Nettie pareceu vagamente alarmada.

Gaunt sorriu.

— Apenas uma brincadeira inocente. E ele nunca vai ficar sabendo que foi você. Ele vai

pensar que foi outra pessoa.

— Oh — o olhar de Nettie passou além de Gaunt indo fixar-se no abajur de opalina, e por

um instante algo tornou seu olhar mais alerta — ganância, quem sabe, ou somente simples

prazer e vontade. — Bem...

— Tudo vai dar certo, Nettie. Ninguém vai desconfiar nunca... e você terá o abajur.

Nettie falou vagarosa e pensativamente:

— Meu marido costumava me pregar muitas peças. Pode ser divertido pregar uma peça em

alguém. — Voltou os olhos para ele e agora o que tomava seu olhar alerta era alarme. — Se

ele não for ficar *machucado*. Eu não quero *machucá-lo.* O senhor entende, eu machuquei meu

marido.

— Nada irá machucá-lo — Gaunt disse com suavidade, fazendo carinho nas mãos de

Nettie. — Não irá machucá-lo nem um pouquinho. Apenas quero que você coloque algumas

coisas dentro da casa dele.

— Mas como é que eu vou entrar na —

— Aqui está.

Colocou um objeto em sua mão. Uma chave. Ela fechou a mão ao redor da chave.

— Quando? — Nettie perguntou. Seus olhos sonhadores voltaram-se novamente para o

abajur de opalina.

— Logo. — Soltou suas mãos e levantou-se. — E agora, Nettie, acho que devo ajeitar

aquele lindo abajur dentro de uma caixa para você. A sra. Martin vai chegar para examinar um

vaso de cristal Lalique em... consultou o relógio. — Nossa! em 15 minutos! Mas, nem tenho

palavras para lhe dizer como fiquei contente por você ter decidido vir. São muito poucos os

que apreciam a beleza da opalina, atualmente — na maior parte são apenas mercadores, com

caixas registradoras em lugar de coração.

Nettie também se pôs de pé, e contemplou o abajur com o olhar doce de uma mulher

apaixonada. O nervosismo agoniante com que se aproximara da loja, desvanecera-se

completamente.

— *É* lindo, não é?

— Muito lindo — o sr. Gaunt concordou com calor. — E não sei como lhe dizer... não sei

onde buscar palavras... para expressar como fico feliz em saber que ele enfeitará

uma casa,

onde alguém irá um pouco mais longe do que simplesmente tirar-lhe o pó, nas quartas-feiras, e

então, depois de anos da mesma rotina, quebrá-lo num momento de descuido, varrer os cacos e

jogá-los na lata de lixo sem sequer um suspiro.

— Eu jamais faria isso! - Nettie protestou.

— Sei que não faria — o sr. Gaunt disse. — É um dos seus encantos, Netitia.

Nettie fitou-o perplexa. — Como sabe o meu nome?

— É um dom que eu tenho. Jamais esqueço um nome ou um rosto.

Passou pela cortina no fundo da loja. Ao voltar, trazia uma folha de papelão branco numa

das mãos e um punhado grande de papel de seda na outra. Colocou o papel de seda ao lado da

caixa de bolo (que começou a expandir-se, com secretos estalinhos e ruídos, tomando a forma

de um buquê gigante) e pôs-se a dobrar o papelão na forma de uma caixa do tamanho exato

para acomodar o abajur.

— Sei que será a fiel depositária da peça que acabou de adquirir. Foi por isso que a vendia

você.

— Realmente? Eu pensei... o sr. Keeton... a brincadeira...

— Não, não, não! — o sr. Gaunt disse, meio sorridente e meio impaciente. — *Qualquer*

um pode fazer uma brincadeira! Todo mundo adora pregar peças! Mas deixar objetos com

pessoas que irão amá-los e que precisam deles... isso já é uma outra história completamente

diferente. As vezes, Netitia, chego a pensar que o que *realmente* vendo é felicidade... o que

você acha?

— Bem — Nettie respondeu com toda seriedade. — Sei que *a mim* o senhor fez feliz.

Muito feliz.

Ele exibiu os dentes tortos e acavalados. — Ótimo! Isso é ótimo! — O sr. Gaunt enfiou o

papel de seda na caixa, aninhou o abajur naquela brancura sedosa, fechou a caixa e a lacrou

com fita adesiva numa mesura. — E aqui estamos! Outro freguês satisfeito finalmente

encontrou a coisa que necessitava!

Estendeu-lhe a caixa. Nettie a pegou. E quando seus dedos se tocaram, sentiu um arrepio

de repugnância, embora os tivesse agarrado com muita força — até com ardor — poucos

minutos antes. Mas aquele interlúdio já lhe começava a parecer irreal e pouco nítido. Ele

colocou o Tupperware sobre a caixa branca. Ela notou alguma coisa dentro do recipiente.

— O que é aquilo?

— Um recado para sua patroa — Gaunt disse.

Sinais de alarme imediatamente refletiram-se no rosto de Nettie.

— É sobre *mim?*

— Pelo amor de Deus, não! — Gaunt disse rindo, e Nettie imediatamente descontraiu-se.

Era impossível resistir ou desconfiar do sr. Gaunt quando ele ria.

— Cuide bem de seu abajur, Netitia, e volte sempre.

— Voltarei — Nettie respondeu, e talvez fosse uma resposta às duas recomendações, mas

ela sentiu no fundo do seu coração (aquele escrínio secreto onde suas carências e temores se

acotovelavam continuamente como passageiros apertados num vagão superlotado de metrô)

que, embora ela pudesse voltar à loja, o abajur era o único objeto que ela compraria em Coisas

Necessárias.

Contudo, e daí? Era um objeto *de beleza*, o tipo de objeto que ela sempre desejara, a única

coisa de que precisava para completar sua modesta coleção. Ponderou se deveria contar ao sr.

Gaunt que seu marido poderia ainda estar vivo se não tivesse destruído um abajur de opalina

muito parecido com este, há cerca de 14 anos; fora a gota d’água, aquela que finalmente a

fizera perder o controle. Ele tinha quebrado muitos dos ossos dela nos anos de convivência, e

ela respeitara-lhe a vida. Finalmente, ele tinha quebrado algo de que ela realmente necessitava,

e ela lhe tirara a vida.

Decidiu que não precisava contar este fato ao sr. Gaunt.

Ele parecia o tipo de homem que já saberia do fato.

3

— Polly! Polly, ela está saindo!

Polly afastou-se do manequim no qual estivera a trabalhar marcando uma bainha lenta e

cuidadosamente, e correu para a janela. Ela e Rosalie postaram-se lado a lado, observando a

saída de Nettie de Coisas Necessárias num estado que somente poderia ser descrito como

andando nas nuvens. A bolsa estava segura embaixo de um braço, o guarda-chuva embaixo do

outro, e nas mãos trazia o recipiente de Tupperware equilibrando-o na tampa de uma caixa

branca e quadrada.

— Acho que devo ir ajudá-la — Rosalie disse.

— Não! — Polly estendeu a mão e bloqueou sua passagem com delicadeza. — Melhor

não. Acho que ela pode se sentir embaraçada e agitada.

Observaram Nettie subindo a rua. Já não se apressava como se fugisse das mandíbulas de

uma tempestade — parecia, agora, quase deslizar.

Não, Polly pensou... Não, não é bem isso... É como se flutuasse.

Subitamente, sua mente estabeleceu uma daquelas estranhas conexões que eram quase

referências cruzadas, e ela caiu na gargalhada.

Rosalie fitou-a, sobrancelhas levantadas.

— Quer me contar?

— É a expressão dela — Polly disse, observando Nettie atravessar a Rua Linden, a passos

lentos e sonhadores. —

— O que quer dizer?

— Ela está com cara de uma mulher que acabou de transar... e que teve mais ou menos três

orgasmos.

Rosalie ficou rosada, olhou mais uma vez para Nettie, e depois gargalhou alto. O riso de

Polly juntou-se ao dela. As duas se abraçaram e ficaram balançando de um lado para outro,

rindo desbragadamente.

— Ei! — Alan Pangborn disse na frente da loja. — Duas senhoras rindo muito antes do

meio-dia? Cedo demais para champanhe. Então, qual é o motivo?

— Quatro! — Rosalie disse, entre loucas risadas. Lágrimas lhe escorriam pelas faces. —

Na minha opinião, foram quatro!

E então, voltaram a se balançar, novamente abraçadas, urrando de rir enquanto Alan as

contemplava com as mãos nos bolsos da calça do uniforme, com um sorriso zombeteiro.

4

Norris Ridgewick chegou à delegacia em roupas civis cerca de 10 minutos antes que o

apito do meio-dia tocasse na fábrica. Ia cumprir o turno da tarde, das 12 até as 9 da noite,

durante todo o fim-de-semana, e era assim que preferia. Que outra pessoa limpasse a sujeira

das estradas principais e vicinais do município de Castle Rock, depois que os bares fechassem

à 1 hora da manhã; ele poderia fazê-lo, *fizera-o* em diversas ocasiões, mas quase sempre

vomitava as tripas. Vomitava as tripas mesmo que as vítimas estivessem sãs e salvas, andando

firme e berrando que não precisavam passar por nenhuma porra de teste de odômetro, pois

conheciam muito bem seus direitos constipacionais. Norris tinha estômago fraco. Sheila

Brigham gostava de mexer com ele dizendo que ele parecia o delegado Andy da minissérie de

TV *Twin Peaks*, mas Norris sabia que não era verdade. O delegado Andy chorava quando via

um cadáver. Norris não chorava, mas corria o risco de vomitar em cima deles, como quase

tinha vomitado em Homer Gamache na ocasião em que encontrara Homer esparramado numa

vala, lá para os lados do Cemitério de Homeland, surrado com seu próprio braço artificial até

morrer.

Norris passou os olhos pelo quadro do plantão onde viu que tanto Andy Clutterbuck como

John LaPointe estavam fora na patrulha, e depois para o quadro de vigia do dia. Nada para ele,

o que era exatamente o que queria. Para completar o dia — o final, pelo menos — seu segundo

uniforme tinha chegado da tinturaria... no dia aprazado, para variar. Isto economizava o tempo

de ter que voltar a casa para trocar-se.

Um recado preso com alfinete no saco de plástico da tinturaria dizia: “Olha, Barney —

você me deve US$ 5.25. Não me *dê uma volta* desta vez ou antes do pôr-do-sol você estará

arrependido.” Estava assinado *Clut*.

O bom humor de Norris não se alterou, nem mesmo com o teor do bilhete. Sheila Brigham

era a única pessoa na delegacia de Castle Rock que via em Norris um cara dos

tipos de *Twin*

Peaks (Norris fazia idéia de que ela era a única pessoa naquela delegacia — além dele mesmo,

é claro — que sequer assistia à série). Os outros oficiais — John LaPointe, Seat Thomas, Andy

Clutterbuck — chamavam-no de Clut inspirados no personagem de Don Knotts no antigo *Andy*

Griffith Show. Isto às vezes o deixava irritado, mas hoje não. Quatro dias de turno da tarde e

depois três dias de folga. Uma semana inteira de sombra e água fresca pela frente. A vida, de

vez em quando, era maravilhosa.

Puxou uma nota de cinco e outra de um e deixou-as na mesa de Clut. "Olha, Clut, bom

proveito", ele rabiscou nas costas da um formulário de relatório, assinou seu nome com um

floreio, e deixou-o junto com o dinheiro. Depois, rasgou o envoltório plástico que protegia seu

uniforme e o levou para o toalete dos homens. Assobiava enquanto trocou de roupa, depois

mexeu as sobrancelhas para cima e para baixo em sinal de aprovação ao se mirar no espelho.

Ele era O Bom, graças a Deus. Cem por cento O Bom. Os malfeitores de Castle Rock que se

cuidassem hoje, ou então —

Percebeu movimento às suas costas, pelo espelho, e antes que pudesse fazer mais

do que

começar a virar a cabeça, agarraram-no, fazendo-o girar, e foi jogado contra os azulejos na

parede ao lado das latrinas. A cabeça chocou-se contra a parede, seu quepe caiu, e de repente

ele se viu fitando a cara redonda e vermelha de Danforth Keeton.

— Mas que diabos você pensa que está fazendo, Ridgewick? — ele perguntou.

A multa que ele tinha colocado presa ao limpador de pára-brisa do Cadillac de Keeton, na

noite anterior, tinha se evaporado completamente de sua memória. Agora, a lembrança

voltava-lhe.

— Solte-me! — ele disse. Tentou um tom de indignação, mas a voz saiu esganiçada de

preocupação. Sentiu o calor subindo pelas suas faces. Sempre que sentia medo ou raiva — e no

momento sentia ambos — enrubescia como uma moça.

Keeton, que era mais de 12cm mais alto que Norris e que pesava uns 50kg a mais, deu uma

ligeira sacudidela no oficial e depois soltou-o. Tirou a multa do bolso, brandindo-a bem no

nariz de Norris.

— É o seu nome que está aqui, ou não é? — ele exigiu saber, como se Norris já tivesse

negado alguma coisa.

Norris Ridgewick sabia perfeitamente que era a sua assinatura, em carimbo, é verdade, mas

perfeitamente reconhecível, e que a folha tinha sido arrancada de seu bloquinho.

— Você estava estacionado em lugar proibido — ele disse, afastando-se da parede e

friccionando a parte de trás da cabeça. Palavra que ele achava que tinha feito um galo. À

proporção em que sua surpresa inicial diminuía (e, não podia negar, Buster tinha lhe pregado o

maior susto do mundo), sua raiva aumentava.

— O *o quê?*

— *O espaço proibido*! — Norris gritou. E, mais, *foi o próprio Alan que me mandou passar*

aquela multa! — Ele esteve a ponto de continuar, mas calou-se. Por que daria a este porco

gordo a satisfação de jogar a toalha? — Você já tinha sido avisado, Buh... Danforth, e não

pode negar.

— *Do que foi* que você me chamou? — Danforth Keeton indagou ameaçadoramente.

Manchas vermelhas, do tamanho de rosas dobradas, invadiram suas faces e mandíbulas.

— A multa é válida — Norris disse, ignorando a última pergunta. — E pelo que me diz

respeito, é melhor que você pague. Ora, você tem sorte por eu não querer também apresentar

queixa por agressão a um oficial da polícia.

Danforth riu. O som foi reverberar átono contra as paredes.

— Não vejo nenhum oficial de polícia por aqui — ele disse. — O que eu vejo é um

cocozinho seco fantasiado de pedaço de carne-seca.

Norris se curvou e apanhou o quepe. Suas entranhas se torciam de medo — Danforth não

era o tipo de homem que se queria para inimigo — e sua raiva se transformara em fúria. As

mãos tremiam. Levou um minuto, assim mesmo, para ajeitar o quepe na cabeça.

— Você pode se entender com Alan, se preferir—

— Estou me entendendo *com você*!

—... mas eu não quero mais falar no assunto. Não deixe de pagar a multa dentro de 30 dias,

Danforth, ou teremos que ir buscá-lo. — Norris aprumou os seus 1,65cm de altura e

acrescentou: — Sabemos onde encontrá-lo.

E fez menção de sair. Keeton, cujo rosto se assemelhava naquele momento a um pôr-do-sol

em zona de explosão nuclear, deu um passo à frente para bloquear a rota de fuga. Norris parou

e levantou um dedo para ele.

— Se você encostar a mão em mim vou colocá-lo numa cela, Buster. E falo sério.

— OK, acabou-se — Keeton disse num estranho tom de voz, sem qualquer

inflexão.

— *Acabou-se*. Considere-se despedido. Tire esse uniforme e comece a procurar —

— Não — disse uma voz atrás deles, e ambos se voltaram. Alan Pangborn estava no limiar

da porta do toalete.

Keeton enroscou as mãos em gordos punhos brancos.

— Fique fora disto.

Alan entrou, deixando que a porta se fechasse lentamente.

— Não — ele disse. — Eu disse a Norris para passar aquela multa. Eu também disse que

iria perdoá-la antes da reunião das desapropriações. Dan, é uma multa de US$ 5.00. O que foi

que deu em você?

A voz de Alan soava intrigada. Alan estava intrigado. Buster nunca fora homem de

temperamento ameno, nem mesmo em seus melhores momentos, mas uma explosão destas era

demais, mesmo para um homem como ele. Desde o fim do verão o homem vinha se mostrando

com os nervos à flor da pele e sempre pronto a ter um ataque — Alan ouvia com freqüência o

som distante de seus berros quanto os membros do Conselho Municipal mantinham reuniões

de suas comissões — e seus olhos tinham adquirido uma expressão quase desvairada.

Perguntou-se, rapidamente, se Keeton poderia estar doente, e decidiu que esta consideração

deveria ficar para mais tarde.

— Não deu nada em mim — Keeton disse, emburrando, e ajeitou o cabelo para trás. Norris

sentiu uma certa satisfação ao notar que as mãos de Keeton também tremiam.

— É só que estou farto e não agüento mais homenzinhos que se dão muita importância,

como este aqui... Eu tento fazer pela cidade... inferno, eu realizo muito por esta cidade... E

estou cansado da constante perseguição... — Fez uma pausa momentânea, a garganta gorducha

ainda em movimento, e subitamente explodiu:

— Ele me chamou de Buster! Você sabe como eu me sinto a esse respeito!

— Ele vai se desculpar — Alan tranqüilizou-o. — Não vai, Norris?

— Taí, não sei se vou — Norris replicou. A voz estava trêmula e as entranhas ainda

torcidas, mas ainda estava muito zangado. — Eu sei que ele não gosta, mas a verdade é que ele

me tomou de completa surpresa. Eu estava bem aqui, me olhando no espelho para ver se a

gravata estava certa, quando ele me agarrou e me jogou contra a parede. Bati bem forte com a

cabeça. Puxa, Alan, nem sei ao certo o que falei.

O olhar de Alan voltou-se para Keeton.

— Isso é verdade?

Keeton abaixou os olhos.

— Eu estava furioso — ele disse, e Alan inferiu que isso era o máximo que um homem

como ele faria para espontaneamente e indiretamente apresentar uma desculpa. Olhou

novamente para Norris para ver se o oficial tinha entendido. Parecia que sim. Isso era bom; um

longo passo tinha sido dado para se dissipar um incidente pequeno mas maldoso e explosivo.

Alan relaxou um pouco.

— Podemos considerar o incidente encerrado? — ele perguntou aos dois homens. —

Lançá-lo à conta de experiência e recomeçar da estaca zero?

— Por mim, tudo bem — disse Norris, depois de um momento. Alan se comoveu. Norris

era magricela, tinha o costume de largar latas meio vazias nos carros da polícia, e seus

relatórios eram um verdadeiro horror... mas tinha um coração imenso. Estava se afastando, mas

não por medo de Keeton. Se o grandalhão do presidente do Conselho Municipal pensava que

era isso, então estava cometendo um erro muito grande.

— Sinto muito tê-lo chamado de Buster — Norris disse. Não sentia, nem um pouquinho,

mas não custava dizer que sentia. Supunha.

Alan fitou o homem corpulento vestido no seu espalhafatoso paletó esporte e camisa de

golfe de colarinho aberto.

— Danforth?

— Está bem, nada aconteceu — Keeton disse. Falou num tom de excessiva

magnanimidade, e Alan sentiu a costumeira onda de antipatia invadi-lo. Uma vozinha, bem no

fundo de sua mente, a primitiva voz de crocodilo do subconsciente, falou breve mas

nitidamente: *Por que você não cai morto com um ataque, Buster? Por que você não faz a*

todos nós um favor, e cai morto?

— Está bem — ele disse. — Negócio —

— *Se* — Keeton interrompeu, levantando um dedo.

Alan levantou os supercílios.

— Se?

— Se chegarmos a um acordo a respeito desta multa. — Exibiu a multa na direção de Alan,

pinçada entre dois dedos, como se fosse um trapo que tivesse sido usado para limpar alguma

sujeira de origem dúbia.

Alan suspirou.

— Venha até minha sala, Danforth. Falaremos sobre isso. — Olhou para Norris. — É o seu

turno, certo?

— Certo — Norris respondeu. Ainda havia um bolo na boca do seu estômago. Seu bom

humor tinha desaparecido, provavelmente para o resto do dia, e era tudo culpa daquele porco

gordo, e Alan ia perdoar a multa. Entendia que fazia parte de — política — mas isto não

significava que era obrigado a gostar.

— Quer ficar por aqui? — Alan perguntou. Era o mais próximo que podia chegar para

perguntar: *Quer falar sobre o assunto?* com Keeton ali parado e fuzilando os dois com o olhar.

— Não — Norris respondeu.— Tenho que investigar alguns lugares e coisas a fazer. Falo

com você depois, Alan.

Saiu do toalete dos homens, passando por Keeton sem sequer um olhar. E embora Norris o

ignorasse, Keeton controlou, com hercúleo — quase heróico — esforço, um impulso irracional

mas violento de mandar um pé no traseiro dele a fim de ajudá-lo a sair mais depressa.

Alan fingiu, ele próprio, estar olhando para a sua própria imagem no espelho, dando tempo

a Norris de sair com dignidade, enquanto Keeton, parado ao lado da porta, o observava com

impaciência. Alan, então, voltou à área de espera da delegacia, com Keeton nos

seus

calcanhares.

Um homenzinho, miúdo e garboso, num temo bege-claro, estava sentado em uma das duas

cadeiras do lado de fora de sua sala, ostensivamente lendo um livro encadernado em couro que

somente poderia ser uma Bíblia. O coração de Alan se apertou. Tinha tido quase certeza de que

nada desagradável *demais* poderia acontecer esta manhã — em dois ou três minutos, seria

meio-dia, e por isso a idéia lhe parecia bastante razoável — contudo, estava errado.

O reverendo William Rose fechou sua Bíblia (cuja capa era quase da mesma cor que seu

temo) e pôs-se de pé de um pulo.

— Chefe... ahn... Pangborn — ele disse. O reverendo Rose era um daqueles batistas de

sete-costados que costuma torcer o final de suas palavras, quando se sentem emocionalmente

desgastados. — Posso, por favor, falar com o senhor?

— Dê-me cinco minutos, por favor, reverendo Rose. Tenho que ver um assunto.

— O caso é — ahn, extremamente importante.

Aposto que sim, Alan pensou. — O meu também. Cinco minutos.

Abriu a porta e levou Keeton para dentro de sua sala antes que o reverendo Willie, como

padre Brigham gostava de chamá-lo, pudesse dizer outra palavra.

5

— Vai falar da Noite no Cassino — Keeton disse, depois de Alan ter fechado a porta da

sala. — Lembre-se, o padre John Brigham pode ser um irlandês briguento, mas prefiro ele a

esse camarada aí fora. Rose não passa de um puritano incrivelmente arrogante. Lá vai o boi

atrás da vaca novamente, Alan pensou.

— Sente-se, Danforth.

Keeton aceitou o convite. Alan deu a volta à mesa, levantou o papel da multa e rasgou-o

em pedacinhos. Estes, ele jogou na cesta de papéis.

— Pronto. OK?

— OK — Keeton disse, e fez menção de levantar-se.

— Ainda não. Fique sentado mais um pouco.

As espessas sobrancelhas de Keeton juntaram-se na base rósea e alta de sua testa, como

uma nuvem de tempestade.

— Por favor — Alan acrescentou. Deixou-se afundar em sua poltrona giratória. Suas mãos

se juntaram e tentaram formar um corvo. Alan conseguiu controlá-las e cruzou-as firmemente

sobre o mata-borrão.

— Vamos ter uma reunião da comissão de desapropriações na semana que vem, que tem a

ver com os assuntos orçamentários para a reunião municipal de fevereiro... — Alan começou.

— Sem dúvida — Keeton disse.

— ... e esse é um assunto político — Alan prosseguiu. — Admito isso, e você também

admite. Acabei de rasgar uma multa perfeitamente válida por estacionamento proibido devido

a uma consideração política.

Keeton sorriu de leve.

— Você já mora na cidade tempo suficiente para saber como as coisas funcionam, Alan.

Uma mão lava a outra.

Alan se mexeu na poltrona, que soltou pequenos rangidos e estalidos — sons que ouvia, de

vez em quando, em seus sonhos, depois de dias longos e árduos. O tipo de dia em que este

estava se transformando.

— É — ele disse. — Uma mão lava a outra. Mas não para sempre.

Novamente, as sobrancelhas se juntaram,

— Agora, o que você quer dizer *com isso?*

— Quero dizer que há um limite, mesmo em cidadezinhas, onde a política termina. Você

precisa se lembrar que eu não sou um Oficial nomeado, Os conselheiros podem

controlar os

cordões da sacola de dinheiro, mas são os eleitores que me elegem. E eles me elegem para

protegê-los, e para preservar e fazer cumprir a lei. Fiz meu juramento, e tento cumpri-lo.

— Está me ameaçando? Porque se estiver —

Nesse justo momento, o apito da fábrica tocou, Chegou baixo na sala, mas mesmo assim

Danforth Keeton sobressaltou-se como se tivesse sido mordido por um marimbondo. Seus

olhos se esbugalharam momentaneamente, e suas mãos se transformaram em garras brancas

nos braços da poltrona.

Alan sentiu-se novamente atônito. *Ele está irrequieto como uma égua no cio. O que há de*

errado com ele?

Pela primeira vez, surpreendeu-se a indagar se talvez Danforth Keeton — que vinha sendo

o presidente do Conselho Municipal de Castle Rock desde muito antes de Alan sequer ficar

sabendo que a cidade existia — não estaria envolvido em algum assunto que não era

exatamente *nos trinques.*

— Não é uma ameaça — ele disse. Keeton estava começando a relaxar novamente, mas

alerta... como se temesse que o apito da fábrica pudesse tocar de novo, apenas

para mexer com

ele.

— Ótimo. Porque não se trata apenas de uma questão de quem segura os cordões da sacola,

xerife Pangborn. O Conselho, juntamente com os três comissários municipais, detém o direito

de aprovar a admissão — ou a demissão — de oficiais de polícia. Dentre muitos outros direitos

de aprovação, que sem dúvida você conhece.

— Isso não passa de um carimbo de borracha.

— Sempre foi — Keeton concordou. Do bolso interno do paletó tirou um charuto Roi-Tan.

Puxou-o entre os dedos, fazendo o celofane estalar. — Isso não quer dizer que não pode ser

mudado.

Agora — quem estava ameaçando quem? Alan pensou, mas manteve silêncio. Ao invés,

reclinou-se e fitou Keeton. Keeton sustentou seu olhar durante alguns segundos, depois baixou

seus olhos para o charuto e começou a tirar a embalagem.

— Da próxima vez que você estacionar no espaço reservado, eu pessoalmente vou aplicar a

multa, e essa multa vai ficar — Alan disse. — E, se você encostar as mãos em qualquer um dos

meus oficiais novamente, vou indiciá-lo por agressão em terceiro grau. E isto vai acontecer, a

despeito de não sei quantos direitos de aprovação os conselheiros possam deter. Porque é só

até aí que a política vai, no que me diz respeito. Estamos entendidos?

Keeton fitou seu charuto por um momento muito longo, como se estivesse meditando.

Quando fitou Alan novamente, seus olhos eram dois carvões, pequenos e ásperos.

— Se quer descobrir até onde posso resistir, é só continuar me pressionando, xerife

Pangborn. — Raiva se refletia na expressão do rosto de Keeton — sim, sem dúvida alguma —

mas Alan achou que outra coisa também estava refletida. Achou que poderia ser medo. Foi o

que viu? Farejou? Não saberia, e não teria importância. Mas o que fazia Keeton sentir

medo... *isso* poderia ser importante. Isso poderia ser muito importante.

— Estamos entendidos? — repetiu.

— Sim — Keeton disse. Arrancou o celofane do charuto com um gesto brusco e, súbito,

jogou-o no chão. Enfiou o charuto na boca e falou sem tirá-lo: — Será que você me entendeu?

A poltrona rangeu e estalou quando Alan se inclinou para a frente. Fitou Keeton muito

seriamente.

— Entendo o que você está dizendo, mas por tudo que há de mais sagrado não entendo

como você está se *comportando*, Danforth. Nunca fomos os melhores amigos, você e eu...

— *Isso* é a pura verdade — Keeton disse e arrancou a ponta do charuto com uma mordida.

Por um instante, Alan pensou que ela também ia acabar no chão de sua sala, e estava pronto a

permitir — política — mas Keeton cuspiu-a na palma da mão e depois a colocou no cinzeiro

limpo que estava na escrivaninha. Lá ficou ela como uma miniatura de cocô de cachorro.

— ...mas sempre mantivemos um relacionamento profissional bastante bom. Agora isto.

Há algo de errado? Será que eu posso ajudar?

— Não há nada de errado — Keeton disse, levantando-se abruptamente. Estava zangado de

novo — mais do que simplesmente zangado. Alan quase conseguia ver o fogo saindo pelas

ventas. — É só que estou exausto desta ... *perseguição*!

Era a segunda vez que empregava essa palavra. Alan achou-a fora de contexto, uma

palavra inquietante. A bem da verdade, toda esta conversação era inquietante.

— Bem, você sabe onde me encontrar — Alan disse.

— Por Deus, *eu sei!*

— E, por favor, Danforth — lembre-se do estacionamento proibido.

— *Foda-se* o estacionamento proibido — Keeton disse e bateu a porta ao sair. Alan ficou

sentado atrás da escrivaninha e fitou a porta fechada durante muito tempo, uma expressão

preocupada no rosto. Depois deu a volta à mesa, apanhou o celofane amassado jogado no chão,

jogou-o na cesta de papéis e foi até a porta para convidar Willie Barcaça a entrar.

6

— O sr. Keeton parecia bem nervoso — Rose disse. Sentou-se com cuidado na cadeira que

o presidente do Conselho acabara de vagar, mirou com repugnância a ponta de charuto

descansando no cinzeiro, e então pousou sua alva Bíblia cuidadosamente no meio de seu

mesquinho colo.

— Uma quantidade de reuniões de desapropriações para o mês que vem — Alan explicou

vagamente. — Tenho certeza de que todos os conselheiros ficam muito tensos.

— Sim — o reverendo Rose concordou. — Pois Jesus-ahn... falou: “Dai a César o que é de

Cesar, e a Deus o que é de Deus”.

— Hum-hum — Alan disse. E subitamente desejou ter um cigarro, algo como um Lucky

Strike ou um Pall Mall completamente cheios de alcatrão e nicotina. — E que posso dar-lhe

hoje, r... reverendo Rose? — Horrorizou-se ao notar que por um triz não o chamara de

reverendo Willie.

Rose tirou os óculos de lentes redondas, sem aro, limpou-os, e os recolocou, escondendo as

duas pequenas manchas vermelhas bem no alto do nariz. Seu cabelo negro, emplastrado no

lugar com a ajuda de algum tônico capilar cujo aroma Alan conseguia sentir mas não

identificar, brilhava na luz da grade fluorescente fixada no teto.

— É sobre a abominação à qual o padre Brigham prefere dar o nome de Uma Noite no

Cassino — anunciou, finalmente, o reverendo Rose. — Como se recorda, chefe Pangborn, vim

procurá-lo pouco depois de ter ouvido falar dessa idéia medonha e exigir que o senhor

recusasse sancionar tal evento em nome-ahn, da decência.

— Reverendo Rose, como *o senhor* se recorda —

Rose levantou a mão imperiosamente e meteu a outra no bolso do seu paletó. De lá tirou

um panfleto quase do tamanho de um livro de bolso. Era, Alan viu, de coração apertado (mas

não verdadeiramente surpreso) que se tratava da versão simplificada do Código de Leis do

Estado do Maine.

— Volto aqui — o reverendo Rose declamou em tons sonoros — para exigir que o senhor

proíba a realização do evento, não apenas em nome da decência *mas em nome da lei!*

— Reverendo Rose —

— O capítulo 24, artigo 9°, parágrafo 2S do Código de Leis do Estado do Maine — o

reverendo Rose antecipou-se a ele. Suas faces estavam agora inundadas de cor, e Alan

entendeu que a única coisa que conseguira fazer nos últimos minutos tinha sido trocar um

maluco por outro.

— Respeitadas as exceções expressas — o reverendo Rose leu, a voz agora tomando a

entonação de sermão de púlpito tão familiar à sua apaixonadíssima congregação — os jogos de

azar, de acordo com a definição que lhe é dada no artigo 23 do Código-ahn, quando os

jogadores forem induzidos a apostar dinheiro como condição de jogo, *serão considerados-ahn*

ilegais! — ele gritou.

Alan sentiu um breve impulso de jogar os braços para o alto e berrar *"Jesus seja louvado!"* .

Quando o impulso passou, ele disse:

— Eu conheço os artigos do código que dizem respeito ao jogo, reverendo Rose. Pesquisei-

os depois da primeira visita que me fez, e os mostrei a Albert Martin, que se encarrega de

grande parte dos trabalhos jurídicos da cidade. A opinião dele é a de que o artigo não se aplica

a funções como a da Noite no Cassino. — Ficou calado um momento e depois acrescentou. —

Devo dizer-lhe que esta é também a minha opinião.

— Impossível! — o reverendo Rose cuspiu a palavra. — Eles se dispõem a transformar a

Casa do Senhor num antro de jogatina, e o senhor me diz que *isso é legal?*

— É exatamente tão legal quanto os jogos de bingo que se realizam no Salão das Filhas de

Isabella desde 1931.

— Não estamos falando de bingo! Estamos falando de roleta-ahm! E de jogo de cartas a

dinheiro! E de — a voz do reverendo Rose tremeu — ...jogo de dados-ahm!

Alan surpreendeu suas mãos tentando fazer uma nova ave, e desta vez cruzou firmemente

os dedos sobre o mata-borrão.

— Fiz com que Albert escrevesse uma carta de consulta ao Jim Tierney, o procurador do

estado. A resposta foi a mesma. Sinto muito, reverendo Rose. Eu sei que o senhor considera

uma ofensa. Quanto a mim, sou contra crianças em skates. Se pudesse, prendia todos eles, mas

não posso. Numa democracia, temos às vezes que suportar coisas que não aprovamos ou das

quais não gostamos.

— Mas *isso é jogatina!* — o reverendo Rose disse, e a angústia na sua voz era muito real.

— *É jogatina a dinheiro!* Como pode ser legal se o código diz especificamente que —

— Do modo como vão fazer, na verdade não se trata de jogatina. Cada... uhm

participante... faz uma doação ao entrar. Em retribuição, recebe quantia igual em fichas. No

fim da função, uma certa quantidade de prêmios — *prêmios,* não dinheiro — são leiloados.

Um vídeo, um forno elétrico, um triturador de lixo, um jogo de porcelana, coisas assim. - E,

um diabinho íntimo e arteiro, fez com que acrescentasse: — Creio até que a doação inicial

pode ser dedutível do imposto de renda.

— É abominação pecaminosa — o reverendo Rose disse. A cor lhe fugira do rosto. As

narinas estavam frementes.

— Do ponto de vista moral, mas não do ponto de vista legal. É feito assim pelo país todo.

— Sim — disse o reverendo Rose. Pôs-se de pé, a Bíblia agarrada à sua frente como um

escudo. — *Pelos católicos!* Os católicos *adoram* jogar. Pretendo dar um paradeiro a isso, chefe

Pangborn. Com ou sem o seu auxílio.

Alan também se levantou.

— Duas coisinhas, reverendo Rose. É *xerife* Pangborn e não chefe Pangborn. Não posso

ensinar-lhe o que dizer do alto de seu púlpito, assim como não posso dizer ao

padre Brigham

que espécie de eventos pode realizar em sua Igreja, ou no Salão das Filhas de Isabella, ou na

Fraternidade dos Cavaleiros de Colombo — contanto, isto é, que não sejam expressamente

proibidos por lei — mas posso avisá-lo para ter cuidado, e penso que *devo* avisá-lo para ter

cuidado.

Rose o fitou friamente. — O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que o senhor está nervoso. Tudo bem com os cartazes que o seu pessoal

anda colando pela cidade, e tudo bem com as cartas que andam escrevendo ao jornal, mas

existe um limite onde começa a infração que o senhor não deve ultrapassar. Meu conselho é

que o senhor deixe passar por esta vez.

— Quando-ahm Jesus viu prostitutas e agiotas no-ahm templo, Ele não consultou nenhum

código de leis que tivesse sido escrito, xerife. Quando Jesus-ahm viu aqueles homens e

mulheres malfeitores ultrajando a Casa do Senhor-ahm, Ele não procurou limites de

infração. *Nosso Senhor fez o que Ele-ahm achava que devia ser feito!*

— Sim — Alan respondeu calmamente — mas o senhor não é Ele.

Rose fitou-o por um longo momento, os olhos faiscantes como labaredas, e Alan pensou.

“Ihhh! Esse cara é louco de pedra”.

— Tenha um bom dia, chefe Pangborn — Rose disse friamente.

Desta vez, Alan nem se incomodou em corrigi-lo. Apenas meneou a cabeça e estendeu a

mão, sabendo perfeitamente que seria recusada. Rose virou-se e marchou para fora, ainda com

a Bíblia agarrada ao peito.

— Deixe passar por esta vez, reverendo, está bem? — Alan disse às suas costas.

Rose não se virou nem respondeu. Saiu porta afora e bateu-a com força suficiente

para fazer o vidro tremer na moldura. Alan sentou-se à mesa e pressionou as têmporas com

a base das mãos.

Poucos minutos mais tarde, Sheila Brigham enfiou a cabeça timidamente por uma fresta da

porta.

— Alan?

— Ele já foi? — Alan perguntou, sem levantar a cabeça.

— O pregador? Já. Saiu furioso como as ventanias de março.

— Elvis saiu do prédio — disse em voz cavernosa.

— O que disse?

— Nada, não — levantou o olhar — estou precisando de drogas pesadas, por favor. Quer

checar o arquivo de provas, Sheila, e ver o que temos em estoque?

Ela sorriu.

— Já fiz isso. O armário está vazio, creio eu. Será que uma xícara de café serviria?

Ele retribuiu o sorriso. A tarde estava começando e tinha que ser melhor do que a manhã

— *tinha que ser*. — Aceito.

— Bom negócio. — Fechou a porta, e Alan, afinal, pôde libertar as mãos. Pouco depois,

uma série de corvos revoava por uma faixa batida de sol, na parede oposta à janela.

7

Às quintas-feiras, o último período de aula no Ginásio de Castle Rock é dedicado a

atividades. Por se tratar de aluno de honra, que não participaria das atividades da escola até que

a seleção para os Jogos de Inverno tivesse lugar, Brian. Rusk tinha permissão de sair mais cedo

naquele dia — compensando, de maneira muito justa, a saída tardia das terças-feiras.

Nesta tarde de quinta-feira, ele saiu pelo portão lateral quase antes de o sino do sexto

período parar de tocar. Sua mochila carregava não apenas seu material escolar, mas a capa de

chuva que sua mãe o forçara a vestir naquela manhã, e que fazia uma corcunda engraçada em

suas costas.

Ele afastou-se rápido na bicicleta, o coração batendo forte. Tinha uma coisa

(uma transação)

a fazer. Ver-se livre de uma pequena tarefa. Uma espécie de brincadeira, realmente. Ele

agora sabia de que se tratava. Viera-lhe à cabeça nitidamente enquanto devaneava na aula de

matemática.

Enquanto Brian descia Castle Hill pela Rua da Escola, o sol surgiu através das nuvens

esgarçadas, pela primeira vez naquele dia. Olhando para a esquerda, viu a sombra de um

menino, numa sombra de bicicleta que o acompanhava pelo calçamento molhado.

Você vai ter que andar depressa, para acompanhar meu passo hoje, garoto de sombra, ele

pensou. *Tenho lugares a visitar e coisas a fazer.*

Brian pedalou pelo centro comercial da cidade sem olhar para Coisas Necessárias, do outro

lado da Rua Principal, parando rapidamente nos cruzamentos para olhar para um lado e outro

antes de seguir adiante apressadamente. Ao chegar ao cruzamento da Pond (que era a sua rua)

com a Ford, virou à direita em vez de continuar em frente pela Pond para chegar à sua casa. No

cruzamento de Ford com Cipreste, virou à esquerda. A Rua do Cipreste ficava paralela à Pond

- os quintais de uma davam para os quintais da outra rua, separados, quase sempre, por cercas

de madeira.

Pete e Wilma Jerzyck moravam na Rua do Cipreste.

Tenho que ter cuidado aqui.

Mas, ele sabia *o que fazer* para ter cuidado — tinha planejado tudo mentalmente após sair

da escola, e tudo lhe ocorrera com facilidade, quase como se tivesse estado sempre em sua

mente, como o conhecimento da coisa que deveria fazer.

A casa dos Jerzycks estava quieta e o abrigo de carro vazio, o que não significava

necessariamente que tudo estava safo e cem por cento. Brian sabia que Wilma trabalhava pelo

menos parte do dia no Mercado Hemphill na Rodovia 117, pois já a vira ali, tomando conta de

uma caixa registradora com o indefectível lenço amarrado ao redor da cabeça, o que não queria

dizer que estivesse lá neste momento. O pequeno Yugo bastante desgastado que ela dirigia

poderia estar guardado na garagem dos Jerzycks, que ele não podia ver.

Brian pedalou pela entrada, pulou da bicicleta, e abaixou o suporte. Sentia o coração

pulsando nos ouvidos e na garganta, naquele momento. Parecia o ruflar de tambores. Foi até a

porta da frente, ensaiando o texto que falaria caso a sra. Jerzyck estivesse em

casa, no final das

contas.

Alô, sra. Jerzyck. Meu nome é Brian Rusk, e eu moro do outro lado da rua. Freqüento o

ginásio e logo, logo nós vamos começar a vender assinaturas de revistas para poder comprar

uniformes novos para a banda escolar, e agora estou perguntando nas vizinhanças quem

estaria interessado em comprar as revistas. Assim, eu posso voltar depois com o material.

Quem vender mais ganha prêmios.

Tinha soado bem, quando estava sendo ensaiado mentalmente, e ainda soava bem, mas

sentia-se tenso do mesmo jeito. Ficou por um instante parado na porta da frente, procurando

ouvir algum ruído dentro da casa — rádio, a TV num dos seriados (mas não o *Santa Bárbara*,

que só ia ao ar umas duas horas mais tarde), um aspirador de pó, quem sabe. Nada ouviu, mas

o silêncio não tinha significado maior do que o abrigo de carro vazio.

Brian tocou a campainha. De longe, de algum ponto nas profundezas da casa, ouviu-

a: *“Blim-blom!"*

Ficou alerta, à espera, olhando ocasionalmente para os lados, verificando se alguém notara

sua presença, mas a Rua do Cipreste parecia adormecida. E havia uma sebe na

frente da casa

dos Jerzycks. O que era muito bom. Pois, quando você está a fim de

(uma transação)

uma coisa que as pessoas — o pai ou a mãe, por exemplo — não aprovaria, uma sebe era a

melhor coisa do mundo.

— Meio minuto já se passara —, e ninguém surgira. Até aqui, tudo bem... por outro lado, a

cautela é melhor do que o arrependimento. Tornou a tocar a campainha, pressionando o dedo

duas vezes, desta vez, e o som das entranhas da casa foi: *“Blim-blom! Blim-blom!”*

Nada ainda.

Muito bem, então. Tudo perfeitamente em ordem. Tudo, na verdade, sinceramente terrível

e completamente radical.

Sinceramente terrível e completamente radical, ou não, Brian não resistiu em dar uma

última olhada ao redor — bem furtivamente, desta vez - ao arrastar sua bicicleta, ainda com o

suporte abaixado, para um espaço entre a casa e a garagem. Nesta área, à qual o pessoal amigo

da Companhia de Portas e Laterais Dick Perry de South Paris dava o nome de *breezeway*,

Brian tornou a estacionar a bicicleta. Daí, ele avançou para dentro do quintal. Seu coração

batia mais forte que nunca. Tinha esperança, caso encontrasse a sra. Jerzyck no quintal,

plantando bulbos ou o que fosse, que sua voz não tremesse ao contar a história da assinatura de

revistas. Se a voz tremesse, ela poderia desconfiar de que ele não estava falando a verdade. E

isto poderia dar origem a uma porção de aborrecimentos em que ele nem queria começar a

pensar.

Deu alto perto dos fundos da casa. E, de repente, tudo aquilo já não parecia tão divertido.

De repente, parecia ser um golpe baixo — nem mais, e certamente, nem um pouco menos.

Uma vozinha apreensiva de repente soou em sua mente: *Por que você não sobe na sua*

bicicleta, Brian? Volte para sua casa. Tome um copo de leite e dê o caso por encerrado.

É, parecia uma idéia muito boa — muito lúcida. Ele chegou até a se virar... e, então, veio-

lhe uma visão à mente, uma visão muito mais poderosa do que a voz. Ele viu um carro

comprido e preto — um Cadillac, ou talvez um Lincoln Mark IV — estacionando em frente à

sua casa. A porta do motorista abria-se e o sr. Leland Gaunt descia. Só que o sr. Gaunt já não

estava usando a jaqueta de veludo como aquela que o Sherlock Holmes usava em algumas de

suas histórias. Aquele sr. Gaunt que agora atravessava a paisagem da imaginação de Brian

vestia um terno preto assustador — o terno de um agente funerário — e a expressão de seu

rosto já não era amena. Seus olhos azul-escuros estavam ainda mais escuros de raiva, e seus

lábios se arreganhavam mostrando os dentes irregulares... mas não num sorriso. Suas pernas

longas e finas caminhavam, com o movimento de uma tesoura, na direção da porta da frente da

casa de Brian, e o homem-sombra agarrado aos seus calcanhares ganhava a forma de um

carrasco de forca num filme de horror. Ao chegar à porta, não parava para tocar a campainha,

oh! não. Simplesmente ia entrando. Caso a mãe de Brian tentasse interceptá-lo, ele a

empurraria para um lado. Caso o pai de Brian tentasse interceptá-lo, ele lhe daria um soco. E se

o irmãozinho de Brian, Sean, tentasse interceptá-lo, ele o arremessaria para a última parede da

casa, como um jogador de futebol americano fazendo o arremesso final de um campeonato. Ele

subia as escadas, berrando o nome de Brian, e as rosas do papel de parede murchavam quando

o carrasco-sombra passava por elas.

E ele me encontraria, Brian pensou. Sua fisionomia, ali parado ao lado da casa dos

Jerzycks, era um estudo de desalento. *Não importa onde eu tentasse me esconder. Não importa*

se eu fugisse para BOMBAIM. Ele me encontraria, e, então —

Tentou apagar a visão, desligá-la, e não conseguiu. Viu os olhos do sr. Gaunt aumentando

de tamanho, transformando-se em dois abismos azuis que desciam e desciam até perder-se

numa terrível eternidade cor de índigo. Viu as longas mãos do sr. Gaunt, com seus dedos

estranhamente do mesmo tamanho, transformando-se em garras ao descerem sobre seus

ombros. Sentiu a pele arrepiar-se ao contato repugnante. Ouviu o sr. Gaunt gritar: *"Você tem*

um objeto que me pertence, Brian, e não pagou por ele!"

Eu devolvo! — ouviu-se gritar para aquele rosto ardente e contorcido. *Por favor oh por*

favor eu devolvo eu devolvo mas não me machuque!

Brian voltou a si, estonteado como quando saíra de Coisas Necessárias na tarde de terça-

feira. A sensação, agora, não era tão agradável quanto tinha sido então.

Ele *não queria* devolver a figurinha de Sandy Koufax, essa é que era a verdade.

Ele não queria porque *era sua*.

8

Myra Evans entrou sob o toldo de Coisas Necessárias no exato momento em que o filho de

sua melhor amiga finalmente entrou no quintal de Wilma Jerzyck. O olhar de Myra, primeiro

para trás, e depois para o lado oposto da Rua Principal, foi ainda mais furtivo do que o olhar de

Brian para a Rua do Cipreste tinha sido.

Se Cora — que *realmente era* sua melhor amiga — soubesse que ela estava aqui, e, ainda

mais importante, por que ela estava aqui, provavelmente nunca mais lhe dirigiria a palavra.

Porque *Cora* também queria a fotografia.

Isso não tem importância, Myra pensou. Dois ditados ocorreram-lhe e ambos aplicavam-se

muito bem à situação: Um era *"Quem guarda com fome vem o gato e come"* . E o outro, *“O que*

o olho não vê, o coração não sente” .

De qualquer modo, Myra tinha colocado óculos escuros de imensas lentes da marca Foster

Grant antes de vir para o centro. *“A cautela é melhor do que o arrependimento"* também lhe

pareceu um bom conselho.

Agora, ela avançou lentamente até a porta e leu a tabuleta ali pendente:

ÀS TERÇAS E QUINTAS,

APENAS COM HORA MARCADA

Myra não tinha marcado hora. Tinha vindo numa decisão de momento, galvanizada a

entrar em ação por causa de um telefonema de Cora há menos de vinte minutos.

— Fiquei pensando nisso o dia inteiro! Simplesmente tenho que comprá-la, Myra —

deveria tê-la comprado na quarta-feira, mas tinha apenas US$ 4.00 na carteira e não tinha

certeza se ele aceitaria um cheque pessoal. Você sabe como a gente se

sente *embaraçada* quando eles não aceitam. E desde então venho me recriminando. Ora, *mal*

preguei o olho a noite inteira. Sei que você vai achar bobagem, mas é a pura verdade.

Myra não achava bobagem, coisa alguma, e sabia que era verdade, pois *ela própria* mal

tinha pregado o olho a noite inteira. E era muita pretensão de Cora achar que a fotografia era

dela apenas porque a vira primeiro — como se isso lhe outorgasse algum tipo de direito divino,

ou o que fosse.

— E não creio que ela tenha sido a primeira a ver — Myra disse, numa vozinha baixa e

emburrada. — Acho que fui *eu* que vi primeiro.

A questão de quem teria sido a primeira a ver aquela fotografia absolutamente deliciosa na

verdade era, de qualquer forma, discutível. O que não se poderia discutir era o sentimento de

Myra quando imaginou chegar à casa de Cora e ver aquela fotografia do Elvis pendurada

acima do mantel, bem entre a estatueta do Elvis em cerâmica e a caneca de cerveja de

porcelana do Elvis. Ao pensar nisso, seu estômago revirou tão alto que foi bater no coração e

ficou por ali, todo torcido como um pano de chão molhado. Foi como se sentira durante a

primeira semana da guerra contra o Iraque.

Não estava *certo*. Cora tinha toda sorte de objetos lindos do Elvis, tinha até chegado a ver o

Elvis num concerto. Isto acontecera no Centro Cívico de Portland, um ano mais ou menos

antes que O Rei fosse chamado ao Paraíso para ficar na companhia de sua adorada mãezinha.

— Aquela fotografia tem que ser *minha* — ela sussurrou e, chamando a si toda a sua

coragem, bateu à porta.

Esta abriu-se quase antes que tivesse tempo de baixar a mão, e um homem de ombros

estreitos quase colidiu com ela ao sair.

— Desculpe — ele murmurou, sem levantar a cabeça, e ela mal teve tempo de registrar o

fato de que se tratava do sr. Constantine, o farmacêutico da Superdrogaria La Verdiere.

Atravessou a rua correndo e entrou no Edifício Municipal, carregando um pacotinho nas mãos,

sem olhar nem á direita nem à esquerda.

Ao voltar o olhar, deu com o sr. Gaunt no vão da porta, sorrindo para ela com seus alegres

olhos castanhos.

— Não tenho hora marcada... — ela disse com voz sumida. Brian Rusk, que crescera

ouvindo Myra dar palpites sobre tudo num tom de voz de completa autoridade e segurança,

não teria condições de reconhecer aquela voz em um milhão de anos.

— Tem agora, minha cara senhora — o sr. Gaunt disse, sorrindo e dando-lhe passagem. —

Bem-vinda de volta! Entre à vontade, e deixe aqui um pouco da alegria que a senhora traz!

Depois de um último e rápido olhar, em que não viu pessoa alguma que conhecesse, Myra

Evans entrou correndo em Coisas Necessárias.

A porta fechou-se atrás dela.

Uma mão de longos dedos, branca como a de um cadáver, estendeu-se na penumbra,

encontrou o cordel e arriou a persiana.

9

Brian não se dera conta de que tinha prendido o fôlego, até soltá-lo num longo suspiro em

assovio.

Não havia ninguém no quintal da família Jerzyck.

Wilma, sem dúvida encorajada pelo fato de que o tempo estava melhorando,

tinha deixado

a roupa pendurada para secar antes de sair para o trabalho ou para onde quer que tivesse ido. A

roupa tremulava em três varais ao sol e à brisa fresca. Brian foi até a porta dos fundos e espiou

para dentro, tampando os lados do rosto com as mãos para evitar a claridade. Espiou para uma

cozinha deserta. Pensou em bater e decidiu que seria mais uma forma de impedi-lo de cumprir

o que viera fazer. Ninguém ali. O melhor a fazer era concluir a sua *transação* e escafeder-se.

Desceu a escadinha lentamente e foi para o quintal dos Jerzycks. Os varais de roupa, com

sua carga de camisas, calças, roupas íntimas, lençóis, fronhas, ficavam à sua esquerda. À

direita havia uma pequena horta cujos produtos, à exceção de algumas abóboras muito

pequenas, tinham sido todos colhidos. Bem nos fundos, ficava a cerca de tábuas de pinho. Do

outro lado, Brian sabia, era a casa dos Haverhills, apenas quatro casas antes da sua.

A chuva forte da noite anterior tinha transformado os quintais em verdadeiros charcos; a

maior parte das abóboras descansavam meio submersas em poças d’água. Brian curvou-se,

apanhou um punhado de terra estercada em cada mão e encaminhou-se para os varais, com

água escura escorrendo entre os dedos.

Lençóis estavam pendurados na corda de roupa mais próxima da horta, e tomavam toda a

sua extensão. Ainda estavam úmidos, mas secando rapidamente na brisa. Soavam como velas

desfraldadas ao vento, preguiçosamente. Eram imaculada e pristinamente brancos.

Continue, a voz do sr. Gaunt soou em sua mente. *Vá em frente, Brian — exatamente como*

Sandy Koufax. Vá em frente!

Brian levantou novamente as mãos acima dos ombros, as palmas voltadas para o alto. Não

ficou inteiramente surpreso ao sentir que estava tendo outra ereção, como no seu sonho. Ficou

contente de não ter se deixado vencer pelo medo. Isto ia ser muito *divertido*.

Trouxe as mãos para frente, com força. A lama soltou-se das palmas em compridos fios

escuros que se abriram em leque antes de atingir os lençóis enfunados. Deslizaram por eles em

linhas parabólicas que escorriam como cordas.

Voltou à horta, apanhou mais dois punhados, jogou-os contra os lençóis, voltou, apanhou

mais, tornou a jogar. Uma espécie de frenesi o invadiu. Foi e voltou, foi e voltou, primeiro

apanhando lama, e depois jogando-a.

Poderia ter ficado nisso a tarde inteira, se alguém não tivesse gritado. A

princípio, pensou

que era com ele que estavam gritando. Encolheu os ombros e soltou um guincho de terror.

Depois percebeu que era apenas a srta. Haverhill chamando o cachorro, do outro lado da cerca.

Assim mesmo, tinha que sair dali. Bem depressa.

Parou um momento, no entanto, para contemplar a obra de suas mãos, e sentiu um

momentâneo tremor de vergonha e desconforto.

Os lençóis tinham protegido a maior parte das roupas penduradas, mas eles próprios

estavam emplastrados de lama. Apenas, aqui e ali, áreas isoladas mostrando sua cor original.

Brian viu suas mãos, com placas de lama. Correu até um canto da casa, onde havia uma

torneira d’água. Não estava completamente fechada; quando ele girou o registro, um jato frio

saiu do cano. Meteu as mãos embaixo dela e friccionou-as com força. Lavou até que toda a

lama tivesse sumido, inclusive sob as unhas, sem notar a crescente dormência. Até os punhos

da camisa ele botou embaixo do jato d’água.

Fechou a torneira, voltou para sua bicicleta, levantou o suporte e desceu a entrada de carro.

Teve um momento de pânico quando viu um carrinho amarelo compacto se aproximando, mas

era um Civic, não um Yugo. Passou sem diminuir a velocidade, sem que seu motorista notasse

a presença do menininho, de mãos vermelhas e inchadas, paralisado ao lado de sua bicicleta na

entrada lateral da casa dos Jerzycks, um menininho cuja expressão era quase um cartaz

contendo uma única palavra em letras berrantes — CULPADO!

Depois que o carro passou, Brian montou na bicicleta e começou a pedalar, como se

estivesse sendo perseguido por mil demônios. Não parou até que bordejou a sua própria

entrada lateral. A dormência começava a abandonar suas mãos, mas estas ainda coçavam e

ardiam... e ainda estavam vermelhas.

Ao entrar, a voz de sua mãe perguntou da sala de estar:

— É você, Brian?

— Sou eu, mãe. — O que ele tinha feito no quintal dos Jerzycks já estava se assemelhando

a um sonho distante. Sem dúvida, esse menino parado nesta cozinha ensolarada e sem loucura,

esse menino que agora estava na frente da geladeira tirando o leite, não poderia ser o mesmo

menino que tinha enfiado suas mãos até os pulsos, fundo na lama da horta de Wilma Jerzyck, e

depois arremessado toda aquela sujeira nos lençóis lavados de Wilma Jerzyck, uma vez, e

outra vez, e outra vez.

Certamente que não!

Serviu-se de um copo de leite, examinando suas mãos ao fazê-lo. Estavam limpas.

Vermelhas, mas limpas. Devolveu o leite à geladeira. O coração voltara ao ritmo normal.

— Teve um bom dia na escola, Brian? — A voz de Cora veio flutuando.

— Tudo bem.

— Quer vir para cá e assistir televisão comigo? Santa Bárbara vai começar daqui a pouco,

e tem o Hershey's Kisses.

— Claro -— ele respondeu. — Mas antes vou dar uma subidinha por alguns minutos.

— Não se atreva a deixar o copo de leite lá em cima! Fica azedo, e com um fedor que

nunca sai no lava-louças!

— Eu trago de volta, mãe.

— É melhor mesmo!

Brian subiu, passou meia hora sentado à sua mesa de estudos, sonhando com a figurinha de

Sandy Koufax. Quando Sean entrou para perguntar se queria ir com ele até a loja da esquina,

Brian fechou seu álbum de figurinhas com um tranco e disse a Sean para sair de seu quarto e

não voltar até que aprendesse a bater na porta quando estivesse fechada. Ouviu

Sean chorando,

do lado de fora, no corredor, e nem se incomodou.

Afinal de contas, *havia* uma coisa chamada boas-maneiras.

10

Warden threw a party in the county jail,

Prison band was there and they began to wail,

The band was jumpin'and the joint began to swing

Y'oughtta heard those knocked-outjailbirds wing!

O Rei está de pé, de pernas separadas, os olhos azuis faiscando, os guizos da bainha de

seu macacão branco tilintando. Lantejoulas fulguram e rebrilham à luz dos refletores. Uma

mecha de cabelo negro-azulado cai-lhe na testa. O microfone está perto da boca, mas não tão

perto que Myra não possa ver o biquinho do lábio superior.

Ela tem visão total. Está na primeira fila.

E, subitamente, quando o naipe do ritmo explode, ele está estendendo a mão, estendendo-a

para ELA, do mesmo modo que Bruce Springsteen (que jamais chegará a ser O Rei, mesmo

que tente tudo durante um milhão de anos) estende a mão para aquela garota no seu vídeo

"Dançando no Escuro".

Fica, por um instante, tão atônita que não consegue fazer nada, atônita demais

para se

levantar, e então outras mãos atrás dela empurram-na para a frente, e a mão DELE fecha-se

ao redor do seu pulso, a mão DELE a está puxando para o palco. Ela sente o cheiro DELE,

uma mistura de suor, colônia da marca English Leather, e carne limpa e ardente.

Em menos de um segundo, está nos braços de Elvis.

O cetim do macacão dele escorrega sob suas mãos. Os braços que a rodeiam são

musculosos. Aquele rosto, o rosto DELE, o rosto d'O Rei, está a poucos centímetros do seu.

Ele dança com ela — formam um par. Myra Josephine Evans, de Castle Rock, Maine, e Elvis

Aron Presley, de Memphis, Tennessee! Vão em passos de dança através de um amplo palco,

na frente de mais de quatro mil fãs que gritam enquanto as Jordanaires entoam o velho refrão

da década de '50: "Let's rock... everybody let's rock..."

Os lábios dele se aproximam dos dela; ela sente a tensão do membro dele contra seu

ventre. Então, ele faz com que ela dê uma pirueta e sua saia sobe completamente no rodopio,

mostrando suas pernas completamente até suas calcinhas da marca Victoria's Secret, a mão

dela gira dentro da dele como um eixo dentro de um cilindro, e então ele a puxa

novamente

para si, e a mão dele desliza pelas suas costas até as nádegas, apertando-a contra ele. Por um

instante ela olha para a platéia, abaixo e além da luz dos refletores, e vê Cora Rusk fitando-a.

O rosto de Cora está distorcido de ódio e vermelho de inveja.

Então, Elvis vira a cabeça dela para ele e fala naquele sotaque arrastado e adocicado do

sulista: — A gente não devia estar olhando um para o outro, doçura?

Antes que pudesse responder, os lábios dele estavam sobre os dela e ele era tudo o que

existia no mundo. Então, de repente, a língua dele invade sua boca — o Rei do Rock'n'Roll a

está beijando à francesa bem na frente de Cora e do resto todo do mundo! Ele toma a apertá-

la contra ele e enquanto as trombetas soltam um guincho sincopado, ela sente o cio de êxtase

se espalhando por todo o seu ventre. Oh, nunca foi assim, nem mesmo com Ace Merrill, em

Castle Lake, há tantos anos. Ela sente vontade de gritar, mas a língua dele está enterrada

fundo na sua boca e a única coisa que consegue fazer é cravar as unhas nas costas do cetim

macio, mexendo os quadris para frente e para trás enquanto as trombetas trovejam My Way .

O sr. Gaunt sentava-se em uma das poltronas estofadas, observando Myra Evans com

distanciamento clínico enquanto as ondas do orgasmo a invadiam. Tremia como uma mulher

sob severo ataque de colapso nervoso, agarrada à fotografia de Elvis, olhos fechados, o peito

arfante, as pernas num movimento de contração, expansão, contração, expansão. O cabelo

tinha perdido os anéis feitos no cabeleireiro, e pendia agora como um elmo ao redor da cabeça.

Seu queixo duplo estava encharcado de suor, igual ao de Elvis ao dar aquelas piruetas pelo

palco em seus últimos concertos.

— Oooohh! — Myra gritou, tremendo como uma forminha de gelatina no centro de um

prato de sobremesa.—Ároooh! Ooooooooh, meu Deus!. Ooooooooooooh, *meu*

Deeeeeeeus! OOOOOHHHHH!

O sr. Gaunt torcia indiferente o vinco de suas calças entre o polegar e o indicador,

destruindo a marca forte feita pelo ferro; depois inclinou-se e tirou bruscamente a fotografia

das mãos de Myra. Os olhos dela, inundados de desapontamento, abriram- se de supetão.

Tentou agarrar a fotografia de volta, mas esta já se encontrava fora do seu alcance. Fez menção

de levantar-se.

— Sente-se — o sr. Gaunt disse.

Myra permaneceu onde estava, como se tivesse se transformado em estátua no ato de

levantar-se.

— Se quiser tornar a ver esta fotografia novamente, Myra, fique... sentada!

Ela sentou-se, olhando para ele em agonia estupefata. Largas manchas de transpiração

apareciam agora vindas de suas axilas e ao lado dos seios.

— Por favor — ela disse, grasnando a palavra de forma tão árida que pareceu uma lufada

de vento num deserto. Estendeu as mãos.

— Dê-me o seu preço — o sr. Gaunt disse.

Ela pensou. Seus olhos se reviravam no rosto suarento. Seu pomo-de-adão subia e descia.

— US$ 40.00! — ela gritou.

Ele riu e balançou a cabeça.

— US$ 50.00!

— Ridículo! Acho que você não deseja essa fotografia tanto assim, Myra.

— Eu quero! — Lágrimas pingavam do canto dos olhos. Escorriam pelo rosto, indo juntar-

se ao suor. — *Eu queeeero!*

— Está bem — ele disse. — Você a quer. Aceito o fato de que você a quer. Mas, você

precisa dela, Myra? Você realmente precisa dela?

— Sessenta! É tudo o que tenho! Até o último centavo!

— Myra, será que pensa que sou criança?

— Não —

— Acho que sim. Sou velho — muito mais velho do que você poderia imaginar. Venho

envelhecendo muito bem - mesmo que seja eu quem o diga — mas realmente penso que devo

parecer uma criança para você, uma criança que acredita que uma mulher que mora num

dúplex primeira locação a menos de três quadras de Block View tem apenas US$ 60.00 de seu.

— O senhor não compreende! Meu marido —

O sr. Gaunt levantou-se, ainda segurando a fotografia. O homem sorridente que se pusera

de lado para dar-lhe passagem já não estava na loja.

— Você não tinha hora marcada, tinha, Myra? Não. Mas eu a recebi por pura generosidade

do meu coração. Mas, agora, creio que devo convidá-la a se retirar.

— Setenta! Setenta dólares!

— Você insulta minha inteligência! Por favor, retire-se.

Myra caiu de joelhos à sua frente. Chorava, com soluços roucos de pânico. Agarrou-se às

pernas dele, contorcendo-se.

— Por favor! Por favor, sr. Gaunt! Eu preciso possuir aquela fotografia! Preciso! Ela... o

senhor não acreditaria no que ela faz!

O sr. Gaunt estudou a fotografia de Elvis e um momentâneo amuo de repugnância passou

por seu rosto.

— Não creio que quisesse saber — ele respondeu. — Parece extremamente... suada!

— Mas, se for mais de US$ 70.00, eu terei que dar um cheque. Chuck ficaria sabendo. Ia

querer saber onde foi que gastei. E, se eu lhe contasse, ele... ele...

— Isso — o sr. Gaunt disse — não é problema meu. Sou comerciante, não conselheiro

conjugal. — Olhava para ela a seus pés, dirigindo-se ao cocuruto de sua

cabeça suarenta. — Tenho certeza de que outra pessoa — a sra. Rusk, por exemplo — terá

meios de adquirir esta fotografia única do falecido sr. Presley.

À menção de Cora, Myra levantou rapidamente a cabeça. Os olhos estavam fundos,

pontinhos brilhantes em órbitas castanhas. Os dentes surgiam num rosnado. Naquele momento,

parecia completamente louca.

— O senhor a venderia *a ela?*

— Creio no livre comércio — disse o sr. Gaunt. — Foi o que tornou grande esta nação.

Gostaria muito se me soltasse, Myra. O suor de suas mãos está positivamente *jorrando*. Vou

ter que mandar minhas calças para lavagem a seco, e, mesmo assim, não sei se —

— US$ 80.00! US$ 80.00!

— Eu lhe venderei a fotografia por exatamente o dobro — o sr. Gaunt disse. — US$

160.00. — Sorriu, revelando os dentes grandes e tortos. — E, Myra — eu aceito um cheque

pessoal seu.

Ela soltou um urro de desespero.

— Não posso! Chuck me mataria!

— Talvez — respondeu o sr. Gaunt. — Mas você estaria morrendo por causa de uma

transa de amor ardente, não é mesmo?

— Cem — Myra choramingou, novamente agarrando suas pernas quando ele tentou

afastar-se. — Por favor, cem dólares!

— US$ 140.00 — Gaunt contra-ofereceu. — É o menor preço que aceitarei. Minha oferta

final.

— Está bem — Myra resfolegou. — Está bem, está tudo bem, eu vou pagar —

— E, é lógico, você vai me chupar. — Gaunt continuou, sorrindo para ela a seus pés.

Ela olhou para ele, os lábios formando um "o" perfeito. — O que disse? — ela

murmurou.

.

— Me *chupar*! — ele gritou para ela. — Fazer felácio! Abra essa sua boca maravilhosa

cheia de obturações e chupe o meu pinto!

— Oh, Deus meu! — Myra gemeu.

— Como quiser — disse o sr. Gaunt, começando a virar-se.

Ela o agarrou antes que ele pudesse afastar-se dela. Um momento mais tarde, suas mãos

trêmulas lutavam com a braguilha da calça dele.

Ele permitiu que ela continuasse por alguns momentos, o rosto com expressão divertida, e

depois afastou as mãos dela com palmadas.

— Esqueça — ele disse. — Sexo oral me dá amnésia.

— O que —

— Não se *preocupe*, Myra — Jogou-lhe a fotografia. Ela agitou as mãos na tentativa de

agarrá-la, conseguiu, e apertou-a contra o peito.

— Contudo, há uma outra coisinha.

— O que? — ela silvou.

— Você conhece o homem que toma conta do bar, no outro lado da Ponte da Lata?

Ela já ia balançar a cabeça, seus olhos novamente cheios de uma expressão de

alarme, quando entendeu a quem ele se referia.

— Henry Beaufort?

— É. Creio que ele também é o dono do estabelecimento, que se chama O Tigre Manso.

Um nome bastante interessante.

— Bem, eu não o *conheço*, mas sei quem ele *é*, creio. — Jamais pusera os pés no Tigre

Manso em toda a sua vida, mas sabia tão bem quanto todo mundo quem era o seu dono e quem

tomava conta do lugar.

— Sim. Ele próprio. Quero pregar uma peça no sr. Beaufort.

— Que... que espécie de peça?

Gaunt curvou-se de mão estendida, segurou uma das mãos dela, escorregadia de suor, e

ajudou-a a ficar de pé.

— Falaremos sobre isso — ele disse — enquanto você preenche o seu cheque, Myra. —

Sorriu, então; e todo o seu encanto inundou novamente o seu rosto. Seus olhos castanhos

dançavam e faiscavam.

— E, por falar nisso, quer que embrulhe sua fotografia para presente?

CAPÍTULO CINCO

1

ALAN DESLIZOU NO BANCO de um dos reservados da Nan's Lanchonete, em frente a

Polly, e logo notou que a dor ainda estava forte — forte o suficiente para que ela tomasse um

Percodan na parte da tarde, o que era raro. Soube disso antes mesmo que ela tivesse tempo de

abrir a boca — alguma coisa nos olhos dela. Uma espécie de fulgor. Ele aprendera a

reconhecer... mas não a gostar. Achava que nunca iria gostar. Perguntou-se, e já não era a

primeira vez, se ela já estaria viciada na droga. No caso de Polly, ele supunha que o vício era

apenas outro efeito colateral, algo a se esperar, observar-se, e então sublimar para o problema

maior — que era, na expressão mais simples, o fato de que ela vivia com uma dor que ele

provavelmente jamais chegaria .sequer a compreender.

Sua voz nada deixou transparecer.

— Como vão indo as coisas, minha linda?

Ela sorriu. — Bem, está sendo um dia muito interessante. Muuuuito interressssante, como

diria aquele personagem do programa *Laugh-In*.

— Você não tem idade para se lembrar desse programa.

— Mas, tenho sim. Alan, quem é aquela?

Ele virou-se na direção do seu olhar bem a tempo de ver uma mulher passar pela frente da

lanchonete, carregando um pacote quadrado aninhado nos braços. Os olhos estavam fixos

adiante, e um homem que vinha em sentido contrário teve que desviar-se dela à última hora a

fim de evitar uma colisão. Alan passou rapidamente em revista o imenso arquivo de nomes e

rostos que guardava na memória e trouxe o que Norris, que adorava o jargão policial, sem

dúvida chamaria de "informação incompleta".

— Evans. Mabel ou Mavis, ou qualquer coisa do gênero. O marido dela é Chuck Evans.

— Ela parece ter acabado de fumar um baseado da maconha colombiana das boas — Polly

disse. — Eu a invejo.

Nan Roberts, em pessoa, veio até a mesa atendê-los. Ela era um dos Soldados Batistas

Cristãos de William Rose, e hoje ostentava um pequeno *button* amarelo acima do selo

esquerdo. Era o terceiro que Alan vira naquela tarde, e fez uma estimativa de que iria ver um

número enorme deles nas próximas semanas. Mostrava um caça-níqueis no centro de um

círculo negro com uma linha diagonal vermelha cortando o círculo. Não havia palavras:

revelava perfeitamente a reação de quem o usava no que dizia respeito à Noite no Cassino.

Nan era uma mulher de meia-idade, de seios enormes, e um rosto meigo e bonito que trazia

mamãe e torta de maçã à memória. A torta de maçã na Nan’s Lanchonete era, como Alan e

seus oficiais sabiam muito bem, uma delícia também — especialmente com uma colher de

sorvete de baunilha se derretendo em cima dela. Era fácil tomar Nan pelo que aparentava ser;

no entanto, muitos homens de negócios — agentes Imobiliários, em sua maior parte —

arrependeram-se desse erro. Atrás do rosto meigo havia uma mente que trabalhava como um

computador, e embaixo do seio maternal havia uma pilha de livros contábeis no lugar do

coração. Nan era proprietária de um bom pedaço de Castle Rock, inclusive pelo menos cinco

dos edifícios comerciais na Rua Principal, e agora que Pop Merrill fora para os sete-palmos de

terra, Alan suspeitava que ela era, provavelmente, a pessoa mais rica da cidade.

Ela lhe lembrava a dona de um bordel que ele prendera, certa vez, em Utica. A mulher

tinha lhe oferecido uma propina, e, ao vê-la recusada, tinha tentado muito a sério esmigalhar

seus miolos com uma gaiola de passarinho. O inquilino, um papagaio que de vez em quando

repetia em voz lenta e pensativa “Eu fodi sua mamãe, Frank!”, ainda estava dentro da gaiola

naquela ocasião. Às vezes, quando Alan notava que a linha vertical na fronte de Nan Roberts,

entre os olhos, se aprofundava, ele tinha certeza de que ela seria perfeitamente capaz de fazer a

mesma coisa. E achava perfeitamente natural que Nan, que pouco mais fazia atualmente além

de sentar-se atrás da caixa registradora, viesse, ela própria, servir o xerife do município. Era o

toque pessoal, que tinha tamanho valor.

— Alô, Alan — ela disse. — Não o vejo há séculos! Por onde tem andado?

— Por aí — ele disse. — Tenho que me movimentar, Nan.

— Bem, mas não esqueça os velhos amigos enquanto se movimenta — ela disse, dirigindo-

lhe seu sorriso radioso e maternal. É necessário passar muito tempo perto de Nan, Alan

refletiu, até se perceber que muito raramente aquele sorriso chega-lhe ao olhar. — Venha nos

ver de vez em quando.

— Bem, olhai! Eis-me aqui! — disse Alan.

Nan soltou uma risada tão alta e gostosa que os homens no balcão — lenhadores, na sua

maior parte — viraram brevemente o pescoço. E mais tarde, Alan pensou, vão contar a seus

amigos que viram Nan Roberts e o xerife juntos, às gargalhadas. Os melhores amigos do

mundo!

— Café, Alan?

— Sim, por favor.

— E que tal um pedaço de torta para acompanhar? Feita em casa — com maçãs da

Plantação McSherry, lá de Sweden. Colhidas ontem. — Pelo menos, ela não tenta nos

convencer que foi ela mesma quem as colheu, Alan pensou.

— Não, obrigado.

— Certeza? E você, Polly?

Polly balançou a cabeça.

Nan foi apanhar o café.

— Você não gosta muito dela, não é? — Polly perguntou em voz baixa.

Ele considerou a pergunta, um pouco surpreso — simpatias e antipatias não lhe tinham

realmente passado pela cabeça.

— Nan? Tudo bem com ela. Só que eu gosto de saber quem as pessoas são

realmente, se eu

puder.

— E o que elas querem de verdade?

— Aí fica muito difícil — ele respondeu, rindo. — Eu me contento em saber o que elas

pretendem.

Ela sorriu — ele adorava fazê-la sorrir — e disse:

— Nós ainda vamos fazer de você um filósofo ianque, Alan Pangborn.

Ele tocou as costas de sua mão enluvada e retribuiu o sorriso.

Nan voltou com uma xícara de café preto numa caneca branca e imediatamente retirou-se.

Por uma coisa a gente tem de tirar o chapéu para ela, Alan pensou, ela reconhece quando as

amenidades foram cumpridas e a carne clama por satisfação. Não são muitos os que têm as

ambições e os interesses de Nan que aprenderam isto.

— Agora — Alan disse, sorvendo seu café — comece a contar a história deste seu dia

muito interessante.

Ela lhe contou mais detalhadamente de como ela e Rosalie Drake tinham visto Nettie Cobb

naquela manhã, da agonia de Nettie na frente de Coisas Necessárias, e de como tinha

finalmente arranjado coragem suficiente para entrar.

— Isso é maravilhoso — ele disse, e estava sendo sincero.

— Sim — mas não é tudo. Ao sair, ela tinha *comprado* alguma coisa! Jamais a vi tão

alegre e tão... animada como hoje. A palavra é essa, *animada*. Você sabe como ela é apagada

normalmente.

Alan assentiu.

— Bem, as faces estavam coradas e seu cabelo estava mais alinhado, e ela chegou a rir

algumas vezes.

— Tem certeza de que só trataram de negócios? — Alan perguntou, e revirou os olhos.

— Não seja bobo — falou, como se não tivesse sugerido exatamente a mesma coisa a

Rosalie Drake. — De qualquer forma, ela ficou esperando do lado de fora até você ir embora

— eu sabia que ela faria isso — e depois ela entrou e nos mostrou o que tinha comprado. Sabe

aquela coleçãozinha de peças de opalina que ela tem?

— Não. Existem ainda nesta cidade algumas coisas que escaparam à minha investigação.

Por incrível que pareça.

— Ela tem uma meia dúzia de peças. A maior parte ela herdou da mãe. Ela, certa vez, me

disse que eram em maior número, mas algumas se quebraram. De qualquer forma, ela adora as

poucas peças que tem, e ele lhe vendeu a cúpula de opalina mais linda que já havia visto em

muitos anos. À primeira vista pensei que fosse Tiffany. Claro que não era — não poderia ser.

Nettie jamais teria meios para comprar uma peça de Tiffany verdadeiro — mas, assim, mesmo,

era coisa muito boa.

— Quanto ela pagou?

— Não perguntei. Mas, eu aposto que qualquer pé-de-meia que ela guarde embaixo do

colchão está vazio hoje.

Ele franziu levemente o cenho.

— Tem certeza de que ela não foi enganada?

— Oh, Alan — você tem que desconfiar de todo mundo? Nettie pode ser um tanto vaga a

respeito de coisas, mas ela conhece opalina. Ela disse que foi uma pechincha, o que significa

que provavelmente foi mesmo. Ela ficou *tão* feliz.

— OK, ótimo. Compre o Seu Bilhete.

— Desculpe?

— O nome de uma loja em Utica — ele esclareceu. — Há muito tempo. Eu ainda era

menino. Compre o Seu Bilhete.

— E o seu Bilhete estava lá?

— Não sei. Nunca entrei.

— Pois, aparentemente — ela disse — o Sr. Gaunt acha que talvez tenha o meu.

— O que quer dizer?

— Nettie trouxe a minha caixa de bolo, e dentro havia um bilhete. Do Sr. Gaunt.
-

Empurrou a bolsa para ele. — Dê uma olhada — não aguento esses fechos hoje.

Por um instante, ele ignorou a bolsa. — Está muito ruim, Polly?

— Ruim — ela respondeu. — Já esteve pior, mas não vou mentir para você; nunca

esteve *muito* pior. A semana toda, desde que o tempo mudou.

— Você vai ver o dr. Van Allen?

Ela suspirou. — Ainda não. Deve melhorar a qualquer instante. Sempre que fica ruim

assim, melhora exatamente quando eu penso que vou enlouquecer de dor. Pelo menos, tem

sido assim. Acho que numa dessas crises, simplesmente a melhora não vai chegar. Se eu não

estiver melhor até segunda-feira, eu vou vê-lo. Mas, tudo o que ele pode fazer é passar receitas.

Eu não quero me viciar, se puder evitar, Alan.

— Mas —

— Chega — ela disse com suavidade. — Chega por enquanto, sim?

— Está bem — ele disse, um pouco contra a vontade.

— Dê uma olhada no recado. É muito simpático... e bonitinho.

Ele abriu o fecho da bolsa e viu um envelope fino em cima da carteira. Tirou-o da bolsa. O

papel tinha uma textura espessa, rica. No sobrescrito, em letra tão perfeitamente antiquada que

poderia ter saído de um diário vitoriano, estava escrito *sra. Polly Chalmers*.

— Essa escrita é conhecida como "gótica" — ela disse, divertida. — Acho que deixaram

de ensinar como escrever assim pouco depois da Idade dos Dinossauros.

De dentro do envelope, ele tirou uma única folha de papel timbrado com margem marcada.

No cabeçalho da folha estava impresso:

COISAS NECESSÁRIAS

Castle Rock, Maine

Leland Gaunt, proprietário

A letra não era tão enfeitada formalmente quanto a do sobrescrito no envelope, mas tanto a

letra quanto o próprio estilo de escrever guardavam um agradável quê de antiquado.

Querida Polly,

Muito obrigado novamente pelo delicioso bolo. É o meu favorito e estava delicioso!

Também gostaria de agradecer-lhe pela sua atenção e generosidade — acredito que você

entendesse como eu deveria estar nervoso no dia da inauguração, ainda mais em época fora de

estação.

Tenho uma peça, que ainda não consta do inventário mas que está chegando por frete

aéreo, que acredito que possa interessá-la muito. Não quero dizer mais; prefiro que a veja, você

mesma. Na verdade, não passa de uma quinquilharia, mas pensei nela quase no mesmo instante

em que você foi embora, e no curso desses anos todos dificilmente tenho errado em minhas

intuições. Espero que a peça esteja aqui por volta de sexta-feira ou sábado. Caso você possa,

não quer passar por aqui no domingo à tarde? Vou estar em casa o dia todo, catalogando meu

estoque, e ficaria encantado se pudesse mostrar-lhe a peça. Não quero me estender, por

enquanto. A peça falará, ou não, por si mesma. Pelo menos, permita-me retribuir a sua

gentileza com uma chávena de chá!

Espero que Nettie aproveite bem o abajur novo. Ela é uma senhora muito agradável e

pareceu gostar muito dele.

Sinceramente,

Leland Gaunt

— Misterioso! — Alan disse, dobrando a nota e recolocando-a no envelope,

guardando

este de volta dentro da bolsa. — Você vai tirar a limpo, como se diz na polícia?

— Com toda essa encenação — e depois de ver o abajur de Nettie — como poderia

recusar? Sim, acho que vou até lá... se minhas mãos estiverem melhor. Quer vir, Alan? Quem

sabe ele também tem alguma coisa para você.

— Talvez. Mas eu talvez fique com os Patriotas. Algum dia, eles vão ter que vencer.

— Você parece cansado, Alan. Círculos escuros sob os olhos.

— Foi um daqueles dias. Logo no princípio, por pouco não consegui evitar que o

presidente do Conselho e um dos meus oficiais se esmurrassem até correr sangue, no banheiro

dos menininhos.

Ela se inclinou, preocupada. — De que está falando?

Ele contou o arranca-rabo entre Keeton e Norris Ridgewick, terminando por comentar

como Keeton parecia esquisito — o uso da palavra perseguição ocorrendo-lhe em momentos

estranhos durante o decorrer do dia. Depois que se calou, Polly permaneceu em silêncio

durante muito tempo.

— E, então? — ele perguntou. — O que você acha?

— Eu estava pensando que ainda vão se passar muitos anos antes que você fique sabendo

tudo sobre Castle Rock que precisa saber. Isto, provavelmente, se aplica a mim também —

fiquei fora tempo demais, e não falo sobre onde estive ou o que aconteceu com o meu

"probleminha", e acho que muita gente na cidade não confia em mim. Mas você presta atenção

em detalhes, Alan, e você se lembra de detalhes. Você sabe o que me pareceu, quando voltei

para Castle Rock?

Ele balançou a cabeça, interessado. Polly não era mulher de ficar recordando o passado,

nem mesmo com ele.

— Foi como ligar a televisão numa novela que você parou de acompanhar há muito tempo.

Mesmo não tendo acompanhado por alguns anos, você imediatamente reconhece os

personagens e seus problemas, porque eles nunca mudam de verdade. E assistir uma novela

dessas e como descansar os pés num confortável par de chinelos velhos.

— Do que está falando?

— Que há muita história de novela das 8:00h por aqui que você ainda não pegou. Você

sabia que o tio de Danforth Keeton estava internado em Juniper Hill na mesma época em que

Nettie estava lá?

— Não.

Ela fez um meneio de cabeça.

— Aí pelos quarenta anos, ele começou a apresentar problemas mentais. Minha mãe dizia

que Bill Keeton era esquizofrênico. Não sei se é o termo certo ou simplesmente o que mamãe

ouvia com mais freqüência na televisão; no entanto, sem dúvida havia *algo de errado* com ele.

Lembro-me de tê-lo visto agarrando as pessoas na rua, para fazer o maior discurso sobre

qualquer assunto — o débito federal, John Kennedy era comunista, e não sei o que mais. Eu

era pequenina. E uma coisa eu sei — eu morria de medo.

— Claro que sim.

— Ou, de outras vezes, ele ia andando pela rua, cabisbaixo, falando sozinho num tom de

voz que era alto e abafado ao mesmo tempo. Minha mãe me recomendava que nunca falasse

com ele quando estivesse assim, nem mesmo se estivéssemos a caminho da igreja e ele

também. Afinal, ele tentou matar sua esposa a tiros. Ou foi isso que ouvi, mas você sabe como

os boatos ficam distorcidos com o passar do tempo. Talvez ele tenha apenas brandido a pistola

para ela. Seja o que for, foi o suficiente para carregarem-no para a cadeia municipal. Houve

uma audiência em que se discutiu a competência do tribunal, e quando acabou,

puseram-no em

Juniper Hill.

— Ele ainda está lá?

— Já morreu. Seu estado mental degenerou-se rapidamente, depois que foi internado no

hospício. Quando finalmente se foi, estava catatônico. Pelo menos, foi o que ouvi.

— Meu Jesus!

— Mas, isto não é tudo. Ronnie Keeton, pai de Danforth e irmão de Bill Keeton, passou

quatro anos na ala dos doentes mentais do Hospital dos Veteranos do Exército em Togus, em

meados da década de 70. Está num asilo, agora. E ainda havia uma tia-avó ou prima — não sei

bem — que se matou lá pelos anos '50, depois de um escândalo qualquer. Não sei ao certo o

que foi, mas ouvi alguém falar, certa vez, que gostava um pouquinho mais das mulheres do

que dos homens.

— É hereditário, é isso que está tentando dizer?

— Não — ela respondeu. — A história não tem tema nem moral. É que sei um pouco da

história da cidade que você não sabe — o tipo de história que não é repetido no discurso de 4

de julho na pracinha. Estou apenas repetindo. Tirar conclusões é trabalho da polícia.

Ela falou de modo tão empertigado que Alan riu um pouquinho — mas, sentiu um certo

desconforto, mesmo assim. *Será* que insanidade era mal de família? Ele aprendera nas aulas de

psicologia do 29 grau que essa idéia não passava de conversa de comadres. Anos depois, na

Academia de Polícia de Albany, um conferencista dissera que era verdade, ou, pelo menos,

poderia ser em certos casos: que algumas doenças mentais podem ser traçadas através de

árvores genealógicas com tanta nitidez quanto traços fisionômicos, como olhos azuis e

flexibilidade das juntas. Um dos exemplos que tinha usado era o alcoolismo. Teria ele

mencionado também a esquizofrenia? Alan não se lembrava. Seus dias de Academia já iam

longe demais.

— Creio que preciso começar a investigar a respeito de Buster — Alan disse pesadamente.

— Confesso, Polly, que a idéia de que o presidente do Conselho Municipal de Castle Rock

pode estar se transformando numa granada humana não é exatamente a melhor notícia do dia.

— Claro que não. E, provavelmente, não se trata disso. Apenas pensei que você deveria

saber. As pessoas por aqui vão responder a perguntas... se você souber que perguntas fazer. Se

não souber, vão todos ficar muito alegres apreciando você andar em círculos aos tropeções,

sem que eles digam uma única palavra.

Alan sorriu. Era a pura verdade.

— Mas, você ainda não ouviu tudo, Polly — depois que Buster foi embora, recebi a visita

do reverendo Willie. Ele —

— Shhhh! — Polly disse, tão nervosa que Alan caiu num silêncio atônito. Ela olhou ao

redor, pareceu decidir que ninguém estava escutando sua conversa às escondidas, e virou-se

novamente para Alan.

— Às vezes, perco as esperanças a seu respeito, Alan. Se não aprender um pouco de

discrição, vai acabar sendo derrotado nas urnas daqui a dois anos... e lá vai estar você, com um

sorriso largo e perplexo cobrindo seu rosto e dizendo “Que que houve?" Você precisa aprender

a ter muito cuidado. Se Danforth Keeton é uma granada humana, o outro é um lançador de

mísseis.

Ele aproximou-se dela e disse:

— Ele não é um lançador de mísseis. É um sujeitinho pomposo e puritano que se julga

dono da verdade, *isso* é que ele é!

— Uma Noite no Cassino?

Ele fez que sim com um gesto de cabeça.

Ela pousou sua mão sobre a dele.

— Pobre menino! E quem vê de fora, pensa que é uma cidadezinha tão modorrenta, não é

mesmo?

— Normalmente é.

— E ele foi embora furioso?

— Ah, sim — Alan disse. — Foi minha segunda conversa com o reverendo sobre a

legalidade da Noite no Cassino. Espero ter muitas outras antes que os católicos finalmente

realizem a droga da festa e esteja tudo acabado.

— Ele é um sujeitinho pomposo e puritano, não é? — ela perguntou, em voz ainda mais

baixa. Estava de fisionomia séria, mas seus olhos falseavam.

— É, sim. E agora tem a história dos *buttons*. Mais um motivo.

— *Buttons*?

— Caça-níqueis com linhas atravessadas ao invés de rostos sorridentes. Nan está usando

um. Pergunto-me de quem terá sido essa idéia.

— Provavelmente de Don Hemphill. Ele não apenas é um batista devoto, mas também

pertence ao Comitê Estadual Republicano. Don conhece duas ou três coisas a

respeito de

campanhas políticas, mas aposto que está descobrindo que é muito mais difícil fazer alguém

mudar de opinião quando se trata de religião. — Acariciou as mãos dele.

— Vá devagar, Alan. Seja paciente. Espere. Nisso se resume a vida em Castle Rock — ir

devagar, ser paciente, esperar que o fedor ocasional atinja o ventilador. Sim?

Ele sorriu para ela, virou as palmas das mãos para cima e segurou as dela... mas

suavemente. Oh, tão suavemente.

— Sim — ele disse. — Quer companhia esta noite, minha linda?

— Oh, Alan, não sei —

— Sem tapas nem beijos — ele prometeu. — Acenderei um bom fogo na lareira, nos

sentaremos defronte a ela, e você pode tirar mais alguns corpos do armário de Castle Rock, só

para me divertir.

Polly sorriu embaraçada.

— Acho que você já viu todos os que conheço, nestes últimos seis ou sete meses, Alan,

inclusive o meu. Mas, caso pretenda prosseguir seus estudos sobre Castle Rock, sugiro que

tente fazer amizade com Lenny Partridge... ou com ela. — Fez um gesto de cabeça na direção

de Nan, e depois abaixou a voz um pouquinho. — A diferença entre Lenny e Nan — ela disse

— é que Lenny se contenta em saber das coisas. Nan Roberts gosta de fazer uso das coisas que

sabe.

— Daí que...?

— Daí que aquela senhora não pagou o preço justo de mercado por todas as propriedades

que possui.

Alan a fitou pensativo. Jamais tinha visto Polly num estado de espírito tal — introspectiva,

falante, e deprimida, tudo ao mesmo tempo. Pela primeira vez, desde que se tornara amigo de

Polly, e depois seu amante, ele se perguntou se estava ouvindo Polly Chalmers... ou as drogas.

— Acho que esta é uma noite apropriada para ficar de longe — ela disse com repentina

decisão. — Não sou boa companhia quando sinto o que estou sentindo agora. Posso ler em seu

rosto.

— Polly, não é verdade.

— Vou para casa e tomar um banho quente e prolongado. Não vou mais tomar café. Vou

tirar o telefone da tomada, vou cedo para a cama, e pode ser que ao acordar amanhã eu esteja

me sentindo uma nova mulher. Então, talvez nós dois... você sabe. Poucos tapas e muitos

beijos.

— Estou preocupado com você — ele disse.

As mãos dela se agitaram levemente, suavemente, entre as dele.

— Eu sei. Não vai adiantar coisa alguma, mas agradeço do mesmo jeito, Alan. Mais do que

imagina.

2

Hugh Priest diminuiu a marcha ao passar pelo Tigre Manso, indo do *motor pool* para

casa... e depois aumentou a velocidade novamente. Chegando em casa, deixou o Buick no

abrigo do carro e entrou.

Sua casa tinha dois cômodos: ele dormia num deles, e todas as outras atividades eram feitas

no outro. Uma mesa lascada, de fórmica, cheia de recipientes de comida congelada (pontas de

cigarro amassadas no molho congelado da maioria dos recipientes) ficava bem no centro desse

ultimo cômodo. Ele foi até o armário embutido, que estava aberto, ficou na ponta dos pés, e

passou a mão pela prateleira mais alta. Por instantes, julgou que a cauda de raposa tinha

desaparecido, que alguém tivesse entrado sorrateiramente para roubá-la, e o pânico incendiou a

onda de calor que invadia suas entranhas. Então, sua mão encontrou a maciez sedosa da cauda,

e ele soltou o fôlego num longo suspiro.

Passara aquele dia com o pensamento na cauda de raposa, imaginando como a prenderia na

antena do Buick, e que tal ela ficaria, tremulando alegremente na ponta. Ele quase a prendera

naquela manhã mesmo, mas como ainda chovia de não gostou da idéia da umidade fazendo

com que a cauda ficasse parecendo uma corda peluda, caindo da antena como uma carcaça.

Levou-a, agora, para fora, distraidamente chutando uma lata de suco vazia que estava no seu

caminho, acariciando a preciosa pele por entre os dedos. Meu Deus, que sensação deliciosa!

Entrou na garagem (que estava tão abarrotada de despejos que desde os idos de 1984 seu

carro já não cabia lá dentro) e, depois de alguma procura, encontrou um pedaço de arame

resistente. Tinha tomado uma decisão: primeiro, prenderia a cauda de raposa na antena, depois

comeria o seu jantar, e finalmente iria de carro até Greenspark. Os A.A. faziam suas reuniões

no Salão da Legião Americana de Greenspark, às 7:00h da noite. Talvez *fosse* tarde demais

para começar uma nova vida... mas não era tarde demais para descobrir, com certeza, se era ou

não.

Deu um nozinho de forca no arame e o apertou ao redor do lado mais grosso da cauda de

raposa. Começou a enrolar a outra extremidade do arame ao redor da antena, mas seus dedos,

que a princípio se moviam com rápida segurança, começaram agora a se tornar lentos. Sentiu

que sua confiança se esvaia, e o vazio que deixava ia sendo preenchido por sentimentos de

dúvida.

Viu-se a si mesmo manobrando o carro no estacionamento da Legião Americana, e *até* aí

tudo bem. Viu-se a si mesmo entrando no local da reunião, e até aí tudo bem, também. Mas,

então, ele viu um menininho, como aquele idiotinha que tinha atravessado na frente do

caminhão naquele outro dia, passando pelo Salão da Legião enquanto ele estava lá dentro

informando que seu nome era Hugh P. e que não tinha forças para vencer o álcool. Algo atrai a

atenção do garoto — um fulgor alaranjado na luz branco-azulada lançada pelos postes de

iluminação a mercúrio que iluminam o estacionamento. O garoto chega perto do Buick e

examina a cauda de raposa... primeiro dá-lhe um leve toque, e depois passa a mão por ela. Olha

ao redor, não vê vivalma, e arranca a cauda de raposa, arrebentando o arame. Hugh visualizava

o menino indo até o fliperama e se gabando aos amigos: *"Hei, vejam o que eu arranjei no*

estacionamento da Legião. Bacana, hein?"

Hugh sentiu uma onda de raiva frustrada aninhar-se em seu peito, como se isto não fosse

mera imaginação mas um fato já ocorrido. Acariciou a cauda de raposa, depois correu os olhos

ao redor, na crescente penumbra das 5:00h da tarde, como se esperasse ver um grupo de

pivetes já se reunindo na outra extremidade da Alameda Castle Hill, esperando apenas que ele

entrasse em casa e enfiasse dois pratos de comida congelada no forno, para irem furtar sua

cauda de raposa.

Não. Era melhor não ir. A criançada não tinha o menor respeito hoje em dia. Furtavam de

tudo, apenas pelo prazer de furtar. Guardavam o que fosse por um dia ou dois, depois perdiam

o interesse e jogavam o objeto do furto numa vala ou num terreno baldio. O quadro — e era

um quadro muito nítido, quase uma visão — daquela linda cauda de raposa abandonada numa

sarjeta suja, ficando encharcada de chuva, perdendo sua cor entre as embalagens de Big Mac e

latas de cerveja jogadas fora, deixaram Hugh com uma sensação de furiosa agonia.

Seria *loucura* correr tamanho risco.

Desenrolou o arame que prendia a cauda à antena, levou a cauda de volta para

casa, e

tornou a guardá-la na prateleira alta do armário embutido. Desta vez, cerrou a porta do

armário, mas a lingüeta não fechava bem.

Tenho que arranjar uma fechadura para o armário, pensou. A garotada invade todos os

lugares. Já não há respeito pela autoridade hoje em dia. Nenhum respeito.

Foi até a geladeira, apanhou uma lata de cerveja, contemplou-a por um momento, e

devolveu-a. Uma cerveja — mesmo quatro ou cinco — não seria suficiente para restaurar-lhe o

equilíbrio. Não no seu estado de espírito esta noite. Abriu um dos outros armários, tateou a

miscelânea de potes e caçarolas adquiridos em compras de bazar, e acabou encontrando a

garrafa meio cheia de Black Velvet que guardava para as ocasiões de emergência. Encheu um

copo, de geléia até a marca do meio, considerou por um momento, e depois encheu até a boca

do copo. Tomou um ou dois goles, sentiu o calor explodir na barriga, e tornou a encher o copo.

Começou a sentir-se um pouco melhor, um pouco mais relaxado. Olhou na direção do armário

embutido e sorriu. Lá dentro, estava bem guardada, e ficaria ainda mais segura depois que

comprasse um bom cadeado Kreig, bem forte, na Western Auto e o instalasse.

Segura. Era

bom ter alguma coisa que você queria e precisava de verdade, mas era melhor ainda quando

essa coisa estava bem guardada. Essa era a melhor parte.

Então, o sorriso tornou-se levemente esmaecido.

Foi para isso que a comprou? Para guardá-la numa prateleira alta, atrás de uma porta

trancada?

Tornou a beber, devagar. Está bem, pensou, Talvez não seja tão bom assim. Mas é melhor

do que perdê-la para um garoto qualquer que tenha a mão leve.

— Afinal de contas — ele disse em voz alta — não estamos mais em 1955. São tempos

modernos.

Meneou a cabeça enfaticamente. Ainda assim, o pensamento permaneceu. De que valia a

cauda de raposa trancada lá dentro? De que valia, para ele ou para qualquer outra pessoa?

Contudo, duas ou três doses deram cabo do problema. Duas ou três doses fizeram com que

a decisão mais racional, mais razoável do mundo fosse colocar a cauda de raposa de volta.

Decidiu deixar o jantar para depois; e uma decisão tão sensata merecia ser comemorada com

mais uma ou duas doses.

Tornou a encher o copo, sentou-se em uma das cadeiras da cozinha, com pernas de aço

tubular, e acendeu um cigarro. E enquanto ia bebendo e fumando, lá sentado, e batendo anéis

de cinza em um dos pratos de comida congelada, esqueceu-se da cauda de raposa e pôs-se a

pensar em Nettie Cobb. Nettie Maluca. Ele ia pregar uma peça na Nettie Maluca. Talvez na

semana que vem, talvez na outra semana... mas esta semana era o mais provável. O Sr. Gaunt

tinha mencionado que não gostava de perder tempo, e Hugh estava disposto a acreditar nele.

Esperava com ansiedade.

Quebraria a monotonia.

Bebeu, fumou, e quando finalmente apagou no catre estreito, de lençóis imundos, no outro

cômodo, às 15 para 10 horas, um sorriso pairava em seu rosto.

3

O turno de serviço de Wilma Jerzyck no Mercado Hemphill terminava quando a loja

fechava às 7:00h. Entrou com o carro para o seu próprio abrigo às 7:15h. Luz suave filtrava-se

pelas cortinas fechadas da janela da sala de estar. Entrou e farejou. Sentiu o cheiro de macarrão

e queijo. Bom... pelo menos, até agora.

Pete estava esparramado nó sofá, sem sapatos, vendo *A Roda da Fortuna*. Tinha

o

jornal *Press-Herald* de Portland no colo.

— Li o seu recado — ele disse, endireitando-se rapidamente e pondo o jornal de lado. —

Botei a caçarola no fogo. Vai estar pronto às 7:30h. — Fitou-a com seus olhos castanhos,

sérios e ligeiramente ansiosos. Como um cão que tivesse uma forte compulsão de agradar, Pete

Jerzyck tinha sido adestrado nos afazeres domésticos desde cedo e muito bem. Tinha lapsos

ocasionais, mas já fazia um bom tempo desde a última vez em que ela chegara em casa para

encontrá-lo deitado no sofá, ainda calçado, e mais tempo ainda desde que se atrevera a acender

seu cachimbo dentro de casa, e só no dia de São Nunca é que ele iria ao banheiro sem se

lembrar de botar a tampa de volta quando tivesse acabado.

— Recolheu a roupa lavada?

Uma expressão, mista de culpa e surpresa, nublou seu rosto aberto e redondo. — Meu

Jesus! comecei a ler o jornal e me esqueci. Já estou indo, neste minuto! — E já se pusera a

calçar os sapatos.

— Não tem importância — ela disse, dirigindo-se para a cozinha.

— Wilma, eu vou recolher!

— Não se incomode — ela respondeu, melosa. — Eu não ia querer que você abandonasse

seu jornal ou Vanna White só porque fiquei de pé atrás de uma caixa registradora durante as

últimas seis horas. Fique sentado aí, Peter. Divirta-se.

Não era necessário olhar e verificar a reação dele; depois de sete anos de casamento, ela

honestamente acreditava que Peter Michael Jerzyck já não conseguiria surpreendê-la. A

expressão seria uma mistura de mágoa e frágil perplexidade. Ficaria de pé ainda por alguns

minutos depois que ela saísse, parecendo um homem que saísse da privada sem se lembrar ao

certo se tinha ou não se limpado, e depois se ocuparia arrumando a mesa e servindo o jantar.

Faria uma porção de perguntas a respeito do turno no mercado, ouvindo atentamente as

respostas dela, e sem interromper sequer uma vez para relatar seu dia na Williams-Brown, a

grande corretora imobiliária em Oxford, onde trabalhava. O que era excelente para Wilma, que

achava o ramo imobiliário o assunto mais chato do mundo. Depois do jantar, ele tiraria a mesa

sem que fosse necessário pedir-lhe, e *ela* leria o jornal. Todas essas tarefas seriam executadas

por ele porque tinha esquecido um servicinho sem importância. Ela não se incomodava de

recolher a roupa lavada — na verdade, *gostava* da textura e do odor das roupas depois de um

dia alegre secando ao sol — mas não tinha a mínima intenção de deixar que Pete ficasse

sabendo. Era um segredinho só seu.

Tinha muitos segredinhos semelhantes, e os guardava a todos pela mesma única razão: na

guerra, aproveita-se cada vantagem. Havia noite em que chegava em casa para uma hora, ou

até duas, de escaramuças até conseguir a rendição total de Pete, substituindo os pinos brancos

que o representavam no mapa bélico pelos seus próprios pinos vermelhos. Esta noite, a refrega

tinha sido ganha em menos de dois minutos contados a partir do momento em que transpusera

o limiar da porta, e para ela estava ótimo.

No fundo do coração, tinha a crença de que o casamento era uma aventura de agressão

constante, e em campanha tão longa, na qual, em última análise, não se faziam prisioneiros,

nem se dava quartel, nem se deixava que qualquer trilha da paisagem marital escapasse ao

fogo, vitórias laceis como a de hoje poderiam até perder o sabor eventualmente. Mas, tal dia

ainda não chegara, e, assim, ela saiu para os varais com a cesta embaixo do braço esquerdo e

de coração leve sob a larga curva do peito.

Estava no meio do quintal antes de parar, confusa. Onde, diabos, estavam os lençóis?

Deveria tê-los visto logo, grandes manchas retangulares e alvas, flutuando no escuro, mas

não estavam lá. Teriam sido levados pelo vento? Ridículo! Tinha soprado uma brisa de tarde,

mas não uma *ventania*. Teriam sido furtados?

Nesse instante, uma lufada soprou, e ela ouviu o som surdo e preguiçoso de velas ao vento.

OK, eles estavam por ali... *em algum lugar*. Quando se é a primogênita de uma prole de 13

filhos num clã católico em expansão, é muito fácil reconhecer o ruído de um lençol no varal

batido pelo vento. Mas, ainda assim, não soava direito, aquele som. Era pesado demais.

Wilma adiantou-se mais um passo. Sua fisionomia, que tinha sempre a expressão

levemente velada de uma mulher que espera aborrecimentos, tornou-se mais sombria. Ha agora

distinguia os lençóis... ou as formas que deveriam ser os lençóis. Mas estavam escuras.

Deu mais um passo, menor, à frente e, novamente, a brisa varreu o quintal. Desta vez,

aquelas formas flutuaram na sua direção, enfunando-se, e antes que pudesse levantar a mão,

uma coisa pesada e pegajosa a atingiu. Uma coisa viscosa espirrou por seu rosto;

uma coisa

grossa e molhada bateu contra ela. Quase como se uma mão fria e grudenta estivesse tentando

agarrá-la.

Ela não era mulher de gritar, fácil ou freqüentemente, mas gritou agora, deixando cair a

cesta de roupa. O ruído preguiçoso de velas ao vento chegou-lhe novamente e ela tentou

esquivar-se da forma que se agigantava à sua frente. Bateu com o tornozelo esquerdo na cesta

de vime, dobrou um dos joelhos, não estirando no chão por muito pouco, graças apenas a uma

combinação de sorte e reflexos rápidos.

Um coisa encharcada e pesada passou-lhe pelas costas; umidade espessa escorreu-lhe pelos

lados da nuca. Wilma tornou a gritar e se arrastou, de quatro, para longe dos varais. Algumas

mechas de cabelo escaparam do lenço e soltaram-se sobre suas faces, fazendo cócegas... da

detestava aquela sensação... mas detestava ainda mais a carícia úmida e visguenta da forma

escura pendurada na sua corda de roupa.

A porta da cozinha abriu-se com estrondo, e a voz alarmada de Pete atravessou o quintal.

—

— Wilma, Wilma, você está bem?

O som de velas ao vento às suas costas — um som maligno, como uma risada vibrada de

cordas vocais entupidas de Sujeira. No quintal vizinho, aquele cão estúpido dos Haverhills

desandou a latir numa voz horrível e esganiçada — *au! au! au!* — o que não ajudou em nada a

melhorar o estado de ânimo de Wilma.

Pôs-se de pé e viu Pete descendo com cuidado a escadinha dos fundos.

— Wilma? Você caiu? Você está bem?

— Claro! — ela berrou, furiosa. — Sim, eu caí! Sim, estou bem! Acenda a droga da luz!

— Você se machu —

— *Acenda a droga da LUZ!* — ela gritou para ele, passando a mão pela frente do casaco. A

mão se encheu de algo frio e pegajoso. A esta altura já estava tão furiosa que via sua própria

pulsação na forma de diminutos pontos luminosos dançando diante de seus olhos... e mais

furiosa ainda consigo mesma, por ter sentido medo. Ainda que fosse por um único segundo,

Au! Au! Au!

A droga do vira-lata no quintal ao lado estava frenético. Cristo! ela odiava cães,

principalmente os barulhentos.

O vulto de Pete retrocedeu para o alto da escadinha. Abriu a porta, enfiou a mão sinuosa

para dentro, e então a luz se acendeu, inundando o quintal com clara luminosidade.

Wilma olhou-se de alto a baixo e viu uma larga faixa marrom-escura cortando a frente do

seu novo mantô de outono. Esfregou o rosto com violência, estendeu a mão e viu que também

tinha .ficado marrom. Sentia agora um corrimento lento e espesso descendo pelo meio das

costas.

— Lama! — ficou estupefata de incredulidade — tanto assim que sequer se deu conta de

que falara em voz alta. Quem poderia ter feito isto com ela? Quem se *atreveria* a fazer isto

com ela?

— O que disse, querida? — Pete indagou. Estava se aproximando dela; mas parou, a uma

distância prudente. O rosto de Wilma passava por uma transformação que Pete achava

extremamente alarmante — como se uma ninhada de serpentes acabasse de sair do ovo bem

abaixo de sua pele.

— *Lama*! — ela berrou, estendendo as mãos na direção dele... *contra* ele. Grânulos escuros

soltaram-se de suas unhas.

— *Lama, eu disse! Lama!*

Pete olhou para além dela, e finalmente compreendeu. Ficou boquiaberto. Wilma

girou nos

calcanhares, seguindo o olhar de Pete. A lâmpada instalada acima da porta da cozinha

iluminava os varais de roupa e a horta com nitidez impiedosa, revelando tudo o que havia para

ser revelado. Os lençóis, que ela havia pendurado imaculadamente limpos, pendiam agora de

seus prendedores, em grumos úmidos e desamparados. Não estavam simplesmente sujos —

estavam cobertos, *emplastrados* de lama.

Wilma olhou para a horta e notou os buracos deixados onde a terra molhada tinha sido

retirada. Notou a trilha feita pelo ir e vir de quem fizera aquilo, primeiro enchendo as mãos de

lama, depois andando até os varais, depois jogando a lama, depois voltando à horta para a

recarga.

— Meu *Deus* do céu! — ela gritou.

— Wilma... venha para dentro, querida, e eu... — Pete procurou o que dizer, e então

pareceu aliviado quando uma idéia lhe ocorreu. — Eu preparo um chá para nós dois.

— *Foda-se o chá!* — Wilma urrou na nota mais alta, no agudo mais agudo que sua

extensão vocal alcançava, e, na casa vizinha o vira-lata dos Haverhills piorava as coisas — *au-*

au-au — oh, meu Deus, ela odiava cães, e ia acabar ficando louca com aquele doido, fodido,

barulhento... *cão*!

Sua raiva transbordou, e ela avançou para os lençóis, agarrando-os, começando a puxá-los

para baixo. Seus dedos alcançaram a corda do primeiro varal, que quebrou-se secamente como

uma corda de violão. Os lençóis pendurados caíram formando um amontoado compacto e

encharcado. De punhos cerrados, e olhos apertados como uma criança num acesso de birra,

Wilma deu apenas um pulo, largo e parecido com o de um sapo, aterrissando sobre um dos

lençóis, que fez um som de “puuuuf" e se enfunou pelos lados espirrando grânulos de lama em

suas meias de náilon. Foi a gota d’água. Ela abriu a boca e soltou sua fúria num guincho

esganiçado. Ah, ela encontraria o culpado. Sssssim, senhor. Pode crer! E quando o encontrasse

—

— Está tudo bem aí, Sra. Jerzyck? — Era a voz da Sra. Haverhill, trêmula de susto.

— *Sim, droga, estamos bem, tomando cerveja e assistindo Lawrence Weik, e será que a*

senhora não consegue fazer esse vira-lata infernal calar a boca? — Wilma gritou.

Ela se afastou do lençol enlameado, ofegante, os cabelos caindo ao redor do rosto

congestionado. Ela os afastou com violência. Aquele cachorro infernal ia levá-la à loucura.

Cachorro fodido e barulhento. Cach —

Foi quase audível o clique com que seus pensamentos se paralisaram.

Cachorros.

Cachorros fodidos e barulhentos.

Quem é que morava quase ali na esquina, na Rua Ford?

Correção: que mulher maluca que tinha um cachorro fodido e barulhento chamado Raider

morava quase ali na esquina?

Ora, Nettie Cobb, é lógico.

Aquele cão não tinha parado de latir a primavera inteira, aqueles latidos finos de filhote

que realmente atacam seus nervos, e, finalmente, Wilma telefonou para Nettie e disse que se

esta não conseguia fazer seu cão ficar em silêncio, era melhor livrar-se dele. Uma semana mais

tarde, sem que qualquer providência tivesse sido tomada (nenhuma, pelo menos, que Wilma

estivesse disposta a admitir), Wilma tornou a telefonar e disse que se Nettie não sabia como

manter seu cão de boca fechada, ela, Wilma, chamaria a polícia. E na noite seguinte, quando o

maldito cachorro tinha começado a latir e a ganir novamente, foi o que ela fez.

Uma semana mais ou menos depois *disso*, Nettie tinha aparecido no mercado (Nettie, ao

contrário de Wilma, parecia ser do tipo que tem que revolver as coisas na cabeça durante

algum tempo — até meditar sobre elas — antes de tomar uma atitude). Ficou na fila da caixa

de Wilma, embora não tivesse comprado coisa alguma. Ao chegar sua vez, ela dissera numa

vozinha abafada e esganiçada:

— Pare de criar confusão para mim e o meu Raider, Wilma Jerzyck. Ele é um cachorrinho

muito bonzinho e é melhor você parar de criar confusão.

Wilma, sempre pronta para uma briga, não se dera nem um pouco por achada ao ver-se

assim confrontada em seu trabalho. A bem da verdade, até gostou muito.

— Minha senhora, a senhora não tem idéia do que é confusão. Mas, se não conseguir

manter seu cachorro calado, vai aprender.

A Cobb tinha ficado branca como cera, mas empertigou-se, apertando a bolsa com tanta

força que os tendões dos antebraços esguios saltaram, desde os pulsos até os cotovelos. E

disse:

— Estou avisando — e saiu apressada.

— Ha, ha! estou me borrando de medo! — Wilma ainda bravateou às suas costas (o gosto

da guerra sempre a deixava de bom humor), mas Nettie não se voltou — apenas seguiu seu

caminho ainda mais apressada.

Depois disso, o cãozinho se aquietara. O fato deixou Wilma bastante desapontada, porque a

primavera tinha sido muito sem graça. Pete não dava mostras de rebelião, e Wilma vinha

sentindo aquele tédio de fim de inverno que nem o verde novo das árvores nem a grama

conseguiam atingir. O que ela realmente precisava para dar um pouco de cor e sabor à vida era

um bom entrevero. Por um pouco, parecera que a maluca da Nettie representava a resposta às

sua preces, mas com o cachorro aprendendo a ser bem-educado parecia à Wilma que teria que

procurar diversão em outras paragens.

Então, em certa noite de maio, o cachorro tornara a latir. O vira-lata mal tinha começado,

mas Wilma correu para o telefone e discou para Nettie, de qualquer forma — ela havia anotado

o número no seu caderninho para o caso de surgir uma oportunidade.

Sem perder tempo com amenidades foi direto ao ponto.

— Aqui quem fala é Wilma Jerzyck, minha cara. Telefonei para dizer que se você não

conseguir calar esse cachorro, eu o farei!

— Ele já parou — Nettie tinha gritado. — Trouxe ele para dentro de casa assim que

cheguei e ouvi que estava latindo! É melhor você deixar eu e o Raider em paz! Já preveni! Se

você insistir, vai se arrepender!

— Simplesmente, lembre-se do que eu disse — Wilma respondeu. — Já chega! Da

próxima vez que ele soltar esses latidos, não vou me dar ao trabalho de chamar a polícia. Eu

mesma vou até aí e coito a garganta dele!

Desligou antes que Nettie pudesse responder. A regra cardeal que governa os confrontos

com as forças inimigas (parentes, vizinhos, cônjuges) era que o agressor deve sempre ter a

última palavra.

Desde então, o cão não abrira o bico. Quer dizer, talvez tivesse aberto, mas se assim fosse,

Wilma não tinha percebido. Nunca tinha sido ruim demais, não *realmente,* e, além disso,

Wilma tinha inaugurado uma refrega mais produtiva com a dona do salão de beleza em Castle

View. Nettie e Raider estavam quase esquecidos.

Mas, talvez, Nettie não a tivesse esquecido. Wilma topara com Nettie ainda na véspera, na

nova loja. E se olhar matasse, Wilma pensou, eu teria caído dura bem ali no chão

da loja.

E, agora, ali de pé ao lado de seus lençóis imundos, arruinados, Wilma recordou o olhar de

temor e desafio que se refletira no rosto daquela cadela louca, o modo como seu lábio tinha se

arreganhado, mostrando os dentes por um instante. Wilma conhecia muito bem a expressão do

ódio, e ódio fora o que tinha visto no rosto de Nettie Cobb ontem.

Eu avisei... Você vai se arrepender.

— Wilma, venha para dentro — Pete disse. Pousou a mão hesitante no ombro dela.

Wilma desvencilhou-se num movimento rápido.

— Deixe-me em paz!

Pete deu um passo à retaguarda. Tinha a expressão de quem gostaria de torcer as mãos mas

não se atrevia.

Talvez ela também tivesse se esquecido, Wilma pensou. Até que me viu ontem naquela loja

nova. Ou, quem sabe, ela já vinha planejando alguma coisa

(eu avisei)

há muito tempo naquela cabeça meio tonta, e quando me viu resolveu agir.

De qualquer modo, nos últimos minutos tinha adquirido a certeza de que Nettie era a

culpada — com quem mais teria terçado olhares nestes últimos dias que pudesse nutrir uma

desavença? Havia mais gente na cidade que não gostava dela, mas esta espécie de maldade —

esta maldade covarde e sorrateira — combinava com o jeito que Nettie a fitara na véspera.

Aquela expressão, mista de temor

(você vai se arrepender)

e ódio. A própria Nettie tinha parecido um cachorrinho, com coragem suficiente para

morder apenas quando a vítima está de costas.

É, tinha sido Nettie Cobb, sem dúvida. Quanto mais pensava no assunto, mais certa Wilma

ficava. E a ação era imperdoável. Não porque os lençóis tivessem ficado arruinados. Não

porque fosse uma covardia. Nem mesmo porque fosse a ação de alguém que não regulava bem

da cabeça.

Era imperdoável porque fizera Wilma sentir medo.

Apenas por um segundo, é verdade, aquele segundo em que aquela coisa escura e viscosa

tinha saído da escuridão para atingir seu rosto, numa carícia gelada como a mão de um

monstro qualquer... mas, mesmo assim, aquele único segundo de medo, era um segundo

demais.

— Wilma? — Pete indagou quando Wilma voltou o rosto achatado para ele. Ele não

gostou da expressão que a luz da varanda revelava, se resumindo em planos brancos e negros,

com sombras encovadas. Ele não gostou daquele olhar parado.

— Doçura, você está bem?

Ela passou por ele, sem tomar conhecimento de sua existência. Pete correu atrás dela,

depois que ela foi para dentro de casa... e para o telefone.

4

Nettie estava sentada na sua sala de estar, com Raider a seus pés e seu novo abajur de

opalina no colo quando o telefone tocou. Faltavam 20 minutos para as 8:00h. Ela sobressaltou-

se e agarrou o abajur com mais força, fitando o telefone com temor e desconfiança. Teve a

impressão momentânea — tolice, é lógico, mas não conseguia libertar-se dessas impressões —

de que se tratava de Alguém com Autoridade, telefonando para informar que ela precisava

devolver aquele abajur maravilhoso, porque pertencia a outra pessoa, e que, de qualquer forma,

objeto tão lindo jamais poderia fazer parte da coleção humilde de Nettie, que coisa ridícula.

Raider levantou rapidamente o olhar para ela, como a perguntar se ela ia atender ou não, e

em seguida pousou novamente o focinho sobre as patas.

Com extremo cuidado, Nettie colocou o abajur de lado e apanhou o fone.

Provavelmente

era apenas Polly, telefonando para perguntar se ela tinha apanhado alguma coisa no Mercado

Hemphill para trazer amanhã de manhã e preparar o jantar.

— Alô, residência da sra. Cobb — ela disse animada. Passara a vida inteira morrendo de

medo de Alguém com Autoridade, e acabara por descobrir que a melhor maneira de lidar com

esse medo era ela própria comportar-se como alguém com autoridade. Não dissipava o medo,

mas mantinha-o sob controle.

— Eu sei o que você fez, sua cadela maluca! — a voz cuspiu. Foi tão súbito e mórbido

como uma punhalada.

Nettie prendeu o fôlego como se tivesse pisado num espinho — e seu rosto se congelou

numa expressão de horror encurralado enquanto seu coração parecia querer abrir caminho até a

garganta. Raider fitou-a novamente, com uma interrogação no olhar.

— Quem... quem...

— Você sabe muito bem quem — a voz disse e, é evidente, Nettie sabia. Era Wilma

Jerzyck. Era aquela mulher má, muito má.

— Ele parou de latir! — A voz de Nettie soou alta e fina, quase um grito, a voz de alguém

que acabou de engolir o conteúdo total de um balão de hélio. — Ele já está crescido e não está

latindo! Está bem aqui, aos meus pés!

— E você se divertiu muito jogando lama nos meus lençóis, sua puta fedorenta? — Wilma

estava furiosa. Pois não é que a mulher estava fingindo que ainda se tratava do *cachorro*!

— Lençóis? Que lençóis, ora essa! Eu... eu... — Nettie olhou na direção do abajur de

opalina e pareceu receber coragem emanada dele.

— Me deixe em paz! E é *você* que é maluca, não eu!

— Eu vou te pegar por causa disso. Ninguém vai entrando no meu quintal e jogando lama

nos meus lençóis quando estou fora. Ninguém. NINGUÉM! Entendeu bem? Será que está

registrando nessa sua cabeça de parafusos soltos? Você não vai saber onde, e você não vai

saber quando, e acima de tudo, você não saber como... mas eu... vou TE PEGAR! Entendeu?

Nettie apertava o fone comprimido contra a orelha. O rosto se tornara lívido, exceto por

uma linha vermelha, correndo da base das sobrancelhas até a raiz dos cabelos. Os dentes

estavam cerrados, e ela bufava, como um fole, e resfolegava pelos cantos dos lábios.

— Me deixe em paz ou vai se arrepender! — ela gritou na sua voz alta, frágil, de

hélio.

Raider se pusera de pé, orelhas empinadas, olhos ansiosos e faiscantes. Pairava ameaça no ar.

Latiu uma vez, muito bravo. Nettie nem o ouviu.

— Você vai se arrepender muito! Eu... eu *conheço* certas pessoas! Pessoas com

Autoridade! Eu as conheço *muito bem*! Não sou obrigada a agüentar você!

Falava devagar, num tom de voz baixo e sincero e totalmente furioso. Wilma respondeu:

— Me foder foi o pior erro que você poderia ter feito na vida. Você nem vai chegar a me

ver.

Um clique.

— Você não se atreveria! — Nettie gritou. Lágrimas rolavam pelo rosto, lágrimas de terror

e de raiva abismai e impotente.

— Você não se atreveria, sua coisa ruim. Eu... eu vou...

Outro clique. E em seguida o ruído do telefone dando linha.

Nettie desligou e ficou empertigada na poltrona durante quase três minutos, o olhar perdido

no espaço. Depois, desandou a chorar. Raider tornou a latir e botou suas patas na beira da

poltrona. Nettie abraçou-se a ele e chorou com o rosto enterrado em seu pêlo. Raider lambeu-

lhe o pescoço.

— Não vou deixar que ela o machuque, Raider — ela disse. Respirou fundo aquele cheiro

de cachorro limpo, morno e doce, em busca de consolo.

— Não vou deixar que aquela mulher mim, mim, o machuque. Ela não é Alguém com

Autoridade, de forma alguma. É só um traste velho e mim e se ela tentar machucar você... ou

eu... ela vai se arrepender.

Finalmente, endireitou-se, encontrou um Kleenex enfiado entre o lado da poltrona e o

assento estofado, e enxugou os olhos com ele. Estava aterrorizada... mas também sentia a raiva

fervendo e se enraizando dentro dela. Sentia-se como no dia em que tinha tirado da gaveta

embaixo da pia o garfo de trinchar para enterrá-lo na garganta de seu marido.

Apanhou o abajur de opalina em cima da mesa e abraçou-o com carinho.

— Se ela começar qualquer confusão, ela vai se arrepender muito, muito mesmo — Nettie

disse.

E ficou sentada, com Raider a seus pés, e o abajur de opalina no colo, durante muito

tempo.

5

Norris Ridgewick avançou vagarosamente, descendo a Rua Principal na viatura policial,

fazendo uma inspeção superficial dos edifícios do lado esquerdo da rua. Seu turno logo

terminaria, e isso era bom. Ainda se lembrava de como estava se sentindo de manhã até que

aquele idiota o agarrara; ainda se lembrava de estar na frente do espelho, no toalete masculino,

ajustando o quepe e pensando, com satisfação, que era Cem por Cento o Bom! Ainda se

lembrava, mas a recordação tinha gosto de antiga, em tom sépia, como uma fotografia do

século XIX. Desde o momento em que aquele idiota do Keeton o agarrara, nada mais tinha

dado certo.

Tinha almoçado no Cluck-Cluck Esta Noite Tem, a barraca de frango na Estrada 119. Em

geral, a comida lá era boa, mas desta vez tinha provocado um caso grave de indigestão ácida

seguida de um caso grave de cocô mole. Aí pelas 3:00h, passara com o carro por cima de um

prego na Estrada Vicinal 7, próximo à velha propriedade dos Cambers, e teve que trocar os

pneus. Limpara os dedos no peito da camisa do uniforme que acabara de voltar da lavanderia,

sem atentar bem para o que estava fazendo, com a intenção apenas de secar as pontas dos

dedos a fim de melhor segurar as porcas, e o resultado foi que a camisa adquiriu quatro largas

listras de um berrante cinza-escuro. Enquanto olhava a sujeira, desconsolado, as câimbras

tinham novamente transformado suas tripas em água e ele teve que correr para uma moita. A

questão era de uma corrida contra o tempo, ver se conseguia arriar as calças antes que estas

ficassem cheias. *Essa* corrida foi ganha por Norris... mas não tinha gostado da aparência do

mato que escolhera para se aliviar. Parecia urtiga, e do jeito que andava a sua sorte naquele dia,

vai ver era urtiga mesmo.

Norris passava lentamente pelos prédios que formavam o centro da cidade de Castle Rock:

o Banco da Noruega, a Western Auto, a Nan's Lanchonete, o buraco negro onde antes estivera

o palácio de quinquilharias de Pop Merrill, Costura que Costura, Coisas Necessárias, Loja de

Ferragens Castle Rock —

De repente, Norris desceu o pé no freio e parou. Tinha visto algo de extraordinário na

vitrine de Coisas Necessárias — ou *pensou* ter visto.

Verificou pelo espelho retrovisor, mas a Rua Principal estava deserta. O sinal de trânsito na

parte baixa do setor comercial apagou-se de súbito, e ficou às escuras durante alguns segundos

enquanto, em suas entranhas, os relés se ligavam e desligavam pensativamente.

Depois, a luz

amarela acendeu-se e ficou piscando. Neste caso, eram 9:00h. 9:00h em ponto.

Norris deu marcha à ré, e encostou no meio-fio. Verificou o rádio, pensou em dar código

10-22 — “oficial deixando a viatura” — e decidiu-se contra. Queria simplesmente olhar

rapidamente a vitrine da loja. Aumentou um pouco o volume do rádio e desceu o vidro da

janela antes de saltar. Essas providências deveriam bastar.

Você não viu o que pensou que viu, ele se preveniu, endireitando as calças enquanto

atravessava a calçada. *Que nada! Hoje ele só teria desapontamentos, não boas surpresas. O*

que tinha visto não passava de uma velha vara de pesca e molinete Zebco...

Só que não era. A vara de pesca na vitrine de Coisas Necessárias estava num arranjo muito

bonitinho com uma rede e um par de botas de borracha amarelo-cheguei, e definitivamente não

era uma Zebco. Era uma Bazun. Desde a morte do pai, há 16 anos, não via uma daquelas. Na

época, Norris tinha 14 anos, e adorava a Bazun por duas razões: pelo que ela era e pelo que

representava.

E, o que era? Simplesmente a melhor vara de pesca em água doce do mundo inteiro, só

isso.

E, o que representava? Bons tempos. Nada mais. Os bons tempos em que um menininho

magriço chamado Norris Ridgewick ainda tinha o seu velho. Bons tempos de se embrenhar

pelos bosques, ao longo da margem de um regato, nas cercanias da cidade; bons tempos no

pequeno bote, sentados os dois no meio do lago do Castelo, com tudo ao seu redor

esbranquiçado pela névoa que se evolava do lago em diminutas colunas de vapor e os abrigava

em seu próprio mundo particular. Um mundo feito só para homens. Em algum outro mundo

diferente, as mães logo estariam preparando o desjejum, e esse também era um bom mundo,

mas não tão bom quanto este aqui. Nenhum outro mundo poderia ter sido bom assim, nem

antes, nem depois.

Depois da crise de coronária que provou ser fatal, a vara Bazun e o molinete tinham

desaparecido. Recordava-se de tê-los procurado na garagem, depois do enterro, mas tinham

sumido. Dera uma busca na adega, e até no armário embutido do quarto de mamãe e de papai

(muito embora soubesse que sua mãe teria preferido que Henry Ridgewick guardasse um

elefante no armário no lugar da vara de pesca), mas a Bazun tinha desaparecido. Norris sempre

suspeitara do tio Phil. Por várias vezes tentara arranjar coragem para indagar, mas sempre se

retraía na hora H.

Agora, ao ver aquela vara e molinete, que poderia até ser a mesma, esqueceu-se de Buster

Keeton, pela primeira vez naquele dia. Estava subjugado por uma simples e perfeita

recordação; seu pai, sentado à popa do bote, a cesta de apetrechos de pesca entre os pés,

passando a Bazun para Norris segurar a fim de que pudesse servir-se de uma xícara de café da

grande garrafa térmica vermelha com listras cinzentas. Sentia o odor do café, quente e gostoso,

e o perfume da loção após-barba do pai: “Cavalheiro Sulista”, era o nome.

Inesperadamente, a saudade antiga surgiu e o envolveu num abraço prateado, e ele queria o

pai de volta. Depois de tantos anos, a velha dor voltava a roer-lhe os ossos, tão recente e

ansiosa como tinha sido no dia em que sua mãe voltara do hospital e tomando suas mãos lhe

dissera *Temos que ser fortes agora, Norris*.

O *spot* instalado no alto da vitrine causava faiscantes raios luminosos na caixa de metal do

molinete, e todo o velho amor, aquele amor sombrio e dourado, ó afogou. Norris tinha os olhos

fitos na Bazun, relembrando o cheiro de café fresco se desprendendo da garrafa

térmica

vermelha com listras cinzentas, e do tranquilo e amplo lençol do lago. Mentalmente, tornou a

sentir a textura áspera do cabo de cortiça da vara de pesca, e lentamente levou as mãos aos

olhos para enxugá-los.

— Policial? — indagou uma voz calma.

Norris deixou escapar um gritinho e afastou-se da vitrine. Durante um louco segundo

pensou que iria, afinal de contas, encher as calças — o final perfeito para um dia perfeito.

Então, a câimbra passou e ele se virou. Um homem de alta estatura, num paletó de *tweed*,

estava de pé ao lado da porta aberta da loja, fitando-o com um leve sorriso.

— Eu o assustei? — perguntou. — Sinto muito.

— Não — Norris respondeu, e conseguiu, ele próprio, arranjar um sorriso. O coração ainda

batia disparado como uma locomotiva desvairada.

— Sim... um pouquinho, talvez. Estava olhando aquela vara de pescar e relembrando os

velhos tempos.

— Ela acabou de chegar, ainda hoje — o homem disse. — É antiga, mas está em condições

excepcionais. É uma Bazun, sabe? Não é uma marca muito conhecida, mas os pescadores a

têm em alta conta. É —

— Japonesa — Norris completou. — Eu sei. Meu pai tinha uma dessas.

O sorriso do homem se alargou. E os dentes que deixou à mostra eram tortos, mas mesmo

assim Norris achou o sorriso agradável.

— *É* uma coincidência, não é mesmo?

— Sem dúvida é.

— Meu nome é Leland Gaunt. A loja é minha — e estendeu a mão.

Norris sentiu-se tomado por uma momentânea aversão quando aqueles longos dedos

estreitaram sua mão. O aperto de mão de Gaunt não durou mais que um momento, entretanto, e

quando sua mão foi solta, a sensação desapareceu. Norris chegou à conclusão de que era

apenas o seu estômago, ainda sensível devido aos mariscos que comera no almoço. Da

próxima vez em que se achasse por aquelas redondezas, pediria frango que, afinal, era a

especialidade da casa.

— Eu poderia fazer-lhe uma excelente oferta para a venda daquela vara — disse o sr.

Gaunt. — Por que não entra, policial Ridgewick? Vamos conversar a respeito.

Norris ficou um tanto surpreso. Não tinha revelado seu nome a este senhor, disto tinha

certeza. Abriu a boca para indagar como Gaunt sabia, e fechou-a em seguida.

Acima do

distintivo, trazia um pequeno crachá com o seu nome. Sem dúvida, era isso.

— Eu não deveria, realmente — ele disse, e com o polegar por cima do ombro indicou o

carro. Ainda conseguia ouvir o rádio, embora este irradiasse apenas estática — não tivera uma

única chamada a noite toda.

— Ainda estou de serviço, o senhor entende. Bem, meu turno termina às 9:00h, mas,

tecnicamente, até que devolva a viatura —

— Não levaremos mais do que dois ou três minutos — Gaunt insistiu. Seus olhos fitaram

Norris alegremente. — Quando decido tratar de negócios com um homem, policial Ridgewick,

não costumo perder tempo. Especialmente, se o homem em questão está ao relento, no meio da

noite, protegendo a minha propriedade.

Ocorreu a Norris mencionar ao sr. Gaunt que 9:00h da noite não era exatamente o meio da

noite, e numa cidadezinha pachorrenta como Castle Rock, proteger os investimentos dos

comerciantes locais raramente dava qualquer trabalho. Depois, tornou a olhar a Bazun com o

molinete, e a velha saudade, supreendentemente tão forte e nítida ainda, novamente o invadiu.

Pensou em como poderia ir até o lago com aquela, ainda neste fim-de-semana,

saindo cedinho

de manhã, levando uma latinha de minhocas e uma grande garrafa térmica de café fresco

comprado na Nan's Lanchonete. Seria quase como estar de novo na companhia do velho.

— Bem...

— Ora, vamos — insistiu o sr. Gaunt. — Se eu posso fazer uma venda depois da loja

fechada, o senhor também pode fazer uma compra às expensas do tempo da municipalidade. E,

na verdade, oficial Ridgewick... não creio que alguém tenha a Intenção de assaltar o banco esta

noite, não é mesmo?

Norris olhou para o banco, cuja placa luminosa piscava alternadamente primeiro em

amarelo, depois em preto, de acordo com a instalação, e caiu na gargalhada.

— Duvido multo.

— E, então?

— Está bem — Norris disse. — Mas, se não chegarmos a um acordo em poucos minutos,

vou ter realmente que ir embora.

Leland gemeu e riu simultaneamente. — Parece que estou escutando o som suave dos

meus bolsos se esvaziando — ele disse. Vamos entrar, oficial Ridgewick — não mais que

alguns minutos.

— Bem que eu gostaria de ter aquela vara — Norris deixou escapar. Isso não era jeito de

entabular um negócio, e ele sabia disso, mas não tinha conseguido se controlar.

— E sua ela será — disse o sr. Gaunt. — Vou oferecer-lhe o melhor negócio de sua vida,

oficial Ridgewick.

Encaminhou Norris para dentro de Coisas Necessárias e fechou a porta.

CAPÍTULO SEIS

1

WILMA JERZYCK NÃO CONHECIA O MARIDO, Pete, tão bem quanto julgava.

Foi dormir naquela noite de quinta-feira, planejando ir até a casa de Nettie Cobb, na

primeira hora do dia seguinte, e Dar um Jeito nas Coisas. Suas freqüentes contendas, muitas

vezes, simplesmente caíam no esquecimento, mas nas ocasiões em que chegavam às vias de

fato, eia Wilma quem determinava o local do duelo e era quem escolhia as

armas. A primeira

regra do seu estilo bélico de vida era *Fique sempre com a última palavra*. A segunda era *Tome*

a iniciativa do ataque. Tomar a iniciativa era o que chamava de Dar um Jeito nas Coisas, e

pretendia dar um jeito em Nettie o mais rápido possível. Disse a Pete que pretendia ver quantas

voltas conseguiria dar na cabeça daquela cadela maluca até arrancá-la do pescoço.

Tinha plena certeza de que passaria a noite em claro, fervilhando, tensa como uma corda

esticada — não seria a primeira vez. Ao contrário, adormeceu dez minutos depois de deitar-se,

e, ao acordar, sentiu-se estranhamente calma e descansada. Sentada à mesa da cozinha, em

penhoar, na manhã de sexta-feira, ocorreu-lhe que talvez fosse cedo demais para Dar um Jeito

nas Coisas Permanentemente. Tinha deixado Nettie completamente apavorada na véspera, com

o telefonema. Estava louca de raiva na hora, mas não a ponto de não perceber isso. Só alguém

surdo como uma porta não teria percebido.

E, por que não deixar a Miss Débil Mental de 1991 um pouco ao sabor do vento? *Ela* que

passasse noites insones, imaginando de que ponto cardeal o Furor de Wilma a atingiria. Passar

de carro pela porta dela, talvez dar mais alguns telefonemas. Enquanto tomava seu café (Pete

estava sentado defronte a ela, observando-a apreensivo, por cirna da seção de esportes do

jornal), ocorreu-lhe que se Nettie tinha mesmo alguns parafusos frouxos, como tudo mundo

comentava, talvez ela não precisasse Dar um Jeito nas Coisas. Esta poderia ser uma daquelas

raras ocasiões em que as Coisas se Davam um Jeito por si Mesmas. Ficou tão satisfeita com a

idéia que ale permitiu que Pete lhe desse um beijo ao apanhar a maleta e se preparar para ir

para o trabalho.

Jamais lhe passou pela cabeça que aquele ratinho do Pete, seu marido, a tivesse dopado. E,

contudo, era exatamente isto o que Pete Jerzyck tinha feito, e já não era a primeira vez.

Wilma tinha consciência de que tinha feito de seu marido um covarde, mas tinha noção de

quão longe fora. Ele não apenas vivia em constante temor dela, mas em *pavor*, como os

nativos de certa região tropical que, em tempos antigos, viviam em estado de pavor e temor

reverencial do Grande Deus da Montanha do Trovão, que pairava silencioso durante anos e até

gerações de suas vidas cheias de sol, para, de repente, explodir num ditirambo assassino de

lava incandescente.

Esses nativos, reais ou hipotéticos, sem dúvida observavam seus próprios rituais

propiciatórios. Estes talvez não fossem de grande valia quando a montanha despertava e

despejava seus trovões e torrentes de lava sobre suas aldeias, mas, indubitavelmente, a

tranqüilidade geral era maior enquanto a montanha permanecia quieta. Pete Jerzyck não seguia

altos rituais em Sua adoração de Wilma; talvez que providências mais prosaicas servissem

melhor ao propósito. Receitas de tranquilizantes, em vez de hóstias, por exemplo.

Ele marcara uma consulta com Ray Van Allen, o único clínico geral e médico de família de

Castle Rock e lhe disse que gostaria de tomar alguma coisa que diminuísse sua sensação de

ansiedade. Sua carga de trabalho era infernal, disse ele a Ray, e à proporção em que sua taxa

de comissão se elevava, achava cada vez mais difícil deixar seu problemas profissionais no

escritório. Finalmente, tinha decidido que já era hora de ver se um médico poderia receitar-lhe

algum remédio que aparasse essas arestas.

Ray Van Allen ignorava completamente as pressões do jogo imobiliário, mas fazia uma

boa idéia de quais deveriam ser as pressões de uma convivência diária com

Wilma. Suspeitava

que talvez Pete Jerzyck sofresse muito menos pressões se pudesse ficar no escritório o tempo

todo, mas, é claro, não lhe competia dar voz a esta idéia. Deu uma receita de Xanax, recitou as

precauções de praxe, e desejou boa sorte ao homem e que Deus o acompanhasse. Acreditava

firmemente que se continuasse pela estrada da vida fazendo parelha com aquela fêmea em

especial, Pete precisaria muito dos dois votos.

Pete fazia uso do Xanax, mas sem excessos. Também nada disse a Wilma sobre o assunto

— ela subiria pelas paredes se soubesse que ele estava USANDO DROGAS. Tinha cuidado de

guardar a receita do Xanax em sua maleta, que continha papéis que não despertavam o mínimo

interesse de Wilma. Tomava cinco a seis comprimidos por mês, mais frequentemente nos dias

pré-menstruais de Wilma.

Foi quando, no verão passado, Wilma arranjara um entrevero com Henrietta Longman,

dona e gerente do Salão de Beleza que ficava no alto do Morro do Castelo. O pivô foi um

tingimento mal feito. Em seguida ao primeiro embate, de troca de palavras, deu-se o

reencontro no dia seguinte, no Mercado Hemphill, e depois um berreiro em

plena Rua

Principal, uma semana mais tarde. Este ultimo duelo quase degenerou em um corpo-a-corpo.

O efeito foi que Wilma ficou andando de um lado para outro da casa, como uma leoa

enjaulada, jurando que ia *pegar* aquela cadela, e mandá-la para o hospital.

— *Ela* vai precisar de um Salão de Beleza quando eu acabar com ela — Wilma gritou,

rilhando os dentes. — Pode apostar! Vou até lá amanhã. Vou até lá Dar um Jeito nas Coisas.

Pete dera-se conta, com crescente alarme, que a ameaça não era em vão — Wilma

pretendia levá-la a cabo. Só Deus sabia de que gesto impensado da seria capaz. Teve visões de

Wilma enfiando a cabeça de Henrietta num barril de visgo corrosivo, que deixaria a pobre

mulher mais careca do Sinead O'Connor pelo resto da vida.

Esperou que a noite trouxesse alguma moderação no estado de espírito, mas quando Wilma

acordou na manhã seguinte, estava ainda mais furiosa. Ele não teria acreditado, mas parecia

verdade. Os círculos roxos embaixo dos olhos proclamavam a noite insone que ela sofrerá.

— Wilma — ele disse timidamente. — Eu realmente não creio que seja uma boa idéia você

ir até o Salão de Beleza hoje. Tenho certeza de que se você pensar bem —

— Pensei bem a noite inteira — Wilma tinha replicado, voltando aquele olhar

pavorosamente sem expressão para ele. — E decidi que, quando eu acabar com ela, Henrietta

nunca mais vai queimar a raiz dos cabelos de outra mulher. Quando eu acabar com ela,

Henrietta vai precisar de um cão-guia até para achar o caminho da privada. E, se você

continuar fodendo a minha paciência, Pete, você vai fazer companhia a ela e os dois poderão

comprar juntos seus cães-guias da mesma ninhada de pastor alemão.

Desesperado, sem saber se iria ou não surtir efeito, mas sem conseguir pensar em outro

meio de evitar a catástrofe iminente, Pete Jerzyck pegou o vidrinho dentro de sua maleta e

deixou cair um comprimido no café de Wilma. Em seguida, foi para o trabalho.

Em um senso extremamente real, aquela tinha sido a Primeira Comunhão de Pete Jerzyck.

Passou o dia numa agonia de apreensão, e voltou para casa aterrorizado com o que iria

encontrar (Henrietta Longman morta e Wilma atrás das grades era a fantasia que teimava em

vir à sua mente). Ficou maravilhado ao deparar com Wilma cantando na cozinha.

Pete respirou fundo, baixou a guarda emocional, e indagou o que tinha acontecido com

Henrietta Longman.

— Ela só abre depois do meio-dia e, então, eu já não estava mais com tanta raiva

— Wilma

explicou. — Mas, mesmo assim, fui até lá para esclarecer as coisas com ela. Afinal de contas,

era o que tinha prometido a mim mesma. E, sabe o que mais? Ela me ofereceu um cálice de

xerez e se prontificou a devolver o meu dinheiro!

— Puxa! Mas que ótimo! — ele tinha exclamado, aliviado e alegre... e, assim, encerrou-

se *l'affaire* Henrietta. Passara dias na expectativa de que a fúria de Wilma voltasse, o que não

aconteceu — isto é, não contra o mesmo alvo.

Ele chegou a pensar em sugerir a Wilma que fosse consultar o Dr. Van Allen e arranjar

uma receita de tranqüilizante para si mesma, mas descartou a idéia depois de longa e atenta

consideração. Wilma o lançaria longe — correndo o risco até de entrar em órbita — caso

sugerisse que ela TOMASSE DROGAS, TOMAR DROGAS era coisa de viciados, e

tranqüilizantes serviam para as companheiras debilóides dos viciados. *Ela* enfrentaria a vida

nos termos que a vida lhe oferecesse, muito obrigada. E, além disso, Pete concluiu com

relutância, a verdade era óbvia demais para ser negada: Wilma se *comprazia* em ficar zangada.

Wilma em fúria mortal era uma Wilma realizada, uma Wilma imbuída de altos

propósitos.

E, ele a amava — do mesmo modo que os nativos da hipotética Ilha tropical adoravam,

sem dúvida, o seu Grande Deus da Montanha do Trovão. O pavor e o assombro que sentia

aumentavam seu amor — ela era VÍTIMA, uma potestade em si mesma, e ele só tentava

desviar-lhe o curso quando temia pela integridade física de Wilma... o que, na

transubstanciação mística do amor, também o atingiria.

Desde então, apenas três vezes lhe ministrara o Xanax. A terceira — e a mais apavorante

de todas — fora a Noite dos Lençóis Enlameados. Pete se tornara frenético em sua tentativa de

convencê-la a tomar uma xícara de chá, e quando ela, afinal, consentiu (depois de seu rápido,

mas extremamente satisfatório, diálogo com Nettie Maluca), ele preparou uma infusão bem

forte e ministrou não um, mas dois comprimidos de Xanax. Ficou extremamente aliviado ao

verificar a acentuada queda de temperatura emocional, na manhã seguinte.

Estas eram coisas que Wilma Jerzyck, confiante em seu domínio sobre a mente do marido,

ignorava. Estas eram, igualmente, as coisas que a impediram de, simplesmente, pegar o Yugo e

ir até a casa de Nettie para tirar (ou, pelo menos, tentar) o seu escalpo naquela manhã de sexta-

feira.

2

Não que Wilma tivesse se esquecido de Nettie, ou concedido seu perdão, ou começado a

entreter a mínima dúvida de que fora ela a responsável pelo ato de vandalismo com sua roupa

de cama. Nenhum remédio do mundo seria capaz de tal façanha.

Pouco depois da saída de Pete para o trabalho, Wilma pegou seu carro e desceu lentamente

a Rua do Cipreste (havia um adesivo colado ao pára-choque traseiro do pequeno Yugo amarelo

que anunciava aos quatro ventos que CASO NÃO GOSTE DO MEU JEITO DE DIRIGIR

LIGUE PARA 1-800TITICA). Dobrou à direita, entrou na Rua Ford, diminuiu a velocidade

para devagar-quase-parando ao se aproximar da pequenina e arrumada casa de Nettie Cobb.

Julgou ver um leve mover de cortinas, e isto já era um bom começo... contudo, não mais que

um começo.

Deu a volta ao redor da quadra (passando pela casa dos Rusks na Rua Ford sem sequer um

olhar), passou pela sua própria casa na Rua do Cipreste, e rumou para a Rua Ford, pela

segunda vez. Agora, tocou a buzina duas vezes ao se aproximar da casa de Nettie, e, então,

encostou no outro lado da rua, em ponto morto.

A cortina mexeu-se novamente! Desta feita, não havia engano. A mulher estava espiando

para fora. Wilma a imaginou, atrás da cortina, trêmula de pavor e culpa, e descobriu que

gostava mais desta idéia do que da que lhe ocorrera ao deitar-se — que torcia o pescoço

daquela cadela até a cabeça sair voando, como a da menininha em *O Exorcista*.

— Esconde-esconde... achei! — ela murmurou em tom sombrio, quando a cortina voltou

ao lugar. — Não pense que não a vi!

Circulou a quadra novamente, parou em frente à casa de Nettie mais uma vez, tocando a

buzina para que sua vítima ficasse bem ciente de sua chegada. Desta vez, estacionou o carro

por quase cinco minutos. A cortina tremeu duas vezes. Finalmente, ela foi embora, toda

satisfeita.

Aquela puta maluca vai passar o resto da vida esperando a minha chegada, Wilma pensou

ao entrar no abrigo de carro de sua própria casa e descer. *Vai morrer de medo de botar o pé*

para fora de casa.

Wilma entrou, de coração leve e pés ligeiros, e jogou-se no sofá segurando um catálogo.

Pouco depois, feliz da vida, encomendava três novos jogos de cama — branco,

amarelo e

estampado.

3

Raider estava sentado no centro do tapete da sala de estar, fitando sua dona. Finalmente,

soltou um ganido preocupado, como a informar que hoje era dia útil e Nettie já estava meia

hora atrasada. Hoje era dia de passar o aspirador no andar de cima da casa de Polly, e o homem

da telefônica virilha instalar os novos aparelhos, aqueles de teclas bem grandes. Diziam ser de

manuseio mais fácil por pessoas que sofriam de artrite tão cruel, como Polly.

Sim, mas como poderia sair?

A doida da polaca estava por perto, andando naquele carrinho dela.

Nettie sentou-se na poltrona, segurando seu abajur no colo. Estava com ele nas mãos desde

que, pela primeira vez, a doida da polaca passara de carro pela frente da sua casa. Depois, tinha

voltado, estacionado o carro e tocado a buzina. Quando foi embora, Nettie pensou que estava

livre, mas não... a mulher tinha voltado, ainda uma terceira vez. Nettie tinha certeza de que a

doida da polaca iria tentar forçar sua entrada na casa. Sentada na poltrona, segurou o abajur de

opalina com um braço e passou o outro ao redor de Raider, imaginando o que faria se e quando

a doida da polaca tentasse, de fato, invadir a casa — como se defenderia? Não sabia.

Finalmente, buscou coragem suficiente para dar mais uma espiada pela janela, e a doida da

polaca tinha ido embora. Sua primeira sensação de alívio deu lugar ao pavor. Tinha medo de

que a doida da polaca estivesse patrulhando as ruas, esperando sua saída; tinha mais medo

ainda de que a doida da polaca tentasse entrar enquanto se encontrava fora — que ela invadisse

a casa, e, ao ver seu lindo abajur, o jogasse ao chão estilhaçando-o em mil pedaços.

Raider ganiu novamente.

— Eu sei — ela disse numa voz que era quase um gemido. — *Eu sei!*

Tinha que ir. Essa responsabilidade Nettie a tinha assumido, e sabia muito bem qual era, e

a quem a devia. Polly Chalmers, que tinha sido boa para ela; Polly, que escrevera a

recomendação que a libertara de Juniper Hill para sempre; Polly, que fora sua fiadora no

empréstimo bancário para a aquisição de sua casa. Se não fosse por Polly, cujo pai tinha sido o

melhor amigo de seu pai, ela ainda estaria morando num cômodo alugado do outro lado da

Ponte das Latas.

Mas... e se, quando saísse, a doida da polaca voltasse?

Raider não tinha como proteger o abajur — era corajoso, mas não passava de um filhote. A

doida da polaca poderia machucá-lo se ele tentasse impedir sua entrada. Enredada nesse

horrível dilema, Nettie sentiu que sua razão começava a escapar.

Gemeu novamente.

Então, súbita e misericordiosamente, ocorreu-lhe uma idéia.

Levantou-se e, ainda com o abajur aninhado nos braços, atravessou a sala, que estava bem

às escuras com as cortinas fechadas. Atravessou a cozinha e abriu a porta que ficava nos

fundos. Havia um barracão levantado naquele lado da casa. A pilha de lenha e uma porção de

objetos sem utilidade projetavam sombras volumosas.

Uma única lâmpada pendia do teto, presa a um fio elétrico. Não havia correntinha nem

comutador — ela se acendia ao ser enrascada firmemente no soquete. Nettie estendeu a mão

para a lâmpada... e hesitou. Se a doida da polaca estivesse à espreita no quintal, *sem*

dúvida veria a lâmpada acesa. E, se ela visse a luz acender-se, saberia exatamente onde achar o

abajur de opalina de Nettie, não é verdade?

— Ah, não, você não vai me pegar assim tão fácil — ela disse num sussurro, tateando ao

passar pelo grande armário que pertencera a sua mãe, e pela estante holandesa,

que também

pertencera a sua mãe, até chegar à pilha de lenha.

— Ah, não, Wilma Jerzyck. Não pense que sou *burra*. Estou avisando.

Amparando o abajur contra a barriga com a mão esquerda, Nettie usou a direita para

arrancar as teias de aranha, velhas e cheias de pó, contra a única janela do barracão. Em

seguida, espiou para o quintal, os olhos mexendo-se rapidamente de um ponto a outro. Assim

ficou por quase um minuto. Nenhum movimento no quintal. Pensou, uma única vez, ter visto a

polaca agachada no canto esquerdo do quintal, mas uma análise mais atenta convenceu-a de

que se tratava da sombra do carvalho no quintal dos Fearons. Os galhos mais baixos da árvore

invadiam o seu próprio quintal. Moviam-se ligeiramente à brisa, e esta tinha sido a razão por

que, à distância, a sombra lhe parecera ser, por um segundo apenas, de uma doida (de uma

polaca doida, para ser mais exata).

Raider ganiu atrás dela. Nettie olhou ao redor e o viu na porta do barracão, uma silhueta

negra com a cabeça levemente inclinada.

— Eu sei — ela disse. — Eu sei, garoto... mas nós vamos passar a perna nela. Ela pensa

que sou burra. Muito bem, temos grandes novidades para ela.

Tateou de volta. Sua visão começava a se adaptar ao escuro e ela concluiu que, afinal de

contas, não seria necessário enrascar a lâmpada. Na ponta dos pés, procurou em cima do

armário, até que seus dedos encontraram a chave que trancava e destrancava o longo guarda-

louça que formava a parte esquerda do grande armário. A chave que servia para as gavetas de

há muito se perdera, mas não tinha importância — aquela que Nettie precisava estava à mão.

Abriu o armário e colocou o abajur de opalina dentro dele, entre camadas de poeira e cocô

de rato.

— Merecia estar num lugar melhor, sei disto muito bem — ela disse baixinho ao Raider.

— Mas, aqui é *seguro*, e isto é o que importa.

Tornou a enfiar a chave na fechadura, trancando-a, e depois tentou abrir a porta do armário.

Estava firme, firme como uma rocha, e foi como se tirasse um grande peso do coração. Testou

mais uma vez a porta do armário, meneou a cabeça com firmeza, e guardou a chave no bolso

do vestido caseiro. Chegando à casa de Polly, ela poria a chave num barbante e o penduraria ao

pescoço. Primeira coisa, logo ao chegar.

— Aí está — disse ela a Raider, que tinha começado a abanar a cauda. Talvez

percebendo

que a crise tinha passado.

— Agora, tudo está *em ordem*, garotão, e preciso ir trabalhar! Já estou atrasada!

Enquanto vestia o casaco, o telefone começou a tocar. Nettie deu dois passos na direção do

aparelho e parou.

Raider soltou um único e severo latido e olhou para ela. Você não sabe o que deve fazer

quando o telefone toca? seu olhar indagava. Até eu sei, e não passo de um cachorrinho.

— *Não vou atender* — Nettie disse.

Eu sei o que você fez, sua cadela louca, eu sei o que você fez, eu sei o que você fez, e...

EU... vou PEGAR você!

— Não vou atender. Vou trabalhar. E *ela* é que é maluca, não eu. Nunca lhe fiz mal algum!

Nem uma única maldade!

Raider latiu o seu “apoiado”.

O telefone parou de tocar.

Nettie relaxou um pouquinho... mas seu coração ainda batia acelerado.

— Seja um bom menino — recomendou ao Raider, com uma carícia. — Vou voltar mais

tarde, porque estou saindo atrasada. Mas eu amo você, e se se lembrar disto, vai ficar bonzinho

o dia inteiro.

Esta era a encantação de despedida que Raider sabia de cor, e, por isso, abanou o rabo.

Nettie abriu a porta da frente e, antes de sair, espiou para os dois lados da rua. Teve um mau

momento ao perceber um vivo reflexo amarelo, mas não era o carro da doida da polaca; o

menino dos Pollards tinha largado o seu triciclo Fisher-Price na calçada, apenas isso.

Nettie usou sua chave para trancar a porta, depois deu a volta até os fundos da casa para

assegurar-se de que a porta do barracão estava trancada. Estava. Pôs-se a caminho da casa de

Polly, a bolsa no braço, e os olhos procurando o carro da doida da polaca (estava decidindo se

deveria buscar abrigo atrás de uma sebe ou enfrentá-la, caso a encontrasse). Estava quase na

esquina da quadra quando lhe ocorreu que não verificara a porta da frente com o cuidado que

deveria. Ansiosa, viu as horas no relógio de pulso, e voltou sobre seus passos. Verificou a

porta da frente. Estava bem trancada. Nettie suspirou de alívio e, então, decidiu checar

novamente a porta do barracão, apenas para ter certeza.

— Melhor é a segurança do que o arrependimento — ela recitou num murmúrio, e lá se foi

para os fundos da casa.

No ato de puxar a maçaneta da porta do barracão sua mão se imobilizou.

Dentro da casa, o telefone estava tocando novamente.

— Ela é doida — Nettie gemeu. — Eu não fiz *nada*!

A porta do barracão estava trancada, e ela deixou-se ficar ali até o telefone silenciar. Então,

lá se foi para o trabalho, a bolsa pendurada no braço.

4

Desta vez, andou quase duas quadras antes que diminuísse sua convicção de que tinha

deixado a porta da frente bem trancada, o que a deixou preocupada. Ela sabia que *tinha*, mas

tinha medo de que não *tivesse*.

Parou, indecisa, ao lado da caixa azul do Correio dos Estados Unidos, na esquina de Ford

com a Alameda da Diaconisa. Estava quase convencida a continuar quando viu um carro

amarelo passar pelo cruzamento, uma quadra atrás. Não era o carro da doida da polaca, era um

Ford. Ela, porém, achou que poderia tratar-se de um aviso. Voltou depressa para casa, e

novamente verificou as duas portas. Trancadas. Tinha chegado à calçada da casa quando lhe

ocorreu que deveria inspecionar também a porta do armário e ter certeza de que estava

trancada.

Sabia que *estava*, mas tinha medo de que não *estivesse*.

Destrancou a porta da frente e entrou. Raider saltou sobre ela, o rabo se agitando

violentamente, e ela o acarinhou um momento — não mais que um momento. Tinha que fechar

a porta da frente, porque a doida da polaca poderia atacar a qualquer hora. A qualquer hora.

Bateu a porta, passou o trinco de lingüeta, e saiu pela porta dos fundos, para o barracão. A

porta do armário estava trancada, é claro. Entrou novamente em casa, e ficou de pé na cozinha

por um instante. Já começava a se preocupar novamente, pondo-se a imaginar que estava

enganada e que a porta do armário *não estava* bem trancada. Quem sabe, ela não forçara o

trinco com força suficiente para ficar realmente, absolutamente, cem por cento certa? Podia

estar apenas emperrada.

Voltou, mais uma vez, a fim de assegurar-se, e enquanto estava nesse afã, o telefone tocou.

Ela correu para dentro de casa, apertando a chave do armário trancado na mão suada. Bateu

com a canela num banquinho e gemeu de dor.

Ao chegar à sala de estar, o telefone tinha parado de tocar.

— Não posso ir trabalhar hoje... — ela resmungou. — Tenho que...

(montar guarda)

Era isso! Tinha que montar guarda.

Pegou o telefone e discou rapidamente, antes que mudasse de idéia, remoendo-se por

dentro, como Raider roía seus brinquedos de couro cru.

— Alô? — Polly disse. — Costura que Costura.

— Oi, Polly. Sou eu.

— Nettie? Está tudo bem?

— Tudo. Estou telefonando de casa, Polly. Estou passando mal do estômago. — A esta

altura, já não era mentira. — Será que você me daria folga hoje? Eu sei que é dia de passar o

aspirador lá em cima... e o homem da telefônica vem hoje... mas...

— Não tem importância — Polly respondeu de imediato. — O homem do telefone só vem

na parte da tarde, e, de qualquer modo, pretendo ir embora mais cedo. Minhas mãos ainda

estão doendo muito e não consigo trabalhar durante muito tempo. Eu atendo o homem da

telefônica.

— Se você realmente precisar de mim, eu poderia —

— De jeito nenhum — Polly disse com muito carinho, e Nettie sentiu lágrimas ardendo-lhe

nos olhos. Polly era *tão boa*.

— Você está sentindo muita dor, Nettie? Quer que eu chame o dr. Van Allen?

— Não... é só como uma cólica. Estou bem. Se eu puder, vou de tarde.

— Bobagem — Polly disse com firmeza. — Você nunca me pediu para tirar o dia desde

que começou a trabalhar para mim. Vá já para a cama e durma mais um pouco. Já vou

avisando: se tentar vir até aqui, vou simplesmente mandá-la de volta.

— Muito obrigada, Polly — Nettie disse. Estava à beira das lágrimas. — Você é muito boa

para mim.

— Você merece, Nettie. Agora, tenho que ir... estão chegando fregueses. Vá para a cama.

De tarde, eu telefono para saber como está passando.

— Muito obrigada.

— De nada, mesmo. Tchau!

— Tchauzinho! — Nettie disse, e desligou.

Na mesma hora, foi até a janela e afastou levemente a cortina. A rua estava deserta — por

enquanto. Voltou ao barracão, usou a chave para abrir o armário e pegou o abajur. Uma

sensação de calma e tranqüilidade apoderou-se dela assim que o aninhou nos braços. Levou-o

de volta para a cozinha, lavou-o em água morna e bastante espuma, enxaguou-o e secou-o com

muito cuidado.

Abriu uma das gavetas do armário da cozinha e pegou um facão. Levou o abajur e o facão

para a sala de estar e sentou-se na penumbra. E assim ficou a manhã inteira, ereta na poltrona,

o abajur no colo e o facão empunhado na mão direita.

O telefone tocou duas vezes.

Nettie não atendeu.

CAPÍTULO SETE

1

SEXTA-FEIRA, 11 DE OUTUBRO, foi um dia excepcional para a mais nova loja de

Castle Rock, especialmente à proporção em que a manhã cedia lugar à tarde e o pessoal ia

descontando seus cheques semanais de pagamento. Dinheiro no bolso era um incentivo às

compras, como o era o rumor de boca em boca por quem tinha estado na loja na quarta-feira.

Havia certas pessoas, claro, cuja opinião era a de que o juízo de gente suficientemente sem

educação para visitar uma loja *logo no primeiro dia da inauguração* não era recomendação

que prestasse, mas estes constituíam uma minoria, e o sininho de prata sobre a porta de Coisas

Necessárias tilintou alegremente o dia inteiro.

Mais estoque tinha sido entregue ou retirado das embalagens desde quarta-feira. Para os

que se interessavam por tais detalhes, era difícil acreditar que qualquer entrega tivesse sido

feita — nenhum caminhão fora visto — mas, de um modo ou de outro, isto pouco importava.

Havia muito mais mercadoria em Coisas Necessárias na sexta-feira — este é que era o fato

importante.

Bonecas, por exemplo. E quebra-cabeças em madeira, de peças maravilhosamente

recortadas, alguns deles com desenhos em ambos os lados. Havia um jogo de xadrez que devia

ser único: as peças eram esculpidas em cristal de rocha, na forma de animais africanos, por um

artista primitivo mas de extraordinário talento — girafas de longos pescoços representavam os

cavalos; rinocerontes, de cabeça em riste para o combate, no lugar das torres; hienas como

peões, leões como reis, e sinuosas panteras como rainhas. Havia um colar de pérolas negras

cujo preço, obviamente, devia ser exorbitante — quanto, no entanto, ninguém ousou indagar

(pelo menos naquele dia) — mas era quase doloroso contemplar a beleza daquelas pérolas, e

muitos dos que visitaram Coisas Necessárias voltaram para casa sentindo-se melancólicos e

estranhamente deprimidos, com a imagem daquele colar de pérolas dançando diante de seus

olhos, na escuridão, negro sobre negro. E, destes, nem todos eram do sexo feminino.

Havia um par de marionetes. Havia uma caixinha de música, antiga e faustosamente

entalhada — o sr. Gaunt comentara que tinha certeza de que tocava uma melodia incomum

quando se abria a tampa, mas não conseguia lembrar-se qual era, e, infelizmente, a caixinha de

música estava trancada. Acreditava que quem a comprasse teria que encomendar uma chave a

um serralheiro especializado — ainda havia alguns, dos velhos tempos, capazes de fazer esse

serviço. Perguntaram-lhe, algumas vezes, se poderiam devolver a caixinha caso conseguissem

abri-la e a música não lhes agradasse. Sorrindo, o sr. Gaunt apontou para uma nova tabuleta na

parede. Dizia:

NÃO FAZEMOS DEVOLUÇÕES OU TROCAS

CAVEAT EMPTOR!

— O que quer dizer *aquilo*? — Lucille Dunham perguntou. Lucille era garçonete na Nan's

Lanchonete e tinha vindo à loja, na hora do cafezinho, na companhia de sua amiga Rose Ellen

Myers.

— Significa que se você comprar um porco dentro de um saco, você fica com o porco e ele

fica com o saco — Rose Ellen explicou. Notou que o sr. Gaunt ouvira (e, ela teria jurado que o

tinha visto na outra extremidade da loja há somente um segundo), e enrubesceu violentamente.

O sr. Gaunt, entretanto, limitou-se a dar risada.

— Tem toda razão — ele disse. — É *exatamente* o que significa.

Um revólver de cano longo, na caixa, exibia um cartão que dizia: NEDBUNTLINE

SPECIAL; um boneco de pau, de cabeleira vermelha entalhada na madeira, sardas e um sorriso

amigo, pregado na cara (PROTÓTIPO DO “OI, TUDO BEM?", dizia o cartão); caixas de

papel de carta, muito bonitinhas, mas nada de especial; uma seleção de cartões-postais antigos;

jogos de caneta e lapiseira; lenços de linho, bichinhos de pelúcia. Havia — era o que parecia

— uma peça para cada gosto e (embora nenhuma mercadoria trouxesse etiqueta de preço) para

cada bolso.

Naquele dia, o sr. Gaunt fez ótimas vendas. Fez também, no entanto, um certo número de

negócios “especiais”, e todos estes ocorreram em momentos de calmaria, quando na loja se

encontrava um freguês apenas.

— Quando as coisas se acalmam, eu fico agitado — confessou, com seu sorriso ameno, a

Sally Ratcliffe, a professora de terapia da fala de Brian Rusk. — E, quando fico agitado, às

vezes me torno imprudente. Ruim para o vendedor, mas *incrivelmente* bom para o comprador.

A Srta. Ratcliffe era crente fervorosa do rebanho do rev. Rose, onde conhecera seu noivo

Lester Pratt, e, junto com o button contra a “Noite no Cassino”, trazia outro que dizia: “EU

ESTOU SALVA! E VOCÊ?”. A lasca de madeira rotulada de MADEIRA PUTRIFICADA

DA TERRA SANTA imediatamente chamou-lhe a atenção, e não se fez de rogada quando o

sr. Gaunt retirou a lasca de sua embalagem, deixando-a cair na palma de sua mão. Comprou-a

por US$ 17.00 mais a promessa de pregar uma peça inofensiva em Frank Jewett, o diretor do

Ginásio de Castle Rock. Saiu da loja cinco minutos após ter entrado, parecendo distraída e

sonhadora. O sr. Gaunt se propusera a embrulhar a compra, o que ela recusara, dizendo que

queria conservá-la na mão. Quem visse a srta. Ratcliffe saindo da loja, teria dificuldade em

afirmar se seus pés locavam o chão ou se ela flutuava pouco acima dele.

2

O sininho de prata tilintou.

Cora Rusk entrou, decidida a comprar a fotografia de O Rei, e mostrou-se extremamente

perturbada quando o sr. Gaunt informou-lhe que a foto já tinha sido vendida. Cora queria o

nome do comprador.

— Sinto muito — disse o sr. Gaunt — mas a compradora era de outro estado. Seu carro

tinha placa de Oklahoma.

— Ora, raios *me partam*! — Cora bradou em tons de raiva e verdadeiro desespero. Não

tinha se dado conta da intensidade com que desejava aquela fotografia, até o sr. Gaunt dar a

notícia de que já tinha sido vendida.

Henry Gendron e a esposa, Yvette, estavam na loja na ocasião, e o sr. Gaunt solicitou a

Cora que esperasse um momento, enquanto ia atendê-los. Achava que tinha uma outra peça,

disse ele, que talvez pudesse interessá-la tanto, ou mais. Depois de vender um ursinho de

pelúcia aos Gendrons — um presente para a filhinha — e conduzi-los até a porta, pediu a Cora

que esperasse um momentinho, enquanto ia procurar algo no quarto dos fundos. Cora esperou,

sem grande interesse ou expectativa. Uma pesada depressão cinzenta caía sobre ela. Havia

centenas de fotografias de O Rei, talvez *milhares*, e ela própria possuía algumas; aquela,

contudo, parecera-lhe... como dizer?... especial. Odiou a mulher de Oklahoma.

E, então, o sr. Gaunt voltou, trazendo uma caixa de óculos, forrada de pele de lagarto.

Abriu a caixa e exibiu um par de óculos de aviador com lentes fumê. O fôlego de Cora

paralisou-se na garganta, a mão direita apertou o pescoço trêmulo.

— Estes são... — ela começou, e não pôde continuar.

— Os óculos de sol de O Rei — o sr. Gaunt completou gravemente. — Um dos sessenta

pares que possuía. Disseram-me que estes eram os seus favoritos.

Cora os comprou por US$ 19.50.

— Eu também gostaria de uma pequena informação.— O sr. Gaunt fitou Cora com olhos

faiscantes. — A título de sobretaxa, digamos assim.

— Informação? — Cora perguntou, desconfiada. — Que tipo de informação?

— Olhe pela janela, Cora.

Cora obedeceu, mas os óculos continuaram firmemente presos em suas mãos.

Do outro

lado da rua, a Viatura 1 de Castle Rock estava estacionada na frente do Canto da Tosquia. Na

calçada, Alan Pangborn conversava com Bill Fullerton.

— Vê aquele homem? — Gaunt perguntou.

— Quem? Bill Fui —

— Não, sua idiota — Gaunt corrigiu. — *O outro*.

— O xerife Pangborn?

— Ele mesmo.

Sim. Estou vendo. — Cora sentia-se tonta e bestificada. A voz de Gaunt parecia vir de

muito longe. Ela não conseguia parar de pensar na compra que fizera — aqueles óculos

maravilhosos. Queria ir logo para casa e colocá-los imediatamente... mas, é claro, não poderia

ir embora sem permissão, porque o negócio não estaria fechado até que o sr. Gaunt *desse a*

última palavra.

— Ele parece ser o que o pessoal no meu ramo chama de “freguês exigente” — Gaunt

disse. — O que você acha dele, Cora?

— Ele é esperto — Cora disse. — Nunca será o xerife que o velho George Bannerman foi

— é o que o meu marido diz — mas é esperto como uma raposa.

— É mesmo? — a voz do sr. Gaunt adquirira uma expressão sutilmente cansada e maligna,

e seus olhos, agora, não passavam de duas linhas apertadas que não se desviavam de Alan

Pangborn. — Ora, ora, quer saber de uma coisa, Cora? Essa gente espertinha não me agrada

muito, e tenho horror de fregueses exigentes. Não confio em gente que antes de fazer uma

compra vira a mercadoria para todos os lados, e pelo avesso, só para descobrir algum defeito, e

você?

Cora nada disse. Ficou imóvel, com os óculos de O Rei na mão esquerda, olhando a rua

com indiferença.

— Se eu quisesse que alguém ficasse de olho no esperto xerife Pangborn, Cora, quem seria

minha melhor opção?

— Polly Chalmers — Cora disse, com voz drogada. — Ela é louca por ele.

Gaunt, imediatamente, fez um gesto negativo com a cabeça. Seus olhos não se desviaram

um instante da figura do xerife, que se encaminhou para a viatura, passou rapidamente o olhar

por Coisas Necessárias, depois entrou no carro e foi embora.

— Não serve.

— Sheila Brigham? — ela sugeriu hesitante. — Ela trabalha na delegacia.

— Uma boa idéia, mas também não serve. Outra freguesa exigente. Eles existem, Cora, em

qualquer cidade — coisa triste, mas é verdade.

Cora pensou mais um pouquinho, remota e nebulosamente.

— Eddie Warburton? — ela perguntou, afinal. — É o chefe dos serventes do Edifício

Municipal.

O rosto de Gaunt se iluminou.

— O vigia! — ele exclamou. — Sim! Excelente! Quinto Negócio! Realmente *excelente*! —

Debruçou-se sobre o balcão e plantou um beijo no rosto de Cora.

Ela deu atrás, fazendo careta e esfregando o local do beijo freneticamente. Um sonzinho

embargado desprendeu-se-lhe da garganta, mas Gaunt não pareceu ter notado. O rosto dele

exibia um sorriso largo e radiante.

Cora saiu da loja (ainda friccionando a face com a base da mão) no momento em que

entravam Stephanie Bonsaint e Cyndi Rose Martin, do Clube de Bridge da Rua tio Freixo.

Cora quase derrubou Steffie Bonsaint na pressa em que ia; sentia uma ânsia imensa de chegar

em casa o mais rápido possível. Chegar em casa e realmente experimentar aqueles óculos.

Mas, antes de fazê-lo, queria lavar o rosto e descartar-se daquele beijo repugnante que sentia

queimar em sua pele, como febre.

O sininho de prata sobre a porta tornou a tilintar.

3

Enquanto Steffie se postava contra a janela, absorvida em fazer girar o velho caleidoscópio

que tinha achado, Cyndi Rose aproximou-se do sr. Gaunt para lembrá-lo de que lhe prometera

outro vaso de cristal Lalique para fazer par com o que ela já comprara.

— Bem — o sr. Gaunt sorriu, como querendo insinuar "você-é-capaz-de-guardar-um-

segredo?". — Talvez eu tenha. Será que pode livrar-se de sua amiga por um ou dois minutos?

Cyndi Rose sugeriu a Steffie que fosse indo na frente para a Nan's, e que podia pedir um

café para ela, Cyndi, que iria logo em seguida. Steffie obedeceu, mas sua expressão era de

perplexidade.

O sr. Gaunt foi até o quarto dos fundos e voltou com um vaso de cristal Lalique. Não fazia

par com o outro, simplesmente — eram gêmeos idênticos!

— Quanto? — Cyndi Rose perguntou, deslizando um dedo não muito firme pela curva

suave do vaso. Lembrou-se da satisfação que sentira com a pechincha conseguida, depois de

alguma discussão, na quarta-feira. Pelo jeito, ele estava apenas jogando a isca. Agora, iria

pescá-la direitinho. Este vaso ela não obteria pela barganha de US$ 31.00 — desta vez, ele iria

à forra! Contudo, desejava o vaso para restabelecer a harmonia do mantel de sua lareira na sala

de estar. E seu desejo era imenso.

Não acreditou, pois, no que ouviu, quando o sr. Gaunt respondeu.

— Já que esta é a minha primeira semana, por que não fazermos dois pelo preço de um?

Aqui está, minha cara — faça bom proveito!

O choque foi tão violento que ela quase deixou cair o vaso quando ele o colocou em suas

mãos. .

— O que... creio que o senhor... disse...

— Foi o que eu disse — ele respondeu. E, subitamente, ela descobriu que não conseguia

desviar seus olhos dos dele. *Francie estava errada*, ela pensou, distante e preocupada. *Os*

olhos dele não são verdes, coisa nenhuma. São cinzentos. Cinzentos bem escuros.

— Mas... há uma coisinha...

— Há?

— Sim. A senhora conhece o policial Norris Ridgewick?

O sininho de prata tilintou.

Everett Frankel, o médico-assistente que trabalhava com o sr. Van Allen comprou o

cachimbo que Brian Rusk tinha notado em sua visita de pré-estréia a Coisas Necessárias, por

US$ 12.00 e o compromisso de pregar uma peça em Sally Ratcliffe. O pobrezinho do Slopey

Dodd, o gaguinho, que assistia às aulas de terapia da fala na companhia de Brian, nas tardes de

terça-feira, comprou um bule de chá de estanho para o aniversário da mãe. Custou-lhe US$

0.71 c a promessa, voluntariamente dada, de que pregaria uma peça engraçada no namorado de

Sally, Lester Pratt.

O sr. Gaunt disse a Slopey que forneceria o material necessário para realizar a brincadeira,

quando fosse a hora, e Slopey respondeu que i-i-i-i-a s-s s ser mmmuito bom. Junc Gavineaux,

mulher do produtor de laticínios mais próspero da cidade, comprou um vaso *cloisonné* por

US$ 97.00 e deu sua palavra de que pregaria uma peça no padre Brigham, da Igreja de Nossa

Senhora das Águas Serenas. Pouco depois de sua saída, o sr. Gaunt conseguiu outra promessa

de que uma peça semelhante seria pregada no rev. Rose.

Foi um dia agitado e lucrativo, e quando Gaunt finalmente pendurou o aviso de fechada na

porta da loja e abaixou a persiana, sentia-se cansado mas feliz. Os negócios tinham sido

ótimos, ele tinha até dado um passo à frente para assegurar-se de que não seria interrompido

pelo xerife Pangborn. Isto era bom. A inauguração era sempre a parte mais divertida de sua

operação, mas era sempre estressante, e poderia, por vezes, ser também arriscada. Talvez

estivesse errado a respeito de Pangborn, é lógico. Gaunt, porém, aprendera a confiar em seus

instintos em tais assuntos, e Pangborn parecia ser o tipo de sujeito do qual era melhor guardar

uma distância segura... pelo menos até que pudesse enfrentá-lo em seus próprios termos. O sr.

Gaunt calculou que teria uma semana extremamente ocupada, e que, antes que acabasse,

haveria barulho.

Muito barulho.

4

Eram 18:15h, da tarde de sexta-feira, quando Alan parou o carro no abrigo da casa de Polly

e desligou o motor. Ela estava à porta, à sua espera, e o beijou com sofreguidão. Ele notou que

ela calçara as luvas, mesmo para aquela breve saída ao ar frio, e franziu o cenho.

— Pare com isso — ela disse. — Elas estão um pouco melhor esta noite. Trouxe o frango?

Ele suspendeu dois pacotes manchados de gordura.

— Um seu criado, linda dama.

— Sua, meu senhor — ela respondeu, com uma mesura à moda antiga.

Tomou os pacotes das mãos dele e levou Alan para a cozinha. Ele puxou uma cadeira da

mesa, girou-a, e sentou-se com o encosto para a frente, a fim de observar Polly tirando as luvas

e arranjando o frango numa travessa de vidro. Tinha comprado o frango no Cluck-Cluck Esta

Noite Tem. Em termos rurais, o nome era horrível, mas o frango era ótimo (segundo Norris,

com os mariscos a história era outra). O único problema de comprar "para viagem" era que

tudo esfriava no caminho, depois de 30km... e, por isso, ele concluiu, é que tinham inventado o

forno de microondas. Na verdade, de achava que as únicas três utilidades do microondas eram

esquentar café, fazer pipoca, e marcar alguns minutos para comida comprada fora, de lugares

como o Cluck-Cluck Esta Noite Tem.

— *Elas* estão melhores? — ele perguntou, enquanto Polly enfiava o frango dentro do forno

e apertava os botões adequados. Não havia necessidade de ser explícito — ambos sabiam de

que ele estava falando.

— Só um pouquinho — ela admitiu. — Mas tenho certeza de que em pouco tempo vão

estar *muito* melhores, Estou começando a sentir aquelas agulhadas de calor nas

palmas, e este é

sempre o primeiro sintoma de que vão melhorar.

Polly as ergueu. Houve tempo em que ficava horrivelmente embaraçada por causa de suas

mãos tortas e deformadas. O embaraço ainda existia, mas Polly aprendera, aos poucos, a

aceitar o interesse dele como um elemento do seu amor. Alan continuava a achar que as mãos

dela pareciam rígidas e desajeitadas, como se luvas invisíveis as envolvessem — luvas feitas

por um fabricante inepto que as havia calçado nas mãos de Polly prendendo-as para sempre ao

redor dos pulsos.

— Teve que tomar suas pílulas hoje?

— Só uma. De manhã.

Na verdade, tinha tomado três — duas de manhã e uma no início da tarde, mas nem por

isso a dor estava muito melhor hoje do que estivera na véspera. Temia que as agulhadas de

calor a que se referira não passassem de invento de sua imaginação ansiosa. Não lhe agradava

mentir para Alan. Achava que amor e mentiras apenas raramente andam de mãos dadas, e

nunca por muito tempo. Mas, já era independente há muito tempo, e uma parte sua ainda

ficava apavorada com aquela constante preocupação dele. Confiava em Alan,

mas temia que

viesse a revelar coisas demais a ele.

Alan se tornava cada vez mais insistente a respeito da Clínica Mayo, e Polly sabia que, se

ele tivesse noção da intensidade da dor que sentia desta vez, insistiria ainda mais. Ela não

queria que suas *miseráveis* mãos se transformassem no elemento mais importante do amor que

partilhavam... e também tinha medo do resultado de uma consulta num lugar como a Clínica

Mayo. Dava um jeito de conviver com a dor, mas não se julgava capaz de viver sem esperança.

— Pode tirar as batatas do forno? — ela perguntou. — Quero telefonar para Nettie antes de

jantarmos.

— O que há com Nettie?

— Uma indisposição estomacal. Não veio trabalhar hoje. Quero ter certeza de que não é

gripe intestinal. Rosalie diz que muita gente pegou, e Nettie tem pavor de médicos.

E Alan, que conhecia os pensamentos de Polly Chalmers mais e melhor do que ela poderia

jamais imaginar, pensou, *olhe só quem fala, meu amor*, enquanto ela se dirigia para o telefone.

Ele era tira, e não conseguia libertar-se de seus hábitos de observação mesmo quando não

estava de serviço — era uma coisa automática. E ele já desistira de tentar. Se tivesse sido um

pouco mais observador nos últimos meses da vida de Annie, ela e Todd talvez ainda

estivessem vivos.

Ele notara as luvas quando Polly viera recebê-lo à porta. Notara também que ela as

descalçara usando os dentes para puxá-las, ao invés de usar uma das mãos para despir a outra.

Observara Polly arrumando o frango na travessa e notara a leve contração que lhe apertara os

lábios ao levantar a travessa e levá-la ao forno. Estes sinais não eram bons. Foi até a porta que

ficava entre a cozinha e a sala de estar, no desejo de observar o maior ou menor esforço que

Polly faria para usar o telefone. Este era um dos meios mais importantes de medir a dor que ela

sentia. E aqui, finalmente, viu — ou pensou ter visto — um bom sinal.

Ela digitou o número de Nettie com rapidez e segurança, e como ele se encontrava na outra

extremidade da sala não percebeu que este aparelho — aliás, como todos os demais — tinha

sido substituído, cedo naquele dia, pelo modelo de teclas tamanho-gigante. Alan voltou para a

cozinha, mas ficou de antena ligada para a sala de estar.

— Alô, Nettie?... já estava quase desistindo. Acordei você?... Sim... uh-huh...

Bem, e o que

é? Ah, ainda bem. Estava pensando em você...Não, meu jantar está ótimo,

Alan trouxe frango frito daquele tal restaurante Cluck-Cluck, perto de Oxford... É, foi

mesmo, não foi?

Alan pegou um prato num dos armários sobre a bancada da pia, e pensou: ela está

mentindo a respeito das mãos. Não importa que esteja segurando aquele telefone com

facilidade — a dor está tão forte quanto no ano passado, se não estiver pior.

A idéia de que ela pudesse estar mentindo não lhe causava grande mágoa; seu ponto de

vista sobre dizer a verdade era bem mais indulgente do que o de Polly. A criança, por exemplo.

Ela teria dado à luz no princípio de 1971, sete meses mais ou menos após deixar Castle Rock

para trás num ônibus Greyhound. Ela dissera a Alan que o bebê — um menino chamado

Kelton — tinha morrido em Denver, aos três meses de idade. A Síndrome da Morte Infantil

Repentina — SMIR era o pior pesadelo das jovens mães. Uma história perfeitamente plausível,

e Alan não nutria dúvida de qualquer espécie de que Kelton Chalmers estava morto. Havia

apenas um problema com a versão de Polly: não era verdade. Alan era um tira e reconhecia

uma mentira quando a ouvia.

(objeção: *a não ser que fosse Annie quem mentisse*)

É, ele pensou. A não ser que fosse Annie quem mentisse. Objeção devidamente anotada

nos autos.

Qual o indício de que Polly estava mentindo? O rápido bater de pálpebras sobre o olhar

aberto demais, direto demais? O modo como sua mão esquerda teimava em erguer-se para

puxar de leve o lóbulo da orelha esquerda? O cruzar e descruzar de pernas, aquele sinal que

significava *"estou mentindo"* nos jogos infantis?

Todos esses indícios, e nenhum deles em particular. Era, principalmente, aquele sinal de

alerta em seu íntimo que soava muito semelhante ao alarme que retine quando um homem que

tem uma placa metálica implantada no crânio passa pelo detector de metais nos aeroportos.

A mentira não o deixava zangado nem o preocupava. Havia gente que mentia por dinheiro,

gente que mentia de dor, gente que mentia simplesmente porque o conceito da Verdade lhes

era completamente desconhecido... e, também, havia gente que mentia porque a hora da

verdade ainda não tinha chegado. Alan acreditava que a mentira de Polly a respeito de Kelton

pertencia a esta última categoria, e se contentava em esperar. Com o tempo, ela decidiria

desvendar seus segredos. Não havia pressa.

Não havia pressa. O simples pensamento era um luxo!

A voz dela — cheia e calma e, de certo modo, exatamente o que devia ser, flutuou através

da sala de estar — e também parecia um luxo. Ele ainda não tinha superado o complexo de

culpa por simplesmente estar lá, sabendo onde eram guardados todos os pratos e utensílios,

sabendo em que gaveta da cômoda ela guardava suas meias de seda, ou o limite exato do seu

bronzeado de verão, e nada disso importava quando ouvia a voz dela. Havia, realmente, um

único fato que se aplicava ao caso — um único simples fato que sobrepujava todos os demais:

a voz de Polly começava a soar como a voz de um lar.

— Posso ir até ai mais tarde, Nettie, se você quiser... Está?... Sim, talvez o

repouso *seja* mesmo o melhor remédio... *Amanhã*?

Polly riu. Era um riso solto, gostoso, que sempre fazia Alan achar que uma brisa

refrescante varria o mundo todo. Pensou que estava disposto a esperar o tempo que fosse, para

que os segredos dela se revelassem, se, ao menos, ela risse daquele jeito de vez em quando.

— Puxa, não! Amanhã é *sábado*! Eu vou simplesmente pintar e bordar e fazer tudo o que

tenho direito!

Alan sorriu. Abriu a gaveta sob o fogão, encontrou um par de pegadores e abriu o forno

convencional. Uma batata, duas batatas, três batatas, quatro batatas. Em nome de Deus, como

poderiam os dois comer quatro enormes batatas assadas? Mas, é evidente, sabia que haveria

batatas em excesso, porque era assim que Polly cozinhava. Devia haver algum significado

oculto naquelas quatro enormes batatas, e algum dia, quando tivesse a resposta para todos os

“porquês” — ou, pelo menos, para alguns deles — seus sentimentos de culpa e desconforto

passariam.

Tirou as batatas. Um segundo mais tarde, o microondas apitou.

Tenho que ir, Nettie —

Não se apresse — Alan gritou. — Tenho tudo sob controle! Afinal, sou um homem da lei,

minha senhora!

—... mas me chame se precisar de alguma coisa. Tem certeza de que está tudo bem agora?

Você me diria se não estivesse, não é, Nettie?... OK. O quê?... Não, apenas perguntando... Para

você, também. Boa noite, Nettie.

Quando voltou, Alan tinha posto o frango na mesa e se ocupava em virar uma das batatas

para fora da casca, no prato dela.

Alan, amor da minha vida! Você não precisava fazer isso!

Tudo parte do serviço, linda dama. — Outra coisa que ele entendia muito bem era que

quando as mãos de Polly pioravam, a vida virava uma série de pequenas batalhas infernais, e

os eventos rotineiros da vida rotineira se transformavam numa série de terríveis obstáculos

cujo fracasso era punido com desapontamento e também com dor. Arrumar a louça no lava-

louças. Empilhar as achas de lenha na lareira. Manipular garfo e faca para tirar a casca de uma

batata quente.

— Sente-se — ele disse. — Esta Noite Tem.

Polly desandou a rir, e veio abraçá-lo. Apertou as costas dele com os antebraços, e não com

as mãos, o incansável observador interior de Alan observou. Mas, uma parte dele, menos

envolvida emocionalmente, sentiu o modo como aquele corpo esbelto se comprimia contra o

seu, e o aroma do xampu que ela usava.

— Você é o homem mais querido — ela disse baixinho.

Ele a beijou, suavemente a princípio, depois com mais violência. Suas mãos deslizaram da

cintura dela para a curva dos quadris. O tecido das calças jeans de Polly era liso e macio como

veludo sob suas mãos.

— Sente-se, grandalhão — ela disse, afinal. — Primeiro a devoção, depois a diversão...

— Isso é um convite? — Caso as mãos dela realmente não estivessem melhor, ele pensou,

ela se esquivaria.

Mas, ela respondeu:

— Filetado a ouro.

E, Alan sentou-se, satisfeito.

Temporariamente.

5

— Al vem para o fim-de-semana? — Polly perguntou, enquanto tiravam a mesa de jantar.

O filho sobrevivente de Alan cursava a Academia Milton, ao sul de Boston.

— Uh-huh — Alan respondeu, raspando os pratos.

Muito como quem não quer nada, Polly disse:

— Passou pela minha cabeça que, como não há aula na segunda, por causa do

Descobrimento da América —

— Ele vai para a casa de Dorf, em Cape Cod — Alan disse. — Dorf é Carl Dorfman, seu

companheiro de quarto. Al telefonou na terça-feira e perguntou se poderia ir para fim-de-

semana prolongado. E eu disse que sim, tudo bem.

Polly tocou-lhe o braço levemente, e ele se virou.

— Qual é o meu quinhão de culpa nisso tudo, Alan?

— O seu quinhão *do quê*? — ele perguntou, genuinamente surpreso.

— Você sabe muito bem de que estou falando. É um bom pai e não é burro. Quantas vezes

Al veio para cá desde o início das aulas?

Alan entendeu, de repente, o que ela estava querendo dizer, e sorriu, aliviado.

— Só uma vez — respondeu. — E, mesmo assim, porque precisava falar com Jimmy

Catlin, o antigo companheiro de batalhas contra os computadores, ainda no tempo do ginasial.

Alguns de seus melhores programas não eram compatíveis com o Commodore 64 que lhe dei

de presente de aniversário.

— Viu só? É o que estou tentando dizer, Alan. Ele me vê como a usurpadora do lugar da

mãe, cedo demais e —

— Meu Jesus! — Alan exclamou. — Há quanto tempo você vem alimentando essa doidice

de que Al vê você como a Madrasta Perversa?

As sobrancelhas de Polly se juntaram numa carranca.

— Espero que me perdoe se não vejo nada de engraçado na idéia, como parece que você

vê.

Ele a segurou pelos braços, junto aos ombros, e beijou-lhe o canto dos lábios.

— Não há nada de engraçado. Por vezes — e, agora mesmo, eu estava pensando nisso —

sinto-me estranho em estar com você. Parece cedo demais. Não é, mas às vezes parece.

Entende o que quero dizer?

Ela meneou a cabeça. O ar carrancudo desfez-se um pouco, mas não desapareceu de todo,

— Claro que entendo. As personagens de filmes e da televisão sempre parecem gastar

multo mais tempo do que o necessário fazendo drama, não é?

Exatamente. Nos filmes, há aquele drama todo e muito pouco sofrimento. Porque

sofrimento é uma coisa real. Sofrimento é... — soltou os braços dela, lentamente, apanhou um

prato e começou a enxugá-lo. — Sofrimento é *brutal*.

— É, sim.

— Por isso, de vez em quando, eu me sinto um pouco... culpado. — Surpreendeu- se,

amargamente divertido, com o tom de defensiva que se escondia em sua própria voz, em parte

porque parece cedo demais, embora não o seja; e, em parte, porque parece que superei tudo

depressa demais, o que não é verdade. A idéia de que ainda estou devendo algum sofrimento

ainda persiste, em parte, e não posso negar — seja dito em meu favor — que sei

que é

loucura... porque uma parte minha — uma parte bem grande, diga-se de passagem, *ainda sofre*.

— Como você é humano — Polly disse com suavidade. — Como é estranhamente exótico,

e provocantemente sofisticado.

É, pode ser. Quanto ao Al, ele está fazendo as coisas a seu modo. E é um bom modo —

suficiente para que eu me orgulhe dele. Ainda sente falta da mãe, mas se ainda

está *sofrendo* — e não tenho certeza absoluta disso — então é por causa de Todd. Mas se você

pensa que ele está se afastando porque não a aprova... ou a nós dois... está redondamente

enganada.

— Fico contente. Você não sabe o alívio que sinto. Mas, ainda me parece que —

— Não se sabe por que, não está certo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Entendo. Mas o comportamento infantil, mesmo quando é 98,6% normal, sempre parece

errado para os adultos. A gente se esquece como as crianças se recuperam depressa, e quase

sempre a gente se esquece como elas mudam depressa. Al está se afastando. De mim, dos

velhos amigos, como Jimmy Catlin, até mesmo de Castle Rock. Afastando-se, só isso. Como

um foguete cujo terceiro estágio desprendeu-se. É assim que as crianças agem, e acho que

sempre vem como uma triste surpresa para os pais.

— Mesmo assim, parece cedo — Polly comentou baixinho. — Aos 17 anos, parece cedo

para se afastar.

— *É* cedo — Alan concordou. Falou num tom de voz que não era propriamente zangado.

— Ele perdeu a mãe e o irmão num acidente estúpido. Sua vida se estraçalhou, minha vida se

estraçalhou, e ficamos unidos, como creio que pais e filhos se unem sempre em tais situações,

para ver se conseguíamos juntar os caquinhos de nossas vidas. Acho até que nos saímos

bastante bem, mas só um cego não veria que as coisas mudaram. Minha vida está aqui, Polly,

em Rock. A dele já não está mais. Cheguei a pensar que poderia voltar a estar, mas a expressão

de seus olhos, quando sugeri que pedisse transferência para o Ginásio de Castle Rock, no

outono, me fez entender num instante. *Ele não gosta* de vir aqui, porque as recordações são

muitas. Acho que... com o tempo... isto pode mudar... mas, por enquanto, não vou fazer

pressão. Mas não tem nada a ver com você e comigo. OK?

— OK. Alan?

— Hein?

— Você sente saudades dele, não sente?

— Sinto — Alan admitiu com simplicidade. — Todos os dias.

Teve um sobressalto ao sentir que as lágrimas lhe vinham aos olhos. Virou-se e abriu a porta de um armário qualquer, tentando readquirir o autocontrole. A maneira mais fácil seria falar de outro assunto.

— Como vai a Nettie? — ele perguntou, sentindo-se aliviado por ver que sua voz estava normal.

— Ela diz que se sente melhor agora à noite, mas levou um tempo enorme para vir atender ao telefone. Tive visões dela, caída no chão, inconsciente.

— Provavelmente estava dormindo.

— Ela disse que não, e sua voz *não* estava sonolenta. Você sabe como é, quando a gente acorda com o telefone tocando?

Ele concordou. Outro detalhe de ser tira. Já estivera nas duas extremidades do fio telefônico, dando e recebendo telefonemas de gente cujo sono fora interrompido.

— Ela disse que estava no barracão, arrumando as velharias da mãe dela, mas — Se Nettie está com gripe intestinal, você provavelmente ligou numa hora em que ela estava no trono, e

Nettie jamais admitiria isto — Alan disse sem rodeios.

Ela ponderou por um momento, e caiu na risada.

— Aposto que foi isso. É típico de Nettie.

— Claro — ele disse. Alan espiou para dentro da pia e puxou a tampa. — Querida, a louça

está toda lavada.

— Obrigada, Alan — e roçou seu rosto de leve.

— Ora, veja o que encontrei — Alan disse. Levou a mão atrás da orelha de Polly e voltou

com um moeda de meio dólar.

— Então, é aí que guarda seu dinheiro, linda dama?

— Como é que você faz essas coisas? — ela disse, fitando a moeda com verdadeira

fascinação.

— O quê? — ele perguntou. A moeda de meio dólar parecia flutuar entre os nós dos dedos

ágeis da mão direita. Pinçou a moeda entre o indicador e o médio, e virou a mão. Ao desvirá-

la, a moeda tinha sumido.

— Que tal se eu fugisse daqui e fosse para um circo? — ele perguntou.

Ela sorriu.

— Não... fique aqui comigo. Alan, você acha que sou boba de me preocupar tanto com a

Nettie?

— Não — Alan respondeu. Enfiou a mão esquerda (para a qual tinha transferido a moeda)

no bolso da calça, e, ao retirá-la, vazia, pegou um pano de prato.

— Você a tirou daquele sanatório, deu-lhe um emprego, ajudou-a a comprar a casa. Sente-

se responsável por ela —, e acho que, até um certo ponto, é mesmo. Se não se preocupasse

com ela, eu ficaria preocupado com você.

Polly pegou o último copo no escorredor. Alan percebeu o súbito desapontamento em seu

rosto e compreendeu que ela não conseguiria segurar o copo embora estivesse quase seco.

Moveu-se rapidamente, dobrando os joelhos e estendendo as mãos. O movimento foi

executado com tamanha elegância que pareceu a Polly quase como um passo de dança. O copo

resvalou, indo cair certinho na palma da mão de Alan, que estava a menos de meio metro do

chão.

A dor que a atormentara a noite inteira — e o conseqüente temor de que Alan desconfiasse

de sua intensidade — de repente ficou afogada numa onda de desejo tão violento e tão

inesperado que a deixou — não surpreendida — mas amedrontada. E, "desejo" era uma

palavra por demais pudica, não era? O que sentia era mais simples, uma emoção

cuja

tonalidade era das mais primitivas. Era luxúria.

— Você se move como um gato — ela disse, quando ele se endireitou. A voz estava

espessa, pouco nítida. Continuava a ver o movimento gracioso, o modo como suas pernas

tinham se dobrado, o flexionar dos músculos das coxas, a curva do músculo da perna.

— Como é que um homem do seu tamanho se movimenta tão depressa?

— Não sei — ele respondeu, e fitou-a com surpresa e espanto. — O que há, Polly? Você

está tão esquisita. Está se sentindo mal?

— Estou sentindo — ela respondeu — como se fosse ter um orgasmo dentro da minha

calcinha

Ele percebeu que era verdade. Sem mais, nem menos. Sem erro, nem dúvida.

Simplesmente, *percebeu*.

— Vamos ver se está — ele disse, e inclinou-se, com a mesma graça fácil, aquela rapidez

inesperada, que dificilmente alguém imaginaria num homem daquela envergadura, se o visse

descendo devagar a Rua Principal. — Vamos ver se está.

Deixou o copo na bancada da pia, com a mão esquerda, e a direita deslizou entre as pernas

de Polly antes que ela se desse conta do que estava acontecendo.

Alan, o que você está faz —

E, quando o polegar dele comprimiu delicada e firmemente o seu clitóris, o "...endo"

transformou-se num chnnnnnnnnn, e ele a ergueu com sua incrível e surpreendente força.

Polly lançou os braços ao redor do pescoço dele, e mesmo neste momento ardente teve o

cuidado de abraçá-lo usando os antebraços. Suas mãos se cruzaram na nuca de Alan, como

garfos duros e pontudos, mas, de repente, era a única parte de seu corpo que permanecia rígida.

O resto parecia derreter-se.

— Alan, ponha-me no chão!

— Acho que não — ele disse, levantando-a ainda mais alto. Passou a mão livre pelas

costas dela, entre as omoplatas, quando ela começou a deslizar, e apertou-a contra si. E, de

súbito, ela estava oscilando, para frente e para trás naquela mão entre suas pernas, como uma

menininha num cavalinho-de-pau, e ele a *ajudava* a se mexer, e ela sentiu-se como se estivesse

num balanço maravilhoso com seus pés ao vento e os cabelos nas estrelas.

— Alan...

— Segure-se firme, linda dama — ele disse, e estava rindo, como se ela fosse leve como

uma pluma. Polly inclinou-se para trás, quase sem perceber, na crescente

excitação, a mão que

firmava suas costas, consciente apenas de que ele não permitiria que ela caísse, e então ele a

trouxe novamente para frente, uma das mãos acariciando-lhe a nuca, o polegar da outra

fazendo coisas com ela, lá embaixo, coisas que ela nem sequer *teria considerado*, e ela se

balançava, gritando o nome dele freneticamente.

Seu orgasmo a atingiu como se um doce projétil explodisse no centro de seu corpo,

alongando-se para os dois lados. As pernas balançavam para frente e para trás, a 12 cm do

chão da cozinha (um de seus sapatos tinha se desprendido e voado cozinha afora, indo

aterrissar na sala de estar), a cabeça jogada para trás, seus cabelos escuros formando uma

cascata sobre o braço de Alan, e, no auge de seu gozo, ele beijou a alva e doce linha de sua

garganta.

Ele a pôs no chão... e imediatamente estendeu a mão para ampará-la, quando os joelhos

dela se dobraram.

— Oh, meu Deus! — ela disse, começando a rir debilmente. — Oh, *meu Deus*, Alan!

Nunca mais vou lavar estas calças.

Isto pareceu hilariante para Alan, que caiu na risada. Deixou-se cair numa das

cadeiras da

cozinha, as longas pernas esticadas à sua frente, e gargalhou, apertando o estômago. Polly deu

um passo para ele, que imediatamente a agarrou, puxou-a para o colo por um instante, e ficou

de pé com ela nos braços.

Ela sentiu aquela suave onda de emoção e necessidade invadi-la novamente, agora mais

nítida, melhor definida. *Agora*, ela pensou, *agora é desejo*. *Eu desejo loucamente este homem*.

— Leve-me para cima — ela pediu. — Se não conseguir ir tão longe, leve-me para o sofá.

E, se não conseguir chegar ao sofá, faça amor comigo aqui mesmo no chão da cozinha.

Acho que dá para chegar até o sofá — ele disse. — Como estão suas mãos, linda dama?

Que mãos? — ela perguntou, sonhadoramente, e fechou os olhos. Concentrou-se na

cristalina exultação daquele momento, atravessando tempo e espaço nos braços dele,

movendo-se na escuridão, protegida pelo círculo de força que emanava dele. Comprimiu o

rosto contra o peito dele, e quando Alan a colocou no sofá, puxou-o para si, desta vez usando

as mãos.

Ficaram no sofá durante quase uma hora, depois no chuveiro, não se sabe quanto tempo —

até que a água quente começou a esfriar e acabou por afugentá-los. Então, ela o levou para a

cama, onde se deitou cansada demais e satisfeita demais para outra coisa que não fosse ficar

deitada toda enrodilhada.

Polly esperava fazer amor com ele naquela noite, mas com o propósito maior de minorar a

preocupação dele do que por qualquer desejo especial de sua parte. Certamente, não esperava

aquela série de orgasmos... mas estava contente. Sentia que a dor nas mãos teimava em querer

voltar, mas esta noite ela não precisaria tomar Percodan para poder dormir.

— Alan, que amante fantástico você é!

— Você também é!

— Então, temos unanimidade — ela disse, descansando a cabeça no peito dele. Ouvia o

calmo bater do seu coração dentro do peito, como se estivesse dizendo, ora, ora, linda dama,

isto é coisa de rotina para o patrão e para mim. Ela tornou a pensar — e não sem um eco

distante da paixão avassaladora que sentira — em sua agilidade, em sua força... mas,

principalmente, em sua agilidade. Conhecia-o desde os tempos em que Annie viera trabalhar

para ela, e eram amantes há cinco meses, mas nunca percebera com que rapidez ele era capaz

de se mover, até esta noite. Era como o truque da moeda, ou o do baralho, ou o das sombras na

parede, que toda a garotada da cidade conhecia e implorava que ele mostrasse, só que numa

versão de corpo inteiro. Era estranho... e era também maravilhoso.

Sentia-se flutuar. Deveria perguntar se ele pretendia passar a noite, e dizer-lhe para guardar

o carro na garagem, caso fosse ficar — Castle Rock era uma cidadezinha onde havia muitas

línguas faladeiras — mas lhe parecia esforço demasiado. Alan tomaria conta de tudo. Alan, ela

começava a achar, sempre tomava conta de tudo.

— Alguma nova manifestação por parte do Buster ou do rev. Rose? — ela perguntou

sonolenta.

Alan sorriu.

— Nada de novo nas duas frentes, pelo menos por enquanto. Quanto menos vejo o sr.

Keeton e o rev. Rose mais os aprecio, e segundo este parâmetro hoje foi um dia ótimo.

— Isso é bom — ela murmurou.

— É, mas sei de uma melhor ainda.

— Qual?

Norris Ridgewick recuperou o bom-humor. Comprou uma vara de pescar e molinete do seu

amigo, sr. Gaunt, e só faz falar que vai pescar neste fim-de-semana. Acho que vai ficar de

bunda congelada — a bundinha murcha que ele tem, mas se Norris está contente, eu também

estou. Fiquei furioso da vida quando Keeton botou areia no angu dele. O povo caçoa dele

porque é magricela e esquisitinho, mas transformou-se num ótimo policial nestes últimos três

anos. E é tão sensível quanto qualquer outra pessoa. Ele não tem culpa de parecer o meio-

irmão de Don Knotts.

— Ummmmmm...

Flutuando. Flutuando numa branda penumbra, onde não havia dor. Polly deixou-se levar, e

quando adormeceu havia em seus lábios uma fugidia expressão de satisfação felina.

7

Alan custou mais a dormir.

A voz íntima tinha voltado, mas seu tom de falsa alegria desaparecera. Parecia agora

inquisitiva, plangente, quase perdida. *Onde estamos, Alan? Que quarto é este? Que cama é*

esta? Que mulher é esta? Parece que já não entendo mais nada!

E, de repente, Alan percebeu que sentia pena daquela voz. Não se tratava de autopiedade,

pois aquela voz nunca fora tão diferente da sua própria como naquele momento. Ocorreu-lhe

que a voz estava com tão pouca vontade de falar quanto ele mesmo — o resto dele, o Alan que

existia no presente e fazia planos para o futuro — queria ouvir. Era a voz do dever, a voz do

sofrimento. E era, acima de tudo, a voz da culpa.

Há pouco mais de dois anos, Annie Pangborn começara a sofrer de dores de cabeça. Não

eram fortes, era o que ela dizia — furtava-se de tocar no assunto, tanto quanto Polly se

esquivava de falar da artrite. Então, certo dia, ele estava se barbeando — bem no início de

1990, mais ou menos por aí — quando notou a tampa do vidro tamanho-família de Anacin-3

esquecida na bancada da pia. Começou a ajustar a tampa e... ficou imóvel. Tinha tomado umas

poucas aspirinas, de um vidro que continha 225 comprimidos, no fim da semana anterior. Na

ocasião, o vidro estava quase cheio. Agora, estava quase vazio. Limpou o resto de sabão de

barba, e foi até Costura que Costura onde Annie trabalhava desde que Polly abrira a loja.

Perguntou-lhe a respeito das aspirinas. Recordava-se de que estava com um pouco de medo

(*só um pouquinho*, a voz interior concordou em tons melancólicos)

... mas, só um pouquinho, pois ninguém toma 190 comprimidos de aspirina numa única

semana -— *ninguém*. Annie lhe disse que estava sendo bobo. Ao limpar a bancada da pia do

banheiro, tinha derrubado o vidro. Como a tampa não estava bem encaixada, quase todos os

comprimidos tinham caído dentro da pia. Começaram a derreter e Annie jogou tudo fora.

Foi o que ela disse.

Mas, sendo um tira, mesmo quando não estava de serviço não conseguia se libertar dos

hábitos automáticos de observação que vinham junto com a função. Não conseguia desligar o

detector de mentiras. Se você observasse as pessoas quando estão respondendo às suas

perguntas, realmente *as observasse*, quase sempre saberia quando estivessem mentindo. Alan,

certa vez, interrogara um homem que, sempre que contava uma mentira, palitava o dente com a

unha do polegar. A boca articulava a mentira; o corpo, segundo parecia, estava destinado a dar

sinal da verdade. Assim, ele estendera a mão sobre a mesa do reservado, na Nan's Lanchonete,

agarrando a mão de Annie dentro da sua, pedindo-lhe que dissesse a verdade. E quando, após

um momento de hesitação, ela confessou que sim, que as dores *estavam* piorando, e que sim,

ela *andava tomando* um bocado de aspirinas, mas que não, ela não tinha tomado todos os

comprimidos que estavam faltando, e que o conteúdo do vidro tinha de fato caído dentro da

pia, ele acreditou. Deixou-se prender na cilada mais antiga do manual da polícia, a que se dava

o nome de "meia-volta-volver": se, ao contar uma mentira, você é apanhado, dê *meia-volta* e

conte *meia* verdade. Se Alan tivesse observado Annie com mais atenção, teria notado que ela

ainda não estava sendo sincera com ele. Poderia tê-la forçado a admitir algo que lhe parecera

quase impossível, mas que agora acreditava ser a verdade: que as dores de cabeça eram tão

fortes que ela estava tomando um mínimo de 20 aspirinas por dia. E, se ela

tivesse

admitido *este fato*, ele a teria levado imediatamente para o consultório de um neurologista em

Portland ou Boston antes que a semana terminasse. Mas, tratava-se de sua mulher, e naqueles

dias ele ainda não era tão observador quando não estava de serviço.

Contentou-se em marcar uma consulta para ela com o dr. Ray Van Allen, à qual ela

comparecera. Ray nada encontrou, e Alan nunca o culpara por isso. Ray fizera o teste rotineiro

de reflexo, fizera exame de fundo de olho em Annie com o seu confiável oftalmoscópio,

testara sua visão para ver se havia algum desvio, e encaminhara Annie à Regional de Oxford

para um raio-x. No entanto, não pedira uma tomografia axial computadorizada, e quando

Annie lhe disse que as dores tinham sumido, Ray acreditou. Alan suspeitava que ele andara

certo em acreditar nela. Sabia que médicos prestam tanta atenção às reações corporais quanto

os tiras. Pacientes tendem a mentir tanto quanto os suspeitos, e ambos pela mesma razão: puro

medo. Alan estava de serviço quando Ray examinou Annie. Assim sendo, talvez entre a hora

que Alan fez a descoberta e a hora que Annie foi consultar o dr. Van Allen, as dores de cabeça

tivessem desaparecido. *Provavelmente*, tinham desaparecido. Depois, Ray contou a Alan,

numa longa conversa regada a conhaque, na casa do médico em Vista do Castelo, que em

casos de tumor cerebral localizado alto na base do cérebro, os sintomas surgem e desaparecem.

— Convulsões são, com freqüência, associadas a tumores na base do cérebro — ele disse a

Alan. — Se ela tivesse tido uma convulsão, quem sabe...

E encolheu os ombros. Sim. Quem sabe. E, quem sabe, um homem chamado Thad

Beaumont era o inconfidente não indiciado pelas mortes de sua mulher e filho, mas, em seu

coração, Alan também não podia culpar Thad.

Nem tudo que acontece em cidadezinhas do interior chega ao conhecimento público, não

importa que os ouvidos estejam grudados às paredes e as línguas não parem de matraquear.

Sabia-se, em Castle Rock, a respeito de Frank Dodd, o tira que enlouqueceu e matou as

mulheres, ainda nos tempos do xerife Bannerman, e também sabia-se a respeito de Cujo, o cão

são-bernardo raivoso na Estrada Vicinal nº 3, e sabia-se a respeito da casa no lago, de Thad

Beaumont, escritor e personalidade famosa local, que se incendiara completamente no verão de

1989, mas não se sabia as circunstâncias do incêndio, e nem se sabia que Beaumont estava

sendo perseguido por um homem que não era homem coisa nenhuma, mas uma criatura para a

qual ainda não existe nome. Alan, entretanto, sabia todas essas coisas, e elas ainda o

perseguiam em seus sonhos, de vez em quando. Tudo isto já estava encerrado à época em que

Alan ficou sabendo das dores de cabeça de Annie... só que nem tudo estava encerrado. Em

razão dos telefonemas que recebia de Thad quando este estava embriagado, Alan tornou-se a

testemunha relutante da destruição do casamento do escritor e da erosão gradual da sanidade

mental daquele homem. E, havia ainda a questão da sua própria sanidade. Em algum

consultório por aí, Alan lera a respeito dos buracos negros — imensos espaços vazios celestiais

que parecem ser redemoinhos de antimatéria, sugando vorazmente tudo que esteja a seu

alcance. No final do verão e durante o outono de 1989, o caso Beaumont tornara-se o buraco

negro pessoal de Alan. Havia dias em que ele se punha a questionar até os mais elementares

conceitos de realidade, perguntando-se se tudo realmente acontecera. Havia noites em que

permanecia acordado até que a aurora tingisse o leste, com medo de dormir, com

medo que o

sonho voltasse: o Coronado preto avançando para ele, um Coronado preto dirigido por um

monstro em decomposição, e um adesivo no vidro traseiro anunciando: SEU FILHO DA

PUTA NOJENTO. Naqueles dias, a vista de um simples pardal pousado na grade da varanda

ou saltitando no gramado era suficiente para que ele tivesse vontade de gritar. Caso lhe

perguntassem, Alan responderia:

— Quando Annie começou a ter problemas, fiquei desesperado.

Mas, não era apenas uma questão de desespero. No âmago de sua mente, ele enfrentava

uma batalha mortal para conservar sua sanidade. SEU FILHO DA PUTA NOJENTO —

sempre pensando nisso. Perseguido. Isso... e os pardais.

Ainda estava desesperado naquele dia de março, quando Annie e Todd embarcaram no

velho Scout que usavam para vencer distâncias dentro da cidade, e rumaram para o Mercado

Hemphill. Alan passara e repassara o comportamento de Annie naquela manhã, nada

encontrando de anormal, nada de extraordinário. Estava no seu estúdio, quando eles saíram.

Tinha olhado pela janela perto da escrivaninha, e acenado. Todd acenara de volta, antes de

entrar no carro. Foi a última vez em que os viu vivos. Depois de cinco quilômetros na Rodovia

117 e a menos de dois quilômetros do Mercado Hemphill, o Scout tinha se desgovernado em

alta velocidade, colidindo com uma árvore. A policia estadual calculou pela condição dos

destroços, que Annie, que normalmente dirigia muito devagar, devia estar a mais de 120km

por hora. Todd passara o cinto de segurança. Annie, não. Provavelmente já estava morta

quando seu corpo atravessou o pára-brisas, deixando para trás uma perna e parte de um braço.

Todd talvez ainda estivesse vivo quando o tanque de gasolina explodiu. Isto, mais do que

qualquer outro fato, remota os pensamentos de Alan; que seu filho de 10 anos, que escrevia

uma coluna de astrologia de brincadeira para o jornalzinho da escola e vivia para a liga

Infantil, talvez pudesse ainda estar vivo; que talvez tivesse sido queimado vivo lutando contra

o fecho do cinto de segurança.

Foi feita uma autópsia, que revelou o tumor cerebral. Era pequeno, disse-lhe Van Allen.

Mais ou menos do tamanho de um amendoim. Mas não contou a Alan que seria operável, caso

tivesse sido diagnosticado a tempo; esta informação, Alan deduziu da expressão de tristeza e

dos olhos baixos do médico. Van Allen disse acreditar que ela, finalmente, sofrera a convulsão

que poderia tê-los alertado para o problema real, se tivesse ocorrido mais cedo. Talvez tivesse

galvanizado seu corpo como uma forte descarga elétrica, fazendo com que seu pé comprimisse

o acelerador e ela perdesse o controle do carro. Não disse todas estas coisas a Alan,

voluntariamente. Alan o interrogou impiedosamente, e porque Van Allen percebeu que,

sofrendo ou não, Alan pretendia extrair a verdade... ou, pelo menos, tanto da verdade quanto

fosse possível a alguém ficar sabendo, que não estivesse no carro na hora do acidente.

— Por favor — Van Allen dissera, e tocou a mão de Alan breve e bondosamente. — Foi

um acidente terrível, mas *não passou disso*. Você tem que se libertar. Pense em seu outro filho,

que está precisando de você tanto quanto você precisa dele. Precisa se libertar e tocar a vida

para frente.

E Alan tinha tentado. O horror irracional com o caso Beaumont, e o caso dos

(pardais, os pardais estão voando)

começava a se desvanecer, e ele tinha sinceramente tentado juntar os cacos de sua vida —

viúvo, xerife de uma cidade pequena, pai de um adolescente em fase de

crescimento que se

afastava depressa demais... não por causa de Polly, mas por causa do acidente. Por causa

daquele trauma terrível: *Filho, o que vou dizer é horrível. Você tem que ser forte*... e, então, é

lógico, ele caíra em prantos, e dentro em pouco Al também estava chorando.

Apesar de tudo, tentaram os dois reconstruir suas vidas e o processo *ainda* continuava. As

coisas estavam melhores agora... mas, dois detalhes teimavam em ficar. '

Um, era o enorme vidro de aspirina, quase vazio depois de apenas uma semana.

O outro, era o fato de que Annie não estava usando o cinto de segurança.

Annie sempre usava o cinto de segurança.

Depois de três semanas de noites insones e aflitas, marcou uma consulta com um

neurologista de Portland, pensando em trancas na porta depois da casa assaltada, e coisas

semelhantes. Foi, porque o médico poderia ter explicações melhores para as perguntas que

Alan precisava fazer, e ele estava cansado de arrancar a saca-rolha as respostas de Ray Van

Allen. O nome do médico era Scopes, e, pela primeira vez em sua vida, Alan escondeu-se atrás

do distintivo: disse a Scopes que suas perguntas se relacionavam com uma investigação

policial em andamento. O médico confirmou as suspeitas principais de Alan: sim, pessoas com

tumor cerebral tendem a ter crises de irracionalidade, e tornam-se, às vezes, suicidas em

potencial. Quando uma pessoa sofrendo de tumor cerebral comete suicídio, Scopes explicou, o

ato é frequentemente impulsivo, depois de um período de ponderação que pode durar um

minuto ou até poucos segundos. Tal pessoa levaria alguém com ela?, Alan perguntou.

Scopes estava sentado à mesa, com a poltrona inclinada para trás e as mãos enlaçadas na

nuca, e não tinha como ver as mãos de Alan, tão apertadas entre seus joelhos que os dedos

tornaram-se brancos como cera. Oh, sim, Scopes respondeu. Não era um padrão incomum em

tais casos; tumores cerebrais basilares podem provocar comportamentos que o leigo julgaria

psicóticos. Um destes era a conclusão de que o padecimento que o doente sente é

compartilhado, seja pelos seus entes queridos, seja por toda a humanidade; outro, era a idéia do

doente de que seus entes queridos não desejariam continuar a viver depois que ele morresse.

Scopes mencionou Charles Whitman, o *Eagle Scout* que tinha subido ao topo do prédio Texas

Tower e assassinado mais de uma dúzia de pessoas antes de ele próprio cometer suicídio, e

uma professora primária substituta que tinha assassinado uma porção de seus alunos antes de ir

para casa e dar um tiro na própria cabeça. As autópsias tinham revelado tumores cerebrais em

ambos os casos. Era um padrão, mas que não se aplicava a todos os casos, nem mesmo à

maioria deles. Tumores cerebrais podem provocar sintomas estranhos, até exóticos; por outro

lado, às vezes não há sintomas. Impossível dizer com certeza.

Impossível. Então, esqueça.

Bom conselho, mas difícil de engolir. Por causa do vidro de aspirinas. E do cinto de

segurança.

Mais do que todo o resto, o que pesava na mente de Alan era o cinto de segurança — uma

nuvenzinha negra que teimava em não se dissipar. Annie nunca dirigia sem colocar o cinto de

segurança. Nem mesmo para ir até o fim do quarteirão. Todd, no entanto, usava o seu, como

sempre fazia. Será que isto não tinha algum significado? Se ela tivesse — depois de ter dado

marcha a ré para sair para a rua pela última vez — decidido se matar e levar Todd junto com

ela, será que não teria insistido para que Todd também tirasse o cinto de segurança? Mesmo

magoada, deprimida, confusa, ela não iria querer que Todd sofresse, não é?

Impossível dizer com certeza. Esqueça.

No entanto, mesmo agora, deitado ao lado de Polly, com Polly dormindo ao seu

lado, ele

achava difícil aceitar o conselho. Sua mente voltou a trabalhar no problema, como um

filhotinho de cachorro que se preocupa em esmiuçar com seus dentinhos afiados uma tira de

couro cru, já toda velha e mastigada.

Nesse ponto, uma imagem sempre lhe ocorria, uma imagem de pesadelo que acabara por

atirá-lo nos braços de Polly Chalmers, porque Polly era a mulher de quem Annie mais se

aproximara na cidade — e, levando em consideração o caso Beaumont e a carga psicológica

que resultara para Alan, Polly provavelmente estivera mais presente na vida de Annie, durante

os últimos meses de sua vida, do que o próprio marido.

Nessa imagem, ele sempre via Annie soltando o seu cinto de segurança, e comprimindo o

acelerador até o fim enquanto tirava as mãos do volante. Tirava as mãos do volante porque

tinha outra tarefa naqueles últimos segundos.

Tirava-as do volante para que pudessem soltar o cinto de segurança de Todd.

Essa era a imagem: o Scout roncando estrada abaixo, a mais de 120km por hora,

desgovernando-se para a direita, na direção das árvores, sob o céu esbranquiçado de março que

prometia chuva, enquanto Annie lutava para desvencilhar o cinto de Todd, e Todd, gritando e

com medo, batendo naquelas mãos e tentando afastá-las.

Viu o rosto tão amado de Annie transformar-se na máscara medonha de uma bruxa, e o de

Todd alongando-se para exprimir o horror que sentia. Alan acordava às vezes no meio da

noite, o corpo revestido por uma camada pegajosa de suor, com a voz de Todd vibrando em

seus ouvidos: *as árvores, mamãe! Cuidado com as ÁAAAAARVORES!*

Assim, certo dia, Alan fora visitar Polly na hora de a loja fechar, e perguntou se ela poderia

ir até sua casa para um drinque, ou, caso não se sentisse à vontade em aceitar o convite, se ele

poderia ir até a casa dela.

Sentado em sua própria cozinha (*a cozinha certa*, comentou sua voz interior), uma chávena

de chá para ela e uma caneca de café para si mesmo, começara a contar, lenta e hesitantemente,

o seu pesadelo.

— Preciso saber, se puder, se ela atravessava períodos de depressão ou de irracionalidade,

dos quais não fiquei sabendo ou não notei — ele disse. — ...preciso saber se...

E, parou, momentaneamente ao desamparo. Sabia as palavras que devia pronunciar, mas

tornava-se cada vez mais difícil dar-lhes voz. Era como se o canal de comunicação entre sua

mente confusa, infeliz e suas cordas vocais fossem diminuindo e se afinando

gradualmente.

Em pouco tempo estaria completamente mudo.

Com grande esforço, continuou.

— Preciso saber se Annie tinha mania de suicídio. Porque, gostaria que você entendesse,

não foi só Annie que morreu. Todd morreu junto com ela, e se houve sinos... sinais, quero

dizer... *sinais*... que não notei, então sou responsável pela morte dele, também. E preciso saber

com certeza.

Parara nesse ponto, o coração batendo surdamente dentro do peito. Passou a mão pela testa

e ficou levemente surpreendido ao ver que estava molhada de suor.

— Alan — Polly disse, pousando a mão em seu pulso. Seus claros olhos azuis

mergulharam fundo no olhar dele. — Se eu tivesse notado tais sinais, e não comunicasse a,

ninguém, eu seria tão culpada quanto você está querendo ser, segundo parece.

He ficara boquiaberto diante dela, lembrava-se disso. Polly poderia ter notado algum

detalhe do comportamento de Annie que lhe escapara; seu raciocínio chegara até esse ponto. A

idéia de que notar uma conduta estranha implicava na responsabilidade de tomar alguma

providência não lhe ocorrera até então.

— Não notou nada? — ele perguntou.

— Não. Já virei e revirei isso na minha cabeça. Não tenho intenção de menosprezar sua dor

e sua perda, mas você não é o único que tem esses sentimentos, e também não é o único que

fez uma profunda análise mental, desde o acidente com Annie. Repassei aquelas últimas

semanas até ficar tonta, repetindo cenas e conversas à luz do resultado da autópsia. É o que

estou fazendo agora, depois do que acaba de me contar sobre aquele vidro de aspirinas. E sabe

qual é a minha conclusão?

Qual?

— Neres. — Disse-o num tom tão sem ênfase que era estranhamente convincente.

— Absolutamente nada. Havia dias em que eu a achava um pouco pálida. Lembro-me de

algumas poucas ocasiões em que a ouvi falando consigo mesma enquanto fazia a bainha de

salas ou desembrulhava tecidos. Esse foi o detalhe mais excêntrico do comportamento de

Annie de que me lembro, mas muitas vezes eu já fiz o mesmo. E você?

Alan fez que sim com a cabeça.

— Quase sempre da era a mesma desde que a vi pela primeira vez: alegre, meiga, atenta...

uma boa amiga.

— Mas —

A mão de Polly permanecia sobre seu pulso e apertou-se levemente.

Não, Alan, nenhum “mas”. Ray Van Allen está fazendo o mesmo, sabe disso? Acho que

lhe dão o nome de revisão retardada. Você pode *culpá-lo*? Acha que Ray é culpado por não ter

encontrado o tumor?

— Não, mas —

— E eu? Eu trabalhava junto dela todos os dias, lado a lado, a maior parte do tempo;

tomávamos café juntas às dez, almoçávamos juntas ao meio-dia, tomávamos outro café às três

da tarde. Começamos a falar muito francamente uma com a outra com o passar do tempo e a

nos conhecermos melhor e ficarmos gostando muito uma da outra, Alan. Sei que você a

agradava tanto como amante quanto como companheiro, e sei que ela amava os meninos. Mas

se ela estava derivando para o suicídio por causa de sua doença... isso, eu não sei. Por isso,

diga-me você — você *me* culpa? — e seus claros olhos azuis tinham fitado os dele, franca e

curiosamente.

— Não, mas —

A mão apertou seu pulso novamente, de leve mas com autoridade.

—Quero fazer uma pergunta. É importante, portanto pense bem.

Ele meneou a cabeça.

— Ray era o médico de Annie, e se havia alguma coisa, ele não viu. Eu era amiga dela, e

se havia alguma coisa, eu não vi. Você era o marido dela, e se havia alguma coisa, *você* não

viu. E você acha que isto é tudo, e que acabou-se, mas não é.

— Não sei aonde você quer chegar.

— Havia mais alguém muito próximo a ela — Polly dissera.— Alguém mais próximo do

que você ou eu, creio.

— De quem você está fal —

— Alan, o que é que *Todd* dizia?

Ele apenas a fitava, incapaz de compreender. Sentia como se ela estivesse falando grego.

— *Todd* — ela repetiu, parecendo impaciente. — Todd, seu *filho*. Aquele que o mantém

acordado a noite inteira. É *ele*, não é? Annie, não, mas *ele*.

— Sim — Alan disse. — Ele.

A voz soou alta e insegura, completamente diferente de sua própria voz, e ele sentiu algo

dentro dele se agitando, algo muito grande e fundamental. Agora, deitado ali, no leito de Polly,

ele recordava aquele momento na sua cozinha com nitidez quase sobrenatural: a mão dela

sobre seu pulso num raio oblíquo do sol crepuscular, seus pêlos parecendo fios

muito finos de

ouro; os olhos claros de Polly; sua meiga insistência.

— Ela forçou Todd a ir com ela, Alan? Ele estava esperneando? Gritando? Se debatendo?

— Não, claro que não, mas ela era a mãe d —

— De quem foi a idéia de Todd ir com ela até o mercado naquele dia? Dela ou dele?

Lembra-se disso?

Ele começou a dizer que não, mas de repente lembrou-se. Suas vozes flutuando da sala de

estar, e de sentado à escrivaninha, analisando ordens de prisão.

Tenho que ir ao mercado, Todd — quer vir?

Posso ir ver os novos *vídeo-teipes?*

Acho que sim. Pergunte a seu pai se ele quer alguma coisa.

— Foi idéia dela — ele disse a Polly.

— Tem certeza?

— Tenho. Mas, Annie *perguntou* se ele queria ir. Ela não *mandou* que de fosse.

Aqueia coisa dentro dele, aquela coisa fundamental, ainda se agitava. Ia acabar se

libertando, ele pensou, e quando caísse ia causar o diabo naquele chão, pois tinha raízes amplas

e profundas.

— Ele tinha medo dela?

Agora, era quase um interrogatório que eia lhe fazia, do mesmo modo como ele tinha

interrogado Van Allen, só que Alan não tinha corno interrompê-la. Nem tinha certeza de que

era isso o que desejava. Havia algo ali, é certo, algo que jamais lhe ocorrera em suas longas

noites de insônia. Algo que ainda estava vivo.

— Todd com medo de Annie? Deus do céu, não!

— Nem nos últimos meses de suas vidas?

— Não.

— Nas últimas semanas?

— Polly, eu não estava em condições de observar esses detalhes, naquela época. Havia

aquele negócio que aconteceu com Thad Beaumont, o escritor... aquela história maluca —

— Está me dizendo que estava tão por fora das coisas que nunca prestou atenção em Annie

e Todd quando os dois estavam juntos, ou, de qualquer modo, que você ficava muito pouco

tempo em casa?

— Não... sim... isto é, *claro* que eu ficava em casa, mas —

Era uma estranha sensação, ser o interlocutor dessas perguntas disparadas com tamanha

rapidez. Como se Polly o tivesse dopado com novocaína e o estivesse usando como saco de

pancada. E aquela coisa fundamental, fosse o que fosse, ainda estava em movimento, ainda

rolando na direção da fronteira onde a gravitação começaria a atraí-la para baixo ao invés de

mantê-la lá em cima.

— Alguma vez Todd chegou perto de você para dizer “estou com medo da mamãe'’?

— Não —

— Alguma vez ele lhe disse: “Pai, acho que mamãe planeja suicidar-se, e quer me levar

com ela?”

— Polly, isso é ridículo! Eu —

— Ele disse?

— *Não!*

— Alguma vez ele sequer disse que ela estava agindo ou falando engraçado?

— Não.

— E Al estava no colégio Interno, certo?

— O que isso tem a ver com —

— Ela ficou com apenas um filho no ninho. Enquanto você estava fora, trabalhando, eram

os dois naquele ninho. Ela jantava com ele, ajudava-o nos deveres de casa, assistiam televisão

juntos —

Lia para ele — ele completou, numa voz esquisita, embargada. Mal a

reconheceu.

Ela era, provavelmente, a primeira pessoa que Todd via de manhã e a última, de noite —

Polly disse. Sua mão continuava pousada no pulso dele. Seus olhos fitavam os deles

gravemente. — Se alguém tinha condições de ver o que estava acontecendo, foi quem morreu

com ela. *E, esse alguém nunca disse uma única palavra!*

E, repentinamente, a coisa fundamental veio ao chão. Seu rosto contorceu-se. Ele sentia o

que estava acontecendo — como se cordões estivessem presos a essa coisa fundamental numa

dezena de diferentes pontos, e cada um desses cordões sendo puxado por uma gentil mas

insistente mão. Chegou uma ardência à sua garganta e tentou bloqueá-la. A mesma ardência

invadiu-lhe o rosto. Seus olhos se inundaram de lágrimas; e a imagem de Polly Chalmers

desdobrou-se em duas, depois em três, para depois transformar-se em prismas de luz e

Imagem. Seu peito arquejava, e parecia faltar ar aos seus pulmões. A mão dele girou com

aquela velocidade que lhe era peculiar e agarrou a dela — deve ter-lhe causado uma dor

imensa, mas Polly não emitiu um único som.

— *Eu sinto saudades dela!* — ele gritou para Polly, e um soluço enorme e

doloroso

transformou suas palavras em sons ofegantes. — *Eu sinto tantos saudades dos dois, meu*

Deus!, como eu sinto saudades deles!

— Eu sei — Polly disse calmamente. — Eu sei. Nisto, realmente, se resume tudo, não é?

Na saudade que você sente dos dois.

Ele chorou. Al tinha chorado todas as noites, durante duas semanas, e Alan tinha estado ao

lado dele para ampará-lo e confortá-lo como pudesse, mas o próprio Alan não tinha derramado

uma única lágrima. Chorava agora. Os soluços o assaltaram e ele não resistiu. Não tinha força

para controlá-los ou fazer com que parassem. Não conseguia minorar seu sofrimento, e tinha,

afinal, entendido, tom profundo e incoerente alívio, que não tinha urgência em fazê-lo.

Cegamente, empurrou a caneca de café para um lado, ouviu quando caiu no chão, em

algum mundo remoto onde se espatifou. Pousou a cabeça na mesa, colocou os braços ao redor

dela, e chorou.

A certa altura, sentiu que Polly, com aquelas suas mãos frescas, suas mãos deformadas e

generosas, levantou sua cabeça e a aconchegou contra o ventre. E Polly assim ficou, e ele

chorou durante muito, muito tempo.

8

O braço dela ia escorregando de seu peito. Alan segurou-o com extrema delicadeza,

sabendo que se batesse em sua mão, mesmo muito levemente, ele a acordaria. De olhos fitos

no teto, perguntou-se se Polly teria deliberadamente provocado seu sofrimento naquele dia. Ele

achava que sim, seja porque sabia ou simplesmente porque intuía que ele precisava muito mais

dar vazão à sua dor do que procurar respostas que quase certamente não existiam.

Foi assim que tudo começou entre os dois, embora ele não tivesse reconhecido o episódio

como sendo um princípio — parecia-lhe mais o finai de alguma coisa do que o começo de

outra. Entre esse dia e a hora em que finalmente juntara coragem suficiente para convidar Polly

para jantar, tinha pensado com bastante freqüência no olhar claro de seus olhos azuis e a

sensação da mão dela sobre seu pulso. Pensou na meiga insistência com que o tinha levado a

idéias que ele preferia ou ignorar ou desprezar. E durante aquela época, tentou recompor outro

grupo de sentimentos com relação à morte de Annie; uma vez removida a represa que existia

entre ele e seu sofrimento, outros sentimentos o inundaram. Principalmente, e o mais

desesperador de todos, foi a fúria terrível que sentiu pelo fato de Annie ter escondido dele uma

doença que talvez pudesse ter sido tratada e curada... e por ter levado o filho naquele dia.

Conversara sobre isto com Polly, certo dia, no restaurante As Bétulas, numa fria e chuvosa

noite de abril.

— Você parou de pensar em suicídio, e agora está pensando em homicídio — ela

comentara. — É isto que deixa você zangado, Alan.

Ele balançou a cabeça e fez menção de falar, mas Polly debruçou-se sobre a mesa e pôs,

com muita firmeza, seus dedinhos tortos sobre seus lábios. Shhhh, você aí. E o gesto o

estarreceu a tal ponto que ele *"shhhhhiu"* ...

— É — ela disse. — Desta vez não vou tentar catequizá-lo, Alan. — Já faz muito tempo

que não janto fora com um homem, e estou começando a gostar demais desse meu papel de

Promotor Chefe. Mas as pessoas não ficam zangadas com as outras — pelo menos, não como

você está — por se envolverem em acidentes, a menos que tenha havido uma enorme dose de

falta de cuidado. Se Annie e Todd tivessem morrido devido a uma falha nos

freios, você

poderia ter-se culpado por não tê-los verificado, ou entrar com uma ação contra Sonny Jackett

por ter feito um serviço malfeito na última vez em que levou o carro para a revisão, mas não

culparia *Annie*. É ou não é verdade?

— Acho que é.

— Eu *sei* que é. Pode ter acontecido um acidente qualquer, Alan. Você sabe que ela pode

ter entrado em convulsão enquanto dirigia, porque o dr. Van Allen esclareceu isso para você.

Mas, teria ocorrido a você que ela talvez tivesse desviado o carro para não atropelar um cervo?

Que pode ter sido algo assim, bem simples?

Ocorrera a ele, sim. Um cervo, uma ave, até um carro na contramão vindo contra ela.

— Sim, mas o cinto de segurança dela —

— Ora, *esqueça* esse maldito cinto de segurança! — ela dissera, com tal veemência e

vivacidade que algumas pessoas que jantavam nas mesas mais próximas lançaram-lhe um

breve olhar. — Talvez ela estivesse com dor de cabeça, o que fez com que esquecesse, aquela

única vez, de colocar o cinto, e isto ainda não significa que ela deliberadamente bateu com o

carro. E uma dor de cabeça — uma daquelas bem fortes — teria explicado por

que o cinto de

Todd *estava preso*. E, ainda assim, o ponto não é esse.

— Então, qual é o ponto?

— Que os "talvez" são tantos que não servem de amparo à sua fúria. E mesmo que as

piores coisas que você suspeita fossem verdade, você jamais saberia, não é?

— Não.

— E, caso você viesse a *saber* — olhou para de firmemente. Havia uma vela na mesa,

entre eles. Os olhos dela estavam mais escuros à luz da vela, e ele percebia uma centelha

minúscula em cada um.

— Bem, um tumor cerebral também é um acidente. Não há culpados, Alan, não há —

como vocês os chamam em jargão da polícia? — um elemento suspeito. Até que aceite este

fato, não haverá chance.

— Que chance?

— *Nossa* chance — ela respondeu tranqüilamente. — Gosto muito de você, Alan, e ainda

não passei da idade de me arriscar, mas tenho idade suficiente para saber até onde uma

experiência infeliz pode levar minhas emoções quando ficam fora de controle. E não vou

permitir que sequer cheguem perto desse ponto, a menos que você consiga dar

descanso a

Annie e a Todd.

Ele a fitou, mudo. Ela o contemplou gravemente, com o jantar servido naquela velha

taverna rural, com o fogo na lareira lançando reflexos alaranjados sobre sua face macia e o

lado esquerdo de sua sobrancelha. Do lado de fora, o vento tocava um concerto em trombone

sob as heras.

— Falei demais? — Polly perguntou. — Se falei, gostaria que me levasse para casa, Alan.

Detesto ficar embaraçada quase tanto quanto detesto não dizer o que penso.

Ele estendeu a mão sobre a mesa e tocou a dela suavemente.

— Não, você não falou demais. Eu gosto de ouvi-la, Polly.

Ela sorriu, então. E todo o seu rosto se iluminou.

— Neste caso, você terá sua chance.

Foi assim que começou. Não se sentiam culpados por se encontrarem, mas reconheceram a

necessidade de ser cuidadosos. Não apenas porque ele exercia um posto eletivo numa

cidadezinha do interior, e ela precisava da boa-vontade da comunidade para tocar o seu

negócio, mas também porque ambos admitiam a possibilidade da culpa. Nenhum dos dois

passara da idade de aceitar um risco, parecia, mas os dois tinham idade

suficiente para não

serem imprudentes. Era necessário ter cuidado.

Então, em maio, ele a levara para a cama, pela primeira vez, e ela lhe contara a história de

todos os anos entre o Antes e o Agora... a história na qual ele não acreditou completamente, a

história que ele estava convencido de que Polly tornaria a contar um dia, sem aquele olhar

direto demais, e sem ficar puxando o lóbulo da orelha esquerda. Admitia que tinha sido

extremamente difícil para ela contar-lhe tudo o que tinha contado, e se contentava em esperar

pelo resto. *Tinha* que se contentar. Porque era preciso ter cuidado. Era suficiente — mais do

que suficiente — ter-se apaixonado por ela enquanto o longo verão do Maine passava

sonolentamente por eles.

Agora, contemplando o teto rebaixado do quarto de Polly, na penumbra, perguntou-se se já

era tempo de falar em casamento novamente. Tinha tentado em agosto, e ela repetira aquele

gesto de “Shhhh" você aí. Supunha que...

Mas o trem de seus pensamentos conscientes começou a dissipar-se e Alan adormeceu

facilmente.

9

No sonho, ele fazia compras em algum shopping imenso, descendo um dos corredores tão

longo que se perdia num ponto muito distante. Havia de tudo ali, tudo que ele sempre desejara

e jamais tivera meios para adquirir — um relógio sensível à pressão, um chapéu do tipo

“diplomata” legítimo de Abercrombie & Fitch, uma filmadora 8 mm Bell and Howell,

centenas de outras coisas — mas havia alguém bem atrás dele, alguém bem atrás de seu ombro

onde ele não conseguia Ver.

— Por aqui, nós chamamos essas coisas de quinquilharias, chefão — uma voz comentou.

Era uma voz que Alan conhecia. Pertencia àquele esnobe filho da puta do George Stark que

dirigia o Coronado.

— O nome da loja é o Fim da Picada — a voz continuou. — Porque é aqui que todos os

serviços e mercadorias terminam.

Alan viu uma serpente descomunal — parecia uma píton com cabeça de coral — sair

deslizando de uma vasta coleção de computadores Apple rotulados DE GRAÇA PARA O

PÚBLICO. Virou-se para fugir, mas uma mão que não tinha linhas na palma agarrou seu braço

e o impediu.

— Vá em frente — a voz disse persuasivamente. — Pegue o que quiser, chefe. — Pegue

todas as coisas que quiser... e pague por elas!

Mas, cada mercadoria que tentava apanhar transformava-se na fivela calcinada e meio

derretida do cinto do seu filho.

CAPÍTULO OITO

1

DANFORTH KEETON NÃO TINHA um tumor cerebral mas *sofria* de uma dor de cabeça

descomunal ao sentar-se à sua mesa de trabalho cedo na manhã de sábado. Espalhada ao lado

de uma pilha de pastas com capas vermelhas dos registros de impostos para os anos de 1982 a

1989 havia uma boa quantidade de correspondência — cartas da Receita Fiscal do Estado do

Maine e cópias-xerox de cartas escritas em resposta.

Parecia que tudo começava a desabar ao seu redor. Tinha consciência disso, mas não

conseguia evitar.

Keeton fizera uma viagem a Lewiston no fim da tarde de ontem, tinha voltado a Rock

Castle à meia-noite e meia, e passado o resto da noite andando de um lado para outro da sua

biblioteca, enquanto no andar superior sua mulher dormia sob o efeito de tranqüilizantes. Deu-

se conta de que seu olhar se voltava cada vez com maior freqüência para o pequeno armário

embutido no canto do aposento. Havia uma prateleira no alto do armário embutido, cheia de

suéteres. A maior parte deles já velhos e roídos de traças. Sob eles, havia uma caixa de madeira

entalhada feita por seu pai há muito tempo, antes que a doença de Alzheimer o envolvesse

como uma sombra, deixando-o privado de todas as suas muitas habilidades e lembranças.

Dentro da caixa havia um revólver.

Keeton surpreendeu-se pensando cada vez mais no revólver. Não para ele próprio; pelo

menos por enquanto. Mas para Eles — Os Perseguidores.

Quando faltavam 15 minutos para as 6:00h, saiu de casa, em seu carro, para as ruas

silenciosas na madrugada que separavam sua residência do Edifício Municipal. Eddie

Warburton, com uma vassoura na mão e um Chesterfield entre os lábios (e a

medalha de ouro

maciço que adquirira no dia anterior escondida com segurança sob sua camisa azul de

algodão), observara-o arrastar-se degraus acima, até o segundo andar. Não trocaram sequer

uma palavra. Eddie já se habituara aos horários incomuns em que Keeton aparecia por lá, neste

último ano, e de há muito Keeton cessara de perceber a presença de Eddie.

Agora, Keeton juntou toda a correspondência, venceu o impulso de rasgar todas as cartas

espalhando os pedaços de papel aos quatro ventos, e pôs-se a selecioná-las. Uma pilha para a

Receita Fiscal do Estado e outra para as suas respostas. Mantinha essa correspondência na

gaveta de baixo do seu arquivo — uma gaveta cuja chave só ele possuía.

Quase todas as cartas tinham as seguintes iniciais marcadas no final: DK/sl. DK, é

evidente, significava Danforth Keeton, sl era Shirley Laurence, sua secretária, que tomava os

ditados e datilografava as cartas. Shirley, contudo, não batera à máquina sequer uma de suas

respostas à Receita Fiscal do Estado, existissem ou não as tais iniciais ao pé da carta.

Era mais conveniente guardar certas coisas para si mesmo.

Uma frase saltou-lhe aos olhos enquanto separava as cartas: “... e notamos discrepâncias no

Relatório Trimestral Fiscal Municipal na 11 para o ano fiscal de 1989...”

Deixou-a de lado, rapidamente.

Outra: “... e ao examinarmos um dos formulários para a Compensação Trabalhista para o

último semestre de 1987, temos algumas perguntas bastante sérias com relação...”

Para dentro da pasta.

E mais uma: “...acreditamos que sua solicitação para postergarmos a inspeção, nos parece

prematura...”

Passavam como borrões numa pirueta entontecedora, fazendo-o sentir-se como se estivesse

num carrossel desvairado.

“...as perguntas sobre os fundos relacionados a essas fazendas experimentais...” "... não

encontramos registro de que o município tenha recolhido...”

“...o uso dispersivo da quota de fundos do estado não se encontra suficientemente

documentado...”

"... os recibos faltantes com relação a tais despesas devem ser...”

“...os comprovantes de caixa não são suficientes para...”

"... poderemos solicitar a documentação total a respeito de despesas...”

E, agora, esta última, que chegara ainda ontem. A qual, por seu turno, forçara-o a ir a

Lewiston, na noite anterior, aonde tinha jurado jamais voltar durante a estação de corrida de

cavalos de trote.

Keeton fitou-a sombriamente. Sua cabeça martelava e latejava — uma pesada baga de suor

correu-lhe pela espinha. Grandes círculos roxos de cansaço sombreavam as pálpebras

inferiores. No canto da boca havia uma secura fria.

RECEITA FISCAL

Sede Estadual

Augusta, Maine 04330

O timbre, abaixo do selo estadual, o agredia, e a saudação, fria e formal, ameaçava:

Aos Membros do Conselho Municipal de Castle Rock

Apenas Isto. Nada mais de “Caro Dan", ou “Caro sr. Keeton”. Nenhuma saudação pessoal

e votos para sua família no fecho da carta — que era fria e contundente como a estocada de um

furador de gelo.

Queriam proceder a uma auditoria dos livros contábeis do município. *Todos* os livros

contábeis.

Registros de impostos municipais, registros de participação nas receitas federal e estadual,

registros de despesas municipais, registros de manutenção das rodovias,

orçamentos do

Departamento de Parques e Jardins, até registros financeiros das fazendas experimentais.

Eles queriam ver tudo, e Eles queriam ver tudo no dia 17 de outubro. Daqui a cinco dias.

Eles.

A carta estava assinada pelo tesoureiro estadual, o auditor estadual, e até, como uma

ameaça, pelo promotor geral do estado — o mais alto posto policial do estado. E estas eram

assinaturas originais, não simples reproduções.

— *Eles* — Keeton sibilou para a carta. Sacudiu o papel, que farfalhou levemente, nos

dedos fechados. Arreganhou os dentes para a carta. — *Eeeeeles*!

Bateu com a carta no topo da pilha. Fechou á pasta. Havia uma etiqueta adesiva na capa da

pasta onde se lia CORRESPONDÊNCIA — RECEITA FISCAL DO ESTADO DO MAINE.

Keeton ficou olhando fixamente para a pasta fechada durante um momento. Em seguida,

arrancou uma das canetas de seu suporte no porta-canetas (que ganhara de presente dos J.C.s

do município) e escreveu de modo cortante as palavras RECEITA DE MERDA DO MAINE!

através da capa em letras muito grandes e trêmulas. Estudou rapidamente o que acabara de

escrever e acrescentou mais abaixo: RECEITA DE IDIOTAS DO MAINE! Ficou segurando a

caneta no punho fechado, brandindo-a como uma faca. Em seguida, jogou-a longe. Aterrissou

com um barulhinho surdo.

Keeton fechou a outra pasta, aquela que continha as cópias de cartas que ele próprio

escrevera (e às quais ele sempre juntava as iniciais, em caixa-baixa, da secretária), cartas que

ele elucubrara em suas longas noites insones, cartas que, em última análise, tinham resultado

infrutíferas. Uma veia pulsara sem parar no meio de sua fronte.

Levantou-se, levou as duas pastas para o arquivo, colocou-as na gaveta inferior, fechou-a

com violência, verificou para ver se tinha trancado. Depois, foi até a janela e ficou

contemplando a cidadezinha adormecida, respirando profundamente e tentando recompor-se.

Eles queriam a sua cabeça. Os Perseguidores. Perguntou-se, pela milésima vez, quem o

teria denunciado a Eles, em primeiro lugar. Se conseguisse descobrir quem era, esse nojento

Perseguidor-Mor, Keeton tiraria a arma da caixa onde ela descansava sob a pilha de suéteres e

acabaria com a vida do Perseguidor-Mor. Mas, não mataria depressa demais. Ah, não...

Arrancaria a tiro um pedacinho de cada vez, e obrigaria o filho da mãe cantar o hino nacional

enquanto isso.

Seu pensamento voltou-se para o policial magriço, Norris Ridgewick. Teria sido ele? Não

lhe parecia inteligente o bastante... Pangborn dissera que Ridgewick tinha multado o Cadillac

por ordem sua, o que não era suficiente para que o fato fosse verdadeiro. E, no toalete dos

homens, havia uma expressão de zombaria e desprezo nos olhos de Ridgewick ao chamá-lo de

“Buster”. Será que Ridgewick estava por perto quando as primeiras cartas da Receita Fiscal

começaram a chegar? Keeton tinha muita certeza que sim. Mais tarde, ainda hoje, ele daria

uma olhadela na ficha de trabalho daquele homem, como para confirmar.

E o próprio Pangborn? *Ele* era bastante inteligente, e sem dúvida alguma odiava Danforth

Keeton (não o odiavam todos Eles?), e Pangborn conhecia uma porção de gente em Augusta.

Conhecia-os muito bem. Droga, Pangborn falava com Eles pelo telefone todos os dias, porra!

As contas de telefone, mesmo com os descontos oficiais, eram terríveis.

Será que estavam mancomunados? Pangborn e Ridgewick? Juntos querendo a sua cabeça?

— O Cavaleiro Solitário e Tonto, seu fiel amigo índio — Keeton resmungou, e

sorriu com

ódio. — Se foi você, Pangborn, vai se arrepender. E se foram os dois, ambos vão se

arrepender. — Lentamente, suas mãos foram se fechando em punhos cerrados. — Não vou

agüentar essa perseguição para o resto da vida, estão ouvindo?

Suas unhas, cuidadosamente bem-tratadas, enterraram-se na palma das mãos. Nem sequer

notou o sangue que começava a gotejar. Talvez Ridgewick. Talvez Pangborn, talvez Melissa

Clutterbuck, aquela cadela frígida que era a tesoureira municipal, talvez Bill Fullerton, o vice-

presidente do Conselho Municipal (sabia de pedra-e-cal que Fullerton desejava o título de

presidente para si mesmo e não descansaria até consegui-lo).

Talvez *todos eles*.

Todos eles juntos.

Keeton soltou o fôlego num suspiro muito longo e torturado, formando, com seu bafo, uma

flor embaçada na vidraça com reforço metálico da sala. A questão era: o que ele faria a

respeito? Entre este momento e o dia 17 de outubro, o que ele faria?

A resposta era simples: não sabia.

2

Quando jovem, a vida de Danforth Keeton tinha sido nitidamente talhada, preto

no branco,

e ele achava ótimo assim. Frequentara o Ginásio de Castle Rock e, aos 14 anos, começara a

trabalhar em meio-expediente na revendedora de automóveis de propriedade da família,

lavando os modelos e dando polimento nos carros do *show-room*. A Keeton Chevrolet detinha

a mais antiga franquia na região da Nova Inglaterra e era a chave do sucesso da estrutura

financeira dos Keetons. E a estrutura financeira era sobremaneira sólida, pelo menos até

recentemente.

Durante seus quatro anos no Ginásio de Castle Rock, ele foi Buster para quase todo

mundo. Fizera o curso comercial, mantendo uma avaliação B constante, dirigia o conselho

estudantil quase que sozinho, e depois foi para a Faculdade de Administração de Empresas

Traynor, em Boston. Em Traynor, conseguia nota A em tudo e graduou-se com três semestres

de antecedência. Ao voltar para Rock, tornou abundantemente claro que seus dias de Buster

tinham terminado.

Tinha sido uma vida excelente, até o dia em que ele e Steve Frazier foram a Lewiston, há

nove ou dez anos. Foi aí que os problemas começaram — foi nesse ponto de sua

vida, tudo

preto no branco, que começou uma superposição de sombrios cinzentos cada vez mais

sombrios.

Jamais tinha jogado — nem como Buster, no Ginásio de Castle Rock, nem como Dan na

Traynor, nem como o sr. Keeton, da Keeton Chevrolet e do Conselho Municipal. Pelo que

Keeton sabia, o vício do jogo não constava da história da família; sequer se lembrava de

inocentes jogos infantis envolvendo moedinhas quase sem valor. Não havia tabu algum contra

essas coisas, nada parecido com um mandamento *NÃO JOGARÁS*, só que ninguém jogava.

Keeton jamais fizera uma aposta na vida até aquela primeira visita ao hipódromo de Lewiston,

na companhia de Steve Frazier. Jamais tinha feito uma aposta em qualquer outro local, nem era

preciso. O Hipódromo de Lewiston era tudo o que Keeton precisava para sua ruína.

Na época, ele era o terceiro-conselheiro. Steve Frazier, descansando em paz há já uns bons

cinco anos, era o presidente do Conselho. Keeton e Frazier tinham "ido à cidade" (era assim

que se referiam às viagens a Lewiston) junto com Butch Nedeau, o administrador dos Serviços

Sociais Municipais, e Harry Samuels, que tinha sido conselheiro durante quase toda a sua vida

adulta e provavelmente morreria no posto. A ocasião era uma conferência em âmbito estadual

de representantes municipais; o tema da reunião tinham sido as novas leis de participação da

receita... e fora essa participação na receita, é lógico, a fonte de todo o seu calvário. Sem ela,

Keeton não teria onde cair morto. Com ela, tinha conseguido lançar mão de um saco sem

fundo financeiro.

A conferência duraria dois dias. E na noite interveniente, Steve sugeriu que fossem dar

uma volta para se divertirem um pouco na cidade grande. Butch e Harry tinham recusado.

Keeton também não tinha grande interesse em passar a noite na companhia de Steve Frazier —

era um velho gordo e mandão, toucinho dentro da cabeça em vez de massa cinzenta. Ainda

assim, tinha ido. Achava que teria ido, mesmo que Steve o tivesse convidado para passarem a

noite visitando as mais fétidas latrinas do inferno. Porque Steve era, afinal de contas, o

presidente do Conselho Municipal. Harry Samuels se contentaria em esquentar a cadeira de

vice-presidente, terceiro ou quarto conselheiro pelo resto da vida, e Butch Nedeau já deixara

entrever que pretendia deixar o cargo ao fim do presente mandato... mas Danforth Keeton era

ambicioso, e Frazier, fosse ou não um velho gordo e mandão, era a chave para as suas

ambições.

E, assim, tinham saído, parando primeiro n'o Azevinho — FIQUE ALEGRINHO,

VISITANDO O AZEVINHO! dizia o cartaz ao lado da porta, e Frazier ficara de fato muito

alegrinho, bebendo uísque com água, como se o uísque pudesse acabar a qualquer momento, e

assoviando para as *strip-teasers*, que na grande maioria eram gordas, que na grande maioria

eram velhas, e todas eram lentas. Keeton achou que a maioria delas parecia dopada.

Recordava-se de ter pensado, na ocasião, que aquela seria uma longa noite.

Foram, então, para o Hipódromo de Lewiston e tudo mudou.

Chegaram a tempo para o quinto páreo, e Keeton, sob veemente protesto, fora empurrado

para os guichês de apostas, como a ovelha desgarrada é empurrada de volta ao rebanho pelo

cão-pastor.

— Steve, não entendo nada disso —

— *Isso* não importa — Frazier replicara alegremente, soltando um bafo de uísque no rosto

de Keeton. — Buster, estamos com sorte hoje. Tenho um pressentimento.

Não tinha idéia de como fazer uma aposta, e o matraquear constante de Frazier impedia-o

de prestar atenção ao que diziam os outros apostadores na fila quando chegava a vez de cada

um no guichê das apostas de US$ 2.00.

Ao chegar ao guichê, empurrou uma nota de US$ 5.00 para o caixa e disse:

— Nº 4.

— Ponta, dupla ou placê? — o homem do guichê perguntou, e durante um momento

Keeton não sabia que resposta devia dar. Atrás do caixa, estava vendo algo de extraordinário.

Três funcionários contavam e separavam com elástico pilhas enormes de dinheiro vivo, mais

dinheiro do que Keeton já tinha visto em toda a sua vida.

— Ponta, dupla ou placê? — o caixa repetiu impaciente. — Vamos lá, amigo, não temos a

noite toda. Isto aqui não é a Biblioteca Municipal.

— Ponta — Keeton dissera então. Não fazia a mínima idéia do que fosse “dupla” ou “

placê ”, mas compreendia muito bem o que significava estar na ponta.

O caixa lhe passou a pule e US$ 3.00 de troco — uma nota de US$ 1.00 e outra de US$

2.00. Keeton ficou olhando as notas com interesse curioso enquanto Frazier fazia sua própria

aposta. Sabia que *existiam* coisas como notas de US$ 2.00, evidentemente, mas julgava jamais

ter *visto* uma delas. Tinha a efígie de Thomas Jefferson. Interessante. De fato, era tudo muito

interessante — o cheiro dos cavalos, de pipoca e de amendoim, aquela atmosfera de pressa. O

lugar todo estava *animado*, de um modo tal que ele logo reconheceu e reagiu a ele. Já sentira

essa espécie de animação antes, sim, diversas vezes, era, porém, a primeira vez que a sentia no

mundo exterior. Danforth "Buster" Keeton, que raramente se sentia parte do que quer que

fosse — não de verdade —, sentiu-se parte daquilo tudo. Parte daquilo tudo, muito

profundamente.

— Isto aqui é muitíssimo melhor do que O Azevinho — comentou com Frazier quando

este aproximou-se.

— É, corrida de trotadores é bom — Frazier disse. — Nunca poderia substituir a Copa do

Mundo, mas sabe como é. Vamos, vamos lá para a cerca. Em que cavalo você apostou?

Keeton não se lembrava. Teve que verificar a pule.

— Nº 4 — respondeu.

— Dupla ou placê?

— Hum... ponta.

Frazier balançou a cabeça, numa expressão de desprezo bem-humorado e segurou-o pelo

ombro.

— Ponta é aposta de trouxa, Buster. É aposta de trouxa, mesmo quando o cavalo é o

favorito. Você acaba aprendendo.

E, é lógico, foi o que aconteceu.

Em um ponto qualquer, soou um gongo *“Brrrrrr-ong”* que sobressaltou Keeton. Uma voz

berrou, *"E foi dada a partida...”* pelos alto-falantes do hipódromo. Um bramido estrondeante

levantou-se da multidão, e Keeton sentiu um arrepio repentino percorrer-lhe o corpo. As patas

dos cavalos tatuavam a pista escura. Com uma das mãos Frazier agarrou Keeton pelo cotovelo

e com a outra abriu caminho até a cerca. Saíram num ponto a menos de 20m da faixa de

chegada.

Estavam, agora, irradiando a corrida. Número 7 My Lass, liderava na primeira curva, com

a nº 8 Broken Field em segundo, e a nº1 How Do? em terceiro. A nº 4, cujo nome era

Absolutely — o nome mais idiota para um cavalo que Keeton já ouvira na vida — corria em

sexto. Ele nem se incomodava. Estava transfixado pelo trote dos cavalos, seus pêlos reluzindo

à luz dos refletores, o borrão das rodas quando os carros contornaram a curva, as cores

brilhantes dos uniformes de cetim dos condutores.

Quando os cavalos entraram na reta, Broken Field começou a adiantar-se tentando

ultrapassar My Lass e tomar a ponta. My Lass perdeu o trote e Broken Field passou voando

por ela. Ao mesmo tempo, Absolutely, por fora, tentava ganhar posição — Keeton percebeu,

antes mesmo que a voz sem corpo do locutor reportasse os eventos, verberando pelo prado, e

mal apercebeu-se quando Frazier deu-lhe um cutucão, e mal o ouviu berrar:

— É o seu cavalo, Buster! É o seu cavalo *e tem chance de ganhar!*

Os cavalos vinham atropelando na reta final dirigindo-se para onde se encontravam Frazier

e Keeton, e a multidão em peso desandou a grilar. Keeton novamente sentiu aquela chicotada

elétrica, não uma simples centelha desta vez, mas uma tempestade. Pôs-se a gritarem coro com

os outros. No dia seguinte, estaria tão rouco que mal poderia falar senão em sussurros.

— *Absolutely*! — ele gritava — *Vamos, Absolutely! Vamos, égua dos infernos, corra!*

— Trote — Frazier corrigiu, rindo tanto que lágrimas corriam de seus olhos. — Vamos,

sua égua dos infernos, trote. É isso que deve dizer, Buster.

Keeton nem prestou atenção. Estava em outra esfera. Enviava ondas mentais na direção de

Absolutely, enviando-lhe energia telepática, através do ar.

— Broken Field toma a ponta, com How Do?, How Do? e Broken Field — dizia a voz

sonora como a de um deus — e agora, Absolutely avança ao se aproximarem dos últimos 200

metros.

Os cavalos se aproximavam, levantando uma nuvem de poeira. Absolutely trotava, o

pescoço arqueado, a cabeça lançada para diante, erguendo e abaixando as patas, como pistões;

passou por How Do? e Broken Field, visivelmente exausto, exatamente no ponto em que se

encontravam Frazier e Keeton. Ainda estava aumentando a vantagem quando cruzou a linha de

chegada.

Quando os números foram exibidos, Keeton precisou perguntar a Frazier o que

significavam. Frazier olhou para sua pule e depois para o quadro. Soltou um assovio

silencioso.

— Vou ter meu dinheiro de volta? — Keeton perguntou com ansiedade.

— Buster, um pouquinho mais que isso. Absolutely estava pagando 30 a 1.

Antes de ir embora naquela noite, Keeton ganhara pouco mais de US$ 300.00. E assim

nasceu sua obsessão.

3

Pegou o sobretudo, que estava pendurado no cabide de várias pontas, num dos cantos da

sala, vestiu-o, e então parou, ainda segurando a maçaneta. Olhou para o outro lado da sala.

Havia um espelho na parede oposta à janela. Keeton fitou esse espelho, por um longo e

especulativo momento, e foi até lá. Já ouvira falar de como Eles usavam espelhos — não tinha

nascido ontem.

Comprimiu a face contra o vidro, ignorando a imagem refletida de pele pálida e olhos

injetados. Com a mão em concha protegeu a outra face contra a claridade, e apertou os olhos, à

procura de uma câmera do lado de lá do espelho. À procura d'Eles.

Nada viu.

Depois de um momento muito longo afastou-se, passou a manga do sobretudo no vidro

embaçado, e saiu da sala. Nada *ainda,* de qualquer modo. O que não significava que Eles não

viriam à noite, retirar aquele espelho e instalar outro que só refletisse de um lado. Espionagem

era apenas um dos muitos instrumentos de trabalho dos Perseguidores. De hoje em diante, teria

que verificar o espelho todos os dias.

— Mas, eu posso — ele disse para o patamar deserto. — Eu posso fazer isso. Pode

acreditar.

Eddie Warburton varria o saguão de entrada e nem mesmo levantou a vista quando Keeton

saiu para a rua.

O carro estava estacionado nos fundos, mas não sentia vontade de dirigir. Estava confuso

demais para guiar o carro —acabaria por deixar o Caddy arrebentar a vitrine e invadir uma loja

qualquer, caso tentasse. Nem lhe ocorreu, em seu conturbado estado mental, que se afastava de

sua casa em vez de se dirigir para ela. Eram 7:15h da manhã de sábado, e ele era a única

pessoa no diminuto centro comercial de Castle Rock.

Suas memórias voltaram brevemente àquela primeira noite no Hipódromo de Lewiston.

Parecia que não conseguiria errar, mesmo que quisesse. Steve Frazier já tinha perdido U$

30.00 e anunciado que iria embora depois do 9º páreo. Keeton respondeu que talvez ficasse um

pouco mais. Mal olhou para Frazier, e mal notou quando este se retirou. Lembrava-se de ter

pensado que era muito bom não ter ninguém azucrinando sua paciência, dizendo Buster isto e

Buster aquilo o tempo todo. Odiava aquele apelido, e Steve, evidentemente, sabia disso — é

era por isso mesmo que o chamava assim.

Tinha voltado na semana seguinte, desta vez sozinho, e perdido US$ 60.00 do lucro

anterior. Pouco lhe importava. Embora pensasse, de vez em quando, naquelas pilhas enormes

de notas em elásticos, o importante não era o dinheiro, não de todo; o dinheiro era apenas o

símbolo que permanecia, algo a anunciar que você tinha estado lá, que tinha sido, mesmo que

só por um breve instante, parte daquele grande espetáculo. O que importava, realmente, era

aquela tremenda, avassaladora excitação que percorria a multidão quando soava o gongo, as

baias se abriam com aquele ruído surdo, pesado e característico, e o locutor gritava *“E foi dada*

a partida!" O que importava era o frêmito da multidão quando os cavalos contornavam a

terceira curva e entravam na reta oposta, como que perseguidos por mil demônios, e o

incentivo histérico dos apostadores quando os cavalos contornavam a quarta curva e

atropelavam ao entrarem na reta final. Era tudo tão cheio de vida, oh meu Deus, tão cheio de

vida. Era tão cheio de vida que — que era perigoso.

Keeton decidiu que era melhor manter-se longe. Tinha o curso de sua vida cuidadosamente

planejado. Pretendia tornar-se o presidente do Conselho Municipal de Castle Rock quando

Steve Frazier finalmente esticasse as canelas, e depois de seis ou sete anos de cargo pretendia

candidatar-se à Câmara dos Deputados. Daí em diante, quem sabe? Um mandato federal ficava

ao alcance de qualquer cidadão que fosse ambicioso, capaz e... sadio.

Esse era o problema com as corridas. Não o reconhecera logo de início, mas não tardara a

perceber. O prado era um lugar onde as pessoas davam seu dinheiro, recebiam uma *pule* e...

esqueciam sua sanidade durante algum tempo. Keeton já testemunhara insanidade demais em

sua própria família e por isso não se sentia à vontade com a atração que o Hipódromo de

Lewiston exercia sobre ele. Era um poço de paredes escorregadias, uma armadilha de pontas

afiadas, um revólver carregado e com o cão para trás. Quando ia às corridas, não era capaz de

sair antes do último páreo da noite ser corrido. Ele sabia. Já tentara. Certa vez, tinha

conseguido chegar quase às borboletas de saída, quando um não-sei-quê dentro de sua cabeça,

uma força poderosa, enigmática, reptiliana, se erguera, dominando-o e fazendo-o girar nos

calcanhares. Keeton vivia em constante pavor de que um dia esse réptil despertasse

inteiramente. Melhor não acordar o que estava adormecido.

E durante três anos não fez outra coisa. Então, em 1984, Steve Frazier se aposentou, e

Keeton foi eleito presidente do Conselho Municipal. Foi quando seus piores problemas

começaram.

Tinha ido ao hipódromo comemorar a vitória, e já que estava comemorando, não quis

deixar por menos. Passou indiferente pelo guichê de apostas de US$ 2.00 e US$ 5.00 e foi

direto para as apostas de US$ 10.00. Naquela noite; perdeu US$ 160.00, uma quantia que já

dava para preocupar (no dia seguinte, dissera à mulher que tinham sido só US$ 40.00), não

mais, porém, do que seus meios *lhe permitiam* perder. Absolutamente, não, senhor.

Voltou na semana seguinte, tentando recuperar a perda da semana anterior, e ficar quite. E,

quase conseguiu. *Quase* —essa era a palavra-chave. Como quase conseguira chegar às

borboletas de saída. Na semana seguinte, perdera US$ 210.00. Isso deixava um rombo no saldo

bancário que Myrtle notaria, e por isso, tomara um pouquinho emprestado dos fundos da caixa

pequena do município para cobrir uma parte da perda. US$ 100.00. Na verdade, uma ninharia.

Depois desse ponto, tudo ficava enevoado. As paredes do poço eram escorregadias, sim, e

uma vez iniciada a descida não havia como segurar-se. Podia desperdiçar suas energias

tentando agarrar-se aos muros, e diminuir um pouco a velocidade da queda... mas a tentativa, é

lógico, resultava somente em pura agonia.

Se tinha havido um ponto sem volta, teria sido o verão de 1989. Durante o verão, as

corridas eram diárias, e Keeton foi presença constante na segunda quinzena de julho e durante

todo o mês de agosto. A princípio, Myrtle achara que ele usava as corridas como desculpa, e

que na verdade estava tendo um caso com outra mulher, mas isto era uma piada — era uma

piada boa demais, Keeton não conseguiria uma ereção, mesmo que Diana em pessoa descesse

da lua em sua carruagem, com a toga aberta e uma tabuleta pendurada no pescoço dizendo

TRANSA COMIGO, DANFORTH! Pensar na quantidade de dinheiro que surrupiara dos

cofres públicos fez seu pinto murchar até ficar do tamanho de um filtro de cigarro.

Quando, finalmente, convenceu-se de que, no final das contas, tudo não passava mesmo de

corridas de cavalo, Myrtle mostrou-se aliviada. As corridas o mantinham longe de casa onde

ele demonstrava certa tirania, e, de qualquer forma, não estava perdendo muito, ela raciocinou,

porque o talão de cheques não acusava grandes flutuações. O que acontecia era que,

simplesmente, Danforth arranjara um hobby para sua meia-idade.

Corridas de cavalo, só isso! , Keeton ia pensando, enquanto caminhava pela Rua Principal

com as mãos enfiadas fundo nos bolsos do sobretudo. Soltou uma gargalhada estranha e

selvagem, de chamar a atenção, caso alguém a tivesse ouvido. Myrtle ficava de olho no saldo

bancário. O pensamento de que Danforth poderia ter negociado os Bônus do Tesouro, que

representavam todas as suas economias, jamais lhe passara pela cabeça. Da mesma forma, a

informação de que a Keeton Chevrolet balançava-se à beira da falência pertencia somente a

ele.

Ela ticava as contas domésticas contra o talão de cheques.

Ele era perito contábil.

Quando se trata de desfalque, ninguém melhor do que um perito contábil para fazer um

serviço bem-feito... mas, no fim, o embrulho sempre acaba se desfazendo. O barbante, a fita

adesiva, o papel que embrulhavam Danforth Keeton começaram a desfazer-se no outono de

1990. Tinha controlado as coisas o melhor que podia, esperando uma recuperação nas pistas de

corrida. Já então, travara conhecimento com um *bookie*, o que lhe permitia fazer apostas mais

altas do que as permitidas no prado.

A sorte, no entanto, não soprava para o seu lado.

E, então, naquele verão, a perseguição começara para valer. Antes, Eles tinham somente

brincado com ele. Agora, Eles estavam se acercando para a matança, e faltavam cinco dias

para o Dia do Armageddon.

Eu pego todos Eles, Keeton pensou. *Ainda não estou acabado. Ainda tenho uma ou duas*

cartas na mão.

Não sabia ao certo que cartas seriam essas que ainda lhe restavam — esse era o problema.

Não importa. Há uma saída qualquer. Há umas —

E seu pensamento perdeu-se. Estava na frente da loja nova, Coisas Necessárias, e o que viu

na vitrine afastou, durante um ou dois minutos, tudo o mais que lhe sobrecarregava a mente.

Uma caixa de papelão, de cores brilhantes, com uma figura na tampa. Um jogo de

tabuleiro, supunha. Mas um jogo de tabuleiro que tinha a ver com corridas de cavalo, e ele

teria jurado que a figura, que mostrava dois cavalos cabeça a cabeça cruzando a faixa de

chegada, representava a pista de Lewiston. Queria ser mico de circo se o que via

nos fundos

não era a Tribuna de Honra.

O nome do jogo era PULE VENCEDORA.

Keeton ficou olhando para aquilo durante uns cinco minutos, tão absorvido quanto um

menininho que vê um circuito completo de trenzinhos elétricos. Então, muito lentamente, ele

entrou sob o toldo verde para verificar se a loja mantinha horário de sábado. Havia uma

tabuleta pendurada no lado de dentro da porta, naturalmente, e exibia uma única palavra, e essa

palavra, naturalmente, era:

ABERTA

Keeton a contemplou por um instante, pensando — como Brian Rusk antes dele — que

tinha sido deixada ali por engano. As lojas da Rua Principal de Castle Rock não abrem às

7:00h da manhã, especialmente aos sábados. Assim mesmo, tentou torcer a maçaneta. Que

girou facilmente.

Quando abriu a porta, um sininho de prata tilintou acima de sua cabeça.

4

— Não é bem um jogo — Leland Gaunt explicava, cinco minutos mais tarde. — Não é

bem como o senhor está pensando.

Keeton estava sentado na poltrona estofada de encosto alto onde Nettie Cobb, Cyndi Rose

Martin, Eddie Warburton, Everett Frankel, Myra Evans, e mais um bom número de outros

habitantes da cidade, tinham se sentado à frente do sr. Gaunt no decorrer daquela semana.

Estava tomando uma xícara de excelente café da Jamaica. Gaunt, que parecia ser um homem

danado de bom para quem vinha da planície, insistira. Agora, Gaunt se inclinava sobre a

vitrine e cuidadosamente retirava a caixa. Vestia uma jaqueta de veludo cor-de-vinho, danada

de elegante, e nem um fio de cabelo fora do lugar. Dissera a Keeton que freqüentemente abria

fora de hora, porque sofria de insônia.

— Desde jovem — ele dissera, com um sorriso matreiro. — e isso já faz muitos anos. —

Parecia ainda jovem como a madrugada, Keeton pensou, exceto, contudo, pelos olhos — que

estavam tão congestionados que chegavam a parecer que sua cor natural era de fato o

vermelho.

Agora, vinha trazendo a caixa, que colocou numa mesinha ao lado de Keeton.

— Foi a tampa da caixa que chamou minha atenção — Keeton explicou. — Parece uma

réplica do Hipódromo de Lewiston. Vou até lá de vez em quando.

— O senhor gosta de apostar, às vezes? — Gaunt perguntou com um sorriso.

Keeton esteve a pique de dizer que nunca jogava, e mudou de idéia. O sorriso não era simplesmente amigável; era um sorriso de comiseração, e subitamente percebeu que estava na presença de um companheiro de infortúnio. O que servia para demonstrar como andava aflito, pois ao apertar a mão de Gaunt, sentira um onda de repugnância, tão repentina e tão profunda, que chegara a pensar que se defrontava com o seu Perseguidor-Mor. Tinha que começar a controlar-se — não fazia sentido destemperar-se.

— Já fiz algumas apostas — ele disse.

— Infelizmente, eu também — Gaunt disse. Seus olhos avermelhados fixaram-se nos de Keeton e os dois partilharam um momento de perfeito entendimento... ou foi o que Keeton imaginou.

— Já apostei em todos os hipódromos, do Atlântico ao Pacífico, e tenho certeza de que o da tampa da caixa é o de Longacre Park, em San Diego. Não existe mais, claro. Estão construindo um conjunto de casas populares no terreno.

— Oh — Keeton disse.

— Mas, deixe que eu lhe mostre isto. Creio que vai achá-lo muito interessante.

Tirou a tampa e com muito cuidado levantou um hipódromo de lata sobre uma plataforma

de cerca de l m de comprimento por 50cm de largura. Parecia um brinquedo como os que

Keeton tivera na infância, daqueles bem baratos, feitos no Japão depois da guerra. Era uma

réplica de uma pista de corrida de 3-200m. Oito baias estreitas estavam armadas, e oito

diminutos cavalos se alinhavam atrás da linha de saída. Cada um dos cavalinhos estava

montado numa pequena coluna de metal que se projetara de cada raia e era soldada à barriga

do cavalo.

— Puxa! — Keeton exclamou, e sorriu. Sorria, pela primeira vez em semanas, e era uma

expressão estranha e deslocada.

— Como disse alguém: *“tu ainda num viu nada”* — Gaunt disse, retribuindo o sorriso. —

Esta coisinha linda data de 1930 ou '35, sr. Keeton — é uma verdadeira antiguidade. Mas não

era simplesmente um brinquedinho para os aficionados de corrida daquela época.

— Não?

— Não. Sabe o que é um tabuleiro Ouija?

— Claro. A gente faz uma pergunta e o tabuleiro dá a resposta através de letras, ditadas por

alguém do Além.

— Exatamente. Pois bem, no período da Lei Seca, muitos apostadores achavam que A Pule

Vencedora era o tabuleiro Ouija das corridas de cavalo.

Seu olhar voltou a cruzar-se com o de Keeton, olhar amigo, sorridente, e Keeton foi tão

incapaz de desviar seus olhos, como fora de ir embora do hipódromo antes da última corrida na

única ocasião em que tinha tentado.

— Bobagem, não é?

— Sem dúvida — Keeton disse. Mas não parecia bobagem. Ao contrário, parecia

perfeitamente... perfeitamente...

Perfeitamente plausível.

Gaunt tateou dentro da caixa, de onde tirou uma chavezinha minúscula.

— A cada corrida, vence um cavalo diferente. Há alguma espécie de mecanismo aí dentro

que decide ao acaso — primitivo, creio — mas bastante eficaz. Agora, preste atenção.

Num buraquinho que existia no lado da plataforma de lata na qual estavam os cavalinhos,

inseriu e girou a chave. Ouviu-se uma certa sucessão de cliques e claques e molas — ruídos de

dar corda. Quando não dava mais para girar, Gaunt tirou a chave.

— Faça sua escolha — Gaunt disse.

— O 5 — Keeton disse. Debruçou-se, o coração começando a acelerar. Era besteira a

prova final de sua compulsão, supunha — mas sentia a mesma excitação de sempre invadi-lo.

— Muito bem, então vou ficar com o 6. Vamos fazer uma apostinha, apenas para o jogo

ficar interessante?

— Claro! Quanto?

— Dinheiro, não — Gaunt disse. — Meus dias de apostas em dinheiro acabaram-se há

muito tempo. São as apostas menos interessantes de todas. Vamos combinar assim: se seu

cavalo ganhar, eu lhe farei um favor. À sua escolha. Se o meu ganhar, me faz um favor.

— E, se qualquer outro cavalo ganhar, ficamos quites?

— Certo. Está pronto?

— S'embora! — Keeton disse nervoso e debruçou-se para muito perto da pista de

brinquedo. Suas mãos se apertavam entre as coxas grossas.

Havia uma pequenina alavanca projetando-se de uma das baias na linha de saída.

— Largaram — disse Gaunt suavemente, puxando a alavanca.

As engrenagens e molas começaram a mover-se dentro da plataforma. Os cavalinhos se

afastaram da linha de saída, deslizando pelas suas raias prefixadas. Iam devagar a princípio,

balançando para frente e para trás, aos saltos, à proporção em que uma mola mestra — ou uma

série delas — se expandia dentro do tabuleiro, mas ao chegarem à primeira curva começaram a

ganhar velocidade.

O cavalo 2 tomou a ponta, seguido pelo 7, e os outros na retaguarda, num grupo compacto.

— Vamos, 5! — Keeton torceu baixinho. — Vamos 5, para a frente, seu chato!

Como se tivesse escutado, a pequenina montaria de chumbo começou a afastar-se dos

outros. Na metade da corrida, aproximou-se do 7. O cavalo 6 — de Gaunt — também

adiantou-se.

Pule Vencedora vibrava e chacoalhava na mesinha. Keeton curvara a cara para o jogo,

como uma lua gorda e manchada. Uma gota de suor caiu no joqueizinho de chumbo montando

o cavalo 3 — se as proporções fossem reais, montaria e jóquei teriam ficado ensopados.

Na terceira curva, o 7 atropelou e alcançou o 2, mas o cavalo 5, de Keeton, galopara pela

própria vida, seguido nos calcanhares pelo 6, de Gaunt. Os quatro fizeram a curva juntos, bem

à frente dos demais, vibrando freneticamente em suas raias.

— *Mexa-se, seu estúpido!* — Keeton gritou. Esqueceu-se de que se tratava de meras peças

de chumbo, imitando, sem muita arte, cavalos de verdade. Esqueceu-se de que se encontrava

na loja de um homem a quem nunca vira antes. A velha excitação apoderava-se dele. E

sacudia-o, do mesmo modo que um *terrier* sacode um rato.

— *Mexa-se e depressa! Vamos, seu estúpido, vamos! Mexa-se!*

Agora, os cinco cavalos estavam cabeça a cabeça... e corriam. O cavalo de Keeton cruzou a

linha de chegada meio corpo na dianteira do cavalo de Gaunt.

O mecanismo estava chegando ao fim, mas a maioria dos cavalinhos conseguiu voltar ao

ponto de partida antes que a engrenagem parasse por completo. Com o dedo, Gaunt empurrou

os atrasados até ficarem alinhados com os outros para o próximo páreo.

— Puxa vida! — Keeton disse, e enxugou a testa. Sentia-se completamente em

frangalhos... mas, ao mesmo tempo, muito melhor do que se sentira há muito, muito tempo. —

Maravilha de corrida!

— Maravilha mesmo! — Gaunt concordou.

Eles sabiam fazer as coisas, é ou não é?

— Tem razão — Gaunt concordou sorrindo. — E parece que lhe devo um favor, sr.

Keeton.

— Ah, esqueça — foi muito divertido.

De forma alguma. Um cavalheiro sempre paga suas dívidas. Peço-lhe apenas que me avise

um ou dois dias antes de chamar seus marcadores, como se diz por ai.

Antes de chamar os marcadores.

E tudo voltou, desabando sobre ele. Marcadores! Eles tinham seus marcadores! Eles! E, na

quinta-feira, exibiriam esses marcadores... e o que aconteceria, então? O quê?

Visões de horríveis manchetes dançaram em sua cabeça.

— O senhor estaria interessado em saber como os apostadores dos anos ’30 usavam este

brinquedinho? — Gaunt perguntou suavemente.

— Claro — Keeton respondeu, mas não se importava realmente, não realmente... não, até

que levantou o olhar. Então, os olhos de Gaunt fixaram-se nos seus, capturou-os novamente, e

a idéia de usar um brinquedo infantil para escolher seus vencedores tornou a fazer perfeito

sentido.

— Muito bem — Gaunt disse. — Eles pegavam o jornal do dia ou o *programa de corridas*

e corriam todos os páreos, um a um. Neste tabuleiro, sabe? Batizavam cada cavalinho com um

nome tirado do jornal — dizendo o nome em voz alta e tocando a cabeça do cavalinho — e,

então, davam corda no brinquedo e soltavam a alavanca. Corriam o programa todo — 8, 10, 12

páreos. Depois, iam para o hipódromo e apostavam nos cavalinhos vencedores no jogo.

— E funcionava? — Keeton perguntou. Era como se sua voz soasse de outro lugar. Muito

distante. Ele parecia flutuar nos olhos de Leland Gaunt. Flutuando em espuma vermelha. Era

uma sensação esquisita, mas, na verdade, bastante gostosa.

— Parece que sim — Gaunt disse. — Provavelmente, tola superstição, mas... gostaria de

comprar este brinquedo e fazer o teste, o senhor mesmo?

— Sim — Keeton disse.

— Você precisa desesperadamente de uma Pule Vencedora, não é Danforth?

— Preciso de mais de uma. Preciso de uma série completa delas. Quanto?

— Ah, não — riu-se o sr. Gaunt. — Ah, não, *assim* você não me pega! Não agora, que já

sou seu devedor! — Vou dizer-lhe — abra sua carteira e me dê a primeira nota que encontrar.

Tenho certeza de que será a nota certa.

E, assim, Keeton abriu a carteira e puxou uma nota sem tirar os olhos do rosto de Gaunt, e

claro, a nota tinha a efígie de Thomas Jefferson — uma daquelas notas que tinham dado

origem a todos os seus dissabores.

5

Gaunt fez a nota desaparecer, com a destreza de um mágico fazendo o seu

número, e disse:

— *Há* só mais uma coisinha.

— O quê?

Gaunt inclinou-se. Olhou fixo para Keeton, e tocou-lhe o joelho.

— Sr. Keeton, o senhor sabe alguma coisa sobre... Eles?

Keeton prendeu o fôlego, do mesmo modo que alguém dormindo prende a respiração

quando se encontra enredado nas malhas de um pesadelo.

— Sim — Keeton murmurou. — E como!

A cidade está cheia Deles — Gaunt continuou, no mesmo tom baixo e confidenciou. —

Completamente *infestada*. Não faz uma semana que abri a loja e já ouvi a respeito Deles. Acho

que Eles podem estar atrás de mim. Para falar a verdade, tenho certeza disso. Eu talvez precise

do seu auxílio.

— Sim — Keeton disse. Falava com mais segurança agora. — Por Deus, darei todo o

auxílio de que precisar!

— Bem, o senhor acabou de me conhecer e não me deve nada —

Keeton, que já sentia como se Gaunt fosse o melhor amigo que fizera nos últimos anos,

abriu a boca para protestar. Gaunt levantou a mão, e os protestos cessaram imediatamente.

...e não tem absolutamente como saber se lhe vendi um objeto que vai funcionar realmente,

ou se tudo não passa de uma bola de ar... como um sonho que se transforma em pesadelo a

uma simples alfinetada. Sei que o senhor acredita em tudo, neste instante. Tenho um grande

dom para a persuasão, ainda que seja eu mesmo quem o diga. Mas, acredito em fregueses

satisfeitos, sr. Keeton, e *apenas* em fregueses satisfeitos. Estou no ramo já faz muitos anos, e

construí minha reputação alicerçada em fregueses satisfeitos. Assim, leve o brinquedo. Se

funcionar para o senhor, ótimo. Se não funcionar, faça uma doação dele ao Exército da

Salvação ou jogue no lixo. Quanto o senhor deve? Dois ou três paus?

— Dois ou três paus — Keeton concordou, como num sonho.

— Mas, *se* funcionar, se o senhor libertar-se desses efêmeros aborrecimentos financeiros,

volte para conversar comigo. Tomaremos um café juntos, como fizemos esta manhã... e

falaremos a respeito Deles.

— A coisa já foi mais longe do que apenas pôr o dinheiro de volta — Keeton disse

naquelas inflexões claras mas quebradas de alguém que fala dormindo. — Há mais páreos

sendo corridos do que eu conseguida apostar em cinco dias.

— Muitas mudanças podem ocorrer em cinco dias — Gaunt disse pensativamente. —

Levantou-se, com graça sinuosa. — O senhor tem um dia comprido pela frente... e eu também.

— E Eles? — Keeton protestou. — E Eles?

Gaunt pousou uma de suas mãos longas e frias no braço de Keeton, e mesmo em seu estado

mesmerizado, Keeton sentiu o estômago revirar-se àquele toque. — Lidaremos com Eles

depois — ele disse. — Não se preocupe.

6

— John! — Alan chamou quando John LaPointe deslizou para dentro da delegacia, pela

porta do beco. — Que bom ver você!

Eram 10:30h da manhã de sábado e a delegacia de Castle Rock não podia estar mais

deserta. Norris fora pescar não se sabe onde, e Seaton Thomas estava em Sanford, visitando

suas duas irmãs solteironas. Sheila Brigham estava na reitoria da Igreja de Nossa Senhora das

Águas Serenas, ajudando seu irmão a redigir mais uma carta ao jornal local, explicando a

natureza essencialmente inofensiva de Uma Noite no Cassino. Padre Brigham também

desejava que a carta expressasse sua crença de que o rev. Rose era louco como besouro em

bosta de vaca. Não se podia chegar e dizer as coisas às claras, evidentemente — não num

jornal familiar — mas padre John e irmã Sheila dedicavam seus melhores esforços para que a

mensagem fosse captada. Andy Clutterbuck estava de serviço por ar, ou era o que Alan

supunha — ainda não tinha feito uma chamada, desde que chegara há cerca de uma hora. Até

John surgir, a única outra pessoa no Edifício Municipal parecia ser Eddie Warburton, que

estava às voltas com o bebedouro que ficava no canto.

— O que é que há, doutor? — John perguntou, sentando-se no canto da mesa de Alan.

— Sábado de manhã? Nada demais. Mas, observe — Alan desabotoou o punho direto de

sua camisa cáqui e puxou a manga para cima. — Note que minha mão não se separa do pulso.

— Hu-huh... — John disse. Puxou um Juicy Fruit do bolso traseiro da calça, rasgou a

embalagem, e enfiou o chiclete na boca.

Alan exibiu a palma aberta, virou rapidamente a mão para mostrar as costas, em seguida

fechou a mão em punho cerrado. Introduziu o dedo indicador da mão esquerda entre os dedos

da mão direita e puxou uma pontinha de seda. Levantou e abaixou as sobrancelhas várias

vezes, e perguntou:

— Nada mal hein?

— Se isso aí é a echarpe de Sheila, ela não vai gostar de encontrá-la toda amassada e com o

cheiro do seu suor — John comentou. Não parecia estar arrepiado de assombro.

— Não tenho culpa se ela a largou na mesa — Alan respondeu. — Além disso, os mágicos

não suam. E, agora, vapt-vupt abracadabra!

Puxou a echarpe de Sheila de dentro da mão fechada e deixou-a enfunar no ar com um

gesto dramático. A echarpe se estendeu e veio pousar de mansinho sobre a máquina de

Ridgewick como uma borboleta toda colorida. Alan olhou para John, e em seguida suspirou.

— Não foi muito bom, não é?

O truque foi bem-feito — John disse - ...mas já o vi algumas vezes... umas trinta ou

quarenta vezes?

— O que você achou, Eddie? — Alan perguntou. — Nada mal para um oficial caipira da

lei, hein?

Eddie mal levantou a cabeça do bebedouro, do qual agora estava enchendo uma porção de

garrafas de plástico com o rótulo água DE FONTE. — Não notei, xerife. Desculpe.

— Não têm jeito, nenhum dos dois — Alan disse. — Mas estou trabalhando numa

variação, John. Prometo que você vai ficar pasmo.

— Uh-huh... Alan, você ainda quer que eu examine os banheiros daquele novo restaurante

na Estrada do Rio?

— Ainda quero — Alan respondeu.

— Por que o serviço de merda sobra sempre para *mim*? Por que o Norris não pode —

— Norris checou as latrinas do Acampamento Trilhas Felizes durante todo o mês de julho

e agosto — Alan disse. — E, em junho, fui eu. Pare de resmungar, Johnny. Chegou a sua vez,

só isso. E quero que também tire umas amostras da água. Use aqueles frascos especiais que nos

mandaram de Augusta. Creio tê-los visto atrás do pacote de *crackers* de Norris.

— OK — John disse. — Marcou seu ponto. Mas, correndo risco de parecer que continuo

resmungando, checar a água à procura de poluentes é de responsabilidade do dono do

restaurante. Eu verifiquei.

— Claro que é — Alan concordou. — Mas estamos falando de Timmy Gagnon. Isto

significa alguma coisa para você?

Significa que não cu compraria nem um hambúrguer no novo Bar-Afunda Dedelícia

mesmo que estivesse morrendo de inanição.

— Certo! — Alan exclamou. Pôs-se de pé e apertou o ombro de John. — Minha esperança

é conseguir tirar aquele filho da mãe de circulação antes que a população de cães perdidos e

gatos de rua comece a diminuir.

— Isso é horrível, Alan.

— Não... é Timmy Gagnon. Consiga as amostras de água hoje de manhã e eu me encarrego

de enviá-las para a Secretaria Estadual de Saúde, em Augusta, ainda hoje à noite.

— Quais são os seus planos para hoje de manhã?

Alan endireitou a manga da camisa e abotoou o punho.

— Neste instante, pretendo subir a rua e fazer uma visitinha a Coisas Necessárias — ele

disse. — Quero conhecer o sr. Leland Gaunt. Polly ficou muito impressionada, e pelo que

tenho ouvido falar, ela não é a única que se encantou com ele. Já o encontrou?

— Ainda não — John disse. Dirigiram-se para a porta. — Mas estive na loja, uma ou duas

vezes. A vitrine mostra uma variedade interessante de coisas.

Passaram por Eddie, que agora estava dando brilho no garrafão de vidro do bebedouro,

com um trapo que tirou do bolso traseiro. Nem mesmo olhou quando Alan e John passaram

por ele — parecia perdido em seu próprio universo. Mas, assim que a porta dos

fundos fechou-

se com um clique depois que eles saíram, Eddie Warburton correu para a sala de Expedição e

pegou o telefone.

7

— Está bem... sim... sim, entendo.

Leland estava ao lado de sua caixa registradora, com um telefone Cobra sem-fio junto ao

ouvido. Um sorriso fino como o primeiro dia de lua crescente curvava-lhe os lábios.

— Obrigado, Eddie. Muitíssimo obrigado.

Gaunt foi até a cortina que separava a loja da parte dos fundos. Dobrou o corpo através da

cortina e curvou-se. Ao levantar-se, segurava uma tabuleta.

— Pode ir para casa agora... sim, sim, pode ter certeza de que não vou esquecer. Jamais

esqueço um rosto ou um favor, Eddie, e este é um dos motivos pelos quais eu detesto que me

lembrem um ou outro. Passe bem.

Apertou o botão de FIM sem esperar por uma resposta, recolheu a antena, e guardou o

telefone no bolso de sua jaqueta. A persiana estava arriada sobre a porta. O sr. Gaunt deslizou

a mão entre a persiana e a vidraça e retirou a tabuleta que dizia:

ABERTA

Fez a substituição pela tabuleta que trouxera dos fundos da loja e depois foi até a vitrine

para espiar a aproximação de Alan Pangborn. Pangborn olhou pela vidraça de onde Gaunt há já

algum tempo o espionava, e depois foi até a porta — chegou a colocar as mãos em concha e

comprimir o nariz contra o vidro da porta por alguns instantes. Embora Gaunt estivesse de pé,

braços cruzados, bem à sua frente, o xerife não o percebeu.

O sr. Gaunt descobriu-se detestando a fisionomia de Alan Pangborn à primeira vista. Nem

o fato chegou a surpreendê-lo. Ele era ainda mais hábil em ler fisionomias do que em lembrá-

las, e o que lia nessa à sua frente estava escrito em letras garrafais e, de certo modo, perigosas.

O rosto de Pangborn alterou-se repentinamente. Os olhos alargaram-se um tanto, a boca

bem-humorada comprimiu-se numa linha estreita. Gaunt sentiu um calafrio, breve e totalmente

atípico, de medo. *Ele está me vendo!* ele pensou, embora isto, evidentemente, fosse impossível.

O xerife deu um passo atrás... e então deu uma risada. Gaunt entendeu imediatamente o que

tinha se passado, mas o fato não minorou em absolutamente nada a antipatia instantânea que

sentira por Pangborn.

— Saia daqui, xerife — ele sussurrou. — Saia daqui e me deixe em paz.

8

Alan contemplou longamente a vitrine da loja. E não conseguia entender por que,

exatamente, causara tanta agitação. Tinha conversado com Rosalie Drake antes de ir para a

casa de Polly na noite anterior, e segundo a descrição de Rosalie, Coisas Necessárias soava

como a versão da Nova Inglaterra da joalheria Tiffany's, mas o jogo de porcelana na vitrine

não era nada que fizesse alguém perder o sono, escrevendo para mamãe — era, na melhor das

hipóteses, o que se esperava encontrar num bazar de caridade. Alguns dos pratos estavam

lascados, e uma rachadura fina como um fio de cabelo atravessava o fundo de outro.

Ora, bem, Alan pensou, “sua alma — sua palma”. Aquela porcelana teria, provavelmente,

mais de cem anos, talvez valesse uma fortuna, e eu simplesmente sou um burro que não

entende dessas coisas.

Colocou as mãos curvadas ao redor do rosto, tentando enxergar melhor dentro da loja, mas

nada havia à vista — as luzes estavam apagadas e o lugar parecia deserto. Julgou, nesse

momento, ter captado a visão de alguém — um ser estranho, transparente, que o

fitava com

interesse incorpóreo e malévolo. Deu meio passo atrás antes de entender que via apenas o

reflexo de seu próprio rosto. Riu de mansinho, embaraçado pelo engano.

Sem pressa, foi até a porta. A persiana estava descida. Um aviso escrito à mão pendia de

um prendedor transparente a sucção.

FUI A PORTLAND RECEBER

NOVO LOTE DE PEÇAS

SINTO MUITO NÃO PODER ATENDÊ-LO

POR FAVOR, VOLTE SEMPRE

Alan puxou a carteira do bolso traseiro e retirou um de seus cartões oficiais de visita, em

cujo verso escreveu uma breve mensagem:

Prezado sr. Gaunt,

Passei por aqui no sábado de manhã, para cumprimentá-lo e dar-lhe as boas-vindas. Sinto

muito não tê-lo encontrado. Espero que esteja gostando de Castle Rock! Voltarei na segunda-

feira. Talvez o senhor me faça companhia para um cafezinho. Caso precise de qualquer

assistência de minha parte, meus telefones — residencial e da delegacia — estão na frente do

cartão.

Alan Pangborn

Curvou-se, passou o cartão por baixo da porta, e endireitou-se. Contemplou a vitrine por

mais um momento, perguntando-se quem poderia desejar aquele desinteressante jogo de

pratos. Enquanto olhava, invadiu-o uma esquisita e penetrante sensação de que estava sendo

observado. Alan virou-se, e viu somente Lester Pratt. Lester estava colocando um daqueles

miseráveis cartazes no poste telefônico e nem sequer estava de frente para ele. Alan deu de

ombros e desceu a rua novamente, para o Edifício Municipal. Teria tempo de sobra, na

segunda-feira, para ficar conhecendo Leland Gaunt — está ótimo, na segunda-feira.

9

O sr. Gaunt não desgrudou os olhos até perdê-lo de vista, depois foi até a porta e apanhou o

cartão que Alan passara por debaixo da porta. Leu os dois lados, e então um sorriso aflorou.

Com que, então, o xerife pretendia vir visitá-lo na segunda-feira, não é? Ora muito bem, assim

estava ótimo, porque o sr. Gaunt tinha idéia de que quando a segunda-feira chegasse, o xerife

da comarca de Castle Rock estaria descascando uma porção de abacaxis. Um saco cheio de

abacaxis. E, era assim mesmo que Gaunt queria, pois já encontrara outros homens como

Pangborn antes, e o melhor a fazer era ficar longe deles, pelo menos enquanto se estava

montando o negócio e sondando a clientela. Homens como Pangborn enxergavam longe

demais.

— Algo lhe aconteceu, xerife — Gaunt disse. — Algo aconteceu que o tornou ainda mais

perigoso do que deveria. Está refletido em seu rosto, também. Eu gostaria de saber o que terá

sido. Alguma coisa que você viu, ou que fez, ou ambas?

Ficou olhando para a rua, e seus lábios lentamente foram deixando seus dentes grandes e

irregulares a descoberto. Falava nos tons baixos, tranqüilos, que se usa para quem tem sido o

seu melhor ouvinte durante muito, muito tempo.

— Disseram-me que você faz mágicas de amador, meu caro amigo de uniforme. Gosta de

truques. Pois vou lhe ensinar alguns truques novos antes de ir embora desta cidade. Tenho

certeza de que vou deixá-lo perplexo.

Cerrou o punho ao redor do cartão de visitas de Alan, que primeiro dobrou-se e, em

seguida, ficou todo amassado. Quando o cartão desapareceu completamente, uma chamazinha

azul evolou-se entre seu dedo médio e o indicador. Abriu a mão, e embora alguns fios de

fumaça ainda se desprendessem de sua palma, não havia sinal do cartão — nem mesmo um

resíduo de cinza.

— Abracadabra! — Gaunt disse baixinho.

10

Myrtle Keeton foi até a porta do estúdio do marido pela terceira vez naquele dia, e ficou

ouvindo. Ao se levantar naquela manhã, por volta das 9:00h, Danforth já estava trancado lá

dentro. Agora, l:00h da tarde, ele *continuava* lá, com a porta ainda trancada. Ao lhe perguntar

se queria almoçar, ele respondera numa voz abafada para ir embora, ele estava ocupado.

Myrtle levantou a mão para tornar a bater na porta... e parou. Inclinou levemente a cabeça.

Chegava até ela, vindo do outro lado daquela porta — um som muito esquisito de coisa se

moendo ou chacoalhando. Lembrava-lhe os ruídos estranhos que o relógio cuco de sua mãe

tinha feito uma semana antes de parar de vez.

Bateu de leve.

— Danforth?

— Vá embora! — a voz dele estava agitada, ela, porém, não saberia dizer se era de medo

ou de excitação.

— Danforth, você está bem?

— Estou, porra! Vá embora! Daqui a pouco eu saio!

Alguma coisa moendo e chacoalhando. Chacoalhando e moendo. Como lixo num

misturador de massas. Sentiu um pouco de medo. Tomara que Danforth não estivesse tendo

um colapso nervoso, lá dentro. Vinha agindo de modo tão esquisito ultimamente.

— Danforth, você quer que eu vá até a padaria buscar algumas roscas?

— Sim! — ele berrou. — Sim! Sim! Roscas! Papel higiênico! Uma picareta! Qualquer

coisa! Em qualquer lugar! *Simplesmente, deixe-me em paz!*

Ela ainda ficou ali parada, por mais um momento, preocupada. Pensou em bater

novamente, mas achou melhor não. Ainda não tinha certeza de que gostaria de saber o que

Danforth estava fazendo no escritório. Nem sequer tinha certeza de que queria que ele abrisse

aquela porta.

Ela calçou os sapatos e vestiu um casaco pesado de outono — o tempo estava claro, mas

frio — e foi para o carro. Foi até o Forno Rural, no fim da Rua Principal e comprou meia dúzia

de roscas — com cobertura de mel para ela, chocolate com coco para Danforth. Gostaria que

ele se alegrasse com aquilo — um pouquinho de chocolate sempre deixava

Myrtle alegre.

De volta para casa, olhou casualmente para a vitrine de Coisas Necessárias. E o que viu fez

com que aplicasse os freios até o chão, usando os dois pés. Se viesse um outro carro atrás do

seu, sem dúvida haveria uma batida.

E, exposta na vitrine, estava uma boneca *lindíssima*.

A persiana estava levantada, é claro. E a tabuleta pendurada no prendedor transparente a

sucção dizia novamente:

ABERTA

— É claro.

11

Polly Chalmers passou aquela tarde de sábado de um modo que, para ela, era

completamente singular: sem fazer coisa alguma. Sentou-se à janela, em sua cadeira de

balanço, feita em Boston, em estilo austríaco, com as mãos cruzadas direitinho no colo,

observando o trânsito ocasional da sua rua. Alan lhe telefonara antes de sair para a patrulha,

contou-lhe que não conseguira encontrar-se com Leland Gaunt, perguntou-lhe se estava bem, e

se precisava de alguma coisa. Ela respondeu que estava ótima e que não precisava de nada,

muito obrigada. As duas declarações eram mentirosas; não se sentia nem um

pouco bem e

havia muitas coisas de que precisava. A cura de sua artrite encabeçava a lista.

Não, Polly — você realmente precisa é de alguma coragem. Suficiente para ir até o

homem que ama e dizer, “Alan, eu torci a verdade sobre os lugares onde andei depois que fui

embora de Castle Rock, e contei uma mentira deslavada sobre o que aconteceu a meu filho.

Agora, gostaria de lhe pedir perdão e contar a verdade.

Parecia fácil quando declarado assim, sem rodeios. Só ficava difícil quando tinha que

encarar o homem amado, fundo nos olhos, ou quando tinha que encontrar a chave que

destrancava seu próprio coração sem rasgá-lo em pedaços sangrentos e dolorosos.

Dores e mentiras — mentiras e dores. Os dois pólos ao redor dos quais sua vida vinha

levitando nestes últimos dias.

Como está se sentindo hoje, Pol?

Muito bem, Alan. Muito bem.

Na verdade, estava morrendo de medo. Não que suas mãos estivessem doendo tanto

naquele exato momento. Ela quase chegava a desejar que estivessem, porque a dor, horrível

quando finalmente chegava, ainda assim era melhor do que a expectativa.

Pouco depois do meio-dia, naquele sábado, sentira um formigamento quente — quase uma

vibração — nas mãos. Formava círculos de calor ao redor dos nós dos dedos e na base do

polegar. Ela sentia o formigamento, escondido na raiz de cada uma de suas unhas, semicírculos

de aço como sorrisos sem alegria. Duas vezes antes, tivera esta mesma sensação, e sabia o que

significava. Estava à beira de ter o que tia Betty, que também sofrerá da mesma forma de

artrite, chamava de uma crise das piores. *“Quando minhas mãos começam a formigar com*

esses choques elétricos, eu sei que é hora de deixar o machado descansar” , Betty dizia, e

agora Polly tentava dar descanso ao seu próprio machado, com notável dose de fracasso.

Na rua, dois meninos vinham descendo pelo meio da rua, jogando uma bola de futebol um

para o outro. O da direita — o caçula dos rapazes dos Lawes — subiu para um passe alto. A

bola resvalou por seus dedos e veio cair no gramado de Polly. Ele a viu olhando pela janela e

acenou com a mão. Polly levantou sua mão para retribuir... e sentiu a dor explodir raivosa,

como uma grossa camada de brasas numa lufada errante de vento. Depois, passou, e restou

apenas aquele estranho formigamento. A impressão que tinha era a mesma de

como a

atmosfera fica pouco antes de uma tempestade elétrica violenta.

A dor viria a seu tempo; nada podia fazer. Mas, as mentiras que contara a Alan sobre

Kelton... isso era bem uma outra história. E, ela pensou, nem se trata de uma verdade tão

horrorosa, tão berrante, tão chocante... e também não se trata do fato de que ele já não suspeite

ou até tenha certeza de que você está mentindo. Ele sabe. Eu já vi pela expressão dele. Então,

por que é tão difícil, Polly? Por quê?

Em parte por causa da artrite, ela supunha, e em parte por causa do remédio para a dor, do

qual dependia mais e mais — os dois fatores juntos tinham força para bloquear qualquer

pensamento racional, de fazer com que os ângulos mais retos e nítidos e limpos se tornassem

oblíquos. E, também, havia o fato da própria dor de Alan... e a honestidade com que a revelara.

Sem hesitação, expusera toda a sua dor para a inspeção dela.

Os sentimentos dele com relação ao peculiar acidente que roubara a vida de Annie e de

Todd eram feios e confusos, num cerco cerrado, desagradável (e amedrontador), de emoções

negativas, mas, mesmo assim, as expusera todas ao escrutínio de Polly. Fizera-o porque queria

descobrir se Polly teria conhecimento de algum detalhe sobre o estado mental de Annie que ele

ignorasse... mas, também o fizera porque simplesmente fazia parte da sua natureza jogar limpa

e abertamente. Polly tinha medo do que ele poderia pensar caso descobrisse que jogar limpo

nem sempre fazia parte da natureza *dela*. Que seu coração, à maneira de suas mãos, tinha sido

afetado por uma geada prematura.

Mexeu-se, inquieta, na cadeira de balanço.

Preciso contar a ele — mais cedo ou mais tarde, preciso. E nada disso explica por que me

parece tão difícil — nada disso sequer explica, logo em primeiro lugar, por que contei a ele

todas aquelas mentiras. Isto é, não é como se eu tivesse tirado a vida do meu filho...

Suspirou — um som que era quase um soluço — e mudou de posição. Procurou os

meninos com a bola de futebol, e eles tinham ido embora. Polly ajeitou-se melhor na cadeira

de balanço e fechou os olhos.

12

Ela não era a primeira garota a surgir grávida como resultado de um encontro-noite de luta

corpo-a-corpo, nem era a primeira a discutir amargamente com os pais e com outros parentes

por causa da gravidez. Queriam que ela se casasse com Paul “Duke” Sheeran, o rapaz que a

deixara grávida. Ela respondeu que não se casaria com Duke mesmo que ele fosse o último

homem sobre a face da Terra. Era verdade, mas o que seu orgulho a impedia de dizer era que

Duke não queria casar-se com ela — o melhor amigo lhe contara que ele já estava fazendo

preparativos frenéticos para alistar-se na marinha tão logo completasse 18 anos... o que

aconteceria em menos de seis semanas.

—Deixe-me ver se entendi bem as coisas — Newton Chalmers disse, e queimou a única

ponte que existia entre ele e sua filha. — Ele é bom para você transar com ele, mas não serve

para ser seu marido — é isso?

— Ela tentara fugir de casa, então, mas sua mãe conseguira evitar. Já que ela não queria

casar-se com o rapaz, Lorraine Chalmers disse, falando naquela voz calma e docemente

razoável que quase levava Polly à loucura em seus anos de adolescência, então teria que ir para

a casa de tia Sarah, em Minnesota. Poderia ficarem Saint Cloud até o bebê chegar e depois

oferecê-lo para adoção.

— Eu sei por que você quer que eu vá embora — Polly disse. — É a velha tia

Evelyn, não

é? Você tem medo que se ela descobrir que estou esperando, bebê, ela risque você do

testamento. É tudo uma questão de dinheiro, não é? Você não se incomoda nem um pouco

comigo! Não liga *merda nenhuma* para mim...

A voz docemente razoável de Lorraine Chalmers escondia um temperamento de pavio

curto. Queimou a última ponte entre ela e sua filha ao esbofetear Polly com toda força.

Assim, Polly tinha fugido. Isto se passara há muito, muito tempo — em julho de 1970.

Parou de fugir um pouco ao chegar a Denver, e trabalhou lá até ter o bebê numa enfermaria

gratuita que as pacientes chamavam de Parque das Agulhas. Tencionava oferecer o bebê para

adoção, mas, não sabia o que — talvez o simples fato de aninhá-lo quando a enfermeira da

maternidade o colocou em seus braços, após o parto — a fez mudar de idéia.

Deu ao menino o nome de Kelton, que era o nome de seu avô paterno. A decisão de ficar

com o bebê deixara-a com medo a princípio, porque gostava de se julgar uma jovem prática,

sensata, e nada do que lhe acontecera neste último ano refletia essa imagem. Primeiro, a jovem

prática e sensata acabou grávida, antes do casamento, numa época em que jovens

práticas e

sensatas simplesmente não faziam esse tipo de coisa. Depois, a jovem prática e sensata fugira

de casa e dera à luz numa cidade onde nunca tinha estado antes e que ela desconhecia

completamente. E, para coroar tudo isso, a jovem prática e sensata tomara a decisão de ficar

com o seu bebê e permanecer a seu lado, para um futuro totalmente incerto.

Pelo menos, não ficara com seu bebê por despeito ou desafio —ninguém poderia acusá-la

disso. Viu-se surpreendida pelo amor, a mais simples, a mais forte, a mais impiedosa de todas

as emoções.

E ela continuara — isto é, *ambos* continuaram. Trabalhou em empregos subalternos, até ir

parar em San Francisco, que era, provavelmente, o lugar para onde sempre desejara ir. No

início do verão de 1971, o lugar era uma espécie de Xanadu *hippie*, uma cidade em sobe-e-

desce, fervilhando de figurões, figuras, figuraços, gentes e bandas com nomes esquisitos como

“Elevadores do 13º Andar” ou “Cacho de Banana”.

A acreditar-se na música de Scott McKenzie sobre San Francisco, que tinha sido popular

em algum longínquo passado, o verão lá era a estação do amor. Polly Chalmers, que mesmo

então nada tinha de *hippie*, perdera, não se sabe bem por quê, a estação do amor. No edifício

onde ela e Kelton moravam apinhavam-se caixinhas postais emperradas e havia uma gente

estranha que trazia o símbolo da paz pendurado no pescoço, mas escondia canivetes nos pulsos

e usava botas sujas de motoqueiro. Os visitantes mais comuns daquelas redondezas era oficiais

de justiça, da Saúde Pública, e tiras. Muitos tiras e ninguém os xingara de porcos cara a cara;

os tiras também tinha perdido a estação do amor e estavam muito zangados.

Polly requereu auxilio social e descobriu que ainda não vivia na Califórnia há tempo

suficiente para ter direito — supunha que agora as coisas talvez estivessem diferentes, mas em

1971 tinha sido tão difícil quanto em qualquer outro lugar para uma jovem mãe solteira.

Requereu Assistência ao Menor Dependente (AMD) e ficou na expectativa — na esperança —

de receber uma resposta positiva. Jamais deixou que Kelton ficasse sem uma refeição sequer, e

ela própria mal se alimentava, uma jovem muito magra que sentia fome às vezes, e sentia

medo sempre, uma jovem que, dos que a conheciam agora, poucos reconheceriam. Suas

lembranças daqueles primeiros três anos na costa oeste, lembranças guardadas no fundo de sua

memória, como roupas velhas dentro de um baú no sótão, eram imagens grotescas e

distorcidas, visões de pesadelo.

E não seria esta, em grande parte, a razão pela qual relutava em contar a Alan a história

daqueles anos? Será que ela simplesmente não preferia manter aqueles anos no escuro? Ela não

fora a única a sofrer as conseqüências aterradoras do seu amor-próprio, sua recusa teimosa em

pedir ajuda, e a cruel hipocrisia daqueles tempos, que proclamava o triunfo do amor livre

enquanto marcava jovens mães solteiras como criaturas indignas do convívio humano —

Kelton também passara por tudo aquilo. Kelton tinha sido seu refém para a fortuna enquanto

amassava a lama de sua sórdida cruzada romântica.

A parte mais horrível é que aos poucos sua situação ia melhorando. Na primavera de 1972

ela finalmente preenchia os requisitos para o auxílio governamental, e o primeiro cheque

relativo à AMD tinha sido prometido para o mês seguinte, Polly começara a fazer planos de se

mudar para um lugar ligeiramente melhor, quando ocorreu o incêndio.

A ligação foi feita para o restaurante noturno onde trabalhava, e em seus sonhos, Norville,

o mestre-cuca dos pedidos à minuta, que estava sempre querendo invadir a parte

de dentro de

suas calcinhas, virava-se para ela uma, duas, uma porção de vezes, repetindo sempre a mesma

coisa: *Polly, é a polícia. Eles querem falar com você. Polly, é a polícia. Eles querem falar com*

você.

Queriam, de fato, falar com ela, porque haviam resgatado do terceiro andar fumarento do

edifício, cheio de fumaça, os cadáveres de uma mulher jovem e de um bebê. Ambos estavam

tão queimados que sua identificação tornava-se impossível. Eles sabiam quem era o bebê — se

Polly não estivesse trabalhando, saberiam quem era a mulher jovem.

Durante os três meses que se seguiram à morte de Kelton, ela continuou a trabalhar. Sua

solidão era tão intensa que por pouco não enlouqueceu, tão profunda tão completa que ela não

se deu conta da extensão do seu sofrimento. Finalmente, mandou uma carta para casa,

contando aos pais que estava morando em San Francisco, que tinha dado à luz a um menino, e

que o menino já não estava mais com ela. Não teria dado maiores detalhes nem que a tivessem

torturado com ferro em brasa. Voltar para casa não fazia, naquela época, parte de seus planos

— pelo menos, não de seus planos *conscientes* — mas vinha-lhe o pensamento

de que se não

restabelecesse alguns dos antigos laços, uma parte muito preciosa de si mesma começaria a

deteriorar-se, como morre uma árvore vigorosa a partir da ponta dos galhos para o cerne

quando se vê privada de água por tempo longo demais.

Sua mãe respondera imediatamente para a canta postal que ela fornecera, pedindo-lhe que

voltasse para Castle Rock... para casa. Juntou uma ordem de pagamento de US$ 700.00. Fazia

muito calor na casa de cômodos onde Polly vinha morando desde a morte de Kelton, e no meio

do azáfama de fazer as malas parou para tomar um copo d’água. Enquanto bebia a água, Polly

deu-se conta de que estava se aprontando simplesmente porque sua mãe lhe pedira — quase

suplicara — que o fizesse. Na verdade, mal pensara no assunto, o que sem dúvida era um erro.

Tinha sido esse seu temperamento arrebatado de não pensar no que estava fazendo, e não

aquele pênis minúsculo de Duke Sheehan, que a fizera meter-se em apuros, para início de

conversa.

Assim, ela Sentou-se na sua estreita cama de solteiro e pensou. Pensou longa e

cuidadosamente. Finalmente, cancelou a ordem de pagamento e escreveu uma carta para a

mãe. Não chegava a encher uma página, mas levou quatro horas para pôr no papel o que era

necessário:

Eu gostaria de voltar, ou tentar, peto menos, para ver se dá certo, mas não quero ficar

desenterrando velhas histórias e remexendo velhas feridas, se eu voltar — ela escreveu. Não

sei se o que quero realmente — começar vida nova num lugar antigo — pode ser possível, mas

quero tentar. Assim, tenho uma idéia: vamos nos corresponder durante algum tempo. Você e

eu, eu e papai. Já notei que é mais difícil ficar zangado ou ressentido por escrito; assim,

vamos conversar através de cartas antes de falarmos pessoalmente.

E, durante seis meses, foi assim que se comunicaram, até que um dia, em janeiro de 1973,

o sr. e a sra. Chalmers, de mala e cuia, bateram à sua porta. Tinham se hospedado no Mark

Hopkins Hotel, disseram, e não voltariam para Castle Rock sem ela.

Polly pensou nisso — passando por toda uma gama de emoções: raiva por eles se

mostrarem tão arrogantes; uma certa diversão melancólica com a natureza meiga e bastante

ingênua dessa arrogância; pânico com as perguntas que ela evitara tão habilmente responder

por carta, e que agora eram feitas cara-a-cara.

Ela prometera ir jantar com eles, nada além — outras decisões levariam mais tempo. Seu

pai informou que tinham reserva no Mark Hopkins Hotel apenas para aquela noite. Então, é

melhor prorrogar essa reserva, Polly respondera.

Sentira vontade de conversar com eles, tanto quanto possível, antes de tomar uma decisão

definitiva — uma forma mais íntima do teste que se realizara através das cartas. Mas, aquela

noite foi tudo o que tiveram. Foi a última vez em que viu o pai forte e saudável, e tinha

passado a maior parte do tempo furiosa com ele.

As velhas discussões, tão fáceis de serem evitadas na correspondência, vieram à tona antes

mesmo que as taças de vinho se tocassem antes do jantar. Não passaram de foguetório, a

princípio, mas, à proporção em que seu pai continuava bebendo, foram se transformando numa

incontrolável barreira de fogo. Ele ateara fogo ao pavio, dizendo que ambos sentiam que Polly

tinha aprendido a lição e que era tempo de afogarem as mágoas. E a sra. Chalmers tinha

alimentado as chamas, recorrendo à sua voz docemente calma e razoável. E, onde está o bebê,

minha querida? Você poderia nos contar ao *menos* isto. Suponho que o entregou às irmãs de

caridade.

Polly conhecia aquelas vozes de priscas eras, e o que significavam. A de seu pai denotava a

necessidade de restabelecer controle; a qualquer custo, o controle *tinha* que existir. A de sua

mãe indicava que ela estava demonstrando amor e preocupação do único modo que sabia:

pedindo informações. As duas vozes, tão suas conhecidas, tão amadas e tão desprezadas,

despertaram, em seu íntimo, o antigo e selvagem rancor.

Saíram do restaurante, mais ou menos na metade do prato principal, e no dia seguinte o sr.

e sra. Chalmers voltaram para casa de avião.

Após um hiato de três meses, a correspondência recomeçou, hesitante a princípio. A mãe

de Polly foi a primeira a escrever, se desculpando pela noite desastrosa. Os pedidos para que

voltasse para casa foram abandonados. Isto deixou Polly surpresa... e a ansiedade tomou conta

de uma parte sua, profunda e quase esquecida. Sentiu que sua mãe, finalmente, a estava

rejeitando. Isto, naquelas circunstâncias, era ao mesmo tempo uma tolice e autocomiseração, o

que não serviu para diminuir em nada aqueles seus sentimentos elementares:

Acredito que você saiba o que quer, melhor do que ninguém, sua mãe escrevera. É difícil

para mim e para seu pai aceitarmos isto, porque ainda a vemos como a nossa menininha.

Acho que ele ficou um pouco assustado ao vê-la tão bonita e tão amadurecida. E você não

deve culpá-lo muito pelo modo como ele se comportou. Ele não vem se sentindo bem; seu

estômago anda lhe dando trabalho novamente. 0 médico diz que não passa de qualquer coisa

na vesícula, e quando ele concordar em extraí-la vai sentir-se bem novamente.

Polly respondeu no mesmo tom conciliatório. Não achou tão difícil, agora que estava

fazendo o curso comercial e arquivara indefinidamente seus planos de voltar ao Maine. E,

então, em fins de 1975, o telegrama chegara. Era curto e preciso: SEU PAI ESTAH COM

CÂNCER. ESTAH MORRENDO. POR FAVOR, VENHA. BEIJOS, MAMÃE.

Ele ainda estava vivo quando Polly chegou ao hospital de Bridgeton, a cabeça zonza do

ruído do avião a jato e das velhas lembranças que os lugares conhecidos lhe traziam de volta. E

o mesmo pensamento de surpresa lhe ocorria a cada curva da estrada que ia de Portland para os

altos morros e montanhas menores do oeste do Maine. A última vez que estive aqui, eu era

uma criança.

Newton Chalmers estava num quarto particular, oscilando entre a consciência e a

inconsciência, com tubos introduzidos no nariz e aparelhos ao seu redor, num semicírculo

faminto. Morreu três dias depois. A intenção de Polly era voltar imediatamente para a

Califórnia — quase chegava a pensar nela como o seu lar — mas, quatro dias passados do

enterro de seu pai, sua mãe sofreu um colapso cardíaco que a deixou paralítica.

Polly se mudara para lá. Cuidou da mãe durante os três meses e meio seguintes, e a certa

altura, sonhava todas noites com Norville, o cozinheiro do Seu Melhor jantar. Norville

virando-se para ela, uma, duas, inúmeras vezes, passando o telefone com a mão direita, aquela

que tinha a águia e as palavras ANTES A MORTE QUE A DESONRA tatuadas nas costas.

Polly, é a polícia, Norville dizia. *Eles querem falar com você, Polly, é a polícia. Eles querem*

falar com você.

Sua mãe deixara o leito, estava novamente se firmando nos pés e falando em vender a casa

e mudar-se para a Califórnia com Polly (o que ela jamais chegaria a fazer, mas Polly não teve

coragem de dissuadi-la de seus sonhos — já então estava mais velha e um pouco mais

generosa) quando sobreveio o segundo ataque cardíaco. E assim foi que numa crua tarde de

março de 1976, Polly viu-se no Cemitério Homeland, ao lado de sua tia-avó Evelyn, olhando

para um caixão sobre suportes ao lado da cova fresca de seu pai.

O corpo dele permanecera na cripta durante todo o inverno, à espera de que a terra

descongelasse o suficiente para que ele pudesse ser enterrado. Numa dessas grotescas

coincidências que nenhum escritor sério ousaria inventar, o marido fora enterrado apenas um

dia antes da morte da esposa. Os torrões de grama sobre o local de repouso final de Newton

Chalmers nem sequer tinham sido repostos no lugar - a terra ainda estava revolta e o túmulo

parecia obscenamente despido. O olhar de Polly teimava em se desviar do caixão da mãe para

o túmulo do pai. *Como se tivesse esperado apenas que ele fosse decentemente enterrado,* ela

pensou.

Quando o rápido serviço religioso chegou ao fim, tia Ewie chamou-a para um lado. A

última parenta viva de Polly estava ao lado da parafernália funerária de Hay & Peabody, um

varapau de mulher, agasalhada num sobretudo masculino e estranhamente calçada num par de

alegres galochas vermelhas, com um Herbert Tareyton pendendo do canto dos lábios. Com a

unha do polegar, acendeu um palito de fósforo e com este acendeu o cigarro, enquanto Polly se

aproximava. Tragou fundo e em seguida soltou a fumaça no frio ar da manhã de primavera.

Sua bengala (um simples galho de freixo — faltavam ainda três anos para ganhar a Bengala do

Boston Post como a habitante mais idosa da cidade) estava plantada entre seus pés.

Agora, sentada na cadeira de balanço austríaca que a velha tia sem dúvida aprovaria, Polly

calculou que tia Ewie deveria estar com 88 anos naquela primavera — 88 anos de idade e

ainda fumando como uma chaminé — embora Polly notasse pouca diferença entre a sua

aparência de então e a que tinha quando Polly não passava de uma menininha, esperando

ganhar uma bala de tostão do suprimento aparentemente inesgotável que tia Ewie guardava no

bolso de seu avental. Muitas coisas tinham mudado em Castle Rock desde que fora embora,

mas tia Ewie não era uma delas.

Pois bem, está *acabado* — dissera tia Ewie naquela voz rouca de fumante inveterada. —

Voltaram ao pó, minha querida. Mãe e pai, juntos.

Polly, então, dera livre curso às lágrimas, com sofrida intensidade. Pensou, a princípio, que

tia Ewie tentaria consolá-la, e sua pele já se arrepiava do contato da velha tia — ela não *queria*

ser consolada.

Não deveria ter-se preocupado. Evelyn Chalmers jamais fora o tipo de mulher que

acreditava em consolar os que sofriam — o que acreditava, Polly veio a pensar mais tarde, era

que a simples idéia de que consolo seria possível não passava de ilusão. Seja como for, ficou

parada, com a bengala firmemente segura entre as galochas vermelhas, fumando e esperando

que as lágrimas de Polly dessem lugar aos soluços quando conseguisse se controlar.

E quando Polly chegou a esse estágio, tia Ewie perguntou:

— O seu pequeno — sobre quem eles perderam tanto tempo falando — está morto, não

está?

Embora tivesse zelosamente guardado esse segredo de todos, Polly surpreendeu-se

meneando a cabeça.

— O nome dele era Kelton.

— Um bom nome — tia Ewie dissera. Tragou novamente, e aspirou novamente a fumaça

que exalava lentamente pela boca e tornava a subir para as narinas — o que Lorraine Chalmers

chamava pejorativamente de “bomba dupla”, franzindo o nariz com desprezo.

— Eu sabia, desde a primeira vez em que você voltou e veio me visitar. Vi tudo em seus

olhos.

— Houve um incêndio — Polly explicou, levantando o olhar para ela. Tinha um lenço de

papel, mas estava tão úmido que já não servia para nada. Guardou-o no bolso e usou os punhos

fechados secando as lágrimas como uma menininha que caiu do patinete e machucou o joelho.

A mocinha que contratei para tomar conta do bebê provavelmente começou o fogo.

— Eeeeh — tia Ewie dissera. — Mas, quer saber de uma coisa, Trisha?

Polly meneou a cabeça, com um sorriso muito tênue. Seu nome próprio era Patrícia, mas

todos sempre a tinham chamado de Polly desde quando era bebê. Todos, menos tia Ewie.

— O bebê, Kelton, está morto... mas *você* não está. — Tia Ewie atirou longe o cigarro e

usou a ponta de seu longo dedo indicador para bater no peito de Polly. — *Você* está viva. E o

que pretende fazer a respeito?

Polly ponderou.

— Vou voltar para a Califórnia — respondeu. — Isso é tudo que sei.

— Sim, é muito bom para começar. Mas, não chega. — E tia Ewie nesse momento disse

algumas palavras extremamente semelhantes às que a própria Polly dissera a

Alan Pangborn

durante o jantar n’Os Vidoeiros.

— Você não tem culpa de nada, Trisha. Chegou a entender isto?

— Eu... não sei.

— Então, não chegou. E até que entenda que não é culpada, não vai fazer diferença para

onde vai ou o que faz. Não vai haver chance alguma.

— Que chance? — ela perguntou, desorientada.

— *A sua* chance. A sua chance de viver a sua própria vida. Neste instante, você está com

cara de quem está vendo fantasmas. Nem todos acreditam em fantasmas Eu acredito. Sabe o

que são esses fantasmas, Trisha?

Lentamente, ela sacudira a cabeça.

— São os homens e mulheres que não conseguem se libertar do passado — tia Ewie

dissera. — *Esses* é que são os fantasmas — não *aqueles*. — E sacudiu o braço na direção do

caixão sobre os suportes, ao lado da cova fresca. — Os mortos estão mortos. Nós os

enterramos, e eles permanecem enterrados.

— Eu sinto...

Sim — tia Ewie dissera. — Eu sei. Mas, eles já não sentem. Sua mãe e meu sobrinho, não

sentem nada. O seu pequeno, o que morreu enquanto você esteve ausente. *Ele* não sente nada.

Você me entendeu?

Sim. Pelo menos em parte.

— Tem razão em não ficar aqui, Polly — pelo menos, tem razão por enquanto. Volte para

onde estava. Ou vá para algum outro lugar novo — Salt Lake, Honolulu, Bagdá, onde lhe der

na telha. Não importa, porque mais cedo ou mais tarde você vai acabar voltando para cá. Sei

muito bem disso — este lugar pertence a você e você pertence a este lugar. Está escrito em

cada linha de seu rosto, no modo como você anda, fala, até no jeito como aperta os olhos

quando vê alguém que ainda não conhece. Castle Rock foi feita para você e você para Castle

Rock. Por isso, não se apresse. "Vá aonde teus pés te levarem" diz a Bíblia. Mas, *vá com vida*,

Trisha. Não vire um fantasma. Se você virar fantasma, é melhor continuar longe daqui.

Com ar de tristeza, a velha senhora olhou ao redor, sua cabeça descrevendo um movimento

de rotação acima da bengala.

— Esta droga de cidade já tem fantasmas demais.

— Vou tentar, tia Ewie.

— É... sei que vai. Tentar — isto também faz parte de você. — Tia Ewie a

examinou

atentamente. — Você sempre foi uma menina bonita, e sempre foi uma menina razoável, mas

nunca foi uma menina de sorte. Pois bem, a sorte é para os tolos. Eles precisam dessa

esperança, coitados. Noto que você continua bonita e razoável, e isto é que é importante. Acho

que você vai conseguir. — E então, bruscamente, quase arrogantemente: — Eu adoro você,

Trisha Chalmers. Sempre adorei.

— Eu também amo a senhora, tia Ewie.

E, assim, daquela maneira cuidadosa, que jovens e velhos têm de demonstrar afeição, elas

se abraçaram. Polly tinha sentido o perfume da colônia de tia Ewie — um tremor de violetas

— o que fez com que chorasse novamente.

Quando se afastou, tia Ewie estava procurando alguma coisa no bolso do sobretudo. Polly

achava que ela iria puxar um lenço de papel, pensando, surpresa, que, afinal de contas, depois

de tantos e tantos anos, ela seria testemunha das lágrimas da velha. Ledo engano. Tia Ewie

tirou uma bala, embrulhada em papel, exatamente como fazia naquele tempo em que Polly

Chalmers era uma menininha de tranças que desciam pela frente de sua blusinha de

marinheira.

— Quer uma balinha, querida? — ela perguntou alegremente.

13

O crepúsculo ia aos poucos invadindo o dia.

Polly endireitou-se na cadeira de balanço, consciente de que quase caíra no sono. Roçou

uma das mãos e a dor correu pelo seu braço, num ataque brutal, antes de ser substituída pelo

formigamento ardente que antecipava uma piora. Vai ficar muito ruim, sem dúvida. Ainda

naquela noite, ou no dia seguinte, vai piorar muito.

Não ligue para o que não pode mudar, Polly — isto, pelo menos, é uma coisa que você

pode mudar, que você deve mudar. Deve contar a Alan a história de Kelton. Precisa parar de

abrigar esse fantasma em seu coração.

Mas, uma outra voz levantou-se em resposta — uma voz zangada, clamorosa, amedrontada.

A voz do orgulho, achava ela, apenas isto, mas surpreendeu-a o ardor e a força com que exigia

que aqueles velhos dias, aquela velha vida, não fossem exumadas... nem por Alan, nem por

ninguém. E, acima de tudo, que a vida tão curta e a morte tão horrorosa de seu bebê não

servissem de pasto para as línguas das fofoqueiras da cidade.

Que besteira é essa, Trisha? — tia Ewie perguntava-lhe mentalmente. — Tia Ewie, que

vivera uma vida tão longa, aspirando os seus amados cigarros Herbert Tareyton em “bomba-

dupla”, até os últimos momentos. *Que diferença faz que Alan fique sabendo como Kelton*

realmente morreu? Que diferença faz que todas as fofoqueiras da cidade, de Lenny Partridge

a Myrtle Keeton, fiquem sabendo? Você acha que alguém ainda se interessa pelo seu bebê,

sua boba? Não se superestime — tudo isto é história antiga. Mal vale um segundo cafezinho

na Nan ’s.

Talvez... no entanto, ele pertenceram *ela*, droga, *a ela.* Na vida e na morte, ele tinha sido

dela. E ela tinha sido dela própria também — nem de seu pai, nem de sua mãe, nem de Duke

Sheehan. *Ela pertencera a ela própria.* Aquela mocinha medrosa e solitária que lavava sua

calcinha todas as noites na pia de cozinha enferrujada, porque só tinha três, aquela mocinha

medrosa que estava sempre com o canto do lábio ou a beira da narina rachada de frio, aquela

mocinha que às vezes sentava-se perto da janela que dava para o poço de ventilação do edifício

e aninhava a testa ardente nos braços e chorava — essa mocinha pertencia *a ela.* Suas

lembranças dela mesma e seu filho na escuridão da noite, Kelton mamando num dos seios

pequenos, enquanto ela lia um John D. MacDonald em edição de bolso, e as sirenes

desconexas silvavam em disparada pelas ruas apertadas e cheias de ladeiras da cidade, aquelas

lembranças *eram dela.* As lágrimas que derramara, os silêncios que suportara, as longas e

brumosas tardes no restaurante, evitando os avanços das mãos romanas e dedos russos de

Norville Bates, a timidez com que finalmente tinham chegado a paz não muito sólida, a

independência e dignidade pelas quais tanto lutara, para possuir de maneira tão pouco

conclusiva... estas coisas eram *dela,* e não poderiam pertencer à cidade.

Polly, a questão não é o que pertence à cidade, e você sabe disso muito bem. A questão é o

que pertence a Alan.

Sacudiu a cabeça para frente e para trás, sentada na cadeira de balanço, completamente

inconsciente de seu gesto de negativa. Achava que tinha passado inúmeras horas insones em

inúmeras madrugadas escuras para entregar sua paisagem interior, assim, de bandeja. Com o

tempo, contaria tudo a Alan — não tinha pretendido manter toda a verdade em segredo durante

tanto tempo — mas a hora ainda não chegara. Certamente que não... especialmente quando

suas mãos lhe diziam que ela não teria como pensar em muitas outras coisas, além delas.

O telefone começou a tocar. Tinha que ser Alan, de volta da patrulha e querendo saber

como ela estava. Polly levantou-se e atravessou a sala. Levantou o fone com muito cuidado,

usando as duas mãos, pronta a dizer a ele as coisas que achava que Alan queria ouvir. A voz de

tia Ewie bem que tentou intrometer-se, tentando convencê-la de que esse não era um bom

comportamento, não passava de comportamento infantil e auto-indulgente, talvez até um

comportamento perigoso. Polly rápida e violentamente afastou essa voz.

— Alô? — ela disse animada. — Oh, alô, Alan. tudo bem? Ótimo.

Ouviu um pouco, sorriu. Se tivesse olhado para a sua imagem no espelho que ficava no

vestíbulo, teria visto uma mulher que parecia estar gritando... mas, não olhou.

— Muito bem, Alan — ela disse. — Estou me sentindo muito bem.

14

Estava quase na hora de ir para as corridas.

Quase.

— Vamos — Danforth Keeton murmurou, bagas de suor escorrendo como óleo pelo rosto.

— Vamos, vamos, *vamos!* .

Estava sentado, todo curvado sobre a Pule Vencedora. — tinha varrido tudo que estava em

cima da mesa para fazer espaço para o jogo, e tinha passado quase o dia inteiro jogando. Tinha

começado com sua cópia de *Histórias da pista de grama: 40 anos do derby de Kentucky*.

Correra pelo menos 12 derbys, dando aos cavalinhos de chumbo da Pule Vencedora os nomes

dos cavalos concorrentes, exatamente do modo como o sr. Gaunt lhe indicara. E os cavalinhos

de chumbo que tinham o nome do cavalo vencedor de cada derby, segundo o livro, tinham

sempre chegado na frente. Uma vez atrás da outra, aconteceu sempre. Era surpreendente — tão

surpreendente que deram as *4:* OOh antes que ele se desse conta de que passara o dia correndo

carreiras muito antigas quando 10 páreos novos em folha iriam acontecer naquela mesma noite

no Hipódromo de Lewiston.

O dinheiro estava à espera de ser ganho.

Durante a última hora, o *Daily Sun* de Lewiston, daquele dia, dobrado na página de

corridas de cavalo, tinha ficado ao lado do tabuleiro da Pule Vencedora. À direita, estava uma

folha de papel que arrancara do seu caderninho de bolso. E na folha, nas

garatujas grandes e

apressadas de Keeton, estava a seguinte lista:

1º páreo: BAZOOKAJOAN

2a páreo: FILLY DELFIA

39 páreo: TAMMY’S WONDER

4a páreo: I’M AMAZED

5a páreo: BYGEORGE

6a páreo: PUCKYBOY

7a páreo: CASCO THUNDER

8a páreo: DELIGHTFUL SON

9a páreo: TIKO-TIKO

Eram ainda 5:00h da tarde, e Danforth Keeton já estava correndo o último páreo da noite.

Os cavalinhos rangiam e se sacudiam ao redor da pista. Um deles levava vantagem de oito

corpos, e cruzou a linha de chegada muito na frente dos outros.

Keeton apanhou o jornal num gesto brusco e estudou novamente o programa de corridas.

Seu rosto tornou-se tão radioso que ele parecia estar em êxtase religioso.

— Malabar! — ele sussurrou, e agitou os punhos no ar. O lápis, agarrado num desses

punhos, desceu velozmente e mergulhou como uma agulha fugitiva.

— É Malabar! 30 por 1! 30 por 1 *pelo menos!*

Rabiscou no pedaço de papel, a respiração ofegante e irregular ao fazê-lo. Cinco minutos

depois o tabuleiro da Pule Vencedora estava muito bem trançado no armário embutido de seu

estúdio e Danforth Keeton estava a caminho de Lewiston em seu Cadillac.

CAPÍTULO NOVE

1

ÀS 9:45H DA MANHÃ de domingo, Nettie Cobb vestiu o casaco e o abotoou

apressadamente. Uma expressão de sombria determinação refletia-se em sua fisionomia. Estala

de pé na cozinha. Raider estava sentado no chão, olhando para ela como a perguntar se ela

realmente pretendia ir até o fim, desta vez.

— Sim, realmente pretendo — ela lhe disse.

Raider bateu no chão com a cauda, como a responder que tinha certeza de que ela o faria.

— Fiz uma lasanha muito caprichada para Polly, e vou levá-la até lá. Meu abajur está

trancado dentro do armário, e *eu sei* que está trancado, e não vou ficar indo e

vindo porque sei

mentalmente. Aquela doida da Polaca não vai me manter prisioneira em minha própria casa. Se

por acaso eu topar com ela na rua vou dizer-lhe poucas e boas! Eu a avisei!

Precisava sair. *Precisava,* e sabia disso. Não tinha posto o pé na rua nesses últimos dois

dias, e chegara à conclusão de que quanto mais adiasse, pior ficaria. Quanto mais tempo

ficasse sentada em sua sala de estar com as persianas fechadas, mais difícil seria abri-las. E já

sentia o antigo terror cheio de confusão insinuando-se em seus pensamentos.

Assim, levantara-se bem cedinho — às 5:00h! — e preparara uma saborosa lasanha para

Polly, exatamente do jeito que ela gostava, cheia de espinafre e cogumelos. Os cogumelos

eram em conserva, porque não se atrevera a sair até o mercado na noite anterior, mas achava

que, apesar disso, a lasanha saíra certo. Estava agora na assadeira, bem no meio da bancada da

pia, coberta com papel-alumínio.

Apanhou-a e marchou pela sala de estar em direção à porta.

Fique bem bonzinho, Raider. Estou de volta em uma hora. A não ser que Polly me ofereça

um café, então vou demorar mais um pouco. Mas, vou ficar muito bem. Não tenho com o que

me preocupar. Não fiz coisa alguma com os lençóis daquela doida da Polaca, e

se ela me

amolar, ela vai só ver uma coisa!

Raider soltou um latido severo para demonstrar que entendia e acreditava.

Ela abriu a porta, espiou para fora, e nada viu. A Rua Ford estava tão deserta quanto podem

ficar as ruas de uma cidadezinha, numa manhã de domingo. À distância, um sino de igreja

chamava os fiéis do rebanho do rev. Rose à devoção enquanto outro sino conclamava os

católicos.

Juntando toda a sua coragem, Nettie saiu para o sol de domingo, pousou a assadeira de

lasanha no degrau, fechou e trancou a porta. Então, pegou a ponta da chave de casa e arranhou

o antebraço, deixando uma linha avermelhada. Ao abaixar- se para apanhar novamente a

assadeira de lasanha, pensou: *E agora, quando chegar na metade da quadra — ou até antes —*

vai começar a pensar que, na verdade, você não trancou bem a porta. Mas, trancou, sim.

Colocou a lasanha no degrau para trancar a porta. E, se ainda assim não acreditar, é só

olhar para o braço e lembrar-se de que se arranhou com a sua própria chave da casa... depois

que a usou para trancar a porta. Lembre-se disso, Nettie, e vai ficar muito bem se surgir

alguma dúvida.

Esse pensamento era maravilhoso, e usar a chave para arranhar o próprio braço tinha sido

uma idéia maravilhosa. O arranhão avermelhado era *concreto,* e, pela primeira vez nos últimos

dois dias (e principalmente nas noites de insônia), Nettie realmente sentiu-se melhor. Saiu

marchando para a calçada, de cabeça erguida, Os lábios apertados a tal ponto que quase

desapareciam. E, chegando à calçada, olhou para os dois lados procurando o carrinho amarelo

da doida da Polaca. Nem sinal dele. O único veículo à vista era um velho caminhão alaranjado

estacionado adiante na rua, e estava vazio.

Ótimo.

La se foi Nettie para a casa de Polly, e quando as dúvidas a assaltavam, lembrava-se de que

o abajur de opalina estava bem trancado. Raider montava guarda, e a porta da frente estava

trancada. Isto, especialmente. A porta da frente estava trancada e precisava apenas lançar um

olhar ao arranhão vermelho para prová-lo a si mesma.

Assim, Nettie marchou para a casa de Polly, de cabeça erguida, e ao alcançar a esquina,

dobrou-a sem olhar para trás.

2

Quando perdeu aquela mulher maluca de vista, Hugh Priest endireitou-se atrás do volante

do caminhão cor de laranja que tinha tirado cedinho do estacionamento coletivo, às 7:00h da

manhã (havia se abaixado no assento, assim que viu a Nettie Maluca sair porta afora). Botou o

caminhão em ponto morto e deixou que deslizasse lenta e silenciosamente até a cerca da casa

de Nettie Cobb.

3

A campainha da porta tirou Polly de uma sonolência viscosa que não era sono de verdade,

mas uma espécie de sonho mal-assombrado de um cochilo drogado. Sentou-se na cama e notou

que estava de penhoar. Quando o vestira? Por um momento, não conseguiu se lembrar, o que a

assustou. Então, a memória voltou-lhe. A dor que estava esperando chegou pontualmente, de

longe a pior dor artrítica de toda a sua vida. A dor a acordara às 5:00h da manhã. Tinha ido ao

banheiro urinar quando descobriu que não conseguia sequer pegar uma folha de papel

higiênico para se secar. Por isso, tinha tomado uma pílula, vestido o penhoar, e se sentado na

cadeira junto à janela do quarto esperando que o remédio começasse a fazer efeito. A certa

altura, deve ter sentido sonolência e voltado para a cama.

Sentia as mãos como se fossem peças de cerâmica que ficassem no forno até quase

estalarem. A dor era ao mesmo tempo fria e ardente, cravada profundamente na carne como

uma trama complexa de arames envenenados. Levantou as mãos em desespero, suas mãos

horríveis e deformadas e, no andar de baixo, a campainha tocou novamente. Soltou um

gritinho de perturbação.

Chegou ao patamar da escada com as mãos esticadas à sua frente como as patas de um

cãozinho sentado ereto a pedir um doce.

— Quem é? — ela perguntou lá de cima. A voz estava rouca, viscosa de sono. O gosto na

boca era pior que o de cabo de guarda-chuva.

— É a Nettie — a voz subiu até ela. — Você está bem, Polly?

Nettie. Deus do céu, o que estaria Nettie fazendo aqui antes mesmo do nascer do sol numa

manhã de domingo?

— Estou bem! — Polly respondeu. — Tenho que vestir alguma coisa! Abra a porta com a

sua chave, querida!

Ao ouvir a chave de Nettie rangendo na fechadura, correu de volta ao quarto. Olhou para o

relógio de cabeceira e viu que o sol tinha nascido há já várias horas. Nem sequer tinha voltado

para vestir alguma coisa. O penhoar estava ótimo para receber Nettie. Mas, precisava tomar

uma pílula. Nunca, nunca, em toda a sua vida, tinha precisado tanto de uma pílula como agora.

E não percebeu em que terrível estado se encontrava até tentar tomar o remédio. As pílulas

— na verdade cápsulas — estavam num pratinho de vidro no mantel da ornamentada lareira de

seu quarto. Conseguiu botar a mão dentro do pratinho, sim, mas descobriu-se completamente

incapaz de pegar sequer uma das cápsulas. Seus dedos pareciam os ganchos de uma máquina

qualquer que tivessem emperrado solidamente por falta de lubrificação.

Tentou com mais força, concentrando toda a sua força de vontade para que seus dedos se

juntassem ao redor de uma das cápsulas gelatinosas. Em retribuição conseguiu um ligeiro

movimento e uma terrível explosão de dor. Isso foi tudo. Soltou um gemido, misto de dor e

frustração.

— Polly? — Do pé da escada agora, a voz de Nettie refletia preocupação. O povo de Castle

Rock podia achar que Nettie era cabeça oca, Polly pensou, mas quando se tratava das

vicissitudes da enfermidade de Polly, Nettie nada tinha de oca. Já estava na casa de Polly há

tempo demais... e a amava demais.

— Polly, você está bem, mesmo?

Já estou descendo, querida! — ela respondeu, rezando para que sua voz saísse clara e

animada. Ao retirar a mão e curvar a cabeça sobre o pratinho das cápsulas, ela pensou. *Por*

favor, Senhor. Não deixe que ela suba agora. Não deixe que ela me veja nesta situação!

Abaixou o rosto até o pratinho, como um cãozinho que se dispõe a beber água de sua

tigela, e esticou a língua. Dor, horror, vergonha, e, acima de tudo, uma depressão sombria, toda

feita de marrons e cinzentos, engolfou-a. Fez pressão com a língua até conseguir que uma das

cápsulas se grudasse a ela. Levou-a para dentro da boca, e agora não parecia um cãozinho com

sede, mas um tamanduá voraz ingerindo uma guloseima, e engoliu.

À proporção em que a cápsula descia marcando sua minúscula trilha garganta abaixo, ela

tornou a pensar: *Eu daria qualquer coisa para ficar livre disto. Qualquer coisa. Qualquer*

coisa no mundo.

4

Hugh Priest já quase não sonhava; atualmente, já nem era o caso de ir dormir,

mas

simplesmente apagava. No entanto, tivera um sonho na noite anterior, um sonho daqueles. O

sonho lhe dissera tudo que ele precisava saber, e tudo o que deveria fazer.

No sonho, ele estava sentado na sua cozinha, tomando uma cerveja e assistindo a um

programa de jogos intitulado *A Venda do Século.* E todos os objetos que estavam distribuindo

eram as peças que tinha visto naquela loja, Coisas Necessárias. E todos os concorrentes

sangravam pelas orelhas e pelo canto dos olhos. Estavam rindo, mas pareciam horrorizados.

E, de repente, uma voz abafada desandou a chamar:

— Hugh! Hugh! Deixe-me sair, Hugh!

A voz vinha de dentro do armário embutido. Hugh foi lá e o abriu, pronto para "botar para

dormir" quem estivesse chamando. Mas, não havia ninguém, apenas a bagunça normal de

botas, cachecóis, paletós, apetrechos de pesca, e suas duas espingardas.

— Hugh!

Olhou para cima, porque a voz vinha da prateleira.

Era a cauda de raposa. A cauda de raposa estava falando. E Hugh imediatamente

reconheceu aquela voz. Era a voz de Leland Gaunt. Então, ele apanhara a cauda de raposa,

novamente se encantando com aquela maciez, de tal textura que parecia um

pouco de seda, um

pouco de lã, e, na verdade, não parecia coisa alguma exceto sua própria textura secreta.

— Obrigada, Hugh — a cauda de raposa dissera. — É muito abafado lá dentro. Você

largou um cachimbo velho na prateleira, Hugh. E estava um fedor!

— Você queria ir para algum outro lugar? — Hugh perguntara. Sentia-se um pouco

estúpido conversando assim com uma cauda de raposa, mesmo no sonho.

— Não... já estou me acostumando. Mas, preciso conversar com você. Você tem que fazer

uma determinada coisa, lembra-se? Você prometeu.

Nettie Maluca — Hugh concordou. — Tenho que pregar uma peça na Nettie Maluca.

— É isso aí — a cauda de raposa respondeu. — E vai precisar fazer isso assim que acordar.

Portanto, preste atenção.

Hugh tinha prestado atenção.

A cauda de raposa lhe dissera que a casa de Nettie estaria vazia á exceção do cachorro, mas

agora que Hugh estava bem ali, o melhor era bater. Foi o que ele fez. Ouviu o tamborilar de

patas e unhas no soalho de madeira, e nada mais. Tornou a bater, apenas para ter certeza.

Ouviu um único e severo latido do outro lado da porta.

— Raider? — Hugh perguntou. A cauda de raposa lhe contara que este era o nome do

cachorro. Hugh achou aquele nome ótimo para um cão, mesmo que a sua dona fosse doida de

pedra.

Raider latiu mais uma vez, desta vez menos severamente.

Hugh tirou um chaveiro do bolso da frente de sua jaqueta quadriculada de caça e o

examinou. Há muito tempo que tinha aquele chaveiro e já nem sé lembrava onde tinham ido

parar algumas das chaves. Mas, quatro delas eram chaves-mestras, facilmente identificáveis

pelo cano longo que possuíam, e eram estas que ele estava procurando. .

Hugh deu uma olhadela ao redor, certificou-se de que a rua estava tão deserta como quando

chegara, e pôs-se a experimentaras chaves, uma a uma.

5

Assim que Nettie viu o rosto pálido e inchado e os olhos desesperados de Polly, esqueceu

imediatamente seus próprios temores, que a tinham roído durante todo o trajeto, como os

dentes afiados de uma doninha. Nem sequer precisou olhar para as mãos de Polly, ainda

esticadas à altura da cintura (doía demais deixá-las cair ao longo do corpo quando estavam

doendo daquele jeito), para perceber como é que as coisas andavam.

A lasanha foi jogada sem cerimônia sobre um console ao pé da escada. Se tivesse se

esparramado pelo chão, Nettie não lhe lançaria um olhar, ao menos. A mulher nervosa, que a

população de Castle Rock se acostumara a ver pelas ruas, a mulher que parecia estar sempre

com cara de culpada por alguma brincadeira de mau gosto, ainda que estivesse simplesmente

indo até o Correio, tinha desaparecido. A Nettie daquele momento era outra — era a Nettie de

Polly Chalmers.

— Venha — Nettie disse. — Vamos para a sala de estar. Vou apanhar as luvas térmicas.

— Nettie, estou bem — Polly protestou de mansinho. — Foi só que tomei uma pílula, e

tenho certeza de que em alguns minutos —

Mas, Nettie passara o braço ao seu redor e a estava levando para a sala de estar.

— O que você fez? Acha que virou-se sobre elas durante o sono?

— Não — eu teria acordado. É só que... — Ela riu. Uma risada fraca, desconcertada. — É a

dor. Eu já sabia que hoje ia ser ruim, mas não fazia idéia de que seria *tão* ruim. E as luvas

térmicas não adiantam.

— Às vezes adiantam, Você sabe que, às vezes, elas ajudam. Agora, fique aí sentada.

O tom de Nettie não admitia recusa. Postou-se ao lado de Polly até que Polly

sentou-se

numa poltrona superestofada. Foi depois ao lavabo do térreo buscar as luvas térmicas. Polly

tinha desistido delas há mais de um ano, mas Nettie, segundo parecia, as considerava com uma

reverência quase supersticiosa. A versão de Nettie para a canja do doente, Alan comentara

certa vez, e os dois tinham dado risada.

Polly sentou-se, descansando as mãos nos braços da poltrona como se fossem pedaços de

galho seco e, com ar de saudade, contemplou o sofá onde ela e Alan tinham feito amor na noite

de sexta-feira. Naquela ocasião, não sentira dor alguma nas mãos, e lhe parecia que mais de

um milênio já se passara desde então. Ocorreu-lhe que o prazer, apesar de profundo, era algo

de efêmero e imaterial. Talvez o amor fosse a mola do mundo, mas estava convencida de que

eram os gritos dos muito feridos e dos que sofriam profundas dores que faziam girar todo o

universo ao redor da haste de vidro de seu eixo.

Ora, seu sofá estúpido, ela pensou. Ora, seu sofá vazio e estúpido, de que me serve você

neste instante?

Nettie voltou com as luvas térmicas. Pareciam luvas de cozinha unidas por um fio elétrico

isolado. Das costas da luva esquerda saía o fio do plugue como uma cobra. Polly tinha visto a

propaganda das luvas, imagine só, na revista de decoração *Good Housekeeping!* Tinha feito

uma chamada para o número 800- da Fundação Nacional de Artrite e fora informada de que,

de fato, as luvas davam alívio temporário em alguns casos. Depois mostrou o anúncio ao dr.

Van Allen, que acrescentara o refrão que, há mais de dois anos. tinha se tornado

cansativamente repetitivo:

— Ora, mal não faz.

Nettie, tenho certeza de que dentro de alguns minutos

— ... você vai se sentir melhor — Nettie completou. — Claro que vai. E, talvez, as luvas

ajudem. Levante suas mãos, Polly.

Polly desistiu e estendeu as mãos. Nettie segurou as luvas pelas pontas, apertou até abri-

las, e as calçou com a delicadeza de um especialista em desmonte de bomba cobrindo um

pacote de *C-4* com um protetor contra explosão. Seu toque era leve, destro e compassivo. Polly

não acreditava que as luvas térmicas fossem adiantar coisa alguma... mas a óbvia preocupação

de Nettie começava a fazer efeito.

Nettie pegou o plugue, ficou de joelhos e ligou na tomada perto da poltrona. As luvas

faziam um zumbido baixo, e os primeiros fios de calor seco acariciaram a pele das mãos de

Polly.

— Você é boa demais para mim, sabia? — Polly disse com doçura.

— Demais é impossível — Nettie respondeu. — Nunca.

A voz saiu embargada e havia um fulgor úmido e brilhante em seu olhar. — Polly, eu não

devo ensinar o padre-nosso ao vigário, mas não consigo mais ficar em silêncio. É hora de você

fazer alguma coisa pelas suas pobres mãos. *É fundamental.* As coisas não podem ficar como

estão.

— Eu sei, querida. Eu sei. — Polly fez um esforço sobre-humano para vencer a muralha de

depressão que se erguera em sua mente. — Por que apareceu por aqui hoje, Nettie? Sem

dúvida, não foi só para assar minhas mãos.

A fisionomia de Nettie iluminou-se.

— Eu fiz uma lasanha para você!

— Fez mesmo? Oh, Nettie, não precisava!

— *É* mesmo? Pois não é o que *eu* acho. *Eu acho* que você não vai estar a fim de cozinhar

nem hoje, nem amanhã. Vou guardá-la na geladeira.

— Obrigada. Muito, muito obrigada.

— Estou contente de ter feito a lasanha. Duplamente contente depois que vi como você

está.

Chegou à porta que dava para a cozinha e olhou para trás. Um raio de sol tocou seu rosto e

naquele momento Polly poderia ter notado o cansaço e esgotamento de Nettie, se sua própria

dor não fosse tão terrível.

— Agora, não se mova!

Polly caiu na risada, o que deixou ambas abismadas.

— Não posso. Estou presa numa armadilha!

Na cozinha, a porta da geladeira abriu-se e fechou-se depois que Nettie guardou a lasanha.

Em seguida, ela perguntou:

— Quer que eu prepare o café? Gostaria de tomar uma xícara? Quem sabe isso ajudaria.

— Sim — Polly respondeu. — Isso seria ótimo.

O zumbido das luvas estava um pouco mais alto; elas estavam muito quentes. E, ou

estavam ajudando de fato, ou o remédio estava começando a fazer um efeito que a cápsula das

5:00h não conseguira. O mais provável é que fosse uma combinação dos dois fatores, ela

pensou.

— Mas, Nettie, se você precisa voltar para sua casa —

Nettie apareceu no vão da porta. Tinha colocado o avental que apanhara na despensa e

segurava o velho bule de café, de alumínio. Recusava-se a usar a cafeteira elétrica Toshiba... e

Polly via-se forçada a admitir que o que saía do bule de alumínio de Nettie era mais gostoso.

— Não tenho lugar melhor para ir do que aqui — ela respondeu. — Além disso, a casa está

trancada e Raider está montando guarda.

— Sem dúvida — Polly disse, sorrindo. Conhecia Raider muito bem. Pesava uns 10 kg e se

deitava de pernas para o ar, a fim de que lhe coçassem a barriga, quando qualquer pessoa —

carteiro, medidor de eletricidade, vendedor ambulante — chegasse à casa.

— Seja como for, acho que ela vai me deixar em paz — Nettie disse. — Eu a avisei. E não

a vi nem tive notícia dela, por isso acho que ela finalmente entendeu que eu falava sério.

— Avisou quem? Sobre o quê? — Polly perguntou, mas Nettie já saíra do vão da porta, e

Polly estava realmente presa à poltrona pelas luvas térmicas. Quando Nettie reapareceu com a

bandeja de café, o Percodan já começava a deixá-la sonolenta e já não se lembrava da bizarra

observação que Nettie fizera... o que não chegava a surpreender, tanto mais que Nettie a toda

hora fazia observações bizarras.

Nettie colocou creme e açúcar no café e segurou a xícara de modo que Polly pudesse tomar

o café. Falaram disto e daquilo e, claro, dentro em pouco estavam conversando sobre a nova

loja. Nettie novamente falou sobre a compra do abajur de opalina, mas sem muitos detalhes, ao

contrário do que Polly esperava, dada a extraordinária natureza de tal evento na vida de Nettie.

Contudo, despertou-lhe uma outra lembrança: a mensagem que o sr. Gaunt tinha colocado no

recipiente de bolo.

— Quase ia me esquecendo — o sr. Gaunt me pediu para passar por lá hoje à tarde. Disse

que talvez tivesse uma peça que poderia me interessar.

— Você não vai, não é? Não com as mãos nesse estado.

— De repente... Elas estão melhores... acho que as luvas de fato ajudaram desta vez, pelo

menos um pouquinho. Eu preciso fazer *alguma coisa!* — Fitou Nettie com olhos quase

suplicantes.

— Bem... creio que... — uma idéia súbita ocorreu a Nettie. — Sabe de uma coisa, posso

passar por lá, na volta para casa, e pedir que ele venha até *aqui!*

— Oh, não, Nettie — fica fora do seu caminho.

— Só uma ou duas quadras.

Nettie lançou um encantador olharzinho de esguelha para Polly.

Além disso, quem sabe ele tem alguma outra peça de opalina. Não tenho dinheiro para

comprar outra, só que *ele* não sabe disso, e olhar não tira pedaço, não é mesmo?

— Mas pedir a ele que venha até aqui...

— Eu explico como você está — Nettie disse com firmeza, e começou a juntar as coisas na

bandeja. — Ora, comerciantes frequentemente fazem demonstrações a domicílio... quer dizer,

se o que vendem tem algum valor.

Polly fitou-a com afeição e divertimento.

— Sabe de uma coisa? Você fica diferente quando está aqui, Nettie.

Nettie olhou para ela surpreendida.

— Fico mesmo?

— Fica.

— Diferente como?

— Para melhor. Não importa. A menos que eu piore, acho que *vou querer* sair hoje à tarde.

Mas, se acontecer de você passar defronte de Coisas Necessárias —

— Vou passar.

Uma expressão, mal disfarçada, de agitação perpassou seu olhar. Agora que a idéia lhe

ocorrera, apossou-se de sua mente com todo o ímpeto de uma compulsão. Ajudar Polly tinha

sido um tônico para seus nervos, sem dúvida alguma.

...e se por acaso ele *estiver* lá, dê-lhe o número de minha casa e peça-lhe que me telefone

caso a peça que ele queria me mostrar tenha chegado. Você faria isso?

— Pode apostar! — Nettie disse. Levantou-se segurando a bandeja e levou-a para a

cozinha. Recolocou o avental num gancho da despensa, e voltou para a sala a fim de retirar as

luvas térmicas. Já estava de casaco. Polly tornou a agradecer — e não simplesmente pela

lasanha. Suas mãos ainda estavam muito doloridas, mas a dor, de certo modo, era suportável. E

já conseguia mexer os dedos.

— De nada, mesmo — Nettie disse. — E sabe o que mais? Você *está* com melhor

aparência. Sua cor está voltando. Quando entrei, você me deixou assustada. Posso fazer mais

alguma coisa, antes de ir embora?

— Não, creio que não. — Estendeu o braço e desajeitadamente segurou a mão de Nettie

nas suas, que ainda estavam vermelhas e muito quentes das luvas.

Ninguém atira lama em meus lençóis lavados. Eu avisei que pegava você!

Fiquei tão contente com a sua visita, querida.

Nas raras ocasiões em que o sorriso de Nettie desabrochava, todo o seu rosto sorria — era

como ver o sol rompendo entre as nuvens de uma manhã pardacenta.

— *E* u adoro você, Polly.

Comovida, Polly disse:

— Eu também adoro você, Nettie.

Nettie foi embora. E foi a última vez em que Polly a viu ainda com vida.

6

A fechadura da porta da frente da casa de Nettie Cobb era tão complicada quanto 2 + 2 = 4 .

A primeira chave mestra que Hugh experimentou funcionou, depois de girar um pouco para

um lado e para o outro.

Um cãozinho amarelo, com uma mancha branca no peito, como um babador, estava

sentado no chão do vestíbulo. Soltou o único latido severo de sempre, enquanto o sol da manhã

caía ao seu redor, e a sombra de Hugh avançava sobre ele.

Você deve ser o Raider — Hugh disse baixinho, metendo a mão no bolso.

O cão tornou a latir e imediatamente ficou de barriga para cima, as quatro patas

arreganhadas.

— Ora, que bonitinho! — Hugh disse. O rabo cotó de Raider batia no soalho de madeira,

presumivelmente significando que estava de acordo. Hugh fechou a porta e se pôs de cócoras

ao lado dele. Com uma das mãos começou a coçar o lado direito do animalzinho exatamente

naquele ponto mágico que parece estar conectado com a pata traseira direita, fazendo com que

se agitasse rapidamente no ar. Com a outra mão, tirou do bolso um canivete do exército suíço.

Você é um bom companheiro — Hugh o mimou. — Não é mesmo?

Parou de coçá-lo e do bolso da camisa tirou uma tira de papel. Nela, com sua caligrafia

irregular de l° ano primário, estava a mensagem que a cauda de raposa lhe dera - Hugh tinha se

sentado à mesa da cozinha e escrito mesmo antes de se vestir, de modo a não esquecer uma

única palavra:

Abriu o saca-rolhas escondido em um dos escaninhos do canivete e atravessou a mensagem

com ele. Em seguida, ajeitou o canivete de lado e fechou o punho ao redor dele, de maneira

que apenas o saca-rolhas se projetava entre o dedo indicador e o médio de sua poderosa mão

direita. Voltou a coçar Raider, que durante o tempo todo ficara deitado de barriga para cima,

observando Hugh alegremente. Era tão bonitinho, Hugh pensou.

— Pois é! Você não é o melhor dos companheiros? Você não é *mesmo* o melhor?

— Hugh perguntou, enquanto o coçava. Agora, as duas patas traseiras se agitavam. Raider

parecia estar pedalando uma bicicleta invisível.

— Claro que é! É, é sim! E sabe o que eu tenho? Tenho uma cauda de raposa! Tenho, sim!

Hugh levantou o saca-rolhas com a nota atravessada nele diretamente acima da mancha

branca no peito de Raider.

— E, sabe o que mais? *Vou ficar com ela!*

E desceu a mão com toda a sua força. A esquerda, que tinha servido para coçar Raider,

agora segurou o cão enquanto torcia violentamente o saca-rolhas, dando três voltas. Sangue

quente jorrou em jato, manchando suas duas mãos. O cão estremeceu rapidamente no soalho e

depois ficou imóvel. Nunca mais soltaria aquele seu latido severo e inofensivo.

Hugh levantou-se, o coração aos pulos. Sentiu-se muito mal, subitamente, com o que tinha

feito — quase doente. Talvez ela fosse maluca, talvez não, mas estava sozinha no mundo, e ele

tinha acabado de matar a criatura que provavelmente era o único amigo dela.

Limpou as mãos manchadas de sangue no peito da camisa. Mal se notaria a mancha na

camisa escura. Não conseguia desviar seu olhar do cachorro morto. Ele tinha feito aquilo. Sim,

tinha feito aquilo, e bem o sabia, porém mal conseguia acreditar. Como se estivesse num

transe, ou coisa parecida.

A voz íntima, no entanto, aquela que de vez em quando conversava com ele sobre as

reuniões dos A.A., falou de repente:

— É — e creio que é capaz de se convencer a si mesmo, com o tempo. Mas você não estava

em transe, porra nenhuma! Você sabia muito bem o que estava fazendo.

E por quê.

O pânico invadiu-o. Tinha que sair dali. Deu de costas pelo vestíbulo, soltou um grunhido

rouco e bateu contra a porta fechada. Tateou com as mãos às costas procurando a maçaneta e

afinal encontrou-a. Girou-a, abriu a porta, e saiu da casa de Nettie Cobb. Olhou, desvairado,

para todos os lados, com medo de que metade da cidade estivesse bem ali em frente,

observando-o com olhos solenes e acusadores. Não viu vivalma, exceto um menino pedalando

rua acima. No bagageiro da bicicleta uma caixa de piquenique se equilibrava num ângulo

curioso. O menino não lhe deu mais que um rápido olhar, ao passar por ele, e quando se

afastou, havia somente o som de um sino tocando... desta vez, chamando os metodistas.

Hugh saiu apressado pela calçada. Convenceu-se de que não devia correr, mas já estava

trotando ao chegar ao caminhão. Abriu a porta aos trambolhões, e deslizou para o banco do

motorista, enfiando a chave na ignição. Repetiu o gesto três ou quatro vezes, e a porra da chave

continuava não entrando. Teve que firmar a mão direita com a esquerda antes de finalmente

conseguir ajustar a chave de ignição. A fronte porejava bagas de suor. Já passara por muitas

ressacas, porém jamais se sentira como agora — era como ter um acesso de malária, ou coisa

parecida.

O caminhão deu partida com um ronco alto e um jato de fumaça azul. O pé de Hugh saiu

do pedal. O caminhão deu dois trancos para fora do meio-fio e parou. Respirando pela boca,

com dificuldade, Hugh conseguiu dar partida novamente e afastou-se rapidamente.

Ao chegar ao estacionamento coletivo (ainda tão deserto quanto as montanhas da lua) e

trocar o caminhão da prefeitura pelo seu velho Buick todo amassado, já havia se esquecido

completamente tanto de Raider como do ato horroroso que praticara com o saca-rolhas.

Durante a volta para o estacionamento coletivo tinha sido invadido por uma certeza febril: a de

que alguém tinha estado em sua casa durante a sua ausência e roubado sua cauda de raposa.

Hugh guiou a mais 90km por hora, freou a menos de 10cm do portão capenga de sua casa

num guinchar sobre cascalho e uma nuvem de pó, e subiu a escada correndo, de dois em dois

degraus. Entrou com estrondo, correu para o armário embutido e abriu a porta violentamente,

ficou na ponta dos pés e começou a explorar a prateleira alta com as mãos tremulas e

frenéticas.

A princípio, só encontraram madeira lisa, Hugh soluçou de raiva e pavor. Depois, sua mão

esquerda afundou-se naquela textura áspera que não era nem seda nem lã, e uma grande

sensação de paz e realização o invadiu. Era como alimento para o faminto, consolo para o

aflito... quinino para o que sofria de malária. O tambor em *staccato* que batia em seu peito,

finalmente foi se acalmando. Puxou a cauda de raposa de seu esconderijo e sentou-se à mesa

da cozinha. Esticou a cauda sobre suas coxas grossas e pôs-se a acaricia-la com ambas as

mãos.

Hugh ficou assim sentado durante mais de três horas.

7

O menino que Hugh viu, e deixou de reconhecer, o menino na bicicleta, era Brian Rusk.

Brian tinha tido o seu próprio sonho na noite anterior, e, consequentemente, tinha a sua própria

tarefa a cumprir nessa manhã de domingo.

No sonho, o sétimo jogo da Série Mundial ia começar — um jogo da Série Mundial, dos

tempos muito antigos de Elvis, um clássico de rivalidade apocalíptica, aquele avatar do

beisebol, Dodgers x Yankees. Sandy Koufax estava na área de reserva, fazendo aquecimento

para substituir Da Bums. Também estava conversando com Brian Rusk, que ficava a seu lado,

entre um lançamento e outro. Sandy Koufax disse a Brian exatamente o que deveria fazer. Foi

muito claro a esse respeito — botou os pingos em todos os *ii*. Nenhum problema.

O único problema era o seguinte: Brian não queria cumprir a tarefa.

Sentia-se um verme, discutindo assim com uma lenda do beisebol como Sandy Koufax,

mas tentara, de qualquer jeito.

— O senhor não entende, sr. Koufax — ele argumentou. — Eu tinha que pregar uma peça

em Wilma Jerzyck, e já preguei. Já *cumpri* minha tarefa!

— E daí? — Sandy Koufax disse. — O quer dizer com isso, moleque?

Ora, o trato era esse. US$ 0.85 e uma brincadeira.

Tem certeza, moleque? Uma brincadeira? Tem certeza? Ele disse algo assim como “apenas

uma brincadeira”? Algo legal assim?

Brian não conseguia se lembrar exatamente, mas a sensação de que entrara pelo cano,

crescia dentro dele... Não... não apenas entrara pelo cano... tinha caído numa *ratoeira.* Como

um camundongo e um pedaço de queijo.

— Vou lhe dizer uma coisa, moleque. O trato —

Interrompeu-se e soltou um rápido *unhhh!* ao lançar uma bola alta muito rápida. A bola foi

cair na luva do apanhador com um estalido de tiro de rifle. Pó soltou-se da luva, e Brian deu-se

conta, com crescente desalento, que conhecia aqueles tempestuosos olhos azuis que o fitavam

atrás da máscara do apanhador. Aqueles olhos pertenciam ao sr. Gaunt.

Sandy Koufax apanhou a bola devolvida pelo sr. Gaunt e depois contemplou Brian com

olhos planos como vidro marrom.

— O trato é o que eu *disser* que é, moleque.

Os olhos de Sandy Koufax não eram castanhos de modo algum, Brian deu-se conta em seu

sonho; também era azuis, o que fazia sentido perfeito já que Sandy Koufax *também* era o sr.

Gaunt.

— Mas...

Koufax/Gaunt levantou a mão enluvada.

— Vou dizer-lhe uma coisa, moleque: eu *odeio* essa palavra. De todas as palavras do

dicionário, esta é de longe a pior. Acho que é a palavra mais feia em *qualquer* língua.

O homem no uniforme antigo dos Brooklyn Dodgers escondeu a bola na mão enluvada e

virou-se para encarar Brian de frente. Era o sr. Gaunt mesmo, e um sobressalto de terror,

gelado e desesperador, invadiu-lhe o coração.

— Eu disse, *de fato*, que queria que você pregasse uma peça em Wilma Jerzyck, Brian, isso

é verdade, mas nunca disse que aquela seria a *única* peça que eu queria que pregasse nela.

Você apenas *deduziu*, moleque. Você me acredita, ou quer ouvir a fita gravada de nossa

conversa?

— Eu acredito — Brian disse. Já estava gaguejando. — Mas...

— O que foi que acabei de dizer sobre essa palavra?

Brian abaixou a cabeça e engoliu em seco.

— Você ainda tem muito que aprender sobre a pechincha — Koufax/Gaunt

disse. — Você

e todo esse povinho de Castle Rock. Mas, foi por isso que vim — para dirigir um seminário

sobre a arte de pechinchar. Havia um homem nesta cidade, um certo Merrill, que já conhecia

um pouco dos truques, mas ele se foi há muito tempo e seria difícil encontrá-lo.

Sorriu, pondo à mostra os dentes grandes e irregulares de Leland Gaunt no rosto comprido

e melancólico de Sandy Koufax.

— E a palavra “barganha”, Brian... também preciso ensinar muita coisa sobre este assunto.

— Mas... — a palavra saiu antes que Brian pudesse impedir.

Sem essa — Koufax/Gaunt disse. Inclinou-se para a frente. A fisionomia, embaixo da aba

do boné de beisebol, fitou Brian solenemente. — O sr. Gaunt é quem sabe. Repita, Brian.

A garganta de Brian se mexeu, mas nenhum som foi emitido. Sentia-se arder, lágrimas se

desprendendo de seus olhos.

A mão pesada e fria desceu sobre o ombro de Brian. E o agarrou.

— *Repita!*

— O sr. Gaunt... — Brian teve que engolir novamente a fim de fazer espaço para as

palavras. — o sr. Gaunt é quem sabe.

— É isso aí, moleque. É exatamente isso. *E* isso quer dizer que você vai fazer o

que eu

disser... senão!...

Brian chamou a si toda a sua coragem e fez uma última tentativa.

— E, se eu disser que não? E se eu disser que não porque não entendi aquele palavreado

que o senhor disse que eram... os termos?

Koufax/Gaunt tirou a bola da concha da luva e fechou a mão ao redor dela. Gotinhas de

sangue começaram a pingar das costuras.

— Você não pode mais dizer não, Brian — ele disse baixinho. — Não dá mais tempo.

Veja, este é o sétimo jogo da Série Mundial. Todos os frangos vieram para o poleiro, e agora é

tudo ou nada. Olhe a seu redor, Brian. Vamos, dê uma boa olhada.

Brian olhou e viu, horrorizado, que o Estádio de Ebbets estava tão cheio que tinha gente até

nos corredores. *..e ele conhecia todo mundo que estava lá.* Viu o pai e a mãe sentados juntos

com o irmãozinho, Sean, na Tribuna de Honra. A classe de terapia da fala, alinhada ao longo

da linha da primeira base, tendo num dos flancos a srta. Ratcliffe, e aquele seu namorado

grandalhão, Lester Pratt, no outro flanco, todos tomando Royal Crown Cola e mastigando

cachorros-quentes. Toda a equipe policial de Castle Rock sentada na arquibancada, tomando

cerveja em copos de papel impressos com as fotografias das candidatas do ano a “Miss

Rheingold”. Viu os alunos da escola dominical de sua igreja, os conselheiros municipais, Myra

e Chuck Evans, suas tias, tios, primos, primas. E, logo ali, atrás da terceira base, estava Sonny

Jackett, e quando Koufax/Gaunt lançou a bola sangrenta e ela fez aquele estalido de tiro de

rifle novamente na luva do apanhador, Brian viu que o rosto atrás da máscara pertencia agora a

Hugh Priest.

— Passo por cima de você, garotinho — Hugh disse ao devolver a bola. — Vou fazer você

guinchar.

— Veja, moleque, que já não se trata mais de uma questão de figurinha de jogador de

beisebol, apenas — Koufax/Gaunt disse, ao lado dele. — Você sabe disso, não é? Ao atirar

aquela lama nos lençóis de Wilma Jerzyck, você pôs um determinado mecanismo em

movimento. Como o cara que causa uma avalanche só porque gritou um pouco mais alto num

dia quente de inverno. Neste caso, a escolha é simples. Você pode ir em frente... ou pode ficar

onde está e ficar soterrado.

No sonho, Brian finalmente começou a chorar. Entendia muito bem. Entendia

perfeitamente, só que era tarde demais para fazer qualquer diferença.

Gaunt espremeu a bola de beisebol. Mais sangue jorrou, e seus dedos se afundaram

profundamente naquela superfície alva e carnuda.

— Se você não quiser que todos em Castle Rock fiquem sabendo que foi você que

começou a avalanche, Brian, é melhor fazer o que eu digo.

Brian chorou mais forte.

— Ao tratar comigo — Gaunt disse, dobrando-se para o lançamento — deve lembrar-se de

duas coisas: o sr. Gaunt é quem sabe... e o trato não foi cumprido até que o sr. Gaunt *diga* que

EU PREVENI QUE ME
DEIXASSE EM PAZ.
ESTE É O ÚLTIMO AVISO.

o trato foi cumprido.

Arremessou com aquele gesto sinuosamente repentino de lançamento que tornara Sandy

Koufax tão difícil de ser atingido (esta, pelo menos, era a humilde opinião do pai de Brian), e,

desta vez, ao alcançar a luva de Hugh Priest, a bola explodiu. Sangue, cabelos, e longas fibras

de carne espalharam-se ao sol brilhante do outono. E Brian acordou, chorando de rosto

enterrado no travesseiro.

8

E, agora, tinha saído para fazer o que o sr. Gaunt lhe dissera que devia fazer. Tinha sido

bem fácil sair de casa: simplesmente disse a sua mãe e pai que não queria ir à igreja naquela

manhã porque estava enjoado do estômago (e nem sequer era mentira). Depois que os pais

saíram, ele deu início aos preparativos.

Era difícil pedalar a bicicleta e mais difícil ainda mantê-la equilibrada por causa da caixa

conservadora de temperatura Playmate que transportava no bagageiro. Era muito pesada e ao

chegará casa dos Jerzycks, ele estava suado e bufando. Desta vez, não houve hesitação, nem

ato de tocar a campainha, nem historinhas pré-fabricadas. Não havia ninguém em casa. Sandy

Koufax/Leland Gaunt tinham-no informado, no sonho, que os Jerzycks ficariam até mais tarde

na igreja, depois da missa das 11 a fim de discutir as festividades da Noite no Cassino, que se

aproximava, e depois iriam visitar amigos. Brian acreditou. E tudo o que desejava agora era

acabar logo com toda essa história terrível o mais rápido possível. E quando terminasse,

voltaria para casa, guardaria a bicicleta, e passaria o resto do dia ria cama.

Ergueu a conservadora para tirá-la do bagageiro, usando as duas mãos para isso, e colocou-

a na grama. Estava atrás da sebe, onde não poderia ser visto por ninguém. O que ia perpetrar

naquele momento fazia muito barulho, mas Koufax/Gaunt tinham-lhe assegurado que não

precisaria se preocupar. Disseram-lhe que quase todos os moradores da Rua do Cipreste eram

católicos, e os que tinham ido à missa das 8:00h tinham ido fazer seus diferentes programas

domingueiros. Brian não tinha como saber se era verdade ou não. Sabia, ao certo, apenas duas

coisas: o sr. Gaunt é quem sabia, e o trato não estava cumprido até que o sr. Gaunt *dissesse* que

o trato tinha sido cumprido.

E o trato era este.

Brian abriu a caixa conservadora. Dentro dela havia uma dúzia de pedras bastante grandes.

Cada uma delas estava envolta numa folha de papel, tirada do caderno escolar de Brian, presa

com elásticos de borracha. Em cada folha, impressa em grandes letras de fôrma, estava a

seguinte simples mensagem:

Brian pegou uma daquelas pedras e atravessou o gramado até chegar a menos de 3m de

distância da ampla janela da sala de estar dos Jerzycks — aquele tipo que

chamavam de “janela

panorâmica” no princípio da década de ’6o, quando a casa fora construída. Ele se preparou,

hesitou por não mais que um momento, e então arremessou, muito ao estilo de Sandy Koufax

defrontando-se com o batedor adversário no sexto jogo da Série Mundial. O barulho que

resultou foi ensurdecedor e sem qualquer musicalidade, seguido do ruído surdo da pedra ao

tocar o chão carpetado da sala de estar e sair rolando.

O efeito de todo esse barulho sobre Brian foi esquisitíssimo. Seu temor o abandonou, e seu

desprazer pela tarefa à sua frente — que não poderia, por mais esforço de imaginação que se

fizesse, ser classificada como algo inconsequente como uma brincadeira — também evaporou-

se. O som de vidro se quebrando o excitou... fez, de fato, como que sentisse aquele mesmo

êxtase que experimentava em seus devaneios sobre a srta. Ratcliffe. Estes eram tolos, e ele o

reconhecia, mas nada havia de tolice quanto ao que estava fazendo. *Isto era para valer.*

Além disso, descobrira que, mais do que nunca, desejava possuir aquela figurinha de Sandy

Koufax. Acabara, também, de descobrir um fenômeno comum ao senso de propriedade e o

peculiar estado psicológico a que conduz: quanto mais se sofre para se possuir um determinado

objeto, mais se deseja guardar esse objeto.

Brian apanhou mais duas pedras e chegou perto da janela quebrada. Olhou para dentro e

viu a primeira pedra que tinha arremessado. Estava no vão da porta entre a sala de estar e a

cozinha. Um lugar extremamente improvável para ela — como ver uma galocha no altar da

igreja ou uma rosa pousada sobre o motor de um trator. Um dos elásticos de borracha que

segurava a mensagem tinha arrebentado, mas o outro estava bom. O olhar de Brian desviou-se

para o lado esquerdo e ele surpreendeu-se vendo a TV Sony dos Jerzycks.

Brian encolheu-se e arremessou. A pedra atingiu a televisão em cheio. Houve um "banguê"

oco, uma faísca, e uma chuva de cacos de vidro sobre o carpete. O aparelho balançou no seu

suporte mas não tombou realmente.

— *Segundo strike!* — Brian murmurou, e deu vazão a uma gargalhada estranha e

embargada.

Jogou a terceira pedra sobre uma coleção de peças de cerâmica arrumadas numa mesinha

ao lado do sofá, mas errou o alvo. Atingiu a parede com um baque e arrancou um bom pedaço

de reboco.

Brian pegou a alça da caixa conservadora de temperatura e arrastou-a para o lado da casa.

Quebrou duas janelas dos quartos. Nos fundos, atravessou a bandeira da porta da cozinha com

uma pedra de bom tamanho e jogou mais algumas pelo buraco que fez. Uma delas destruiu o

Cuisinart que ficava na bancada. Outra atravessou o vidro do forno de microondas Radar

Range, aterrissando bem no meio dele.

— *Tttterceiro strike!* Senta aí, moleque! — e Brian riu tanto que quase molhou as calças.

Quando passou o acesso, ele terminou o circuito da casa. A caixa Playmate estava mais

leve agora; descobriu que conseguia carregá-la com apenas uma das mãos. Usou as últimas

três pedras para quebrar as janelas do porão que exibiram as flores de estufa de outono de

Wilma Jerzyck, depois arrancou algumas das flores para completar o serviço. Feito isto, fechou

a caixa, voltou para sua bicicleta, colocou a caixa no bagageiro, e montou para voltar à sua

casa.

Os Mislaburskis eram vizinhos dos Jerzycks. Quando Brian estava saindo da entrada de

carro dos Jerzycks, a sra. Mislaburski abriu a sua porta da frente e saiu para a escadinha. Vestia

um penhoar verde brilhante. O cabelo estava envolto num lenço vermelho. Ela parecia um

anúncio de “Natal no Inferno”.

— O que está acontecendo aí, menino? — ela perguntou severamente.

— Não sei, exatamente. Acho que o casal está discutindo — Brian disse, sem parar a

bicicleta. — Cheguei apenas para perguntar se eles precisavam de alguém para limpar a neve

durante o inverno, mas resolvi que era melhor voltar numa outra hora.

A sra. Mislaburski lançou um breve e enfurecido olhar para o lar dos Jerzycks. De onde se

encontrava, devido à sebe, ela distinguia somente as janelas do sobrado.

— Se eu fosse você não voltaria em hora alguma — ela disse. — Aquela mulher me lembra

um daqueles peixinhos que existem na América do Sul. Aqueles que conseguem devorar um

boi inteirinho.

— Piranhas — Brian esclareceu.

— Exatamente. São esses.

Brian continuou pedalando. Estava, neste momento, se afastando da mulher de penhoar

verde brilhante e lenço vermelho ao redor da cabeça. Seu coração batia forte, mas não estava

descompassado ou acelerado, ou o que fosse. Era como se uma parte dele pensasse que ainda

estava sonhando. Não se sentia o Brian de sempre — aquele Brian Rusk que só tirava notas

“A” e “B”, o Brian Rusk que fazia parte do Conselho Estudantil e era membro da Liga dos

Bons Cidadãos do Ginásio de Castle Rock, o Brian que só tirava nota máxima nos esportes.

— Ela ainda vai acabar matando alguém, qualquer dia desses — a sra. Mislaburski gritou

indignada às costas de Brian. — Acredite em mim!

Num resmungo, Brian sussurrou:

— Não duvido nada.

Realmente, passou o resto do dia na cama. Em circunstâncias normais, isto teria deixado

Cora preocupada, o suficiente talvez para levá-lo ao pronto-socorro infantil em Norway. Hoje,

no entanto, mal notou que o filho não estava bem. Tudo por causa daqueles óculos

maravilhosos que o sr. Gaunt lhe vendera — estava completamente fascinada.

Brian levantou-se ao redor das 6:00h da tarde, cerca de 15 minutos antes de seu pai voltar

de um dia de pescaria no lago, na companhia de dois amigos. Tirou uma Pepsi da geladeira e

ficou ao lado do fogão enquanto tomava o refrigerante. Sentiu-se bem melhor.

Achou que, afinal, talvez tivesse cumprido integralmente sua parte no trato que fizera com

o sr. Gaunt.

Também chegou à conclusão de que o sr. Gaunt era quem sabia das coisas.

9

Nettie Cobb, sem a mínima premonição da desagradável surpresa que a aguardava em casa,

estava de ótimo humor ao descer á Rua Principal, na direção de Coisas Necessárias. Sentia

uma forte intuição de que, fosse ou não manhã de domingo, a loja estaria aberta, e não deu

outra.

— Sra. Cobb! — Leland Gaunt exclamou ao vê-la entrar. — Que prazer imenso em tornar

a vê-la!

Muito prazer em vê-lo, sr. Gaunt — ela disse... e era verdade.

O sr. Gaunt aproximou-se, de mão estendida, mas Nettie furtou-se ao contato. Era uma

conduta terrível, extremamente grosseira, porém Nettie simplesmente não se controlou. E o sr.

Gaunt pareceu compreender, Deus o abençoe. Sorriu, e desviou seu curso, indo fechar a porta

atrás dela. Virou a tabuleta de ABERTA para FECHADA com a rapidez de um jogador

profissional recolhendo um ás.

— Sente-se, sra. Cobb! Por favor, sente-se!

Bem, sim... mas, vim até aqui somente para lhe dizer que Polly... Polly está... — Por algum

motivo, não se sentia à vontade. Não que se estivesse sentindo mal exatamente, mas também

não se sentia bem. A cabeça tonta. Sentou-se, sem leveza, numa das poltronas estofadas. E, em

seguida, o sr. Gaunt estava de pé à sua frente, os olhos fixos nos olhos dela, e de repente o

mundo todo se centrava nele, e depois ficava novamente quieto.

— Polly não está se sentindo bem, não é? — o sr. Gaunt indagou.

— Exatamente — Nettie respondeu, agradecida. — São as mãos dela, sabe. Ela tem...

— Artrite, eu sei, terrível, uma pena, que merda, a vida é uma droga, e daí você morre, a

vida é um buraco disse a bola de golfe. Eu sei, Nettie. — E os olhos dele aumentaram de

tamanho. — Mas, não há necessidade de que eu telefone para ela, ou que vá visitá-la. As mãos

dela já estão melhor agora.

— Estão? — Nettie perguntou em tom distante.

— Pode apostar! Ainda doem, é claro, o que é bom, mas não o suficiente para mantê-la em

casa, o que é melhor ainda — não concorda, Nettie?

— Sim — Nettie disse debilmente, sem fazer a menor idéia do que é que estavam falando.

— Você — disse o sr. Gaunt em sua mais suave e alegre voz, terá um dia muito cheio pela

frente, Nettie.

— É mesmo? — Isso era novidade para ela. Seu plano era passar a tarde sentada em sua

poltrona favorita, fazendo tricô e vendo televisão, com Raider deitado a seus pés.

— Sim. Um dia *muito* cheio. Por isso, quero que fique sentadinha aí, descansando um

pouquinho, enquanto vou lá dentro apanhar uma coisa. Está bem?

— Sim...

— Ótimo. E, feche seus olhos, por favor. Tenha um *bom* descanso, Nettie!

Nettie fechou os olhos obedientemente. Depois de um período de tempo completamente

inimaginável, o sr. Gaunt ordenou que os abrisse. Foi o que ela fez, e sentiu uma pontada de

desapontamento. Quando nos dizem para fechar os olhos, em geral querem nos fazer uma boa

surpresa. Um presente. Esperava que, ao abrir os olhos novamente, o sr. Gaunt estivesse

apresentando outro abajur de opalina, mas tudo o que viu foi um bloco de papel. As folhas

eram pequenas e cor-de-rosa. Cada uma delas tinha o seguinte título:

INFRAÇÃO ÀS LEIS DE TRÂNSITO

— Oh, eu pensei que fosse outra peça de opalina.

— Não creio que você ainda vá precisar de peças de opalina, Nettie.

— Não? — Desta vez a pontada de desapontamento foi mais funda.

— Não. Triste, mas é verdade. Ainda assim, creio que se lembra de ter prometido que faria

algo para mim. — O sr. Gaunt sentou-se ao lado dela. — Você se *lembra,* não é?

— Sim — ela respondeu. — O senhor queria que eu pregasse uma peça em Buster. Queria

que eu colocasse alguns papéis na casa dele.

— Exatamente, Nettie... muito bom. Ainda tem á chave que lhe dei?

Lentamente, como num balé submarino, Nettie tirou à chave do bolso direito de seu

casaco. Exibiu-a para que o sr. Gaunt pudesse vê-la.

— Excelente! — ele disse com ardor. — Agora, guarde-a novamente, Nettie. Guarde-a em

lugar seguro.

Foi o que ela fez.

— Agora. Aqui estão os papéis. — Colocou o bloquinho cor-de-rosa em uma das mãos

dela; na outra, colocou um rolo de fita adesiva. Sirenes de alarme, neste instante, começaram a

soar em seu íntimo, mas vinham de muito longe, mal eram audíveis.

— Espero que isto não leve muito tempo. Tenho que voltar logo para casa. Tenho que

alimentar Raider. É o meu cachorrinho.

— Sei tudo a respeito de Raider — o sr. Gaunt disse, oferecendo a Nettie um largo sorriso.

— Mas, tenho o pressentimento de que ele não vai sentir fome hoje. Não creio que deva se

preocupar com ele. Também não creio que ele vá sujar o chão da cozinha.

— Mas —

Ele tocou-lhe os lábios com um de seus longos dedos, e subitamente ela sentiu náuseas.

— Não — ela murmurou, encolhendo-se na poltrona. — Não faça isso, é horrível!

— É o que me dizem — o sr. Gaunt concordou. — Portanto, se não quer que eu seja

horrível para você, Nettie, jamais repita essa palavrinha horrível para mim.

— Que palavra?

— *Mas.* Desaprovo totalmente essa palavra, acho até que posso dizer que *odeio* essa

palavra. No melhor dos mundos possíveis, não deveria haver necessidade de se usar essa

palavrinha imbecil. Quero que você me diga outra coisa, Nettie — quero que você repita

algumas palavras que eu amo. Palavras que simplesmente *adoro.*

— Que palavras?

— O sr. Gaunt é que sabe das coisas. Repita.

— O sr. Gaunt é que sabe das coisas — ela repetiu, e assim que pronunciou as palavras,

percebeu que eram palavras completa e absolutamente verdadeiras.

— O sr. Gaunt *sempre* sabe das coisas.

— O sr. Gaunt *sempre* sabe das coisas.

— Certo! Exatamente como o Pai! — exclamou o sr. Gaunt e então soltou uma risada

horrorosa. Um som como de rochas colidindo no coração da Terra, e seus olhos trocavam

rapidamente de cor, do azul para o verde para o castanho para o negro enquanto ria.

— Agora, Nettie — preste muita atenção. Você tem que cumprir essa ligeira tarefa para

mim e depois pode ir para casa. Entendeu?

Nettie entendeu.

E prestou muita atenção.

CAPÍTULO DEZ

1

SOUTH PARIS É UMA esquálida cidadezinha industrial a uns 40km a nordeste de Castle

Rock. Não é, de modo algum, o único lugarejo caipira do Maine a ostentar o nome de alguma

cidade ou capital européia — temos uma Madrid (cujos habitantes pronunciam *Méd-rid)*, uma

Sweden, uma Etna, e uma Calais (que se pronuncia como rima para Dallas), uma Cambridge, e

uma Frankfurt. Talvez alguém saiba como e por que tantos lugares de beira da estrada

terminaram por ser batizados com essa variedade tão exótica de nomes, mas eu não sei.

O que sei ao certo é que há cerca de 20 anos, um afamado *chef* francês decidiu sair de

Nova Iorque e abrir o seu próprio restaurante na Região dos Lagos do Maine, é que ele

decidiu, *ainda mais*, que não poderia haver melhor local para tal aventura do que uma cidade

chamada South Paris. Nem mesmo o fedor dos curtumes locais conseguiram dissuadi-lo. E o

resultado foi um restaurante chamado Maurice. Encontra-se, até o dia de hoje, na Rodovia 117,

ao lado da linha férrea e defronte a uma lanchonete McDonald’s. E foi ao Maurice que

Danforth “Buster" Keeton levou sua mulher para almoçar no domingo, 13 de outubro.

Myrtle passou a melhor parte daquele domingo em estado de êxtase abestalhado, e a razão

disso não era a deliciosa comida servida no Maurice. Durante os últimos meses — quase um

ano, na verdade — a vida com Danforth vinha sendo extremamente desagradável. Ele não

tomava conhecimento de sua existência... exceto para berrar com ela. Sua auto-estima, que

nunca fora muito alta, caiu a níveis abismais. Ela sabia, tão bem quanto qualquer

mulher

sempre soube, que não é necessário o uso de punhos fechados para caracterizar um ato de

violência. Homens e mulheres podem ferir com palavras, e Danforth sabia muito bem manejar

a língua como se fosse um chicote — neste último ano, ele havia infligido milhares de feridas

invisíveis em sua mulher, com as pontas cortantes do que lhe dizia.

Ela não sabia que ele jogava — realmente acreditava que ele ia ao hipódromo apenas para

apreciar as corridas. Também nada sabia da apropriação indébita. Por outro lado, sabia que

vários membros da família de Danforth tinham sido emocionalmente instáveis mas não ligou

esse comportamento ao próprio Danforth. Ele não bebia em excesso, não se esquecia de vestir

as roupas antes de sair para o trabalho, não conversava com pessoas que simplesmente não

estavam lá, e, assim, ela presumiu que tudo andava bem. Presumiu, em outras palavras, que

havia algo de errado com ela. Que esse "algo", a certa altura, fizera com que Danforth deixasse

de amá-la.

Durante os últimos seis meses, mais ou menos, vinha tentando enfrentar a sombria

perspectiva de mais trinta ou quarenta anos áridos de amor, como companheira

desse homem,

que passava da raiva para o sarcasmo frio, e indiferente à sua presença. Para Danforth, ela não

passava de uma peça de mobília da casa... a menos, é lógico, que se pusesse no meio do

caminho dele. Se o fizesse — como, por exemplo, não ter o jantar pronto para ele quando *ele*

estava pronto para o jantar, se o soalho de seu estúdio lhe parecesse sujo, ou até mesmo se os

cadernos do jornal estivessem fora da ordem quando se sentasse para o desjejum — seria

chamada de imbecil. Dizia-lhe que só não perdia a cabeça porque estava grudada no pescoço;

que se batesse com a cabeça, todos teriam que tapar o nariz. A princípio, ela tentara defender-

se dessas tiradas, ele, porém, destroçava essas defesas como se fossem as paredes de um

castelo de cartas. E se acaso ela, por seu turno, se zangasse, a fúria dele sobrepunha-se à dela,

de tal modo que Myrtle chegava às raias do pavor. Assim, desistira de ficar zangada; ao invés,

deixava-se cair em abismos de perplexidade. Atualmente, limitava-se a sorrir debilmente

quando confrontada com a raiva dele, prometendo que teria mais cuidado, e depois ia para o

quarto, onde se deitava na cama e dava vazão ao choro, indagando-se o que seria dela e

tomara-tomara- *tomara* que tivesse uma amiga com quem pudesse conversar.

Em vez de amigas, conversava com suas bonecas. Tinha iniciado a coleção no início de seu

casamento, e as guardava sempre em suas caixas, no sótão. Durante este último ano, contudo,

trouxera-as para o quarto de costura, e às vezes, depois de derramar muitas lágrimas, entrava

escondida no quarto de costura e ficava brincando com elas. *Elas* nunca gritavam. *Elas* jamais

a ignoravam. *Elas* nunca lhe perguntavam como podia ser tão burra, era de nascença ou tivera

aulas particulares?

Ontem, ela encontrara a boneca mais linda de todas, na nova loja.

E hoje, tudo estava diferente.

Deixou a mão escorregar para baixo da mesa e se beliscou (e já não era a primeira vez)

apenas para assegurar-se de que não estava sonhando. Mas, mesmo depois do beliscão,

continuava no Maurice, sentada sob um feixe de luz do sol de outono, e Danforth também

continuava lá, do outro lado da mesa, comendo com excelente apetite, o rosto franzido num

sorriso do qual ela quase não se lembrava, tanto tempo fazia que não o via.

Não saberia dizer qual a causa da mudança e tinha medo de perguntar. Sabia que ele tinha

ido ao Hipódromo de Lewiston na véspera, exatamente como fazia quase todas

as noites

(talvez fosse porque as pessoas que via lá eram mais interessantes do que as que encontrava

todos os dias em Castle Rock — sua mulher, por exemplo), e ao acordar, naquela manhã,

pensara encontrar o lado dele na cama do casal vazio (ou até sem estar desmanchado, sinal de

que ele passara a noite cochilando na poltrona do estúdio), e ouvi-lo descendo a escada

enquanto resmungava para si mesmo naquele seu jeitão mal-humorado.

Em vez disso, ele estava na cama, ao seu lado, usando o pijama de listras vermelhas que ela

lhe dera de presente no Natal no ano passado. Era a primeira vez que o via usando o pijama —

até, pelo que sabia, a primeira vez que o tirara da caixa.

Ele estava acordado. Virou-se de lado para fitá-la, já sorrindo. A princípio, o sorriso a

deixara assustada. Desconfiou que poderia significar que ele estava se preparando para matá-

la.

Então, ele tocou-lhe o seio e piscou o olho.

— Quer, Myrt? Ou é muito cedo para você?

Assim, fizeram amor, pela primeira vez em mais de cinco meses fizeram amor, e ele tinha

estado verdadeiramente *magnífico*, e agora, lá estavam os dois, almoçando no Maurice, como

um casal de namorados, neste começo de tarde de domingo. Ela não fazia idéia do que poderia

ter acontecido para causar tamanha transformação em seu marido, e estava pouco se

importando. Queria apenas aproveitar e rezar para que durasse. ,

— Tudo bem, Myrt? — Keeton perguntou, levantando os olhos e friccionando

vigorosamente o rosto com o guardanapo.

Timidamente, ela estendeu o braço sobre a mesa e tocou-lhe a mão.

— Tudo muito bem. Tudo está... perfeitamente maravilhoso.

Teve que retirar a mão para enxugar rapidamente os olhos com auxílio do guardanapo.

2

Keeton continuou mastigando o seu *boof borgnine* — ou fosse qual fosse o nome que os

franceses davam àquele prato — com grande apetite. A razão de sua felicidade era bem

simples. Cada cavalo escolhido na tarde da véspera, com a ajuda da Pule Vencedora, tinha

vencido o seu páreo na noite passada. Até Malabar, o azarão pagando 30 por 1 no 10º páreo.

Tinha voltado para Castle Rock, não propriamente rodando mas flutuando no ar, com mais de

US$ 18.000.00 estufados nos bolsos do sobretudo. O seu *bookie*, provavelmente, ainda estaria

se perguntando aonde teria ido parar todo aquele dinheiro. Keeton tinha a resposta: estava

guardado, com toda segurança, no fundo do armário embutido de seu estúdio. Dentro de um

envelope. O envelope estava dentro da caixa da Pule Vencedora, junto com o próprio jogo

precioso.

Pela primeira vez em muitos meses, dormira bem, e ao acordar, teve o fulgor fugidio de

uma idéia a respeito da auditoria. Um fulgor fugidio não era lá grande coisa, mas era melhor

do que a escuridão confusa em que sua mente vinha se debatendo desde que recebera aquela

carta terrível. Tudo o que tinha precisado para tirar sua cabeça do ponto morto em que se

encontrava, aparentemente era uma noite de apostas vencedoras no prado.

Não teria condições de fazer a restituição total antes que o machado do carrasco descesse,

isso era bem claro. Em primeiro lugar porque o Hipódromo de Lewiston era o único com

corridas diárias durante o outono, e pagava uma ninharia. Poderia percorrer as feiras

municipais das redondezas e conseguir mais alguns milhares de dólares nas corridas, mas

também não seria suficiente. Nem se arriscaria durante muitas noites como a da véspera,

mesmo no hipódromo. Seu *bookie* desconfiaria, e passaria a recusar suas apostas.

Mas acreditava que seria capaz de fazer uma restituição parcial c

simultaneamente

minimizar *a extensão* das acusações, Também poderia inventar uma desculpa. O projeto que

não tinha como falhar de um conjunto residencial, mas que fora por água abaixo. Um engano

terrível... mas pelo qual se responsabilizava inteiramente e estava agora começando a ressarcir.

Poderia dar a entender que um homem verdadeiramente inescrupuloso, se colocado na mesma

posição, poderia facilmente favorecer-se do prazo concedido e locupletar-se ainda mais às

custas do erário público — tanto quanto lhe fosse possível — e depois esconder-se em algum

lugar *(ensolarado*, cheio de palmeiras e praias de alva areia e uma porção de lindas garotas

usando apenas *um fio dental)* de onde a extradição fosse muito difícil, para não dizer

completamente impossível.

Ele poderia citar as Escrituras e dizer que, aquele que estivesse livre de pecado que atirasse

a primeira pedra. Isto daria a eles o que pensar. Keeton queria ser mico de circo se houvesse

um único dentre eles que não tivesse, de vez em quando, mamado nas tetas do tesouro público.

Teriam que lhe dar algum tempo. Agora, que tinha condições de deixar sua histeria de lado

e ponderar racionalmente sobre a situação, tinha quase certeza de que lhe concederiam esse

tempo. Afinal, eram todos políticos. Saberiam que a imprensa, depois de arrasar com Dan

Keeton, estaria pronta a quebrar todos os telhados de vidro sobre suas cabeças — esses

supostos guardiães, da confiança pública. Saberiam quais as perguntas que viriam à tona na

esteira de um inquérito parlamentar ou até (Deus me livre!) um indiciamento por

enriquecimento ilícito. Perguntas tais como há quanto tempo — em anos fiscais, senhores, por

favor — o sr. Keeton vinha pondo a mão na massa? Ou, como poderia a Secretaria Fiscal

Estadual não ter aberto o olho há mais tempo e percebido que havia algo de podre por ali?

Perguntas que homens ambiciosos achariam extremamente lamentáveis.

Acreditava que conseguiria empurrar a questão com a barriga. Não havia garantia, mas era

possível.

Tudo, graças ao sr. Leland Gaunt.

Céus, ele amava Leland Gaunt.

— Danforth? — Myrt chamou timidamente.

Ele levantou o olhar. — Hmmmm?

Este é o meu dia mais feliz em muitos anos. Queria que soubesse. Como eu agradeço por

este dia maravilhoso. Com você.

— Oh! — ele respondeu. Uma coisa estranhíssima tinha acabado de acontecer com ele, Por

um instante, foi incapaz de se lembrar do nome da mulher sentada à sua frente.

— Ora, Myrt, foi um dia muito gostoso para mim também.

— Você vai às corridas de cavalo esta noite?

— Não — ele respondeu. — Pretendo ficar em casa esta noite.

Isso é ótimo — ela disse. E, de fato, achou tão bom, que novamente teve que rapidamente

enxugar os olhos com o guardanapo.

Ele sorriu para ela — não era aquele sorriso terno de antigamente, que usara para cortejá-la

e conquistá-la — mas era bem próximo.

— *Vejamos,* Myrt. Que tal uma sobremesa?

Ela sorriu e acenou para ele com o guardanapo. — Ora, *seu...*

3

A residência dos Keetons era uma vivenda em dois planos, na Vista do Castelo. Para Nettie

Cobb, foi uma longa caminhada ladeira acima, e, ao alcançar o topo, suas pernas estavam

exaustas e ela sentia muito frio. Passou por apenas três ou quatro pedestres, e nenhum deles

sequer olhou em sua direção. Estavam todos embrulhados até as orelhas em seus agasalhos,

pois o vento começava a soprar mais forte e estava se tornando cortante. O suplemento de

propaganda do jornal *Telegram* de domingo atravessou a rua, dançando ao sabor do vento, e

alçou-se de repente, como um pássaro estranho, para o áspero céu azul, no momento em que

ela pisava a entrada da casa dos Keetons. O sr. Gaunt lhe asseverara que Buster e Myrtle não

estariam em casa, e o sr. Gaunt era quem sabia das coisas. A porta da garagem estava

levantada, e aquele Cadillac grande como um barco que Keeton dirigia não estava lá dentro.

Nettie subiu o passeio, parou na porta da frente, e tirou o bloquinho e a fita adesiva do

bolso esquerdo do seu casaco. Desejava ardentemente estar em sua própria casa, assistindo à

Supersessão de domingo na televisão, e Raider deitado a seus pés. E era lá que iria, assim que

acabasse sua tarefa. Talvez nem se desse ao trabalho de fazer tricô. Talvez apenas ficasse

sentada, segurando o abajur de opalina no colo. Destacou a primeira folha cor-de-rosa e colou

com fita adesiva sobre a placa ao lado da campainha, a placa gravada que dizia KEETON e

NÃO SE ATENDE VENDEDORES. Recolocou o bloco e a fita adesiva dentro do bolso, em

seguida apanhou a chave no bolso direito e ajeitou na fechadura. Antes de girar a

chave,

examinou superficialmente o pedaço de papel rosa que acabara de colar.

Cansada e com frio como estava, ela, assim mesmo, *teve* que sorrir de leve. Era, na

verdade, uma boa brincadeira, principalmente levando-se em conta o modo como Buster

dirigia. Era um milagre que nunca tivesse atropelado e matado alguém. Ela não gostaria de

estar na pele do homem que tinha assinado aquela ficha de infração. Buster ia ficar furioso.

Mesmo quando criança, não aceitava brincadeiras de bom grado.

Girou a chave. A fechadura cedeu com facilidade. Nettie entrou.

4

— Mais café? — Keeton perguntou.

— Não, obrigada — Myrt respondeu. — Estou satisfeita. — E sorriu.

— Então, vamos para casa. Quero ver os Patriotas na televisão. — Olhou para o relógio. —

Se andarmos depressa, acho que ainda pego o pontapé inicial.

Myrtle meneou a cabeça, mais feliz do que nunca. A televisão ficava na sala de estar, e se

Dan pretendia assistir ao jogo, era sinal de que não ia ficar trancado em seu estúdio.

Então, vamos depressa — ela disse.

Keeton levantou um dedo imperioso.

Garçom, a nossa conta, por favor.

5

Tinha cessado o desejo de Nettie, de ir depressa para casa; gostava de estar na casa de

Buster e Myrtle.

Em primeiro lugar, estava quente ali dentro. Depois, o fato de estar ali, dava-lhe uma

inesperada sensação de poder — como olhar os bastidores de duas vidas humanas reais.

Começou por subir a escada e espiar para dentro de cada quarto. E havia uma porção deles

levando-se em conta que o casal não tinha filhos, mas, como dizia sua mãe, que sempre

apreciara os ditos populares, “gente fina é outra coisa”.

Abriu as gavetas da cômoda de Myrtle, investigando sua roupa íntima. Algumas peças

eram de seda, roupa cara, mas, para Nettie, a maior parte das coisas de boa qualidade pareciam

velhas. O mesmo poderia ser dito dos vestidos pendurados ria parte de Myrtle do armário

embutido. Nettie foi até o banheiro, onde fez um inventário das pílulas no armário de

remédios, e de lá foi até o quarto de costura — onde admirou as bonecas. Uma boa casa. Uma

bela casa. Uma pena que o homem que morava ali fosse um titica.

Nettie olhou seu relógio de pulso e chegou à conclusão de que era melhor

começar a colar

os papeizinhos cor-de-rosa. E, era o que faria.

Assim que acabasse de dar uma olhada no pavimento térreo.

6

— Danforth, não estamos correndo *demais?* – Myrtle perguntou, sem fôlego, ao

ultrapassarem um lento caminhão carregado de fardos de papel usado. Um carro em sentido

contrário protestou com a buzina, enquanto Keeton retomava sua pista.

— Quero chegar a tempo do pontapé inicial — ele disse, e dobrou a esquerda na Rua do

Melado, passando uma placa que informava CASTLE ROCK — 13km.

7

Nettie ligou o televisor — os Keetons tinham um enorme Mitsubishi em cores — e assistiu

a uma parte da Supersessão de domingo. Filme estrelado por Ava Gardner e Gregory Peck.

Gregory parecia estar apaixonado por Ava, embora fosse difícil ter certeza — talvez ele

estivesse apaixonado pela outra mulher. Tinha havido uma guerra nuclear. Gregory Peck

comandava um submarino. Nada disso interessava muito a Nettie, por isso desligou o aparelho,

colou uma ficha rosa na tela com a fita adesiva, e entrou na cozinha. Inspecionou o que estava

nós armários (os pratos, de porcelana Corelle, muito bonitos, mas as panelas e

caçarolas nada

tinham de excepcional), e depois vistoriou a geladeira. Franziu o nariz. Restos de muitas

coisas. E restos demais eram um sinal indiscutível de dona-de-casa relaxada. Não que Buster

notasse a diferença — daria a cabeça a cortar se ele notasse. Homens como Buster Keeton

eram incapazes de se orientar numa cozinha, mesmo que tivessem mapa e cão-guia.

Consultou o relógio novamente e sobressaltou-se. Tinha gasto um tempo enorme

perambulando pela casa. Tempo *demais*. Rapidamente, pôs-se a arrancar as fichas de infração

do bloco e grudá-las em todos os lugares — geladeira, fogão, o telefone que ficava na parede

da cozinha ao lado da porta de acesso da garagem, o balcão que dava para a sala de jantar. E

quanto mais depressa trabalhava, mais nervosa ia ficando.

8

Quando Nettie finalmente arregaçou as mangas, o Cadillac vermelho de Keeton

atravessava a Ponte do Latão e começava a subira Avenida do Moinho na direção da Vista do

Castelo.

— Danforth? — Myrtle perguntou de repente. — Será que você poderia me deixar na casa

de Amanda Williams? Sei que fica um pouco fora do caminho, mas ela está com a minha

panela de *fondue*. Pensei... — O sorriso tímido aflorou novamente e desapareceu. — Pensei em

fazer para você — *nós* — alguma coisa de especial. Para a hora do jogo. Você poderia só me

deixar lá.

Ele abriu a boca para dizer que a casa dos Williams ficava *muito* fora do caminho, o jogo

estava para começar, e ela poderia apanhar a droga da panela de *fondue* no dia seguinte. E, de

qualquer modo, ele detestava queijo quente e derretido. Aquela droga de comida ia estar cheia

de bactérias.

Depois, pensou melhor. À exceção de si mesmo, o Conselho Municipal era constituído por

dois burros filhos-da-mãe e uma cadela burra. Mandy Williams era a cadela. Keeton havia se

esforçado, na sexta-feira, para encontrar-se com Bill Fullerton, o barbeiro da cidade, e Flarry

Samuels, o único agente funerário de Castle Rock. Também se esforçou para que os encontros

parecessem casuais, embora não o fossem. Sempre havia a possibilidade de que a Secretaria

Fiscal tivesse começado a enviar cartas também para *eles.* Mas não, certificara-se de que nada

tinham recebido — por enquanto, pelo menos — mas a cadela da Williams tinha se ausentado

da cidade desde sexta-feira.

— Está bem — ele disse, e acrescentou: — Você poderia perguntar a da se soube

de

alguma coisa sobre os negócios da cidade. Qualquer coisa que mereça um telefonema meu

para ela.

Ora, querido, você sabe que nunca consigo dizer essas coisas direito —

— Eu *sei* disso, mas não custa perguntar, custa? Você não é burra demais para *perguntar,*

não é?

— Não — ela respondeu, com voz sumida.

Ele deu um tapinha na mão dela. — Desculpe.

Ela o fitou com expressão estupefata. Ele tinha *pedido desculpas* a ela. Myrtle calculava

que talvez ele tivesse feito o mesmo algumas vezes no decorrer de todos aqueles anos de

casamento, mas não conseguia lembrar-se de quando.

Apenas pergunte se os rapazes da Estadual a estão amolando por qualquer motivo

ultimamente — ele disse. — Regulamentos do uso da terra, rede de esgotos, impostos, quem

sabe! Eu mesmo entraria para perguntar, mas realmente quero ver o pontapé inicial.

— Está bem, Dan.

A casa dos Williams ficava a meio caminho na subida da Vista do Castelo. Keeton pilotou

o Cadillac pela entrada da casa e estacionou atrás do carro da dona da casa.

Estrangeiro, é

óbvio. Volvo. Keeton achava que ela era uma comunista enrustida, lésbica, ou ambas as coisas.

Myrtle abriu a porta e desceu, dando-lhe aquele sorriso arisco e levemente nervoso.

— Dentro de meia hora estou em casa.

— Ótimo, Não se esqueça de perguntar se ela ficou sabendo de algum assunto de interesse

da cidade. — ele recomendou. E se o relatório de Myrtle — por mais confuso que pudesse ser,

como sempre era — sobre a resposta de Amanda causasse o mínimo arrepio na espinha dorsal

de Keeton, ele esclareceria as coisas pessoalmente... no dia seguinte. Esta tarde, não. Esta tarde

era *dele.* Estava se sentindo bem demais para sequer *olhar* para Amanda Williams, quanto

mais bater papo com ela.

Mal esperou que Myrtle fechasse a porta do carro para dar marcha à ré e voltar para a rua.

9

Nettie tinha acabado de colar a última ficha cor-de-rosa no armário embutido do estúdio de

Keeton quando ouviu o ruído de um automóvel entrando. Um guincho abafado escapou de sua

garganta. Por um instante ficou paralisada, incapaz de um movimento.

Apanhada em flagrante! sua mente gritou, ao som suave e muito bem abafado

do enorme

motor do Cadillac. Apanhada! Oh! Jesus, nosso manso e suave Salvador, fui apanhada! Ele

vai me matar!

Foi a voz do sr. Gaunt que respondeu. Não estava muito compreensiva, nesse momento;

estava fria e dominadora e emergiu de algum ponto bem no centro de seu cérebro. Ele

provavelmente matará você caso a apanhe, Nettie. E se entrar em pânico, sem dúvida ele vai

apanhá-la. A resposta é simples: não entre em pânico. Sala da sala. Neste instante. Não corra,

mas se apresse. O mais silenciosamente possível.

Ela andou depressa sobre o tapete turco de segunda-mão do chão do estúdio, as pernas

duras como dois pedaços de pau, murmurando “O sr. Gaunt é quem sabe das coisas” numa

litania sussurrada, e entrou na sala de estar. Os retângulos rosados de papel pareciam faiscar

em sua direção de todas as superfícies possíveis. Um deles pendia até mesmo da luminária

central preso por um longo pedaço de fita adesiva.

O motor do automóvel adquirira agora um ruído oco, ecoante. Buster entrara na garagem.

Vá, Nettie! imediatamente! Esta é a sua única chance!

Ela atravessou voando a sala de estar, tropeçou numa banqueta baixa e se

estatelou no

chão. Bateu com a cabeça no soalho com tanta força que quase perdeu os sentidos — e *teria,*

muito provavelmente, perdido os sentidos se não fosse o ligeiro forro acolchoado de um tapete.

Faiscantes luzes redondas passaram deslizando por seu campo de visão. Mal e mal colocou-se

de pé, vagamente consciente de que sua testa estava sangrando, e pôs-se a apalpar a maçaneta

da porta enquanto o motor do carro na garagem era desligado. Lançou um olhar desesperado

por cima do ombro, na direção da cozinha. Vislumbrava a porta de acesso à garagem, a porta

pela qual ele entraria. Uma das fichas de papel rosa estava colada nela.

A maçaneta girou sob sua mão, mas a porta não se abria! Parecia emperrada.

Da garagem veio um *“puft”* quando Keeton bateu a porta do carro. Depois o *“rect-rect"* da

porta da garagem deslizando nos trilhos ao ser arriada. Ela ouviu seus passos ecoando no

concreto. Buster estava assoviando.

O olhar frenético de Nettie, parcialmente obscurecido pelo sangue que gotejava do corte na

testa, pousou no trinco de segurança. Estava travado. Por isso é que não conseguia abrir a

porta. Ela própria talvez tivesse travado o trinco, embora não se recordasse. Destravou-o com

um puxão/abriu a porta aos trancos, e saiu.

Menos de um segundo depois, a porta de acesso entre a garagem e a cozinha se abriu.

Danforth Keeton entrou, desabotoando o sobretudo. Parou. O assovio morreu em seus lábios.

Ficou imóvel, as mãos paralisadas no ato de abrir um dos botões baixos, os lábios ainda

franzidos, e seu olhar percorreu a cozinha. Seus olhos se esbugalharam.

Se tivesse ido direto para a sala de estar naquele momento, teria chegado a tempo de ver

Nettie correndo às cegas pelo gramado, seu casaco aberto enfunado como asas de morcego.

Talvez não a tivesse reconhecido, certamente, porém teria percebido que se tratava de uma

mulher, e este fato possivelmente poderia ter alterado consideravelmente o curso dos

acontecimentos. No entanto, a visão de todas aquelas fichas rosas deixaram-no sem ação, e no

choque inicial sua mente só foi capaz de produzir duas palavras e somente duas palavras. Essas

palavras ficaram piscando em sua mente, como uma gigantesca placa luminosa em vermelho

gritante: *OS PERSEGUIDORES! OS PERSEGUIDORES! OS PERSEGUIDORES!*

10

Nettie alcançou a calçada e desceu correndo a estrada da Vista do Castelo, o

mais rápido

que podia. Os saltos de seus mocassins batiam num ritmo assustado, e seus ouvidos a

convenceram de que havia outros passos além dos dela — Buster vinha em seu encalço, Buster

vinha correndo atrás dela, e quando a alcançasse, talvez a ferisse... mas isto não tinha

importância. Não tinha importância porque ele poderia fazer coisas piores do que

simplesmente feri-la. Buster era figura importante na cidade, e se quisesse mandá-la de volta

para Juniper Hill, teria meios para isso. Por isso, Nettie corria. O sangue escorria da ferida e

invadia seu olho, e por um instante contemplou o mundo através de uma lente vermelho-clara,

como se todas as casas da Vista do Castelo tivessem começado a verter sangue. Ela enxugou o

sangue com a manga do casaco e continuou correndo.

A calçada estava deserta, e quase todos os olhares no interior das casas da Vista do Castelo

estavam, nessa tarde de domingo, grudados nas telinhas de televisão para o jogo dos Patriotas.

Nettie foi vista por apenas uma pessoa.

Tansy Williams, que tinha acabado de chegar de uma visita de dois dias a Portland, aonde

fora em companhia da mãe visitar o vovô, estava espiando pela janela da sala de estar,

enquanto chupava um pirulito e segurava seu ursinho de pelúcia, Owen, embaixo do braço

esquerdo, quando Nettie passou, com asas nos calcanhares.

— Mamãe, uma mulher passou correndo — Tansy fez o relatório.

Amanda Williams estava sentada na cozinha, na companhia de Myrtle Keeton. Cada uma

com sua xícara de café. A panela de *fondue* entre as duas, em cima da mesa. Myrtle acabara de

indagar se estava acontecendo alguma coisa na cidade que deveria chegar ao conhecimento de

Dan, e Amanda considerou bastante esquisita essa pergunta. Se Buster queria saber de alguma

coisa, por que não perguntava ele mesmo? E, falando nisso, por que uma pergunta dessas numa

tarde de domingo?

— Amorzinho, mamãe está conversando com a sra. Keeton.

— Ela estava sangrando — Tansy continuou seu relatório.

Amanda sorriu para Myrtle.

— Eu *preveni* o Buddy de que se ele fosse pegar o vídeo de *Atração Fatal** [*Título Original:

Fatal Attraction, 1987,com Michael Douglas, Glenn Close e Anne Archer nos papéis principais, sob direção de Addan Lyne.

(N. do E.)] era melhor esperar até Tansy ir dormir antes de assistir.

Nesse ínterim, Nettie prosseguia em sua corrida. Ao chegar ao cruzamento da Vista do

Castelo com a Rua do Loureiro, teve que fazer uma parada. A Biblioteca Pública ficava ali, e

havia um muro curvo ao redor do gramado. Nettie encostou-se nele, ofegando penosamente,

enquanto o vento a fustigava puxando seu casaco. As mãos apertavam seu lado esquerdo onde

sentia uma grande pontada.

Olhou para o alto do morro e notou que a rua estava vazia. Buster não a seguira, afinal;

tudo não passava de um truque de sua própria imaginação. Depois de alguns momentos, meteu

as mãos nos bolsos do casaco, à procura de um lenço Kleenex para limpar um pouco do sangue

que lhe escorria pelo rosto. Encontrou um, ao mesmo tempo em que descobriu que a chave da

casa de Buster já não estava com ela, talvez tivesse caído do bolso na sua fuga morro abaixo,

achava, porém, mais provável que a tivesse deixado na própria fechadura. E, também, que

importância tinha? Conseguira sair antes que Buster a visse, isso é que era importante. Deu

graças a Deus pela voz do sr. Gaunt indicando-lhe o que fazer na horinha “h”, esquecendo- se,

por outro lado, de que o sr. Gaunt era a razão primordial pela qual ela invadira a casa de

Buster.

Examinou a mancha de sangue no lenço Kleenex e decidiu que o corte não era tão

profundo como poderia ter sido. O sangue estava parando de correr. A pontada no seu lado

esquerdo também estava melhorando. Afastou-se do muro de pedra e foi se arrastando para sua

casa, de cabeça abaixada, para que ninguém notasse a ferida.

Sua casa, era nisso que tinha que pensar. Sua casa e seu lindo abajur de opalina. Sua casa e

a Supersessão de Domingo, e Raider. Quando estivesse em casa, com as persianas cerradas, a

televisão ligada, e Raider dormitando a seus pés, tudo isto não passaria de um terrível pesadelo

— o tipo de pesadelo que a assaltava quando ainda estava internada em Juniper Hill, depois de

ter matado seu marido.

Minha casa, meu lar — ela concluiu.

Nettie apressou o passo. Logo chegaria em casa.

11

Pete e Wilma Jerzyck comeram um almoço leve com os Pulaskis, depois da missa, e, em

seguida ao almoço, Pete e Jake Pulaski sentaram-se em frente à televisão para verem os

Patriotas chutarem algumas bundas nova-iorquinas. Wilma não ligava a mínima para futebol

— ou beisebol, ou basquetebol, ou hóquei, ou o que fosse. A única atividade

esportiva que

despertava seu interesse era a luta-livre, e posto que Pete o ignorasse completamente, Wilma o

abandonaria por Chief Jay Strongbow num piscar de olhos.

Ajudou Frieda a lavar a louça, e depois anunciou que iria para sua casa a fim de assistir ao

resto da Supersessão de Domingo — o filme *A hora final* com Gregory Peck. A Pete, avisou

que estava levando o carro.

Ótimo — ele disse, sem desgrudar os olhos da televisão. — Gosto de caminhar.

Ótimo para você — Wilma resmungou ao sair.

Na verdade, Wilma estava de muito bom humor, e a principal razão tinha algo a ver com a

Noite no Cassino. Padre John não desistira da idéia, como Wilma julgara que faria, e tinha

aprovado a aparência do padre durante a homilia, que se intitulava “Que Cada Um de Nós

Cuide de sua Própria Horta”. Nunca o tom de sua voz foi mais suave, mas nada havia de suave

em seus olhos azuis ou no queixo belicoso. E nem essas fantasiosas metáforas vegetais

enganaram Wilma ou qualquer outro fiel, por um momento que fosse, sobre a verdadeira

mensagem: se os batistas insistissem em se intrometer em seu canteiro de cenouras, levariam

um pontapé na bunda coletiva.

O pensamento de um pontapé na bunda (particularmente em tal escala) não poderia senão

deixar Wilma de muito bom humor.

E nem era a perspectiva de dar alguns pontapés na bunda dos outros o único prazer de

Wilma naquele domingo. Para variar, não tinha sido necessário preparar um almoço pesado, e

Pete estava a salvo, estacionado na casa de Jake e Frieda. Se ela tivesse sorte lá ele ficaria a

tarde inteira, apreciando o espetáculo de homens tentando arrebentar o pâncreas de outros

homens, enquanto ela assistiria ao seu filme em paz. Mas, antes disso, planejou uma visitinha à

sua velha amiga Nettie. Achava que tinha Nettie bem presa em suas garras, e isto era muito

bom... para começar. Mas *somente* para começar. Nettie ainda tinha que pagar caro pelos

lençóis enlameados, soubesse ela ou não disso. A hora chegara de infernizar mais um pouco a

vida da Miss Débil Mental de 1991. A perspectiva deu tal ânimo a Wilma, que lá se foi ela

para casa, tão depressa quanto podia.

12

Como um homem em transe, Danforth Keeton foi até a geladeira e puxou a ficha rosa que

estava presa na porta. As palavras:

AVISO DE INFRAÇÃO ÀS LEIS DE TRÂNSITO,

estavam escritas em grandes e negras letras de fôrma. Logo abaixo, vinha a seguinte

mensagem:

Apenas um AVISO — porém, leia e preste atenção!

Você foi visto infringindo um ou mais dos regulamentos de trânsito. 0 policial de serviço

preferiu, desta vez, "contentar-se com um aviso", mas tornou notada marca, modelo e placa

do seu automóvel, e da próxima vez você será multado. Lembre-se de que as leis de trânsito

aplicam-se A TODOS.

Dirija com atenção!

Não faça de seu carro um arma!

O Departamento de Polícia local agradece!

Abaixo do sermão havia uma série de espaços indicando MARCA, MODELO e PLACA

Nº. Nos dois primeiros espaços estavam escritas as palavras Cadillac e Seville. E, no espaço

destinado ao número da placa, estava cuidadosamente impresso o seguinte:

BUSTER1

Uma grande parte da folha continha uma lista de infrações comuns de trânsito como deixar

de acender o pisca-pisca, não parar, e estacionamento ilegal. Nenhuma dessas estava ticada.

Mais para o pé da ficha, estavam as palavras OUTRA(S) INFRAÇÃO(ÕES) seguindo-se duas

linhas em branco. A mensagem nessas linhas destinadas à descrição da infração também tinha

alguma coisa escrita com cuidado em pequenas letras de fôrma. Dizia:

POR SER O MAIOR VIADO DE CASTLE ROCK

E, no final da folha, havia uma última linha onde estava impresso AUTORIDADE

POLICIAL. A assinatura carimbada trazia o nome de Norris Ridgewick.

Lentamente, muito lentamente, o punho de Keeton foi se fechando sobre a ficha rosa que,

com o ruído característico do papel, foi se dobrando e se amassando.

Finalmente, desapareceu entre os grandes dedos nodosos de Keeton. Ele ficou parado no

meio da cozinha, olhando de um lado para outro, vendo todas aquelas fichas rosadas. No

centro de sua testa, uma veia se intumesceu latejando ritmicamente.

— Eu vou matá-lo — Keeton sussurrou. — Juro por Deus e por todos os santos que acabo

com aquele magricela duma figa.

13

Quando Nettie chegou em casa, ainda eram l:20h da tarde, mas lhe parecia que estivera

ausente durante meses, anos talvez. Subiu o caminho de cimento até a porta, os ombros libertos

dos pavores que pesavam sobre, eles como grilhões invisíveis. A cabeça ainda doía do tombo

que levara, mas em sua opinião uma dor de cabeça era um preço bem pequeno a pagar pelo

privilegio de chegar em sua pequenina casa, a salvo e sem ser descoberta.

Ainda tinha sua própria chave; esta estava no bolso do vestido. Tirou-a, e colocou na

fechadura.

— Raider? — ela chamou ao girar a chave. — Raider, cheguei!

Abriu a porta.

Onde está o filhinho da mamãe, hein? Onde voxê está, hein? Voxê ’tá cum fominha? — O

vestíbulo estava às escuras, e a princípio ela não notou o pequeno vulto que jazia no chão.

Tirou a chave da fechadura e deu um passo para dentro de casa.

— Voxê ’tá cum tanta fominha! Tanta fom —

Seu pé tocou alguma coisa que era, simultaneamente, rígida e sem resistência. Olhou para

baixo e viu Raider.

A princípio, tentou convencer-se de que não estava vendo o que seus olhos *diziam* que

estava vendo — não, não, não! Aquele não era Raider, ali no chão, com uma coisa que se

projetava de seu peito. Como poderia ser?

Ela fechou a porta e bateu desesperadamente pela parede até encontrar o

interruptor e

acender a luz. Finalmente a lâmpada do vestíbulo acendeu-se e ela viu. Raider estava no chão.

Deitado de costas, na posição em que ficava quando queria que lhe coçassem o peito, e havia

uma coisa vermelha saindo do corpo dele, uma coisa que parecia ser... parecia ser...

Nettie soltou um grito alto e doloroso — tão alto que soava como o zumbido de um

mosquito gigante — e caiu de joelhos ao lado do cãozinho.

— *Raider! Oh, Jesus manso e suave! Oh, meu Deus, Raider, você não está morto, está?*

Você não está morto?

A mão de Nettie, fria, muito fria, batia na coisa vermelha que se projetava do corpo de

Raider, do mesmo modo como batera no interruptor há apenas alguns segundos. Finalmente,

conseguiu segurá-la firme e puxou-a, usando a força que lhe vinha dos mais profundos

abismos de sua dor e de seu terror. O saca-rolhas saiu, com um som grosso e cortante, trazendo

pedaços de carne, placas de sangue coagulado, e pêlos. Deixou um buraco do tamanho de um

projétil 4.10. Nettie berrou. Atirou longe o saca-rolhas ensangüentado, e aninhou nos braços o

corpinho rígido de Raider.

— *Raider!* — ela chorava. — *Oh, meu cãozinho! Não! Oh, não!* — Ninava o cão contra

seu próprio peito, tentando trazê-lo de volta à vida com seu calor, mas talvez não tivesse calor

para dar. Estava fria. Fria.

Algum tempo depois, devolveu o corpo ao chão do vestíbulo e tateou ao seu redor até

achar o canivete suíço com o saca-rolhas mortal se projetando do cabo. Pegou-o

maquinalmente, mas despertou um pouco ao ver que havia mensagem empalada na arma do

crime. Puxou o papel com dedos adormecidos e segurou-o bem a sua frente. O papel estava

Ninguém atira lama em meus
lençóis lavados. Eu avisei
que pegava você!

duro com o sangue do seu pobre cãozinho, mas ainda conseguiu ler as palavras rabiscadas

nele:

A expressão de dor e horror desesperados foram lentamente sumindo dos olhos de Nettie.

Substituídos pela macabra compreensão que faiscava da mensagem, como prata polida. Suas

faces, que se haviam tornado brancas como cera ao finalmente entender o que se passara,

foram sendo inundadas por uma cor púrpura. Vagarosamente, seus lábios iam se

arreganhando.

Rosnou de dentes à mostra para a mensagem. Duas ásperas palavras escaparam de sua boca

aberta — roucas, rascantes e ardentes:

— *Sua... puta!*

Amassou o papel e arremessou-o contra a parede. Ricocheteou e veio cair ao lado do corpo

de Raider. Nettie jogou-se sobre o papel, apanhou-o, cuspiu nele. Em seguida, arremessou-o

novamente. Pôs-se de pé e andou devagar para a cozinha, as mãos se abrindo e fechando em

punhos cerrados, para tornarem a se abrir, fechando-se em seguida.

l4

Wilma Jerzyck guiou o pequenino Yugo amarelo pela entrada de carro de sua Casa,

desceu, e caminhou a passos animados para a porta da frente, enquanto procurava a chave

dentro de sua bolsa. Cantarolava *Love Makes the World Go Round* a meia-voz. Achou a chave

e enfiou na fechadura... e, então, pelo canto do olho percebeu um ligeiro movimento. Olhou

para a direita, e o que viu deixou-a boquiaberta.

As cortinas da sala de estar se agitavam ao vento cortante da tarde. Agitavam-se para fora

da casa. E a *razão* pela qual se agitavam para fora da casa era que a imensa janela panorâmica

— que custara aos Clooneys US$ 400.00 para substituir quando o idiota do filho deles a

quebrara, há três anos, com uma bola de beisebol — estava destroçada. Longas lanças de vidro

iam da moldura para o centro onde havia um buraco.

— Que *porra* é essa? — Wilma gritou, e girou a chave com tanta força que quase chegou a

quebrá-la.

Correu para dentro de casa, agarrando a porta para batê-la com toda força... e gelou! Pela

primeira em toda a sua vida de adulta, Wilma Wadlowski Jerzyck ficou completamente

paralisada em consequência de um choque.

A sala de estar estava em frangalhos. A televisão — aquela beleza de tela, enorme, pela

qual ainda estavam devendo 11 prestações — estava arrebentada. Suas entranhas estavam

negras e fumarentas. O tubo de imagem jazia sobre o tapete, reduzido a miríades de diminutos

fragmentos. Do outro lado da sala, havia um enorme rombo na parede. Havia um embrulho

grande, no formato de um pão de fôrma, no chão, abaixo desse rombo. Havia outro, no vão da

porta da cozinha.

EU PREVENI QUE ME
DEIXASSE EM PAZ.
ESTE É O ÚLTIMO AVISO.

Wilma fechou a porta e chegou perto do pacote no vão da porta da cozinha. Uma parte de

sua mente, bastante incoerente, disse-lhe para ter cuidado — poderia tratar-se de uma bomba.

Ao passar pela televisão, captou um cheiro quente e desagradável - uma mistura de borracha

queimada com fatias de bacon.

Ficou de cócoras no vão da porta e viu que não se tratava de um embrulho — pelo menos,

não era um embrulho tradicional. Era uma pedra, envolta numa folha de papel de caderno,

presa por um elástico de borracha. Ela arrancou o papel e leu a seguinte mensagem:

Ao ler a mensagem pela segunda vez, olhou para a outra pedra. Foi até lá e puxou a folha de

papel presa por um elástico de borracha. Papel idêntico, mensagem idêntica. Ficou de pé,

segurando uma folha amassada em cada mão, olhando ora para uma, ora para outra, os olhos

num movimento rítmico como de quem assiste a uma partida de pingue-pongue. Finalmente,

disse três palavras:

— Nettie. Aquela bocetuda!

Entrou na cozinha e sugou ar entre os dentes cerrados, num soluço áspero como um apito.

Cortou a mão num caco de vidro ao tirar uma pedra do interior do microondas e sem pensar

extraiu o caco da palma da mão antes de remover o papel que embrulhava a pedra. A

mensagem era a mesma.

Wilma rapidamente passou em revista os outros aposentos do andar térreo e notou todas as

avarias. Apanhou cada mensagem. Eram todas idênticas. Em seguida, voltou à cozinha.

Incrédula, observou a destruição.

— Nettie — Wilma repetiu.

Finalmente, o *iceberg* de choque que se formara a seu redor, começara a derreter. A

primeira emoção a substituí-lo não foi raiva, mas incredulidade. Ora, ora, ela pensou, aquela

mulher *tem que ser* realmente maluca, se pensa que pode fazer isto comigo — *comigo!* — e

escapar impune. Com quem ela pensava que estava lidando? Com a Gata Borralheira?

As mãos de Wilma se fecharam ao redor das mensagens, num espasmo. Curvou-se e

esfregou aquela flor amassada de papel que florescia em sua mão fechada, sobre o seu vasto

traseiro.

Eu limpo a bunda com o seu último aviso! — ela gritou, e jogou longe o maço de papéis.

Olhou novamente ao redor da cozinha, com olhos arregalados de criança. Um buraco no

microondas. Uma imensa mossa no refrigerador Amana. Vidro quebrado por todos os lados.

Na sala, a televisão, que lhes tinha custado quase US$ 1.600.00, cheirando a uma fritadeira

cheia de bosta de cachorro. E quem era a causadora de toda aquela destruição? Quem?

Ora, Nettie Cobb era a causadora de tudo, isso é que era. A Miss Débil Mental de 1991.

O sorriso de Wilma surgiu.

Quem não conhecesse Wilma, poderia enganar-se e supor que se tratava de um sorriso

gentil, um sorriso generoso, um sorriso de amor e de boa-vontade. Alguma emoção poderosa

fazia seus olhos faiscarem — os desavisados julgariam que fosse exaltação. Mas, se Peter

Jerzyck, que era quem melhor a conhecia, tivesse visto sua fisionomia naquele momento, teria

corrido para longe dela e... pernas, pra que te quero!

— Não — Wilma disse, com voz suave, quase caridosa. —

— Oh, não, boneca. Você não entende. Você não sabe o que significa foder Wilma. Você

não faz a *mínima* idéia do que significa foder Wilma Wadlowski Jerzyck.

O sorriso alargou-se.

— Mas vai aprender!

Dois trilhos imantados tinham sido instalados na parede, perto do microondas. A maioria

dos facões ali, pendurados tinham caído em conseqüência da pedra lançada contra o Radar

Range — estavam todos na bancada como no jogo de apanha-palitos. Wilma escolheu o mais

longo, um facão de trinchar Kingsford com cabo branco de Osso, e lentamente deslizou a

palma da mão ferida ao longo da lâmina, deixando-a manchada de sangue.

Vou ensinar-lhe tudo o que você precisa aprender!

Empunhando o facão, Wilma marchou pela sala de estar, pisando firme sobre os estilhaços

do vidro quebrado da janela panorâmica e do tubo de imagem da televisão, com o salto baixo

de seus sapatos pretos de ir à missa. Saiu porta afora, sem dar-se ao trabalho de fechá-la e

atravessou o gramado da casa, tomando a direção da Rua Ford.

15

No momento em que Wilma escolhia um facão da pilha sobre a bancada, Nettie Cobb

retirava uma machadinha de açougueiro de uma das gavetas do armário da cozinha. Sabia que

estava cortando bem porque Bill Fullerton, da barbearia, tinha afiado a machadinha para ela,

há menos de um mês.

Nettie virou-se e vagarosamente atravessou o vestíbulo até a porta da frente. Parou e

ajoelhou-se por um instante ao lado de Raider, o seu pobre cãozinho que nunca tinha feito mal

a ninguém.

— Eu a preveni — ela disse meigamente, acariciando o pêlo de Raider. — Eu a preveni.

Dei à doida da polaca todas as chances. Dei a ela todas as chances do mundo. Meu cãozinho

pequenino... Espere por mim. Espere por mim, porque eu volto para você logo, logo.

Levantou-se e saiu da casa, dando à porta a mesma falta de atenção que Wilma dera.

Segurança deixara de ser importante para Nettie. Parou um momento no degrau, respirando

fundo algumas vezes, e atravessou o gramado da casa, tomando a direção da Rua do Cipreste.

16

Danforth Keeton correu para o estúdio e abriu de supetão a porta do armário embutido.

Tateou até bem no fundo. Durante um terrível instante, lhe ocorrera que o jogo poderia ter

sumido, que o miserável Perseguidor, intrometido, bicha, do Oficial de Polícia o

tivesse levado

embora, e junto com ele todo o seu próprio futuro. Então, suas mãos encontraram a caixa e ele

arrancou a tampa. A miniatura de pista de corrida ainda estava lá. E o envelope ainda estava

escondido embaixo do jogo. Sacudiu a caixa de um lado para outro, ouviu o ruído das notas de

dinheiro, e tampou a caixa novamente.

Correu para a janela, procurando por Myrtle. Ela não podia ver as fichas cor-de-rosa. Tinha

que tirá-las todas antes que Myrtle voltasse, e quantas delas havia? cem? Examinou o estúdio e

as viu coladas por toda parte. Mil? Sim, mil talvez. Mesmo dois mil não estava fora de

cogitação. Bem, caso Myrtle chegasse antes que tivesse acabado de limpar tudo, simplesmente

ficaria esperando nos degraus da escada, porque ele não lhe permitiria a entrada antes que cada

um desses infernais papeizinhos perseguidores estivesse queimando no fogão da cozinha.

Cada... um... deles.

Puxou a ficha que pendia da luminária. A fita adesiva colou-se em seu rosto e ele a tirou a

patadas, com uma ligeira reação de raiva. Neste, uma única palavra fulgurava da linha

reservada para OUTRA(S) INFRAÇÃO(ÕES):

DESFALQUE

Correu para o abajur de leitura, ao lado de sua poltrona. Descolou a ficha colada sobre a

cúpula.

E, na televisão:

VICIADO EM CORRIDA DE CAVALO

Na taça que representava o Prêmio de Bom Cidadão dado peio seu Lions Clube, que

enfeitava a lareira:

FODE A PRÓPRIA MÃE

Na porta da cozinha:

JOGADOR INVETERADO

DO HIPÓDROMO DE LEWISTON

Na porta da garagem:

PARANÓICO PSICÓTICO

CABEÇA DE MERDA

Ia juntando todas, o mais rapidamente possível, de olhos arregalados e protuberantes no

rosto carnudo, os cabelos que começavam a rarear completamente desgrenhados. Não tardou

para que começasse a tossir e resfolegar, uma cor vermelho-púrpura chegando em ondas em

suas faces. Parecia um menino gordo, com cara de adulto, tomando parte em uma caça ao

tesouro desesperadamente importante.

Da cristaleira, arrancou mais uma ficha:

LADRÃO DO FUNDO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL DA CIDADE PARA APOSTAR EM

CAVALOS

Keeton entrou correndo em seu estúdio, a mão direita pejada de fichas rosa, mechas de fita

adesiva adejando entre seus dedos, e começou a apanhar mais papéis. Estes se limitavam a um

único assunto, mas com terrível exatidão:

DESFALQUE

ROUBO

FURTO

DESFALQUE

FRAUDE

APROPRIAÇÃO INDÉBITA

ADMINISTRAÇÃO INCOMPETENTE

DESFALQUE

E aquela palavra, a pior de todas, gritante, ofuscante, acusadora:

OUTRA(S) INFRAÇÃO(ÕES):

DESFALQUE

Pensou ter ouvido algum ruído do lado de fora da casa, e correu para a janela. Talvez fosse

Myrtle. Talvez fosse Norris Ridgewick, para caçoar dele e divertir-se. Se assim fosse, Keeton

apanharia sua espingarda e atiraria nele. Mas não na cabeça. Não. Seria fácil demais, rápido

demais, para escória como Ridgewick. Keeton iria furá-lo na barriga, e deixar que se esvaísse

em sangue, aos gritos, bem ali no gramado.

Mas era apenas o Scout dos Garsons, descendo a ladeira da Vista do Castelo na direção da

cidade. Scott Garson era o banqueiro mais importante da cidade. Keeton e sua mulher eram, às

vezes, convidados para jantar com os Garsons — eram boa gente, e o próprio Garson era

politicamente importante. O que *ele* pensaria, se visse aquelas fichas? O que pensaria da

palavra DESFALQUE, em letras garrafais em uma, duas, muitas fichas de infração de trânsito,

berrando como uma mulher sendo estuprada no meio da noite?

Correu de volta para a sala de jantar, sem fôlego. Será que tinha deixado de ver alguma

delas? Achava que não. Tinha apanhado todas, pelo menos no andar tér —

Não! Ainda faltava uma. Bem ali, no corrimão da escada! E se não tivesse notado aquela?

Deus do céu!

Correu e puxou-a.

MARCA: MERDAMOBILE

MODELO: VELHO E GASTO

PLACA: PORRA LOUCA 1

OUTRA(S) INFRAÇÃO(ÕES):

ESBANJADOR FINANCEIRO

Outras? Havia outras? Keeton fez a maratona dos aposentos do lº andar sem uma parada.

As fraldas da camisa se soltaram da calça e sua barriga cabeluda balançava loucamente sobre a

fivela do cinto. Não viu mais nenhuma... pelo menos aqui embaixo.

Depois de mais um olhar rápido e frenético pela janela, para certificar-se de que Myrtle

ainda não estava à vista, ele correu para cima, o coração como um tambor dentro do peito.

17

Wilma e Nettie se encontraram na esquina de Ford com Cipreste. Fizeram alto e se

encararam como pistoleiros num bangue-bangue à italiana. O vento batia em seus casacos

agitando-os de um lado para outro. O sol surgia e se escondia entre as nuvens; e as sombras

das duas mulheres vinham e se iam como visitas relutantes.

Não havia tráfego algum nas duas ruas, ou movimento de pedestres nas calçadas. Este

cantinho de tarde outonal pertencia somente a elas.

— Você matou meu cãozinho, sua puta!

— Você destruiu minha televisão! Você quebrou minhas janelas! Você destruiu meu

microondas, sua bocetuda maluca!

— Eu avisei!

— Enfie o seu aviso no cu, puta fedorenta!

— Vou matá-la!

— Se der um passo, *alguém* vai morrer aqui e agora, mas não serei eu!

Wilma pronunciou essas palavras com uma dose de alarme e crescente surpresa; pela

expressão de Nettie percebeu que, pela primeira vez, as duas estavam a ponto de se envolver

em algo mais grave do que puxões de cabelo e roupa rasgada. Em primeiro lugar, o que Nettie

estava fazendo aqui? Que fim tinha levado o elemento surpresa? Como as coisas tinham

chegado tão depressa a esse clímax?

Contudo, corria nas veias de Wilma uma parte de grosso sangue cossaco polonês, e essa

parte julgava tais perguntas irrelevantes. Havia aqui um combate a ser enfrentado — isto é que

era importante.

Nettie correu para ela levantando a machadinha enquanto corria.

Seus lábios se arreganharam deixando seus dentes à mostra e um urro desprendeu-se de sua

garganta.

Wilma abaixou-se, o facão em riste como um canivete gigante. Quando Nettie atracou-se

com ela, Wilma avançou com o facão, que cravou-se fundo nas entranhas de Nettie; em

seguida foi puxado para cima, abrindo seu estômago e deixando sair uma gosma pastosa. Um

instante de horror assaltou Wilma pelo que estava fazendo — era realmente Wilma Jerzyck

que segurava o cabo da lâmina de aço enterrada em Nettie? — e os músculos de seu braço

relaxaram. O impulso para cima do facão expirou antes que a lâmina alcançasse o coração de

Nettie que batia freneticamente.

— *OOOOOH, SUA PUUUUTA!*— Nettie gritou golpeando com a machadinha. A arma

enterrou-se até o cabo no ombro de Wilma, fraturando-lhe a clavícula com um ruído seco.

A dor terrível, como se tivesse sido atingida por uma prancha de madeira, dissipou

qualquer pensamento objetivo da mente de Wilma. Restou apenas o cossaco enfurecido.

Libertou o facão com um puxão.

Nettie arrancou bruscamente a machadinha. Precisou das duas mãos para fazê-lo, e quanto

finalmente conseguiu libertá-la do osso, um pedaço solto de suas tripas escapou do buraco

sangrento em seu vestido e ficou pendurado do lado de fora do ventre, em um nó lustroso.

As duas mulheres andaram em círculo uma da outra, devagar, deixando a Impressão dos

pés em seu próprio sangue. A calçada parecia o diagrama de alguma macabra coreografia de

Arthur Murray. Nettie começava a sentir o mundo pulsando para dentro e para fora em amplos

círculos lentos — tudo a seu redor perdendo a cor deixando-a numa nuvem esbranquiçada, e

voltando depois, vagarosamente. Ouvia o bater de seu coração nos ouvidos, grandes e

espaçadas batidas abafadas. Sabia que estava ferida, mas não sentia dor. Julgava que Wilma a

tivesse atingido um pouco para o lado, ou coisa assim.

Wilma sabia que estava gravemente ferida; sabia que não conseguiria mais levantar o braço

direito e que as costas de seu vestido estavam ensopadas de sangue. No entanto, não tinha

intenção de sequer tentar escapar. Jamais tinha fugido em toda a sua vida, e não começaria

agora.

— *Ei!* — alguém gritou para elas, em voz finando outro lado da calçada. — *Ei! O que é*

que vocês duas estão fazendo? Parem com isso! Parem já com isso ou vou chamar a polícia.

Wilma virou a cabeça na direção da voz. Naquele exato instante, em que desviou sua

atenção, Nettie avançou e girou a machadinha num arco amplo descendente. Cortou a curva do

quadril de Wilma, atingindo e quebrando a pélvis. Sangue jorrou em leque. Wilma gritou e

desequilibrou-se para trás, cortando o ar à sua frente com o facão. Tropeçou nos próprios pés e

caiu na calçada com um baque surdo.

— *Ei! Ei!* — Era uma velha, apoiando-se numa bengala e segurando o xale amarelento ao

redor do pescoço. Seus olhos se arregalaram em dois círculos de terror formados pela armação

dos óculos. E agora trombeteou com sua voz esganiçada de velha.

— Socorro! Polícia! Estão se *MAAAAATANNNNNNDO!*

As duas mulheres na esquina de Ford e Cipreste não prestaram atenção. Wilma tinha caído,

formando uma trouxa sangrenta ao lado do poste de sinal de trânsito, e quando Nettie veio em

sua direção, ela sentou-se mais ou menos ereta contra o poste, empunhando o facão apoiado no

colo com a ponta para cima.

— Vem, sua cadela — ela rosnou. — Venha me pegar, se tem coragem.

E Nettie veio. Os lábios se mexiam. A bola de seus intestinos balançava para frente e para

trás contra o vestido, como um feto não parido. Seu pé direito bateu na perna

esquerda esticada

de Wilma e ela caiu para a frente. O facão a empalou bem abaixo do esterno. Ela engasgou

numa golfada de sangue, ergueu a machadinha e a trouxe para baixo. Enterrou-se no alto do

crânio de Wilma com um único ruído surdo: *chonk!* Wilma entrou em convulsões e seu corpo

contorcia-se e estrebuchava sob o de Nettie. Cada movimento seu fazia o facão cravar-se mais

e mais fundo.

— Matou... meu... *cãozinho!* — Nettie falou a custo, e a cada palavra cuspia uma tênue

névoa de sangue no rosto voltado para cima de Wilma. Em seguida, tremeu da cabeça aos pés

e desfaleceu. A cabeça caiu para frente e bateu no poste.

O pé agitado de Wilma deslizou para a sarjeta. O seu confortável sapato de domingo

soltou-se indo parar num montículo de folhas com o salto voltado para as nuvens

tempestuosas. Seus artelhos se curvaram... uma vez... mais outra... e depois relaxaram.

As mulheres ficaram assim, nos braços uma da outra, como dois amantes, o sangue de

ambas tingindo as folhas cor-de-canela, no meio-fio.

— *MATAAAAARAM-SE!* — a velha do outro lado da rua gritou, e depois, ela própria

balançou para frente e para trás e estatelou-se no chão de seu próprio *hall* de

entrada, num

desmaio.

Outras pessoas da vizinhança chegavam-se, agora, às janelas ou abriam portas, indagando-

se mutuamente o que tinha acontecido, saindo para suas escadinhas ou jardins, aproximando-se

cautelosamente da cena, a princípio, para depois se afastarem depressa, com as mãos tapando

as bocas, ao perceberem não apenas o fato em si, mas a escabrosa extensão de tal fato.

Eventualmente, alguém avisou a delegacia.

18

Polly Chalmers ia subindo a Rua Principal devagar, dirigindo-se a Coisas Necessárias,

protegendo as mãos doloridas no par mais quente de luvas que possuía, quando ouviu a

primeira sirene do carro de polícia. Parou e ficou observando um dos três Plymouth marrons da

polícia passar correndo pelo cruzamento da Principal com Loureiro, as luzes do teto piscando e

girando. Estava indo a 80km e ainda acelerando. Ia seguido de perto por outra viatura da

polícia.

Observou-os até perdê-los de vista, de testa franzida. Sirenes e correrias de viaturas

policiais eram raras em Castle Rock. Pôs-se a imaginar o que poderia ter

acontecido — algo

mais sério do que a colisão de um carro contra uma árvore, supunha. Alan lhe contaria quando

fosse vê-la de noite.

Polly olhou rua acima e divisou Leland Gaunt na porta de sua loja, também observando as

viaturas, com uma expressão de amena curiosidade no rosto. Bem, isto respondia a *uma* de

suas perguntas: ele *estava* na loja. Nettie não cumprira a promessa de telefonar informando

uma ou outra alternativa. Isto não chegara a surpreender Polly: a superfície mental de Nettie

era bastante escorregadia, e pensamentos tendiam a levar um escorregão definitivo e

desaparecer.

Subiu a rua. O sr. Leland olhou ao redor e a viu. Seu rosto iluminou-se num sorriso.

— Sra. Chalmers. Que bom que resolveu aparecer!

Ela sorriu debilmente. A dor, que naquela manhã parecera diminuir por algum tempo,

começava a rastejar de volta, lançando sua rede de fios cruéis e finos através da carne de suas

mãos.

— Pensei que tínhamos combinado que me chamaria de Polly.

— Que seja, Polly. Vamos entrar — é ótimo tornar a vê-la. O que é toda aquela agitação?

— Não sei — ela disse. Ele abriu a porta para ela e Polly passou-lhe à frente para dentro da

loja. — “Suponho que alguém andou se machucando e precisa ser transferido para o hospital.

O pronto-socorro de Norway é horroroso de lento nos fins de semana. Por que, no entanto,

seriam necessários *dois* carros...

O sr. Gaunt fechou a porta. O sininho tilintou. A cortina da vidraça da porta estava descida,

e com o sol agora se pondo no outro lado, o interior de Coisas Necessárias parecia bem

sombrio... mas, Polly raciocinou, se o sombrio pudesse de qualquer modo ser agradável, então

era esse sombrio que imperava na loja. Um pequeno abajur de leitura lançava um círculo

dourado sobre o balcão perto da caixa registradora do sr. Gaunt. Havia um livro aberto. Era A

ilha do tesouro de Robert Louis Stevenson.

O sr. Gaunt a observava atentamente, e Polly viu-se obrigada a sorrir em vista da expressão

de cuidado no olhar dele.

— Minhas mãos andam pintando o sete, nestes últimos dias — Polly explicou. — Acho

que minha aparência não **é** exatamente a de Demi Moore.

— A sua aparência é a de uma mulher que está muito cansada e sofrendo um grande

desconforto — ele disse.

O sorriso tremulou no rosto de Polly. Havia compreensão e uma profunda compaixão na

voz dele, e por um momento Polly teve medo de cair na choradeira. O pensamento que

conseguiu conter as lágrimas era bastante estranho: *As mãos dele. Se eu chorar ele vai tentar*

me consolar. E vai pôr as mãos em mim.

Ela afivelou o sorriso no rosto.

—Vou superar. Sempre superei. Diga-me — Nettie Cobb passou por aqui?

— Hoje? — ele franziu o rosto. — Não, hoje, não. Se ela tivesse vindo, eu lhe teria

mostrado uma peça de opalina que chegou ontem. Não é tão bonita como a que vendi a ela na

semana passada; mas, achei que poderia interessá-la. Por que pergunta?

— Oh... por nada — Polly respondeu. Ela me disse que talvez passasse por aqui, mas

Nettie... Nettie muitas vezes se esquece das coisas.

— Ela me parece ser uma mulher que sofreu muito na vida — o sr. Gaunt disse

gravemente.

— Sim. É verdade, ela sofreu muito — Polly pronunciou essas palavras lenta e

mecanicamente. Não conseguia desviar seu olhar do dele. Então, uma de suas mãos roçou a

beirada de um dos balcões de vidro, o que fez com que interrompesse aquela troca de olhares.

Um gritinho de dor escapou-lhe dos lábios.

— Você está bem?

— Sim. Ótima — Polly disse, mas era mentira. Estava muito longe de ser verdade.

O sr. Gaunt entendeu perfeitamente.

— Você não está bem — ele disse com firmeza. — Assim sendo, não vamos jogar

conversa fora. A peça sobre a qual lhe escrevi chegou. Vou lhe dar e mandar você para casa.

— Dar-me?

— Oh, não estou lhe oferecendo um presente — ele disse ao se dirigir para a caixa

registradora. — Mal nos conhecemos, para que eu tome tal liberdade.

Polly sorriu. Ele era, obviamente, um homem bondoso, um homem que, era natural, queria

fazer uma gentileza para a primeira pessoa em Castle Rock que havia sido gentil com ele. Mas

estava achando dificuldade em responder — achando difícil até acompanhar o diálogo. A dor

que sentia nas mãos era algo de monstruoso. Desejava agora não ter vindo, e bondade ou não,

tudo o que queria era sair dali, ir para casa e tornar uma cápsula analgésica.

— É o tipo de peça para o qual o comerciante se vê forçado a oferecer um período de

experiência — se ele tiver senso de ética, é claro. — Apanhou um molho de chaves, selecionou

uma delas, e destrancou a gaveta embaixo da caixa registradora. — Se experimentá-lo durante

uns dois dias e descobrir que não vale a pena para você — e devo admitir que é o que

provavelmente acontecerá — você o devolverá a mim. Se, por outro lado, descobrir que lhe

traz algum alívio, discutiremos o preço. — Ele sorriu para ela. — E, tratando-se de você, o

preço será o mais baixo possível, pode ficar tranqüila.

Ela o fitou, intrigada. Alívio? De que é que ele estava falando?

Ele trouxe uma caixinha branca e colocou-a no balcão. Tirou a tampa com suas mãos de

dedos longos e esquisitos, e do forro de algodão da caixa pegou um pequeno objeto de prata

numa correntinha fina. Parecia um colar de tipo estranho, mas quando o sr. Gaunt segurou a

corrente, a peça que pendeu dela poderia ser um coador redondo de chá em forma de bola ou

um dedal gigante.

— Esta peça é egípcia, Polly. Muito antiga. Não tanto quanto as pirâmides — também nem

tanto! — mas, ainda assim, muito antiga. Tem alguma coisa aí dentro. Uma erva qualquer, eu

acho, mas não tenho certeza. — Sacudiu os dedos para cima e para baixo. O coador de prata

(se era isso mesmo) balançou na ponta da corrente. Algo se mexeu lá dentro,

algo que fazia um

som poeirento, rascante. Polly achou o som vagamente desagradável.

— Chama-se um *azka*, ou talvez um *azkah* — explicou o sr. Gaunt. — Seja como for,

supõe-se que este amuleto tenha a propriedade de afastar a dor.

Polly tentou sorrir. Queria ser delicada, mas *realmente*... tinha vencido toda aquela

distância para *isto?* A coisa nem sequer poderia ter um valor estético. Era feia; falando às

claras.

— Eu realmente não creio...

— Eu também não — ele disse. — Mas situações extremas pedem providências extremas.

Posso assegurar-lhe que é genuína... pelo menos no sentido de que não foi fabricada em

Formosa. É um artefato autenticamente egípcio — não exatamente uma relíquia, mas sem

dúvida um artefato do Último Período do Declínio. Vem com certificado de origem que o

identifica como um instrumento da *benkalitis* ou magia-branca. Quero que o leve e faça uma

experiência. Pode parecer bobagem. Provavelmente, é. Contudo... há mais coisas entre o céu e

a terra do que pode alcançar a nossa vã filosofia, mesmo em seus momentos mais loucos.

— Acredita realmente nisso? — Polly perguntou.

— Sim. Já vi coisas tão estranhas em minha vida, que tornam um medalhão de cura ou um

amuleto perfeitamente plausíveis. — Um brilho furtivo fulgiu momentaneamente em seus

olhos cor-de-mel. — *Muitas* coisas que tais. Os cantos escuros do mundo estão cheios de

fabulosas quinquilharias, Polly. Mas, isto não importa. *Você* importa neste momento. Ainda no

outro dia, e agora desconfio que a dor então nem chegava aos pés da que está sentindo neste

instante, percebi muito bem que sua condição era extremamente desagradável. Achei que

esta... peça... poderia valer a tentativa. Afinal, o que tem a perder? Nada do que tentou até

agora deu resultado, não é?

— Agradeço sua gentileza, sr. Gaunt, agradeço *mesmo,* mas —

— Por favor, me chame de Leland.

— Está bem. Sim, agradeço a gentileza, *Leland*, mas creio que não sou supersticiosa.

Levantou o olhar e percebeu que seus brilhantes olhos cor-de-mel estavam fixos nela.

— Não interessa se *você* é ou não, Polly... porque *a peça é.* — Sacudiu os dedos. O *azka*

balançou suavemente na ponta da correntinha.

Ela tornou a abrir a boca, mas desta vez não conseguiu pronunciar uma palavra Sequer.

Viu-se recordando um certo dia da primavera passada. Nettie havia esquecido seu exemplar de

Inside View ao ir embora para casa. Folheando a revista distraidamente, lendo superficialmente

as histórias sobre lobisomens recém-nascidos em Cleveland, e uma formação geológica da lua

que parecia o rosto de JFK, Polly tinha encontrado um anúncio de um troço chamado o Disco

de Preces dos Antigos. Servia para curar dores de cabeça, dores de estômago, e artrite.

O anúncio era encabeçado por um desenho em branco e preto que o dominava. Mostrava

um homem de longas barbas e chapéu de feiticeiro (Nostradamus, ou Gandolfo, Polly

presumiu) segurando um objeto parecido com um pião sobre o corpo de um homem numa

cadeira de rodas. O pião lançava um cone radiante sobre o inválido e embora o anúncio não o

dissesse textualmente, a sugestão era de que dentro de um ou dois dias, o doente estaria

dançando numa discoteca. Ridículo, é claro, mistificação supersticiosa para pessoas de miolo

mole ou até desesperadas pelo assalto constante da dor ou da incapacidade, mas ainda assim...

E ela se sentara, fitando aquele anúncio durante um longo tempo, e, ridículo como pudesse

parecer, quase tinha feito uma chamada telefônica para o número 800 — para

pedidos por

telefone, indicado ao pé da página. Porque, mais cedo ou mais tarde —

— Mais cedo ou mais tarde, alguém que sofra dor lancinante deve recorrer mesmo aos

caminhos mais imprevisíveis, se houver uma chance de que tais caminhos possam trazer algum

alívio — disse o sr. Gaunt. — Não concorda?

— Eu... Eu não...

— Terapia do frio... luvas térmicas... até tratamentos de radiação... nada funcionou para

você, não é verdade?

— Como sabe disso?

Um bom comerciante leva a fundo sua tarefa de descobrir as necessidades de seus

fregueses — disse o sr. Gaunt com sua voz suave e hipnótica. Veio em sua direção, segurando

a correntinha de prata num grande anel com o *azka* pendendo da ponta. Ela se encolheu das

longas mãos de unhas grossas.

— Não se assuste, minha cara. Não tocarei num fio de seu cabelo. Se ficar muito calma... e

permanecer imóvel...

E Polly ficou calma. E permaneceu imóvel. Ficou de mãos (ainda envoltas nas luvas

quentes) cruzadas timidamente no colo, e permitiu que o sr. Gaunt passasse a

correntinha por

sua cabeça. Ele o fez com a delicadeza de um pai que desce o véu de noiva da filha. Polly

sentiu-se distante do sr. Gaunt, de Coisas Necessárias, de Castle Rock, até de si mesma.

Sentiu-se como uma mulher parada numa planície poeirenta sob um céu infinito, a centenas de

quilômetros de qualquer outro ser humano.

O *azka* bateu contra o fecho de zíper de sua jaqueta de couto com um leve tilintar.

— Guarde-o dentro da jaqueta. E quando chegar em casa, guarde-o também dentro da

blusa. Deve ser usado em contato com a pele para maior efeito.

— Não sou capaz de guardá-lo dentro da jaqueta — Polly disse em tons baixos e

sonhadores. — O zíper... não consigo descer o zíper.

— Não? Tente.

Assim, Polly tirou uma das luvas e tentou. Para sua grande surpresa, descobriu que era

capaz de flexionar o polegar e o indicador da mão direita, o suficiente para segurar a plaquinha

do zíper e puxar para baixo.

— Viu só?

A bolinha de prata caiu sobre a frente de sua blusa. Achou muito pesada, e a sensação

daquele contato não era das mais agradáveis. Imaginou vagamente o que poderia

haver dentro

da peça, que tinha feito aquele som poeirento e rascante. Algum tipo de erva, ele havia dito,

mas aos ouvidos de Polly não soava como folhas, nem pó. Parecia-lhe que alguma coisa lá

dentro se mexia por vontade própria.

O sr. Gaunt parecia entender seu desconforto.

— Você acaba se acostumando, e muito mais cedo do que imagina. Creia, é o que vai

acontecer.

Fora, a muitos quilômetros de distância, ouviu mais sirenes. Soavam como espíritos

atormentados.

O sr. Gaunt virou-se, e quando seu olhar desviou-se de seu rosto, Polly sentiu que sua

concentração começava a retornar. Sentia-se um tanto confusa, mas também sentia-se bem,

como se estivesse acordando de um cochilo curto mas repousante. A sensação mista de

desconforto e intranqüilidade tinha cessado.

— Minhas mãos ainda estão doendo — ela disse, e era verdade... mas estariam tão

doloridas quanto antes? Parecia-lhe que tinha havido algum alívio, o que talvez não passasse

de sugestão — tinha a impressão de que Gaunt lhe impusera uma certa hipnose, determinado a

que aceitasse o *azka*. Ou, talvez, fosse apenas o calor no interior da loja, depois do frio lá fora.

— Duvido muito que o efeito prometido seja instantâneo — o sr. Gaunt disse com secura.

— Mas, dê-lhe uma chance — fará isso, Polly?

Ela deu de ombros.

— Está bem.

Afinal de contas, o que *tinha* a perder? A bolinha era pequena e não faria volume sob uma

blusa ou um suéter. Não precisaria responder perguntas se ninguém percebesse que a estava

usando, e isto era ótimo para ela. Rosalie Drake se mostraria curiosa, e Alan, que era tão

supersticioso como um cabo de vassoura, provavelmente adiariam graça. Quanto a Nettie...

ora, Nettie provavelmente ficaria reduzida a completo silêncio se soubesse que Polly estava

usando um legítimo amuleto mágico, exatamente como os que eram anunciados na sua querida

Inside View.

— Você não deve tirá-lo, nem mesmo na hora do chuveiro — o sr. Gaunt advertiu. — Não

há necessidade. A bolinha é de prata legítima e não enferruja.

— E se eu tirar? —

Ele tossiu delicadamente na concha da mão, como se estivesse embaraçado.

— Bem, o efeito benéfico do *azka* é cumulativo. O paciente melhora um pouquinho hoje,

mais um pouquinho amanhã, e assim por diante. Pelo menos, foi o que me disseram.

— *Quem lhe disse?* Polly indagou-se.

Entretanto, se o *azka* for retirado, o paciente reverte ao estado aflitivo original, não

gradualmente, mas de uma só vez, e daí terá que esperar dias e até semanas a fim de

reconquistar o terreno perdido, desde que tome a colocar o *azka*.

Polly riu ligeiramente. Não pôde evitar, e sentiu-se aliviada quando o riso de Leland Gaunt

juntou-se ao dela.

— Eu sei que parece ridículo — ele disse. — Quero apenas fazer o que estiver ao meu

alcance para ajudar. Acredita em mim?

— Acredito — disse ela — e lhe agradeço.

Permitiu que ele a acompanhasse até a porta da loja e, ao sair, outras indagações lhe

ocorreram. Havia, por exemplo, aquele estado de quase-transe quando ele passara a

correntinha ao redor de seu pescoço; havia a profunda repulsa que sentia ao toque dele. Tais

detalhes conflitavam inteiramente com os sentimentos de amizade, afeto e compaixão que ele

deixava transparecer quase como uma aura visível.

Contudo, *teria ele*, de alguma maneira, hipnotizado Polly? Era uma idéia boba... ou não

era? Tentou lembrar-se com exatidão do que tinha sentido enquanto discutiam sobre o *azka,* e

não conseguiu. Se ele a tivesse hipnotizado, sem dúvida teria sido por mero acidente, e com a

sua anuência. O mais provável era que tivesse acabado de entrar naquele estado de sonolência

a que o excesso de cápsulas de Percodan induzia. Não, em sua opinião, essa era a segunda pior

conseqüência do remédio. O que ela realmente detestava era que já nem sempre surtiam o

efeito que deveriam.

— — Eu a levaria de carro, se soubesse dirigir — o sr. Gaunt disse. — Mas nunca

consegui aprender.

— Não tem a mínima importância — Polly disse. — Muita bondade sua, e agradeço

sinceramente.

— Agradeça me se funcionar — ele respondeu. Tenha uma boa tarde, Polly.

Mais sirenes troavam. Vinham do lado leste da cidade, na direção das Ruas do

Olmo, Cipreste, Pond e Ford. Polly dirigiu-se para lá. Havia algo no som das sirenes,

especialmente na quietude daquela tarde, que conjurava pensamentos vagamente ameaçadores

— não propriamente imagens de catástrofe iminente. O som começou a

extinguir-se,

desenrolando-se como uma mola invisível no brilhante ar de outono.

Ela voltou-se para fazer algum comentário a esse respeito com o sr. Gaunt, mas a porta já

estava fechada. A tabuleta que dizia:

FECHADA

estava pendurada entre a vidraça e a cortina da porta, balançando-se gentilmente de um

lado para outro em seu cordel. Ele, voltara ao interior da loja enquanto ela estava de costas, tão

devagarinho que da nem sequer o ouvira.

Polly pôs-se a caminhar lentamente, de volta para casa. Antes que chegasse ao fim da Rua

Principal, outra viatura policial, desta vez uma limusine da polícia estadual, passou por ela de

sirene ligada.

19

— Danforth?

Myrtle Keeton passou pela porta da frente e entrou na sala de estar. Equilibrava a panela de

fondue embaixo do braço esquerdo enquanto tentava aos trancos e barrancos tirar a chave que

Danforth esquecera na porta.

— Danforth, já voltei!

Não houve resposta, e a televisão estava desligada. Que coisa estranha! Ele estava tão

decidido a chegar em casa a tempo de assistir ao pontapé inicial. Imaginou vagamente se ele

teria ido a outro lugar, talvez até a casa dos Carsons, para assistir ao jogo, mas a porta da

garagem estava descida, o que significava que ele tinha guardado o carro. E Danforth não daria

um passo se pudesse evitar. Especialmente ladeira acima, na Vista, que era bastante íngreme.

— Danforth? Onde você está?

Nenhuma resposta, ainda. Na sala de jantar, uma das cadeiras estava tombada. De cenho

franzido, Myrtle colocou a panela de *fondue* na mesa e endireitou a cadeira. Os primeiros

fiapos de preocupação, leves como fios de uma teia, flutuaram em sua mente. Foi até a porta

do estúdio, que estava fechada. Ao chegar perto, encostou a orelha na porta e tentou ouvir.

Tinha quase certeza de que estava escutando o rangido da cadeira giratória.

— Danforth? Você está aí?

Nenhuma resposta... Myrtle, porém, julgou ter ouvido uma tosse baixa. A preocupação

transformou-se em alarme. Danforth vinha sofrendo pressões muito fortes, ultimamente — era

o único dos conselheiros municipais que trabalhava de verdade — e o excesso de

peso não lhe

fazia bem algum. E se ele tivesse tido um ataque cardíaco? E se ele estivesse caído no chão? E

se o som que ela ouvira não fosse tosse, mas Danforth tentando respirar?

Aquela manhã e tarde maravilhosas que tinham passado juntos fez com que o terrível

pensamento soasse horrivelmente plausível: primeiro, o doce interlúdio, seguido de amarga

desilusão. Estendeu a mão para a maçaneta... e voltou atrás no gesto, levando a mão à pele

flácida da garganta. Não tinham sido necessárias mais do que umas poucas dolorosas ocasiões

para ensiná-la que ninguém perturbava Danforth em seu estúdio, sem bater... e que ninguém,

jamais, jamais *jamais*, entrava no *sanctum sanctorum* sem ser convidado.

Sim, mas se ele tivesse tido fim ataque cardíaco... ou... ou...

A lembrança da cadeira tombada e uma nova onda de alarme a atingiram.

E se, ao chegar em casa, ele surpreendeu um assaltante? E se o assaltante deu-lhe um golpe

na cabeça, deixando-o desmaiado, e o arrastou para o estúdio?

Bateu na porta com os nós-dos dedos.

— Danforth? Você está bem?

Nenhuma resposta. Nenhum som pela casa exceto o solene tique-taque do relógio de

pêndulo na sala de estar e... sim, tinha certeza: o rangido da cadeira giratória no

estúdio de

Danforth.

Sua mão adiantou-se novamente para a maçaneta.

— Danforth, você está —

As pontas de seus dedos estavam na verdade encostadas na maçaneta quando a voz dele

rosnou para ela, fazendo com que pulasse para trás em sobressalto, com um gritinho.

— Me deixa em paz! Será que não pode me deixar em paz, sua cadela estúpida?

Ela gemeu. O coração batia descompassado na garganta. Não simplesmente de surpresa —

mas da fúria e do ódio desenfreado que transparecia na voz dele. Depois da manhã, tão calma e

agradável que tinham passado juntos, ele não teria conseguido feri-la mais fundo, ainda que

acariciasse seu rosto com um punhado de lâminas de barbear.

— Danforth... pensei que você estivesse ferido... — Sua voz não passava de um soluço

embargado que nem ela própria conseguia ouvir.

— *Me deixa em paz!* — Neste instante, ele estava colado no outro lado da porta, pelo som

da voz.

Oh, Deus meu, parece que ele enlouqueceu. Será possível? *Como poderia* acontecer isto?

O que teria acontecido a partir do momento em que ele me deixou na casa da

Amanda?

Tais perguntas não tinham resposta. Restava apenas a dor. E assim, ela arrastou-se para

cima, apanhou sua linda boneca nova que estava guardada no armário do quarto de costura, e

foi para o seu quarto. Descalçou-se, e depois deitou-se no seu lado da cama, apertando a

boneca em seus braços.

Em algum ponto muito distante, ouviu os sons conflitantes de sirenes. Não lhes prestou a

mínima atenção.

O quarto deles era lindo nessa hora do dia, cheio da luz do sol outonal. Myrtle não notou.

Via apenas trevas. Sentia apenas desespero, profundo e sombrio desespero que nem mesmo a

vista daquela boneca maravilhosa conseguia aliviar. O desespero parecia tomar conta de sua

garganta e impedir sua respiração.

Oh, tinha se sentido tão feliz naquele dia — tão feliz. *Ele* também tinha se mostrado

contente. Myrtle tinha certeza. E, agora, as coisas pareciam piores do que antes. Muito piores.

O que teria acontecido?

Oh, Deus, o que teria acontecido, e quem era o responsável?

Myrtle abraçou a boneca e olhou para o teto, e pouco depois o pranto libertou-se em

profundos soluços que sacudiram todo o seu corpo.

CAPÍTULO ONZE

1

QUINZE MINUTOS DEPOIS da meia-noite, naquele longo, longo domingo de outubro,

uma porta no subsolo da Ala Estadual do Hospital de Vale Kennebec (H.V.K.) abriu-se e o

xerife Alan Pangborn passou por ela. Caminhava devagar, cabisbaixo. Seus pés, em botas

esterilizadas com elástico, se arrastavam sobre o linóleo. Agora que fechara a porta, era

possível ler o que dizia a placa ali pendurada:

NECROTÉRIO

ENTRADA PROIBIDA

A PESSOAS ESTRANHAS

Na outra extremidade do corredor, um servente em uniforme cinza usava um polidor para

dar brilho ao chão, em arcos longos e preguiçosos. Alan foi em sua direção, tirando a touca de

hospital da cabeça enquanto caminhava. Levantou a túnica verde que vestira e enfiou a touca

no bolso traseiro da calça jeans. O zumbido macio da enceradeira dava-lhe sono. Um hospital

em Augusta era o último lugar do mundo onde desejaria estar naquela noite.

O servente levantou a cabeça à sua aproximação, e desligou a máquina.

— Você não parece nada bem, amigo — ele saudou Alan.

— Não me admira. Tem um cigarro?

O servente puxou um maço de Lucky Strike do bolso da camisa e fez surgir a ponta de um

cigarro que ofereceu a Alan.

— Mas não pode fumar aqui — ele disse. Com um gesto da cabeça indicou a porta do

necrotério. — Doc Ryan tem ataques.

— Alan entendeu. — Onde, então?

O servente o levou até um corredor transversal e apontou para uma porta mais ou menos a

meio caminho.

— Aquela porta dá para a aléia ao redor do edifício. Mas faça um calço com qualquer

coisa, senão vai ter que dar a volta toda para entrar novamente pela porta da frente. Tem

fósforos?

Alan foi para o corredor.

— Sempre trago um isqueiro comigo. Obrigado pelo cigarro.

— Ouvi dizer que foi crime duplo, aí dentro — o servente disse às suas costas.

— É verdade — Alan disse, sem se virar.

— Autópsia é um troço filho-da-mãe, não é?

— É — Alan disse.

Atrás dele, o ronco suave do polidor recomeçou. Era um troço filho-da-mãe, sem dúvida.

As necrópsias de Nettie Cobb é Wilma Jerzyck eram a 23ª e 24ª de toda a sua carreira, e todas

tinham-sido um troço filho-da-mãe, mas estas duas últimas tinham sido, de longe, as piores.

A porta que lhe fora indicada pelo servente era do tipo equipado com mola e lingüeta

automática. Alan olhou ao redor, à procura de um objeto qualquer para servir de calço e nada

viu. Tirou a túnica verde, dobrou-a toda, e abriu a porta. O ar que entrou como uma enxurrada

era frio, mas inacreditavelmente refrescante depois da atmosfera recendendo a formol e álcool

do necrotério e da sala de necrópsias. Alan ajeitou a túnica dobrada no batente da porta e saiu.

Com muito cuidado, deixou a porta voltar ao lugar, verificou que a túnica era suficiente-para

impedir que a lingüeta travasse, e abandonou o assunto. Recostou-se na parede ao lado da

fresta de luz fina como um traço de lápis que escoava da porta ligeiramente

entreaberta e

acendeu seu cigarro.

A primeira tragada deixou-o tonto. Há dois anos vinha tentando parar e estava sempre

quase conseguindo. E, então, acontecia alguma coisa. E isto era a praga e a bênção simultâneas

do trabalho policial: alguma coisa estava sempre acontecendo.

Olhou para as estrelas, que ele normalmente achava que transmitiam calma, e não

distinguiu muitas — as luzes muito fortes que circundavam o hospital as ofuscavam. Divisava

a constelação da Ursa Maior, Orion, e um ponto avermelhado, muito longe, que talvez fosse

Marte, e isto era tudo.

Marte, *ele pensou.* É isso aí. Sem dúvida, é isso. Os senhores da guerra de Marte

aterrissaram em Castle Rock aí pelo meio-dia, e as primeiras pessoas que encontraram foram

Nettie Cobb e aquele horror que era Wilma Jerzyck. Os senhores da guerra as morderam e elas

ficaram rábidas. É a única explicação que se encaixa.

Ponderou se deveria entrar e dizer a Henry Ryan, o médico-legista-chefe do estado do

Maine: *Trata-se de um caso de intervenção extraterrestre, doutor. Caso encerrado.* Duvidava

que Ryan achasse divertido. A noite tinha sido muito longa para ele, também.

Alan tragou fundo no cigarro. O gosto era absolutamente soberbo, fizesse ou não sua

cabeça ficar tonta, e achou que compreendia perfeitamente o porquê de o cigarro ter sido

proibido nas áreas públicas de todos os hospitais dos Estados Unidos. John Calvin tinha toda

razão — nada que tivesse tal efeito poderia fazer bem às pessoas. Nesse ínterim, no-entanto,

me dá aí um tragada, irmão — é formidável.

Pensou ociosamente como seria bom se pudesse comprar um pacote inteiro desses mesmos

Lucky Strikes, cortar os dois lados do pacote e acender todos os cigarros ao mesmo tempo com

uma tocha. Pensou como seria bom embriagar-se. A hora, no entanto, não podia ser menos

própria para embriagar-se. Outra regra inflexível da vida — *Quando você realmente precisa de*

um gole, invariavelmente você não tem direito a ele. Alan indagou-se vagamente se talvez os

alcoólatras do mundo não seriam os únicos cujas prioridades eram as certas.

O traço fino de luz a seus pés alargou-se para formar um feixe. Virou a cabeça e viu Norris

Ridgewick. Norris saiu e recostou-se na parede ao lado dele. Ainda estava usando a touca

verde, mas estava torta e os cordões balançavam-se pelas costas da túnica. Seu rosto estava tão

verde quanto a roupa.

— Meu Jesus, Alan.

— Foi a sua primeira vez, não foi?

— Não. Presenciei uma necrópsia certa vez, quando estava em Wyndham do Norte. Caso

de intoxicação por fumaça. Mas, estas... Meu Jesus, Alan.

— É — ele concordou e soltou a fumaça. — Meu Jesus.

— Tem outro cigarro ai?

— Não... sinto muito. Peguei este com o servente. — Olhou para o policial com ligeira

curiosidade. — Não sabia que você fumava, Norris.

— Não fumo. Pensei que talvez fosse hora de começar.

Alan riu de mansinho.

— Meu irmão, não consigo esperar até sair para pescar amanhã. Ou a folga fica cancelada

até que essa bagunça esteja esclarecida?

Alan ponderou, depois balançou a cabeça. Não tinham sido os senhores da guerra de

Marte, afinal de contas: o caso todo parecia realmente muito simples. E, de certa forma, era

provavelmente essa simplicidade que o tornava tão medonho. Não viu motivo para cancelar o

dia de folga de Norris.

— Isso é ótimo — Norris disse, e acrescentou: — Mas, se você quiser, eu venho,

Alan.

Sem problema.

— Não creio que vá ser necessário, Norris — ele disse. — John e Clut fizeram contato

comigo — Gut foi com o pessoal da Homicídios falar com Pete Jerzyck, e John foi com a

equipe que está investigando o lado de Nettie Cobb. Os dois estão em contato. Está tudo muito

claro. Horrível... mas, claro.

E estava... no entanto, assim mesmo, o caso o deixava transtornado. Em alguma camada

muito profunda de seu íntimo, ele estava extremamente transtornado.

Bem, e o que aconteceu? Quero dizer, a capivara da tal de Wilma Jerzyck vinha pedindo

por isto há muito tempo, mas pensei que quando alguém pagasse para ver, ela acabaria com um

olho roxo ou um braço quebrado... nada como *isto aqui.* Foi simplesmente o caso de ter

escolhido a pessoa errada?

— Acho que o que você disse resume tudo — Alan disse. — Wilma não poderia ter feito

pior escolha para cultivar uma inimizade em Castle Rock.

— Inimizade?

— Polly deu um filhotinho a Nettie, na primavera. A princípio, ele latia um pouco. E

Wilma fez o diabo por causa disso.

— É mesmo? Não me recordo de uma queixa.

Ela deu uma única queixa oficial. Eu interceptei. Polly me pediu que o fizesse. Sentia-se

responsável, em parte, já que tinha dado o cãozinho para Nettie. Nettie prometeu que ele

ficaria dentro de casa o maior tempo possível, e isto, no que me dizia respeito, encerrou o

assunto. O cachorro parou de latir, mas Wilma, aparentemente continuou a infernizar a vida de

Nettie. Polly disse que Nettie atravessava a rua quando via Wilma, mesmo a duas quadras de

distância. Nettie fez tudo o que podia, fora um despacho de macumba. E então, na semana

passada, ela não se conteve. Foi até a casa dos Jerzyck enquanto Pete e Wilma estavam no

trabalho, viu os lençóis pendurados no varal, e os cobriu com lama da horta.

Norris deu um assovio.

— *Essa* queixa foi feita, Alan?

Alan balançou a cabeça. — Desde então, até esta tarde, tudo se passou apenas entre as

duas.

— E Pete Jerzyck?

— Você *conhece* Pete Jerzyck?

— Bem... — Norris interrompeu-se. Pensando em Pete. Pensando em Wilma.

Pensando

nos dois juntos. Lentamente, meneou a cabeça.

— Ficou morrendo de medo que Wilma o virasse pelo avesso, caso se metesse a besta...

portanto, omitiu-se. É isso?

— Mais ou menos. Na verdade, pode ter sido ele quem pôs tudo a perder, pelo menos por

algum tempo. Clut disse que Pete contou ao pessoal da Homicídios que Wilma queria ir até a

casa de Nettie, assim que viu os lençóis sujos. Estava pronta para o combate. Parece que

telefonou para Nettie ameaçando cortar-lhe a cabeça e cagar pelo pescoço dela abaixo.

Norris balançou a cabeça. Entre a autópsia de Wilma e a de Nettie Cobb, ele havia

telefonado para a delegacia de Castle Rock e pedido uma lista das queixas apresentadas pelas

duas mulheres. A lista de Nettie era curta — apenas uma. Num acesso, tinha assassinado o

marido. Fim da história. Nenhuma frescura, nem antes, nem depois, inclusive nestes últimos

anos desde que voltara à cidade. Wilma era vinho de outra pipa. Jamais matara alguém, mas a

lista de queixas — as que ela apresentara e as que outras pessoas apresentaram contra ela —

era bem comprida, e remontava aos tempos em que o ginásio ainda se chamava

Escola

Secundária de Castle Rock, quando dera um soco no nariz de um professor substituto que

queria retê-la depois da hora. Em duas ocasiões, mulheres preocupadas, que tinham tido a má

fortuna de entrar na lista negra de Wilma, tinham solicitado proteção policial. Wilma também

tinha sido o objeto de três queixas por agressão no correr dos anos. No final das contas, as

queixas tinham sido retiradas, mas não era preciso grande dose de inteligência para entender

que ninguém, em seu juízo perfeito, iria foder a vida de Wilma Jerzyck.

— Eram veneno, uma para a outra — Norris murmurou.

— Da pior espécie.

— E o marido conseguiu demovê-la de ir atrás da outra, da primeira vez que ela queria ir?

— Ele sabia que nem adiantava tentar. Contou a Clut que colocou dois Xanax na xícara de

chá de Wilma, e isto abaixou um pouco a temperatura emocional. De fato, Jerzyck acreditava

que tudo estava encerrado.

— Você acredita nele, Alan?

— Acredito — na medida em que posso acreditar em qualquer pessoa sem ter conversado

com ela cara a cara.

— O que foi que ele colocou no café de Wilma. Droga?

— Tranqüilizante. Jerzyck contou ao pessoal da Homicídios que já o usara em umas duas

ocasiões anteriores, em que ela se tornara muito agitada, e serviu para deixá-la bem mansa.

Disse que achou que tinha surtido o mesmo efeito desta vez.

— Só que não deu certo.

— Acho que, a princípio, sim. Pelo menos, Wilma não saiu porta afora para arrancar os

pentelhos da Nettie. Mas, não duvido nem um pouco que ela tenha continuado a infernizar a

vida de Nettie... O padrão que seguiu quando discutiam simplesmente o problema do

cachorrinho. Nettie era uma pessoa de pavio curto. Esse tipo de coisa iria deixá-la doida.

Wilma fazendo telefonemas. Passando com o carro pela frente da casa dela. Esse tipo de coisa.

John LaPointe e a equipe da Homicídios, na qual ele está grudado, foram ver Polly aí pelas

sete horas. Polly disse que tinha muita certeza de que Nettie andava preocupada com alguma

coisa, Nettie tinha ido visitá-la hoje de manhã, e deixou escapar alguma coisa. Na ocasião,

Polly não entendeu. — Alan suspirou. — Acho que, agora, ela gostaria de ter prestado mais

atenção.

— Como a Polly está reagindo, Alan?

— Bastante bem, acho. — Falara com ela duas vezes, a primeira vez de uma casa perto da

cena do crime, e a segunda dali mesmo do H.V.K., imediatamente depois de ele e Norris

chegarem. Nas duas ocasiões, a voz de Polly tinha soado calma e controlada; no entanto, ele

adivinhou tanto as lágrimas como a confusão sob a camada superficial, mantida a custo. Não

se surpreendeu inteiramente, no primeiro telefonema, ao verificar que ela já sabia de quase

tudo o que tinha acontecido; as notícias, especialmente as más notícias, voam em cidades

pequenas.

— O que detonou a grande explosão?

Alan, surpreso, fitou Norris, e então deu-se conta de que ainda não sabia. Alan tinha

conseguido, entre uma e outra autópsia, um relatório mais ou menos completo de John

LaPointe, enquanto Norris se achava ocupado no outro telefone, falando com Sheila Brigham e

compilando as listas de queixas policiais que envolviam as duas mulheres.

— Uma das duas decidiu acabar com a história — ele disse. — Aposto que foi Wilma, mas

os detalhes ainda estão nebulosos. Aparentemente, Wilma foi até a casa de Nettie enquanto

esta estava visitando Polly hoje de manhã. Nettie deve ter esquecido de trancar a porta ou de

passar a trava, e o vento acabou deixando-a aberta — você viu como estava ventando forte

hoje.

— É.

— Assim, talvez tudo tenha começado com a simples intenção de passar em frente da casa

de Nettie só para não deixar a peteca cair. E, então, Wilma viu a porta aberta e a intenção de

apenas passar pela frente da casa transformou-se em outra coisa. Talvez não tenha sido

exatamente assim, mas faz sentido para mim.

AS palavras mal tinham escapado de seus lábios quando admitiu que eram mentira, *Não*

fazia sentido, eis o problema. *Deveria* fazer sentido, ele *desejava* que fizesse sentido, mas não.

O que o deixava maluco era que não havia *razão* para aquela sensação de algo errado; pelo

menos, nenhuma que ele pudesse identificar. O mais perto que conseguia chegar era indagar-se

se Nettie teria sido descuidada a ponto de apenas de não travar a porta, mas simplesmente de

verificar que estivesse bem trancada, paranóica como parecia ser no que dizia respeito a Wilma

Jerzyck... e Isto não era motivo suficiente para uma suspeita. Não era suficiente

porque os

parafusos da cabeça de Nettie não estavam todos bem-apertados, e não se podia presumir o que

uma pessoa nessas condições podia, ou não, fazer. Ainda assim...

— O que Wilma fez? Destruiu a casa?

— Matou o cachorro de Nettie.

— *O* quê?

— Você me ouviu.

— Meu Jesus! Mas que cadela maldita!

— Ora, nós a conhecíamos bem, não é?

— Sim, mas mesmo assim...

Aí estava, novamente. Até Norris Ridgewick, de quem se podia depender inteiramente,

mesmo depois destes anos todos, para preencher pelo menos 20% de seus formulários de trás

para diante. *Sim, mas mesmo assim...*

— Matou-o com um canivete suíço. Usou o saca-rolhas e enfiou uma nota nele dizendo

que aquela era a paga por Nettie ter sujado seus lençóis de lama. Assim, Nettie levou uma

porção de pedras para a casa de Wilma. Embrulhou as pedras com seus próprios recados,

prendendo-os com elásticos de borracha. As notas diziam que aquele era o último aviso para

Wilma Jerzyck, E arremessou as pedras por todas as janelas do andar de baixo da casa dos

Jerzycks.

— Mãe de Deus! — Norris exclamou, não sem um pouco de admiração.

— Por volta das 10:30h, os Jerzycks saíram para a missa das 11. Depois da missa

almoçaram com os Pulaskis. Pete Jerzyck ficou para assistir ao jogo dos Patriotas com Jake

Pulaski, de maneira que não teria como sequer tentar acalmar Wilma, desta vez.

— E elas se encontraram na esquina por puro acidente? — Norris perguntou.

— Duvido muito. Acho que Wilma chegou em casa, viu o estrago, e desafiou Nettie.

— Como para um duelo, é o que está dizendo?

— Exatamente o que estou dizendo.

Norris assoviou, depois ficou em silêncio por alguns instantes, as mãos cruzadas na nuca,

olhos fitos na escuridão.

— Alan, por que temos que estar presentes a estas autópsias horríveis? — ele perguntou,

afinal.

— Protocolo, creio. — Alan disse, mas não era isto apenas... pelo menos, não para ele. Se

um caso lhe despertasse essa preocupação ou essa sensação de que havia algo de errado (como

acontecia agora), ele tentava ver alguma detalhe que o tirasse do ponto-morto e o

empurrasse

para uma marcha adiante. Uma luz no fim do túnel.

— Ora, então, já é hora de contratar um oficial de protocolo — Norris resmungou, e Alan

riu.

Por certo, não se sentia divertido intimamente, e não apenas porque o caso iria atingir Polly

em cheio nos próximos dias. Alguma coisa naquele caso não encaixava. Tudo parecia bem na

superfície, mas no âmago, onde os instintos permanecem vivos (algumas vezes, escondidos), a

teoria dos senhores da guerra de Marte fazia mais sentido. Pelo menos, para Alan.

Ora, vamos, você não demonstrou o caso para Norris, de A a Z, no espaço de tempo que

leva para se fumar um cigarro?

É. Era o que tinha feito. Isso era parte do problema. Será que duas mulheres, mesmo uma

delas tendo vários parafusos soltos e a outra sendo uma cobra venenosa, se encontram numa

esquina, e por motivos fúteis se cortam em pedaços, como se estivessem fora de si pelo efeito

de uma droga poderosa?

Alan não sabia. E , *porque* não sabia, jogou a ponta do cigarro fora, e começou novamente a

repassar todo o caso.

2

Para Alan, tinha começado com um telefonema de Andy Clutterbuck. Alan acabara de

desligar o jogo dos Patriotas/Jatos na televisão (os Patriotas já estavam perdendo por um

touchdown mais o ponto extra, e mais de três minutos já tinham se passado do segundo tempo

do jogo) e estava vestindo a jaqueta, quando o telefone tocou. Alan tinha a intenção de dar uma

chegadinha até Coisas Necessárias e ver se encontrava o sr. Gaunt. Era até possível, Alan

supunha, que encontrasse Polly na loja, afinal de contas. A chamada de Clut alterara todos os

seus planos.

Clut informou que ao voltar do almoço, tinha deparado com Eddie Warburton pendurado

ao telefone. Tinha havido algum rebuliço no “bairro das árvores” da cidade. Briga de mulheres

ou coisa parecida. Talvez fosse uma boa idéia, Eddie tinha dito, se Clut telefonasse ao xerife

informando a ocorrência.

— Mas por que, por tudo que há de mais sagrado, Eddie Warburton está atendendo o

telefone da delegacia de polícia?—Alan perguntou, muito irritado.

—Bem, como a Expedição estava vazia, ele achou —

— Ele conhece o procedimento tão bem quanto qualquer outra pessoa — quando

a

Expedição está vazia, é para deixar O Bastardo receber as chamadas que chegam.

— Não sei por que ele atendeu à chamada — Clut respondeu com mal contida

Impaciência. — Mas isto não importa. A segunda chamada sobre a ocorrência chegou há

quatro minutos, enquanto eu falava com Eddie. Uma senhora idosa, não consegui entender o

nome — ou ela estava nervosa demais para se identificar, ou não queria dizê-lo. Seja como for,

ela informou que tinha havido uma briga muito séria na esquina de Ford com Cipreste. Duas

mulheres envolvidas. A informante disse que elas portavam facas. Ela disse que as duas ainda

estão lá.

— Ainda brigando?

— Não... caíram, as duas. A briga terminou.

— Certo. — A cabeça de Alan começou a funcionar rapidamente, como um trem expresso

ganhando velocidade. — Registrou a chamada, Clut?

— Claro que sim.

— Muito bom. Seaton está de serviço esta tarde, não é? Mande-o para o local

imediatamente.

— Já mandei.

— Deus o abençoe. Agora, chame a policia estadual.

— Quer a Unidade de Investigação Criminal, a U.I.C.?

— Ainda não. Por enquanto, dê apenas o alerta quanto à situação. Vejo você lá, Clut.

E, ao chegar à cena do crime e entender a gravidade da situação, Alan passou um radio

para o Quartel de Oxford da polícia estadual e pediu que enviassem uma... duas UIC

imediatamente, se tivessem disponibilidade. A essa altura, Clut e Seaton Thomas, de braços

estendidos, já estavam postados na frente das duas mulheres caídas, pedindo aos circunstantes

que voltassem para casa. Norris chegou, olhou, e do porta-mala da viatura tirou um rolo de

faixas amarelas com a inscrição CENA DO CRIME — NÃO ULTRAPASSE. Havia uma

grossa camada de poeira sobre a fita, e Norris comentou com Alan, mais tarde, que nem sequer

tinha certeza de que ainda tinha qualquer aderência, de tão velha que era.

Ainda tinha, assim mesmo. Norris a colou ao redor dos troncos das árvores, formando um

amplo triângulo ao redor das duas mulheres que pareciam estar abraçadas ao pé do sinal de

trânsito. Os espectadores não voltaram para dentro de suas casas, mas recuaram até os seus

jardins gramados. Havia umas cinqüenta pessoas, e o número aumentava à

proporção em que

telefonemas eram feitos e os vizinhos acorriam para olhar a catástrofe, Andy Clutterbuck e

Seaton Thomas pareciam bastante sobressaltados, a ponto de puxarem suas armas e darem tiros

de alerta para o alto. Alan se solidarizava com a reação deles.

No estado do Maine, o Departamento de Investigação Criminal da Polícia Estadual é que

se encarrega das investigações de homicídio, e para a arraia-miúda (que é a quase totalidade da

polícia) a pior parte é a que vai do momento em que o crime é descoberto até a chegada do

D.I.C. A força policial local e a polícia montada sabem ambas muito bem que é nessa hora que

se quebra o que se convencionou chamar de "corrente de provas". E todos sabem, também, que

tudo o que fizerem nesse espaço de tempo será esmiuçado nos mínimos detalhes, pelos

zagueiros de segunda-feira — membros do Judiciário e do Ministério Público Estadual

(Promotoria) — que julgam que a arraia-miúda dos pequenos municípios, inclusive os rapazes

da capital, não passam de um bando de policiais incompetentes, de mãos gordurosas e dedos

desajeitados.

Por outro lado, aquela turma de espectadores silenciosos, de pé nos jardins, do

outro lado

da rua, pareciam bem macabros. Fizeram Alan lembrar-se dos zumbis de *O Despertar dos*

*Mortos.** [* Título original: Daum of the Devil (N. do E.)]

Pegou o alto-falante a bateria no banco traseiro de seu carro, e anunciou que gostaria que

todos fossem para dentro de casa, imediatamente. Obedeceram-no. Então, ele mentalmente

passou em revista o protocolo, e pelo rádio enviou uma mensagem para a Expedição da

delegacia. Sandra McMillan tinha vindo para ajudar nas tarefas. Não era segura como Sheila

Brigham, mas a cavalo dado não se olham os dentes... e Alan adivinhava que a ocorrência

acabaria por chegar aos ouvidos de Sheila dentro de pouco tempo. Se seu senso de dever

falhasse, a curiosidade faria com que viesse correndo.

Alan instruiu Sandy a achar o Dr. Ray Van Allen. Ray era o médico-legista esporádico de

Castle Rock — e também o juiz municipal de inquéritos de homicídio — e Alan queria que ele

estivesse presente quando o pessoal da Homicídios chegasse.

— Copiando 100%, xerife — Sandy informou, fazendo-se de importante. — Recebido alto

e claro.

Alan foi reunir-se aos seus policiais na cena do crime.

— Qual de vocês dois verificou a morte das duas mulheres?

Clut e Seaton Thomas se entreolharam, em surpresa nervosa, e Alan sentiu o coração

pesado. Um gol para os zagueiros de segunda-feira — ou... talvez, não. A primeira Unidade de

Investigação Criminal ainda não tinha chegado, embora ele já ouvisse as sirenes se

aproximando. Alan passou por baixo da faixa amarela e aproximou-se do poste do sinal de

trânsito, andando na ponta dos pés como um pequenino que se esgueira para fora de casa

depois do toque de recolher.

O sangue derramado formara poças, na maior parte entre as duas vítimas e no bueiro

entupido de folhas ao lado delas, mas um jorro frio de gotículas — como os rapazes do médico

legal chamavam o sangue espirrado — pontilhava a área ao redor delas formando um círculo

grosseiro. Alan ajoelhou-se bem junto à linha desse círculo, estendeu a mão, e descobriu que,

mantendo o braço bem esticado, conseguia alcançar os cadáveres — não alimentava dúvida de

que já não passavam disso — inclinando-se para a frente até o limite máximo de seu equilíbrio.

Voltou o rosto para Seat, Norris e Clut, que formavam um grupinho compacto, que o

contemplavam de olhos arregalados.

— Batam a minha fotografia — ele disse.

Clut e Seaton limitaram-se a fitá-lo, como se ele lhes tivesse dado uma ordem em sânscrito,

mas Norris correu para a limusine de Alan e procurou até encontrar a velha máquina Polaroid,

uma das duas que usavam para tirar fotografias de cenas de crimes. Na reunião da Comissão de

Desapropriações, Alan pretendia solicitar pelo menos mais uma máquina fotográfica, mas,

naquela tarde, a reunião da Comissão de Desapropriações parecia bem pouco importante.

Norris voltou correndo com a Polaroid, ajustou a lente e bateu a foto. O filme rodou.

— Melhor tirar mais uma, para termos certeza — Alan disse. — Tire dos corpos, também.

Não vou admitir que a rapaziada diga que quebramos a corrente de provas. Não vou mesmo.

— Sabia que sua voz tinha soado um tanto belicosa, mas nada havia que pudesse fazer a este

respeito.

Norris tirou outro instantâneo, documentando a posição de Alan fora do círculo de provas,

e a posição dos corpos caídos ao redor do sinaleiro. Alan, então, inclinou-se para frente, com

muita precaução, e pousou os dedos no pescoço ensanguentado da mulher no

topo. Não havia

pulso, é claro, mas, depois de um segundo, a pressão de seus dedos fez com que a cabeça se

deslocasse e virasse de lado, Alan reconheceu Nettie Cobb imediatamente, mas foi em Polly

que pensou.

Oh, meu Jesus!, ele pensou melancolicamente. Mecanicamente, procurou o pulso de

Wilma, apesar da machadinha enterrada fundo em seu crânio. A fronte e as laces estavam

salpicadas de sangue. Pareciam tatuagens pagãs.

Alan levantou-se e voltou ao ponto onde seus homens se encontravam reunidos, do outro

lado das faixas. Não conseguia parar de pensar em Polly, e sabia que isto era errado. Tinha que

tirá-la da cabeça, ou, sem dúvida, acabaria por estragar toda a investigação. Indagou-se se

algum dos espectadores já tinha conseguido identificar Nettie, Caso positivo, Polly ficaria

sabendo antes que ele pudesse telefonar para ela. Desejou desesperadamente que ela não viesse

para ver com seus próprios olhos.

Você não deve preocupar-se com isso, agora, *admoestou-se.* Pelo que parece, *você está*

lidando com um caso de duplo homicídio.

— Pegue o seu bloco de notas — ordenou a Norris. — Você foi eleito secretário

do clube.

— Meu Jesus, Alan, você sabe que minha caligrafia é horrível.

— Escreva.

Norris passou a Polaroid para Clut e tirou o bloco do bolso traseiro. Um bloquinho com

Multas de Trânsito, com seu nome carimbado no final de cada folha, veio junto e caiu no chão.

Norris abaixou-se, apanhou o bloco de multas, e tornou a enfiá-lo no bolso, distraidamente.

Quero que anote que a cabeça da mulher que está por cima, designada Vítima nº1, estava

apoiada no poste de sinalização. Desloquei-a inadvertidamente ao tentar sentir-lhe a pulsação.

Como é fácil falar no jargão policial , *Alan pensou*, quando carros viram “veículos",

malandros se tornam “elementos” e gente morta da cidade é chamada de “vítima designada”.

Jargão policial, a maravilhosa barreira corrediça de vidro.

Virou-se para Clut e disse-lhe que fotografasse a segunda configuração dos corpos,

sentindo-se extraordinariamente agradecido por ter feito Norris documentar a posição original

antes que ele chegasse a tocar nas mulheres.

Clut bateu a fotografia.

Alan virou-se para Norris.

— Quero que anote também que quando a cabeça da Vítima nº1 deslocou-se, pude

identificá-la como sendo Netitia Cobb.

Seaton assoviou. — Você está dizendo que é *Nettie?*

— Sim. 4 o que estou dizendo.

Norris escreveu a informação em seu bloco de anotações. Em seguida, perguntou:

— E o que vamos fazer agora, Alan?

— Esperar pela Unidade do Departamento de Investigação Criminal e tentar fazer boa

figura quando o pessoal chegar — Alan recomendou.

A Unidade de Investigação Criminal chegou menos de três minutos depois, em dois carros,

seguida por Ray Van Allen em seu velho calhambeque Subam Brat. Cinco minutos mais tarde,

a equipe de Identificação chegou ao local numa camioneta azul. Todos os membros da equipe

da polícia estadual, então, acenderam cigarros. Alan sabia que era o que fariam. Os cadáveres

eram frescos e estavam todos ao ar livre, mas o ritual dos cigarros era imutável.

A desagradável faina, conhecida no jargão policial como “*perícia*” começou. E prolongou-

se até depois do anoitecer. Alan tinha trabalhado com Henry Payton, chefe do Quartel de

Oxford (e, assim, era nominalmente encarregado do caso e da equipe da Unidade de

Investigação trabalhando nele), em várias ocasiões anteriores. Jamais notara em Henry o

menor sinal de imaginação. O homem era lerdo, mas um lerdo extremamente cuidadoso e

consciencioso. E foi por Henry ter sido designado para o caso que Alan sentiu-se à vontade

para escapulir e telefonar para Polly.

Ao retornar, as mãos das vítimas estavam sendo protegidas por sacos plásticos Ziploc de

um galão de capacidade. Wilma Jerzyck tinha perdido um de seus sapatos, e seu pé, dentro da

meia, mereceu o mesmo tratamento. A equipe de identificação entrou em ação e bateu quase

trezentas fotos. Mais oficiais da polícia estadual tinham chegado, a esta altura. Alguns se

ocuparam em manter afastado o povo que teimava em querer chegar mais perto novamente,

enquanto outros encaminhavam as equipes de televisão para o Edifício Municipal. Um

desenhista da força policial fez um rápido desenho num bloco quadriculado de Cenas de

Crimes.

Finalmente, cuidaram dos corpos das vítimas — exceto, isto é, por um último detalhe.

Payton entregou um par de luvas cirúrgicas e um saco plástico Ziploc.

— A machadinha ou o facão?

— Vou pegar a machadinha — Alan disse. Dos dois instrumentos, a machadinha era a

mais suja, já que fragmentos do cérebro de Wilma estavam colados a ela. Alan, entretanto, não

desejava tocar no corpo de Nettie. Gostava dela.

Depois de removidas as armas dos crimes, rotuladas, embaladas e enviadas para Augusta,

foi a vez de as duas equipes da U.I.C. se movimentarem pesquisando a área ao redor dos

corpos, que ainda permaneciam no abraço terminal com o sangue fazendo poças entre eles e

transformando-se numa substância semelhante a esmalte. Quando Ray Van Allen finalmente

autorizou sua remoção para a ambulância da Assistência Médica, a cena iluminou-se com os

holofotes dos carros de polícia e a primeira tarefa dos atendentes médicos foi desvencilhar

Wilma e Nettie.

E, durante todo esse tempo, a “fina flor” de Castle Rock ficou por ali, sentindo-se como os

nós de um tronco de madeira.

Henry Payton veio para perto de Alan; no meio-fio, durante a conclusão da coreografia

esquisitamente delicada, conhecida pelo nome de Investigação na Cena do Crime.

— Que jeito mais nojento de passar uma tarde de domingo — ele comentou.

Alan meneou a cabeça.

— Sinto muito que a cabeça tenha se deslocado quando a tocou. Falta de sorte.

Alan tornou a menear a cabeça.

— Mas, não creio que alguém crie qualquer problema para você por causa disso. Você tem

pelo menos um bom instantâneo da posição original. — Olhou na direção de Norris, que estava

conversando com Clut e com John LaPointe que acabara de chegar.

— Você tem muita sorte por aquele garotão ali não ter tampado a lente com o dedo.

— Ora, Norris é boa gente.

— Gelatina K-Y também é... no lugar certo. Seja como for, a coisa toda parece bastante

simples.

Alan concordou. Esse era o problema — era um fato que o atormentava, muito antes de ele

e Norris terminarem o seu turno naquela noite de domingo num beco ao lado do Hospital do

Vale de Kennebec. À coisa toda era, talvez, *simples demais.*

— Está pensando em assistir à festa do bisturi?

— Sim. O cirurgião vai ser Ryan.

— Foi o que me deram a entender.

— Pensei em levar Norris comigo. Os corpos vão primeiro para Oxford, certo?

— Uh — uhm. É onde eles vão dar entrada.

Se Norris e eu formos embora agora, poderemos estar em Augusta antes que Cheguem lá.

Henry Payton balançou a cabeça. — Por que não? Aqui está tudo certinho.

— Gostaria de mandar um de meus homens com cada equipe da U.I.C. Como

observadores. Tem alguma problema?

Payton ponderou.

— Não. Mas quem vai manter a ordem aqui? O Seat Thomas?

Alan sentiu uma reação repentina, ardente demais para que se lhe pudesse dar o nome de

simples irritação. Tinha sido um longo dia, tinha ouvido Henry menosprezar seus auxiliares

sem piedade... no entanto, precisava manter-se nas boas graças de Henry a fim de pegar uma

carona no que era, tecnicamente, um caso para a polícia estadual, e assim, manteve a língua

entre os dentes.

— Vamos lá, Henry. É noite de domingo. Até o Tigre Manso está fechado.

— Por que está fazendo tanta questão de acompanhar o caso, Alan? Há algum detalhe

estranho a respeito dele? Pelo que entendo, as duas mulheres não se toleravam, e já não era o

primeiro homicídio da que estava por cima da outra. Ninguém menos que o próprio marido.

— Alan pensou no assunto.

— Não — nenhum detalhe estranho. Pelo menos que eu saiba. É só que —

—Você ainda não aceitou.

— É mais ou menos por aí.

— Está bem. Contanto que seus homens se limitem a ouvir, nada mais.

Alan sorriu de mansinho. Pensou em confessar a Payton que se ele passasse instruções a

Clut e John LaPointe para que não fizessem perguntas, os dois provavelmente fariam

exatamente o contrário. Decidiu ficar em silêncio.

— Vão ficar caladinhos da silva — ele disse. — Pode ter certeza.

3

E, assim, lá estavam os dois, ele e Norris Ridgewick depois do domingo mais longo de que

podia lembrar-se. O dia, entretanto, guardava um detalhe em comum com as vidas de Nettie e

Wilma: acabara.

— Você estava pensando em se hospedar num hotelzinho de estrada para passar a noite?

— Norris indagou hesitante. Alan não precisava ter poderes de telepatia para adivinhar o que

ele estava pensando: adeus pescaria amanhã.

— Droga, não — Alan abaixou-se e apanhou a túnica que usara para manter a porta aberta.

— Vamos picar a mula.

— Ótima idéia! — Norris disse, e sua voz, pela primeira vez naquele dia, desde que o

encontrara na cena do crime, parecia alegre. Cinco minutos mais tarde, lá iam eles pela

Rodovia 43 a caminho de Castle Rock, os faróis da limusine oficial cavando buracos de luz na

escuridão sacudida pelo vento. Quando chegaram, já fazia quase três horas que era a

madrugada de segunda-feira.

4

Alan parou nos fundos do Edifício Municipal e saiu do carro. Sua camioneta estava

estacionada ao lado do Fusquinha bombardeado de Norris na extremidade do estacionamento.

—Você vai direto para casa? — perguntou a Norris.

Norris deu um sorrisinho desconcertado e baixou os olhos.

— Daqui a pouco vou estar à paisana.

— Norris, quantas vezes já recomendei que não se pode usar o toalete masculino como

vestiário?

— Ora vamos, Alan, não é sempre que faço isso. — Ambos sabiam, no entanto, que era

exatamente isso que ele fazia sempre.

— Alan suspirou. — Não tem importância. Foi um longo dia para você. Desculpe.

Norris deu de ombros.

— Era um crime de morte. Que só acontece por aqui de vez em quando. E,

quando

acontece, acho que todo mundo tenta manter algum controle.

— Peça a Sandra ou Sheila que preencha um formulário de hora-extra, se uma delas estiver

na delegacia.

—E dar ao Buster mais um motivo para me foder? — Norris sorriu em tom ligeiramente

amargo. — Acho que desta vez, eu passo. Fica por minha conta, Alan.

—Ele anda atrapalhando a sua vida? — Alan tinha se esquecido completamente do

presidente do Conselho Municipal nestes últimos dois dias.

— Não... mas ele me fuzila sempre que cruza comigo na rua. Se olhar matasse; eu estaria

morto, como Nettie e Wilma.

— Nesse caso, eu mesmo preencho a ficha de hora-extra amanhã de manhã.

— Se sair no seu nome, então está bem — e foi para a porta onde se lia APENAS

FUNCIONÁRIOS DO MUNICÍPIO. — Boa noite, Alan.

— Boa pescaria!

Norris entusiasmou-se num instante.

— Obrigado... você tinha que ver a vara que comprei lá na loja nova. Alan — é uma

beleza!

Alan sorriu.

— Aposto que sim. Estou sempre com a intenção de ir conhecer o tal sujeito — parece que

ele tem um objeto para cada pessoa da cidade, e, neste caso, por que não alguma coisa para

mim?

— Por que não? — Norris concordou. — Ele tem tudo quanto é tipo de coisa, mesmo.

Incrível!

— Boa noite, Norris. E, mais uma vez, obrigado.

— De nada. — Norris se mostrava abertamente feliz.

Alan entrou em seu automóvel, deu marcha à ré para sair do estacionamento e entrou na

Rua Principal. Automaticamente, vistoriou os prédios dos dois lados da rua, sem sequer dar-se

conta de seu exame... mas, ainda assim, arquivando todas as informações recolhidas. Um dos

detalhes que notou era o fato de que havia uma luz acesa no andar residencial de Coisas

Necessárias. Era extremamente tarde para a gente da cidade estar ainda acordada. Indagou-se

se o sr. Leland Gaunt seria dado a insônia, e mais uma vez fez um registro de que precisava

fazer essa visita — que podia esperar, ele calculou, até que se desse por satisfeito de que o

tristíssimo caso envolvendo Nettie e Wilma estava solucionado.

Chegou à esquina de Principal e Loureiro, fez sinal de dobrar à esquerda, freou

bem no

meio do cruzamento e dobrou à direita. Uma figa, que iria para casa. Era um lugar frio e

deserto, com o único filho que lhe restara morando em Cape Cod com um amigo. Muitas

portas fechadas atrás das quais se escondiam muitas lembranças, naquela casa. Do outro lado

da cidade, morava uma mulher viva que, neste instante, deveria estar precisando de alguém

desesperadamente. Quase tão desesperadamente quanto este homem aqui, vivo, precisava dela.

Cinco minutos depois, Alan desligou os faróis dianteiros e entrou devagar na entrada de carro

da casa de Polly. A porta estaria trancada, mas Alan sabia exatamente embaixo de qual

cantinho da escada da varanda ele deveria procurar.

5

— O que você ainda está fazendo por aqui, Sandy? — Norris perguntou ao entrar,

afrouxando o nó da gravata.

Sandra McMillan, uma loira desbotada que atuava como substituta da Expedição há quase

vinte anos, estava vestindo o casaco. Parecia exausta.

— Sheila tinha entradas para ver Bill Cosby em Portland — ela explicou a Norris. — Ela

disse que ficaria aqui, mas eu a convenci á ir — praticamente a expulsei daqui,

porta afora. Ora

bolas, quantas vezes Bill Cosby visita o Maine?

Quantas vezes duas mulheres decidem se fazer em pedaços por causa de um cachorrinho

que provavelmente veio do Abrigo de Animais de Castle Rock? *Norris pensou... mas não*

disse.

— Raramente, eu acho,

— Quase *nunca* — Sandy soltou um suspiro fundo.—Vou lhe contar um segredo: agora

que está tudo terminado, tomara que eu tivesse dito sim quando Sheila se ofereceu para ficar.

A noite foi *uma loucura!* Acho que todas as estações de TV no estado telefonaram pelo menos

nove vezes, e até às 11:00h, a delegacia parecia uma liquidação de véspera de Natal de

qualquer loja de departamentos.

— Muito bem, agora vá para casa. Tem minha permissão. Ligou O Bastardo?

O Bastardo era um equipamento que transferia as chamadas telefônicas para a casa de Alan

quando não havia um policial na Expedição. Se ninguém atendesse na casa de Alan depois de

quatro toques, O Bastardo entrava na linha e instruía o interlocutor a ligar para a polícia

estadual em Oxford. Era um sistema eletrônico inviável numa cidade grande, mas para Castle

Rock, que tinha a menor população de todos os 16 municípios do Maine, funcionava às mil

maravilhas.

— Está ligado.

— Bom. Tenho a impressão de que Alan talvez não vá direto para casa.

Sandy levantou as sobrancelhas, com ar de quem tinha entendido.

— Alguma notícia do tenente Payton? — Norris perguntou.

— Nem uma palavra — Sheila respondeu. — Norris, foi mesmo muito horrível isto é,

aquelas duas mulheres?

— Foi muito horrível, sim — ele concordou. Suas roupas civis estavam penduradas

cuidadosamente num cabide que ele mantinha preso pelo gancho ao puxador do arquivo.

Pegou o cabide e dirigiu-se ao toalete masculino. Era seu hábito, nestes últimos três anos,

trocar o uniforme por roupas civis e vice-versa, na própria delegacia, embora a troca de roupa

jamais tivesse acontecido em hora tão tardia como esta.

— Vá para casa, Sandy — eu tranco tudo quando terminar.

Empurrou a porta do banheiro e pendurou o cabide no topo da porta para o reservado do

sanitário. Estava desabotoando a camisa do uniforme quando ouviu uma leve batida à porta.

— Norris? — Sandy chamou.

— Acho que só estou eu aqui dentro — ele respondeu.

— Quase ia esquecendo... alguém deixou um presente para você. Está em cima da sua

mesa.

— Norris parou no ato de desafivelar o cinto. — Um presente? De quem?

— Sei lá... a delegacia parecia um hospício. Mas veio com cartão. E um laço. Você deve

ter alguma admiradora secreta.

— Minha admiradora é tão secreta que nem *eu mesmo* sei quem ela é — Norris disse,

sinceramente compungido. Tirou as calças e as colocou sobre a porta enquanto vestia a calça

jeans.

Do lado de fora, Sandy McMillan sorriu e havia um toquezinho de malícia no sorriso.

— O sr. Keeton passou por aqui, de noite — ela disse. —Quem sabe, foi *ele* quem deixou o

presente. Quem sabe uma oferenda de paz.

— Norris riu. — Só no dia de São Nunca.

— Bem, não se esqueça de me contar amanhã... estou morrendo de curiosidade. É um

embrulho muito bonito. Boa noite, Norris.

— Até amanhã.

Quem teria deixado um presente para mim? ele se perguntou, fechando o zíper da

braguilha.

6

Sandy foi embora, levantando a gola do casaco ao sair — a noite estava muito fria, o que a

fez lembrar que o inverno estava chegando. Cyndi Rose Martin, a mulher do advogado, era

uma das inúmeras pessoas que tinha avistado naquela noite — Cyndi Rose aparecera logo ao

escurecer. No entanto, nem passou pela cabeça de Sandy mencioná-la a Norris. Ele não

circulava no meio social e profissional mais sofisticado rins Martins. Cyndi Rose dissera que

estava à procura do marido, o que fazia certo sentido para Sandy (embora a noite tivesse sido

um corre-corre tão desgraçado que Sandy não ficaria surpreendida se a mulher tivesse dito que

estava à procura de Mikhail Baryshnikov), já que Albert Martin cuidava de alguns assuntos

judiciais da cidade.

Sandy informou-a que não tinha visto o sr. Martin naquela noite, mas Cyndi Rose, se

quisesse, podia ficar à vontade e verificar no 2º andar se ele estaria com o sr. Keeton. Cyndi

Rose respondera que talvez fizesse isso mesmo, já que tinha vindo. Àquela altura, a mesa

telefônica estava mais iluminada do que uma árvore de Natal, e Sandy não notou

quando

Cyndi Rose tirou de sua bolsa um pacote retangular, embrulhado em lustroso papel alumínio e

um laço de veludo azul e colocou-o sobre a escrivaninha de Norris. Seu rostinho bonito estava

iluminado por um sorriso, mas o sorriso em si não era bonito. Era, na verdade, um sorriso

cruel.

7

Norris ouviu a porta da frente bater e, vagamente, o motor do carro de Sandy dando

partida. Enfiou as fraldas da camisa para dentro da calça, e os pés para dentro dos mocassins, e

com muito cuidado pendurou o uniforme no cabide. Cheirou embaixo das mangas da camisa e

chegou à conclusão de que ainda não precisava mandá-la para a tinturaria. O que era muito

bom — centavo economizado, centavo a mais.

Ao sair do toalete, devolveu o cabide ao seu lugar no puxador do arquivo, onde não poderia

deixar de vê-lo ao sair. Isso *também* era bom, pois Alan ficava furioso como um urso quando

Norris deixava suas roupas espalhadas pela delegacia. Dizia que o lugar ficava parecendo uma

lavanderia automática.

Foi para sua mesa. Alguém, de fato, tinha deixado um presente para ele — uma

caixa

embrulhada em papel alumínio azul-claro com uma fita de veludo azul desabrochando na

tampa. Havia um envelope branco e quadrado preso pela fita. Muito curioso, Norris arrancou e

abriu o envelope. Dentro dele estava um cartão. Com letras maiúsculas datilografadas, havia

uma mensagem curta e enigmática:

!!!!!!APENAS UM LEMBRETE!!!!!!

Ele franziu o cenho. As únicas duas pessoas em quem conseguia pensar, que estavam

sempre lembrando-lhe alguma coisa, eram sua mãe e Alan... e sua mãe já estava morta há uns

cinco anos. Ele apanhou o embrulho, arrebentou a fita, e cuidadosamente deixou o laço de

lado. Em seguida, tirou o papel, e uma caixa branca de papelão surgiu. Tinha uns 35cm de

comprimento, por uns l0cm de largura e de profundidade. A tampa estava presa com fita

adesiva.

Norris arrebentou a fita adesiva e abriu a caixa. Havia uma camada de papel de seda sobre

o objeto acondicionado em seu interior, fina o suficiente para permitir que se vislumbrasse

uma superfície plana com veios altos correndo ao longo dessa superfície, mas não

suficientemente fina que lhe permitisse adivinhar que objeto era aquele.

Colocou a mão dentro da caixa para retirar o papel de seda e seu dedo indicador tocou uma

peça rígida — uma língua protuberante de metal. Um maxilar de aço pesado fechou-se sobre o

papel de seda e também sobre os três primeiros dedos de Norris Ridgewick. Ele gritou,

cambaleando para trás, agarrando seu pulso direito com a mão esquerda. A caixa branca de

papelão caiu no chão. O papel de seda farfalhou.

Oh, seu filho da puta, como *doía!* Agarrou o papel de seda, que ficara pendurado e o

arrancou. O que ficou à vista foi uma ratoeira. Alguém se dera ao trabalho de armá-la,

acondicioná-la numa caixa, colocar papel de seda por cima a fim de camuflá-la, e fazer um

bonito embrulho em papel metálico azul-claro. E agora ela prendia três dedos de sua mão

direita. Viu que a unha do seu dedo indicador tinha sido completamente arrancada; o que

restava era um crescente ensanguentado de carne viva.

— *Seu filho da puta!* — Norris gritou. Em meio à dor e choque que sentia, ele primeiro

bateu com a ratoeira na borda da mesa de John LaPointe ao invés de simplesmente levantar a

barra de aço. Tudo o que conseguiu foi bater com seus dedos feridos no canto de

metal da

mesa e sentir mais uma chicotada de dor subindo-lhe pelo braço. Tornou a gritar, e depois

levantou a barra de metal e a puxou para cima. Libertou seus dedos e deixou cair a ratoeira. A

barra de metal fechou-se novamente com um estalo quando a base de madeira da ratoeira

chocou-se com o chão.

Norris quedou-se trêmulo, por um momento, e em seguida foi correndo de volta ao toalete,

abriu a torneira de água fria com a mão esquerda, e deixou o jato de água cair sobre a direita.

Latejava como um dente do siso inflamado. Encolheu os lábios, numa careta de dor, vendo os

filetes de sangue descerem em redemoinho, e voltaram-lhe à memória as palavras de Sandy: *O*

sr. Keeton passou por aqui. Quem sabe uma oferenda de paz.

E o cartão: APENAS UM LEMBRETE.

Ah, tinha sido o Buster, por certo. Não nutria a mínima dúvida. Era exatamente o estilo de

Buster.

— Seu filho da puta! — Norris gemeu.

A água fria estava deixando seus dedos adormecidos, diminuindo o latejar lancinante. Ele

sabia que voltaria a doer antes que chegasse em casa. Uma aspirina talvez lhe trouxesse algum

alívio, mas achava que era melhor esquecer a idéia de uma boa noite de sono. E também, por

outro lado, não contar com a pescaria de amanhã.

Ah, sim, eu vou pescar amanhã — eu vou pescar mesmo que a minha mão fodida caia de

podre. Venho planejando a pescaria, sonhando com ela, e o tal de Danforth Fodido Buster

Keeton não vai me impedir.

Fechou a água e usou papel-toalha para enxugar delicadamente a mão machucada. Nenhum

dos dedos presos na ratoeira estava fraturado — pelo menos, era o que pensava — mas já

estavam começando a inchar, com ou sem água fria. A barra da ratoeira tinha deixado um

vergão arroxeado através dos dedos, entre a primeira e a segunda juntas. A carne viva, de onde

a unha tinha sido arrancada, porejava gotinhas de sangue, e o dolorido latejar estava

recomeçando.

Voltou para a sala e contemplou o artefato, no chão ao lado da mesa de John. Apanhou-o e

foi para a sua própria mesa. Recondicionou a ratoeira dentro da caixa, guardando-a na primeira

gaveta de sua escrivaninha. Pegou o frasco de aspirinas na gaveta inferior e despejou três

pílulas dentro da boca. Depois catou o papel de seda, o papel de alumínio, a fita

e o laço. Estes,

ele jogou na cesta de papéis, cobrindo tudo com bolas de papel usado.

Não tinha a menor intenção de contar a Alan ou quem mais fosse sobre a terrível peça de

que fora vítima, por parte de Buster. Eles não iriam caçoar dele, mas Norris sabia o que

estariam pensando... ou julgou que sabia: *Só mesmo o Norris Ridgewick para cair como um*

patinho numa dessas — enfiando a mão direto numa ratoeira armada, você acredita?

Deve ser alguma admiradora secreta... O sr. Keeton passou por aqui esta noite... talvez seja

uma oferenda de paz.

— Eu mesmo vou cuidar deste assunto — Norris disse em tom baixo e sombrio. Amparava

a mão ferida contra o peito. — A meu próprio modo, e a bom tempo.

E, subitamente, um novo e angustiante pensamento lhe ocorreu: e se Buster não se

contentasse apenas com a ratoeira, a qual, afinal de contas, poderia não ter funcionado? E se

ele resolvesse ir até a casa de Norris? A vara de pescar Bazun estava lá, e nem sequer estava

trancada — ele a deixara encostada num canto do barracão, ao lado da sua cesta de vime para

guardar o pescado.

E se tivesse chegado ao conhecimento de Buster, e ele tivesse decidido quebrar a

vara pela

metade?

Se ele fizer uma coisa dessas, *eu o quebro* pela metade — Norris exclamou em voz alta.

Falou, num rosnado baixo e zangado, que nem Henry Payton — nem qualquer um de seus

muitos colegas da força policial — teria reconhecido. Esqueceu-se completamente de trancar

tudo antes de ir embora. Tinha se esquecido, temporariamente, até mesmo da dor na mão. A

única coisa que importava era chegar logo em casa. Chegar em casa e assegurar-se de que a

vara de pescar ainda estava inteira.

8

A forma coberta pelos cobertores não se mexeu quando Alan entrou no quarto, e ele

chegou a pensar que ela dormia — provavelmente com o auxílio de um Percodan ao deitar-se.

Despiu-se silenciosamente, e deslizou para debaixo das cobertas, ao lado dela. Ao pousar a

cabeça no travesseiro viu que os olhos de Polly estavam abertos e o observavam. Levou um

susto momentâneo e fez um movimento brusco.

— Quem é o estranho que se aproxima deste leito virginal? — ela perguntou docemente.

— Apenas eu — ele respondeu, sorrindo levemente. —

— Minhas desculpas por tê-la acordado, gentil donzela.

— Eu estava acordada — Polly disse, passando os braços ao redor do pescoço de Alan. Ele

a abraçou pela cintura. Aquela sua quentura macia de cama, agradava-o — era como uma

fornalha sonolenta. Por um instante, sentiu um objeto rígido contra o peito e chegou quase a

registrar que Polly estava usando alguma coisa embaixo de sua camisola de algodão. E, em

seguida, a pequena peça mudou de posição, indo ficar entre seu seio esquerdo e a axila,

pendurada na correntinha de prata.

— Você está bem? — ele lhe perguntou.

Ela pressionou o lado do rosto contra a face dele, ainda abraçada a ele. Ele sentia as mãos

de Polly entrelaçadas atrás de sua nuca.

— Não — ela disse. O monossílabo escapou num soluço trêmulo, e ela começou a chorar.

Alan a amparou enquanto ela chorava, acariciando seus cabelos.

— Por que ela não me contou o que aquela mulher estava fazendo com ela, Alan? — Polly

perguntou, finalmente. Afastou-se um pouco dele. Os olhos de Alan já se haviam habituado à

escuridão e ele conseguiu enxergar o rosto dela — olhos escuros, cabelos escuros, e pele

branca.

— Não sei — ele respondeu.

— Se ela tivesse me contado, eu teria dado um jeito no assunto! Eu teria procurado

pessoalmente a tal de Wilma Jerzyck, e... e...

Não era o momento de revelar que Nettie, aparentemente, tinha enfrentado o jogo com

tanto vigor e crueldade quanto a própria Willma. Nem era o momento de revelar que chegava

uma hora em que as Netties do mundo — assim como as Wilmas, ele supunha — não podiam

mais ser consertadas. Chegava uma hora em que se tornavam irrecuperáveis.

— São 3:30h da madrugada — ele disse. — Não é um bom momento para discutirmos o

que poderia ou não poderia ter sido. Hesitou um instantinho antes de continuar falando. —

Segundo John LaPointe, Nettie contestou alguma coisa sobre Wilma com você hoje —

ontem.de manhã. O que foi?

— Polly pensou.

— Bem, não sei exatamente se era sobre Wilma — não naquele momento. Nettie me

trouxe uma lasanha. E minhas mãos... minhas mãos estavam muito doloridas. Ela notou

imediatamente. Nettie é — era — talvez fosse — *eu* não sei — um pouco vaga a respeito de

algumas coisas, só que eu não conseguia esconder nada dela.

— Ela adorava você — Alan disse gravemente, e suas palavras despertaram uma nova

crise de choro. He já sabia o resultado de antemão, assim como sabia que certas lágrimas

devem ser derramadas, a despeito da hora — e até que o sejam, elas simplesmente queimam e

esbravejam no íntimo de cada um.

Depois de algum tempo, Polly conseguiu continuar. Suas mãos voltaram a enlaçar a nuca

de Alan enquanto ela falava.

— Ela foi apanhar aquelas estúpidas luvas térmicas, só que, desta vez, elas realmente

aliviaram — seja como for, a presente crise parece ter terminado — e depois foi fazer café.

Perguntei-lhe se ela não tinha tarefas em sua própria casa e ela respondeu que não. Disse que

Raider estava montando guarda e acrescentou algo como "acho que ela vai me deixar em paz.

Não a tenho visto nem tido notícias dela, por isso acho que ela finalmente captou a

mensagem". Não foram estas palavras literais, Alan, mas o sentido era esse.

— A que horas ela chegou aqui?

— Aí pelas 10:15h. Talvez um pouco mais cedo ou mais tarde, mas pouca coisa. Por que,

Alan? Pode ter algum significado?

Ao deslizar para debaixo das cobertas, Alan julgara que dez segundos após

encostar a

cabeça no travesseiro estaria dormindo. Agora, estava completamente desperto e pensando

vertiginosamente.,

— Não — ele disse, depois de um momento. — Não creio que signifique alguma coisa,

exceto que Wilma estava presente nos pensamentos de Nettie.

— Não posso acreditar. Ela parecia tão melhor — muito melhor. Lembra-se de que eu

comentei que ela juntou coragem suficiente para ir a Coisas Necessárias, por sua própria

conta?

Lembro.

Ela o libertou e rolou agitada, até ficar deitada de costas. Alan ouviu um “*clique*” metálico

com o movimento dela, e mais uma vez não prestou atenção. Sua mente ainda estava revisando

o que Polly acabara de lhe contar, examinando todas as facetas, como um joalheiro estudando

uma gema suspeita.

— Tenho que tratar do enterro — Polly disse. — Nettie tem alguns parentes em Yarmouth

— poucos — que não ligaram para ela enquanto estava viva, e vão querer ligar ainda menos,

agora que ela morreu. De qualquer forma, tenho que lhes telefonar na parte da manhã. Será que

vou poder entrar na casa dela, Alan? Acho que ela devia ter um caderno de endereços.

— Eu a levo. Você não poderá retirar qualquer objeto, pelo menos até que o dr. Ryan

divulgue o resultado da autópsia, mas não vejo mal algum em deixar que você copie alguns

números de telefone.

— Muito obrigada.

Um pensamento súbito veio-lhe à mente.

— Polly, a que horas Nettie foi embora?

— Um quarto para as 11. Talvez já fossem 1lh. Acho que ela não chegou a ficar uma hora

inteira. Por quê?

— Nada, não — ele respondeu. Uma repentina centelha: se Nettie tivesse ficado bastante

tempo na casa de Polly, ela talvez não tivesse tido tempo de voltar para casa, encontrar seu

cachorro morto, catar as pedras, escreveras mensagens, prendê-las às pedras, ir até a casa de

Wilma, e quebrar todas as janelas. Mas, caso tivesse ido embora às 10:45h, teria tido mais de

duas horas livres. Tempo mais que suficiente.

— *Ora, Alan!* — a voz de falsa alegria, que usualmente se limitava a discutir o assunto de

Annie e Todd — elevou-se. *Como é que é? Está querendo pôr areia no seu próprio angu,*

cara?

E, Alan não sabia. E, havia algo mais que ele também não sabia — como Nettie, em

primeiro lugar, carregara aquela quantidade de pedras até a casa dos Jerzycks? Ela não tinha

carteira de motorista e não fazia a mínima idéia do que era dirigir um automóvel.

Corta essa, cara! a voz aconselhou. *Ela escreveu as mensagens na casa dela —*

provavelmente ali mesmo no hall *onde encontrou seu cachorro morto — e arranjou os*

elásticos de borracha na gaveta de sua própria cozinha. Ela não precisou *carregar as pedras*

— havia uma porção delas no quintal da casa da própria Wilma. Certo?

Certo. No entanto, ele não conseguia libertar-se da idéia de que as pedras tinham sido

trazidas já com as mensagens presas nelas. Não lhe ocorria uma razão concreta para a opinião,

mas era o que lhe parecia... o tipo de coisa que se pode esperar de uma criança, ou de alguém

com a *mentalidade* de uma criança.

Alguém como Nettie Cobb.

Desista... esqueça!

Assim mesmo, não era capaz.

Polly tocou-lhe a face.

— Estou tão contente que você tenha vindo, Alan. Deve ter sido um dia terrível para você

também.

— Já tive dias melhores, mas está tudo terminado. Você também precisa esquecer. Durma

um pouco. Amanhã você tem que tomar uma série de providências. Quer que eu vá pegar uma

pílula?

— Não, minhas mãos estão melhores, pelo menos isso. Alan... — Interrompeu-se, mas se

mexeu agitada embaixo dos cobertores.

— O quê?

— Nada, não — ela respondeu. — Não tem importância. Acho que *vou poder* dormir,

agora que você está aqui comigo. Boa noite.

— Boa noite, querida.

Ela rolou para longe dele, puxou as cobertas e ficou imóvel. Por um momento, ele recordou

o modo como ela o abraçara — a sensação das mão de Polly em sua nuca. Se ela fora capaz de

dobrar os dedos o suficiente para entrelaçá-los, então ela *estava* realmente melhor. Que coisa

boa — a melhor coisa que lhe tinha acontecido desde que Clut lhe telefonara durante o jogo de

futebol. Se ao menos as coisas *permanecessem* assim.

Polly sofria de um ligeiro desvio do septo, e por isso começou a roncar baixinho, um som

que Alan realmente achava agradável. Era bom compartilhar o leito com outra pessoa, uma

pessoa de verdade, que fazia ruídos de verdade... e, às vezes, roubava o cobertor. Ele sorriu no

escuro.

Depois, sua mente voltou-se novamente para os crimes e seu sorriso sumiu.

Acho que agora ela vai me deixar em paz. Não a tenho visto nem tido notícias dela. Por

isso, acho que ela finalmente captou a mensagem.

Não a tenho visto nem tido notícias dela.

Acho que finalmente captou, a mensagem.

Um caso assim não precisava de solução; até mesmo Seat Thomas poderia ter contado

exatamente o que tinha acontecido, bastando para isso lançar um único olhar, através de suas

lentes multifocais, para a cena do crime. No lugar de pistolas ao amanhecer, tinham usado

utensílios de cozinha, mas o resultado era o mesmo; dois cadáveres na morgue do H.V.K.,

ambos com incisões em Y nas autópsias. O único problema era o porquê da coisa. Ele tivera

algumas perguntas, algumas vagas inquietudes, que sem dúvida se dissipariam antes que Nettie

e Wilma descansassem em campo santo.

Neste momento, suas inquietudes eram mais urgentes, e algumas delas

(acho que ela finalmente captou a mensagem)

tinham nome.

Para Alan, um processo criminal era como um jardim rodeado por altos muros. Para entrar,

era necessário achar o portão. Por vezes, havia vários portões, mas sua experiência anterior

indicava que sempre havia pelo menos um - claro que sim. Caso contrário, como o jardineiro

poderia ter entrado, logo de início, para fazer a semeadura? Poderia ser largo, com uma seta

indicando sua posição e uma placa de neon piscando ENTRADA, ou poderia ser muito estreito

e escondido sob a hera, de forma que era preciso procurá-lo com atenção durante algum tempo

até encontrá-lo: Mas, o portão estava sempre em algum lugar, e se fosse procurado durante

tempo suficiente, sem temor de que surgissem algumas bolhas nas palmas das mãos de tanto

afastar o mato, ele acabaria por ser encontrado.

Às vezes, o portão era uma prova qualquer achada na cena do crime. De outras, era uma

testemunha. Por vezes, era pura dedução com base em lógica e eventos. As deduções que

fizera até o momento, com relação ao caso, eram: um, que Wilma vinha adotando um

comportamento de agressão e perseguição; dois, que desta vez, ela havia

escolhido a vítima

errada para seus joguinhos de crueldade mental; três, que Nettie sofrerá um colapso igual ao

que a levara a assassinar seu marido. Mas...

Não a tenho visto, nem tido notícias dela...

Se Nettie de fato dissera isto, o que teria mudado tanto? Quantas deduções poderiam ser

tiradas de uma simples frase, como coelhos de uma cartola de mágico? Alan não sabia.

Fitou a escuridão do quarto de Polly e se indagou se, afinal de contas, ele teria encontrado

o portão.

Talvez Polly não tivesse escutado bem as palavras de Nettie.

Tecnicamente, era possível, só que Alan não acreditava nisso. As atitudes de Nettie, pelo

menos até um certo ponto, corroboravam o que Polly dizia ter ouvido. Nettie não comparecera

ao trabalho na sexta-feira, na casa de Polly —com a desculpa de que estava doente. Talvez

estivesse mesmo, ou talvez fosse apenas medo de Wilma. Fazia sentido — através de Pete

Jerzyck, tinham ficado sabendo do ato vândalo com seus lençóis, e que tinha feito no mínimo

um telefonema ameaçador para Nettie. Talvez tivesse feito outros, no dia seguinte, que Pete

ignorava. Mas, na manhã de domingo, Nettie visitara Polly trazendo uma lasanha

de presente.

Teria agido assim, se Wilma ainda estivesse botando lenha na fogueira? Alan achava que não.

Depois, havia o problema das pedras que tinham sido lançadas contra as janelas de Wilma.

A mensagem era idêntica em cada pedra: EU PREVENI QUE ME DEIXASSE EM PAZ.

ESTE É O ÚLTIMO AVISO. Um aviso, normalmente, transmite a idéia de que a pessoa que

está sendo avisada teria tempo para alterar sua atitude, mas o tempo se esgotara para Nettie e

Wilma. Encontraram-se na esquina da rua apenas duas horas depois de as pedras terem sido

arremessadas.

Alan supunha que talvez encontrasse uma explicação, se fosse necessário. Ao encontrar seu

cachorro morto, Nettie teria ficado furiosa. Wilma idem, ao chegarem casa e deparar com os

estragos. Bastaria um único telefonema para acender o rastilho. E uma das duas mulheres

fizera esse telefonema... e o barril de pólvora explodira.

Alan virou-se de lado, desejando que ainda fosse como nos velhos tempos, quando se podia

obter o registro das chamadas telefônicas locais. Se fosse capaz de documentar o fato de que

Wilma e Nettie tinham se falado antes do encontro final, sentir-se-ia muito

melhor. Ainda

assim — digamos que aquela chamada telefônica tinha sido feita. Isto ainda não explicava as

mensagens em si.

Ele pensou: deve ter sido assim, Nettie volta da casa de Polly e encontra seu cachorro

morto no chão do vestíbulo. Lê a mensagem presa no saca-rolhas. Em seguida, escreve a sua

mensagem, idêntica, em 14 ou 16 pedaços de papel que guarda no bolso do casaco. Também

apanha um punhado de elásticos de borracha. Ao chegar à casa de Wilma, ela vai para o

quintal. Empilha 14 ou 16 pedras e usa os elásticos para prender as mensagens: Ela deve ter

feito isto antes de atirar *qualquer* pedra — teria levado tempo demais se no meio da fuzarca ela

tivesse que parar para apanhar mais pedras e prender mais mensagens. E quando dá o trabalho

por terminado, volta para casa para lamentar mais um pouco a morte do seu cachorrinho.

Parecia tudo errado para Alan.

Realmente, uma droga.

Pressupunha uma corrente de pensamentos e ações que simplesmente não se enquadrava

com o que ele sabia a respeito de Nettie Cobb. O assassinato de seu marido tinha sido o

resultado final de longos ciclos de agressão, mas o crime em si tinha sido cometido num

impulso por uma mulher cuja sanidade estava em frangalhos. Se os registros do caso, nos

velhos arquivos de George Bannerman diziam a verdade, Nettie não tinha escrito uma única

nota de aviso prévio, para Albion Cobb.

O que lhe parecia certo era muito mais simples. Nettie volta da casa de Polly. Encontra o

cãozinho morto no vestíbulo. Apanha uma machadinha na gaveta da cozinha e vai para a rua

com a intenção de se servir de um bom pedaço de toucinho polonês.

Mas, se era este o caso, quem teria quebrado as vidraças de Wilma Jerzyck?

— Ainda por cima, os horários estão tão *esquisitos* — ele resmungou, e virou para o outro

lado, muito agitado.

John LaPointe tinha acompanhado a equipe da U.I.C. que passara toda a tarde e a noite de

domingo rastreando os movimentos de Nettie — todos os que havia para serem rastreados. Ela

fora até a casa de Polly levando a lasanha. Disse a Polly que provavelmente passaria pela nova

loja, Coisas Necessárias, no caminho de casa, para trocar duas palavras com Leland Gaunt, o

proprietário, caso ele estivesse na loja — Polly disse que o sr. Gaunt a convidara para olhar

uma peça naquela tarde e Nettie ficou de dizer ao sr. Gaunt que Polly provavelmente

apareceria, embora estivesse sofrendo muito com suas mãos.

Se Nettie *tivesse* ido até Coisas Necessárias se Nettie *tivesse* passado algum tempo na loja

— olhando, conversando com o proprietário, que todo mundo na cidade achava tão fascinante,

e a quem Alan continuava sem conhecer — então a abertura de oportunidade para Nettie

quebrar as vidraças ia por água abaixo, o que reabria a possibilidade de um vândalo misterioso.

Mas, não. A loja estivera fechada. Gaunt afirmara tanto a Polly, que de fato aparecera na loja

mais tarde, e aos rapazes da U.I.C. que não tinha visto Nettie, nem sombra dela, desde o dia em

que ela viera e comprara o abajur de opalina. Seja como for, ele havia passado a manhã no

quarto dos fundos, ouvindo música clássica e catalogando peças. Se alguém tivesse batido,

provavelmente ele não teria ouvido. Assim, Nettie devia ter ido direto para casa, o que lhe

dava tempo suficiente para perpetrar todos aqueles atos de que Alan não a julgaria capaz.

A abertura de possibilidade para Wilma Jerzyck era ainda mais estreita. O marido possuía

algumas ferramentas de carpintaria no porão; e se distraíra por lá durante toda a manhã de

domingo, desde as 8:00h até as 10:30h. Viu que estava ficando tarde, ele declarou, por isso

desligara os aparelhos elétricos e subira a fim de se aprontar para a missa das 11h. Wilma, ele

declarou, estava no chuveiro, quando ele entrou no quarto, e Alan não via motivo para duvidar

do testemunho do recém-viúvo.

Deve ter acontecido assim: Wilma sai às 9:35 ou 9:40h para passar pela frente da casa de

Nettie. Pete está no porão, construindo gaiolas ou o que seja, e nem sequer nota que ela saiu.

Wilma se aproxima da casa de Nettie às 9:45h — poucos minutos depois da saída de Nettie

para a casa de Polly — e vê a porta aberta. Para Wilma, equivale a um convite filetado a ouro.

Ela estaciona, entra, mata o cachorro e escreve a mensagem num impulso, e vai embora.

Nenhum dos vizinhos se recorda de ter visto o Yugo amarelo-cheguei de Wilma —

inconveniente, mas nem por isso uma prova de que o carrinho não esteve por lá. A maioria dos

vizinhos estava fora, de qualquer forma, ou na igreja ou para visitas fora da cidade.

Wilma volta para casa, sobe, enquanto Pete está desligando a plaina elétrica ou a serra, ou

o que seja, e se despe. Quando Pete entra no quarto principal, para tirar a serragem das mãos

antes de se enfiar em temo e gravata, Wilma acaba de abrir o chuveiro; na verdade, metade de

seu corpo ainda deve estar seco.

Pete Jerzyck encontrar sua esposa no chuveiro era o único detalhe naquela confusão toda

que fazia perfeito sentido para Alan. O saca-rolhas usado para matar o cão era arma

suficientemente letal, mas curta. Ela teria necessidade de lavar manchas de sangue nas mãos e

braços.

Wilma deixa de ver Nettie, por um pouquinho, de um lado, e deixa de ver o marido, por um

fio, de outro lado. Será possível? Por pouco, muito pouco, pouco mesmo, mas *era* possível.

Portanto, Alan, desista. Desista e vá dormir.

Só que ainda não conseguia, porque ficava remoendo. Remoendo fundo.

Alan virou-se de peito para cima, novamente. Ouviu o relógio, no andar térreo, batendo

suavemente as 4 horas. Isto não o levava a parte alguma, mas não conseguia tirar o caso da

cabeça.

Tentou imaginar Nettie, pacientemente sentada à mesa da cozinha, escrevendo ESTE É O

ÚLTIMO AVISO, vezes e vezes sem conta, com seu adorado cãozinho morto a menos de 7m

de distância. Não conseguiu, embora tentasse. O que pensara ser o portão para

este jardim em

particular, parecia-lhe cada vez mais ser a pintura de um portão no muro alto e contínuo. Um

trompe l'oeil.

Teria Nettie ido até a casa de Wilma na Rua do Cipreste e quebrado todas as vidraças? Não

sabia, mas *sabia* que Nettie Cobb ainda era figura de interesse em Castle Rock... aquela louca

que assassinou o marido e depois ficou todos aqueles anos em Juniper Hill. Nas raras ocasiões

em que ela se desviava do seu curso rotineiro, fazia-se notar. Caso tivesse marchado para a

Rua do Cipreste no domingo de manhã — talvez resmungando para consigo mesma enquanto

andava, e chorando, quase com certeza — ela teria sido vista. De amanhã em diante, Alan

bateria de porta em porta no percurso entre as duas casas, fazendo perguntas.

Finalmente, foi caindo no sono. A imagem que o acompanhou era de uma pilha de pedras

com um pedaço de papel preso a cada uma. E ele tornou a pensar: *se Nettie não atirou aquelas*

pedras, então... quem foi?

9

À proporção em que as horas mortas da madrugada rastejavam para a aurora e para o início

de uma nova e interessante semana, um jovem chamado Ricky Bissonette surgiu

do meio da

sebe que circundava o presbitério da Igreja Batista. Naquela casa, em que não havia um único

objeto fora do lugar, o reverendo William Rose dormia o sono dos justos e honrados.

Ricky, 19 anos de idade, e cabeça oca, trabalhava na Sonny's Sunoco. Já havia tempo que

estava fechada, e ele dera um jeito de ficar ali pelo escritório, esperando até que se fizesse bem

tarde (ou bem cedo) para pregar uma pequena peça no rev. Rose. Na tarde de sexta-feira,

Ricky tinha ido até a nova loja, e entabulado uma conversa com o proprietário, que era um

velhote bastante interessante. Conversa vai, conversa vem, a certa altura Ricky deu-se conta de

que estava revelando ao sr. Gaunt o seu desejo mais profundo e secreto. Mencionou o nome de

uma jovem atriz-modelo — uma atriz-modelo *muito jovem* — e confessou ao sr. Gaunt que

daria qualquer coisa por algumas fotografias da mocinha sem roupa nenhuma.

— Sabe, creio que tenho algo que poderia interessar você — o sr. Gaunt tinha dito. Lançou

um olhar ao redor da loja a fim de certificar-se de que estava vazia, depois foi até a porta e

virou a tabuleta que dizia ABERTA para o lado que dizia FECHADA. Voltou ao seu posto ao

lado da caixa registradora, remexeu embaixo do balcão e endireitou- se trazendo um envelope

pardo sem marcas.

— Dê uma olhada nisto aqui, sr. Bissonette — disse o sr. Gaunt dando, então, uma

piscadela bastante libidinosa de homem do mundo. — Acho que vai ficar perplexo. Talvez até

pasmo!

Estonteado teria sido um termo mais apropriado. Era a atriz-modelo por quem Ricky nutria

aquele desejo avassalador — *tinha que ser* — em poses que não eram simplesmente nus. Em

algumas das fotos, um ator muito conhecido estava com ela. Em outras, ela estava com *dois*

atores muito conhecidos, um deles com idade para ser seu avô. E, em outras, ainda —

Antes, porém, que ele visse qualquer outra (e parecia haver umas cinqüenta delas, ou mais,

todas fotos coloridas e lustrosas, em 20 x 25cm), o sr. Gaunt as arrebatou de suas mãos.

— Aquele era... — Ricky engoliu em seco, mencionando um nome muito conhecido dos

leitores de lustrosos tabloides de mexericos e espectadores de lustrosos programas de

entrevistas.

— Oh, não — disse o sr. Gaunt, enquanto seus olhos cor de jade diziam oh, sim.

— Tenho

certeza de que não pode ser... mas, a semelhança é *notável*, não é? A venda deste tipo de

fotografias é ilegal, como você sabe — mesmo sem levar em conta o conteúdo sexual delas —

mas, mesmo assim, eu talvez me deixasse persuadir a negociá-las, sr. Bissonette. A febre que

corre em minhas veias não é malária, é comércio. Então! Vamos negociar?

E negociaram. No final das contas, Ricky acabou comprando 72 fotos pornográficas por

US$ 36.00... mais pregar aquela peça.

Correu pelo gramado do presbitério curvado até a cintura, abrigou-se na sombra da varanda

por um momento a fim de certificar-se de que não estava sendo observado, e subiu a escada.

Do bolso traseiro tirou um envelope branco, abriu a tampa da caixa de correspondência e

deixou cair o envelope. Com as pontas dos dedos tornou a fechar devagarinho a tampa para

que não batesse fazendo ruído. Em seguida, pulou pela grade da varanda e correu lesto pelo

gramado. Tinha grandes planos para as duas ou três horas escuras que ainda restavam desta

madrugada de segunda-feira — e seus planos envolviam 72 fotografias e um vidro grande de

loção para mãos Jergens.

Como uma borboleta branca, o cartão flutuou da abertura da caixa de correspondência até a

passadeira desbotada no vestíbulo do presbitério. Aterrissou com o lado que continha a

mensagem para cima:

Como vai seu Batista bicha e burro.

É melhor você Deichar de falar Contra a nossa Noite no Casino. Nossa intensão é nos

divertirmos, não vamos maguar Você. De qualquer jeito, um grupo de nós, Católicos Fiel,

estamos cançados da sua Besteirada Batista. Nós sabemos que vocês batistas são uma Corja de

lambe-cus. Agora, é melhor Você prestar atensão a ISTO, reverendo Barcaça Willy. Se você

não manter sua Cara de Bunda longe de nossas Atividades, nós vamos esfregar Merda na sua

Cara e na cara da Sua Corja, que vocês vão *Feder para Todo o Sempre!*

Deixe-nos em paz, seu Batista Bicha e Burro, OU VAI SE ARREPENDER SEU FILHO DA

MÃE. “Apenas um aviso” dos

HOMENS CATÓLICOS DEVOTADOS

DE CASTLE ROCK

O rev. Rose encontrou a mensagem quando desceu de roupão para pegar o jornal matutino.

Será talvez mais fácil imaginar do que descrever a sua reação.

10

Leland Gaunt estava de pé, à janela do aposento da frente do andar superior de Coisas

Necessárias, com as mãos cruzadas nas costas, contemplando a cidade de Castle Rock.

O apartamento de quatro cômodos às suas costas teria feito as sobrancelhas em Castle

Rock se altearem, pois estavam vazios — completamente vazios. Nem uma cama, nem um

aparelho, nem uma única cadeira. Os anuários embutidos tinham as portas abertas e estavam

vazios. Alguns panos de pó estavam jogados nos assoalhos virgens de tapetes, numa leve

corrente de ar que soprava à altura dos tornozelos. A única peça de decoração era, literalmente,

a roupagem das janelas: cortinas xadrez, feitas a mão. E as cortinas eram, na verdade, as únicas

peças que importavam porque eram as únicas que podiam ser vistas da rua.

A cidade estava adormecida naquela hora. As lojas estavam apagadas, as casas estavam

apagadas, e o único movimento na Rua Principal era o pisca-pisca no cruzamento da Principal

com a do Moinho, acendendo e apagando em batidas amarelas e sonolentas. Contemplou a

cidade com olhar amoroso. A cidade ainda não era sua, mas não tardaria a ser. Já possuía

algum direito sobre ela. Eles ainda não sabiam... mas ficariam sabendo. Ficariam, sim.

A abertura tinha saído muito, muito a contento.

Um eletricista da alma humana, era assim que o sr. Gaunt se julgava. Numa cidadezinha

como Castle Rock, todas as caixas de fusíveis ficavam enfileiradas, ordenadamente lado a

lado. O que tinha a fazer era abrir essas caixas...e começar a cruzar os fios. Conectava Wilma

Jerzyck e Nettie Cobb, usando fios de outras caixas de fusíveis — as de um menininho como

Brian Rusk e as de um sujeito alcoólatra como Hugh Priest, digamos. E conectava outras

pessoas, da mesma maneira, um Buster Keeton a um Norris Ridgewick, um Frank Jewett a um

George Nelson, uma Sally Ratcliffe a um Lester Pratt.

A certa altura, testava-se uma dessas fabulosas conexões, apenas para ter certeza de que

tudo estava funcionando bem — como tinha feito hoje — e, então, ficava na moita e dava uma

descarga elétrica nos circuitos apenas para manter as coisas em movimento. Não deixar as

coisas esfriarem. Mas, principalmente, ficava na moita. E, então, derramava o caldo.

Todo o caldo.

Todo de uma só vez.

Tudo o que era necessário era um certo conhecimento da natureza humana e —

- Claro, *realmente* é apenas uma questão de oferta e procura — Leland Gaunt filosofou

enquanto contemplava a cidade adormecida.

E, por quê? Ora... realmente, só porque sim. Só porque sim.

As pessoas sempre pensavam em termos de almas, e, obviamente, ele levaria tantas quantas

pudesse quando fechasse a loja — pois, para Leland Gaunt significavam o mesmo que troféus

de caça significam para um caçador, e peixes empalhados para pescadores. Atualmente, eram-

lhe de pouca valia para qualquer propósito prático; ele, porém, a despeito do que pudesse dizer,

arrebanharia quantas pudesse. Fazer por menos, seria não seguir as regras do jogo.

No entanto, não eram as almas, mas principalmente a diversão o que o empurrava para

diante. Pura diversão. Era a única razão que importava, passado algum tempo, pois quando os

anos se alongavam, cada um procurava sua diversão em qualquer lugar onde a encontrasse.

O sr. Gaunt descruzou as mãos — aquelas mãos que causavam repulsa a quem, por

infelicidade, sentisse o seu crepitante contato — e as apertou, a mão direita apertando a

esquerda, em punho fechado, os nós da mão esquerda pressionando a palma da

direita. Suas

unhas eram longas, grossas e amarelas. Eram também pontiagudas, e depois de um ou dois

minutos enterraram-se na pele da mão tirando um filete de sangue preto avermelhado.

Brian Rusk gritou em seu sono.

Myra Evans enfiou as mãos entre as pernas e começou a masturbar-se furiosamente — em

seu sonho, O Rei fazia amor com ela.

Danforth Keeton sonhou que estava esticado no meio da pista do Hipódromo de Lewiston,

e cobriu o rosto com as mãos quando viu os cavalos se aproximarem em tropel.

Sally Ratcliffe sonhou que abria a porta do Mustang de Lester Pratt para descobrir que o

carro estava cheio de cobras.

Hugh Priest berrou até acordar de um sonho no qual Henry Beaufort, o garçom do Tigre

Manso, derramava fluido de isqueiro sobre sua cauda de raposa e ateava fogo.

Everett Frankel, o médico assistente de Ray Van Allen, sonhou que punha o cachimbo

novo na boca apenas para descobrir que o cabo tinha se transformado numa navalha que

cortara fora sua própria língua.

Polly Chalmers pôs-se a gemer baixinho, e dentro da bolinha de prata que trazia ao pescoço

algo acordou e se mexeu com um farfalhar de pequenas asas poeirentas. E trescalava um leve e

sufocado aroma... como um tremor de violetas.

Lentamente, Leland Gaunt afrouxou os punhos. Seus dentes grandes e tortos se mostraram

num sorriso que era ao mesmo tempo muito alegre e terrivelmente assustador. Sobre Castle

Rock, os sonhos se desvaneceram e os que dormiam voltaram a ter sonos tranquilos.

Por enquanto.

Logo o sol surgiria. E pouco depois, um novo dia começaria, com todas as suas surpresas e

maravilhas. Achava que chegara a hora de empregar um assistente... não que esse assistente

fosse imune aos mecanismos que pusera em movimento. Céus, não!

Isso tiraria toda a graça da coisa.

Leland Gaunt permaneceu à janela e contemplou a cidade a seus pés, espalhada, indefesa,

naquela deliciosa escuridão.

Segurnda
Parte
A venda do Século

CAPÍTULO DOZE

1

A SEGUNDA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO, comemoração do Descobrimento da América,

amanheceu com tempo bom e quente em Castle Rock. Os habitantes reclamavam do calor, e

quando formavam grupinhos — no Edifício Municipal, na Nan's Lanchonete, ou nos bancos

da praça em frente à Prefeitura — comentavam entre si que aquele calor era anormal;

resultado, provavelmente, daqueles incêndios dos poços de petróleo do Kuwait, diziam, ou

talvez devido ao tal buraco na camada de ozônio sobre o qual a televisão, a toda hora, fazia

aquele bláblábláblá todo. Os mais velhos declaravam que nunca, quando *eles* eram jovens, fazia

22°C, às 7:00h da manhã, durante a segunda quinzena de outubro.

Não era verdade, claro, e quase todos (se não todos) sabiam disso; a cada dois ou três anos,

podia-se contar com um veranico de outubro um pouco exagerado, em que durante quatro ou

cinco dias a temperatura era de pleno verão. Então, certa manhã, acordava-se com aquela

sensação de um dia frio no verão, e, ao se olhar para fora, topava-se com o gramado duro de

geada e duas ou três lufadas de neve dançando no ar frio. Todos sabiam disso, mas o tempo,

como assunto de conversa, era simplesmente incomparável para permitir que a realidade dos

fatos estragasse os comentários. Ninguém queria discutir — discussões jamais eram uma boa

idéia quando o tempo se tornava inoportunamente quente. A tendência era as pessoas ficarem

mal-humoradas, e se Castle Rock precisasse de um bom exemplo do que pode acontecer

quando duas pessoas se zangam de fato, bastaria olhar na direção do cruzamento das Ruas do

Cipreste com Ford.

— Aquelas duas pediram... — Lenny Partridge, o mais antigo morador da cidade e

fofoqueiro-mor, opinou, parado nos degraus do Fórum que tomava a ala oeste do Edifício

Municipal. — Eram duas doidas varridas, completamente desvairadas. A tal da Nettie Cobb

enfiou um garfo de trinchar no pescoço do marido, sabiam? — Lenny puxou os suspensórios

que prendiam suas calças largas. — Sangrou-o como um porco, foi o que ela fez. Que calor!

Mulheres malucas! — Olhou para o céu e acrescentou. — Com o calor que está fazendo, vai

haver mais briga. Já sei como é. A primeira coisa que o xerife Pangborn deveria fazer era dar

ordem ao Henry Beaufort para manter o Tigre Manso fechado até que o tempo volte ao

normal.

— Tudo bem comigo — Charlie Fortin interveio. — Posso tomar minha cervejinha em

Hemphill por um ou dois dias, e meus drinques em casa.

Com isso, ganhou as risadas dos homens que formavam um grupo espalhado ao redor de

Lenny, e uma careta furiosa do próprio sr. Partridge. O grupo se desfez. Feriado ou não, quase

todos tinham que trabalhar. Alguns caminhões desengonçados, de transporte de madeira, já

estavam deixando a porta da Nan's, com destino a Sweden e Nodd's Ridge para operações de

carregamento de toras, saindo pelo lago do Castelo.

2

Danforth "Buster" Keeton estava sentado em seu estúdio, vestido apenas de cueca. E a

cueca estava úmida. Desde a noite de domingo, depois de uma rápida ida ao Edifício

Municipal, ele não saíra mais do estúdio. Apanhara a pasta da Secretaria Fiscal e a trouxera

para casa. O presidente do Conselho Municipal de Castle Rock, estava, pela terceira vez,

lubrificando o seu revólver. A certa altura naquela manhã, achou que deveria carregar a arma.

Então, pretendia matar sua mulher. Então, pretendia ir ao Edifício Municipal, procurar aquele

filho da mãe do Ridgewick (não tinha a menor noção de que hoje era dia de folga dele) e *matá-*

lo. E, no fim de tudo, pretendia trancar-se no escritório e matar-se. Tinha chegado à conclusão

de que a única maneira de escapar definitivamente de seus Perseguidores, seria tomando essas

providências. Tinha sido um tolo em pensar de outro modo. Nem mesmo um jogo de tabuleiro

que por um passe de mágica indicava os cavalos vencedores poderia afastá-los. Oh, não! Tinha

aprendido essa lição no domingo, ao voltar para casa e encontrar aquelas terríveis fichas cor-

de-rosa espalhadas pela casa toda.

O telefone na escrivaninha tocou. Sobressaltado, Keeton apertou o gatilho do Colt. Ouviu-

se um estalido seco. Se a arma estivesse carregada, o projétil teria atravessado a porta do

estúdio.

Levantou o fone.

— Será que vocês não conseguem me deixar em paz um pouquinho? — de berrou zangado.

A voz tranquila que lhe respondeu calou-o instantaneamente. Era a voz do sr. Gaunt, e

derramou-se sobre a alma atormentada de Keeton como um bálsamo perfumado.

— Teve sorte com o brinquedo que lhe vendi, sr. Keeton?

— Deu certo! — Keeton respondeu. Sua voz soava delirante. Esqueceu-se, pelo menos por

um instante, de que estivera a planejar uma exaustiva manhã de crimes e suicídio.

— Por Deus, ganhei em todos os páreos!

— Ora, isto é ótimo! — disse o sr. Gaunt calorosamente.

— O rosto de Keeton anuviou-se de novo. A voz desceu a quase um murmúrio.

— Então... ontem... quando cheguei em casa... — e não conseguiu continuar. Um momento

depois descobriu — com grande surpresa, e ainda maior prazer — que não precisava continuar.

— Descobriu que Eles tinham estado aí? — o sr. Gaunt perguntou.

— Sim! *Sim!* Como sa —

— Eles estão por toda a cidade — o sr. Gaunt disse. — Já lhe tinha dito, quando nos vimos

pela última vez, não foi?

— Sim! E — Keeton interrompeu-se bruscamente. Seu rosto se contorceu numa expressão

alarmada.

— O senhor se deu conta de que esta linha talvez esteja grampeada, sr. Gaunt? *Neste*

momento, Eles poderiam estar ouvindo toda a nossa conversa!

O sr. Gaunt permaneceu tranquilo.

— Poderiam, mas não estão. Por favor, não pense que sou ingênuo, sr. Keeton. Já Os

encontrei antes. Muitas vezes.

— Tenho certeza disso — Keeton respondeu. Estava descobrindo que o prazer imenso que

tivera com a Pule Vencedora era pouco ou quase nada comparado a isto: encontrar, depois do

que tinha parecido ser uma eternidade de trevas e aflições — uma alma gêmea.

— Tenho um dispositivo eletrônico ligado ao meu telefone — o sr. Gaunt explicou em sua

voz calma e doce. — Se a linha estiver grampeada, uma luzinha se acende. Estou olhando,

neste momento, para essa luz, sr. Keeton, e está apagada. Tão apagada quanto certos corações

nesta cidade.

— O senhor sabe mesmo das coisas, não é verdade? — Danforth Keeton disse, em voz

trêmula e fervorosa. Sentia vontade de chorar.

— Sei. E telefonei para dizer-lhe que não deve tomar qualquer atitude apressada, sr.

Keeton. — A voz era suave, calmante. Ouvindo-a, Keeton sentia sua mente vagar para longe,

como a bola de gás de uma criança. — Isto seria deixar tudo muito barato para Eles. Ora, já se

perguntou o que aconteceria se morresse?

— Não — Keeton murmurou. Olhava pela janela, com expressão vaga e sonhadora.

— Seria uma grande diversão para Eles — o sr. Gaunt prosseguiu suavemente. — Iriam se

embriagar na sala do xerife Pangborn! E iriam em caravana até o cemitério para urinar sobre o

seu túmulo.

— O xerife Pangborn? — Keeton perguntou, hesitante.

— O senhor não acredita realmente que um idiota como o oficial Ridgewick lenha

permissão para atuar num caso como este sem ter recebido ordens superiores, não é?

— Não, claro que não. — Começava a ver mais claro agora. Eles, sempre Eles, como uma

soturna nuvem torturante ao seu redor, e se tentasse afastá-la suas mãos encontrariam o vazio.

Agora, finalmente, começava a perceber que Seus rostos e nomes tinham forma. Alguns Deles

poderiam até ser vulneráveis. E tomar conhecimento disto, dava-lhe um tremendo alívio.

Pangborn, Fullerton, Samuels, Williams, sua própria mulher. Todos eles estão

mancomunados, sr. Keeton, e tenho minhas suspeitas — muito fortes — de que o líder deles é

o xerife Pangborn. Se assim for, ele adoraria que o senhor matasse um ou dois de seus

subordinados para poder tirar o senhor do caminho. Ora, suspeito mesmo que este tenha sido o

plano dele desde o princípio. Mas, o senhor vai enganá-los, não é mesmo, sr. Keeton?

— *Ssssimmm!* — Keeton sussurrou violentamente. — O que devo fazer?

— Hoje, nada. Trate de seus negócios, como faria normalmente. Vá às corridas à noite, se

estiver com vontade, e aproveite a compra que fez. Se aparecer diante Deles com a disposição

de sempre, vai deixá-Los indecisos. O senhor semeará confusão e insegurança no seio do

inimigo.

— Confusão e insegurança — Keeton repetiu as palavras lentamente, saboreando-as.

— Sim. Estou traçando os meus próprios planos, e no momento oportuno lhe informarei.

— Promete?

— Oh, sem dúvida, sr. Keeton. O senhor é muito importante para mim. Para falar a

verdade, diria que o senhor é fundamental para mim.

O sr. Gaunt desligou. Keeton guardou a arma e a caixa de material de limpeza. Em seguida,

foi para o andar de cima, jogou suas roupas sujas na cesta, tornou um banho de chuveiro e

vestiu-se. Ao descer, Myrtle fez menção de encolher-se, mas Keeton falou com ela

educadamente e beijou-lhe o rosto. Myrtle começou a descontrair-se. Qualquer que tivesse sido

a crise, aparentemente tinha passado.

3

Everett Frankel era um grandalhão ruivo que, como diziam na Irlanda, era mais irlandês do

que o condado de Cork... o que não era de admirar, já que Cork tinha sido o berço de seus

ancestrais maternos. Era o assistente de Ray Van Allen há quatro anos, desde que dera baixa na

Marinha. Naquela segunda-feira, chegou à Clínica de Família de Castle Rock às 7:45h. e

Nancy Ramage, a enfermeira-chefe, perguntou-lhe se poderia ir imediatamente até a Fazenda

Burgmeyer. Helen Burgmeyer sofrerá o que talvez fosse um ataque epiléptico durante a noite,

ela disse. Se o diagnóstico de Everett fosse confirmado, ele deveria trazê-la em seu carro para a

cidade, de maneira que o doutor — que logo chegaria — pudesse examiná-la e decidir se

deveria ou não interná-la para exames.

De modo geral, Everett não teria gostado de atender a um chamado a domicílio

logo na

primeira hora, especialmente num lugar tão distante na zona rural, mas numa manhã

atipicamente quente como esta, um passeio para fora da cidade era o melhor que poderia

acontecer.

Além disso, havia o cachimbo.

Já a bordo do seu Plymouth, destrancou o porta luvas e tirou o cachimbo. Era um

m *eerschaum,* com um fornilho fundo e largo. Tinha sido esculpido por um mestre da arte:

havia aves, flores e gavinhas ao redor do bojo num desenho que parecia transformar-se

conforme o ângulo do qual se olhasse. Tinha guardado o cachimbo no porta-luvas não apenas

porque era proibido fumar no consultório, mas porque não lhe agradava á idéia de que outras

pessoas (particularmente uma mexeriqueira como Nancy Ramage) o visse. Em primeiro lugar,

iriam perguntar onde o arranjara. E depois, iriam querer saber quanto pagara por ele.

Também, outros poderiam querer tê-lo para si mesmos.

Pôs o cabo do cachimbo entre os lábios, maravilhando-se novamente com a sensação de

que se ajustava perfeitamente, como ficava *perfeitamente* no lugar.

Ajeitou o espelho retrovisor um momento, para poder mirar-se, e aprovou inteiramente a

imagem que viu. Achou que o cachimbo dava-lhe um ar mais velho, mais sábio, mais elegante.

E com o cachimbo preso entre os dentes, o bojo num ângulo muito levemente inclinado,

sentiu-se mais velho, mais sábio, mais elegante.

Desceu a Rua Principal, com a intenção de atravessar a Ponte das Latas que dividia a

cidade da zona rural, e então diminuiu a velocidade ao se aproximar de Coisas Necessárias. O

toldo verde parecia fisgá-lo como um anzol. E, subitamente, sentiu que era muito importante

— imperativo, mesmo — parar o carro.

Estacionou no meio-fio, fez menção de descer, e então lembrou-se de que ainda prendia o

cachimbo entre os dentes. Tirou-o (com uma leve pontada de tristeza) e trancou-o novamente

no porta-luvas. Desta vez, chegou a ir até a metade da calçada, antes de voltar e travar as

quatro portas do carro. Com um cachimbo lindo daqueles, todo cuidado era pouco. Qualquer

um poderia ser tentado a roubar aquele cachimbo. Qualquer um.

Chegou à loja e parou, sentindo-se desapontado. Havia uma tabuleta na vidraça:

FECHADA

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA,

dizia.

Everett estava a ponto de virar-se e ir embora, quando a porta se abriu. O sr. Gaunt surgiu

na soleira, com uma aparência resplendente e muito à vontade, vestido numa jaqueta castanha

com contrafortes nos cotovelos e calças grafite.

— Entre, sr. Frankel — ele disse. — Que prazer revê-lo!

— Bem, estava saindo da cidade para atender a um chamado — profissional — e pensei

em dar uma parada apenas para dizer-lhe como gosto do meu cachimbo. Sempre quis ter um

assim.

Radiante, o sr. Gaunt disse: — Eu sei.

— Mas, noto que a loja está fechada, por isso não vou abor-

— A loja nunca está fechada para os meus fregueses favoritos, sr. Frankel, e conto o

Senhor nessa categoria. *No topo* da lista. Entre. — e estendeu a mão.

Everett encolheu-se. Leland Gaunt riu alegremente e postou-se de lado para que o jovem

assistente-médico pudesse entrar.

Realmente, não posso demorar-me... — Everett começou a dizer, mas, como se tivessem

vontade própria, seus pés carregaram-no para o interior em penumbra da loja.

— Claro que não — o sr. Gaunt disse. — Um médico deve cumprir seus compromissos,

libertando os corpos sofredores dos grilhões das doenças... — o sorriso, uma

careta de

sobrancelhas arqueadas e dentes irregulares rilhando, surgiu — ...e afastando os demônios que

prendem o espírito. Estou certo?

— Acho que sim — Everett respondeu. Sentiu-se desconfortável quando o sr. Gaunt

fechou a porta. Esperava que nada acontecesse ao cachimbo. Carros, às vezes, eram

depenados. Em plena luz do dia.

— Nada vai acontecer ao seu cachimbo — o sr. Gaunt tranqüilizou-o. Do bolso, tirou um

envelope simples, com apenas uma palavra sobrescrita. A palavra era *Amorzinho.*

— Lembra-se de ter-me prometido passar um trote por mim, dr. Frankel?

Não sou méd —

Os supercílios do sr. Gaunt juntaram-se de um modo que fizeram Everett imediatamente

parar e desistir.

— *Lembra-se* ou *não* se lembra? — Gaunt perguntou asperamente. — É melhor responder

depressa, meu jovem, ou não me responsabilizo por aquele cachimbo como fiz há poucos

minutos.

— Eu me lembro! — Everett disse, com voz apressada e alarmada. — Sally Ratcliffe! A

professora da fala!

O ponto mediano da sobrancelha mais ou menos contínua do sr. Gaunt descontraiu-se

levemente. E, com isso, Everett Frankel também descontraiu-se.

— Exatamente. E chegou a hora em que o trote deve ser pregado, doutor. Eis aqui.

Estendeu o envelope. Everett segurou-o, tomando cuidado para que seus próprios dedos

não tocassem os do sr. Gaunt.

— Hoje é feriado escolar, mas a jovem srta. Ratcliffe está em sua sala, atualizando seus

arquivos — o sr. Gaunt informou. — — Eu sei que não é caminho para a Fazenda Burgmeyer

— Como sabe disso *tudo?* — Everett perguntou, confuso.

Com um aceno impaciente, o sr. Gaunt desprezou a pergunta.

... mas o senhor pode arranjar tempo para passar por lá na volta, sim?

— Suponho que —

— E, já que pessoas estranhas à escola, mesmo quando os alunos estão ausentes, são vistos

com uma certa suspeita, o senhor poderia explicar sua presença, fazendo uma visitinha à

enfermeira da escola, sim?

— Se ela estiver lá, acho que sim — Everett disse. — Na verdade, é o que eu deveria fazer,

porque —

— ... o senhor ainda não apanhou os registros da vacinação — o sr. Gaunt terminou por

ele. — Então, assim, está ótimo. Para falar a verdade, ela *não* vai estar lá, mas o senhor *não*

sabe disso, entende? Limite-se a botar a cabeça pela fresta da porta e depois vá embora. Mas,

na saída, quero que coloque este envelope no carro que o namorado da srta. Ratcliffe

emprestou a ela. Quero que coloque o envelope embaixo do assento do motorista. Mas não

completamente escondido. Quero que deixe um dos cantos aparecendo.

Everett sabia perfeitamente bem quem era “o namorado da srta. Ratcliffe”: o instrutor de

educação física do ginásio. Se lhe fosse dado escolher, Everett teria preferido pregar uma peça

em Lester Pratt do que na noiva dele. Pratt pertencia à Igreja batista, tinha um corpo

musculoso, e normalmente vestia camiseta azul e calças azuis de malha, com uma listra branca

ao longo da costura exterior das pernas — enfim, um conjunto esportivo. Era o tipo de sujeito

que exsudava suor e Jesus por todos os poros em quantidades aparentemente iguais (e muito

abundantes). Everett não tinha muito a ver com ele. Perguntou-se vagamente se ele já teria ido

para a cama com Sally Ratcliffe — ela era uma gata! Achou que a resposta, provavelmente,

seria “não”. Também imaginou que se Lester ficasse excitado depois de bolinação demais no

balanço da varanda, Sally provavelmente forçava-o a fazer uma série completa de flexões no

quintal, ou a dar algumas voltas correndo ao redor do quarteirão.

— Sally está de novo com o Prattmóvel?

— De fato. — disse o sr. Gaunt, um pouquinho impaciente. — Sua veia cômica terminou,

dr. Frankel?

— Sim, sim. — ele disse. Na verdade, sentia uma extraordinária sensação de alívio. Tinha

se preocupado um pouco com a “peça” que o sr. Gaunt queria que ele pregasse. Via, agora, que

tinha sido tolice sua. O sr. Gaunt, afinal, não queria que ele pusesse uma bombinha dentro do

sapato da moça, nem um laxante em seu leite chocolatado ou outra coisa desse tipo. Que mal

poderia haver num envelope?

O sorriso do sr. Gaunt, radioso e resplendente, explodiu novamente.

— Muito bem — ele disse. Aproximou-se de Everett que observou, horrorizado, que o sr.

Gaunt aparentemente tinha a intenção de abraçá-lo.

Everett deu um passo apressado para trás. E assim, o sr. Gaunt fez a manobra para pô-lo de

volta perto da porta, que ele abriu.

— Divirta-se com aquele cachimbo — ele disse. — Cheguei a lhe contar que pertenceu a

sir Arthur Conan Doyle, criador do imortal Sherlock Holmes?

— Não! — Everett Frankel exclamou. , .

— Claro que não — o sr. Gaunt concordou, com um sorriso. — Teria sido mentira... e eu

nunca minto em assuntos comerciais, dr. Frankel. Não se esqueça de sua pequena tarefa.

— Não esquecerei.

— Então, desejo que tenha um bom dia.

— Igualmen...

Mas, Everett estava falando sozinho. A porta, com a cortina corrida, já estava fechada às

suas costas.

Fitou-a por um instante, e depois voltou lentamente para O Plymouth. Se lhe pedissem um

relato preciso de suas palavras ao sr. Gaunt e do que este lhe tinha dito, teria sido um fracasso,

pois não conseguia lembrar-se exatamente. Sentia-se como um homem a quem tivessem

ministrado um ligeiro anestésico.

Uma vez sentado atrás do volante, a primeira coisa que Everett fez foi destrancar o porta

luvas, guardar o envelope com o sobrescrito *Amorzinho* e tirar o cachimbo. Um detalhe do qual

se *lembrava* era o sr. Gaunt brincando com ele, dizendo que o cachimbo pertencera a sir Conan

Doyle. E, ele quase chegara a acreditar. Que bobagem! bastava colocar o cachimbo na boca e

apertar o cabo entre os dentes para saber a quem tinha pertencido: O proprietário original

daquele cachimbo tinha sido Hermann Göring.

Everett Frankel deu partida no carro e dirigiu vagarosamente para fora da cidade, li, a

caminho da Fazenda Burgmeyer, parou apenas duas vezes no acostamento para admirar como

aquele cachimbo lhe dava um charme especial.

4

Albert Gendron tinha seu consultório dentário no Edifício Castelo, uma estrutura sem

graça, de tijolo à vista, do outro lado da rua, defronte ao Edifício Municipal e à caixa achatada

de cimento armado que abrigava a Companhia de Água do Município de Castle. O Edifício

Castelo lançava sua sombra sobre o Ribeirão do Castelo e a Ponte das Latas desde 1924, e

abrigava os cinco advogados da cidade, um optometrista, um audiólogo, diversos corretores de

imóveis autônomos, um consultor de crédito, um serviço de recados cujo pessoal era apenas

uma mulher, e uma loja de molduras. A meia dúzia restante de salas estava

vazia.

Albert, que era uma das pilastras sociais da Igreja de Nossa Senhora das Águas Serenas

desde os tempos do padre O'Neal, estava chegando naquele momento e, com seu cabelo, que

já fora escuro, agora grisalho, e os ombros largos um pouco curvados, como jamais acontecera

em seus dias de juventude, ainda era uma figura que se impunha — com mais de 2m de altura

e l40kg de peso, era o maior homem da cidade, se não de todo o município.

Subiu vagarosamente a escada estreita até o 4º e último andar, parando nos patamares para

recuperar o fôlego antes de continuar, atento ao murmúrio cardíaco que, segundo o dr. Van

Allen, ele agora tinha. A meio caminho do último lance, viu uma folha de papel grudada ao

painel de vidro fosco da porta de seu consultório, obscurecendo as letras que diziam ALBERT

GENDRON, CIRURGIÃO-DENTISTA.

Conseguiu ler as palavras de saudação da nota quando ainda faltavam cinco degraus para

chegar ao topo, e seu coração acelerou-se, com ou sem murmúrio. Só que não era de cansaço

que seu coração batia — era de fúria!

"OUÇA AQUI, SEU IDIOTA CHAPADO!" — era o que estava escrito no alto da página,

em berrantes letras vermelhas em tinta luminosa.

Albert arrancou a mensagem da porta e a leu rapidamente. Respirava pelo nariz e ao fazê-

lo — exalando forte e alto — parecia um touro bufando para o ataque.

OUÇA AQUI, SEU IDIOTA CHAPADO!

Tentamos dissuadi-los — “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça” — mas, foi inútil.

VOCÊ SEGUE A TRILHA DA PERDIÇÃO E PELOS SEUS ATOS VÓS OS

CONHECEREIS. Agüentamos a sua idolatria papista, e até a adoração licenciosa à Prostituta

da Babilônia! Mas, agora, você foi longe demais. NÃO HAVERÁ JOGOS DE AZAR COM O

DEMÔNIO EM TERRAS DE CASTLE ROCK!

Neste outono, os verdadeiros cristãos de Castle Rock sentiram o cheiro do enxofre e do

fogo do inferno. Se você não sentiu é porque o seu nariz já está entupido com seus próprios

pecados e degradação. OUÇA E ACEITE O NOSSO AVISO: DESISTA DE SEUS PLANOS

DE TRANSFORMAR ESTA CIDADE NUM COVIL DE LADRÕES E JOGADORES OU

SENTIRÁ O CHEIRO DO ENXOFRE! *SENTIRÁ O CHEIRO* DO FOGO DO INFERNO!

“Os ímpios serão lançados no inferno, e todas as gentes que se esqueceram de Deus” —

Salmo 9:17.

OUÇA E OBEDEÇA, OU SUAS LAMENTAÇÕES SERÃO OUVIDAS DESDE MUITO

LONGE.

OS ENGAJADOS HOMENS BATISTAS

DE CASTLE ROCK

— Droga de merda! — Albert exclamou, finalmente, e amassou a mensagem num punho

do tamanho de um presunto.

Aquele caixeiro viajante de merda, aquele reverendo batista idiota finalmente enlouqueceu

de vez.

Seu primeiro ato ao abrir o consultório foi telefonar para o padre John e dizer que o jogo

talvez endurecesse a partir de agora até a Noite no Cassino.

— Não se preocupe, Albert — respondeu o padre Brigham com muita calma. — Se o

idiota bater de frente conosco, vai descobrir como nós, idiotas chapados, sabemos bater de

volta... certo?

— Certíssimo, padre — Albert disse. Ainda apertava a mensagem amassada entre os

dedos. Nesse momento, baixou o olhar para o papel e um sorrisinho desagradável emergiu do

bigodão. — Certíssimo.

5

Aí pelas 10:15h da manhã, o relógio digital na frente do banco anunciava que a

temperatura em Castle Rock era de 25°C. Do outro lado da Ponte das Latas, o calor temporão

produzia um faiscar brilhante, uma estrela diurna no ponto onde a Rodovia 117 surgia no

horizonte e chegava à cidade. Alan Pangborn estava em sua sala, relendo os relatórios dos

crimes Cobb-Jerzyck, e não notou o reflexo do sol sobre vidro e metal. Mesmo que o tivesse

notado, não teria ficado interessado — nada mais era, afinal de contas, do que um automóvel

se aproximando. Entretanto, o faiscar selvagem de metal e vidro, indo para a ponte a quase

120km por hora, anunciava a chegada de uma parte expressiva do destino de Pangborn... e de

toda a cidade.

Na vitrine de Coisas Necessárias, a tabuleta que dizia:

FECHADA

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

foi retirada por uma mão que surgiu da manga de uma jaqueta esporte castanha. Outra

tabuleta tornou o lugar da primeira. Que dizia:

PRECISA-SE DE EMPREGADO

6

O automóvel ainda corria a mais de 90km, numa zona de limite de velocidade de

30 km, ao

cruzar a ponte. Era um carro que teria despertado admiração e inveja dos estudantes

adolescentes: um Dodge Challenger, verde-claro, com a traseira levantada, o que fazia o nariz

embicar um pouco. Através das janelas de vidro fumê, era possível distinguir a barra metálica

que se arqueava pelo teto, entre o banco traseiro e o dianteiro. O vidro de trás estava cheio de

adesivos: HEARST, FUELLY, FRAM, QUAKER STATE, GOODYEAR WIDE OVALS,

RAM CHARGER. Os canos retos borbulhavam contentes, cheios da gasolina azul de 96

octanas que só podia ser adquirida ao norte de Portland, na Via Expressa de Oxford Plains.

Diminuiu um pouco a velocidade ao se aproximar do cruzamento de Loureiro com

Principal, e depois entrou num dos estacionamentos em ladeira defronte ao Canto da Tosquia,

fazendo cantar os pneus. No momento, não havia freguês cortando o cabelo na barbearia.

Tanto Bill Fullerton como Henry Gendron, o segundo barbeiro, estavam sentados nas cadeiras

de barbear, sob velhos cartazes de BrylCreem e Creme Oleoso Wildroot. Tinham dividido a

leitura do jornal matutino. Quando o motorista pressionou o acelerador para o carro roncar,

fazendo o cano de descarga emitir todos os ruídos a que tinha direito, ambos levantaram a

vista.

— Uma máquina mortífera, sem dúvida — Henry comentou.

Bill meneou concordando e apertou o lábio inferior entre o polegar e o indicador da mão

direita.

— É.

Ficaram os dois observando, em expectativa, quando o motor foi desligado e a porta do

motorista se abriu. Um pé calçado numa bota preta de engenheiro emergiu das profundezas do

Challenger. A bota estava presa a uma perna vestida em brim justo e desbotado. Um minuto

depois, o motorista saiu e ficou parado à luz daquele dia inusitadamente quente, enquanto

retirava os óculos de sol e os espetava no V da camisa e olhava ao redor, com expressão lerda e

de desprezo.

— Iiiihhhhhh! — Henry disse. — Parece que é a volta da ovelha negra.

Bill Fullerton contemplou a aparição, ligeiramente boquiaberto, a seção de esportes do

jornal descansando em seu colo.

— Ace Merrill — disse. — Em carne e osso.

— Mas que diabos ele está fazendo aqui? — Henry perguntou, indignado. —

Pensei que

andava pelas bandas de Mechanic Falls, fodendo a vida do pessoal de lá.

— Num sei — Bill disse, e novamente puxou o lábio inferior. — Ói lá! Sem cor como um

rato e, vai ver, duas vezes mais ruim! Quantos anos ele tem agora, Henry?

Henry sacudiu os ombros.

— Mais de quarenta e menos de cinquenta. É tudo o que sei. E o que importa? Para mim,

ele é o capeta.

Como se tivesse ouvido, Ace virou-se para o lado deles e acenou com a mão levantada,

num gesto lento e sarcástico. Os dois se empinaram e se afastaram indignados, como um par de

solteironas que, tendo ouvido um assovio de “fiu-fiu” no meio da rua, descobrem que o

galanteio é dirigido a elas.

Ace enfiou os dedos nos bolsos da calça Low Riders e se afastou a passos preguiçosos — o

retrato do homem que tem todo o tempo do mundo e conhece todas as veredas do universo.

— Acha que a gente devia avisar o xerife Pangborn? — Henry perguntou.

Bill Fullerton puxou o lábio inferior mais algumas vezes. Finalmente, sacudiu a cabeça.

— Num carece. Logo ele fica sabendo que Ace está na cidade. — Ninguém precisa contar,

nem eu, nem você.

Sentaram-se em silêncio e ficaram olhando Ace subir passeando a Rua Principal
até

desaparecer de vista.

7

Ninguém desconfiaria, ao ver Ace Merrill passear indolentemente pela Rua
Principal, que

estava atormentado por um problema desesperador. Um problema que Buster
Keeton poderia

ter identificado, até certo ponto: Ace devia muito dinheiro a alguns sujeitos. Para
ser mais

claro, bem acima de US$ 80.000. Contudo, o pior que os credores de Buster
poderiam fazer

seria colocá-lo na cadeia; ao passo que, se Ace não arranjasse logo o dinheiro,
até lº de

novembro, digamos, os credores *dele* poderiam colocá-lo em sete palmos de
terra.

Os meninos que Ace atormentara antigamente — meninos como Teddy
Duchamp, Chris

Chambers, e Vern Tessio — tê-lo-iam reconhecido de estalo apesar do cabelo
grisalho. Nos

anos em que trabalhara na fábrica têxtil local (que estava fechada há mais de
cinco anos) talvez

não fosse o caso. Naquele tempo, seus vícios eram tomar cerveja e praticar
pequenos furtos.

Como resultado do primeiro vício, engordara muito, e como resultado do

segundo, conseguira

atrair a atenção do xerife George Bannerman. Foi por essa época que Ace descobriu a cocaína.

Largou seu emprego na fábrica, perdeu 25kg nas *ondas* do vício — ondas muito altas — e

tirou diploma de assaltante a mão armada, tudo resultado dessa maravilhosa substância. Sua

situação financeira virou um ioiô, do modo grandioso que aflige somente os que investem

pesado no mercado de ações e os traficantes de cocaína. Às vezes, começava o mês sem um

tostão no bolso, e terminava com US$ 50.000 ou US$ 60.000 enterrados nas raízes da macieira

morta nos fundos de onde ficava sua casa, na Rua das Amoreiras. Um dia, ia ao Maurice para

um jantar de sete pratos; no dia seguinte comia macarrão cozido e queijo no *trailer* onde

residia. Tudo dependia do mercado e do estoque, pois o próprio Ace, como a maioria dos

traficantes de cocaína, era o seu melhor freguês.

Um ou dois anos depois que o novo Ace — alto, magro, grisalho e arrasado —

desvencilhou-se daquela capa de gordura em que vinha se encubando desde que ele e o sistema

educacional tinham se divorciado, Ace ficou conhecendo uns certos sujeitos de Connecticut,

que operavam com armas e também com o pó. Ace deu-se muito bem com eles

desde o

princípio — como ele próprio, os irmãos Corson eram seus próprios melhores fregueses.

Ofereceram a Ace o que equivalia a uma franquia de alto calibre para toda a área central do

estado do Maine, e Ace aceitou pressuroso. Esta decisão era de cunho tão comercial quanto a

sua decisão de traficar coca tinha também sido comercial. Se havia alguma coisa no mundo de

que Ace gostasse ainda mais do que cocaína e carros, essa coisa eram armas de fogo.

Em uma das ocasiões em que estava às voltas com falta de fundos, fora visitar o tio, que

tinha feito empréstimos para meio mundo na cidade e de quem se dizia que nadava em

dinheiro. Ace não via motivo algum pelo qual não se qualificasse para um empréstimo — ora,

era jovem (ora... 48 anos... *relativamente* jovem), tinha perspectivas, e era parente

consanguíneo.

Os pontos de vista de seu tio, no entanto, eram diametralmente opostos.

— Nada disso — Reginald Marion “Pop" Merrill lhe dissera. — Sei de onde vem o seu

dinheiro — isto é, quando você *tem* dinheiro. Vem daquela bosta branca.

— Ora, tio Reginald —

— Não venha com essa de tio Reginald para cima *de mim* — Pop tinha

respondido. — Seu

nariz ainda está sujo dela. Relaxado. Gente que usa essa bosta branca e trafica com ela sempre

acaba ficando relaxada. E gente relaxada acaba no Presídio de Shawshank. Isso, se tiver sorte.

Se derem azar, vão servir de fertilizante num buraco de terra. E não posso cobrar meus

empréstimos de quem já morreu ou está servindo pena. Eu não te daria nem um peido, caso

não tenha entendido a mensagem.

Essa ocasião especial em que estivera às voltas com falta de fundos ocorrera pouco depois

que Alan Pangborn assumiu o cargo de xerife do município. E um de seus primeiros flagrantes

importantes foi quando surpreendeu Ace e dois amigos tentando arrombar o cofre no escritório

de Henry Beaufort no Tigre Manso. Foi um excelente flagrante, digno de um livro didático, e

Ace foi parar no Presídio de Shawshank apenas quatro meses após ter sido alertado sobre a

prisão. Foi inocentado da acusação de assalto a mão armada por acordo com o tribunal, mas,

mesmo assim, enfrentou uma dura sentença por arrombamento e invasão de domicílio.

Saiu na primavera de 1989 e mudou-se para Mechanic Falls. Tinha um emprego à sua

espera: A Via Expressa de Oxford Plains participava de um programa piloto do estado e John

“Ace” Merrill conseguiu uma colocação como operário de manutenção e mecânico em meio-

expediente.

Muitos de seus antigos companheiros — sem mencionar seus antigos fregueses — ainda

estavam por ali e em pouco tempo Ace voltou às suas atividades e seu nariz voltou a sangrar.

Manteve o emprego na Speedway até o término oficial de sua pena e no mesmo dia pediu

demissão. Tinha recebido um telefonema dos Irmãos Voadores Corson, em Danbury,

Connecticut, e em pouco tempo já estava novamente vendendo armas de fogo e o pó branco

que toca a Bolívia para a frente.

Os lances tinham subido enquanto ele purgava na prisão: ao invés de pistolas, rifles e

espingardas de repetição, viu-se num negócio agitado de armas automáticas e semi-

automáticas. O clímax ocorrera em junho daquele ano, quando vendeu um míssil Thunderbolt

de lançamento de solo para um homem do mar com carregado sotaque sul-americano. O

homem estivou o míssil no porão do navio, e depois pagou a Ace US$ 17.000, em notas

novinhas de US$ 100, sem numeração em série.

— Mas em que é que o senhor vai usar uma coisa dessas? — Ace perguntou

consideravelmente fascinado.

— Em qualquer coisa que se queira, *señor* — o homem do mar tinha respondido sem

sorrir;

E, então, em julho, tudo viera por água abaixo. Ace não chegou a entender bem como

poderia ter acontecido, exceto que provavelmente teria sido melhor se ele tivesse ficado com

os Irmãos Voadores Corson no tráfico de armas e de entorpecentes. Tinha recebido 1kg dos

flocos colombianos de um sujeito em Portland, e financiado o negócio com a ajuda de Mike e

Dave Corson. Eles haviam contribuído com 85 mil. Aquele lote em especial do pó parecera

valer mais do que o dobro do preço pedido — pelo teste era o melhor possível. Ace sabia que

85 das grandes era muito mais do que estava acostumado a lidar, mas estava confiante e pronto

para subir mais alguns degraus. “Sem problema!” tinha sido o moto de Ace Merrill para a vida.

E, desde então, tudo mudara. Tudo mudara muito.

As mudanças tinham começado com uma ligação de Dave Corson, de Danbury,

Connecticut, perguntando a Ace o que é que ele pensava que estava fazendo, tentando passar

ácido bórico como se fosse cocaína. O cara em Portland, aparentemente, tinha conseguido

passar a perna em Ace, fosse o pó puro ou não, e quando Dave começou a dar-se conta disto

sua voz perdeu o tom amigável. Na verdade, a voz adquiriu um tom *bem hostil.*

Ace podia ter tentado ficar na moita. Em vez disso, arrebanhou toda a sua coragem — que

não era de se desprezar, mesmo em sua meia-idade — e foi se avistar com os Irmãos Voadores

Corson. Deu a eles sua opinião do que talvez tivesse acontecido. E deu suas explicações na

porta traseira de um caminhão Dodge fechado, forrado de carpete de fora a fora, uma cama de

água aquecida, e um espelho no teto. Foi extremamente convincente. *Tinha que ser*

extremamente convincente, porque o caminhão estava estacionado no fim de uma estradinha

de terra batida, a alguns quilômetros a oeste de Danbury, um negro enorme chamado Timmy

Altão estava ao volante, os Irmãos Voadores Corson, Mike e Dave, sentados de cada lado de

Ace, empunhando rifles H & K.

Enquanto falava, Ace surpreendeu-se recordando as palavras de seu tio antes do flagrante

no Tigre Manso: "*Gente relaxada acaba na cadeia. Isso se tiver sorte. Se derem azar, vão*

servir de fertilizante num buraco de tetra. Ora, ora, Pop tinha razão quanto à primeira parte, e

Ace pretendia usar todos os seus recursos de persuasão para que a segunda parte não se

concretizasse. Num buraco de terra não havia programas pilotos. Foi extremamente persuasivo.

E, a certa altura, pronunciou duas palavras mágicas: *Ducky Morin.*

— Você comprou aquele lixo de *Ducky?* — Mike Corson disse, os olhos injetados se

arregalando. — Tem certeza de que era ele?

— Claro que tenho certeza! — Ace tinha respondido. — Por quê?

Os Irmãos Voadores Corson se entreolharam e desandaram a rir. Ace não sabia de que

estavam rindo, mas, por que motivo fosse, ficou contente. Parecia um bom sinal.

— Como era ele? — Dave Corson perguntou.

— Era um cara alto... não tão alto como aquele — e com o polegar Ace apontou o

motorista, que estava com *earphones* e se balançava para frente e para trás acompanhando um

ritmo que só ele ouvia. — Mas... bem alto. Tem a língua presa. Fala *achim. Usa* um brinquinho

de ouro.

— É o Daffy Duck — Mike Corson concordou.

— Vou dizer uma coisa. É incrível que alguém ainda não tenha dado um sumiço no cara —

Dave Corson comentou. Olhou para o irmão, Mike, e ambos balançaram a Cabeça em perfeita

harmonia.

— Pensei que ele era *quente* — Ace disse. — Ducky *costumava* ser cem por cento.

— É. Mas você ficou um tempo fora, não é, parceiro? — Mike Corson perguntou.

— Umas férias no Hotel Barras de Ferro — Dave Corson acrescentou.

— Devia estar lá dentro quando Duckman descobriu a base livre — Mike disse. — Foi

quando começou a cair depressa.

— Ducky gosta de enganar os outros, agora — Dave disse. — Ace, você sabe o que é uma

isca para otário, Ace?

Ace pensou e sacudiu a cabeça.

— Lógico que sabe — Dave disse. — Porque é por causa dela que o teu cu tá apertado.

Ducky exibiu um lote de pacotes com pó branco. Um deles continha cocaína das boas. O resto

era titica. Como você, Ace.

— Fizemos um teste! — Ace disse. — Peguei um deles ao acaso e fizemos o teste!

Mike e Dave se entreolharam sombriamente divertidos.

— Eles fizeram o teste... — Dave Corson disse.

— Ele pegou um pacote ao acaso... — Mike Corson acrescentou,

Reviraram os olhos para cima e se olharam pelo espelho do teto.

— Bem? — Ace perguntou, olhando de um para o outro. Estava aliviado em saber que eles

conheciam Ducky, e que *também* acreditavam que não fora intenção dele enganá-los, mas

sentia-se desesperado do mesmo modo. Falavam com ele como se fosse um idiota qualquer, e

Ace Merrill não se considerava um idiota.

— Bem *o quê?* — Mike Corson perguntou. — Se você não tivesse certeza de aquele pacote

era escolha sua, o negócio furava, não é? Ducky é como um mágico fazendo aquele velho

truque das cartas de baralho. "Escolha uma carta, qualquer carta". Já escutou isto, otário?

Com ou sem aqueles rifles apontados para ele, Ace zangou-se.

— Não me chame assim.

— Chamo do jeito que nós quisermos — Dave respondeu. — Você nos deve 85.000, Ace,

e o que temos até agora como garantia pelo dinheiro é aquela merda de carregamento de ácido

bórico que vale um dólar e meio. Se quisermos, vamos chamá-lo de Ace Chupa-pau.

Ele e seu irmão trocaram um olhar. Comunicação silenciosa passou-se entre os dois. Dave

levantou-se e deu uma palmadinha no ombro de Timmy Altão. Entregou sua arma a Timmy

Altão. Depois, ele e Dave saíram do caminhão e ficaram juntos um do outro perto de uma

moita à beira do campo de um lavrador qualquer, conversando atentamente. Ace não sabia o

que falavam, mas sabia perfeitamente sobre o que falavam. Estavam decidindo o que lazer com

ele.

Ace sentou-se na beira do colchão de água, suando como um porco, esperando a volta

deles. Timmy Altão esparramou-se na poltrona de chefe que Mike Corson deixara vaga,

apontando o H & K para Ace e meneando a cabeça para frente e para trás. Muito de longe, Ace

ouvia as vozes de Marvin Gaye e Tammi Terrell saindo dos earphones. Marvin e Tammi, que

eram o maior sucesso dos últimos tempos, cantavam *Meu erro.*

Mike e Dave voltaram.

— Vamos lhe dar três meses para pagar a dívida — Mike disse. Ace sentiu-se derreter de

alívio. — No momento, queremos mais o nosso dinheiro de volta do que te esfolar vivo. Tem

mais uma coisinha.

— Vamos dar um sumiço em Ducky Morin — Dave disse. — A merda que ele faz já foi

longe demais.

— O cara está acabando com a nossa reputação — Mike disse.

— Acho que você será capaz de encontrá-lo — Dave disse. — Achamos que ele vai pensar

que uma vez otário, otário até morrer.

— Algum comentário, otário? — Mike perguntou.

Ace não tinha comentários. Sentia-se feliz apenas por ficar sabendo que ainda veria o dia

seguinte.

— Primeiro de novembro é o fim do prazo. — Dave disse.—Traga o nosso dinheiro até o

dia 1º de novembro e, então, vamos correr atrás do Ducky. Se não trouxer, vamos descobrir em

quantos pedacinhos podemos cortar você até que desista de viver e morra.

8

E, quando a coisa estourou, Ace estava de posse de cerca de uma dúzia de armas de grosso

calibre, tanto das variedades automáticas como das semi-automáticas. Passou quase todo o seu

prazo de carência tentando transformar essas armas em dinheiro. Caso conseguisse, poderia

transformar o dinheiro em cocaína. Não se pode ter melhores bens do que cocaína quando se

torna necessário transformar depressa esses bens em alguns milhares de dólares.

Mas o mercado de armas atravessava um período de calmaria. Vendeu metade do seu

estoque — nenhuma das armas maiores — e foi tudo. Na segunda semana de setembro tinha

encontrado um comprador em potencial bastante promissor na Taverna Bom Trabalho, em

Lewiston. O comprador em potencial tinha lhe dado a entender, de todas as maneiras possíveis,

que ele pretendia comprar pelo menos meia dúzia, chegando até, quem sabe, a dez armas

automáticas, sob a condição de que o nome de algum comerciante de munição confiável

acompanhasse os paus-de-fogo. Ace tinha condições de atendê-lo. Os Irmãos Voadores Corson

eram os mais confiáveis comerciantes de munição que Ace conhecia.

Ace foi até o banheiro aliviar a bexiga antes de fechar o negócio. Estava inundado daquele

esplendor de alegria e alívio que persegue alguns dos presidentes americanos: julgava ter visto

uma luz no fim do túnel.

Colocou o espelhinho, que sempre carregava no bolso da camisa, na caixa d’água da latrina

e estava no afã de botar uma colherinha de cocaína nele quando uma voz falou do mictório ao

lado do reservado onde Ace se encontrava. Ace jamais descobriu a quem pertencia aquela voz

— mas reconhecia que o dono dela provavelmente o livrara de 15 anos numa penitenciária

federal.

— O homem está usando um fio — disse a voz, e, ao sair do banheiro, Ace

escapuliu pela

poria dos fundos.

9

Em seguida a esta fuga na hora “H” (jamais lhe ocorreu que seu informante invisível

pudesse estar apenas se divertindo), uma paralisia esquisita tomou conta de Ace. Ficou com

medo de tomar qualquer atitude, exceto comprar um pouquinho de coca, aqui e ali, para seu

uso pessoal. Jamais havia sofrido tal sensação de total torpor. Detestava essa sensação, mas

não sabia como livrar-se dela. A primeira coisa que fazia todos os dias, era estudar o

calendário. A impressão que tinha era que novembro corria para ele.

E então, naquela manhã, acordou antes do amanhecer com um pensamento explodindo em

seu cérebro como uma estranha luz azul: tinha que ir para casa. Tinha que voltar a Castle

Rock. Lá é que estava a resposta. Parecia ser a coisa certa a fazer, ir para casa... mas, mesmo

que desse errado, uma mudança de cenário talvez interrompesse aquela sinistra paralisia

mental.

Em Mechanic Falls ele não passava de John Merrill, um ex-condenado que vivia num

barraco com plástico nas janelas e papelão na porta. Em Castle Rock, ele era

conhecido como

o Ace Merrill, o ogro que atravessava os pesadelos de toda uma geração de menininhos. Em

Mechanic Falls ele era lixo branco de beira de estrada, um cara que tinha um Dodge sem ter

uma garagem onde guardá-lo. Em Castle Rock ele tinha sido, pelo menos por algum tempo,

algo como um rei.

E, assim, tinha voltado, ei-lo em casa... e agora?

Ace não sabia. A cidade parecia menor, mais suja e mais deserta do que se lembrava.

Pangborn devia andar por aí, ele supunha, e logo, logo, Bill Fullerton lhe informaria, por

telefone, quem tinha voltado, E então Pangborn viria à sua procura para perguntar-lhe o que

ele achava que estava fazendo em Castle Rock. Perguntaria se Ace tinha um emprego. Não

tinha, e nem sequer poderia argumentar que tinha vindo visitar o tio, porque Pop estava dentro

da loja de quinquilharias quando ela se incendiara. Está bem, Ace, Pangborn diria, então por

que não entra depressinha no seu carro e dá o fora daqui?

E o que poderia responder a isto?

Ace não sabia — sabia apenas que o fulgor azul-escuro da luz, com o qual tinha

despertado, ainda faiscava em algum ponto de seu íntimo.

O terreno onde antes se erguera o Emporium Galorium ainda estava vago, ele notou. Nada

senão mato crescido, umas poucas tábuas queimadas, e lixo da rua. Vidro quebrado refletia luz

quente em feixes luminosos que faziam os olhos arder. Nada havia para se ver ali, mas, mesmo

assim, Ace queria olhar. Fez menção de atravessar a rua. Tinha quase chegado ao outro lado

quando o toldo verde, duas casas adiante, chamou sua atenção.

COISAS NECESSÁRIAS

dizia a aba lateral do toldo. Ora, que diabos de nome era esse para uma loja? Ace subiu a

rua para verificar. Poderia deixar para mais tarde a visita ao terreno onde antes estivera a loja

pega-turista de seu tio — ninguém iria tirar o lote do lugar.

A primeira coisa que atraiu seu olhar foi a tabuleta de

PRECISA-SE DE EMPREGADO

Não lhe deu atenção. Não sabia a razão pela qual voltara a Castle Rock, mas não tinha sido

para ser garoto de entrega.

Havia uma porção de peças classudas na vitrine — o tipo de objetos que ele teria roubado,

caso estivesse fazendo algum "trabalhinho noturno" na casa de algum ricaço. Um jogo de

xadrez tendo por peças animais africanos. Um colar de pérolas negras — parecia valioso, mas

acreditava que as pérolas seriam provavelmente falsas. É lógico que ninguém, neste cuzinho de

mundo, poderia arcar com o preço de um colar de pérolas negras genuínas. Bom artesanato,

assim mesmo — as pérolas pareciam bem reais. E —

Ace notou o livro atrás das pérolas e seus olhos se apertaram. Tinha sido colocado de pé,

apoiado na lombada, de maneira que qualquer pessoa que olhasse a vitrine poderia facilmente

ver-lhe a capa, que exibia o desenho em silhueta de dois homens a beira de um barranco, à

noite. Um trazia uma pá, e o outro uma picareta. Pareciam estar cavando um buraco. O título

do livro era *Os Tesouros Perdidos e Enterrados da Nova Inglaterra.* O nome do autor estava

impresso abaixo do desenho, em pequenas letras brancas.

Era Reginald Merrill.

Ace se dirigiu para a porta e tentou abrir a maçaneta. Ela girou. O sininho de prata tilintou.

Ace Merrill fazia sua entrada em Coisas Necessárias.

10

— Não — disse Ace, fitando o livro que o sr. Gaunt retirara da vitrine e colocara em suas

mãos. — Não é esse o livro, que quero. O senhor deve ter se enganado.

— Asseguro-lhe que é o único livro daquela vitrine — o sr. Gaunt disse em voz que soava

ligeiramente perplexa. — Pode verificar por si mesmo, se não acredita em mim.

O livro que o comerciante lhe entregara era *A Ilha do Tesouro,* de Robert Louis Stevenson.

O que tinha acontecido era bastante óbvio — vinha pensando em Pop Merrill, daí o engano. O

verdadeiro engano, no entanto, era ter voltado a Castle Rock, em primeiro lugar. Por que,

porra, tinha feito isso?

Ouça, o senhor tem um lugarzinho bastante interessante, mas preciso ir andando. Volto em

outra hora qualquer, sr. —

— Gaunt — disse o comerciante, estendendo a mão. — Leland Gaunt.

Ace estendeu a própria mão, que foi completamente engolida. Uma força imensa,

poderosa, pareceu galvanizá-lo no momento do contato. Sua mente encheu-se novamente

daquela luz azul-escura — uma explosão enorme, completa, apoderou-se dele, desta vez.

Retirou a mão, sentindo-se tonto e de joelhos trêmulos.

O que foi *Isso?* — ele murmurou.

Acho que se pode dar o nome de “captador de atenção” — disse o sr. Gaunt. Falava com

grave compostura. — O senhor vai *querer* prestar atenção em mim, sr. Merrill?

— Como sabe o meu nome? Eu não lhe disse o meu nome!

— Oh, eu sei *quem* é o senhor — o sr. Gaunt replicou com um sorrisinho. —

Estava

esperando o senhor.

— Como poderia estar me esperando? Nem eu sabia que viria até entrar na porra do carro!

— Dê-me licença m momento, por favor.

Gaunt voltou à vitrine, curvou-se e pegou a tabuleta que estava encostada na parede. Em

seguida, debruçou-se para dentro da vitrine e substituiu a tabuleta:

PRECISA-SE DE EMPREGADO

por outra que dizia:

FECHADA

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

— Por que fez isso? — Ace sentia-se como alguém que se enredasse numa cerca de arame

farpado levemente carregada de eletricidade.

É costume dos lojistas retirar a placa de precisa-se de empregado, quando a vaga é

preenchida — o sr. Gaunt explicou, um pouco severamente. — Meus negócios em Castle Rock

estão crescendo em proporção altamente satisfatória, e estou precisando agora de um lombo

forte e de mais um par de mãos. Venho me cansando por qualquer coisa, ultimamente.

— Olhe aqui, eu não —

— E também preciso de um motorista — Gaunt continuou. - Dirigir é, em minha opinião, a

sua melhor qualificação. Sua primeira tarefa, Ace, será ir de carro a Boston. Tenho um

automóvel lá, guardado numa garagem. Acho que vai gostar — é um Tucker.

— Um Tucker? — Por um instante, Ace esqueceu-se de que não tinha vindo à cidade para

aceitar um emprego de garoto de entregas, nem de chofer. — Como naquele filme?

— Não, exatamente — o sr. Gaunt explicou. Foi até a velha caixa registradora, escolheu

uma chave, e destrancou a gaveta inferior. De lá tirou dois envelopes. Colocou um deles no

balcão. O outro, ele o estendeu a Ace. — Foram feitas algumas alterações. Aqui estão as

chaves.

— Ei, espere um pouco! Eu lhe disse —

Os olhos do sr. Gaunt eram de uma estranha cor que Ace não foi capaz de identificar, mas

quando primeiro se tornaram sombrios e depois fuzilaram-no, Ace sentiu seus joelhos se

derretendo.

— Você está numa encrenca, Ace, mas se não parar de agir como um avestruz, escondendo

a cabeça na areia, creio que perderei o interesse em ajudá-lo. Assistentes, a gente encontra aos

montes. Pode acreditar. Já empreguei centenas deles no decorrer de todos estes anos. Milhares,

talvez. Por isso, pare de me foder a paciência *e pegue estas chaves.*

Ace pegou o envelope. Quando a ponta de seus dedos tocaram os do sr. Gaunt, aquele

fogo, que explodia e cobria tudo, invadiu sua cabeça novamente. Ele gemeu.

— Você vai com o seu carro até o endereço que vou lhe dar — o sr. Gaunt disse. — Vai

estacioná-lo na vaga onde o meu automóvel se encontra agora. Espero você de volta aí pela

meia-noite, o mais tardar. Mas, creio que estará aqui muito antes disso.

— Meu carro é muito mais rápido do que parece.

Ele sorriu, descobrindo todos aqueles dentes.

Ace tentou novamente. — Olhe aqui, sr. —

— Gaunt.

Ace meneou a cabeça, para cima e para baixo, como se fosse uma marionete manejada por

algum principiante. — Em outras circunstâncias, eu aceitaria. O senhor é... interessante. —

Não era essa a palavra, mas foi o melhor que encontrou em seu vocabulário por enquanto. —

Mas, tem razão — *estou* numa encrenca dos diabos, e se não encontrar uma batelada de

dinheiro dentro de duas semanas —

— Bem. E o que faremos a respeito do livro? — o sr. Gaunt perguntou. A voz soava

divertida e reprovadora. — Não foi por isso que entrou aqui?

Não é o que —

Descobriu que ainda tinha o livro nas mãos e baixou os olhos para ele. O desenho era o

mesmo, mas o título tinha retornado ao que tinha visto na vitrine da loja: *Os Tesouros*

Perdidos e Enterrados da Nova Inglaterra, de Reginald Merrill.

— O que *está* acontecendo? — perguntou em tom pastoso. Mas, subitamente entendeu.

Não se encontrava em Castle Rock, coisa nenhuma — estava em sua casa, em Mechanic Falls,

deitado no seu catre imundo, sonhando isto tudo.

— Parece um livro — o sr. Gaunt disse. — E o nome do seu falecido tio não era Reginald

Merrill? Mas, que coincidência!

— Meu tio nunca escreveu outra coisa além de recibos c notas promissórias, em toda a sua

vida — Ace disse, naquela mesma voz pastosa e sonolenta. Fitou novamente o sr. Gaunt, e

descobriu que não era capaz de desviar o olhar. Os olhos de Gaunt mudavam de cor. Azuis...

cinzentos... cor-de-mel... castanhos... negros.

— Ora — O sr. Gaunt admitiu. — Talvez o nome do autor seja um pseudônimo. Talvez eu

tenha escrito esse livro.

— O senhor?

O sr. Gaunt pousou dois dedos esticados sob o queixo.

Talvez nem mesmo seja um livro. Talvez todas essas peças realmente especiais que eu

vendo não sejam o que parecem ser. Talvez não passem de coisas cinzentas, com uma única

propriedade notável — a de tomar a forma dos objetos que assombram os sonhos de homens e

mulheres. — Fez uma pausa, e acrescentou pensativamente. — Talvez não passem de sonhos,

elas mesmas.

— Não estou entendendo nada.

O sr. Gaunt sorriu.

— Eu sei. Não tem importância. Caso seu tio *tivesse escrito* um livro, Ace, não acha que

seria a respeito de tesouros enterrados? Você não diria que “tesouro” — enterrado na terra, ou

nas mãos de outros homens — era um assunto que o interessava profundamente?

— Ele gostava de dinheiro, sim — Ace disse sombriamente.

— Bem, e o que aconteceu com o dinheiro? — Gaunt gritou. — Deixou algum para você?

Certamente que sim — você era o seu único parente.

— Ele não me deixou um centavo, porra! — Ace berrou de volta, furioso. — Todo mundo

na cidade dizia que aquele filho da mãe ainda guardava a primeira moeda que ganhou, mas

quando ele morreu tinha menos de US$ 4.000.00 na conta do banco. E esse dinheiro foi gasto

com as despesas do enterro e para a limpeza da bagunça que ele deixou no fim da rua. E

quando abriram o cofre que tinha no banco, sabe o que havia lá dentro?

— Sei — o sr. Gaunt respondeu, e embora seus lábios permanecessem sérios — até

solidários — os olhos riam. — Selos de troca. Seis livros de Selos da Plaid e 14 da Gold Bond.

— É isso mesmo! — Ace disse. Olhou com ódio para o livro *Os Tesouros Perdidos e*

Enterrados da Nova Inglaterra. Sua inquietação e seu senso de aérea desorientação tinham

sido absorvidos, pelo menos por enquanto, pela sua raiva. — E, sabe o que mais? Já nem se

pode mais trocar os selos da Gold Bond. A empresa fechou. Todo mundo em Castle Rock tinha

medo dele — até *eu* tinha um pouco de medo dele — e todo mundo achando que ele era rico

como Scrooge McFoda, mas quando ele morreu, estava a zero.

— Talvez ele não confiasse em bancos — o sr. Gaunt disse. — Talvez ele tivesse enterrado

o seu tesouro. Acha que seria possível, Ace?

Ace abriu a boca. Fechou-a. Tornou a abri-la. Fechou-a.

— Pare com isso — disse o sr. Gaunt. — Está parecendo um peixe num aquário.

Ace contemplou o livro em suas mãos. Pousou-o no balcão e folheou suas páginas, que

estavam preenchidas com uma letrinha miúda e apertada. E algo se desprendeu do livro. Um

pedaço grande e esgarçado de papel pardo, dobrado sem cuidado, que ele reconheceu de

imediato — um saco de papel de compras do Mercado Hemphill. Quantas vezes, ainda menino

pequeno, tinha visto seu tio arrancar um pedaço de sacos de papel exatamente iguais a este

aqui, dos muitos que guardava embaixo da sua antiqüíssima caixa registadora Tokeheim?

Quantas vezes o observam fazer contas... ou lançar uma dívida num desses pedaços de papel?

Desdobrou-o com mãos trêmulas.

Era um mapa, quanto a isto não restava dúvida, mas, a princípio, não entendeu coisa

alguma — apenas um amontoado de linhas e cruzes e círculos malfeitos.

— Que porra —

— Você precisa de algo que capte sua concentração, é tudo — o sr. Gaunt disse. — Talvez

isto ajude.

Ace levantou a vista. O sr. Gaunt tinha colocado um espelhinho emoldurado em prata

lavrada na tampa de vidro do balcão ao lado da caixa *registradora.* Agora, abriu o outro

envelope que tinha tirado anteriormente da gaveta e derramou uma generosa dose de cocaína

na superfície do espelho. Aos olhos, não de todo inexperientes, de Ace parecia ser de qualidade

fabulosamente alta — *o spot* de luz sobre o balcão tirava miríades de cintilações dos flocos

brancos.

— Meu Jesus, senhor! — O nariz de Ace já se arrepiava de prazer antecipado.

— É

colombiana?

— Não, é uma qualidade híbrida especial — disse o sr. Gaunt. — Vem das Planícies do

Leng. — Apanhou uma pequena espátula dourada no bolso interno da sua jaqueta castanha e

pôs-se a arrumar a cocaína em fileiras longas e arredondadas.

— Onde fica isso?

— Muito longe, além das montanhas — o sr. Gaunt respondeu sem tirar os olhos do

trabalho. — Pare de fazer perguntas, Ace. O melhor que tem a fazer, como todo mundo que

deve dinheiro, é aproveitar as coisas boas que surgem no caminho.

Guardou novamente a espátula e do mesmo bolso tirou um tubinho curto de vidro.

Entregou-o a Ace.

— Faça bom proveito!

O tubinho não era de vidro, afinal de contas. Era muito mais pesado, alguma espécie de

cristal de rocha, na opinião de Ace. Ele debruçou-se sobre o espelho, e hesitou. E se o velho

fosse portador de AIDS ou coisa parecida?

Pare de fazer perguntas, Ace. O melhor que tem afazer, como todo mundo que deve

dinheiro, é aproveitar as coisas boas que surgem no caminho.

— Amém! — Ace disse em voz alta, e aspirou fundo. Sua cabeça encheu-se daquele gosto

vago de banana com limão que a cocaína verdadeiramente pura sempre parece ter. Era macia,

mas também era poderosa. Sentiu o coração começar a bater forte. Ao *mesmo* tempo, seus

pensamentos tornaram-se extraordinariamente límpidos, com uma aura de cromo polido.

Lembrou-se de uma frase que lhe haviam dito pouco depois de ter se apaixonado pelo pó. *As*

coisas adquirem mais nomes quando você está doidão. Muito mais nomes.

Não tinha entendido bem, na ocasião; contudo, achava que agora entendia.

Ofereceu o tubinho a Gaunt, mas este balançou a cabeça. — Nunca, antes das cinco — ele

disse. — Mas, sirva-se à vontade, Ace.

— Obrigado — Ace disse.

Olhou novamente o mapa e descobriu que agora conseguia traduzi-lo perfeitamente. As

duas linhas paralelas com um X entre elas eram obviamente a Ponte das Ditas, e uma vez que

entendesse esse símbolo, tudo o mais se encaixava direitinho. A garatuja que corria entre as

linhas, atravessava o X e seguia para o topo do papel era a Rodovia 117. O círculo pequeno

com o círculo maior atrás representava a fazenda de laticínios Gavineaux — o círculo maior

era o estábulo. Tudo fazia sentido, era tão claro, puro e perfeito como o montinho seco de coca

que esse incrível velhote empertigado tinha despejado do envelope.

Ace debruçou-se outra vez sobre o espelho. — Atirar, fogo! — ele murmurou. E aspirou

mais duas fileiras. Vapt! Vupt! — Deus do céu, este pó é poderoso de doer!

— Dói dão! — o sr. Gaunt assentiu gravemente.

Ace levantou os olhos, subitamente certo de que o homem caçoava dele, mas o rosto do sr.

Gaunt estava calmo e tranquilo. Ace curvou-se de novo para o mapa.

Agora, eram as cruzes que lhe chamavam a atenção. Havia sete delas — não, na verdade

eram oito. Uma parecia estar localizada no terreno morto e pantanoso que pertencia ao velho

Treblehorn... só que o velho Treblehom já estava morto há muitos anos, e não tinha havido um

certo comentário de que seu tio Reginald tinha adquirido a terra como pagamento de algum

empréstimo?

Ali estava outra, na beira da Reserva Natural, do lado de lá da Vista do Castelo, se ainda se

lembrava de sua geografia local. Havia mais duas na Estrada Vicinal ne 3, perto de um círculo

que provavelmente indicava a propriedade de Joe Camber — a Fazenda dos Sete Carvalhos.

Duas mais em terras que se supunha pertencerem a Diamond Match no lado

esquerdo do Lago

do Castelo.

Ace *fitou* Gaunt com olhos desvairados e injetados.

— Ele enterrou o dinheiro dele? É isso o que as cruzes significam? *Marcando os onde ele*

enterrou o dinheiro?

O sr. Gaunt deu de ombros elegantemente.

— Não sei de nada. Parece-me lógico, mas, quase sempre, a lógica tem pouco a ver com o

modo como as pessoas se comportam.

— Mas, *poderia* ser — Ace insistiu. Estava se tornando frenético de excitação e dose

exagerada de cocaína. Como se rolos de fios de cobre começassem a explodir nos grandes

músculos de seu braços e ventre. O rosto pálido, cheio de cicatrizes de acne da juventude, se

cobrira de um rubor escuro.

— *Poderia* ser! Todos esses lugares marcados pelas cruzes... *Todos talvez fossem*

propriedade do Pop! Está vendo? Ele pode ter gravado — ou seja qual for a porra de nome que

se dá a isso, mas que ninguém pode comprar — toda essa terra, para que ninguém descobrisse

o que ele enterrou nela!

Aspirou o resto da cocaína no espelho, c depois debruçou-se sobre o balcão. Os

olhos

vermelhos e esbugalhados dançavam em seu rosto.

Pode significar mais do que sair do aperto — ele disse em tons baixos e trêmulos. — Eu

posso estar fabulosamente *rico!*

— Sim — o sr. Gaunt disse. — Eu diria que há grandes possibilidades. Mas, lembre-se

disso, Ace. — E apontou para a parede com o polegar, onde havia uma placa que dizia:

NÃO ACEITAMOS DEVOLUÇÕES

NEM FAZEMOS TROCAS

CAVEAT EMPTOR!

Ace olhou para a placa. — O que quer dizer isso?

— Quer dizer que você não será a primeira pessoa que pensou ter encontrado a chave da

fortuna num velho livro — o sr. Gaunt explicou. — Também quer dizer que ainda preciso de

um garoto de entregas e de um motorista.

Ace fitou-o quase em estado de choque. Depois, riu.

— Tá brincando? — e apontou para o mapa. — Tenho que cavar adoidado.

O sr. Gaunt suspirou pesarosamente, dobrou a folha de papel pardo, tornou a colocá-la

dentro do livro, e guardou o livro na gaveta embaixo da caixa registradora. Fez tudo com uma

velocidade incrível.

— Ei! — Ace berrou. — O que pensa que está fazendo?

— Acaba de me ocorrer que o livro já estava prometido a um outro freguês, sr. Merrill.

Sinto muito. E, realmente, a loja está fechada — dia do Descobrimento da América.

— Espere um instante!

— Claro, se tivesse acedido em aceitar o emprego, tenho certeza de que chegaríamos a um

acordo. Mas, entendo que anda muito ocupado; sem dúvida quer ter certeza de que está tudo

em ordem antes que os Irmãos Corson façam picadinho de você.

A boca de Ace abriu-se, e fechou-se novamente. Estava tentando se lembrar onde ficavam

todas aquelas cruzes, e descobriu que não era capaz. Todas se fundiam em uma única cruz

maior em sua mente zonza e distorcida... uma cruz como as que se viam em um cemitério.

— *Está bem!* — ele gritou. — Esta bem! Fico com esse maldito emprego!

— Neste caso, creio que, afinal de contas, este livro está mesmo à venda — o sr. Gaunt

disse. Tirou-o da gaveta e verificou o preço na orelha da capa.

Custa US$ 150 — Seus dentes irregulares surgiram num sorriso amplo e aberto como a

boca de um tubarão.—Fica em US$ 1.35, dando-se o desconto de empregado.

Ace puxou a carteira, do bolso traseiro, deixou-a cair, e quase bateu com h cabeça na quina

do balcão de vidro ao se abaixar para apanhá-la.

— Mas tenho que ter alguma folga — preveniu.

— De fato.

— Porque, realmente, tenho que cavar por aí.

— É claro.

— Tenho pouco tempo.

— Muito esperto de sua parte ter adivinhado.

— E quando eu voltar de Boston?

— Não vai estar cansado?

— Sr. Gaunt, não posso me dar ao luxo de ficar cansado.

— Talvez eu possa ajudar, nesse particular — o sr. Gaunt disse. Seu sorriso ampliou-se e

todos os dentes surgiram, como numa caveira. — Talvez possa lhe arranjar um pequeno

estimulante, quero dizer.

— O quê? — Ace perguntou, os olhos se arregalando. — O que foi que disse?

— Desculpe?

— Nada, não — Ace disse. — Não tem importância.

— Está bem. Guardou as chaves que lhe dei?

Para sua surpresa, Ace descobriu que tinha guardado o envelope que continha as chaves no

bolso traseiro das calças.

— Ótimo. — O sr. Gaunt registrou US$ 1.35 na caixa registradora, pegou a nota de US$

5.00 que Ace deixara no balcão e devolveu US$ 3.65 de troco. Ace apanhou o dinheiro como

um homem em transe.

— Agora — o sr. Gaunt disse — deixe-me dar algumas instruções, Ace. E, lembre-se do

que eu disse: quero você de volta à meia-noite. Se não voltar ate a meia-noite, vou ficar

profundamente desapontado. E quando estou desapontado, às vezes fico zangado. E você não

gostaria de estar por perto se isto acontecer.

— O senhor vira o Hulk? — Ace perguntou de brincadeira.

O sr. Gaunt levantou um olhar de sorridente ferocidade que fez Ace dar um passo atrás.

— Sim — o sr. Gaunt disse. — É exatamente o que acontece, Ace. Eu viro o Hulk. De

verdade. E agora, preste atenção.

Ace prestou atenção.

11

Faltava um quarto para as 11:00h e Alan se preparava para dar um pulinho até a Nan’s para

um café rápido quando Sheila Brigham ligou o interfone. Era Sonny Jackett na linha 1, ela

disse. Insistia em falar com Alan, e com mais ninguém.

Alan apanhou o telefone.

— Alô, Sonny — posso ajudar em alguma coisa?

— Bem — Sonny disse, em seu sotaque arrastado do leste. — Detesto lhe dar mais um

abacaxi para descascar, depois da dose dupla de ontem, xerife, mas preciso contar que um

velho amigo seu está de volta.

— Quem?

— Ace Merrill. Vi o carro dele estacionado no alto da rua.

— Ah, que merda! Era só o que faltava...

— Você o viu?

— Não, mas o carro não engana ninguém. Um Dodge Challenger, verde-limão — o que a

garotada chama de "carrão". Vi alguns em Plains.

— Bem, obrigado, Sonny.

— De nada — o que você acha que aquele vagabundo veio fazer em Castle Rock, Alan?

— Não sei — Alan respondeu, e pensou ao desligar: *Mas pretendo descobrir*.

12

Havia um espaço vazio ao lado do Challenger verde. Alan manobrou a viatura nº1 na vaga

e desceu. Viu Bill Fullerton e Henry Gendron olhando pela janela da barbearia com olhos

faiscantes de curiosidade, e acenou para eles. Henry apontou para o outro lado da rua. Alan fez

que sim com a cabeça e atravessou. Wilma Jerzyck e Nettie Cobb se matam numa esquina num

dia, e Ace Merrill surge por lá no dia seguinte, ele raciocinou. A cidade está virando o Maior

Espetáculo da Terra.

Ao chegar à calçada oposta, viu Ace saindo da sombra lançada pelo toldo verde de Coisas

Necessárias. Trazia alguma coisa na mão. A princípio, Alan não conseguia distinguir de que se

tratava, mas quando Ace se aproximou, Alan chegou à conclusão de que tinha distinguido

certo mas não conseguira acreditar. Ace Merrill não era o tipo de pessoa que se espera ver com

um livro na mão.

Encontraram-se na frente do terreno baldio onde antigamente se erguera o Emporium

Galorum.

— Alô, Ace — Alan disse.

Ace não demonstrou surpresa alguma em vê-lo. Tirou os óculos de sol do V da camisa,

desdobrou-os com um tranco de uma das mãos e colocou-os no nariz.

— Ora, ora, ora, como vai tudo por aqui, chefe?

— O que está fazendo em Castle Rock, Ace? — Alan perguntou, imperturbável.

Ace olhou para o céu com interesse exagerado. Pequenos pontos de luz faiscavam nas

lentes dos óculos Ray-Ban.

— Belo dia para um passeio — Ace disse. — Parece verão.

— Belo dia — Alan concordou. — Sua licença está em ordem, Ace?

Ace fitou-o com ar de muito ofendido.

— E eu estaria dirigindo, se não estivesse? Isso seria uma infração, não seria?

— Não creio que tenha respondido à minha pergunta.

Fiz outro teste, assim que recebi o bilhete cor-de-rosa—Ace esclareceu. — Estou livre

para-andar nas ruas. E então, chefe? Respondi à sua pergunta?

— Talvez eu queira ver por mim mesmo — Alan estendeu a mão.

— Ora, parece que não confia em mim! — Ace disse. Falou no mesmo tom de voz

brincalhão e provocador, contudo Alan ouviu a raiva contida.

— Digamos que sou de Missouri.

Ace passou o livro para a mão esquerda de forma que pudesse, com a direita, catar a

carteira no bolso traseiro da calça. Com o gesto, Alan enxergou melhor a capa do livro. *A Ilha*

do Tesouro de Robert Louis Stevenson.

Examinou a licença. Estava assinada e dentro do prazo de validade.

— Os documentos do carro estão no porta-luvas, se quiser atravessar a rua e verificá-los

também — Ace disse. Alan, desta vez, ouviu a raiva mais claramente. E, também, a antiga

truculência.

— Acho que desta vez vou confiar em você, Ace. Por que não me diz o que veio fazer

aqui?

— Vim para olhar *aquilo ali* — Ace disse, e apontou para o terreno baldio. — Não sei por

que, mas foi por isso. Duvido que me acredite, mas é a pura verdade.

— E, estranho como pudesse ser, Alan acreditou nele.

— Vejo que também comprou um livro.

— Eu sei ler — Ace disse. — E duvido que acredite nisso, também.

— Ora, ora — Alan disse, enfiando os polegares no cinto. — Um livro de história e um ar

de vitória.

— O cara é poeta, e não sabe.

— Ora, acho que sou. Obrigado por chamar minha atenção, Ace. E, agora, acho que vai

sair de mansinho da cidade, não é?

— E se eu não sair? Acho que ia arranjar uma desculpa para me botar atrás das grades, não

é? A palavra “reabilitação” consta do seu dicionário, xerife Pangborn?

— Sem dúvida — Alan replicou. — Mas sua definição não é Ace Merrill.

— Não me provoque, homem.

— Não estou provocando. Caso eu comece, você vai saber.

Ace tirou os óculos.

— Vocês, tiras, nunca desistem, não é? Nunca... porra... desistem!

Alan guardou silêncio.

Depois de um instante, Ace, aparentemente, se recompôs. Recolocou o Ray-Ban.

— Sabe de uma coisa? Acho que *estou* indo. Tenho coisas a fazer e lugares a ver.

— Ótimo. Mãos ocupadas, mãos felizes.

Mas, se eu quiser voltar, eu volto — me entendeu?

— Entendi, Ace, e deixe-me dizer-lhe que acho que seria uma grande tolice — *me*

entendeu?

— Você não me assusta.

— Neste caso — Alan concluiu — você é ainda mais burro do que eu imaginava.

Ace fitou Alan através das lentes escuras, depois riu. Alan não gostou do som daquela

risada — uma risada de dar arrepios, esquisita e fora de foco. Ficou parado, observando Ace

atravessar a rua naquela ginga fora de moda, dos tempos da brilhantina, abrir a porta do carro e

entrar. Um minuto depois, o motor roncou alto. O cano de descarga vibrava, e quem estava na

rua parou para olhar.

Aquele abafador é Ilegal, Alan pensou. Eu poderia indiciá-lo.

Mas de que adiantaria? Tinha gente maior com quem se preocupar do que Ace Merril que,

seja como for, estava saindo da cidade. Desta vez, para sempre, esperava.

Viu o challenger verde fazer um retorno ilegal na Rua Principal e sair na direção do

Ribeirão do Castelo na periferia da cidade. Depois, virou-se e olhou pensativamente para o

toldo verde no alto da rua. Ace voltara ao torrão natal e comprara um livro — *A ilha do*

Tesouro, para ser exato. Comprara o livro em Coisas Necessárias.

Achei que a loja estaria fechada hoje, Alan pensou. Não era isso o que dizia a tabuleta?

Subiu a rua até Coisas Necessárias. Estava certo a respeito da tabuleta — ela dizia:

FECHADA

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

Se ele atendeu Ace, talvez me atenda, Alan raciocinou, e levantou a mão para bater na

porta. Antes que a mão chegasse à porta, o bip que trazia preso ao cinto disparou. Alan apertou

o botão que desligava aquele artefato odioso e ficou indeciso diante da porta da loja... mas, na

verdade, não havia alternativa sobre o que devia fazer. Um advogado ou um executivo pode se

dar ao luxo de ignorar seus recados por algum tempo, mas quando se trata do

xerife do

município — não por nomeação, mas por voto — não há como discutir prioridades.

Alan atravessou a calçada, depois parou e girou repentinamente nos calcanhares. Sentia-se

um pouco como aquele que na brincadeira de estátua tem que apanhar os outros em

movimento flagrante para que voltem à linha de partida. A sensação de que estava sendo

vigiado voltou, e era muito forte. Tinha certeza de que veria um leve movimento na cortina da

vidraça da porta da loja do sr. Gaunt.

Mas, nada havia para ver. A loja continuou cochilando ao sol inusitadamente quente desse

dia de outubro, e, se não tivesse visto, com seus próprios olhos, que Ace saíra daquela loja,

Alan teria jurado que o local estava deserto, com ou sem a sensação de que estava sendo

vigiado.

Foi até a viatura, inclinou-se para apanhar o microfone, e ligou o rádio.

Henry Payton ligou — Sheila Brigham relatou. — Já tem os laudos preliminares sobre

Nettie Cobb e Wilma Jerzyck, que recebeu de Henry Ryan. Câmbio.

— Estou copiando. Câmbio.

— Henry disse que se quiser que ele lhe dê os pontos principais, ele vai estar lá até o meio-

dia. Câmbio.

— OK. Estou na Principal. Chego logo. Câmbio.

— Olha, Alan?

— Sim?

— Henry também perguntou se vamos conseguir uma máquina de fax antes do fim do

século, de modo que ele possa nos mandar cópias desses relatórios, em vez de telefonar o

tempo todo e ficar lendo tudo para você. Câmbio.

— Diga a ele que escreva uma carta ao presidente do Conselho Municipal — Alan disse,

rabugento. — Não sou eu quem calcula o orçamento, e ele sabe disso.

— Bem, estou só repetindo o que *ele* disse. Não precisa ficar zangadinho. Câmbio.

Alan, no entanto, achou que era Sheila quem parecia estar zangada.

— Câmbio final e desligo.

Entrou na viatura nº1 e pendurou o microfone. Olhou para o banco a tempo de ver o grande

relógio digital marcar as 10:50h e a temperatura de 28°C. Meu Jesus, não precisamos disso.

Esse calor está deixando a cidade toda com erupções.

Alan voltou para o Edifício Municipal, dirigindo devagar, perdido em seus pensamentos.

Não conseguia se libertar da sensação de que algo se passava em Castle Rock, algo que estava

a ponto de se desgovernar. Loucura sua, sem dúvida, loucura dos infernos, mas da qual

simplesmente não conseguia se libertar.

CAPÍTULO TREZE

1

AS ESCOLAS DA CIDADE estavam fechadas por causa do feriado, mas Brian Rusk teria

faltado mesmo que houvesse aula.

Brian estava doente.

Não se tratava de doença física, sarampo ou rubéola, nem mesmo o mal de Hershey

(diarréia líquida), a mais humilhante e debilitante de todas, nem de mental, não exatamente —

sua mente estava envolvida, sem dúvida, mas era quase como se esse envolvimento fosse um

efeito colateral. A parte dele que estava combalida se encontrava em alguma parte mais

profunda dele do que sua mente — uma parte essencial de sua estrutura, impossível de detectar

pelo estetoscópio ou ao microscópio, se mostrava sombriamente cinzenta e doente. Era o tipo

de menino que sempre vê o sol em seu caminho, mas o sol se escondera, enterrado atrás de

espessas nuvens de borrasca ainda em formação.

As nuvens tinham começado a se formar na tarde em que lançara lama nos lençóis da

Wilma Jerzyck; tinham engrossado quando o sr. Gaunt lhe surgira em sonhos, vestido no

uniforme dos Dodgers, dizendo-lhe que ele ainda não tinha pago pela figurinha de Sandy

Koufax... mas foi só nesta manhã, ao descer para o café matutino, que as nuvens tinham se

tornado totalmente ameaçadoras.

Seu pai, no macacão cinzento que usava em seu trabalho na Companhia de Portas e

Laterais Dick Perry, em South Paris, estava sentado à mesa, lendo o *Press-Herald* de Portland

aberto à sua frente,

— Droga de Patriotas — ele comentou atrás dá barricada de jornal. — Quando será que

eles vão arranjar um *quarterback* que seja capaz de lançar a porcaria da bola?

Nada de nomes feios na frente das crianças — Cora advertiu, ocupada ao fogão, mas desta

vez não falou com sua costumeira prepotência exasperada — sua voz soou distante e

preocupada.

Brian escorregou para sua cadeira e despejou leite sobre seus flocos de milho,

— Ei, Bri — Sean disse todo alegre. — Vem comigo até a cidade? Vamos jogar alguns

vídeo-games?

— Pode ser — Brian respondeu. — Eu acho —

E foi então que viu a manchete na primeira página do jornal e parou de falar.

CONFRONTO MORTAL ENTRE

DUAS MULHERES EM CASTLE ROCK

— Foi um duelo — diz a Polícia Estadual.

Havia fotografias das duas mulheres, lado a lado. Brian reconheceu ambas. Uma delas era

Nettie Cobb, que morava logo ali, virando a esquina para a Rua Ford. Sua mãe dizia que ela

era maluca, mas para Brian ela era gente fina. Ele parara algumas vezes para fazer festa no

cachorro quando ela o levava a passear, e ela lhe parecera igual a todo mundo.

A outra mulher era Wilma Jerzyck.

Remexeu seus flocos de milho, mas não chegou a comer sequer uma colherada. Depois que

o pai saiu, Brian jogou os flocos amolecidos na lata de lixo e se arrastou para seu quarto, no

andar de cima. A qualquer hora, esperava ver sua mãe subir para reclamar que ele estava

jogando fora comida boa, enquanto, na África, as crianças sofriam de inanição (ela parecia

achar que a menção de crianças passando fome poderia despertar o apetite), mas ela não veio;

parecia perdida em seu próprio mundo, nesta manhã.

Contudo, Sean estava bem ali, enchendo seu saco como sempre.

— E aí, Bri, o que você acha? Você quer ir até a cidade, não quer? Você vai, não é? — No

seu entusiasmo infantil, estava quase dançando, pulando de um pé para o outro.

— Dá o fora daqui! — Brian gritou, e o irmãozinho encolheu-se todo, uma expressão de

choque e consternação inundando seu rosto.

— Olha — Brian disse. — Desculpe. Mas, você não ia gostar de ir lá hoje, Seanzinho. Está

uma droga.

O lábio inferior de Sean tremia.

—Kevin Pelkey disse —

— Em quem você confia mais? Naquele bundão ou no seu próprio irmão? Não vale a pena,

Sean. Aquele lugar... — umedeceu os lábios e em seguida disse o que achava que era o âmago

da verdade. — É maldito.

— O que há com você? — Sean perguntou. A voz estava magoada e lacrimosa. — VOCÊ

PARECEU um zumbi o fim-de-semana inteiro. E a mamãe também!

— É que não estou bem, só isso.

— Bem... — Sean considerou o assunto. E, de repente, ficou radiante. — Quem sabe você

não ia se sentir melhor se jogasse alguns vídeo-games. Podemos jogar Air-Raid, Bri! Eles têm

o Air-Raid! Aquele que parece que você está sentado dentro do jogo, e ele vai para frente e

para trás. É formidável!

Brian deu ligeira consideração ao assunto. Não. Não conseguia se imaginar indo para a loja

de vídeo-games, hoje não, e talvez nunca mais. Todo o resto da garotada estaria lá — hoje,

seria preciso esperar na fila para poder jogar os jogos bons como o Air-Raid — mas, *ele* estava

diferente agora, e talvez ficasse diferente para o resto da vida.

Afinal de contas, *ele* possuía uma figurinha do Sandy Koufax de 1956.

Ainda assim, gostaria de ser bonzinho com Sean, com *qualquer um* — fazer qualquer coisa

que compensasse, pelo menos um pouquinho, a coisa monstruosa que tinha feito com Wilma

Jerzyck. Assim, disse a Sean que gostaria de jogar alguns vídeo-games na parte da tarde, e que,

enquanto isso, dava-lhe algumas moedas. Brian sacudiu a grande garrafa de plástico de Coca-

Cola, que era o seu cofre, de onde caíram moedas de 25 *cents.*

— Poxa! — Sean exclamou, de olhos arregalados. — Tem oito... nove... dez

quarters aqui!

Você deve estar mesmo *muito* doente!

— É, acho que estou. Divirta-se, Seanzinho. E não diga nada à mamãe, senão ela faz você

devolver tudo.

— Ela está no quarto dela, no mundo da lua com aqueles óculos escuros — Sean disse. —

Ela nem sabe se estamos vivos. — Fez uma pausa e, então, acrescentou: — Eu detesto aqueles

óculos escuros. Eles me dão medo.

Fitou o irmão mais velho mais atentamente. — Você não está bem, Bri.

— Não me sinto nada bem — Brian respondeu com toda sinceridade. — Acho que vou

ficar deitado.

— Bem... vou ficar esperando um pouco. Pra ver se você melhora. Vou ficar vendo os

desenhos no canal *56.* Se você melhorar, desce. — E Sean sacudiu as moedas na mão fechada.

— Está bem — Brian disse, e fechou a porta mansamente, enquanto seu irmão se afastava.

Mas, não tinha se sentido melhor. E, à proporção que o dia avançava, ele se sentia cada

vez *(mais sombrio)* pior e pior. Pensou no sr. Gaunt. Pensou em Sandy Koufax. Pensou

naquela fulgurante manchete de primeira página — CONFRONTO MORTAL ENTRE DUAS

MULHERES EM CASTLE ROCK. Pensou naquelas fotografias, rostos familiares emergindo

daqueles ajuntamentos de pontinhos negros.

Certa hora quase caiu no sono, e então a vitrolinha no quarto de seus pais começou a tocar.

A mãe ouvia um daqueles discos rachados do Elvis em 45 rpm. Era o que tinha feito quase o

fim-de-semana inteiro.

Os pensamentos se tumultuavam na mente de Brian, como detritos no redemoinho de um

ciclone.

CONFRONTO MORTAL

— Você sabe que eles disseram que você era gente fina... mas, era tudo mentira...

Foi um duelo.

MORTAL: Nettie Cobb, aquela senhora que tinha o cachorro.

Você nunca pegou nem um coelho...

Num trato comigo, você tem que ter duas coisas em mente.

CONFRONTO: Wilma Jerzyck, a dona dos lençóis.

O sr. Gaunt é quem sabe das coisas.

...e você não é amigo meu...

...e o duelo não termina até que o sr. Gaunt DIGA que está terminado.

E os pensamentos rodopiavam, um misto de culpa, terror, e desespero, ao ritmo dos

sucessos dourados de EIvis Presley. Aí pelo meio-dia, Brian começou a sentir cólicas e

câimbras de estômago. Correu para o banheiro no fim do corredor, com os pés calçados só em

meias, e vomitou no vaso sanitário o mais silenciosamente possível. Sua mãe não ouviu.

Continuava no quarto, onde EIvis confessava que queria ser o ursinho de pelúcia dela.

Ao voltar lentamente para o quarto, Brian, sentindo-se mais desesperado que nunca, teve a

certeza, terrível e avassaladora: que a figurinha de Sandy Koufax tinha desaparecido. Alguém

a surrupiara ontem à noite, enquanto ele dormia. Brian tinha se envolvido num assassinato por

causa daquela figurinha, e agora ela havia desaparecido.

Seus passos se aceleraram numa corrida, ele quase escorregou no tapete no centro de seu

quarto, e agarrou o álbum de figurinhas de jogadores de beisebol em cima da cômoda. Virou as

páginas com tamanha violência que várias das figurinhas se soltaram de seus prendedores. Mas

a figurinha — a figurinha — continuava lá: o rosto fino fitando-o, sob o envelope de plástico

que a protegia, na última página. Ainda estava lá, e Brian sentiu que um profundo e doloroso

alívio tomava conta dele.

Tirou, com muito cuidado, a figurinha de dentro do envelope, voltou para a cama, e deitou-

se com ela nas mãos. Não via como separar-se dela novamente. Era tudo o que lhe restava

daquele pesadelo. A única coisa. Já não gostava dela, mas lhe pertencia. Se pudesse trazer

Nettie Cobb e Wilma Jerzyck de volta à vida, queimando a figurinha, estaria naquele momento

procurando uma caixa de fósforos (ou, era o que sinceramente acreditava), mas *não poderia*

trazê-las de volta, e já que era assim, o pensamento de perder a figurinha e acabar de mãos

vazias era-lhe insuportável.

Por isso, ficou com ela nas mãos, e fitou o teto e ouviu a voz baixa de EIvis, que agora

cantava *Coração de pedra*. Não admirava que Sean tivesse dito que ele parecia estar bem ruim

— o rosto estava pálido, os olhos imensos e escuros e sem expressão. E, pensando nisso agora,

seu próprio coração também parecia ser de pedra.

E, de repente, um novo pensamento, um pensamento verdadeiramente pavoroso**,** atravessou

as trevas de sua mente com o fulgurar veloz e aterrorizante de um cometa: *ele tinha sido visto!*

Sentou-se ereto na cama, olhando-se, com horror, no espelho do armário. Agasalho verde

berrante! Lenço vermelho vivo cobrindo os rolos do cabelo! A sra. Mislaburski!

— O que está acontecendo aí, garoto?

— Não sei ao certo. Acho que o sr. e a sra. Jerzyck estão discutindo.

Brian pulou da cama e foi até a janela, mais ou menos esperando ver o xerife Pangborn

surgindo pela entrada de carro com sua viatura naquele exato momento. Não o viu**,** mas logo

ele estaria chegando. Porque, quando duas mulheres se matam num confronto mortal, havia

uma investigação. A sra. Mislaburski seria interrogada. E acabaria dizendo que tinha visto um

menino na casa dos Jerzycks. Aquele menino, ela diria ao xerife, era Brian Rusk.

No andar térreo, o telefone começou a tocar. Sua mãe não atendeu, apesar de ter uma

extensão no quarto. Continuou cantando, acompanhando a música. Finalmente**,** ouviu Sean

atender.

— Quem deseja falar?

Brian pensou com toda calma. Ele vai me arrancar a verdade. Não consigo mentir, não

para um tira. Não fui capaz de mentir nem para a sra. Leroux sobre quem quebrou o vaso na

mesa dela quando ela foi até a secretaria, naquela ocasião. Ele vai arrancar a verdade de mim, e

eu vou para a cadeia por assassinato.

Foi aí que Brian Rusk começou a pensar em suicídio. Não eram pensamentos loucos,

românticos — eram pensamentos muito tranqüilos, muito racionais. Seu pai guardava uma

espingarda na garagem, e, naquele momento, a espingarda fazia perfeito sentido. A espingarda

parecia ser a resposta para tudo.

— *Briaaaan! Telefooooone!*

— Não quero falar com Stan! — ele gritou. — Diga a ele que eu telefono amanhã.

— Não é o Stan — Sean gritou em resposta. — É um coroa.

Enormes mãos de gelo apertaram o coração de Brian. Acabou-se — era o xerife Pangborn

ao telefone.

Brian? Tenho algumas perguntas. São perguntas muito sérias. Acho que se não respondê-

las com toda sinceridade, vou ter que ir até aí e pegar você. Terei que ir no meu carro oficial.

Logo, logo, seu nome vai aparecer nos jornais, Brian, e vão mostrar sua fotografia na

televisão, e todos os seus amigos irão vê-la. Seu pai e sua mãe também a verão, e o seu

irmãozinho. E quando exibirem a sua fotografia, o homem da televisão vai dizer: "E este é

Brian Rusk, o garoto que contribuiu para o duplo crime de Nettie Cobb e Wilma Jerzyck".

— Qu-qu-quem é?

— Não sei! — Sean fora arrastado para longe dos *Transformers* e parecia irritado. Acho

que ele disse que o nome era Crowfix. Alguma coisa assim.

Crowfix?

Brian parou no vão da porta, o coração martelando dentro do peito. Agora, duas manchas

vermelhas, como a maquilagem de um palhaço, queimavam seu rosto pálido.

Não era Crowfix.

Koufax,

Sandy Koufax estava telefonando para ele. Exceto que Brian sabia muito bem de quem se

tratava realmente.

Desceu as escadas e seus pés pesavam como chumbo. O fone parecia pesar pelo menos uns

200kg.

— Alô, Brian — o sr. Gaunt disse com suavidade.

— A-a-a-lô - Brian respondeu na mesma vozinha, esganiçada e sumida.

— Você não tem com o que se preocupar — o sr. Gaunt disse. — Caso a sra. Mislaburski

tivesse visto você atirar aquelas pedras, ela não teria perguntado o que estava acontecendo.

Agora me diga, é ou não é?

— Como sabe disso? — Brian sentiu vontade de vomitar novamente.

— Isso não importa. O que importa é que você fez o que era certo, Brian. O que era

exatamente certo. Você disse que achava que o sr. e a sra. Jerzyck estavam discutindo. Se a

polícia *chegar até* você, pensarão simplesmente que ouviu a pessoa que estava atirando as

pedras. Pensarão que você não viu quem era, porque essa pessoa estava nos fundos da casa.

Pela arcada, Brian olhou para dentro da sala íntima para ter certeza de que Sean não estava

bisbilhotando. Não estava — Sean estava sentado de pernas cruzadas, em frente à televisão,

com um saco de pipocas de forno microondas no colo.

— Não sei mentir! — ele murmurou ao fone. — Sempre me apanham, quando estou

mentindo!

— Desta vez, não, Brian — disse o sr. Gaunt. — Desta vez, você vai se comportar como

um veterano.

E, o mais terrível de tudo era que Brian achava que, também a esse respeito, o sr. Gaunt era

quem sabia das coisas.

2

Enquanto o seu filho mais velho pensava em suicídio, e depois, em sussurros, se

empenhava numa barganha desesperada com o sr. Gaunt, Cora Rusk dançava silenciosamente

ao redor de seu quarto de dormir, vestida em seu penhoar.

Exceto que não se achava em seu quarto.

Assim que punha os óculos que lhe tinham sido vendidos pelo sr. Gaunt, ela se via em

Graceland.

Dançava através de aposentos fabulosos que cheiravam a Pinho-Sol e frituras, aposentos

nos quais os únicos ruídos eram o zumbir dos aparelhos de ar condicionado (apenas umas

poucas janelas em Graceland podiam realmente ser abertas — muitas delas se encontravam

travadas com pregos, e quase todas tinham as persianas arriadas), o sussurro de seus pés em

espessos tapetes, e Elvis cantando *My Wish Came True* naquela voz de desejo e de lamúria. Ela

dançava sob o imenso lustre de cristal francês na sala de jantar e em frente aos vitrais de

pavões, de marca registrada. Correu as mãos pelos drapeados de rico veludo azul. A mobília

era do período provincial francês. As paredes eram pintadas de vermelho-sangue.

A cena se dissolveu como numa tomada lenta de filmagem, e Cora viu-se no escritório do

subsolo. Havia fileiras de galhadas de animais numa das paredes, e colunas de discos de ouro

emoldurados em outra. Telas apagadas de televisão se projetavam de uma

terceira parede.

Atrás do longo balcão curvo do bar havia prateleiras repletas de Gatorade: sabores limão,

laranja e lima.

O automático do seu fonógrafo antigo, que tinha uma fotografia d'O Rei colada na tampa

de vinil, fez um clique. Caiu outro disco de *45* rpm. Elvis pôs-se a cantar *Blue Hawaii* e Cora,

dançando hula-hula, invadiu o Salão da Selva com seus ranzinzas deuses Tiki, o sofá cujos

braços eram gárgulas, e o espelho com sua moldura de plumas entrelaçadas, arrancadas do

peito de faisões vivos.

Ela dançava. Com os óculos que adquirira em Coisas Necessárias mascarando seus olhos,

ela dançava. Dançava em Graceland, enquanto seu filho voltava derreado para o quarto e se

deitava novamente, fitando o rosto estreito de Sandy Koufax e pensando em álibis e

espingardas.

3

O Ginásio de Castle Rock era um severo amontoado de tijolos vermelhos que se erguia

entre o correio e a biblioteca, um remanescente dos tempos em que os anciãos da cidade não se

sentiam inteiramente à vontade com uma escola a menos que tivesse a aparência

de um

reformatório. Esta fora construída em 1926 e preenchia os requisitos admiravelmente. A cada

ano, a cidade dava um pequeno passo a favor da construção de uma nova escola, uma que

tivesse janelas de verdade, ao invés de espias, e um *playground* que não se assemelhasse ao

pátio de exercícios de uma penitenciária, com salas de aula que conseguissem manter-se

aquecidas no inverno.

A classe de terapia da fala de Sally Ratcliffe foi o resultado de uma decisão tardia,

localizada no subsolo, espremida entre a sala da caldeira e a sala do almoxarifado com suas

pilhas de papel-toalha, giz, textos didáticos de Ginn & Cia., e barris de cheirosa serragem

avermelhada. A mesa da professora e seis carteiras diminutas para os alunos tomavam quase

todo o espaço, com pouca disponibilidade para circulação, mas, mesmo assim, Sally se

esforçara para que aquela sala fosse a mais alegre possível. Sabia que a maioria das crianças

que se matriculavam para a terapia da fala — os gaguinhos, os de língua presa, os disléxicos,

os fanhosos — achavam a experiência um acontecimento horrível e assustador. Sofriam a

caçoada de seus colegas, e o interrogatório dos pais. Não havia necessidade de que, para

completar, o ambiente da sala fosse desnecessariamente triste.

Dois móbiles pendiam dos canos empoeirados do teto, havia fotografias de astros e estrelas

da televisão e do rock pelas paredes, e um enorme *pôster* do gato Garfield na porta. As

palavras no balãozinho que saía da boca do Garfield diziam: “*Se um gato fresco como eu é*

capaz de falar essa bobagem, você também é!"

Seus arquivos estavam dolorosamente atrasados embora as aulas só tivessem começado há

cinco semanas. Tinha tido a intenção de passar o dia inteiro atualizando os arquivos, mas, à

1:15h, juntou todo o material, enfiou-o de volta dentro da gaveta de onde o tinha tirado, bateu e

trancou a gaveta. Disse a si mesma que estava saindo mais cedo porque o dia estava lindo

demais para ser desperdiçado nesta salinha de subsolo, ainda que, por encanto, a caldeira se

mantivesse misericordiosamente silenciosa. Contudo, a verdade não era bem essa. Sally tinha

planos muito definidos para esta tarde.

Queria ir para casa, queria sentar-se em sua poltrona ao lado da janela, com a luz do sol

descansando em seu colo, e queria meditar a respeito daquele fabuloso

fragmento de madeira

que tinha comprado em Coisas Necessárias.

Estava ficando cada vez mais convencida de que aquela lasca de madeira era um autêntico

milagre, um daqueles pequenos e divinos tesouros que Deus espalhou pela Terra para que seus

fiéis os encontrassem. Segurá-lo era como sorver um gole de água de fonte num dia de verão.

Segurá-lo era ser alimentada, quando sentia fome. Segurá-lo era...

Em suma, segurá-lo era êxtase.

E, algo também a atormentava. Tinha guardado o fragmento na última gaveta da cômoda

do quarto, sob a roupa íntima, e teve o cuidado de trancar a porta da frente ao sair de casa,

embora persistisse uma sensação aflita, incômoda de que alguém pudesse invadir sua casa e

roubar a

(relíquia, sagrada relíquia)

lasca de madeira. Tinha consciência de que não fazia muito sentido — qual o ladrão que

iria querer roubar uma lasca velha de madeira cinzenta, mesmo que a encontrasse? Mas, se

acontecesse de o ladrão *tocá-la...* se aqueles sons e imagens invadissem a mente do ladrão

como invadiam a dela, cada vez que fechava aquele pedaço de madeira em seu delicado

punho... então...

Por isso, decidira ir para casa. Vestiria shorts e camiseta e passaria uma hora mais ou

menos em tranquila

(exaltação)

meditação, sentindo o soalho sob seus pés transformar-se num convés que se erguia e

abaixava, ouvindo mugidos, zurros e balidos, sentindo o calor de um sol diferente, esperando

pelo momento mágico — que com certeza chegaria se conseguisse ficar segurando a lasca de

madeira durante tempo suficiente, e se permanecesse muito, muito imóvel, em profunda,

profunda oração — em que a proa daquele barco enorme e pesado viria a pousar no topo de

uma montanha, com um baque surdo. Não sabia por que Deus teria decidido que ela merecia

ser abençoada, ela dentre todos os fiéis do mundo, com este milagre radioso e fulgurante, mas

desde que era decisão d'Ele, Sally pretendia viver total e completamente aquela experiência,

até o seu último limite.

Saiu pela porta lateral e atravessou o *playground* até o estacionamento do corpo docente,

uma jovem alta e bonita de longas pernas e cabelo louro-escuro. Os comentários corriam na

barbearia sempre que Sally Ratcliffe passava, de corretos sapatos baixos, normalmente com a

bolsa em uma das mãos e sua Bíblia — abarrotada de panfletos — na outra.

— Deus do Céu, as pernas dessa moça vão até o queixo dela — Bobby Dugas dissera, certa

vez.

— Não perca o sono por causa disso — Charlie Fortin retrucara. — Você nunca vai senti-

las cruzadas ao redor da *sua* bunda. Ela pertence a Jesus e a Lester Pratt... nessa ordem.

A barbearia tinha explodido em gargalhadas viris e barulhentas, no dia em que Charlie

tinha se saído com essa — de se dobrar de rir. E, na calçada, Sally, imperturbável, sem tomar

conhecimento, sem se incomodar, envolta em sua própria virtude e inocência, seguira seu

caminho para o Estudo Bíblico da Mocidade do rev. Rose.

Nenhuma piada surgia a respeito das pernas ou d *e qualquer outra coisa* de Sally se

acontecesse de Lester Pratt se encontrar no Canto da Tosquia (o que acontecia pelo menos uma

vez a cada três semanas, para aparar as pontas do cabelo de corte militar). Para os que

gostavam de tais detalhes, era claro que na opinião dele Sally peidava perfume e cagava

petúnias, e não era de bom alvitre discutir com um homem da envergadura de

Lester Pratt. Era

um rapaz bem agradável, mas quando o assunto era Deus ou Sally ele se tornava mortalmente

sério. E um homem como Lester era capaz de arrancar braços e pernas de alguém e recolocá-

los em locais bastante curiosos e interessantes, caso lhe aprouvesse.

Ele e Sally tinham uma intimidade bastante ardente, mas jamais Tinham Ido até o Fim.

Depois dessas sessões, Lester normalmente voltava para casa em estado de total desalinho, a

cabeça estourando de alegria e os ovos estourando de esperma represado, sonhando com a

noite, já não muito distante, em que ele não teria que se interromper. Indagava-se se não

acabaria por afogar Sally na primeira vez em que realmente fizessem.

Sally também esperava ansiosa pelo casamento e pelo fim daquela frustração sexual...

embora nestes últimos dias, os carinhos de Lester tivessem lhe parecido menos importantes.

Tinha ponderado se deveria contar a ele sobre a lasca de madeira da Terra Santa que havia

comprado em Coisas Necessárias, a lasca que continha o milagre, e afinal, decidira-se contra.

Deveria, é claro — milagres devem ser compartilhados. Não restava dúvida de que era pecado

não compartilhá-los. Mas, ficara surpresa (e até um pouco desapontada) com o

sentimento de

ciumenta possessividade que tomava conta dela cada vez que lhe ocorria mostrar aquela lasca a

Lester e convidá-lo a segurá-la.

Não! uma voz zangada e infantil bradara em seu íntimo, na primeira vez em que dera

consideração à idéia. *Não, é só minha! Não iria significar para ele o mesmo que significa para*

mim! Não poderia!

Chegaria o dia em que *a compartilharia* com ele, do mesmo modo como chegaria o dia em

que compartilharia seu corpo com ele — mas ainda não era a hora para qualquer das duas

coisas.

Este quente dia de outubro pertencia somente *a ela.*

Havia poucos carros no estacionamento do corpo docente, e o Mustang de Lester era o

mais novo e o mais bonito deles. Sally andava tendo toda espécie de problemas corri seu

próprio carro — alguma coisa errada no trem de debreagem que vivia quebrando — mas esse

não era o verdadeiro problema. Ao telefonar para Les naquela manhã e perguntar se podia usar

o carro dele novamente (que Sally tinha devolvido apenas no dia anterior, depois de um

empréstimo de seis dias), ele se oferecera para levar o carro a ela imediatamente.

Poderia

voltar fazendo corrida, ele dissera, e de tarde ele e a turma iriam jogar futebol. Sally

desconfiava de que Les teria insistido para que ela ficasse com o automóvel mesmo que *ele*

próprio precisasse do carro, e isto lhe parecia perfeitamente natural. De um modo vago e

impreciso, resultado mais de intuição do que de experiência — ela sabia que Les caminharia

sobre brasas se ela lhe pedisse, o que estabelecia a corrente de adoração que ela aceitava com

ingênua complacência. Les a adorava — e ambos adoravam a Deus, e tudo estava em seu

devido lugar, por todos os séculos dos séculos, amém.

Entrou no Mustang, e ao virar-se para colocar a bolsa no painel seus olhos deram com uma

coisa branca que aparecia por baixo do banco do carona. Parecia um envelope.

Abaixou-se e apanhou-o, achando estranho encontrar tal coisa dentro do Mustang: Les,

geralmente, mantinha o carro tão bem arrumado como sua própria pessoa. Havia apenas uma

palavra no rosto do envelope, mas que lhe causou um breve sobressalto vicioso. A palavra era

Amorzinho, escrita em caligrafia ligeiramente floreada.

Caligrafia *feminina*.

Ela olhou atrás. Nada escrito nas costas, e o envelope estava colado.

— Amorzinho? — Sally indagou-se em dúvida, e subitamente deu-se conta de que estava

sentada dentro do carro de Lester, com todas as janelas ainda levantadas, e suando como uma

louca. Ligou o motor, abriu a janela do seu lado e debruçou-se para abrir o vidro do lado do

carona.

Ao fazê-lo, teve a impressão de um leve perfume no ar. Não seria dela — Sally não usava

perfume nem maquiagem. Sua religião lhe ensinava que tais eram os instrumentos com que as

prostitutas trabalhavam. (E, além do mais, não precisava de tais artifícios).

De qualquer forma, não devia ser perfume. Apenas os últimos ramos de madressilvas que

cresciam ao longo da cerca — foi esse o perfume que sentiu.

— Amorzinho? — ela repetiu, examinando o envelope.

Este nada revelava. Limitava-se a ficar ali, entre os dedos dela.

Passou o dedo pela superfície do envelope, depois inclinou-o para frente e para trás. Havia

um pedaço de papel dentro dele, ela achava — pelo menos um — e mais alguma coisa,

também. Essa alguma coisa parecia ser uma fotografia.

Levantou o envelope contra o pára-brisas do automóvel, mas de nada adiantou. O sol

estava se pondo no lado oposto. Depois de considerar por um momento, ela saiu do carro e

segurou o envelope contra a luz do sol — conseguiu ver um leve retângulo — a carta, ela

pensou — e uma forma escura e quadrada que era provavelmente a fotografia de

(Amorzinho)

quem quer que tivesse enviado aquela carta para Les.

Exceto, é óbvio, que a carta não fora *enviada* — não pelo correio, seja como for. Não havia

selo, ou endereço. Apenas aquela única palavra problemática. Também ainda não fora aberta, o

que significava... o quê? Que alguém a colocara dentro do Mustang de Lester enquanto Sally

trabalhava em seus arquivos?

Talvez. E talvez significasse que alguém a colocara dentro do carro na noite anterior —

ontem mesmo — e Lester não a notara. Afinal, apenas um canto do envelope estava à vista —

talvez tivesse escorregado para debaixo do banco enquanto ela dirigia para a escola hoje de

manhã.

— Oi! srta. Ratcliffe — alguém chamou. Ela abaixou o envelope bruscamente,

escondendo-o entre as pregas da saia. A culpa acelerou seu coração.

Era o menininho Billy Marchant, atravessando o *playground*, carregando o *skate* embaixo

do braço. Sally acenou para ele e depois tornou a entrar rapidamente no carro. Seu rosto ardia.

Ela estava ruborizada. Que tolice — não, que *loucura* — mas estava se comportando como se

Billy a tivesse apanhado fazendo alguma coisa proibida.

Ora, e não estava? Você não estava tentando bisbilhotar uma carta que não lhe pertence?

Foi então que sentiu as primeiras pontadas de ciúme. Talvez *fosse* dela — uma porção de

gente em Castle Rock sabia que, nestas últimas semanas, ela dirigia o carro de Lester Pratt

quase tanto quanto dirigia o seu próprio. E mesmo que a carta *não fosse* sua — Lester Pratt

era. Pois não tinha acabado de pensar, com a sólida e agradável complacência que apenas as

mulheres cristãs, quando jovens e bonitas, podem sentir daquela maneira peculiar, de que ele

seria capaz de caminhar sobre brasas por causa dela?

Amorzinho.

Ninguém tinha deixado aquele envelope para *ela* — disso tinha certeza. *Ela* não tinha

mulheres amigas que a chamassem de Queridinha, ou Meu Amor ou Amorzinho, Era para

Lester. E —

A solução veio-lhe de repente, e ela deixou-se cair contra o assento estofado azul-pálido,

com um pequeno suspiro de alívio. Lester dava Educação Física no Ginásio de Castle Rock.

As aulas eram só para os rapazes, naturalmente, mas havia uma porção de garotas —

jovenzinhas e impressionáveis — que o viam todos os dias. E Les era um rapaz muito bonito.

Alguma mocinha do ginásio, achando que está apaixonada, colocou o envelope no carro

dele. S *ó* isso. Nem teve coragem de deixar no painel onde ele o veria *imediatamente.*

— Ele não se incomodaria se eu abrisse o envelope — Sally disse em voz alta, e arrancou

uma tira reta de uma dobra, que guardou no cinzeiro que jamais vira um cigarro. — E vamos

dar uma boas risadas hoje à noite.

Inclinou o envelope e um instantâneo Kodak caiu em sua mão. Ela viu, e por um momento

seu coração perdeu uma batida. Então, Sally ficou sem fôlego. Vermelho vivo inundou-lhe as

faces, e a mão levantou-se tapando a boca que se havia arredondado num escandalizado Oh de

desalento.

Sally jantais pusera os pés no Tigre Manso e, por isso, o cenário lhe era desconhecido, mas

não era completamente ingênua — assistira televisão e vira filmes suficientes para reconhecer

um bar quando o visse. A foto mostrava um homem e uma mulher sentados a uma mesa que

parecia localizada num canto (um cantinho *escondido,* sua mente insistia) de um grande salão.

Havia uma jarra de cerveja e dois copos longos de Pilsner na mesa. Havia outras pessoas em

outras mesas, atrás e ao lado do casal. Nos fundos, uma pista de dança.

O homem e a mulher estavam se beijando.

Ela usava um *top* cintilante de malha, que deixava a barriga à mostra, e uma saia que

parecia ser de linho branco. Uma saia *extremamente* curta. A mão do homem comprimia com

familiaridade a pele de sua cintura. A outra mão estava *embaixo da saia dela,* deixando-a ainda

mais curta. Sally chegava a distinguir o borrão das calcinhas da mulher.

Essa ordinariazinha, Sally pensou com furiosa repugnância.

O homem estava de costas para o fotógrafo; Sally distinguia apenas o queixo e uma orelha.

Mas notou que era muito musculoso e que o cabelo preto estava cortado muito curto, à

escovinha. Vestia camiseta azul — a que os alunos do colégio davam o nome de “mostra-

muque” — e calças de malha azul com uma listra branca na costura externa.

Lester.

Lester explorando a geografia íntima sob a saia daquela ordinária.

Não! Sua mente bradava em pânico, negando. *Não pode* ser ele! Lester não freqüenta

bares! Ele nem sequer bebe! E jamais beijaria outra mulher, porque ele me ama! Eu sei que ele

me ama, porque...

— Porque ele me disse. — A seus próprios ouvidos chocados, sua voz soou inexpressiva e

sem convicção. Tinha vontade de amassar aquela fotografia e jogá-la fora, mas não podia fazer

isso — se o fizesse, alguém poderia encontrá-la, e o que iriam pensar?

Debruçou-se novamente sobre a fotografia, e estudou-a com olhos atentos e ciumentos.

A cabeça do homem tampava uma boa parte do rosto da mulher, mas Sally via-lhe a linha

da sobrancelha, o canto de um olho, a face esquerda, e a linha do queixo. Mais importante, via

o corte de cabelo da mulher — repicado, com franja caindo na testa.

Judy Libby tinha cabelo escuro, Judy Libby tinha cortado o cabelo repicado, com franja

caindo na testa.

— Você está errada — não, pior que isso, você está louca. Les desmanchou com Judy

quando ela se desligou da igreja. E, então, ela foi embora. Para Portland, ou Boston ou outro

lugar qualquer. Isto é um trote, de uma mentalidade torcida e mesquinha. Você sabe que Les

jamais —

Mas, você sabe *mesmo!* De verdade?

E, em caçoada, toda a sua antiga complacência despertou, e uma voz que jamais ouvira

antes desse dia falou subitamente do âmago de seu coração: *a confiança do inocente é a*

melhor arma do mentiroso.

Não *precisava* ser Judy, necessariamente; nem *precisava* ser Lester. Afinal de contas, não

se pode dizer quem é quem quando estão se beijando, não é verdade? Quando se entra atrasado

no cinema não se distingue com certeza, mesmo que sejam dois artistas famosos

contracenando. É sempre preciso esperar que o beijo acabe e que eles fiquem de frente para a

câmera.

Isto não é um filme, *aquela voz nova lhe disse. Isto é* vida real. *E, se não são el* es, então o

que está fazendo esse envelope aqui dentro do carro?

Seus olhos agora se fixaram na mão direita da mulher que pressionava gentilmente a nuca

de *(Lester)* seu namorado. Tinha unhas longas e torneadas, pintadas de esmalte escuro. Judy

Libby tinha unhas assim. Sally recordava-se de não ter ficado nem um pouco surpresa quando

Judy cessara de freqüentar a igreja. Uma garota com aquelas unhas, lembrava se de ter

pensado, tem muito mais coisas na cabeça do que o Senhor dos Exércitos.

Muito bem, então provavelmente é Judy Libby. O que não significa que o

homem com ela

é Lester. Talvez Judy quisesse dar aos dois um troco venenoso porque Lester a abandonara ao

descobrir que ela era tão cristã como Judas Iscariotes. Afinal de contas, muitos homens cortam

o cabelo à escovinha, e qualquer homem pode usar calças azuis de malha com listras brancas

laterais.

Seus olhos, então, notaram outro detalhe, e foi como se seu coração se enchesse de chumbo

de repente. O homem estava usando um relógio de pulso — do tipo digital. Que ela

reconheceu, embora não estivesse bem focalizado. Não podia deixar de reconhecê-lo, pois fora

ela própria quem o dera de presente para Lester, no dia do aniversário dele, mês passado.

Poderia ser coincidência, sua mente insistia sem convicção. Não passava de um Seiko, que

era o que eu podia comprar. Qualquer homem poderia ter um relógio igual, Mas, aquela voz

nova riu rouca e desesperadamente. A nova voz perguntou a quem ela pensava que estava

enganando. E havia mais. Sally não podia ver a mão embaixo da saia da garota (Graças a Deus,

por esta pequena bênção!), mas o braço ao qual aquela mão estava ligada era visível. E havia

duas grandes pintas naquele braço, jogo abaixo do cotovelo. Quase se tocavam, formando um

número 8.

Quantas vezes acariciara, com dedos amorosos, aquelas mesmas pintas, enquanto

namoravam no balanço da varanda? Quantas vezes as beijara amorosamente enquanto ele lhe

acariciava os seios (devidamente protegidos por sutiãs J. C. Penney, escolhidos a dedo para

tais conflitos de amor na varanda dos fundos), e sussurrava palavras de ternura e promessas de

fidelidade eterna?

Era Lester, não *restava* dúvida. Um relógio pode ser colocado e retirado do pulso, mas

pintas não... O compasso de uma música antiga lhe ocorreu: *"Garotas levadas... tut-tut... bip-*

bip...",

— Ordinária, ordinária, *ordinária!* — ela silvou, num sussurro bruscamente maligno.

Como ele pôde voltar para ela? *Como?*

Talvez, a voz insinuou-se, *porque ela deixa ele fazer coisas que você não deixa*. Seu peito

arfou — e ela ofegou desalentada, o ar entrando pela fresta dos dentes, indo para a garganta.

Mas, eles estão num bar! Lester não —

E, deu-se conta de que tal consideração era secundária. Se ele andava se

encontrando com

Judy e mentia a respeito, uma mentira sobre beber cerveja ou não, perdia toda a importância,

não é?

Sally pôs a fotografia de lado com mão trêmula e tirou do envelope a folha de papel que a

acompanhava. Uma única página de papel de carta, rosa-pêssego, com margem marcada. Um

suave aroma, doce e cheio evolou-se do papel. Sally levou-o às narinas e inalou fundo.

— *Ordinária!* — *ela* gritou, num lamento rouco e doloroso. Se Judy Libby tivesse

aparecido na sua frente, naquele momento, Sally a teria atacado com suas próprias unhas,

apesar de discretamente curtas como eram. Tomara que aparecesse. E Lester, também. Levaria

algum tempo até que ele pudesse voltar a jogar futebol novamente, depois que *ela* terminasse

com ele. *Um bom tempo.*

Desdobrou a nota. Era uma mensagem curta, as palavras escritas segundo o Método de

Caligrafia Palmer, pela mão de uma estudante.

Les querido,

Felicia tirou esta fotografia quando estávamos no Tigre, na outra noite. Disse que deveria

usá-la para fazer chantagem conosco! Mas, estava só brincando. Ela me deu, e

eu a dou para

você como uma lembrança da nossa GRANDE NOITE. Foi MUITO ASSANHAMENTO SEU

pôr a mão embaixo da minha saia daquele jeito, “na frente de todo mundo”, mas me deixou

TÃO QUENTE! E, você é TÃO FORTE. Quanto mais eu olhava para a fotografia, mais

QUENTE eu ia ficando. Se você olhar de perto, vai poder ver minha calcinha! Que bom que

Felicia não voltou depois, quando eu já estava sem ela!!! Vejo você mais tarde. Nesse meio-

tempo, guarde a fotografia “em memória de mim”. Vou estar pensando em você e na sua

COISA GRANDE. É melhor eu parar por aqui, antes de ficar ainda mais quente, ou vou ter

que me arranjar sozinha. E, por favor, pára de se preocupar COM ELA. Ela está ocupada

diniais se encontrando com Jesus para ligar para nós dois.

Sua

Judy

Sally permaneceu sentada atrás do volante do Mustang de Lester durante quase meia hora,

lendo e relendo aquela nota, sua mente e suas emoções num torvelinho de mágoa, ciúme e

ressentimento. Também havia um meio-tom de excitação sexual tanto em seus sentimentos

como em seus pensamentos — mas, ela jamais admitiria isto para quem quer que fosse, muito

menos para si mesma.

A idiota nem sequer sabe escrever “demais", *ela pensou.*

Seus olhos buscavam novas frases para se fixar. A maioria delas eram as que estavam em

letras maiúsculas.

Nossa GRANDE NOITE.

MUITO ASSANHAMENTO.

TÃO QUENTE.

TÃO FORTE

A sua COISA GRANDE.

Mas a expressão que persistiu, aquela que mais completamente acendeu sua fúria, foi a

referência blasfema ao ritual da Comunhão.

... *guarde esta fotografia "em memória de mim".*

Imagens obscenas se intrometeram na imaginação de Sally, sem permissão. Os lábios de

Lester se fechando no mamilo de Judy Libby enquanto ela recitava: “Tomai, bebei, fazei isto

em memória de mim”. Lester de joelhos, e as pernas de Judy Libby escancaradas, enquanto ela

lhe dizia que tomasse, comesse, em memória de mim.

Amassou a mensagem, fazendo uma bolinha que jogou no chão do carro.

Sentou-se ereta,

segurando o volante, respirando com dificuldade, o cabelo eriçado em mechas úmidas (ficou

passando os dedos pelo cabelo enquanto lia aquela carta, num estado de espírito desalentador).

Depois abaixou-se, pegou a nota, desamassou-a e a colocou de volta no envelope, junto com a

fotografia. Suas mãos tremiam tanto que só conseguiu na terceira tentativa e, assim mesmo,

rasgou o envelope de alto a baixo.

— Ordinária! — ela gritou de novo e desandou a chorar lágrimas ardentes — queimavam

como ácido.

— Cadela! E você! Seu! Seu mentiroso filho da mãe!

Girou a chave violentamente na ignição. O motor do Mustang, voltando à vida, roncou tão

furioso quanto Sally se sentia. Engatou a marcha e saiu a toda velocidade tio estacionamento,

levantando uma nuvem de fumaça azul e tirando um lamento da borracha queimada dos pneus.

Billy Marchant, que praticava manobras radicais no seu *skate* através do *playground,*

levantou os olhos, assustado.

4

Quinze minutos mais tarde, já estava em seu quarto, remexendo na gaveta de roupa intima,

procurando a lasca de madeira, sem conseguir encontrá-la. A raiva que sentia de Judy e

daquele filho da mãe do seu namorado mentiroso, se eclipsava diante, de um pavor maior —

onde teria ido parar a lasca? E se, no final das contas, ela tivesse sido furtada?

Sally trouxera o envelope rasgado com ela, e deu-se conta de que ainda o trazia agarrado

na mão esquerda. Era isto o que a impedia de procurar direito. Lançou-o longe, e começou a

tirar sua discreta roupa de baixo da gaveta, aos punhados, usando as duas mãos, e espalhando

peças íntimas pelo quarto todo. Justamente quando sentiu vontade de gritar num misto de fúria,

pânico e frustração, Sally deu com os olhos na lasca de madeira. Tinha puxado a gaveta com

tamanha força que a lasca deslizara para o fundo, indo parar no cantinho esquerdo.

Agarrou-a, e imediatamente sentiu-se inundada de paz e tranquilidade. Agarrou o envelope

com a outra mão e, então, estendeu as duas mãos diante de si, o bom e o maligno, o sagrado e

o profano, alfa e ômega. Em seguida, colocou o envelope dentro da gaveta e por cima foi

jogando a roupa, de qualquer jeito, em pilhas desorganizadas.

Sentou-se, cruzou as pernas, e curvou a cabeça sobre a lasca de madeira. Fechou os olhos,

na expectativa de sentir o chão começar a ondular gentilmente sob seus pés, na expectativa da

paz que a invadia ao ouvir as vozes dos animais, os pobres animais irracionais, que numa

época de perversidade tinham sido salvos pela graça de Deus.

Ao invés, o que ouviu foi a voz do homem que lhe havia vendido a lasca de madeira. *Você*

realmente precisa dar um jeito nisso, sabe, disse a voz do sr. Gaunt saindo do cerne da

relíquia. *Você realmente precisa dar num jeito neste... nesta história sórdida.*

— Sim — Sally respondeu. — Sim, eu sei.

Ficou sentada a tarde inteira, naquele quarto de virgem no cio, pensando e sonhando sob o

círculo escuro que a lasca de madeira lançava ao seu redor, uma escuridão que era como a

sombra da cabeça de uma naja.

5

— Estando eu à janela... co'a minha almofada... minha agulha de ouro... meu dedal de

prata...

Enquanto Sally Ratcliffe meditava em sua nova escuridão, Polly Chalmers sentava-se num

feixe de radiosa luz do sol, junto à janela que abrira para deixar entrar um pouco daquela tarde

inusitadamente quente de outubro. Trabalhava em sua máquina Singer Dresser-O-Matic e

cantava *Santa Iria* em sua límpida e agradável voz de contralto.

Rosalie Drake se aproximou e comentou:

— Sei de alguém que está se sentindo melhor, hoje. *Muito* melhor, pelo que se vê.

Polly levantou o olhar e deu um sorriso estranhamente complexo para Rosalie.

— Sim e não — ela disse.

— O que está querendo dizer é que sim e que não pode evitar.

Polly considerou o comentário por alguns instantes e depois meneou a cabeça. A

explicação não era exatamente essa, mas servia. As duas mulheres que tinham morrido juntas

no dia anterior, estavam juntas novamente na Casa Funerária Samuels.

Os enterros sairiam de igrejas diferentes na manhã seguinte, mas na parte da tarde, estariam

reunidas novamente... desta vez, no Cemitério Homeland. Polly considerava-se parcialmente

responsável por aquelas mortes — afinal, Nettie Cobb jamais teria voltado para Castle Rock se

não fosse por da. Polly tinha escrito as cartas que se fizeram necessárias, comparecido às

audiências, e até encontrado um cantinho para Nettie Cobb morar. E para quê? O pior é que

Polly já não se lembrava mais qual fora a causa, exceto que lhe parecera um ato de caridade

cristã e o cumprimento da última responsabilidade de uma velha amizade de família.

Não pretendia esquivar-se à sua culpabilidade, nem se deixar convencer do contrário (Alan,

prudentemente, nem sequer tentara), mas não tinha certeza de que teria agido de outro modo. O

cume da loucura de Nettie se situava, aparentemente, além da capacidade que Polly pudesse ter

de controlar ou alterar a situação, e, seja como for, Nettie usufruira três anos felizes e

produtivos em Castle Rock. Talvez esses três anos valessem mais do que os dias longos e

cinzentos que teria sofrido na instituição, antes que a velhice ou o simples tédio viesse

reclamar sua vida. E se Polly, por sua ações, assinara seu nome do atestado de Wilma Jerzyck,

não teria Wilma, da própria, preenchido todos os detalhes do documento? Afinal, tiniu sido

Wilma, e não Polly, quem matam, com um saca-rolhas, o cãozinho alegre e inofensivo de

Nettie.

Mavia um outro lado dela, um lado mais simples, que simplesmente chorava a morte da

amiga e se intrigava com o que Nettie tinha sido capaz de fazer, justamente quando parecia

estar melhorando.

Tinha passado quase a manhã toda tomando providências para os funerais e telefonando

para os poucos parentes de Nettie (todos tinham dado a entender que não estariam presentes ao

enterro, o que não foi surpresa para Polly), e esta tarefa, os processos burocráticos da morte,

tinham contribuído para realçar sua própria dor... que se supunha ser, sem dúvida, o propósito

dos rituais fúnebres.

Havia alguns indícios, no entanto, que ainda não tinham saído de sua cabeça.

A lasanha, por exemplo — ainda estava guardada no refrigerador, envolta em papel

alumínio para evitar que ficasse ressecada. Polly achava que ela e Alan a comeriam ao jantar

—quer dizer, se ele conseguisse aparecer. Ela não a comeria sozinha. Não o suportaria.

Teimava em recordar como Nettie imediatamente percebera que ela estava sofrendo, como

medira a intensidade da dor com exatidão, como tinha trazido as luvas térmicas, insistindo em

que, desta vez, elas trariam alívio. E, claro, as últimas palavras de Nettie para ela.

— Eu a amo, Polly.

— Terra chamando Polly. Terra chamando Polly. Polly, por favor, responda. Pol, está me

copiando? — Rosalie recitou. Ela e Polly, juntas, tinham recordado Nettie naquela manhã,

trocando essas e outras reminiscências, e chorado juntas no quartinho dos

fundos, abraçadas,

em meio a peças de tecido. Agora, Rosalie também parecia alegre — talvez apenas porque

tivesse ouvido Polly cantar.

Ou, talvez, ponderou Polly, porque Nettie jamais fora inteiramente real para nenhuma de

nós. Uma sombra pairava sobre Nettie — não completamente escura, veja bem, mas espessa a

ponto de impedir que se pudesse vê-la com nitidez. É isso que torna nossa dor tão frágil.

— Estou copiando — Polly respondeu. — *Estou* melhor, e *não posso* impedir, é estou

muito agradecida. Será que isto chega para cobrir o assunto?

— Na justa medida — Rosalie concordou. — Não sei o que me causou maior surpresa,

quando voltei — ouvir você cantando, ou ouvir você trabalhando novamente na máquina de

costura. Levante as mãos.

Polly obedeceu. Não se poderia jamais confundir suas mãos com as de uma rainha da

beleza, com aqueles dedos retorcidos e os nódulos de Heberden, que deixavam os nós dos

dedos aumentados de tamanho, mas Rosalie notou que o inchaço diminuira de maneira

surpreendente desde a sexta-feira passada, quando a dor constante a obrigara a ir embora mais

cedo.

— Oba! — Rosalie disse. — Está sentindo alguma dor?

— Claro... mas estão melhores do que têm estado o mês todo. Olhe só.

Lentamente, curvou os dedos fechando frouxamente os punhos. Depois, tornou a abri-los,

com o mesmo cuidado.

— Faz pelo menos um mês que eu não conseguia esta façanha.

A verdade, Polly reconliecia, era um pouco mais extrema: desde abril ou maio que ela não

conseguia fechar os dedos.

— *Oba!*

— Assim, sinto-me melhor — Polly disse. — Agora, se Nêttie estivesse aqui, participando,

as coisas seriam perfeitas.

A porta da frente da loja abriu-se.

— Você pode ver quem é? — Polly perguntou. — Eu queria acabar de costurar esta

manga.

— Claro. — Rosalie fez menção de afastar-se e depois parou por um instante e olhou para

trás. — Nettie não ia achar ruim por você se sentir bem, sabia?

— Polly assentiu. — Eu sei — ela respondeu gravemente.

Rosalie foi para a frente da loja atender o freguês. Depois que ela saiu, Polly levou a mão

esquerda ao peito e tocou a bolinha, não muito maior do que um grão de amendoim, guardada

sob o suéter cor-de-rosa, descansando no rego dos seios.

Azka — que palavra maravilhosa, ela pensou, e novamente botou a máquina de costura

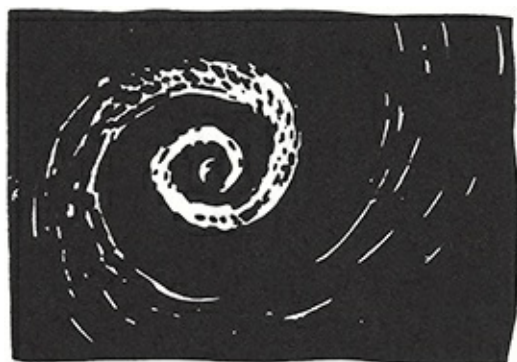
para funcionar, virando e revirando o tecido da roupa — o primeiro original seu, desde o verão

anterior — para frente e para trás sob o rápido borrão prateado da agulha.

Indagou-se, ociosamente, quanto o sr. Gaunt pediria pelo amuleto. Qualquer que seja o

preço, ela se disse, ainda assim será barato. Não devo — *não posso* — pensar assim na hora de

pechinchar, mas a verdade nua e crua é essa: qualquer que seja o preço pedido por ele, mesmo

assim será uma barganha.

CAPÍTULO QUATORZE

1

OS CONSELHEIROS (E CONSELHEIRA) municipais de Castle Rock dividiam uma

única secretária, que trabalhava em tempo integral, uma jovem que atendia pelo nome exótico

de Ariadne St. Claire. Era uma jovem de temperamento alegre, cuja inteligência não chegava a

ser uma sobrecarga; mas era incansável, e de aparência muito agradável. Tinha seios grandes,

que se elevavam em dois montes íngremes mas suaves sob um estoque, aparentemente

inesgotável, de blusas de lã angorá, e pele imaculada. Também tinha visão muito deficiente. Os

olhos flutuavam, castanhos e ampliados, atrás das grossas lentes de seus óculos de armação de

osso. Buster gostava dela. Considerava-a burra demais para ser um Deles.

Ariadne enfiou a cabeça pela fresta da porta do escritório dele quando faltavam 15 minutos

para as quatro horas.

— Deke Bradford está aqui, sr. Keeton, precisa de uma assinatura num formulário de

liberação de verba. O senhor assina?

— Bem, vejamos de que se trata — Buster disse, deixando o caderno de esportes do *Daily*

Sun de Lewiston daquele dia, dobrado na Seção de corridas, cair habilmente dentro da gaveta

da escrivaninha.

Sentia-se melhor hoje — mais decidido e alerta. Aquelas malditas fichas cor-de-rosa

tinham todas sido queimadas no fogão da cozinha, Myrtle tinha parado de se encolher, como

um gato escaldado, cada vez que se aproximava dela (já não se importava muito com ela, mas,

mesmo assim, era irritante conviver com uma mulher que o considerava o Estrangulador de

Boston), e contava em coletar mais uma boa bolada de dinheiro, nas corridas daquela norte.

Devido ao feriado, a assistência (sem (falar no retorno das apostas) seria muito maior.

Tinha, de fato, começado a pensar em termos de placês e acumuladas.

Quanto ao Oficial Cara de Caralho e o Xerife Cabeça de Bosta, e toda a corja Deles... pois

bem, a existência Deles era do conhecimento do sr. Gaunt e de si mesmo, e Buster acreditava

que os dois fariam uma dupla sensacional.

Por todas essas razões, equanimemente convidou Ariadne a entrar na sala — e chegou

mesmo ao ponto de sentir um pouco do prazer antigo ao observar o suave arfar de seus seios,

protegidos, sem dúvida, por formidável armadura.

Ela colocou um formulário.de liberação de verba na mesa dele. Buster apanhou o

formulário e reclinou-se na poltrona giratória para examiná-lo. A quantia a ser liberada

constava de um espaço no alto da página — US$ 940.00. O recebedor era a firma Case de

Construções e Material, em Lewiston. No espaço reservado para *Mercadorias e/ou Serviços,*

Deke tinha escrito 16 CAIXAS DE DINAMITE. Mais abaixo, no *Histórico/Descrição*

constava o seguinte:

Conseguimos finalmente localizar a jazida de granito perto do depósito de cascalho na

Estrada Vicinal nº 5, aquela sobre a qual o geólogo do estado tinha nos prevenido em 1987

(para maiores detalhes, veja meu relatório). De qualquer forma, há muito mais cascalho, mais

além, mas teremos que explodir a rocha para chegar até ele. A operação deve ser executada

antes que a temperatura caia e comecem as nevascas. Se tivermos que comprar cascalho a

preço de inverno, em Norway, os contribuintes vão pedir nossas cabeças. Duas ou três

explosões serão suficientes, e Case tem um bom estoque de explosivo Taggart Hi-lmpact — já

verifiquei. Poderemos receber a encomenda amanhã, pelo meio-dia e começara explodir na

quarta-feira. Já marquei os locais caso alguém do Conselho Municipal queira ir verificar.

Abaixo do texto, Deke rabiscara sua assinatura.

Buster leu e releu o relatório de Deke, pensativamente batendo com a unha nos dentes da

frente, enquanto Ariadne continuava de pé, esperando. Finalmente, forçou a poltrona giratória

a inclinar-se para diante, fez uma alteração, acrescentou uma sentença, rubricou o que tinha

alterado e acrescentado, e assinou seu próprio nome ao lado do de Deke, com um floreio. Ao

devolver o formulário cor-de-rosa para Ariadne, estava sorrindo.

— Aí está! — ele disse. — E lica todo mundo dizendo que sou mão-de-vaca! Ariadne

correu os olhos pelo formulário. Buster alterara a quantia de US$ 940.00 para US$ 1.400. E,

abaixo do histórico de Deke, Buster havia acrescentado o seguinte: *“Melhor adquirir vinte*

caixas enquanto o fornecimento está bom”.

— O senhor vai querer dar uma espiada no cascalho, sr. Keeton?

— Não, não, não é necessário. — Buster reclinou-se novamente na poltrona, e cruzou os

dedos atrás da nuca. — Mas, diga a Deke para avisar-me quando a encomenda chegar. É muita

dinamite junta. Não iríamos querer que caísse em mãos erradas, não acha?

— Evidentemente que não! — Ariadne disse, e saiu. Ficou aliviada. Havia algo no sorriso

do sr. Keeton que lhe parecera... bem, um pouco macabro.

Neste ínterim, Buster dera meia-volta na poltrona giratória de modo que pudesse ver a Rua

Principal, que estava bem mais agitada do que quando a contemplara, com

tamanho desespero,

na manhã de sábado. Acontecera muita coisa, desde então, e desconfiava que muito mais

aconteceria nos próximos dias. Ora, com vinte caixas de dinamite armazenadas no depósito

municipal — do qual, era óbvio, ele tinha a chave — tudo era possível.

Tudo mesmo!

2

Ace Merrill atravessou a Ponte Tolbin e entrou em Boston às 4:00h daquela tarde, mas já

passava bastante das 5:00h quando finalmente chegou ao que esperava que fosse o seu destino.

Ficava numa área bastante deserta, da zona de favela de Cambridge, quase no centro de um

emaranhado de ruas sinuosas. Metade delas tinha mão única, e a outra metade ia dar em becos

sem saída. Os edifícios em ruínas desta área decadente já lançavam longas sombras sobre as

ruas no momento em que Ace estacionou em frente a uma severa construção térrea em tijolo

queimado, na Rua Whipple. Ficava no centro de um terreno baldio invadido de mato daninho.

Havia uma cerca ao redor da propriedade, mas isto não era problema — o portão tinha sido

roubado. Restavam apenas as dobradiças. E Ace distinguia nelas arranhões feitos por alicate.

Manobrou o Challenger pela abertura onde deveria estar o portão e avançou devagar até a

construção.

As paredes eram nuas e sem janelas. A trilha ondulada por onde entrara com o automóvel

levava à porta fechada de uma garagem que ficava ao lado do edifício, dando para o Rio

Charles. Também não havia janelas na garagem. O Challenger se sacudia sobre seus

amortecedores, reclamando ao bater nos buracos de algo que já tinha sido uma superfície

asfaltada. Passou por um carrinho de bebê abandonado que fora jogado numa pilha de vidro

quebrado. Dentro do carrinho, havia uma boneca deitada que agora tinha somente metade da

cara, e que o fitou com um olho azul já meio desfeito quando Ace passou por ela. Parou o

carro na frente da porta fechada da garagem. E, agora... que porra deveria fazer agora? O

prédio cinzento tinha a aparência de estar abandonado desde os idos de 1945 mais ou menos.

Ace saiu do carro. Tirou um pedaço de papel do bolso do peito da jaqueta. Nele estava

escrito o endereço do local onde o carro de Gaunt deveria estar guardado. Meio desconfiado,

conferiu novamente o papel. Os últimos números pelos quais passara, davam a entender que

aqui *provavelmente* era o nº 85 da Rua Whipple, mas quem poderia dizer ao certo, porra?

Lugares como este jamais tinham número de rua, e ninguém surgia para que ele pudesse

indagar. Na verdade, toda esta área da cidade dava uma sensação de abandono e desconforto,

que Ace achava muito desagradável. Terrenos baldios. Carros depenados, dos quais cada peça

útil e cada centímetro de fio de cobre tinham sido roubados. Casas populares vazias, à espera

de que os políticos embolsassem suas comissões pela negociata, antes que tudo caísse de

podre. Ruelas tortuosas que iam dar em quintais sujos e ruas sem saída cheios de lixo. Ace

levara mais de uma hora para descobrir onde ficava a Rua Whipple, e agora, quase desejava

que tivesse continuado perdido. Esta era a parte da cidade onde a polida, de vez em quando,

encontrava cadáveres de crianças dentro de latas de lixo ou de refrigeradores abandonados.

Ace foi até a porta da garagem e procurou uma campainha. Não havia sequer uma.

Encostou o lado da cabeça no metal enferrujado e tentou ouvir algum som que viesse do lado

de dentro. Supunha que talvez fosse um ponto de desmonte de carros roubados — um

espertalhão que sabia onde arranjar cocaína de alta qualidade como a que Gaunt

lhe oferecera,

também conheceria muito bem o tipo de gente que, na calada da noite, vende Porsches e

Lamborghinis por dinheiro vivo. Do outro lado, silêncio completo.

Provavelmente, nem sequer o endereço certo, Ace pensou. Contudo, subira e descera

aquela rua e este era o único lugar suficientemente amplo — e suficientemente protegido —

onde se poderia guardar um automóvel clássico. A menos que tivesse cometido um erro federal

e se encontrasse na área errada da cidade. Esta idéia deixou-o aflito. *Quero você de volta à*

meia-noite, o sr. Gaunt dissera. *Se não voltar até a meia-noite, vou ficar desapontado. E,*

quando estou desapontado, às vezes fico zangado.

Sai dessa, Ace pensou. Ele não passa de um velhote que usa uma dentadura falsa de má

qualidade. Bicha, provavelmente.

Mas, *não podia* sair dessa, e, para dizer a verdade, não achava que o sr. Gaunt fosse apenas

um velhote com uma dentadura de má qualidade. E pensou, igualmente, que não gostaria de

descobrir, nem uma coisa, nem outra.

Mas o problema atual era o seguinte: logo iria escurecer, e Ace não queria estar nesta parte

da cidade, quando a noite chegasse. Alguma coisa aqui não cheirava bem.

Alguma coisa que ia

além de esquisitas casas de cômodos, com suas janelas nuas e abertas e os esqueletos de carros

sem pneus espalhados pelas sarjetas. Ace não vira uma única pessoa, andando na calçada ou

olhando por uma janela, desde que começara a se aproximar da Rua Whipple... e, no entanto,

tinha tido a sensação de que estava sendo vigiado. Falando a verdade, a sensação persistia: um

arrepio agitado que lhe eriçava o cabelo curto da nuca.

Era quase como se já não estivesse em Boston. Este maldito lugar lhe lembrava aquela

porra da Hora da Zona Morta.

Se não estiver de volta à meia-noite, vou ficar desapontado.

Ace fechou o punho e esmurrou o rosto sem feições e enferrujado da porta da garagem.

— Ei! Tem alguém aí que queira dar uma olhada em peças de Tupperware?

Nenhuma resposta.

Havia uma alça na parte de baixo da porta. Tentou abri-la. Nada feito. A porta nem

chegava a chocalhar nos batentes, quanto mais enrolar-se nos trilhos.

Ace deixou escapar o fôlego num assovio e, nervoso, correu os olhos ao redor. O seu

Challenger estava ali perto, e nunca, em toda a sua vida, sentira tamanha vontade de entrar nele

e *se mandar* dali. Mas, não se atrevia.

Deu a volta ao prédio, e nada. Absolutamente nada. Apenas aquelas superfícies de tijolo

queimado, pintadas num tom muito feio de verde-meleca. Um pichador tinha escrito um

negócio engraçado nos fundos da garagem, e Ace ficou olhando aquilo durante alguns

momentos, sem entender por que ficara todo arrepiado.

REGRAS DE YOG-SOTHOTH

Dizia em letras vermelhas.

Voltou à porta da garagem e pensou, *e agora?*

Já que nada mais lhe ocorria, tornou a entrar no Challenger e ficou olhando a porta da

garagem. Finalmente, tocou a buzina com as duas mãos, permitindo que ela emitisse seu som

alto é frustrado.

Imediatamente, a porta da garagem principiou a se enrolar, correndo silenciosamente nos

trilhos.

Ace não desgrudava os olhos, boquiaberto, e seu primeiro impulso foi ligar o Challenger e

sair dali voando tão depressa e para tão longe quanto pudesse. A Cidade do México era uma

boa pedida, para começar. Depois, pensou novamente no sr. Gaunt e lentamente desceu do

carro. Foi até a porta da garagem quando a porta, afinal, parou, enrolada perto do teto.

O interior da garagem se encontrava fartamente iluminado por uma meia-dúzia de

lâmpadas de 200W que pendiam da extremidade de grossos fios elétricos. Cada lâmpada

estava coberta por um abajur cônico de latão, de forma que as luzes desenhavam círculos

luminosos no chão. Na outra extremidade do chão de cimento havia um carro coberto por uma

lona. Três engradados estavam empilhados contra outra parede. E, em cima deles, havia um

gravador já fora de moda.

De resto, a garagem estava vazia.

— Quem abriu a porta? — Ace perguntou numa voz sumida e seca. — Quem abriu a porra

daquela *porta?*

Mas não houve resposta.

3

Levou o Challenger para dentro e o estacionou na parede dos fundos — havia espaço de

sobra. Voltou depois para a porta. Havia uma caixa de controle montada na parede ao lado.

Ace apertou o botão que dizia DESCE. O terreno abandonado onde se erguia a construção

começava a se encher de sombras, o que o deixava nervoso. Não parava de

imaginar que

estava vendo coisas se mexendo por ali.

A porta desceu sem um único ronco ou guincho. Enquanto esperava que ela se fechasse

completamente, Ace olhou ao redor procurando o monitor sônico que respondera ao som da

buzina do carro. Nada viu. Apesar de tudo, tinha que estarem algum lugar — portas de

garagem não se abrem sozinhas.

Embora, ele raciocinou, se esse tipo de merda acontece em algum lugar do mundo, então

esse lugar, provavelmente, é a Rua Whipple.

Ace foi até a pilha de engradados onde se encontrava o gravador. Seus passos causavam

um rangido seco no chão de cimento. *Regras de Yog-Sothoth,* pensou à toa, e se arrepiou. Não

fazia idéia do que significava essa porra, provavelmente algum rastafárico cantor de *reggae,*

com 40kg de tranças apertadas saindo da cabeça suja — mas detestou o eco daquele nome

dentro de sua cabeça. Não lhe parecia uma boa idéia pensar num nome daqueles ali dentro.

Parecia-lhe uma idéia perigosa.

Um pedaço de papel estava preso com fita adesiva numa das fitas do gravador. Duas

palavras escritas em grandes letras de fôrma:

ME TOQUE

Ace tirou a nota e apertou o botão de PLAY. As bobinas começaram a girar, e quando ele

ouviu aquela voz, sobressaltou-se. Ainda assim, que voz esperava ouvir? A de Richard Nixon?

— Alô, Ace — disse a gravação com a voz do sr. Gaunt. — Bem-vindo a Boston. Por

favor, tire a lona de proteção do meu carro, e carregue os engradados. Eles contêm mercadoria

muito especial da qual penso que vou precisar logo, logo. lnfelizmente, acho que será

necessário colocar um dos engradados no banco traseiro — o porta-malas do Tucker deixa um

pouco a desejar. O seu carro estará seguro aqui dentro, e a sua viagem de volta transcorrerá

sem percalços. E, por favor, lembre-se do seguinte: quanto mais cedo voltar, mais cedo poderá

começar a investigar as marcações do seu mapa. Boa viagem!

A esta mensagem seguia-se o ruído de fita virgem e o roncar baixo da bobina.

Ace deixou a fita correr durante quase um minuto. Aquela situação toda era assustadora... e

a cada minuto ia ficando mais assustadora. O sr. Gaunt tinha que ter estado ali naquela tarde —

tinha que ter estado, pois tinha mencionado o mapa, e Ace nunca tinha posto os olhos naquele

mapa nem no sr. Leland Gaunt antes daquela mesma manhã. Aquele abutre

velho deve ter

vindo de avião, enquanto ele, Ace, vinha de carro. Mas, com que propósito? O que significava

toda essa porra?

Ele *não esteve aqui* — não interessa se é ou não impossível — ele *não esteve* aqui. É só

olhar aquela porcaria de gravador — *ninguém* mais usa esse tipo *de* gravador. É só olhar a

poeira nas bobinas. Até a mensagem estava empoeirada! Este cenário estava à sua espera há

muito tempo. Talvez tivesse sido montado, ajuntando poeira, desde que Pangborn mandara

Ace para Shawshank.

Ora, mas isto é loucura.

Pura merda.

No entanto, bem lá no seu íntimo, havia uma parte acreditando que aquilo era verdade. O

sr. Gaunt não chegara sequer perto de Boston naquela tarde. O sr. Gaunt passara a tarde em

Castle Rock — Ace sabia disso — parado à janela, observando os transeuntes, talvez ate

tirando a tabuleta de:

FECHADA

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

de vez em quando, e fazendo a substituição para:

ABERTA

caso visse o freguês certo se aproximando, quer dizer — o tipo de pessoa com quem o sr.

Gaunt gostaria de fechar um negócio qualquer.

E, falando nisso, qual seria o *negócio* do sr. Gaunt?

Ace não tinha certeza se gostaria de saber. Mas gostaria de saber o que aqueles engradados

continham. E se devia transportá-los o caminho todo de volta a Castle Rock, tinha todo o

direito de saber.

Apertou o botão de STOP do gravador e colocou-o de lado. Dentre as ferramentas sobre

uma bancada de carpintaria, pegou um martelo e em seguida um pé-de-cabra ao lado do

balcão. Voltou aos engradados e ajustou o lado achatado do pé-de-cabra sob a tampa do que

estava no alto. Fez força. Os pregos se soltaram com um ranger agudo. O conteúdo do

engradado estava coberto por um pesado retângulo de oleado. Levantou-o e simplesmente

ficou boquiaberto com o que viu.

Detonadores de projétil.

Dezenas de detonadores de projétil.

Talvez *centenas* de detonadores de projétil, cada um deles confortavelmente acondicionado

em sua própria embalagem.

Meu Jesus, o que será que ele está planejando? Deflagrar a Terceira Guerra Mundial?

Com o coração martelando dentro do peito, Ace fechou a tampa a martelo e colocou esse

engradado de lado. Abriu o segundo, esperando descobrir fileiras certinhas de gordos bastões

vermelhos conto se fossem lanternas de estrada.

Deparou não com dinamite, mas com armas.

Talvez umas duas dúzias ao todo — pistolas automáticas de alto calibre. O cheiro da graxa

espessa na qual vinham acondicionadas chegaram às suas narinas. Não saberia identificá-las —

alemãs, talvez — mas sabia o que significavam: de vinte anos a prisão *perpétua*, caso fosse

apanhado com elas em Massachusetts. A Comunidade tinha opinião muito severa a respeito de

armas, particularmente as automáticas.

Esta caixa ele colocou de lado, sem se dar ao trabalho de tornar a fechá-la. Abriu o terceiro

engradado. Estava cheio de pentes de munição para as pistolas.

Ace deu um passo atrás, friccionando os lábios com as costas da mão esquerda.

Detonadores.

Pistolas automáticas.

Pentes de munição.

Isto era mercadoria?

— Eu tô fora — Ace disse em voz baixa, balançando a cabeça. — Eu, hein? De jeito

nenhum.

A Cidade do México parecia cada vez mais atraente. Quem sabe o Rio? Ace não sabia se

Gaunt estava armando uma ratoeira melhor ou montando uma cadeira elétrica melhor, mas

sabia que não queria ser parte daquilo, fosse o que fosse. Estava caindo fora, e estava caindo

fora já.

Seu olhos se fixaram no engradado das pistolas automáticas.

E vou levar uma daquelas belezocas comigo, pensou. Uma coisinha à toa pelo meu

trabalho. Uma recordação.

Caminhou para o engradado. Nesse instante, as bobinas do gravador começaram a girar,

embora nenhum dos botões tivesse sido acionado.

— Nem pensar, Ace — aconselhou a voz do sr. Gaunt friamente, e Ace soltou um grito. —

Nem pense em me passar para trás. O que eu faria, caso você tentasse, iria fazer com que a

vingança que os irmãos Corson estavam planejando parecesse um piquenique no campo. Você

é meu, agora. Fique do meu lado, e vamos nos divertir muito. Fique do meu lado, e irá à forra

contra todo mundo em Castle Rock que foi contra você... e cheio de dinheiro no bolso, ainda

por cima. Fique contra mim e vai gritar por toda a eternidade.

O gravador parou.

Os olhos esbugalhados de Ace foram seguindo o fio elétrico do gravador até o interruptor.

Estava no chão, coberto por uma fina camada de poeira.

Além disso, não havia uma tomada à vista.

4

Aos poucos, Ace foi se acalmando, e isto não era tão estranho quanto pudesse parecer.

Havia duas razões para a restauração do equilíbrio do seu termômetro emocional.

A primeira delas era que Ace representava uma volta às origens. Teria vivido feliz da vida

numa caverna, arrastando sua fêmea pelos cabelos, quando não estava ocupado jogando pedras

nos inimigos. Era o tipo de homem com reações previsíveis apenas quando se deparava com

força ou autoridade superior à sua própria. Confrontações desta espécie não eram muito

frequentes, mas quando aconteciam, ele imediatamente cedia ao poder mais alto. Embora não

se desse conta, fora exatamente esta sua caractetística que o impedira, em primeiro lugar, de

simplesmente fugir dos Irmãos Voadores Corson. Em homens como Ace Merrill,

o único

impulso mais forte do que o impulso de dominar, é a profunda necessidade de se espojar e

humildemente oferecer o pescoço nu quando surge o verdadeiro líder da matilha.

A segunda razão era ainda mais simples: preferia acreditar que estava sonhando. Uma parte

dele existia, que sabia que isto não era verdade, mas era ainda mais fácil acreditar nesta idéia

do que na evidência dos sentidos — ele não desejava sequer *admitir* a hipótese de um mundo

que aceitava a presença de alguém como o sr. Gaunt. Era mais fácil — e mais seguro —

simplesmente bloquear seus processos mentais durante algum tempo e ir em frente até o fim

daquela história toda. Se o fizesse, poderia, eventualmente, acordar para o mundo que lhe era

familiar. Sabe Deus que o mundo tinha seus perigos, mas era um mundo que ele conhecia.

Era mesmo um Tucker, e era lindo.

Estava pintado de amarelo-canário. O corpo aerodinâmico luzia com os cromados das

laterais e embaixo do pára-lama da frente. Um terceiro farol se projetava do centro do capô,

embaixo de um ornamento em prata que parecia a locomotiva de um trem expresso futurista.

Ace deu uma volta lenta ao redor do carro, tentando comê-lo com os olhos.

Havia um par de grades cromadas no painel atrás do banco traseiro — não fazia idéia de

qual seria o seu uso. Os grossos pneus Goodyear faixa branca estavam tão limpos que

chegavam a brilhar à luz das lâmpadas. Em caligrafia floreada, havia um dístico cromado no

deque traseiro que dizia “Tucker Talismã”. Ace jamais ouvira falar deste modelo. Pelo que

sabia, o Torpedo tinha sido o único modelo fabricado por Preston Tucker.

Meu velho, olha aí mais um problema — o carro não tem placa. Vai tentar voltar todo o

caminho para o Maine guiando um carro que além de chamar mais a atenção do que um disco

voador não tem placa, e, ainda por cima, está carregado com armas e artefatos explosivos?

Sim. Uma péssima idéia, é claro, uma idéia infame... mas a alternativa — que envolveria

tentar passar o sr. Leland Gaunt para trás — parecia *muitíssimo* pior. Além disso, tudo não

passava de um *sonho.*

Tirou as chaves de dentro do envelope, e procurou em vão pela fechadura do porta-malas.

Depois de alguns instantes, lembrou-se do filme com Jeff Bridges e compreendeu. Do mesmo

modo que o Fusquinha alemão e o Chevrolet Corvair, o *motor* do Tucker ficava atrás. O porta-

malas ficava na frente.

Não deu outra, e ele encontrou a fechadura diretamente abaixo daquele terceiro farol

esquisito. Abriu o porta-malas. Era de fato muito confortável, e estaria completamente vazio se

não fosse por um único objeto. Uma garrafinha cheia de pó branco com uma colherinha presa à

tampa por uma corrente. Um pedacinho de papel tinha sido colado à tampa. Ace puxou-o e leu

a mensagem, que tinha sido escrita em diminutas letras maiusculas:

Ace obedeceu.

5

Sentindo-se bem melhor, com um pouquinho do incomparável pó oferecido pelo sr. Gaunt

iluminando seu cérebro como todas aquelas luzes da eletrola de Henry Beaufort, Ace carregou

as armas e os pentes de munição no porta-malas. Ajeitou o engradado com os detonadores de

projétil no banco traseiro, parando apenas o tempo suficiente para inalar profundamente. O

sedã possuía aquele odor incomparável de carro novo, não existia nada igual no mundo (exceto

talvez uma xoxota), e ao sentar-se ao volante, notou que era realmente *novo em folha:* a

quilometragem do Tucker Talismã do sr. Gaunt estava ajustada em 0000,0.

Ace enfiou a chave na ignição e girou.

O motor do Talismã ligou-se com um ronco baixo, rouco e delicioso. Quantos cavalos

embaixo daquele capô? Não sabia, mas achava que devia ser uma tropa Inteira. Na prisão,

havia uma porção de livros sobre automóveis, e Ace lera quase todos. O Tucker Torpedo fora

um automóvel de 6 cilindros, com 350 polegadas cúbicas, muito semelhante aos carros

construídos por Ford entre 1948 e 1952. Tinha ao redor de 150 cavalos embaixo do capô.

E este parecia maior. *Muito maior.*

Ace sentiu uma vontade imensa de sair do carro, ir até a traseira e ver se conseguia levantar

a capota... mas era como pensar demais naquele nome maluco — YOG-quai-quer coisa. De

um jeito ou de outro, não soava como uma boa idéia. O que soava como uma *boa* idéia, era

levar esta coisa de volta para Castle Rock o mais depressa possível.

Fez menção de sair do carro para abrir a porta da garagem, mas preferiu tocar a buzina,

apenas para verificar o que acontecia. Dito e feito. A porta enrolou-se sllenciosamente nos

trilhos.

Tem que ter algum sensor por aí, ele pensou, mas já não acreditava nisso. Nem

mesmo

fazia diferença para ele. Engatou a primeira e o Talismã saiu ronro- nando da garagem. Tocou

a buzina novamente antes de começar a descer a trilha cheia de mato até a abertura do portão, e

pelo retrovisor viu as luzes da garagem se apagarem e a porta começar a descer. Também

vislumbrou o seu Cliallenger, com o nariz para a parede e a lona amassada ao lado dele. Ace

teve a estranha sensação de que não tornaria a ver o seu carro. E descobriu que também não

fazia a mínima diferença para ele.

6

O Talismã não apenas corria como um sonho, como parecia conhecer, por sua própria

conta, o caminho de volta à Estrada Storrow e a entrada do retorno para o norte. De vez em

quando, o pisca-pisca se acendia sozinho. Quando isto acontecia, Ace simplesmente fazia a

próxima curva. Num piscar de olhos, aquela área assustadora das favelas de Cambridge, onde

encontrara o Tucker, tinha ficado para trás, e o vulto da Ponte Torbin, mais conhecida pelo

nome de Ponte do Rio Místico, se erguia à sua frente, uma estrutura negra contra o céu

carregado.

Ace acendeu os faróis dianteiros, e um feixe rigorosamente definido de luz imediatamente

abriu-se em leque à sua frente. Ao virar o volante, a luz dos faróis acompanhou o movimento.

O farol central era uma invenção sensacional. Não era de admirar que a indústria tivesse

jogado no ostracismo o genial inventor daquele carro, Ace pensou.

Estava a uns 50km de Boston quando notou que a agulha do combustível estava abaixo da

seta vermelha de vazio. Entrou pela primeira saída que encontrou e levou o carro do sr. Gaunt

até um posto Mobil que ficava ao pé da rampa. O frentista botou o boné para trás com um

polegar cheio de graxa e andou, admirado, ao redor do carro.

— Que carrão! — ele disse. — Onde arranjou?

Sem pensar, Ace respondeu:

— Nas Planícies de Leng. Motores Especiais Yog-Sothoth.

— Como é que é?

— Encha o tanque, menino — isto aqui não é programa de perguntas e respostas.

— Oh! — o frentista disse, olhando novamente para Ace e imediatamente tornando-se

obsequioso. — Claro! Sim, como não!

E tentou, mas a bomba parou depois de colocar 14 *cents* de gasolina no tanque. O frentista

ainda tentou encher o tanque mais um pouco, usando a mangueira manual, mas a

gasolina

transbordou, escorrendo pelo flanco amarelo brilhante do Talismã e gotejando no macadame.

— Acho que não precisa de gasolina — o frentista disse timidamente.

— Acho que não.

— Talvez o mostrador esteja emperrado e —

— Enxugue aquela gasolina no lado do carro. O que há com você? Quer que a pintura do

carro fique cheia de bolhas?

O menino correu a obedecer, e Ace foi até o banheiro para dar um trato no nariz. Ao voltar,

o frentista estava parado, mantendo uma distância respeitosa do Talismã, torcendo a estopa

entre mãos nervosas.

— Ele está com medo, Ace pensou. Medo de quem? De mim?

Não — o garoto do posto Mobil mal olhou na direção de Ace. Era o Tucker que atraía sua

atenção.

Ele tentou tocá-lo, Ace pensou.

Esta revelação — e era o que ocorrera de fato, era exatamente isso — trouxe um sorrisinho

matreiro aos cantos de seus lábios.

Tentara tocá-lo e sofrerá alguma reação. O que tinha sido, realmente não importava. Valia

a lição de que ele podia olhar, mas era melhor não encostar a mão, e era Isso o que *importava.*

— Não custa nada — o menino disse.

— É isso aí — Ace entrou no carro e saiu depressa. Ocorrera-lhe uma idéia nova a respeito

do Talismã. Por um lado, a idéia era de dar medo, mas, por outro lado, era realemente uma

grande idéia. Pensou que talvez o mostrador de gasolina indicasse tanque vazio... mas, o

tanque estaria sempre cheio.

7

Os postos de pedágio para carros de passageiros, em New Hampshire, são do tipo

automático: joga-se o equivalente a US$ 1.00 em moedas (por favor, não use moedas de I *cent)*

na cesta, a luz vermelha muda para verde, e o carro segue em frente. Exceto que, quando Ace

levou o Tucker para a cesta que se projetava do posto, a luz ficou verde e o sinal acendeu-se:

PEDÁGIO PAGO. OBRIGADO

— Pode apostar... — Ace resmungou, e continuou para o Maine.

Quando deixou Portland para trás, levava o Talismã a mais de 130km por hora, e ainda

havia capacidade de sobra dentro daquele capô. Ao passar pela saída para Falmouth, chegou ao

alto de um aclive e viu uma viatura da Polícia Estadual estacionada no

acostamento. Um radar

portátil, naquela forma distinta de torpedo, surgiu pela janela do carro policial.

Ihhhhh!, Ace pensou, me pegaram. No ato. Jesus Cristo, porque eu corria tanto, se estou

carregando toda essa merda?

Contudo, ele sabia a resposta, e não era a cocaína que cheirara. Talvez em ocasiões

anteriores, mas não desta vez. Era o Talismã. *Ele queria* ir depressa. Ace observava o

velocímetro, tirava um pouco o pé do pedal... e cinco minutos depois dava-se conta de que

estava novamente com o pé quase no fundo.

Ficou na expectativa de ver o carro policial despertar com todo aquele faiscar de luzes

azuis e sair em seu encalço, o que simplesmente não aconteceu. Ace tinha passado por eles a

mais de 130 e a Autoridade Rodoviária nem ligou.

Infernos, talvez estivesse cochilando.

Só que Ace sabia que não. Quando alguém vê um radar saindo pela janela do carro, sabe

que o sujeito lá dentro está bem acordado e pronto para a ação. Não, o que tinha acontecido era

o seguinte: o tira rodoviário não tinha enxergado o Talismã.

Coisa de louco, mas se encaixava direitinho. O enorme automóvel amarelo, com seus três

faróis dianteiros iluminando escandalosamente a frente, era invisível para o sofisticado

equipamento eletrônico e os tiras que faziam uso dele.

Sorrindo, Ace levou o Taslimã do sr, Gaunt a 200km. Chegou a Castle Rock às 8:15h,

portanto, com quase quatro horas de antecedência.

8

O sr. Gaunt saiu da loja e postou-se sob o toldo observando Ace trazer o Talismã, como se

fosse um bebê, para uma das três vagas oblíquas, na frente da loja.

— Fez bom tempo, Ace.

— É. O maior carrão!

— Pode apostar — o sr. Gaunt disse. Deslizou a mão pelo nariz levemente inclinado do

automóvel. — Único no mundo. Trouxe minha mercadoria, creio?

— Sim, sr. Gaunt. Fiquei sabendo de algumas coisas especiais a respeito deste seu carro,

enquanto dirigia de volta, mas, mesmo assim, acho que o senhor deveria considerar a

possibilidade de arranjar as placas, e, talvez, um adesivo de vistoria —

— Não é necessário — o sr. Gaunt respondeu com indiferença. — Leve-o para o beco atrás

da loja, Ace, por favor. Tomo conta dele mais tarde.

— Como? Onde? — Ace repentinamente relutou em entregar o carro ao sr. Gaunt. Não era

somente o fato de que deixara o seu próprio carro em Boston e precisava de quatro rodas para

o trabalhinho noturno: o Talismã fazia com que todos os outros carros que tinha dirigido,

inclusive o Challenger, se assemelhassem a carroças.

— Isso — disse o sr. Gaunt — é assunto meu. — Imperturbável, fitou Ace. — Você vai

notar que as coisas vão correr melhor para você, Ace, se entender que trabalhar para mim é

como servir no Exército. Você tem, agora, três modos de fazer as coisas: o modo certo, o modo

errado, e o modo do sr. Gaunt. Se optar sempre pela terceira alternativa, nunca mais vai ter

aborrecimentos. Entende o que digo?

— Sim. Sim, entendo.

— Ótimo. Agora, leve o carro para a porta dos fundos.

Ace pilotou o Talismã, dobrando a esquina e dirigindo vagarosamente no beco estreito que

corria atrás dos edifícios comerciais no lado oeste da Rua Principal. A porta dos fundos de

Coisas Necessárias estava aberta e o sr. Gaunt encontrava-se num oblongo oblíquo de luz

amarela, à espera. Não fez menção de ajudar enquanto Ace carregava os engradados para

dentro da loja, ofegante com o esforço. Ele ignorava, mas numerosos fregueses da loja teriam

se surpreendido se tivessem visitado o quarto dos fundos. Tinham tido a oportunidade de

escutar o sr. Gaunt se agitando atrás do drapeado de veludo que separava a loja da parte de

armazenagem, puxando caixas e mexendo em mercadorias... mas o quarto se achava

completamente vazio até o momento em que Ace empilhou os engradados a um canto

conforme as instruções do sr. Gaunt.

Isto é, havia uma coisa: Na outra extremidade do cômodo, uma ratazana marrom jazia sob

a barra metálica de uma grande ratoeira Victory. Tinha o pescoço quebrado, e os dentes à

mostra num rugido morto.

— Bom trabalho — disse o sr. Gaunt, friccionando as mãos de longos dedos e sorrindo. —

Uma ótima tarde de trabalho, no frigir dos ovos. Você correspondeu às minhas melhores

expectativas, Ace — as melhores.

— Obrigado, senhor — Ace disse, perplexo. Nunca, em toda a sua vida, dera a qualquer

homem o título de "senhor" até este momento.

— Aqui está uma lembrancinha pelo seu esforço. — O sr. Gaunt passou-lhe um envelope

pardo. Ace apertou com as pontas dos dedos e sentiu o rangido solto de pó dentro dele.

— Creio que pretende fazer algumas investigações esta noite, não é? Isto talvez lhe dê

aquele “algo mais” que a Esso anunciava em sua antiga propaganda.

Ace estremeceu.

— Ora, que merda! que *merda!* Esqueci o livro — o livro com o mapa dentro — no meu

carro! Ficou em Boston! Porra! — Fechou o punho e esmurrou sua própria coxa.

O sr. Gaunt sorria.

— Acho que não — ele disse. — Acho que está no Tucker.

— Não, eu —

— Por que não dá uma olhada?

E Ace assim fez, e, naturalmente, o livro estava lá, colocado sobre o painel, com a lombada

encostada no pára-brisas curvo, patenteado, de Tucker. *Os Tesouros Perdidos e Enterrados da*

Nova Inglaterra. Pegou o livro e o folheou. O mapa ainda se encontrava lá dentro. Fitou o sr.

Gaunt em muda gratidão.

— Não vou precisar dos seus serviços até amanhã à noite, mais ou menos a esta mesma

hora — o sr. Gaunt disse. — Sugiro que enquanto for dia claro, você fique dentro de casa, em

Mechanic Falls. Acho que vai lhe fazer bem — creio que vai dormir até tarde. Mas, ainda tem

uma noite bastante ocupada pela frente, se não estou enganado.

Ace pensou nas cruzes marcadas no mapa e mneneou a cabeça.

— E — acrescentou o sr. Gaunt — talvez seja prudente para você evitar a atenção do xerife

Pangborn durante os próximos um ou dois dias. Depois disso, não fará diferença. — Seus

lábios se arreganharam — os dentes se projetaram em presas grandes, predadoras. — Até o fim

desta semana, uma série de coisas que até o presente eram importantíssimas para os moradores

desta cidade, vão deixar de ter qualquer importância. Não concorda, Ace?

— Se o senhor diz... — Ace retrucou. Estava resvalando para aquele estado esquisito,

sonambúlico, novamente, e não se incomodava absolutamente. — Só não sei como é que vou

andar de um lado para outro.

— Tudo foi providenciado — o sr. Gaunt disse. — Você vai encontrar um automóvel

estacionado lá na frente, com as chaves na ignição. Um carro da companhia, digamos assim,

Infelizmente, não passa de um Chevrolet — um Chevrolet perfeitamente *comum* — mas que

lhe dará transporte perfeitamente confiável, discreto. Você vai gostar mais do caminhão de

reportagem de TV, mas —

— Caminhão de reportagem? Que caminhão é esse?

— O sr. Gaunt preferiu não responder.

Mas o Chevrolet satisfará todas as suas necessidades de transporte, por enquanto, acredite.

Apenas... não se deixe apanhar pela polícia, por excesso de velocidade, com ele, Creio que não

daria certo. Não com esse automóvel. De forma alguma.

Ace ouviu-se dizendo:

— Eu ia adorar ter um carro como esse Tucker do senhor, sr. Gaunt. É maravilhoso!

— Bem, talvez possamos fazer negócio. Entenda, Ace, minha política comercial é muito

simples. Gostaria de saber qual é?

— Sim, claro — e Ace estava sendo sincero.

— Tudo tem seu preço. Esta é a minha filosofia. Tudo está à venda.

— Tudo está à venda — Ace repetiu sonhadoramente. — Oba! Grande!

— Certo! Grande! E, agora, Ace, creio que vou beliscar o jantar. Feriado ou não, estive

ocupadíssimo e não pensei em comida. Gostaria de convidá-lo, mas —

— Puxa! Sinto muito, mas realmente não posso.

— Não, claro que não. Vocc tem que achar uma porção de lugares e cavar uma porção de

buracos. Espero que esteja aqui amanhã de noite, entre oito e nove horas.

— Entre oito e nove.

— Sim. Depois de escurecer.

— Quando ninguém ve, e ninguém fica sabendo — Ace acrescentou como num

sonho.

— Acertou de primeira! Boa noite, Ace.

O sr. Gaunt estendeu a mão. Ace ia tocá-la... e de repente viu que já havia alguma coisa

dentro dela—o rato marrom que morrera na ratoeira. Ace encolheu a mão com um leve

resmungo de repugnância. Não fazia a menor idéia do momento em que o sr. Gaunt tinha

apanhado o rato morto. Ou, quem sabe, era outro rato?

Ace chegou à conclusão de que pouco lhe importava isso, de um jeito ou de outro. Tudo o

que sabia é que não pretendia trocar apertos de mão com um rato morto, fosse quem fosse o sr.

Gaunt.

Sorrindo, o sr. Gaunt disse:

— Desculpe, Ace, a cada ano vou ficando mais esquecido. Creio que estive a ponto de lhe

oferecer o meu jantar, Ace!

— Jantar — Ace disse, em voz fraca e sumida.

— Isso mesmo. — Uma unha grossa e amarela do polegar enfiou-se na pelagem branca

que cobria o ventre do animal — um momento depois, seus intestinos se derramavam na palma

da mão sem linhas do sr. Gaunt. Antes que Ace pudesse ver mais, o sr. Gaunt tinha se virado e

fechado a porta que dava para o beco.

— E agora, onde será que deixei aquele queijo —

Ouviu-se um clique metálico c a ratoeira estava novamente armada.

Ace inclinou-se, na certeza de que ia vomitar entre seus sapatos. Seu estômago se revirou,

um bolo subiu-lhe à garganta... e depois desceu.

Pois ele não tinha visto o que pensou ter visto.

Era uma brincadeira — ele murmurou. — Ele trazia um rato de borracha no bolso da

jaqueta, ou qualquer coisa parecida. Era só uma brincadeira.

Seria mesmo? E os intestinos, então? E aquela gosma grossa como geléia ao redor deles? E

aí?

É só que você está exausto, pensou. Você imaginou tudo, só isso. Era um rato de borracha.

E quanto ao resto... puft!

Mas, por um instante, tudo — a garagem deserta, o Tucker que andava sozinho, até aquela

agourenta pichação AS REGRAS DE YOG-SOTHOTH — tentaram afogá-lo, e uma voz

poderosa gritou: Fuja daqui! Fuja daqui enquanto é tempo!

Mas, este é que era o pensamento *realmente* maluco. Havia dinheiro esperando por ele lá

fora, na noite escura. Muito dinheiro, quem sabe. Talvez, uma puta *fortuna.*

Ace ficou alguns momentos parado no escuro, como um robô com curto-circuito. Aos

poucos, algum senso de realidade — um senso de si mesmo — retornou e ele chegou à

conclusão de que aquele rato não queria dizer nada. Nem o Tucker Talismã. O que importava

era a cocaína, o que importava era o mapa, e ele fazia idéia de que a política comercial muito

simples do sr. Gaunt também importava, mas o resto, não. Ele não podia *permitir* que nada

mais importasse.

Desceu o beco e dobrou a esquina, indo para a frente de Coisas Necessárias. A loja estava

fechada e às escuras, como todas as lojas na parte baixa da Rua Principal. Um Chevrolet

Celebrity estava estacionado em uma das vagas oblíquas em frente à loja do sr. Gaunt,

exatamente conforme o prometido. Ace tentou lembrar-se se esse carro já estava lá quando

chegara com o Talismã, mas foi em vão. Cada vez que tentava forçar a memória além daqueles

últimos minutos, encontrava um bloqueio — via-se fazendo um gesto para apertar a mão

estendida do sr. Gaunt, a coisa mais natural do mundo, e subitamente dando-se conta de que o

sr. Gaunt segurava um grande rato morto.

Acho que vou beliscar o jantar. Gostaria de convidá-lo, mas —

Ora, isso era só mais um detalhe sem importância. Ali estava o Chevy e isto era tudo o que

importava, no momento. Ace abriu a porta, colocou o livro com o mapa precioso no banco, e

tirou as chaves da ignição. Foi até a traseira do carro e abriu o porta-malas. Fazia uma boa

idéia do que iria encontrar, e não ficou desapontado. Uma picareta e uma pá de cabo curto

estavam cuidadosamente cruzadas em forma de X. Ace Olhou mais atentamente e notou que o

sr. Gaunt tinha até providenciado um par de grossas luvas de operário.

— Sr. Gaunt, o senhor pensa em tudo — ele disse, e fechou o porta-malas com um tranco.

Ao fazê-lo, viu que havia um adesivo colado no pára-lama traseiro do Celebrity. lnclinou-se e

leu:

EU ♥ ANTIGUIDADES

Ace caiu na gargalhada. E ainda ria ao atravessar a Ponte das Latas e dirigir-se à fazenda

Treblehorn, onde tencionava cavar o primeiro buraco. Na subida do Morro Panderly, do outro

lado da ponte, passou por um conversível que ia na direção da cidade. Estava cheio de jovens.

Cantavam *Jesus, alegria dos homens* o mais alto que podiam, e em perfeita harmonia uníssona

batista.

9

Um desses jovens era Lester Ivanhoe Pratt. Depois do jogo de futebol, ele e uma turma de

rapazes tinham ido de carro até o lago Auburn, a uns 40km. Havia um acampamento em retiro

espiritual de uma semana acontecendo por lá, e Vic Tremayne tinha dito que às 5:00h haveria

uma reunião de oração, com cânticos, especial pelo Descobrimento da América. Já que Sally

ficara com o carro de Lester e não tinham feito planos para aquela noite — nem cinema, nem

jantar no McDonakTs de South Paris — ele acompanharia Vic e os outros caras, todos, sem

exceção, excelentes cristãos.

Sabia, é lógico, por que os outros estavam tão interessados no passeio, e o motivo não era a

religião — isto é, não *inteiramente*. Sempre havia muitas moças bonitas nesses acampamentos

de retiro espiritual que se entrecruzavam por toda a Nova Inglaterra, desde maio até a feira do

boi, no fim de outubro, e um bom coro de hinos (sem falar na quantidade de orações ardentes

mais uma dose generosa do espírito cristão dos velhos tempos) sempre os deixava num estado

de ânimo alegre e animado.

Lester, que tinha a sua namorada, escutava os planos e esquemas de seus amigos,

mostrando aquela indulgência própria de um homem que, casado há muitos anos, escuta as

excentricidades de uma turma de jovens. Tinha ido junto principalmente por amizade, e

também porque gostava de ouvir uma pregação inspirada, e de cantar aqueles belos hinos,

depois de passar a tarde dando cabeçadas e fazendo bloqueio de corpo. Em sua opinião, esta

era a melhor maneira de repousar.

A reunião de oração tinha sido muito boa, mas, no final, uma multidão enorme se mostrou

ansiosa para ser salva. O resultado foi que demorou bem mais do que Lester teria desejado.

Tinha feito planos de telefonar para Sally e convidá-la para ir ao Semaninha para um sorvete

ou qualquer coisa. Já tinha notado que as moças gostavam de fazer coisas assim, à última hora.

Atravessaram a Ponte das Latas, e Vic o deixou na esquina da Rua Principal com a Rua do

Moinho.

— Grande jogo, Les! — Bill MacFarland se despediu, sentado no banco traseiro.

— Foi mesmo! — Les respondeu alegremente. — Vamos jogar de novo no sábado — e,

quem sabe, em vez de uma simples luxação eu consiga causar uma fratura no seu braço!

Os quatro rapazes no carro deram muita risada dessa tirada de humor e, então, Vic deu

partida. O som de *Jesus, alegria dos homens* chegou até ele naquela atmosfera que ainda era,

estranhamente, de verão. Esperava-se sempre que, depois do pôr-do-sol, uma lufada de ar frio

se esgueirasse mesmo nos períodos mais quentes do veranico. Entretanto, nesta noite isto não

acontecia.

Lester foi subindo o morro devagar, para sua casa, sentindo-se cansado e ardido e

completamente contente. Cada dia era um belo dia quando seu coração pertencia a Jesus, mas

alguns dias eram mais belos do que outros. Este tinha sido um dos mais belos, e tudo o que

queria naquele momento era tomar um bom banho de chuveiro, telefonar para Sally, e cair na

cama.

Contemplava as estrelas, tentando encontrar a constelação de Orion, quando chegou à

entrada de carro. Como resultado do passo rápido em que vinha, a primeira coisa que bateu

contra o traseiro do Mustang foram seus ovos.

— Uuuuuiii! — Lester gritou. Andou para trás, curvou-se e segurou os testículos

machucados. Passados alguns momentos, conseguiu levantar a cabeça e olhar seu carro com

olhos lacrimosos por causa *da dor*. Mas... o que seu carro estava fazendo ali? O Honda de

Sally não ia sair da oficina antes da quarta-feira — provavelmente, só na quinta ou sexta,

contando com o feriado e tudo o mais.

Então, numa brilhante explosão cor-de-rosa alaranjada, veio-lhe a resposta. Sally estava lá

dentro! Tinha chegado antes da volta dele, e, neste momento, estava à sua espera! Talvez

tivesse decidido que esta noite seria *a noite!* Sexo pré-marital era pecado, naturalmente, mas

não se pode fazer um omelete sem quebrar alguns ovos. E, sem dúvida, ele estava preparado

para pagar a penitência por esse pecado em especial, se ela estivesse lá.

— *Ou-lá-lá!* — Lester Pratt exclamou cheio de entusiasmo. — Sallyzinha, doçura da

minha vida, em seu vestido de festa!

Correu para o portão, arrastando-se um pouco à maneira de um caranguejo, ainda

segurando seus ovos latejantes. Agora, no entanto, latejavam não só por causa da dor, como

também de antecipação. Pegou a chave embaixo do capacho e entrou em casa.

— Sally? — ele chamou. — Sal, você está aqui? Desculpe o atraso — fui até o lago

Auburn para a reunião de oração do retiro espiritual com alguns dos rapazes e...

A voz sumiu. Não houve resposta, o que significava que ela não estava ali, afinal

de contas.

A menos que...!

Subiu as escadas tão depressa quanto podiam suas pernas, subitamente certo de que a

encontraria dormindo em sua cama. Sally abriria os olhos e se sentaria na cama, o lençol

descobrindo seus seios encantadores (nos quais ele já tocara — mais ou menos — mas que

nunca vira); estenderia os braços para ele, com aqueles olhos lindos, sonolentos e azuis como

hortênsias, se abrindo, e quando o relógio batesse as 10:00h, os dois já teriam deixado de ser

virgens. *Ou-lá-lá!*

Mas o quarto estava tão vazio quanto a cozinha e a sala. Os lençóis e colchas estavam

espalhados pelo chão, como de costume. Lester era um jovem tão cheio de energia e do

Espírito Santo que, de manhã, não se satisfazia em simplesmente sentar na cama e levantar-se

— ele *pulava* da cama, ansioso não apenas para viver o dia, mas para pôr-lhe cerco, derrubá-lo

no gramado, e fazê-lo cuspir a bola.

Neste momento, entretanto, vinha descendo a escada, o rosto largo e ingênuo franzido

numa carranca. O carro estava ali, mas onde estava Sally? O que significaria aquilo tudo? Não

sabia, mas não estava gostando.

Acendeu a luz da varanda e foi dar uma espiada no carro, talvez ela tivesse deixado alguma

mensagem. Chegou ao topo da escadinha da varanda e parou transfixado. Havia uma

mensagem, sem dúvida. Tinha sido escrita no pára brisa do Mustang com tinta de *spray* cor-

de-rosa berrante, provavelmente de sua própria garagem. As enormes letras de fôrma o

agrediam:

VÁ PARA O INFERNO

SEU MENTIROSO FILHO DA MÃE

Lester ficou imóvel no topo da escada durante muito tempo, lendo e relendo muitas vezes a

mensagem deixada por sua noiva. A reunião de oração? Será que Sally teria imaginado que ele

tinha ido à reunião de oração no lago Auburn para encontrar-se com alguma mulher? Em seu

desespero, essa era a única explicação que lhe parecia fazer algum sentido.

Entrou e telefonou para Sally. Deixou o telefone tocar mais de vinte vezes, e ninguém

atendeu.

10

Sally tinha certeza de que ele telefonaria, e, por isso mesmo, tinha pedido a Irene Lutjens

para passar a noite na casa de Irene. Esta, morrendo de curiosidade, disse que sim, claro,

naturalmente. Sally estava tão desesperada a respeito de *alguma coisa* que nem sequer estava

bonita. Irene mal podia acreditar, mas era verdade.

De sua parte, Sally não tinha intenção de contar a Irene ou a qualquer outra pessoa o que

tinha acontecido. Era por demais terrível, por demais vergonhoso. Levaria o seu segredo para o

túmulo. E assim, durante mais de meia hora, recusou-se a responder às indagações de Irene.

Depois, a história toda saiu aos borbotões, numa torrente de lágrimas ardentes. Irene abraçou-a

e ouviu, enquanto seus olhos iam se arregalando.

— Está tudo bem, queridinha — Irene ninou, embalando Sally nos braços. — Está tudo

bem, Sally — Jesus te ama, mesmo que aquele filho da mãe não ame. Eu também te amo. E o

rev. Rose. E você não deixou por menos, não é? Deu àquele monte de músculos o que pensar,

não foi?

Sally fungou, fez que sim com a cabeça, enquanto a outra moça lhe alisava os cabelos e

dizia palavras de tranqüilidade. Irene mal podia esperar pelo dia seguinte, quando começasse a

telefonar para suas outras amigas. Elas não iriam acreditar! Irene tinha pena de

Sally, de

verdade, mas achava que, de certo modo, tinha sido bom acontecer tudo aquilo. Sally era *tão*

linda, e Sally era *tão santinha.* Era bom ver que ela também podia cair do pedestal e se quebrar

toda, pelo menos uma vez.

E Lester era o homem mais bonito da igreja. Se ele e Sally tinham realmente desmanchado

o noivado, será que ele me convidaria para sair? De vez em quando, ele me olha como se

estivesse imaginando de que cor é a minha calcinha. Portanto, acho que não é impossível.

— Estou me sentindo tão horrível — Sally chorava. — Tão *s-s-s-suja!*

— Claro que está, queridinha — Irene disse, continuando a niná-la e a alisar seus cabelos.

— Você não guardou aquela carta e a fotografia, guardou?

E-e-e-u qu-qu-queimei tudo! — Sally gritou em voz alta contra o peito úmido de Irene e,

então, uma nova tempestade de dor e perda apossou-se dela.

— Claro que sim — Irene murmurou. — Exatamente o que *deveria* ter feito. — Ainda

assim, bem que você poderia ter esperado um pouco, até eu dar uma olhada, sua coisinha

manhosa.

Sally passou a noite no quarto de hóspedes da casa de Irene, mas quase não conseguiu

dormir. Eventualmente, o choro passou, e de olhos secos ela ficou o resto da noite fitando o

escuro, nas garras daquelas fantasias de vingança, sinistras e amargas, mas altamente

satisfatórias, que apenas a mulher, antes complacente, e que se vê depois abandonada, é capaz

de cultivar plenamente.

CAPÍTULO QUINZE

1

O PRIMEIRO FREGUÊS “com hora marcada” chegou pontualmente às 8:00h da manhã

de terça-feira. Era Lucille Dunham, uma das garçonetes da Nan’s Lanchonete. Lucille se

deixara abater por uma profunda melancolia sem esperanças, à vista das pérolas negras em

exibição num dos balcões de Coisas Necessárias. Sabia que jamais teria condições de comprar

jóia tão cara, nem em um milhão de anos. Nem com o salário de fome que Nan lhe pagava.

Mesmo assim, quando o sr. Gaunt sugeriu que discutissem o assunto sem que

metade da

cidade ficasse de orelha em pé debruçada por cima de seu ombro (por assim dizer), Lucille

agarrara o oferecimento do mesmo modo como um peixe faminto abocanha uma isca atraente.

Saiu de Coisas Necessárias às 8:20h, o semblante pleno de uma expressão de aturdida e

absorta felicidade. Comprara as pérolas negras pelo preço inacreditável de US$ 38,50.

Também prometera pregar uma peça, coisa pequena e inofensiva, naquele pastor empertigado

da igreja batista, o rev. William Rose. Isto, quanto a Lucille, não constituiria esforço — seria

um enorme prazer. Aquele pão-duro, que vivia citando a Bíblia, jamais lhe deixara uma

gorjeta, por pequena que fosse. Lucille (uma boa metodista, que não tinha o mínimo escrúpulo

em sacudir o traseiro, no compasso de qualquer ritmo quente, nas noites de sábado) tinha

ouvido falar daqueles que juntavam seus tesouros no Reino dos Céus, e se perguntava se o rev.

Rose já teria ouvido falar que melhor era dar do que receber.

Bem, ela lhe daria o troco, em termos... e, na verdade, o trote era bastante inofensivo. O sr.

Gaunt dera a sua palavra.

Observando-a sair, havia um sorriso feliz no rosto desse cavalheiro. O dia seria

extremamente ocupado, *extremamente* ocupado, com horas marcadas a cada meia hora, mais

ou menos, e muitos telefonemas a serem feitos. O espetáculo estava bem montado: uma das

atrações principais tinha sido testada com pleno êxito; e a hora de fazer a exibição simultânea

de todos os números se aproximava. Como sempre, ao chegar a este estágio, fosse no Líbano,

em Ancara, nas províncias do oeste canadense, ou ali mesmo em Hicksville — EUA, achava

que o dia tinha poucas horas. Contudo, era necessário despender todos os esforços possíveis

para que o objetivo fosse atingido, e mãos ocupadas eram mãos felizes, e o trabalho era coisa

que enobrecia, e...

... e, se seus olhos cansados não o enganavam, aí vinha a segunda freguesa do dia, Yvette

Gendron, correndo pela calçada na direção do toldo, nesse exato momento.

— Dia ocupado, ocupado, ocupadíssimo — o sr. Gaunt murmurou, e botou na cara um

largo sorriso de boas-vindas.

2

Alan Pangborn chegou à sua própria sala às 8:30h, e já havia uma mensagem presa com

fita adesiva ao lado de seu telefone. Henry Payton, da polícia estadual, tinha telefonado às

7:45h. Pedia que Alan retornasse a chamada logo que possível. Alan acomodou-se na poltrona,

ajustou o telefone entre o ouvido e o ombro, e apertou o botão que fazia a ligação automática

para o Campo Oxford. Da gaveta superior de sua escrivaninha, tirou quatro dólares de prata.

— Alô, Alan — Henry disse. — Acho que as notícias que tenho sobre o seu duplo

homicídio não são boas.

— Ah, quer dizer, então, que, de repente, ficou sendo o *meu* duplo homicídio — Alan

disse. Fechou os quatro dólares de prata na mão, apertou, e quando a abriu só restavam três.

Reclinou-se e descansou os pés no tampo da mesa. — As notícias devem ser muito más.

— Você não parece surpreso.

— Nem um pouco. — Apertou a mão novamente e usou o dedo mindinho para “forçar” a

moeda de baixo a sair da pilha. A operação exigia certa delicadeza... entretanto, Alan estava

mais do que à altura da tarefa. O dólar de prata escorregou pelo punho e deslizou para dentro

da manga da camisa. Houve um som breve de “tilim” quando a segunda moeda bateu na

primeira, um som que seria abafado pelo falatório incessante do mágico numa apresentação de

verdade. Alan tornou a abrir a mão, e desta vez só restavam dois.

— Quem sabe você me diria por quê — Henry disse. Parecia ligeiramente irritado.

— Bem, passei estes dois últimos dias pensando no crime — Alan disse. E, mesmo isto,

era dizer pouco. Desde o momento em que, naquela tarde de domingo, tinha visto pela

primeira vez que Nettie Cobb era uma das duas mulheres que jaziam mortas ao pé do poste de

sinalização, quase não pensara em outra coisa. Chegava a sonhar com o fato, e a sensação de

que a soma dos fatores não estava dando o produto correto, tinha se transformado em certeza

incômoda. O que fazia com que o telefonema de Henry fosse, não um aborrecimento, mas um

alívio, e livrava Alan do trabalho de telefonar para ele.

Apertou os dois dólares de prata no punho fechado.

“Tilim”.

Abriu a mão. Só restou um.

— O que está apoquentando você? — Henry perguntou.

— Tudo — Alan respondeu, sem rodeios. — A começar pelo fato de que o crime

aconteceu. Creio que o que mais me aborrece é a cronometragem que o crime seguiu... *ou não*

seguiu... Fico tentando imaginar Nettie Cobb encontrando o cão morto e depois se sentando

para escrever todos aqueles avisos. E sabe o que mais? Continuo não conseguindo. E, cada vez

que não consigo, me pergunto quais detalhes desse crime estúpido não estou sendo capaz de

enxergar.

Alan apertou a mão violentamente, abriu-a, e então, não restou nenhum.

— Uh-huhm. Então, talvez, minhas más notícias sejam boas notícias. Alguém mais estava

envolvido, Alan. Não sabemos quem matou o cão da Sra. Cobb, mas temos certeza quase

absoluta de que não foi Wilma Jerzyck.

Os pés de Alan foram para o chão num movimento repentino. As moedas caíram da manga

e foram se espalhando. Uma delas caiu em pé e saiu rolando para a quina da mesa. A mão de

Alan estendeu-se, num movimento assombrosamente rápido, e apanhou-a antes que

despencasse.

— É melhor me dizer o que conseguiu, Henry.

— Muito bem. Comecemos pelo cachorro. O corpo dele foi entregue a John Palin,

Veterinário em South Portland. Ele está para os animais assim como Henry Ryan está para

pessoas. Ele diz que como o saca-rolhas penetrou no coração do bichinho e a morte foi quase

instantânea, ele pode nos dar uma hora bem aproximada da morte.

— *Essa* é uma boa notícia — Alan disse. Pensava nas histórias de Agatha Christie que

Annie costumava ler às dúzias. Nelas, parece que sempre havia um médico de aldeia gagá, que

era capaz de fixar a hora da morte entre as 4:30 e as 5:15h da tarde. Depois de quase vinte anos

como Oficial da lei, Alan tinha uma resposta mais realística para a questão da hora da morte:

"Uma hora qualquer, na semana passada. Talvez".

— Pois é mesmo, não é? De qualquer forma, esse dr. Palin diz que o cão morreu entre

10:00h e meio-dia. Peter Jerzyck diz que ao entrar no quarto principal a fim de se aprontar para

a igreja — *um pouco, depois das 10:00h* — sua mulher estava no chuveiro.

— É, nós desconfiávamos que os horários estavam muito apertados — Alan disse. Sentia-

se um pouco desapontado. — Mas esse tal de Palin deve conceder uma certa margem de erro, a

menos que seja Deus. Apenas 15 minutos bastariam para fazer de Wilma a autora do crime.

— É? E o que você acha da idéia, Alan?

Ele considerou a pergunta, e depois disse desconsolado:

— Para falar a verdade, amigo velho, Wilma não me parece uma boa candidata. Nunca

pareceu. — E forçou-se a completar: — Assim mesmo, iríamos parecer um bom par de idiotas

se quiséssemos manter o caso aberto com base no laudo de um veterinário e uma diferença de

— o quê? — 15 minutos.

— OK. Vamos, então, falar na nota encontrada no saca-rolhas. Você se lembra daquela

nota?

“Ninguém atira lama nos meus lençóis lavados. Eu disse que pegaria você”.

Exatamente. O perito em grafologia, em Augusta, ainda está analisando a nota, mas Peter

Jerzyck nos forneceu uma amostra da caligrafia de sua mulher, e tenho cópias xerox tanto da

nota conto dessa amostra bem na minha frente. Elas não combinam. Não combinam *mesmo!*

— Não me diga isso!

— Digo, sim. Pensei que você era o cara que a gente não conseguia surpreender.

— Eu sabia que havia alguma coisa errada, mas são aquelas pedras com as notas presas

nelas que não consigo tirar da cabeça. A seqüência de tempo é apertada, o que me deixava

incomodado, sim, mas, no todo, acho que estava disposto a ficar na moita. Principalmente,

porque parecia uma coisa típica de Wilma Jerzyck. Tem certeza de que ela não disfarçou a

letra?

Não acreditava nisso — o estilo de Wilma Jerzyck jamais seria o de viajar incógnita —

mas, era uma possibilidade a ser investigada.

— Eu? Certeza absoluta, Mas não sou o perito, e a minha opinião não valeria como prova

num tribunal. Por isso é que a nota foi enviada para grafoanálise.

— E quando é que o perito vai entregar o laudo?

— Ninguém sabe. Nesse ínterim, pode acreditar em mim, Alan — são como vinho e água.

Completamente diferentes.

Muito bem, se não foi Wilma, alguém queria muito que Nettie *acreditasse* que tinha sido.

Quem? E, por quê? *Porquê,* pelo amor de Deus?

— Não sei, cara — essa é a sua cidade. Tenho mais duas coisinhas para você.

— Diga. — Alan devolveu os dólares à gaveta, e, em seguida, fez um homem alto, magro,

de cartola, andar pela parede. Na volta, a cartola virou uma bengala.

Quem matou o cachorro deixou um grupo de impressões digitais sangrentas na maçaneta

interna da porta principal da casa de Nettie — essa a grande notícia nº1.

— Grande!

— Nem tanto, meu amigo. Elas estão borradas. O autor provavelmente as deixou, ao

agarrar a maçaneta na saída.

Não servem para nada?

Temos alguns fragmentos que talvez *possam* ajudar, embora duvide que possam

ser usados

como prova. Mandei-os para o Print-Magic do FBI em Virginia. Estão conseguindo resultados

realmente surpreendentes de reconstituição, a partir de impressões parciais. São mais lerdos

que lesmas — talvez uma semana, ou dez dias, até que venha alguma notícia — mas, nesse

meio-tempo, comparei as parciais com as impressões de Wilma Jerzyck, que me foram

entregues pelo Departamento Médico- Legal, sempre atencioso, ontem à noite.

— Não combinam?

Bem, Alan, é o mesmo problema da caligrafia — comparar parciais com totais, e se eu

prestasse testemunho num tribunal com base nessa prova, a defesa cavava um novo cu na

minha bunda. Mas, já que só temos um monte de bosta na nossa mesa — por assim dizer —

não, elas não são nem um pouco semelhantes. Há o detalhe do tamanho, para começar. Wilma

Jerzyck tinha mãos pequenas. As parciais indicam alguém de mãos grandes. Mesmo dando-se

um desconto para os borrões, as mãos são enormes.

— Digitais masculinas?

— Tenho certeza. Mas, dá no mesmo, um tribunal não as aceitaria.

— Não ligo a mínima.

Na parede, um farol feito de sombra surgiu de súbito, e transformou-se numa pirâmide. A

pirâmide abriu-se como uma flor e virou um ganso voando em frente ao sol. Alan tentou

divisar o rosto do homem — *homem,* e não Wilma Jerzyck — que tinha invadido a casa de

Nettie Cobb, depois que ela saiu na manhã de domingo. O homem que tinha tirado a vida do

Raider com um saca-rolhas, e deixado Wilma como suspeita. Procurou um rosto e só

encontrou sombras.

— Henry, mas quem poderia sequer *querer* fazer uma coisa dessas, se não foi Wilma?

— Não sei. E creio que talvez exista uma testemunha para o incidente do quebra-quebra

dos vidros.

— *O quê?* Quem?

— Eu disse *talvez,* lembre-se.

— Eu sei o que você disse. Não brinque comigo. Desembuche!

Um menino. A mulher que mora na casa ao lado dos Jerzycks ouviu barulho e saiu para ver

se descobria o que estava acontecendo. Ela disse ter pensado que “aquela cadela” — palavras

dela — tinha finalmente enlouquecido de vez e estava atirando o marido pela janela. Viu um

menino se afastando da casa, parecendo assustado. Perguntou o que estava

acontecendo, e o

menino respondeu que achava que o casal estava discutindo. Bem, era o que *ela* também

achava, e como naquele momento o barulho já tinha cessado, ela não pensou mais no assunto.

— Deve ser Jillian Mislaburski — Alan comentou. — A casa do outro lado está vazia — à

venda.

— É isso mesmo. Jillian Mis-qualquer-coisa-ki. É o que tenho aqui.

— Quem era o menino?

— Não sabemos. Ela o conhecia, mas não foi capaz de se lembrar do nome. Diz que ele

mora na vizinhança — provavelmente no mesmo quarteirão. Vamos encontrá-lo.

— Quantos anos?

— Ela disse que entre 11 e 14 anos.

— Henry, seja bonzinho e deixe que *eu* o encontre. Faria isso?

— Sim — Henry disse imediatamente, e Alan descontraiu-se. — Não entendo por que

temos que nos meter nessas investigações quando o crime acontece bem na sede do município.

Em Portland e Bangor, deixam que cada uma tome conta de si mesma, então, por que não em

Castle Rock? Deus do céu, eu nem sabia pronunciar direito o *nome* daquela mulher ate você

dizê-lo em voz alta!

— Castle Rock tem muitos poloneses — Alan disse, desatento. Arrancou uma ficha cor-de-

rosa do bloco de infrações de trânsito, que estava em sua mesa, e rabiscou no verso *Jill*

Mislaburski e *Menino, 11-14.*

— Se a minha turma encontrar esse menino, ele vai dar de cara com três enormes oficiais

da polícia estadual, e vai ficar tão assustado que tudo vai fugir da cabeça dele

Henry ponderou. — Ao passo que, provavelmente, *você* ele conhece. Não costuma dar

palestras nas escolas, de vez em quando?

Sim, com relação ao Programa Antidrogas e no Dia da Lei e da Ordem — Alan respondeu.

Estava tentando pensar nas famílias que tinham crianças e que moravam na mesma quadra que

os Jerzycks e os Mislaburskis. Se Jill Mislaburski o reconheceu mas não sabia o nome, isto

provavelmente indicava que o menino morava virando a esquina, ou talvez na Rua Pond. Alan

rapidamente escreveu três nomes no pedaço de papel: *DeLois*, *Rusk* e *Bellingham.* Talvez

existissem outras famílias com crianças naquele grupo de idade, mas não lhe ocorria mais

ninguém assim de estalo, mas aqueles três serviam para começar. Uma rápida investigação

certamente apontaria o menino.

— Jill se recorda da hora em que ouviu a barulheira e viu o menino? — Alan perguntou.

— Ela não tem certeza, mas acredita que já passava das 11:00h.

— Então, não era uma briga entre os Jerzycks, porque a essa hora eles estavam na missa.

— Certo.

— Neste caso, era o atirador de pedras.

— Certo, de novo.

— Henry, essa é *de lascar!*

— Acertou três vezes. Se acertar a próxima, ganha o forno elétrico de prêmio.

— Será que o menino viu quem foi?

De um modo geral, eu diria que “era bom demais para ser verdade”, mas como a sra.

Mislaburski diz que ele parecia assustado, talvez tenha visto. E, se ele *viu* o autor, aposto um

gole e uma cerveja que não foi Nettie Cobb. Acho que alguém jogou uma contra a outra, cara,

e talvez apenas para se divertir. Apenas isso.

Alan, no entanto, que conhecia sua cidade melhor do que Henry poderia vir a conhecer,

achou a idéia extravagante.

— Talvez o autor tenha sido o próprio menino — ele disse. — Talvez, *por isso* ele tenha

ficado tão assustado. Talvez o que a gente tenha seja um caso de puro vandalismo.

— Num mundo onde existe um Michael Jackson e um melecão como Axl Rose, tudo é

possível, creio — Henry disse. — Mas a idéia de vandalismo me agradaria mais se a idade do

menino fosse aí pelos 16 ou 17 anos, sabe?

— Tem razão — Alan disse.

— E por que perdermos tempo com especulações se você pode achar o menino? Você

pode, não pode?

— Tenho certeza que sim. Mas, gostaria de esperar o término do período escolar, se não se

importa. É como você disse — deixá-lo assustado não vai fazer bem algum.

— Para mim, está ótimo — as duas senhoras não vão sair do lugar, a não ser para serem

enterradas. Os repórteres estão por aqui, mas são somente importunos — eu os espanto como

se fossem moscas.

Alan olhou para fora da janela a tempo de ver um carro de reportagem da WMTW-TV

passar lentamente, provavelmente na direção da entrada principal do Tribunal, virando a

esquina.

— Pois é, eles andam por aqui também.

— Pode me telefonar aí pelas 5:00?

— Pelas 4:00h — Alan respondeu. — Obrigado, Henry.

— De nada — Henry Payton respondeu, e desligou.

O primeiro impulso de Alan foi sair procurando Norris Ridgewick para contar todas as

novidades — Norris era o melhor ouvinte do mundo, pelo menos isso. Lembrou-se, então, que

Norris estaria provavelmente flutuando no meio do lago do Castelo, segurando sua nova vara

de pesca.

Fez mais alguns bichos de sombra na parede, depois levantou-se. Sentia-se inquieto,

estranhamente aflito. Não faria mal algum sair com o carro ao redor da quadra onde os crimes

ocorreram. Poderia lembrar-se de mais algumas famílias com crianças na idade certa, caso

visse suas casas... e, quem sabe? Talvez o comentário de Henry sobre crianças se aplicasse

também à senhoras polonesas de certa idade que compravam suas roupas em Lane Bryant. A

memória de Jill Mislaburski talvez melhorasse se o interrogatório partisse de alguém que ela

conhecesse.

Fez menção de apanhar o quepe do uniforme, no cabide de muitas pontas ao lado da porta,

mas deixou-o onde estava. Talvez o melhor, hoje, fosse sua visita parecer apenas semi-oficial,

ele decidiu. E, para completar, não vai me matar ir na minha camioneta.

Saiu da sala e parou um momento na sala de espera, surpreso. John LaPointe tinha

transformado sua escrivaninha e todo o espaço ao redor dela em algo que parecia precisar de

um donativo da Cruz Vermelha para áreas inundadas. Papéis empilhados por todos os lados.

Gavetas, uma em cima da outra, formando uma Torre de Babel sobre o mata-borrão da mesa.

Parecia prestes a desmoronar a qualquer momento. E John, em geral o mais alegre dos seus

oficiais, estava rubro e praguejava.

— Vou lavar sua boca com sabão, John — Alan disse, sorrindo.

John deu um pulo e virou-se. Retribuiu com o seu próprio sorriso, que era, ao mesmo

tempo, envergonhado e desconsolado.

— Desculpe, Alan, eu...

Alan já estava em movimento. Atravessou a sala com a mesma velocidade fluida e

silenciosa que tanto impressionara Polly Chalmers na sexta-feira. John LaPointe ficou

boquiaberto. E, pelo canto do olho, percebeu a intenção de Alan — as duas gavetas no topo da

pilha tinham começado a lombar.

Alan foi rápido o bastante para evitar uma catástrofe total, mas não conseguiu segurar a

primeira gaveta. Que aterrissou sobre seu pé, espalhando papéis, clipes, e fileiras

de grampos

de grampeador, por toda parte. As outras duas gavetas, ele as imprensou contra o lado da

escrivaninha de John com à palma das mãos.

— Senhor Jesus! Na horinha H, Alan! — John exclamou.

— Obrigado, John — Alan disse, com um sorriso torcido. As gavetas estavam começando

a escorregar. Imprensá-las ainda mais de nada adiantaria. Apenas forçou a mesa, que saiu do

lugar. Por outro lado, os dedos do pé estavam doendo.

— Diga todos os elogios que quiser, John, mas, pelo amor de Deus, enquanto isso, quem

sabe você tira a gaveta de cima do meu pé?

— Oh! Merda! Claro! Claro! — John apressou-se. E, na ânsia de ajudar, deu um encontrão

em Alan. Alan perdeu a tênue pressão que fazia nas gavetas que tinha conseguido agarrar a

tempo. E elas acabaram por aterrissarem sobre o seu pé.

Uuuui! — Alan berrou. Ia pegar seu pé direito, mas acabou decidindo que o esquerdo doía

mais. — *Filho-da-mãe!*

— Senhor Jesus!, Alan, me perdoe!

— O que é que você guarda aí dentro? — Alan perguntou, saltitando para longe, enquanto

segurava o pé esquerdo. — Metade da pedreira de Castle?

— Acho que já faz um bom tempo que não arrumo minhas coisas — John disse com um

sorriso culpado e pôs-se a guardar papéis e material de escritório, de qualquer jeito, dentro das

gavetas. Seu rosto, convencionalmente bonito, se ruborizara violentamente. Estava de joelhos,

e ao dar meia-volta para apanhar os clipes e grampos que tinham ido parar embaixo da mesa de

Clut, bateu com o pé numa pilha de formulários e relatórios que tinha colocado no chão. Nesse

momento, a área de espera da delegacia começava a parecer uma zona de tornado.

— Opa! — John disse.

— Opa! — Alan disse, sentando-se na mesa de Norris Ridgewick e tentando massagear os

dedos do pé através do couro grosso dos sapatos-padrão da polícia. — Opa é uma ótima

palavra, John. Uma descrição muito exata da situação. Isto é um opa, se é que sei do que estou

falando.

— Desculpe — - John repetiu, e literalmente rastejou sobre a barriga para baixo da mesa,

fazendo, com o lado das mãos, uma varredura dos clipes e grampos fujões. Alan não sabia se

ria ou chorava. Enquanto John mexia as mãos, seus pés balançavam para frente e para trás

espalhando, num leque bastante amplo e uniforme, os papéis que estavam no chão.

— John, dê o fora daqui! — Alan berrou. Fazia uma força danada para não rir, mas sabia

que era caso perdido.

LaPointe se contorceu. A cabeça bateu contra a parte de baixo do tampo da mesa. E mais

uma pilha de documentos, aquela que tinha sido colocada fragilmente no limiar da gravidade

para dar espaço às gavetas, tombou pelo lado. O grosso caiu direto no chão, mas dezenas de

papéis saíram flutuando preguiçosamente, numa gangorra aérea.

Ele vai passar o dia inteiro arquivando isso tudo, Alan pensou resignado. Talvez, a semana

inteira.

E, daí, não conseguiu mais se controlar. Jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

Andy Clutterbuck, que estava na sala de expedição, saiu para ver o que estava acontecendo.

— Xerife — ele perguntou. — Está tudo bem?

— Sim — Alan respondeu. Fitou todos aqueles laudos e formulários, espalhados até o

inferno, e desandou a rir novamente.

John estava apenas tentando trabalhar a burocracia criativamente, só isso.

John rastejou para sair de sob a mesa e ficou de pé. Parecia um homem rezando para

receber ordem de “Sentido!” ou para se deitar e fazer quarenta flexões. A parte da frente do seu

— até então — imaculado uniforme estava coberta de poeira, e apesar de estar se divertindo

muito, Alan fez uma anotação mental — fazia um bom tempo que Eddie Warburton não

passava a vassoura embaixo daquelas mesas na área de espera. Depois, continuou rindo.

Simplesmente, não conseguia parar. O olhar de Clut ia dê um para o outro, e de volta ao

primeiro, sem conseguir entender.

— OK — Alan disse, conseguindo, finalmente, se controlar. — O que estava procurando,

John? O Santo Graal? O Elo Perdido? O quê?

— Minha carteira — John disse, passando a mão inutilmente pela frente do uniforme. —

Não consigo encontrar aquela droga de carteira.

— Verificou dentro do carro?

— Todos os dois — John disse. — Tanto o oficial que usei ontem à noite, como o meu

Pontiac. Mas, quando estou aqui, de vez em quando guardo a carteira na gaveta, porque faz um

caroço contra a minha bunda, quando eu me sento. Por isso, estava procurando.

— Não ia ficar tão grossa, se você não guardasse toda a sua vida dentro dela, John — Andy

Clutterbuck comentou muito a propósito.

— Clut — Alan disse —, vá brincar de trânsito, sim?

— Hein?

Alan revirou os olhos.

— Vá procurar o que fazer. Acho que, John e eu damos conta do recado aqui. Somos

investigadores treinados. Se não conseguirmos, eu peço o seu auxílio.

— Ah, claro. Estava só querendo ajudar, sabe. Já vi a carteira dele e parece que ele guarda

toda a biblioteca do Congresso Nacional dentro dela. Na verdade —

— Muito obrigado pela participação, Clut. Tchau.

— OK — Clut respondeu. — Sempre às ordens. Até depois, bonecos.

Alan revirou os olhos. Sentia vontade de rir novamente, mas controlou-se. Era óbvio pela

expressão de infelicidade, que para John aquilo não era brincadeira. Estava sem-graça, mas isto

era só um detalhe. Alan já perdera uma ou duas carteiras, em sua época, e sabia que a sensação

era uma merda. Perder o dinheiro, cancelar os cartões de crédito eram um aborrecimento, e não

necessariamente a pior parte da história. Volta e meia você se lembrava de alguma coisa que

estava guardada dentro dela, coisas que não teriam o menor valor para os outros, mas que eram

insubstituíveis para você.

John estava de quatro, catando os papéis, selecionando e empilhando, e

parecendo

desconsolado. Alan ajudou.

— Você machucou mesmo os dedos, Alan?

— Não. Você conhece esses sapatos — e como usar carros-fortes nos pés. Quanto você

tinha na carteira, John?

— Ah, não mais que uns vinte, acho. Mas, consegui minha licença de caça na semana

passada, e estava dentro dela. O meu MasterCard, também. Vou ter que telefonar para o banco

e pedir que cancelem o número se eu não conseguir encontrar a maldita carteira. Mas, o que eu

queria mesmo eram as fotografias. Mamãe, papai, minhas irmãs... você sabe. Esse tipo de

coisa.

Mas não era a fotografia do pai, ou da mãe, ou das irmãs que realmente preocupava John

— a fotografia realmente importante era a de Sally Ratcliffe. Clut tinha batido aquela

fotografia na Feira Estadual de Fryeburg uns três meses antes de Sally romper com John, para

ficar com aquele cabeça de minhoca do Lester Pratt.

— Bem — Alan disse. — Ela vai acabar aparecendo. O dinheiro e o plástico talvez

desapareçam, mas a carteira e as fotografias provavelmente serão devolvidas, John. É o que,

geralmente, acontece. Você sabe disso, John.

— É — John disse com um suspiro. — É só que estou tentando me lembrar se ela estava

comigo hoje cedo quando cheguei para o trabalho. E, simplesmente, não consigo.

— Bem, espero que a encontre. Prenda um anúncio de PERDIDO no quadro de boletins,

por que não?

— Tem razão. E vou arrumar o resto desta bagunça.

— Sei que vai, John. Vá com calma.

Alan saiu para o estacionamento, balançando a cabeça.

3

O sininho de prata sobre a porta de Coisas Necessárias tilintou e Babs Miller, membro

respeitável do Clube de Bridge da Rua do Freixo, entrou com certo ar tímido.

— Sra. Miller! — o sr. Gaunt a acolheu, consultado a folha de papel ao lado da caixa

registradora. Fez um tique na folha.

— Que bom que veio! E muito pontualmente! A senhora estava interessada na caixinha de

música, não é verdade? Uma linda peça.

— Eu queria conversar com o senhor sobre ela, sim — Babs disse. — Suponho que tenha

sido vendida. — Era-lhe difícil imaginar que um objeto de tanta beleza *não* tivesse sido

vendido. Sentiu que seu coração se partia um pouco, só de pensar nisso... A música que tocava,

que o sr. Gaunt declarava não se lembrar... ela achava que sabia muito bem qual devia ser.

Tinha dançado ao som daquela música no Pavilhão da Praia do Pomar Velho, com o capitão do

time de futebol, e mais tarde, naquela mesma noite, tinha voluntariamente lhe ofertado sua

virgindade, sob uma lua de maio esplendorosa. Conseguira com ele o primeiro e último

orgasmo de toda a sua vida, e o tempo todo escutara aquela música correndo por suas veias,

aquela música que retorcia dentro de sua cabeça como um fio em brasa.

— Não, está bem aqui — o sr. Gaunt disse. Tirou-a do balcão de vidro onde estava

escondida, atrás da máquina Polaroid e a colocou sobre o balcão. O rosto de Babs Miller se

iluminou ao vê-la.

— Tenho certeza de que custa mais do que eu poderia pagar — Babs disse — pelo menos,

em um só pagamento, mas *realmente* gostei tanto dela que se houver uma chance de que eu

possa pagarem parcelas... uma *única* chance...

O sr. Gannt sorriu. Um sorriso delicado, agradável.

— Acho que está preocupada inutilmente — ele disse. — A senhora vai ficar surpresa com

o preço razoável desta linda caixa de música, sra. Miller. Muito surpresa. Sente-se, por favor.

Vamos conversar.

Ela sentou-se.

Ele aproximou-se.

Seus olhos capturaram os dela.

A música começou a tocar novamente, dentro de sua cabeça.

E ela perdeu-se.

4

— Estou me lembrando, agora — Jillian Mislaburski disse a Alan. — Era o garoto dos

Rusks. Acho que seu nome é Billy. Ou talvez seja Bruce.

Estavam de pé no meio da sala de estar, dominada por uma TV Sony e por uma imagem de

gesso de Jesus crucificado pendurada na parede atrás da televisão. A telinha exibia Oprah, e, a

julgar pelo modo como Jesus estava com os olhos revirados para o alto, sob Sua coroa de

espinhos, Alan imaginou que Ele talvez preferisse o Geraldo. Ou *Vara de Família.* A sra.

Mislaburski tinha oferecido um cafezinho a Alan, que não aceitou.

— Brian — ele disse.

— Exatamente! — ela disse. — Brian!

Estava usando o agasalho verde berrante, mas dispensara o lenço vermelho. As

mechas de

cabelo em rolos enormes, do tamanho da bobina no centro do papel higiênico, armavam uma

coroa bizarra ao redor de sua cabeça.

— Tem certeza, sra. Mislaburski?

— Tenho. Lembrei-me de quem ele era hoje de manhã. Foi o pai dele quem colocou a

lateral de alumínio em nossa casa, há uns dois anos. O menino vinha dar uma mãozinha, de vez

em quando. Pareceu-me um bom garoto.

—Faz alguma idéia do que ele estava fazendo lá?

—Ele disse que queria ver se eles já tinham arranjado alguém para tirar a neve do passeio

durante o inverno. Acho que era isso. Disse que voltaria mais tarde, quando já não estivessem

brigando. O coitadinho parecia morto de medo, e eu entendo muito bem.

Balançou a cabeça. Os grandes rolos ondularam suavemente. — Sinto que ela tenha

morrido daquele jeito... —Jill Mislaburski abaixou a voz a um tom confidencial. — Mas, fico

contente por *Pete.* Ninguém sabe o que ele agüentava, casado com aquela mulher. Ninguém.

Seus olhos se elevaram até Jesus significativamente, depois fitaram Alan.

— Uh-huhm — Alan disse. — Notou algum outro detalhe, sra. Mislaburski? Alguma coisa

estranha a respeito da casa, ou do barulho, ou do menino?

Ela pousou o dedo sobre a ponta do nariz e inclinou a cabeça.

— Na verdade, creio que não... O menino — Brian Rusk — levava uma caixa

conservadora de temperatura no bagageiro da bicicleta. Lembro-me disso, mas não creio que

seja um detalhe —

— Espere — Alan disse, levantando a mão. Uma luz brilhante se acendeu por um instante

bem na frente de sua mente. — Uma caixa conservadora de temperatura?

— O senhor sabe, aquela caixa que conserva a temperatura dos alimentos, para um

piquenique ou um acampamento. Lembrei-me apenas porque parecia grande demais para a

bicicleta dele. Estava toda torta. Parecia que ia cair.

— Obrigado, sra. Mislaburski — Alan disse devagar. — Muito obrigado.

— Significa alguma coisa? É um indício?

— Ah, duvido que seja. — Mas, assim mesmo, dava o que pensar.

A idéia de vandalismo me agradaria triais se a idade do menino fosse aí pelos 16 ou 17

anos, Henry Payton dissera. Alan achava o mesmo... mas já encontrara vândalos de 12 anos

antes, e achava que se podia carregar uma boa quantidade de pedras dentro de uma daquelas

caixas conservadoras de temperatura.

Subitamente, o interesse na conversa que teria com o jovem Brian Rusk, naquela tarde,

tornou-se muito mais aguçado.

5

O sininho prata tilintou. Sonny Jackett entrou em Coisas Necessárias devagar, desconfiado**,**

apertando o boné nas mãos como se ordenhasse uma vaca. Seus modos eram os de um homem

que sinceramente acredita que logo vai começar a quebrar coisas caras embora contra o seu

desejo — quebrar coisas, sua fisionomia prometia, não era seu desejo, mas seu carma!

— Sr. Jackett! — Leland Gaunt exclamou sua costumeira expressão de boas-vindas com o

costumeiro entusiasmo, e, em seguida, fez mais um minúsculo tique na folha ao lado da caixa

registradora.

— Que bom que pôde dar uma chegadinha aqui!

Sonny avançou mais três passos para dentro da loja e então parou, com um olhar

desconfiado para os balcões de vidro.

— Bom — ele explicou. — Num vim pra comprar nada, não. Melhor deixar claro. Harry

Samuels disse que o senhor pediu pra mim chegar aqui se eu podia. Disse que tem um jogo de

chave de porca muito do bonitão. Eu 'tava procurando um, mas esta loja num é pra gente como

eu. Tô só informando como é que eu sou.

— Pois bem, admiro sua honestidade — o sr. Gaunt disse. — Mas o senhor não deve falar

antes da hora, sr. Jackett. O jogo de chaves de porca é realmente muito bom — com ajustável

para dupla medida.

— Ahn, hein? — Sonny levantou as sobrancelhas. Sabia que esse tipo de coisa *existia*, o

que tornava possível trabalhar com carros nacionais e estrangeiros com as mesmas chaves de

porca, porem nunca chegara a pôr os olhos num jogo desses. — É mesmo?

Sim. Guardei o jogo no quarto dos fundos, sr. Jackett, assim que soube que o senhor estava

procurando algo parecido. De outro modo, teria sido vendido num instante, e o meu desejo era

que o senhor o visse antes que eu o vendesse a qualquer outro freguês.

A reação instantânea de Sonny Jackett a esse discurso foi tipicamente ianque.

— Agora, por que ia fazer isso?

— Porque tenho um automóvel de modelo clássico, e modelos clássicos necessitam de

reparos freqüentes. Já ouvi dizer que o senhor é o melhor mecânico do lado de cá do Derry.

— Ah — Sonny descontraiu-se. — Quem sabe eu sou. O que o senhor tem em quatro

rodas?

— Um Tucker.

As sobrancelhas de Sonny subiram muito e ele fitou o sr. Gaunt com crescente respeito.

— Um Torpedo! Imagine!

— Não. Tenho um Talismã.

— Hein? Nunca ouvi falar.

— Apenas dois foram construídos — o protótipo e o meu. Em 1953. Pouco depois, o sr.

Tucker mudou-se para o Brasil, onde faleceu. — O sr. Gaunt deu um sorriso enevoado. —

Preston era um sujeito ótimo, e um bruxo quando se tratava de desenhar um novo automóvel...

mas não tinha espírito empresarial.

— É mesmo?

— Sim. — A névoa no olhar do sr. Gaunt dissipou-se. — Mas isto é história passada, e

aqui estamos no presente! Vamos virar a página, não é, sr. Jackett? Virar a página, é o que eu

sempre digo — seguir em frente, marchar alegremente para o futuro, e nunca olhar para trás!

O olhar de esguelha que Sonny dirigiu ao sr. Gaunt era um tanto sem graça, e ele nada

disse.

— Vou mostrar-lhe as chaves.

Sonny não concordou de imediato. Ao invés, olhou hesitante para as peças em

exibição nos

balcões de vidro.

— Meu dinheiro não dá pra coisas caras. Um pilha de contas. O que eu penso, de vez em

quando, é sair do negócio e me aposentar.

— Sei como se sente — o sr. Gaunt disse. — Tudo culpa dos malditos republicanos, é o

que *eu* acho.

A fisionomia desconfiada, franzida, de Sonny distendeu-se imediatamente.

— Tem toda razão sobre *isso*, amigo! — ele exclamou. — George Bush quase arruinou o

país... ele e sua maldita guerra! Mas os democratas têm alguém para enfrentar ele no ano que

vem, com chance de vencer?

— É duvidoso — o sr. Gaunt disse.

— Jesse Jackson, por exemplo — um negro.

Fitou o sr. Gaunt com truculência, e este inclinou de leve a cabeça, como se dissesse, *Sim,*

meu amigo — pode dar sua opinião sincera. Somos ambos homens do mundo e não temos

medo de dar nomes aos bois. Sonny Jackett relaxou mais um pouco, menos preocupado agora

com a graxa nas mãos, sentindo-se um pouco mais em casa.

— Não tenho nada contra os negros, mas só de pensar num negro na Casa Branca — Casa

Branca! — me dá arrepios.

— Claro que sim — concordou o sr. Gaunt.

— E aquele cara de Nova Iorque — Mar-i-o Sei-lá-o-quê! Acha que um sujeito com um

nome desses pode ganhar daquele quatro-olhos fedido que está na Casa Branca?

— Não — disse o sr. Gaunt. Levantou a mão direita, o longo indicador colocado a pouco

menos de 1cm do seu polegar feio e espatulado. — E, além do mais, não confio em homens de

cabeças pequenininhas.

Sonny ficou de boca aberta por um momento, depois deu uma palmada no joelho e soltou

uma gargalhada esganiçada.

— Não confio em homens de cabeças pequenininhas — Olha! Essa é muito boa! Muito

boa mesmo!

O sr. Gaunt sorria.

Sorriram um para o outro.

O sr. Gaunt trouxe o jogo de chaves de porca, que vinha acondicionado numa bolsa de

couro forrada de veludo negro — o mais belo jogo de ferramentas em liga de cromo e aço que

Sonny Jackett tinha visto em toda a sua vida.

Sorriram um para o outro, acima do jogo de chaves de porcas, deixando os dentes à mostra

como dois macacos prontos para a briga.

E, é claro, Sonny comprou o jogo. O preço era incrivelmente baixo — US$ 170.00, mais

duas brincadeiras muito divertidas a serem feitas com Don Hemphill e o rev. Rose. Sonny

dissera ao sr. Gaunt que seria um prazer — ele ia adorar azucrinar a vida daqueles dois

republicanos filhos da puta.

Sorriram um para o outro por causa do trote em Willie Barcaça e Don Hemphill.

Sonny Jackett e Leland Gaunt — apenas dois sorridentes homens do mundo.

E, sobre a porta, o sininho de prata tornou a tilintar.

6

A casa de Henry Beaufort, proprietário e administrador do Tigre Manso, ficava a uns 400m

do seu estabelecimento comercial. Myra Evans estacionou seu carro no estacionamento do

Tigre — vazio nesta manhã quente e ensolarada de veranico — e andou até a casa.

Considerando-se a natureza de sua incumbência, a precaução era bem razoável. Mas não

precisava ter-se preocupado. O Tigre nunca fechava antes da 1:00h da manhã, e Henry apenas

raramente se levantava antes da mesma hora à tarde. Todas as persianas, tanto no andar térreo

como no sobrado, estavam arriadas. O carro dele, um Thunderbird de 1960 com manutenção

primorosa, que era o objeto de seu orgulho e de seu felicidade, estava estacionado no abrigo.

Myra vestia calças jeans e uma camisa azul que o marido usava para trabalhar. As fraldas

da camisa estavam para fora e chegavam quase aos joelhos de Myra, Escondia o cinto que

estava usando sob a camisa assim como a bainha de espada presa a ele. Chuck Evans fazia

coleção de mementos da Segunda Guerra Mundial (e, embora Myra ignorasse, ele tinha feito

sua própria compra nessa área, na nova loja da cidade), e na bainha havia uma baioneta

japonesa. Myra a pegara, há meia hora, na sala de Chuck, no porão da casa. A cada passo, a

baioneta se chocava solidamente contra sua coxa.

Estava ansiosa para terminar logo a sua missão, a fim de poder voltar correndo para a

fotografia de Elvis. Tinha descoberto que, segurando a fotografia, desenrolava-se uma espécie

de história. Não era uma história real, mas sob quase todos os aspectos — *todos* os aspectos,

realmente — era melhor do que uma história real. O ato I era “O concerto”, quando O Rei a

puxava para o palco é dançava com ela. Ato II era “O camarim verde depois do show", e Ato

III era “Na limusine”. Um de seus guarda-costas de Memphis dirigia a limusine, e O Rei nem

se dava ao trabalho de levantar o vidro negro que os separava do motorista antes de fazer as

coisas mais ousadas e deliciosas com ela, no banco traseiro, a caminho do aeroporto.

O Ato IV se intitulava “No avião”. Neste ato, eles se encontravam á bordo do *Lisa Marte*, o

jato Convair de Elvis... no enorme leito de casal, atrás da divisória, no fundo da cabine, para

ser mais exata. Este era o ato que Myra vinha gozando ontem e hoje de manhã — flutuando a

l0.000m de altura no jato, e flutuando na cama com O Rei. Ela não incomodaria de ficar ali

com ele para sempre, mas sabia que não podia. Aproximavam-se do Ato V — “Graceland”. E

uma vez lá, as coisas só tendiam a melhorar.

Antes, porém, tinha que executar este servicinho.

Myra se deitara, depois da saída do marido para o trabalho, completamente nua se não

fosse pela cinta-liga (O Rei tinha sido muito claro a respeito do seu desejo de que Myra não

tirasse a cinta-liga), a fotografia firmemente presa entre suas mãos, gemendo e se contorcendo

devagar sobre os lençóis. E, de repente, a cama de casal sumiu. O ronco surdo dos motores do

Lisa Marie sumiram. O perfume de English Leather d’O Rei sumiu.

E, no lugar de todas essas coisas maravilhosas surgiu o rosto do sr. Gaunt... só

que já não

tinha a aparência que mostrava na loja. A pele do rosto estava cheia de pústulas, fervilhando de

algum calor secreto fabuloso. Pulsavam e se retorciam, *como se* houvesse coisas vivas

embaixo, lutando para sair. E quando ele sorriu, seus grandes dentes quadrados tinham se

transformado numa fileira dupla de presas.

— Chegou a hora, Myra — o sr. Gaunt disse.

— Eu quero ficar com o Elvis — ela choramingou. — Eu vou cumprir, mas não agora, por

favor, agora não.

— Agora, sim. Você deu sua palavra, e vai honrá-la. Caso contrário, vai se arrepender,

Myra.

Ouviu um ruído seco. Olhou para baixo e viu horrorizada que havia uma rachadura no

vidro da moldura sobre o rosto d'O Rei.

— *Não! — ela gritou. — Não, não faça isso!*

— *Não sou eu* que estou fazendo — o sr. Gaunt respondeu com uma gargalhada. — *É*

você. É você que está fazendo isso, teimando em ser uma putinha tola e preguiçosa. Estamos

na América, Myra, onde só as prostitutas ganham o seu dinheiro na cama. Na América, gente

respeitável tem que se levantar da cama e *fazer jus* às coisas de que necessita, ou perdê-las para

sempre. Acho que se esqueceu disso. Claro, posso sempre achar outra pessoa para pregar

aquela peça no sr. Beaufort, e quanto ao seu lindo *affaire de coeur* com O Rei —

Outra rachadura correu, como um raio de prata, através do vidro que cobria a fotografia. E

o rosto sob o vidro, ela observou com horror cada vez maior, ia se tornando envelhecido e

enrugado e encanecido à proporção em que o ar penetrava e seu poder de corrupção se

expandia.

— *Não! Eu vou! Eu vou, neste instante! Estou me levantando, está vendo? Apenas, pare*

com isso. PARE COM ISSO!

Myra pulara para o *chão com* a velocidade da mulher que descobre que está

compartilhando seu leito com um ninho de escorpiões.

— Quando cumprir sua promessa, Myra — o sr, Gaunt disse. Sua voz agora vinha de

algum profundo ponto oco dentro da cabeça de Myra. — Você sabe o que fazer, não sabe?

— Sim, eu sei! — Myra fitou a fotografia, em desespero — a imagem de um homem

velho, doente, com o rosto intumescido por anos e anos de excessos e auto-indulgência. A mão

que segurava o microfone se transformara nas garras de um abutre.

— Quando voltar, depois de cumprir sua missão — o sr. Gaunt disse — a fotografia vai

estar perfeita. Mas, não deixe que ninguém a veja, Myra. Se for vista por alguém, jamais

tornará a *vê-lo!*

— Não — ela balbuciou. — Juro que não!

E agora, ao se aproximar da casa de Beaufort, lembrou-se daquela recomendação. Olhou ao

redor para certificar-se de que ninguém vinha vindo pela rua. Deserta em ambas as direções.

Um corvo crocitava sonolento, num campo vazio de outubro, de um lavrador qualquer. Não se

ouvia qualquer outro som. O dia parecia pulsar como uma coisa viva, e a terra parecia zonza

com o bater lento de um coração extemporâneo.

Myra subiu pela entrada de auto, suspendendo a fralda da camisa azul, tateando para ter

certeza de que a bainha e a baioneta estivam no lugar. O suor corria, provocando cócegas e

coceira, pelo meio das costas e embaixo do sutiã. Embora ela não soubesse, e se lhe contassem

ela não acreditaria, tinha se tornado momentaneamente bela na quietude campestre. Seu rosto

vago e indiferente tinha, sido invadido, durante aqueles poucos instantes, por uma expressão de

profundo propósito e determinação que jamais se refletira nele antes. As maçãs

do rosto,

nitidamente definidas pela primeira vez desde os tempos do ginásio, quando chegara à

conclusão de que sua missão na vida era devorar todos os Yodels, Ding-Dongs e Hoodsies do

mundo. Durante os últimos quatro dias, vinha se mantendo extremamente ocupada, praticando

sexo progressivamente mais e mais exótico com O Rei, de modo que não lhe sobrava tempo

para pensar em comida. Seus cabelos, que geralmente ficavam soltos ao redor do rosto, em

mechas caídas, estava atado na nuca, num pequeno rabo-de-cavalo, deixando sua fronte à

mostra. Talvez devido ao choque repentino da dose excessiva de hormônios e o corte

igualmente repentino da quantidade de açúcar no organismo, após anos seguidos de superdoses

diárias, a maioria das espinhas que floresciam em seu rosto como vulcõezinhos inquietos,

desde os seus 12 anos, tinham se recolhido. Um detalhe ainda mais notável eram os seus olhos

— grandes, azuis, quase ferinos. Não eram os olhos de Myra Evans, mas de um animal das

selvas que podia enfurecer-se a qualquer momento.

Chegou ao automóvel de Henry. *Nesse instante,* algum veículo vinha se aproximando pela

117 — um caminhão de lavoura, velho calhambeque, indo para a cidade. Myra deslizou para a

frente do T-Bird e escondeu-se atrás da grade até o caminhão passar. Então, ficou de pé

novamente. Do bolso da camisa tirou uma folha de papel dobrada. Abriu-a e alisou-a com

cuidado e a colocou presa a um dos limpa-brisas do carro, de modo que a breve mensagem

pudesse ser facilmente vista.

NUNCA MAIS DEIXE DE ME
SERVIR E DEPOIS GUARDAR
AS CHAVES DO MEU CARRO
SEU SAPO MALDITO

Dizia a mensagem.

E, agora, era a hora da baioneta.

Olhou novamente ao redor, mas a única coisa que se movia sob aquele mundo de sol

quente era um corvo, talvez o mesmo que antes estivera crocitando. Voou até pousar no topo

de um poste telefônico bem defronte à entrada e parecia vigiá-la.

Myra tirou a baioneta, segurou-a firme com as duas mãos, curvou-se, e enfiou a baioneta

até o cabo na porta do lado do motorista. Seu rosto estava arreganhado num ronco feroz, na

expectativa de um baque alto, mas o som foi como um *hooooosh!* resfolegante — o som que

um homem grande poderia soltar depois de receber um soco na barriga. O T-Bird arrastou-se

consideravelmente para a esquerda. Myra arrancou a baioneta, tornando o furo maior,

agradecida por Chuck manter seus brinquedinhos bem afiados.

Depois de cortar um sorriso de borracha rasgada no pneu que rapidamente se esvaziava, ela

deu a volta para o lado do carona e repetiu o gesto. Ainda estava ansiosa de voltar para a

fotografia, mas descobriu, assim mesmo, que estava contente por ter vindo. Era excitante. Ao

imaginar a expressão de Henry quando visse o que acontecera ao seu precioso Thunderbird,

achou divertidíssimo. Só Deus saberia por quê, tinha a impressão, porém, de que quando

finalmente voltasse a bordo do *Lisa Marie,* teria dois ou três truques novos para mostrar ao

Rei.

Foi para os pneus traseiros. A baioneta já não cortava com tanta facilidade, o que ela

compensava com seu próprio entusiasmo, serrando vigorosamente as laterais dos pneus.

Serviço realizado, com os quatro pneus não apenas furados mas rasgados, Myra deu um

passo atrás para admirar o trabalho. Respirava depressa, e passou as costas do braço pela testa

para enxugar o suor, num gesto bastante masculino. O Thunderbird de Henry Beaufort

repousava agora na entrada de carro, uns bons 20cm mais baixo do que antes da chegada de

Myra. Repousava sobre os aros e as radiais dispendiosas espalhavam-se ao redor deles, em

montinhos frouxos de borracha. E, então, embora não tivesse recebido instruções, Myra

resolveu acrescentar o seu toque pessoal, que tanto valor tem. Passou o cabo da baioneta ao

longo de todo o lado do automóvel, dividindo a superfície profundamente polida com um

arranhão comprido e irregular.

A baioneta guinchou baixo, como um gemido, contra o metal e Myra olhou depressa para a

casa, subitamente certa de que Henry Beaufort sem dúvida tinha ouvido, que a persiana do

quarto iria subitamente ser levantada e que Henry estaria lá de cima observando-a.

Não aconteceu; ela, contudo, entendeu que era hora de cair fora. Já fora além do tempo

regulamentar, e, além disso — de volta ao seu quarto, O Rei estava à sua espera. Myra

apressou-se em sair, devolvendo a baioneta à bainha e abaixando as fraldas da camisa de

Chuck. Um carro passou por ela, enquanto voltava para o estacionamento do Tigre Manso,

mas ia na mesma direção e, a menos que o motorista estivesse espiando pelo retrovisor, só a

teria visto de costas.

Entrou em seu próprio carro, tirou a borracha que prendia o rabo-de-cavalo, permitindo que

os cachos emoldurassem novamente seu rosto, no estilo que sempre usava, e voltou para a

cidade. Dirigiu com apenas uma das mãos. A outra estava muito ocupada, bastante abaixo de

sua cintura. Entrou em casa e subiu as escadas de dois em dois degraus. A fotografia estava

sobre a cama, onde a deixara. Myra chutou seus sapatos dos pés, abaixou as calças jeans,

agarrou a fotografia, e pulou para a cama com ela. Beleza e juventude tinham sido devolvidas

ao Rei.

O mesmo se poderia dizer de Myra Evans... pelo menos, temporariamente.

7

Sobre a porta, o sininho de prata tocou sua musiquinha.

— Alô, sra. Potter! — Leland Gaunt disse alegremente. Fez um tique na folha de papel ao

lado da caixa registradora. — Eu tinha quase perdido as esperanças de que viesse.

— Quase não vim — Lenore Potter disse. Parecia muito nervosa, desconsolada. O cabelo

grisalho, normalmente penteado à perfeição, estava preso num coque

desajeitado. Dois

centímetros de sua combinação apareciam por baixo da bainha da saia muito cara, sarja, e

havia círculos escuros sob seus olhos. Os próprios olhos estavam inquietos, indo de um ponto a

outro, demonstrando desconfiança maligna e furiosa.

— É a boneca “Como Vai?" que a senhora veio ver, não é mesmo? Creio que mencionou

que tem uma bela coleção de brinqued —

— Realmente, não estou em condições de apreciar essas coisinhas delicadas, hoje, o senhor

entende — Lenore disse. Era a esposa do advogado mais rico de Castle Rock, e falava com

entonação pausada e jurídica. — Meu estado mental está terrível hoje. Meu dia está de cor

púrpura. Não é simplesmente vermelho, mas *púrpura.*

O sr. Gaunt deu a volta pelo balcão principal da loja e aproximou-se dela, sua expressão

demonstrando imediata preocupação e solidariedade.

— Minha cara senhora! Mas, o que aconteceu? Está com uma aparência horrível!

— *Claro* que estou horrível! — ela reclamou. — O fluir normal de minha aura psíquica

interrompeu-se — interrompeu-se bruscamente! Em vez de azul, cor de calma e serenidade,

todo o meu *calava* tornou-se *púrpura vibrante!* Tudo por culpa daquela cadela

do outro lado

da rua! Aquela *cadela* pedante!

O sr. Gaunt descreveu gestos peculiares para tranqüiliza-la, sem jamais tocar em um único

fio de cabelo de Lenore Potter.

— Mas, de que cadela está falando, sra. Potter? — ele perguntou, sabendo perfeitamente

bem de quem se tratava.

— Bonsaint, é claro! Bonsaint! Aquela cobra mentirosa chamada Stephanie Bonsaint!

Nunca minha aura ficou dessa cor, sr. Gaunt! Rosa-escuro, sim, algumas vezes, e uma única

vez, quando quase fui atropelada numa rua de Oxford por um motorista bêbado, acho que ficou

vermelha por alguns instantes, mas *nunca* tinha ficado *púrpura!* Simplesmente não posso *viver*

assim!

— Claro que não! — o sr. Gaunt acalmou-a. — Ninguém *esperaria* isso da senhora.

Finalmente, seu olhar capturou o dela. O que não foi fácil, considerando-se que o olhar da

sra. Potter não descansava, ziguezagueando sem cessar de maneira tão distraída, mas o sr.

Gaunt conseguiu, afinal. E quando o fez, Lenore acalmou-se quase que imediatamente.

Mergulhando no olhar do sr. Gaunt, ela descobriu que era quase como ver a sua

própria aura,

quando executava todos aqueles exercícios, se alimentando corretamente (principalmente broto

de feijão e tofu) e mantendo as superfícies de seu *calava* com pelo menos uma hora de

meditação ao levantar-se, de manhã, e mais uma hora de noite, ao deitar-se. Os olhos dele eram

daquele azul desmaiado e sereno do céu do deserto.

— Venha — ele disse. — Sente-se aqui. — Levou-a até a fileira de três poltronas estofadas

em veludo, nas quais tantos habitantes de Castle Rock tinham se sentado na semana anterior.

E, ao sentar-se, o sr. Gaunt ofereceu:

— Conte-me tudo.

— Ela sempre me odiou — Lenore disse. — Ela sempre achou que seu marido não subiu

na firma tão depressa quanto ela planejou porque o *meu marido* o bloqueava. E que *eu* o

incitava a isso. É uma mulher de seios volumosos e cérebro encolhido, e uma aura cinzenta e

suja. O senhor conhece o tipo.

— De fato — o sr. Gaunt disse.

— Mas, não fazia idéia *de quanto* ela me odiava até hoje de manhã! — Lenore Potter

começava a ficar novamente agitada, apesar da influência tranqüilizante do sr. Gaunt. —

Levantei-me, e deparei com meus canteiros de flores completamente destruídos! *Destruídos!*

Todas as plantas que estavam tão lindas ontem, hoje estão morrendo! Tudo que significava

serenidade para a aura e alimento para o *calava* foi *assassinado!* Por aquela cadela! Por aquela

CADELA fodida Stephanie Bonsaint!

As mãos de Lenore cerraram-se em punhos, escondendo as unhas cuidadosamente

manicuradas. Os punhos martelaram os braços esculpidos da poltrona.

Meus crisântemos, dálias, ásteres, margaridas... aquela cadela veio no meio da noite e

arrancou todas da terra! Espalhou-as por todos os lados! Sabe onde foram parar, hoje de

manhã, todas as minhas plantas ornamentais?

— Não — onde? — ele perguntou ternamente, ainda fazendo aqueles gestos sem tocá-la.

Na verdade, ele fazia uma idéia bastante clara de onde as plantas tinham ido parar, e sem

sombra de dúvida sabia quem era a responsável pela destruição do *calava*: Melissa

Clutterbuck. Lenore Potter sequer suspeitava da esposa do oficial Clutterbuck pelo simples

motivo de que *não a conhecia* — nem Melissa Clutterbuck conhecia Lenore Potter, além de

um “alô” ocasional quando se cruzavam na rua. Não tinha havido maldade por

parte de

Melissa (exceto, é evidente, o sr. Gaunt raciocinou, pela dose normal de maldade que *qualquer*

pessoa sente quando destrói aquilo que é precioso para outra pessoa). Tinha destruído o jardim

de Lénore Potter como parte de pagamento de um jogo de porcelana de Limoges. E, quando se

chega ao âmago do assunto, foi tudo estritamente comercial. Muito divertido, sim, pensou o sr.

Gaunt, mas quem foi que disse que comércio tem que ser sempre monótono?

— Minhas flores estão na rua! — Lenore gritou.—No meio da Vista do Castelo! Não

deixou escapar uma, para remédio. Até minhas margaridas africanas se foram. Todas. *Todas...*

destruídas!

— A senhora chegou a vê-la?

— Não *precisei* vê-la! Ela é a única pessoa que me odeia a ponto de fazer uma coisa

daquelas. E os canteiros estão cheios de marcas de seus saltos altos. Aposto que aquela

vagabunda não tira os saltos altos nem para *ir para a cama!* — Oh, sr. Gaunt — Lenore

gemeu. — Cada vez que fecho os olhos tudo fica *roxo! O* que *vou fazer?*

O sr. Gaunt permaneceu em silêncio por um momento. Limitou-se a fitá-la, atraindo-a com

seu olhar, até que ela tornou-se calma e distante.

— Está melhor? — ele perguntou, finalmente.

— Sim! — ela respondeu, numa voz flébil e aliviada. — — Creio que consigo ver azul de

novo...

— Mas está cansada demais sequer para *pensar* em fazer compras.

— Sim...

— Levando em consideração o que aquela cadela fez com a senhora.

— Sim...

— Ela deve pagar pelo que fez.

— Sim.

— Se ela tentar novamente, vai pagar.

— Sim!

— Creio que tenho exatamente o que a senhora precisa. Não se mexa, sra. Potter. Volto

num instantinho. Fique com seus pensamentos azuis.

— Azuis — ela concordou serenamente.

Ao voltar, o sr. Gaunt colocou uma das pistolas que Ace tinha trazido de Cambridge nas

mãos de Lenore Potter. Estava carregada e tinha um brilho de graxa, negro-azulado, sob o foco

de luz.

Lenore levantou a arma até os olhos para fazer mira. Admirou-a com profundo prazer e

ainda maior alívio.

— Agora, eu não tentaria nunca convencer ninguém a atirar em outra pessoa — disse o sr.

Gaunt. — Pelo menos, não sem *um bom motivo.* Mas, me parece que a senhora *tem* um motivo

muito bom, sra. Potter. Não pelas flores — nós dois sabemos que elas não são o ponto

importante. Flores podem ser substituídas. Mas o seu carma... o seu *calava... o* que mais temos

— qualquer um de nós, além dele? — E deu um sorrisinho melancólico.

— Nada — ela concordou e apontou a automática para a parede.

— Pou! Pou! Pou! Pou! isso é para você, sua vagabunda invejosa de saltos altos. E espero

que seu marido acabe sendo o lixeiro da cidade. É o que ele merece. É o que *vocês dois*

merecem.

— Vê essa pequenina alavanca aqui, sra. Potter — e mostrou-a.

— Sim. Estou vendo.

— É a trava de segurança. Se a cadela voltar, para causar mais destruição, a primeira coisa

a fazer é puxar a trava. Entendeu direitinho?

— Oh, sim! — Lenore disse em voz de sonâmbula. —Entendi perfeitamente. *Pou!*

— Ninguém a culparia! Afinal de contas, a propriedade de cada um deve ser defendida.

Uma mulher deve proteger o seu carma. A tal criatura com certeza não voltará, mas, se voltar...

E fitou-a significativamente.

— Se ela voltar, será pela última vez. — Lenore levantou o cano curto da automática e o

beijou de leve.

— Agora, guarde a arma dentro de sua bolsa — o sr. Gaunt disse. — E volte para casa.

Ora, pelo que sabemos, neste momento ela pode estar no seu jardim. Na verdade, pode até

estar dentro de sua casa.

A estas palavras, Lenore mostrou-se alarmada. Finos fios de roxo sinistro se imiscuíam e

começavam a se contorcer na sua aura azul. Levantou-se, colocando a arma dentro da bolsa.

Assim que o sr. Gaunt desviou o olhar, ela piscou os olhos rapidamente, várias vezes.

— Sinto muito, mas creio que verei a boneca “Como Vai?” uma outra hora qualquer, sr.

Gaunt. Acho que devo voltar para casa. Pelo que sei, aquela tal de Bonsaint pode estar no meu

jardim, enquanto estou aqui. Pode até estar *dentro de minha casa!*

— Que idéia horrível! — o sr. Gaunt disse.

— Sim, mas a propriedade acarreta certas responsabilidades — deve ser defendida. Temos

que enfrentar essas verdades, sr. Gaunt. Quanto lhe devo pela... pela... — e, não

foi capaz de

lembrar-se do que teria comprado do sr. Gaunt, embora tivesse certeza de que logo se

lembraria. Fez um gesto vago na direção da bolsa.

— Não custou nada. Era a nossa oferta de hoje. Pense nela como... — seu sorriso alargou-

se — ...um brinde de primeira visita.

— Muito obrigada — Lenore Potter disse. — Estou me sentindo tão melhor.

— Como sempre — disse o sr. Gaunt com uma leve reverencia — Foi um prazer ser útil.

8

Norris Ridgewick não estava pescando.

Norris Ridgewick estava espiando pela janela do quarto de Hugh Priest.

Hugh estava jogado na cama, formando uma pilha frouxa, roncando para o teto. Vestia

apenas um short manchado de urina. Sua mãozorra de nós salientes agarrava um pedaço de

pele de animal. Norris não conseguia distinguir bem — as mãos de Hugh eram enormes e a

janela estava muito suja — mas pensou tratar-se de uma cauda de raposa, já bem velha e roída

de traça. Isto, de qualquer forma, não importava. O que importava era que Hugh estava

dormindo.

Norris tornou a descer o gramado até onde se encontrava seu carro particular,

estacionado

atrás do Buick de Hugh na entrada. Abriu a porta do lado do passageiro e debruçou-se. A vara

Bozun estava no banco traseiro — ele descobriu que se sentia melhor, *mais seguro,* se a

guardasse com ele.

Ainda não fora usada. A verdade era muito simples: *tinha medo* de usá-la. Levara-a ao lago

Castle no dia anterior, toda preparada e pronta para o uso... e tinha hesitado, com a vara

descansando no ombro, pouco antes de jogar a primeira linha.

E se, *tinha pensado,* um peixe grande de verdade mordera isca? Smokey, por exemplo.

Smokey era uma velha truta marrom, personagem de muitas-lendas entre os pescadores de

Castle Rock. Dizia-se que media quase 70cm, esperto como um castor, forte como uma lontra

e duro como um prego. Os pescadores idosos diziam que a mandíbula de Smokey era metálica,

tal a quantidade de anzóis que o haviam fisgado... mas que não tinham conseguido retê-lo.

E, se ele quebrar a vara?

Era uma loucura acreditar que uma truta de lago, mesmo uma das grandes como o Smokey

(se é que o Smokey realmente existia), pudesse quebrar uma vara Bazun, mas podia acontecer.

Em sua imaginação, ouvia o ruído seco da vara se quebrando, e sentia a agonia de vê-la

quebrada em duas partes, uma delas no fundo do bote e a outra flutuando ao lado. E uma vez

quebrada, não havia remédio — a única alternativa era jogá-la fora.

Assim, terminara por usar a velha Zebco, no final das contas. Não teve peixe para preparar

para o jantar, mas, em compensação, sonhara com o sr. Gaunt. No sonho, o sr. Gaunt usava

cesta a tiracolo e um velho chapéu fedora, cheio de iscas de plumas coloridas presas na banda.

Estava sentado num bote a remo, a uns l0m da margem do lago, enquanto Norris se encontrava

na margem oeste, tendo a cabana de pesca de seu pai, que se incendiara há uns dez anos, às

costas. Ficou parado e ouviu enquanto o sr. Gaunt lhe falava e lembrava a promessa feita, e

Norris acordara com uma sensação de certeza absoluta: tinha feito o que era certo ontem,

guardando a Bazun e usando a Zebco. A vara Bazun era bonita demais, e põe bonito nisso.

Seria um crime correr o risco de *usá-la de verdade.*

Neste instante, Norris abriu sua cesta de apetrechos de pesca. Tirou um longo facão de

limpar peixe e se dirigiu para o Buick de Hugh.

Ninguém merece isto mais do que esse vagabundo pinguço, disse a si mesmo,

embora algo

em seu íntimo não concordasse. Algo em seu íntimo lhe dizia que estava cometendo um negro

e medonho erro do qual jamais conseguiria se recuperar. Era um policial — parte de seu

trabalho era prender gente que fazia o tipo de coisa que ele estava prestes a fazer. Vandalismo,

era exatamente o que era, em sua expressão mais simples, e vândalos eram bandidos.

Decida-se, Norris. *A voz do sr. Gaunt subitamente elevou-se em sua mente.* É a sua vara de

pesca. E, também é, por graça de Deus, o seu direito de livre arbítrio. Faça a sua opção.

Sempre existe uma opção. Mas

A voz, na mente de Norris, não terminou a sentença. Não era necessário. Norris sabia quais

as conseqüências que adviriam caso virasse as costas nesse momento. Ao voltar para seu

próprio carro, encontraria a vara Bazun quebrada em duas. Pois, cada opção traria suas

próprias conseqüências. Pois, na América, cada um pode ter o que quiser, desde que pague o

preço. Caso não pague, ou *se recuse* a pagar, vai ficar sempre sem o que quer.

APENAS UM LEMBRETE.
VOCÊ SABE O QUE VIREI PROCURAR
NA PRÓXIMA VEZ HUBERT. FOI A
ÚLTIMA VEZ QUE VOCÊ CHUTOU
A MINHA RADIOLA. FIQUE LONGE
DO MEU BAR!

Além do mais, ele faria o mesmo comigo, Norris pensou petulantemente. E nem seria por

causa de uma vara de pesca linda como a minha Bazun. Hugh Priest cortaria a garganta da

própria mãe a troco de uma garrafa de Old Duke e um maço de cigarros Lucky Strike.

Assim, Norris negou a culpa. Quando algo em seu íntimo tentou protestar novamente,

tentou convencê-lo a, por favor, pensar bem antes de cometer tal ato, *pensar,* ele o sufocou.

Então, ele curvou-se e começou a cortar os pneus do Buick de Hugh. Seu entusiasmo, como o

de Myra Evans, aumentava à proporção em que progredia. Como atração especial, quebrou os

faróis do Buick e as luzes traseiras, também. Terminou colocando uma mensagem que dizia:

presa ao limpador de pára-brisas na frente do motorista.

Completado o trabalho, esgueirou-se novamente até a janela do quarto, o coração batendo

descompassado dentro do peito magro. Hugh Priest ainda dormia a sono solto, agarrado à tal

cauda arruinada.

Quem, neste mundo de Deus, poderia querer uma coisa tão velha c suja como aquela?

Norris indagou-se. Fica agarrado a ela como se fosse uma criancinha com o seu ursinho de

pelúcia.

Voltou para o seu carro. Entrou, engatou em ponto morto, e deixou seu velho Fusquinha

deslizar silenciosamente pela estrada. Não ligou o motor até estar na rua. Então, afastou-se de

lá a toda pressa. Estava com dor de cabeça. Seu estômago se revirava perniciosamente em suas

entranhas. E teimava em se convencer que não tinha importância, sentia-se bem, sentia-se bem,

droga, sentia-se *muito bem.*

Não estava adiantando grande coisa, até que estendeu a mão para o banco de trás, no vão

entre os dois lugares da frente, e com a mão esquerda segurou a vara de pesca longa, flexível.

Aí começou a acalmar-se novamente.

Norris agarrou-se à vara de pesca todo o caminho de volta.

9

O sininho de prata tilintou.

Slopey Dodd entrou em Coisas Necessárias.

— Alô, Slopey — disse o sr; Gaunt.

— A-a-alô, sr. G-g-gu —

— Não precisa ficar gaguejando na minha frente, Slopey — o sr. Gaunt disse. Levantou a

mão com os dois dedos maiores estendidos como uma forquilha. Deslizou-os pelo ar, na frente

do rosto feioso de Slopey, e Slopey sentiu que alguma coisa — um emaranhado, todo retorcido

e cheio de nós — se dissolvia. Ficou de boca aberta.

— O que o senhor fez comigo? — ele perguntou sem fôlego. As palavras fluíam de seus

lábios como contas num cordão.

— Um truque que a srta. Ratcliffe adoraria aprender — o sr. Gaunt disse. Sorriu e fez uma

marca ao lado do nome de Slopey na folha de papel. Verificou o relógio de pêndulo, no canto,

que ia batendo alegremente o seu tique-taque. Falta um quarto para 1:00h.

— O que fez para sair da escola mais cedo? Será que ninguém vai desconfiar?

— Não. — O rosto de Slopey ainda demonstrava perplexidade, e parecia que estava

tentando olhar para sua própria boca, como se pudesse realmente ver as palavras que se

soltavam em ordem sem precedente.

— Eu disse a sra. De Weese que estava enjoado. Ela me mandou para a enfermaria. Eu

disse à enfermeira que estava me sentindo melhor, mas ainda estava enjoado. Ela, então, me

perguntou se eu achava que conseguia andar até a minha casa e eu disse que sim, e ela me

deixou sair. — Slopey fez uma pausa. — Vim porque caí no sono na sala de estudos. Sonhei

que o senhor estava me chamando.

— E estava. — O sr. Gaunt encostou seus dedos, de comprimento tão esquisito, sob o

queixo e sorriu para o menino. — Diga-me, sua mãe gostou do bule de chá de estanho que

você comprou para ela?

Um rubor subiu às faces de Slopey, deixando-as da cor de tijolo velho. Fez menção de

dizer alguma coisa, depois desistiu e, em vez de falar, pôs-se a inspecionar seus pés.

Na sua voz mais suave, mais bondosa, o sr. Gaunt perguntou:

— Você o guardou para si, não é verdade?

Slopey fez que sim com um gesto de cabeça, ainda de olhos pregados nos sapatos. Sentia-

se confuso e envergonhado. Pior de tudo, passava por uma profunda sensação de perda e

sofrimento: não sabia como, o sr. Gaunt tinha conseguido desfazer aquele

terrível novelo

embaralhado dentro de sua cabeça... e de que adiantava? Sentia-se por demais envergonhado

para falar o que fosse.

— Mas, o que, por tudo que há de mais sagrado, um menino de 12 anos pode querer com

um bule de chá de estanho?

O cabelo em franja, caindo sobre a testa, de Slopey, que tinha balançado para cima e para

baixo há poucos segundos, agora ondulava de um lado para outro acompanhando o movimento

lateral da cabeça. Ele *não sabia* o que um menino de 12 anos podia querer com um bule de chá

de estanho. Sabia apenas que o queria para si... Gostava daquele bule, Gostava dele... mesmo...

mesmo!

— ...sensação — ele murmurou, afinal.

— Desculpe? — o sr. Gaunt peiguntou, arqueando a linha contínua da sobrancelha.

— Eu gosto da *sensação,* foi o que eu disse!

— Slopey, Slopey — disse o sr. Gaunt, dando a volta ao balcão. — Não é *a mim* que você

deve explicações. Conheço a fundo esse sentimento peculiar a que as pessoas dão o nome de

“senso de propriedade”. Foi a pedra-de-canto da minha carreira.

Slopey Dodd encolheu-se alarmado, afastando-se do sr. Gaunt. — Não me toque! *Por*

favor, não!

— Slopey, não tenho a mínima intenção de tocá-lo, assim como não tenho intenção de

dizer-lhe que dê o bule para sua mãe. Ele é *seu*. Pode fazer com ele o que quiser. Para falar a

verdade, *aplaudo* sua decisão de guardá-lo. ..

— É... é mesmo?

— Sim! De fato! Os egoístas são pessoas felizes. Creio nisto de todo coração. Mas,

Slopey...

— Slopey levantou um pouco a cabeça c, através da franja de cabelo ruivo, olhou,

amedrontado, para Leland Gaunt.

— Chegou a hora de completar seu pagamento.

— Oh! — e uma expressão de imenso alívio espraiou-se pelo rosto de Slopey. É *isso* que o

senhor deseja! Pensei que talvez... — mas, ou não pôde ou não ousou terminar a frase. Tinha

estado indeciso sobre o que o sr. Gaunt poderia estar querendo.

— Lembra-se de ter-me prometido pregar uma peça em alguém?

— Lógico. No técnico Pratt.

— Certo. O trote está dividido em duas partes — tem que colocar uma coisa em um lugar

determinado, e também tem que dizer algumas palavras ao técnico Pratt. E, se seguir minhas

instruções ao pé da letra, o bule de chá será seu para sempre.

— E vou continuar falando como agora? — Slopey perguntou, cheio de ansiedade. — Vou

poder falar para sempre, sem gaguejar?

O sr. Gaunt soltou um suspiro condoído.

— Infelizmente, você vai voltar a falar como antes, assim que sair da loja, Slopey. Creio

que tenho um artefato antigagueira em algum lugar perdido lá no almoxarifado, mas —

—Por favor! Por favor, sr. Gaunt! Farei qualquer coisa! Farei *qualquer coisa* a *qualquer*

pessoal Eu odeio a minha gagueira!

—Eu sei que sim, mas é esse o problema, entende? Já não tenho quase sobra de peças a

serem pregadas — meu carnê de baile está quase todo cheio, digamos assim. Por isso, você

não teria como me pagar.

Slopey ficou indeciso durante muito tempo antes de falar novamente. Quando falou, sua

voz soou baixa e tímida. — Será que o senhor... quer dizer... o senhor nunca... *dá* alguma

coisa, sr. Gaunt?

A fisionomia de Leland Gaunt encheu-se de profunda comiseração.

— Oh, Slopey! Quantas vezes já pensei nisso, e com *tanta vontade*! Há no meu coração um

fundo poço de caridade, Slopey, porém...

— Porém?

— Amigos, amigos — negócios à parte — o sr. Gaunt concluiu. Dispensou a Slopey um

sorriso compassivo... mas havia um brilho tão faminto em seus olhos que Slopey deu um passo

para trás. — Você entende, não é mesmo?

— Uhm... sim, sim! Claro!

— Além do mais — o sr. Gaunt continuou — as próximas horas serão cruciais para mim.

Uma vez disparadas, as coisas raramente podem ser interrompidas... mas, por enquanto, devo

me guiar pela prudência. Se você parasse de gaguejar sem mais nem menos, surgiriam

perguntas. E isto seria mau. O xerife já anda metendo o bedelho onde não é chamado. — Seu

rosto tornou um ar sombrio momentaneamente, e então aquele seu sorriso, feio, fascinante, de

dentes fortes, aflorou. — Mas, pretendo dar um jeito nele, Slopey. Oh, sim!

— O senhor está falando do xerife Pangborn?

— Sim — o xerife Pangborn. Era a ele que eu me referia. — Levantou novamente os dois

dedos mais longos da mão e abaixou-os na frente do rosto de Slopey, da raiz dos cabelos até o

queixo. — Mas, nunca falamos dele, não é verdade?

— Falamos de *quem?* — Slopey perguntou,

— Exatamente.

Leland Gaunt, neste dia, vestia uma jaqueta cinza de suede, e de um dos bolsos puxou uma

carteira de couro preto. Estendeu-a para Slopey, que a segurou cautelosamente, cuidando para

que seus dedos não tocassem os do sr. Gaunt.

— Você conhece o automóvel do técnico Pratt, não c?

— O Mustang? Claro que sim.

— Ponha isto dentro dele. Embaixo do assento do carona, deixando apenas uma ponta

aparecendo. Vá imediatamente para o ginásio — é necessário chegar lá antes do último sino.

Entende?

— Sim.

— Então, vai esperar até ele sair. E, quando isto acontecer...

O sr. Gaunt continuou falando num murmúrio quase inaudível, e Slopey levantou o olhar

para ele, queixo frouxo, olhos inertes, meneando a cabeça de vez em quando.

Slopey Dodd saiu da loja alguns momentos mais tarde, levando a carteira de John LaPointe

escondida dentro da camisa.

CAPÍTULO DEZESSEIS

1

O CORPO DE NETTIE ESTAVA arrumado num caixão cinzento sem ornamentos,

comprado por Polly Chalmers. Alan se oferecera para dividir as despesas, e Polly dissera que

não, daquele modo simples e final que ele viera a conhecer, respeitar e aceitar.

O caixão se apoiava em colunas metálicas acima de uma cova no Cemitério Homeland,

próximo de onde se encontravam enterrados os entes da família de Polly. O montinho de terra

ao lado da cova se achava coberto por um tapete de grama artificial que faiscava febrilmente à

luz ardente do sol. Aquela grama falsa jamais deixava de dar arrepios a Alan. Havia algo de

obsceno nela, algo de horrendo. E ainda gostava menos da prática dos papa-defuntos de

primeiro passar ruge no cadáver e em seguida vesti-lo em suas melhores roupas, de forma que

desse a aparência de que estava de viagem para uma grande reunião de negócios

em Boston, ao

invés de um longo período de decomposição entre raízes e vermes.

O reverendo Tom Killingworth, pastor da igreja metodista que dirigia cultos religiosos,

duas vezes por semana, em Juniper Hill, e que conhecia Nettie muito bem, se encarregou do

serviço fúnebre, a pedido de Polly. A homilia foi breve, mas calorosa, cheia de referências à

Nettie Cobb que ele tinha conhecido, uma mulher que lenta, mas bravamente, vencera as

sombras da insanidade, uma mulher que tinha tomado a corajosa decisão de enfrentar

novamente um mundo que a magoara tanto.

— Quando eu era menino — Tom Killingworth disse — minha mãe mantinha em seu o

quarto de costura uma placa contendo um adorável ditado irlandês que dizia:

“Praza a Deus que você esteja no céu meia hora antes que o demônio saiba que você

morreu”. Nettie Cobb teve uma vida árdua, e sob vários aspectos uma vida infeliz, mas apesar

disso, não creio que ela e o demônio tivessem qualquer coisa em comum. Apesar de sua morte

terrível e prematura, meu coração crê firmemente que ela foi para o céu, e que o demônio

ainda não ficou sabendo. — Killingworth levantou na os braços na postura tradicional de

bênção.

Oremos.

Em outra extremidade do outeiro, onde, na mesma hora, Wilma Jerzyck estava sendo

enterrada, chegou até eles o som de vozes que se elevavam e se abaixavam em resposta ao

padre John Brigham. Naquele lado, os automóveis se alinhavam desde a cova aberta até quase

o portão do cemitério; tinham vindo por causa de Peter Jerzyck, que estava vivo, se não por

sua esposa morta. Do lado de cá havia apenas cinco pessoas velando a morta: Polly, Alan,

Rosalie Drake, o velho Lenny Partridge (que, por princípio geral, comparecia a todos os

enterros, a menos que se tratasse do enterro de algum soldado do exército do papa), e Norris

Ridgewick, Norris estava pálido e parecia distraído. Os peixes não morderam a isca, Alan

deduziu.

— Que o Senhor os abençoe e conserve suas lembranças de Nettie Cobb sempre vivas e

frescas em seus corações — Killingworth disse, e, ao lado de Alan, Polly chorou novamente.

Ele passou o braço ao redor de Polly e ela chegou-se a ele, cheia de gratidão, procurando e

apertando a mão dele com força.

— Que a face do Senhor se curve sobre vós; que Ele derrame suas bênçãos sobre vós; que

Ele possa alegrar vossas almas e vos dar paz. Amém.

O dia estava ainda mais quente do que o dia do Descobrimento da América, e quando Alan

levantou a cabeça dardos de luz brilhante ricochetearam nas colunas metálicas e ofuscaram

seus olhos. Passou a mão livre pela testa, onde porejava transpiração de pleno verão. Polly

tateou dentro da bolsa à procura de um Kleenex limpo e enxugou os olhos rasos de lágrimas.

— Querida, você está bem? — Alan perguntou.

— Estou... mas preciso chorar por ela, Alan. Coitadinha da Nettie. Coitadinha, coitadinha

da Nettie. Por que isto tudo aconteceu? *Por quê?* — e desandou a soluçar novamente.

Alan, que fazia exatamente a mesma indagação a si mesmo, abraçou-a. Sobre o ombro

dela, viu Norris se afastando para onde se encontravam reunidos os carros daqueles que tinham

vindo aos funerais de Nettie, parecendo um homem que ou não sabe para onde está indo ou

que não está completamente alerta. Alan franziu o sobrolho. E então Rosalie Drake

aproximou-se de Norris, dirigiu-lhe algumas palavras, e, em seguida, Norris a abraçou.

Alan pensou, ele também a conhecera, e está triste — só isso. Você está dando murro em

pontas de muitas facas — e talvez a verdadeira questão seja o que está acontecendo com você.

E, de repente, Killingworth vinha vindo, e Polly estava se virando para apresentar seus

agradecimentos, tentando controlar-se. Killingworth estendeu as duas mãos. Com secreta

surpresa, Alan observou o gesto destemido com que Polly permitiu que sua própria mão fosse

sufocada pelas mãos grandes do reverendo. Não tinha lembrança anterior de ter visto oferecer

sua própria mão tão solta e distraidamente.

Não é que ela esteja um pouco melhor — ela está *muito* melhor. O que, diabos, aconteceu?

Do outro lado do outeiro, a voz anasalada, e bastante irritante, do padre John Brigham

anunciava:

— A paz esteja convosco.

— Amém — os circunstantes responderam *en masse.*

Alan olhou para o caixão simples e cinzento ao lado daquele falso gramado verde,

horroroso, e pensou, a Paz esteja com você, Nettie. Agora, e finalmente, a paz esteja com você.

2

Enquanto os funerais idênticos iam chegando ao fim em Homeland, Eddie

Warburton

chegava de carro à casa de Polly. Saiu do carro — que não era bonito e novo como aquele que

o filho-da-mãe no Sunoco tinha reduzido a ferro-velho, mas que servia como meio de

transporte — e olhou cautelosamente para os dois lados da rua. Tudo parecia estar bem; a rua

dormitava na tarde que parecia ser de Início de agosto.

Eddie se apressou na subida do passeio de Polly, enquanto tirava de dentro da camisa um

envelope com aparência de correspondência oficial. Tinha sido chamado pelo sr. Gaunt, há

apenas dez minutos, o qual lhe dissera que era hora de pagar pelo medalhão, e ali estava ele... é

óbvio. O sr. Gaunt era aquele tipo de homem que quando dava uma ordem, a gente batia

continência.

Eddie subiu os três degraus para a varanda de Polly. Uma lufada de brisa morna agitou os

sininhos de vento acima da porta, que tilintaram suavemente. Era o som mais civilizado que se

possa imaginar, mas, mesmo assim, Eddie sobressaltou-se. lançou mais um olhar ao redor, não

viu vivalma, e baixou os olhos novamente para o envelope. Estava endereçado à "Sra. Patrícia

Chalmers" — gente fina é outra coisa! Eddie não tinha a mínima idéia de que o

nome de

batismo de Polly fosse Patrícia, e pouco se importava. Sua missão era executar esse servicinho

e dar o fora depressa.

Colocou a carta na caixinha de correspondência. Flutuou e pousou sobre as outras cartas

recebidas: dois catálogos e uma brochura de TV a cabo. Apenas um envelope, tamanho

comercial, com o nome e endereço de Polly no centro, abaixo da autenticação do Correio no

canto superior direito, e o endereço do remetente no canto superior esquerdo:

Departamento de Proteção ao Menor de San Francisco

666 - Geary Street

San Francisco, California, 94112

3

— O que foi? — Alan perguntou enquanto ele e Polly se dirigiam lentamente para

caminhonete de Alan. Ele contava com trocar pelo menos uma palavrinha com Norris, mas

este já havia chegado ao seu Fusquinha e ido embora. De volta ao lago para pescar mais um

pouco antes do sol sumir, provavelmente.

Polly levantou os olhos para ele, ainda de olhos vermelhos e muito pálida, mas fazendo

força para mostrar um sorriso.

— O que foi o quê?

— Suas mãos. O que foi que as deixou melhor? Parece mágica.

— É! — ela disse, e as estendeu à sua frente, de dedos separados, de forma que ambos

podiam contemplá-las.

— Parece mágica, mesmo, não é?

O sorriso já estava um pouco mais natural.

Seus dedos ainda eram retorcidos, ainda eram tortos, e as juntas ainda eram saltadas, mas o

edema agudo, presente na noite de sexta-feira, já quase não existia mais.

— Vamos lá, minha dama. Desembuche!

— Não sei se quero contar-lhe — ela disse. — Na verdade, estou um pouco sem graça.

Pararam e acenaram para Rosalie que passava por eles no seu velho Toyota azul.

— Vamos — Alan disse. — Conte-me tudo.

— Bem — ela disse. — Acho que foi somente uma questão de, finalmente, ter encontrado

o médico certo. — Um ligeiro rubor subia às suas faces.

— Quem?

— O dr. Gaunt — ela disse, com um risinho nervoso. — O dr. Leland Gaunt.

— *Gaunt!*— ele a fitou, perplexo. — O que ele tem a ver com a melhora em suas mãos.

— Leve-me até a loja dele que eu vou explicando no caminho.

4

Cinco minutos depois (uma das coisas mais gostosas de se morar em Castle Rock, Alan

pensava às vezes, era que quase tudo ficava a menos de cinco minutos de distância), ele

entrava com o carro numa da vagas oblíquas em frente a Coisas Necessárias. Havia uma tabela

na porta, que Alan já conhecia:

TERÇAS E QUINTAS APENAS COM HORA MARCADA

Subitamente, ocorreu a Alan — que jamais tinha dispensado um único pensamento sobre

este aspecto da nova loja até aquele momento — que fechado exceto “com hora marcada”, era

um jeito fodido de estranho para se fazer comércio numa cidadezinha.

— Alan? — Polly chamou hesitante. — Você parece louco de raiva.

— Não estou louco de raiva — ele respondeu. — Será que tenho uma única razão no

mundo para estar louco de raiva? A verdade é que não sei o que estou *sentindo.* Acho que —

soltou uma breve risada, balançou a cabeça e recomeçou. — Acho que estou o que Todd

costumava chamar de “aparvalhado”. Lidando com curandeiros? Simplesmente não combina

com você, Polly.

Os lábios imediatamente se comprimiram, e havia uma luz de alerta em seus olhos ao se

virar para ele. — Curandeiro não é a palavra que eu teria usado. Curandeiro é palavra para

povos e rituais primitivos. Curandeiro não é palavra que se use quando o remédio funciona,

Alan. Não pensa assim?

Ele abriu a boca — e o que ia dizer, não o sabia. Polly, contudo, continuou antes que Alan

pudesse dizer o que quer que fosse.

Olhe só. — Estendeu as mão ao sol que se filtrava pelo pára-brisas, abriu e fechou os

dedos, várias vezes, sem esforço.

Está bem. Escolhi mal a palavra. O que eu —

— Tem razão, eu diria. Uma péssima escolha de palavra.

— Desculpe.

Ela virou-se completamente para encará-lo, sentada onde Annie freqüentemente se sentava,

sentada no veículo que já tinha sido o carro da família Pangborn. Por que ainda não troquei

esta joça? Alan se perguntou. Será que sou — um louco?

Polly pousou as mão delicadamente sobre as de Alan.

— Ora, isto está começando a ficar muito chato — nós *nunca* brigamos, e não é agora que

vou começar. Enterrei uma boa amiga, hoje. E não vou brigar com o meu namorado também.

Um sorriso lento iluminou o rosto de Alan.

— É isso que sou? Seu namorado?

— Bem, você não deixa de ser... um *amigo*. Posso dizer isso, ao menos?

Ele a abraçou, um tanto assustado ao perceber quão perto de uma troca áspera de palavras

tinham chegado. E não porque Polly estivesse pior, mas porque estava *melhor*.

— Querida, pode dizer o que quiser. Eu te amo demais.

— E não vamos brigar, não importa o que aconteça.

Ele assentiu solenemente. — Não importa o que aconteça.

— Porque eu também te amo, Alan.

Ele beijou-lhe a face e depois soltou-a.

— Deixe-me ver esse tal de ásico que ele deu a você.

— Não é um ásico, é um *azka.*, Ele não o *deu*, ele me emprestou em período de

experiência. É por isso que vim aqui — para comprá-lo. Eu lhe disse isto. Só espero que ele

não me cobre a lua e as estrelas por ele.

Alan estudou á tabuleta na vitrine, e a persiana corrida na vidraça da porta. Pensou, acho

que é exatamente o que ele vai cobrar, meu amor.

Não estava gostando nem um pouco dessa história. Tinha achado difícil desgrudar os olhos

das mãos de Polly durante os funerais — observara-a manipular o fecho da bolsa, sem esforço,

procurar por um Kleenex dentro dela, e fechá-la com as pontas dos dedos ao invés de segurar a

bolsa desajeitadamente com os braços para passar o fecho com os polegares — o que,

geralmente, era menos doloroso. Ele sabia que ela estava melhor das mãos, mas essa história

de talismã mágico — e, raspando-se o verniz, o que havia embaixo era exatamente isso —

deixava-o extremamente nervoso. Cheirava a conto-do-vigário.

TERÇAS E QUINTAS

APENAS COM HORA MARCADA

Não — sem falar de alguns poucos restaurantes sofisticados como o Maurice, ele jamais

vira, desde que se mudara para o Maine, um estabelecimento comercial que trabalhasse com

hora marcada. E, mesmo no Maurice, nove em dez vezes, era só atravessar a rua que se

conseguia uma mesa... à exceção do verão, naturalmente, quando o lugar fervilhava de turistas.

APENAS COM HORA MARCADA

Mesmo assim, ele tinha notado (de esguelha, digamos assim) gente entrando e saindo da

loja a semana inteira. Não *aos montes*, talvez, mas era evidente que, esquisito ou não, o estilo

de fazer negócio do sr. Gaunt não lhe fizera mal algum. Seus fregueses chegavam, por vezes,

em grupinhos, mas, muito mais freqüente era que cada um viesse sozinho... ou era o que Alan

achava, rememorando a semana anterior. E, não era assim que os vigaristas trabalhavam?

Separavam a vítima, deixavam-na sozinha, faziam-na sentir-se à vontade, e em seguida

provavam por A + B como era fácil comprar o Corcovado por preço tão baixo.

— Alan? — o punho de Polly bateu de leve na fronte dele. — Alan, estava longe?

Ele voltou-se para ela com um sorriso. — Estou bem aqui, Polly.

Ela vestira uma túnica azul-escura, e gravata combinando para comparecer aos funerais de

Nettie. Enquanto Alan se achava absorto, ela tirara a gravata e desabotoara destramente os dois

botões de cima da blusa branca.

— Mais! — ele disse brincando. — Queremos mais! Queremos ver mais!

— Pare com isso! — ela disse, pudicamente, mas sorria. — Estamos sentados no meio da

Rua Principal e são 2:30h da tarde. Além disso, caso tenha se esquecido, estamos voltando de

um enterro.

Ele assustou-se. — Já é assim tão tarde?

Se 2:30h é tarde, então já é assim tão tarde. — Polly apontou para o relógio de pulso de

Alan — Você, de vez em quando, se dá ao trabalho de olhar para essa coisa presa no seu

pulso?

Ele olhou agora, e verificou que a hora estava mais para 2:40h do que para 2:30h. A saída

do ginásio era às 3:00h e se ele queria estar lá quando Brian Rusk saísse, tinha que ir

imediatamente.

— Deixe-me dar uma olhada nesse tal penduricalho — ele disse.

Ela pegou a fina correntinha de prata ao redor do pescoço e puxou o pequeno objeto de

prata preso a ela. Aninhou-o na palma da mão... e rapidamente fechou os dedos quando Alan

fez menção de tocá-lo.

Uhmm... não sei se você pode... — Sorria, mas o movimento de Alan deixara-a,

obviamente, pouco à vontade. — Pode bagunçar as vibrações, esse tipo de coisa.

— Ora, vamos, Pol — ele disse aborrecido.

— Olhe — ela disse. — Vamos deixar uma coisa bem clara, está bem? Quer? — A raiva

transparecia em sua voz, de novo. Estava sob controle, mas presente. — É fácil, para você,

achar graça nisso. Não é você que tem que ter telefone com teclas gigantescas, nem receitas

enormes de Percodan.

— Espera aí, Polly! Isso —

— Não me venha com espera aí, Polly. — Manchas vivas de rubor tinham inundado suas

faces. Parte de sua raiva, ela chegaria a pensar mais tarde, devia-se a um fato

muito simples: no

domingo, sentira exatamente o que Alan estava sentindo agora. Algo acontecera, desde então,

para fazê-la mudar de idéia, e enfrentar essa mudança não era fácil.

— Isto aqui *funciona*. Eu sei que parece loucura, mas *funciona*. No domingo de manhã,

quando Nettie chegou, eu estava nas vascas da agonia. Começava a pensar que talvez a solução

para o problema fosse uma dupla amputação. A dor era tão aguda, Alan, que ponderei sobre

essa hipótese com uma sensação que era quase de surpresa. Como, por exemplo, “ora, é lógico,

amputação — como não pensei nisso antes? É tão óbvio!". E agora, apenas dois dias depois,

tudo o que tenho é o que o dr. Van Allen chama de “dor fugitiva”, e até ela parece estar

desaparecendo. Lembro-me de que há um ano passei uma semana inteira fazendo uma dieta de

arroz integral porque diziam que *isso* ajudava. O que está acontecendo agora, é assim tão

diferente?

A raiva foi se ausentando de sua voz enquanto falava, e agora fitava Alan quase que

implorando.

— Não sei, Polly. Realmente, não sei.

Ela abriu a mão novamente, e neste instante segurava o *azka* entre o polegar e o

indicador.

Alan curvou-se para examiná-lo bem de perto, mas, desta vez, teve cuidado de não fazer

qualquer movimento como se fosse pegá-lo. Era uma coisinha de prata, que não era bem

redonda. Orifícios minúsculos, não muito maiores do que os pontos negros que formam as

fotografias dos jornais, salpicavam a metade inferior. Tinha um lustro suave ao sol.

E, enquanto o examinava, uma sensação poderosa e irracional invadiu-o: não gostava do

azka. Não gostava nem um pouco. Resistiu ao impulso breve mas vigoroso de simplesmente

arrancá-lo do pescoço de Polly e jogá-lo pela janela aberta.

— Sim! Mas, que ótima idéia! Faça isso, e vai começar a catar seus dentes espalhados em

seu colo!

— Às vezes, quase parece que tem alguma coisa viva se mexendo aí dentro — Polly

comentou, sorrindo. — Como aqueles feijões mexicanos, ou algo assim. Bobagem, n'é?

— Não sei.

Ele observou, sentindo um profundo pressentimento, enquanto Polly punha aquilo de volta

sob a blusa... mas, uma vez longe dos olhos, e os dedos dela — os dedos inegavelmente ágeis

de Polly — começando a abotoar a blusa, a sensação diminuiu. O que não diminuiu foi sua

suspeita, cada vez mais forte, de que o sr. Leland Gaunt estava enganando a mulher que ele

amava... e se era fato, ela não seria a única.

— Você já pensou que talvez seja efeito de outra coisa? — E, agora, ele avançava com a

delicadeza de alguém que vai de pedra em pedra, tenteando o caminho, para «travessar um

riacho com correnteza forte. — Você sabe que já teve períodos de melhora antes.

— *Claro* que sei! — ela respondeu, com mal disfarçada impaciência. — São as *minhas*

mãos!

— Polly, só estou tentando —

— Eu sabia que você reagiria exatamente como está reagindo, Alan. O fato é muito

simples: eu sei o que é uma melhora da artrite, e, meu irmão, não se parece nem um pouco com

isto. Nestes últimos cinco ou seis anos tive períodos em que me senti bastante bem, mas nunca

me senti *tão bem* como agora, mesmo nos melhores momentos. Agora, é diferente... É como

se... — fez uma pausa, pensou, e com um ligeiro gesto de frustração, usando mais as mãos e os

ombros, continuou: — É como estar *curada*. Não creio que possa entender exatamente o que

quero dizer, mas não tenho outras palavras para explicar.

Ele meneou a cabeça, de rosto franzido. Ele *entendia* o que ela estava querendo dizer, e

entendia também que Polly estava sendo sincera. Talvez o *azka* tivesse despertado algum

poder curador adormecido no íntimo dela. Seria possível, embora a moléstia em questão não

tivesse origem psicossomática? Os rosacruzes acreditavam que coisas assim aconteciam o

tempo todo. Assim como todos aqueles milhões de pessoas que tinham comprado o livro de L.

Ron Hubbard sobre “Dianetics”, também acreditavam. Quanto a ele próprio, não sabia. A

única coisa sobre a qual tinha certeza era que jamais vira um cego recuperar a visão pelo poder

do pensamento ou uma pessoa ferida parar de sangrar por um esforço de concentração.

O que ele *sabia* era o seguinte: havia algo de podre na situação. Algo que cheirava a peixe

morto que passou três dias sob sol forte.

— Vamos acabar com o assunto. Tentar ficar zangada com você está me deixando exausta.

Entre comigo. Converse você mesmo com o sr. Gaunt. De qualquer forma, já é hora de vocês

se conhecerem. Talvez ele possa explicar melhor do que eu o que é que o talismã faz... ou o

que não faz.

Alan consultou o relógio. Faltavam 14 minutos para as 3:00h agora. Por um breve

momento pensou em fazer o que ela sugeria, e deixar Brian Rusk para mais tarde. Mas, pegar o

garoto ao sair da escola — pegá-lo enquanto estava longe de casa — lhe parecia a coisa certa.

O menino ficaria mais à vontade se falasse com ele longe da mãe, que ficaria rondando ao

redor deles, como uma leoa protegendo o seu filhote, interrompendo, talvez até aconselhando o

filho a não responder. Sim, no fundo era isso: se fosse verdade que seu filho tinha algo a

esconder, e ela sequer *desconfiasse* que tinha, Alan talvez achasse difícil ou impossível

arrancar a informação que procurava.

Estaria lidando com um artista potencialmente contrário: poderia achar em Brian Rusk a

chave para a solução do duplo homicídio.

— Não posso, querida — ele disse. — Talvez mais tarde, hoje. Tenho que ir até o ginásio e

falar com alguém, e preciso ir neste instante.

— É sobre Nettie?

— É sobre Wilma Jerzyck... mas se meu palpite está certo, Nettie também aparece no

cenário, sim. Caso eu descubra qualquer coisa, conto mais tarde. Nesse meio

tempo, atenderá

um pedido meu?

— Alan, eu vou comprar o *azka!* Não são as suas mãos!

— Não, eu sei que vai comprá-lo. Quero, apenas, que você pague com cheque, só isso. Não

há razão para que ele não aceite — isto é, *se é que* se trata de um comerciante respeitável.

Você mora aqui, e o banco fica do outro lado da rua. Mas, caso aconteça algo de estranho,

você terá alguns dias para cancelar o cheque.

— Entendo — Polly disse. A voz estava calma, mas Alan percebeu uma sensação de

afogamento, que seu pé escorregara em uma daquelas pedras do riacho e que caíra no

redemoinho da correnteza. — Você pensa que ele é vigarista, não é, Alan? Você acha que ele

vai tirar o dinheiro da mulherzinha ingênua, levantar acampamento, e escapulir no meio da

noite.

— Não sei — Alan respondeu tranqüilo. — O que sei é que ele se estabeleceu aqui há

apenas uma semana. Portanto, um cheque me parece uma precaução bastante razoável.

Sim, ele estava sendo razoável, Polly admitia. E era exatamente essa razoabilidade, a

racionalidade imperturbável em face do que para ela parecia uma cura milagrosa,

que neste

momento atiçava sua raiva. Lutou contra o impulso de estalar os dedos bem no nariz dele,

gritando *"Está VENDO isto, Alan? Você é CEGO?* Ego fato de que Alan tinha razão, de que o

sr. Gaunt, caso fosse honesto, não deveria causar problema por causa do cheque, apenas a

deixava com mais raiva.

Tenha cuidado, uma voz murmurou. Tenha cuidado, não seja apressada, pense antes de

agir. Lembre-se de que ama este homem.

E uma outra voz respondendo, uma voz que Polly reconheceu como sendo a sua própria:

Será que amo? Será que amo realmente?

— Muito bem — ela disse, lábios apertados, afastando-se dele. — Muito obrigada por

proteger meus melhores interesses, Alan. De vez em quando, eu me esqueço do quanto eu

preciso que alguém faça isso por mim, sabe? Não vou me esquecer de pagar em cheque.

— Polly —

— Não, Alan. Chega de conversa. Eu não conseguiria não ficar zangada com você por

mais tempo, hoje. — Abriu a porta e saiu com um movimento ágil. A saia da túnica se

encolheu, deixando à mostra um pedaço de coxa de tirar a respiração.

Ele fez menção de sair também, pelo seu lado, para abraçá-la, falar com ela, acalmá-la,

fazer-lhe ver que só mencionara suas dúvidas porque a amava tanto. Então, verificou o relógio

novamente. Faltavam nove minutos para as 3:00h. Mesmo que corresse, poderia perder Brian

Rusk.

— Falo com você de noite — ele gritou pela janela.

— Ótimo — ela respondeu. — Faça isso, Alan. — E foi direto para a porta sob o toldo,

sem se virar para trás. Antes que desse marcha à ré na camioneta e alcançasse a rua, Alan

ouviu o tilintar de um sininho de prata.

5

— Sra. Chalmers! — gritou o sr. Gaunt, cheio de alegria, e fez um tique na folha ao lado

da máquina registradora. Estava chegando ao fim da lista. O nome de Polly era o penúltimo.

— Por favor... me chame de Polly — ela disse.

— Desculpe. — O sorriso alargou-se. — *Polly.*

Ela também sorriu para ele, mas seu sorriso era forçado. Agora que se encontrava ali,

sentia um arrependimento agudo pela forma brusca em que ela e Alan tinham se separado.

Viu-se de repente lutando apenas para conter as lágrimas.

— Sra. Chalmers? Polly? Está se sentindo mal? — O sr. Gaunt deu a volta ao balcão. —

Você me parece ligeiramente pálida. — Seu rosto se franzia em legítima preocupação. É este é

o homem que Alan julga ser um vigarista, Polly pensou. Se, ao menos, pudesse vê-lo neste

instante...

— Creio que é efeito do sol — ela disse, numa voz não de todo estável. — Está tão quente

lá fora.

— Mas está fresco aqui dentro — ele disse, acalmando-a. — Venha, Polly, sente-se aqui.

Guiou-a, a mão muito perto da cintura dela, embora sem tocá-la, até uma das poltronas de

veludo vermelho. Ela sentou-se, de joelhos juntos.

— Dei uma espiada pela janela — ele disse, sentando-se na cadeira ao lado dela e cruzando

suas longas mãos no colo. —Pareceu-me que você e o xerife estavam discutindo.

— Não foi nada — ela disse, e uma única lágrima grossa transbordou pelo canto do olho

esquerdo e deslizou por seu rosto,

— Ao contrário — ele exclamou. — Significa muito!

Surpresa, ela levantou o olhar para o sr. Gaunt... e os olhos dele capturaram os dela. Eram

cor-de-mel, os olhos dele? Não conseguia lembrar-se, não com certeza. Tudo o que sabia, ao

mergulhar naquele olhar, era que todos os sofrimentos daquele dia — o enterro de Nettie,

coitadinha, e depois a briga que tivera com Alan — começavam a dissolver-se.

— É... é mesmo?

— Polly — ele disse suavemente. — Acho que tudo vai ficar muito bem. Se confiar em

mim. Você confia em mim?

— Sim — Polly respondeu, embora algo em seu íntimo, algo muito fraco e remoto, gritasse

um alerta desesperado.

— Confio, sim. A despeito do que Alan diz, confio no senhor de todo o meu coração.

— Isto é ótimo — o sr. Gaunt disse. Estendeu a mão e segurou a de Polly. O rosto dela

franziu-se momentaneamente, com repulsa, e depois descontraiu-se, voltando a expressão

vácua e sonhadora.

Isto é ótimo. E o seu amigo, o xerife, não precisava ter-se preocupado, entenda, o seu

cheque pessoal vale ouro para mim.

6

Alan viu que chegaria atrasado a menos que ligasse a sirene e as luzes no teto do carro.

Não era o que queria fazer. Não queria que Brian deparasse com uma viatura policial; queria

que o menino visse uma camioneta de pneus levemente carecas, igualzinha à que o pai

provavelmente dirigia.

Era tarde demais para chegar ao ginásio antes que tocasse a saída. Em vez disso, Alan

estacionou no cruzamento da Rua Principal com a da escola. Era o caminho mais lógico a ser

percorrido por Brian — esperava que, a certa altura do dia, a lógica funcionasse pelo menos

uma vez.

Alan saiu, encostou-se no pára-choque do automóvel, e procurou um chiclete no bolso.

Estava na faina de desembrulhá-lo quando ouviu o sino das 3:00h no Ginásio, sonhador e

distante no ar momo.

Decidiu que teria uma conversa com o sr. Leland Gaunt, de Akron, Ohio, com ou sem hora

marcada, assim que terminasse com Brian Rusk... e do mesmo modo abrupto, mudou de idéia.

Primeiro, daria um telefonema para a promotoria pública, em Augusta, pedindo para

verificarem o nome de Gaunt nos arquivos de vigaristas. Caso não encontrassem nada,

enviariam o nome para ser pesquisado pelos computadores do sistema LAWS R&I, em

Washington — o LAWS, na opinião de Alan, era uma das poucas coisas boas

que o governo

Nixon tinha feito.

Os primeiros alunos começavam a surgir no fim da rua, gritando, pulando, dando risada.

Uma súbita idéia ocorreu-lhe, e ele abriu a porta da camioneta. Esticou-se no banco e abriu o

porta-luvas, tateando as coisas lá guardadas. A falsa lata de nozes de Todd caiu ao chão.

Alan estava a ponto de desistir quando encontrou o que procurava. Fechou o porta-luvas e

saiu do carro. Segurava um envelope com uma etiqueta adesiva que dizia:

O Truque da Flor Dobrada

Cia. Blackstone — Mágicas

19, Rua Greer Paterson, N. J.

Desse envelope, Alan tirou um quadrado ainda menor — um pacotinho grosso de papel-

toalha multicolorido. Escondeu-o sob a pulseira do relógio. Qualquer mágico tem, em seu

corpo e em suas vestes, uma série de “esconderijos", e cada mágico tem o seu “esconderijo”

favorito. O de Alan era embaixo da pulseira do relógio.

Tendo disposto das famosas Flores Dobradas, Alan dedicou-se novamente à procura de

Brian Rusk. Viu um menino numa bicicleta, ziguezagueando entre os grupinhos dos pedestres

pequeninos, e imediatamente tornou-se alerta. Depois, viu que se tratava de um dos gêmeos

Hanlon, e permitiu-se relaxar novamente.

— Vá devagar ou vai ser multado — Alan rosnou quando o menino passou correndo por

ele. Jay Hanlon olhou para ele, foi tomado de espanto, e quase colidiu com uma árvore.

Depois, saiu pedalando a uma velocidade bem mais calma.

Alan o observou, divertido, por um instante, e depois voltou-se na direção do ginásio, à

procura de Brian Rusk.

7

Sally Ratcliffe subiu a escada que ia de sua salinha de terapia da fala para o primeiro

pavimento do ginásio, cinco minutos depois do bater do sino das 3:00h, e desceu o Corredor

principal, indo para a secretaria. O corredor ia se esvaziando rapidamente, como sempre

acontecia no dias em que o tempo se apresentava bom e quente. Do tildo de fora, manadas de

crianças gritavam, correndo pelo gramado, na direção dos Ônibus escolares nº 2 e 3 que

cochilavam ociosamente no meio-fio. Os saltos baixos de Sally tiquetaqueavam no soalho. Ela

segurava um envelope pardo na mão. O nome no envelope, Frank Jewett, estava voltado para o

seu seio suavemente arredondado.

Fez uma parada na Sala 6, uma sala antes da Secretaria, e espiou pelo vidro reforçado.

Dentro da sala, o sr. Jewett conversava com mais uma meia-dúzia de professores envolvidos

no treinamento dos esportes de outono e inverno. Frank Jewett era um homenzinho balofo que

lhe lembrava sempre sr. Weatherbee, o deão dos quadrinhos de Archie. Semelhante ao sr.

Weatherbee, seus óculos teimavam em escorregar para a ponta do nariz.

À sua direta, sentava-se Alice Tanner, a secretária da escola. Ela parecia estar fazendo

anotações.

O sr. Jewett olhou para o lado esquerdo, viu Sally olhando pela janela e lhe dirigiu um de

seus sorrisinhos afetados. Ela levantou a mão num aceno, e forçou-se a retribuir o sorriso.

Pareciam-lhe distantes os dias em que conseguia sorrir com naturalidade; depois da oração, era

o sorriso a coisa mais natural do mundo.

Alguns dos outros professores voltaram as cabeças para verificar quem merecia a atenção

de seu destemido líder. Alice Tanner fez o mesmo; e deu um adeuzinho para Sally, mexendo

os dedos timidamente, com um sorriso doce como melado.

Todos eles já sabem, Sally pensou. Cada um deles sabe que Lester e eu

rompemos. Irene

estava tão meiga ontem à noite... Tão solidária... e tão ansiosa para espalhar para todo mundo.

Aquela cadelinha!

Sally agitou seus dedos em retribuição, sentindo seu próprio sorriso tímido — e

completamente falso — distender seus lábios. Tomara que um caminhão de lixo atropele você,

coisa vagabunda, ela pensou, e seguiu adiante, os saltos do sapato tiquetaqueando no soalho.

Ao receber o telefonema do sr. Gaunt, no período livre, dizendo que chegara a hora de

pagar pela lasca maravilhosa, Sally reagira com entusiasmo e com prazer azedo. Pressentia que

a pequena peça que tinha prometido pregar no sr. Jewett era bem mesquinha, e não se

importava nem um pouco. Sentia-se mesquinha nesse dia.

Levou a mão à maçaneta... e, então, imobilizou-se.

O que há com você? indagou-se subitamente. Você tem a lasca... a lasca sagrada e

maravilhosa que guarda dentro dela aquela visão sagrada e maravilhosa. Não são tais coisas

para que você se sinta melhor? Mais calma? Em contato mais próximo com o Pai e Deus

Todo-Poderoso? *Você* não se sente mais calma, nem em contato mais próximo com ninguém.

Você se sente como se alguém tivesse enchido sua cabeça com arame farpado.

— É, mas não é culpa minha nem da lasca — Sally resmungou. — É culpa do Lester. Do

sr. Lester Pinto-Grande Pratt.

Um mocinha baixinha, de óculos e aparelho pesado nos dentes, afastou-se do *pôster* do Pep

Club que estivera lendo, e olhou Sally com curiosidade.

— O que *você* está olhando, Irvina? — Sally perguntou.

Irvina piscou os olhos. — Nada, não, srta. Rat-cliffe — Irvina tinha a língua presa.

— Então vá olhar em qualquer outro lugar — Sally disse, zangada. — A aula terminou,

sabia?

Irvina correu pelo corredor, lançando um desconfiado olhar ocasional por cima do ombro.

Sally abriu a porta da Secretaria e entrou. O envelope que vinha carregando estava

exatamente no lugar que o sr. Gaunt lhe dissera, atrás das latas de lixo do lado de fora da

cantina. Ela própria escrevera o nome do sr. Jewett.

Mais uma vez, olhou rapidamente por cima do ombro, para ter certeza de que aquela

prostituta da Alice Tanner não estava vindo. Depois, abriu a porta da sala interna, atravessou

correndo a sala, e depositou o envelope pardo na escrivaninha do sr. Jewett. E, agora, ficava

faltando a outra coisa.

Abriu a gaveta de cima da mesa, de onde tirou uma pesada tesoura. Curvou-se e puxou a

gaveta de baixo. Estava trancada. O sr. Gaunt lhe prevenira de que provavelmente estaria.

Sally espiou para a sala de fora, viu que estava vazia, a porta para o corredor ainda trancada.

Muito bom. Ótimo. Enfiou as duas pontas da tesoura na fresta da gaveta trancada e usou a

tesoura como uma alavanca, fazendo força. Saltaram lascas de madeira, e Sally sentiu que seus

mamilos se entumesciam, de um modo estranho e gostoso. Isto era até divertido. Dava um

pouco de medo, mas era divertido.

Ela reajustou as pontas da tesoura — desta vez mais fundo — e fez força novamente. A

fechadura quebrou-se e a gaveta deslizou nos trilhos, revelando o seu interior. Sally ficou de

boca aberta, em surpresa escandalizada. E, então, começou a rir baixinho — abafando e

prendendo o fôlego, emitindo sons que mais pareciam gritos do que risadas.

— Ora, sr. Jewett! Que menino sem modos o senhor é!

Havia uma pilha de revistinhas dentro da gaveta, e *Menino sem Modos* era, na verdade, o

título da que estava em cima. A fotografia borrada da capa mostrava um menino de cerca de

nove anos. Usava uma motocicleta ao estilo da década de cinqüenta e nada mais.

Sally enfiou a mão na gaveta e tirou as revistinhas — havia uma dúzia delas, talvez mais.

Meninos Alegres. Nus Engraçadinhos. Flutuando ao Vento. A Fazenda de Hobby. Ela folheou

uma das revistinhas e mal podia acreditar no que estava vendo. De onde surgia este tipo de

coisa? Sem dúvida, não seriam vendidas na porta da lanchonete, nem mesmo nas prateleiras

mais altas sobre as quais o rev. Rose alertava em seus sermões, aquelas que tinham o aviso

PARA MAIORES DE 18 ANOS.

Uma voz que ela conhecia muito bem falou de repente dentro de sua cabeça. Depressa,

Sally. A reunião está quase terminando, e não vale a pena ser apanhada aqui dentro!

E, em seguida, uma outra voz falou, uma voz feminina, uma voz à qual Sally quase poderia

dar um nome. Ouvir essa segunda voz era quase como estar falando ao telefone enquanto

alguma outra pessoa fala no fundo, do outro lado do fio.

Muito justo, dizia essa segunda voz. *Parece* uma coisa divina.

Sally desligou essa segunda voz e fez como o sr. Gaunt tinha dito: espalhou as revistinhas

pornográficas pelo escritório todo. Depois, devolveu a tesoura ao seu lugar, e foi embora

apressada, fechando a porta ao sair. Ninguém por perto... mas as vozes na Sala 6

estavam mais

altas agora, e havia gente rindo alto. *Estavam* terminando a reunião — tinha sido uma reunião

incomumente curta.

Graças a Deus pelo sr. Gaunt! ela pensou, e esgueirou-se para o corredor. Tinha quase

chegado à porta da frente quando ouviu gente saindo da Sala 6 atrás dela. Sally Hein se virou.

Ocorreu-lhe que durante os últimos cinco minutos não pensara no sr. Lester Pinto-Grande

Pratt, e isto era ótimo. Pensou em ir para casa, preparar um banho de espuma e entrar na

banheira segurando sua lasca maravilhosa e passar as próximas duas *horas* sem um

pensamento sequer para o sr. Lester Pinto-Grande P«U, e que mudança maravilhosa seria essa!

Sim, sem dúvida! Sim, sem duv —

O que fez você lá dentro? O que havia dentro daquele envelope? Quem o colocara lá, no

lado de fora da cantina? Quando? E, o mais importante de tudo, Sally, que mecanismos você

está pondo em ação?

Ficou imóvel por uns momentos, sentindo a transpiração formar-se em sua fronte e nas

cavidades das têmporas. Seus olhos ficaram desorientados e sobressaltados, como os olhos de

uma corça assustada. Em seguida, se apertaram e voltou a andar.

Usava calças compridas que a envolviam de um modo que a faziam recordar suas

freqüentes sessões de carinhos ardentes com Lester.

Não *ligo* para o que fiz, ela pensou. Na verdade, tomara que tenha sido alguma coisa bem

mesquinha. Ele *merece* um trote mesquinho, com aquele ar de sr. Weatherbee, e guardando

aquelas revistinhas repulsivas. Tomara que ele *se sufoque* ao entrar na sala.

— Isso mesmo, tomara que ele *se foda* — ela murmurou. Era a primeira vez em toda a sua

vida que pronunciava essa palavra em voz alta, e seus mamilos ficaram duros e começaram a

comichar. Sally estugou o passo, pensando, de forma muito vaga, no que *mais* ela poderia

fazer na banheira. E ocorreu-lhe, de súbito, que tinha uma ou duas necessidades suas. Não

sabia como satisfazê-las... mas fazia idéia de que poderia descobrir.

O Senhor, afinal de contas, ajuda aqueles que se ajudam.

8

— O preço lhe parece justo? — peiguntou o sr. Gaunt a Polly.

Polly ia responder, mas parou. A atenção do sr. Gaunt subitamente parecera se desviar;

tinha o olhar perdido no espaço e seus lábios moviam-se silenciosamente, como em oração.

— Sr. Gaunt?

Ele teve um ligeiro sobressalto. Em seguida, seus olhos voltaram-se para os dela e ele

sorriu.

— Peço desculpas, Polly. Às vezes, fico distraído.

— O preço me parece mais que justo — Polly disse. — Parece-me *divino.* — Tirou o talão

de cheques e começou a preencher. De vez em quando, de modo bastante vago, ocorria-lhe

perguntar-se em que estava se metendo, e então sentia o olhar do sr. Gaunt atraindo o seu. E

quando ela levantava seus olhos ao encontro dos dele, dúvidas e indagações se acalmavam.

O cheque que entregou ao sr. Gaunt era de US$ 46.00. O sr. Gaunt dobrou-o

cuidadosamente, guardando-o no bolso da lapela de sua jaqueta esporte.

— Não se esqueça de preencher o canhoto — o sr. Gaunt recomendou. — Aquele seu

amigo enxerido, sem dúvida vai querer verificar.

— Ele vem fazer-lhe uma visita — Polly disse, fazendo exatamente o que o sr. Gaunt lhe

recomendara. — Ele pensa que o senhor é vigarista.

— Ele pensa muita coisa, e planeja muita coisa — o sr. Gaunt disse. — Mas os planos dele

serão alterados, e seus pensamentos se dissiparão como a névoa numa manhã de vento.

Acredite em mim.

— O senhor não vai... o senhor não vai feri-lo, vai?

— Quem, eu? Você me julga muito mal, Patrícia Chalmers. Sou pacifista — um dos

maiores pacifistas do mundo. Não levantaria um dedo contra o nosso xerife. Quis apenas dizer

que, hoje à tarde, ele vai atender a determinados assuntos, do lado de lá da ponte. Ele ainda não

sabe, mas vai.

— Oh.

— Agora, Polly...

— Pois não?

— O seu cheque não constitui pagamento total pelo *azka*.

— Não?

— Não.

Tinha na mão um envelope branco, simples. Polly não fazia a menor idéia de onde poderia

ter surgido aquele envelope, mas tudo lhe parecia muito bem.

A fim de concluir o pagamento pelo seu amuleto, Polly, você precisa me ajudar a pregar

um pequeno trote em alguém.

— Alan? — De repente, sentiu-se tão alarmada quanto uma lebre do mato que sente o

cheiro de fogo numa tarde quente de verão. — Está se referindo a *Alan*?

— Certamente que não! — ele disse. — Pedir-lhe que passasse um trote em alguém que

conhece, quanto mais em alguém por quem se julga *apaixonada,* seria contra a ética, minha

cara.

— Seria?

— Sim... muito embora eu creia que deve pensar muito seriamente nesse seu

relacionamento com o xerife, Polly. Vai acabar descobrindo que se trata de uma escolha muito

simples, afinal: um pouco de sofrimento agora para evitar um grande sofrimento mais tarde.

Em outras palavras, aqueles que têm pressa em se casar, têm depois tempo de sobra para se

arrepender.

— Não entendi.

— Eu sei que não. Mas vai me entender melhor depois que verificar sua correspondência.

Veja bem, não fui o único a atrair aquele nariz que se mete em tudo. No momento, vamos

discutir a pequena peça que desejo que você pregue. O alvo do trote é um sujeito a quem

acabei de dar emprego. O nome dele é Merrill.

— *Ace* Merrill?

O sorriso dele sumiu.

— Não me interrompa, Polly. Nunca me interrompa quando estou falando. A

não ser que

queira ver suas mãos inchadas como tubos cheios de gás venenoso.

— Ela encolheu-se, afastando-se dele, arregalando os olhos cismadores, sonhadores. — Eu

sinto muito.

— Está bem. Aceito suas desculpas... por esta vez. Agora, ouça. Ouça com muita atenção.

9

Frank Jewett e Brion McGinley, respectivamente professor de geografia e treinador de

basquetebol do ginásio, saíram da Sala 6 para a ante-sala, pouco atrás de Alice Tanner; Frank

sorria, contando a Brion uma anedota que ouvira nesse mesmo dia de um representante de

livros didáticos. Era sobre um médico que estava encontrando certa dificuldade em

diagnosticar a doença de uma mulher. Conseguiu limitar o diagnóstico a duas alternativas:

AIDS ou a doença de Alzheimer — mas, não sabia qual.

Então, o marido da moça leva o médico a um canto — Frank continuou ao entrarem na

ante-sala. Alice estava debruçada sobre sua mesa, manuseando rapidamente uma pilha de

correspondência, e Frank abaixou a voz. Alice podia ser bem intolerante quando o assunto

eram anedotas, mesmo que fossem apenas levemente picantes.

— Sim? — um sorriso também despontava no rosto de Brion.

Bem. Ele está muito perturbado. Ele diz: “Meu Jesus, doutor, não há como saber? Será que

não existe um meio de determinar de qual das duas doenças ela sofre?

Alice separou duas mensagens em formulário rosa e fez menção de entrar na sala interna.

Chegou ao limiar da porta e estacou de repente, como se tivesse ido contra uma parede de

pedras invisível. Nenhum dos dois sorridentes e respeitados cidadãos maduros do interior

notou.

— Claro, é fácil, diz o médico, leve sua mulher até o meio do mato, a uns 40km de sua

casa e deixe-a por lá. Se ela conseguir encontrar o caminho de volta, não a foda!

Brion McGinley, com uma expressão obtusa, fitou seu patrão por um Instante, e em

seguida explodiu em gargalhadas. O diretor Jewett riu com ele. Riam tanto que nenhum dos

dois ouviu quando Alice chamou Frank pela primeira vez. Da segunda vez, contudo, não

houve problema. Da segunda vez, foi quase um berro esganiçado.

— Frank correu para junto dela.

— Alice? O quê —

E, então, ele *viu* o que, e um medo vítreo e terrível invadiu-o. Suas palavras secaram.

Sentiu a pele dos testículos se arrepiando loucamente — parecia que seus ovos queriam voltar

ao interior de onde tinham saído.

— As revistinhas.

— As revistinhas secretas da última gaveta.

Estavam espalhadas pela sala toda como confete de um pesadelo: meninos de uniforme,

meninos em celeiros, meninos com chapéu de palha, meninos montados em cavalinhos de

madeira.

— Meu Deus do céu, o que é? — A voz, rouca de horror e fascinação, soou ao lado

esquerdo de Frank. Virou a cabeça naquela direção (os tendões do pescoço rangendo como

dobradiças enferrujadas) e viu Brion McGinley fitando aquela bagunça de revistinhas

espalhadas. Seus olhos quase saltavam das órbitas.

Um trote, ele tentou dizer, um trote estúpido, é tudo, essas revistinhas não são minhas. É

só olhar para elas e ver que essas revistinhas não teriam... não teriam... qualquer interesse

para... para um homem com a minha... com a minha...

Com a sua o quê?

Não sabia, e de qualquer forma, pouco lhe importava, pois tinha perdido completamente

sua capacidade oral. Perdido completamente.

Os três adultos ficaram parados, em silêncio escandalizado, fitando a sala do diretor do

Ginásio de Castle Rock, sr. Frank Jewett. Uma das revistas, mal equilibrada na ponta da

poltrona dos visitantes, foi abrindo suas páginas em resposta a uma lufada de ar quente que

entrou pela janela meio aberta e depois caiu. *Rapazes Assanhados,* a capa prometia.

Uma peça, sim, direi que me pregaram uma peça, mas será que acreditarão em mim? E se

a fechadura da gaveta foi forçada? Será que acreditarão em mim?

— Sra. Tanner? — disse uma voz de menina, atrás deles.

— Todos os três — Jewett, Tanner e McGinley — giraram nos calcanhares com ar de

culpa. Depararam-se com duas meninas da 8ª série, vestidas no uniforme de chefes de torcida.

Quase ao mesmo tempo, Alice Tanner e Brion McGinley se mexeram, para bloquear a visão da

sala de Frank (o próprio Frank Jewett continuou imóvel, petrificado), mas foi um pouco tarde

demais. Os olhos das chefes de torcida se arregalaram. Uma delas — Darlene Vickety — levou

as mãos à boquinha em botão de rosa, e fitou Frank Jewett com expressão incrédula.

Frank pensou: ótimo. Não dou até o meio-dia de amanhã para que todos os

alunos da

escola fiquem sabendo. E até a hora do jantar, a cidade inteira ficará sabendo.

Garotas, por favor, saiam — disse a sra. Tanner. — Alguém fez uma brincadeira de muito

mau gosto com o sr. Jewett — de *péssimo* gosto — e vocês não devem dizer uma palavra sobre

o assunto. Entenderam?

— Sim, sra. Tanner. — Erin McAvoy disse. Três minutos depois, ela estaria contando para

sua melhor amiga, Donna Beaulieu, que a sala do diretor estava toda decorada com revistinhas

de rapazes usando pulseiras *heavy metal* e mais nada.

— Sim, sra. Tanner — disse Darlene Vickery, e cinco minutos depois, estaria contando

para *sua* melhor amiga, Natalie Priest.

— Vamos — Brion McGinley disse. Tentava fazer a voz firme, mas ainda se encontrava

sob o efeito do choque. — Vão embora.

As garotas fugiram correndo, os saiotes do uniforme de chefes de torcida esvoaçando ao

redor dos joelhos vigorosos.

Brion virou-se lentamente para Frank.

— Acho que —

Ele começou, mas Frank não lhe prestou atenção. Entrou na sala, movendo-se devagar,

como um sonâmbulo. Fechou a porta onde se lia DIRETOR em firmes traços pretos, e

vagarosamente pôs-se a catar as revistinhas.

Por que não lhes dá uma confissão assinada? gritava uma parte de sua mente.

Ignorou essa voz. Uma parte mais no âmago, a voz primitiva da sobrevivência, também

falava, e esta parte lhe dizia que ele passava por seu momento mais vulnerável. Se falasse com

Alice ou Brion neste instante, se tentasse se explicar, estaria fornecendo a corda para a sua

própria forca.

Alice batia à porta. Frank a ignorou e continuou seu passeio sonambúlico pela sala,

apanhando as revistinhas que vinha colecionando durante esses últimos nove anos,

encomendando cada uma delas por escrito e indo apanhá-las no Correio de Gates Falis, com

medo de que a qualquer momento a policia estadual ou a inspetoria postal caísse sobre ele

como uma tonelada de tijolos. Nada acontecera. E, agora... isto!

Não vão acreditar que essas revistas são suas, dizia a voz primitiva. Não *se permitirão*

acreditar — em algo que subverteria muitas das confortáveis concepções de vida de uma

cidadezinha do interior. Uma vez que consiga se controlar, também será controlar a situação.

Mas... quem teria feito uma coisas dessas? Quem *poderia* ter feito uma coisa dessas? (Jamais

ocorreu a Frank indagar-se, primeiro que tudo, que louca compulsão o levara a trazer as

revistas para ali — *ali*, de todos os lugares do mundo!)

Havia apenas uma pessoa em quem Frank Jewett conseguia pensar — a única em toda

Castle Rock a quem tinha revelado sua vida secreta. George T. Nelson que, professor de

trabalhos de carpintaria do Ginásio. George T. Nelson que, sob aquela capa de homem macho

e valentão, era um tremendo veadão. George T. Nelson, com quem Frank Jewett, certa vez,

comparecera a uma festinha especial em Boston, aquele tipo de festinha onde há um grande

número de “coroas” e um grupinho de meninos nus. Aquele tipo de festinha que pode deixá-lo

atrás das grades pelo resto de sua vida. Aquele tipo de festinha —

Havia um envelope pardo sobre o mata-borrão da escrivaninha. Frank Jewett sentiu um

terrível vazio na boca do estômago. Como um elevador descontrolado. Levantou o olhar e deu

com Alice e Brion espiando para ele, de rostos quase colados. Olhos escancarados, bocas

abertas, e Frank pensou: agora sei corno é que um peixe se sente dentro do aquário.

Fez um gesto para os dois — *vão embora!* Eles não foram, e, de certo modo, isto não lhe

causou surpresa. Era um pesadelo, e nos pesadelos, as coisas nunca acontecem do jeito que se

quer. Por isso é que são pesadelos. Passou uma terrível sensação de perda e desorientação...

mas, sob essa sensação, como uma centelha no fundo de carvões úmidos, luzia uma chama

azul de raiva.

Sentou-se à mesa, e deixou a pilha de revistas no chão. Notou que a gaveta onde as

guardava tinha sido forçada, exatamente como temia. Rasgou o envelope, e espalhou seu

conteúdo. Tratava-se, na quase totalidade, de lustrosas fotografias. Fotografias dele e de

George T. Nelson na festinha de Boston. Brincavam com alguns meninos bonitos (o mais

velho desses meninos bonitos teria ao redor de 12 anos) e, em cada uma dessas fotografias, o

rosto de George T. Nelson estava borrado mas o de Frank Jewett aparecia nítido como cristal.

O que também não chegou a surpreendê-lo.

Dentro do envelope havia uma mensagem. Ele a tirou e leu:

Frank, meu velho,

Sinto muito estar fazendo tudo isto, mas preciso sair da cidade e não-tenho tempo para

rodeios. Quero US$ 2.000. Traga o dinheiro à minha casa, às 7:00h da noite. Até agora, você

ainda pode se sair bem. Vai ser duro, mas não impossível para um filho-da-mãe escorregadio,

mas pergunte-se o que vai sentir vendo cópias destas fotos pregadas em cada poste telefônico

da cidade, bem embaixo dos cartazes da Noite no Cassino. Vão te correr da cidade, meu velho.

Lembre-se, US$ 2.000, esta noite, às 7:15h o mais tardar, ou vai se arrepender do dia em que

nasceu.

Seu amigo, George.

Seu amigo.

Seu amigo!

Seus olhos teimavam em reler a linha de fecho da carta, numa espécie de horror incrédulo e

inquisitivo.

Seu filho-da-puta, veadão, traidor AMIGO!

Brion McGinley continuava esmurrando a porta, mas quando Frank Jewett finalmente tirou

os olhos do que tinha atraído sua atenção sobre a escrivaninha, o punho de Brion imobilizou-se

a meio caminho.

A fisionomia do diretor estava branca como cera, exceto por duas manchas redondas de

rubor intenso em cada face, como a maquilagem de um palhaço. Os lábios arreganhados

deixavam à mostra os dentes num sorriso fino.

Não se parecia num um pouquinho com o sr. Weatherbee.

Meu amigo, Frank pensou. Amassou a nota com uma das mãos, e, com a outra, enfiou as

fotografias lustrosas de volta no envelope. E a chama azul de raiva tornava-se vermelha. O

carvão úmido começava a incendiar-se. *Vou estar lá, sim. Vou estar lá para discutir este*

assunto com meu amigo George T. Nelson.

— Sim, senhor — Frank Jewett disse. — *Sem falta!* E começou a sorrir.

10

Já passava quase um quarto das 3:00h e Alan tinha chegado à conclusão de que Brian Rusk

tinha tomado outro rumo; a torrente de alunos voltando para casa estava quase no fim. Então,

exatamente quando ia pegar as chaves do carro no bolso, viu uma figura solitária pedalando

pela Rua da Escola em sua direção. O garoto pedalava devagar, parecendo segurar o guidão

com grande esforço, e a cabeça tão baixa que Alan não conseguia ver-lhe o rosto.

Mas distinguia o que ia no bagageiro da bicicleta: uma caixa conservadora de temperatura.

11

— Está entendendo? — Gaunt perguntou a Polly, que agora segurava o envelope.

— Sim, eu... estou entendendo. Estou, sim.—Mas havia preocupação em seu rosto

sonhador.

— Você não parece alegre.

— Bem... eu...

Coisas como o *azka* nem sempre funcionam muito bem para as pessoas que não se

mostram alegres — disse o sr. Gaunt. Apontou para a minúscula protuberância onde a bolinha

de prata descansava contra sua pele, e, mais uma vez, ela teve a sensação de que alguma coisa

esquisita se mexia lá dentro. No mesmo momento, terríveis pontadas de dor invadiram suas

mãos, espalhando-se como uma rede de cruéis tentáculos de aço. Polly gemeu alto.

O dedo esticado do sr. Gaunt curvou-se num gesto de “venha cá”. Ela novamente sentiu

algo mexendo-se dentro da bolinha, com mais clareza, desta vez, e a dor cessou.

— Você não quer voltar aos tempos antigos, não é, Polly? — o sr. Gaunt perguntou em voz

melosa.

— Não! — ela gritou. Seu peito arfava rapidamente. Suas mãos se movimentaram em

gestos frenéticos de ablução, uma contra a outra, e seus grandes olhos jamais

deixaram os dele.

— Por favor, não!

— Pois as coisas poderiam ir de mal a pior, não é mesmo?

— Sim! Sim, poderiam!

— E ninguém entende, não é? Nem mesmo o xerife. *Ele* não sabe o que é acordar às 2:00h

da madrugada com o inferno nas mãos, não é?

Ela balançou a cabeça, e começou a chorar.

— Faça o que estou mandando, e nunca mais acordará em tais condições, Polly. E mais

uma coisa: faça o que eu mando, e se alguém descobrir que seu filho morreu queimado no

incêndio de um prédio de apartamentos em San Francisco, não descobrirão *por mim.*

Polly deixou escapar um último grito rouco e perdido — o grito de uma mulher que se vê

presa num pesadelo sufocante, sem poder escapar.

O sr. Gaunt sorriu.

— O inferno tem várias formas, não é, Polly?

— Como soube a respeito dele? — ela sussurrou. — Ninguém sabe. Nem mesmo Alan. Eu

disse a Alan que —

Eu sei porque o meu negócio é saber das coisas. E o negócio dele é suspeitar, Polly. Alan

nunca acreditou no que você lhe contou.

— Ele disse —

Tenho certeza de que ele disse tudo quanto era coisa, mas nunca acreditou em você. A

mulher que você empregou como babá era viciada em drogas, sabia? Não foi *sua* culpa, mas é

evidente que as coisas que culminaram com aquela situação foram resultado de opção pessoal.

Sua opção. A moça que você contratou para tomar conta de Kelton “apagou” e deixou cair o

cigarro — ou talvez fosse uma bagana — no cesto de papéis. O dedo dela sem dúvida apertou

o gatilho, por assim dizer, mas a arma estava carregada com o seu orgulho, Polly, sua

incapacidade de curvar a cabeça diante de seus pais e do resto da boa gente de Castle Rock.

Os soluços de Polly eram mais fortes, nesse momento.

— No entanto, não tem uma jovem direito ao seu amor-próprio? — O sr. Gaunt perguntou

gentilmente. — Depois de perder tudo; não terá ela direito a isto, pelo menos? A última moeda

dentro da carteira.

Polly levantou o rosto molhado de lágrimas e desafiador.

— Pensei que esse assunto só dizia respeito a mim — ela disse. — Ainda penso assim. Se

isto for orgulho, que seja.

— Sim — ele disse, em tons tranqüilizadores. — Palavras de um campeão... Porém, eles,

sua mãe e seu pai, *teriam*-na aceitado de volta, não é verdade? Talvez não fosse muito

agradável — não com a criança sempre ali a recordar-lhes, não com o modo com as línguas

batem nos dentes em agradáveis lugarejos como este aqui — mas teria sido possível.

Sim, e eu passaria cada um dos meus dias tentando me libertar do tacão de minha mãe! —

ela explodiu, numa voz furiosa e horrenda, que pouco tinha a ver com sua voz normal.

— Sim — disse o sr. Gaunt, nos mesmos tons conciliadores. — E, por isso, você

permaneceu onde estava. Tinha Kelton, e tinha o seu orgulho. E quando Kelton morreu, restou-

lhe o seu orgulho... não foi assim?

Polly gritava de dor e agonia, escondendo o rosto molhado nas mãos.

— A dor é pior do que a das suas mãos, não é? — o sr. Gaunt perguntou. Polly meneou a

cabeça sem levantar o rosto. O sr. Gaunt colocou sua própria mão, feia e de dedos compridos,

atrás da cabeça e falou como quem começa um panegírico:

— Humanidade! Quanta nobreza! Quanta disposição em sacrificar o próximo!

— Pare! — ela gemeu. — Não pode parar?

— É um segredo, não é, Patrícia?

— É.

Ele tocou-lhe a fronte. Polly deixou escapar um gemido engasgado mas não se esquivou.

— Esta é uma das portas para o inferno que você gostaria de manter sempre trancada, não

é?

Ela meneou a cabeça, ainda escondendo o rosto.

— Então, faça o que estou mandando, Polly — ele sussurrou. Segurou uma das mãos que

escondiam o rosto e começou a acariciá-la. — Faça o que estou mandando, e mantenha a boca

fechada.

Fitou atentamente as faces orvalhadas e os olhos vermelhos, transbordando lágrimas. Uma

leve carranca de desprezo fez com que franzisse os lábios por um instante.

— Não sei o que mais me dá náuseas — uma mulher chorando ou um homem rindo.

Enxugue esse rosto, Polly.

Lentamente, mecanicamente, ela tirou um lenço rendado da bolsa e obedeceu.

— Muito bom — ele disse, e levantou-se. — Vou deixar que vá para casa, agora, Polly.

Precisa tomar certas providências. Mas quero que saiba que foi um grande prazer fazer negócio

com você. Sempre admirei *tanto* as senhoras que se orgulham de si mesmas.

— Oi, Brian, quer ver um truque?

O menino na bicicleta rapidamente levantou o olhar, o cabelo esvoaçando na lesta, e Alan

notou em sua fisionomia uma expressão inconfundível: medo — patente e indisfarçado.

— Truque? — o garoto indagou com voz trêmula. — Que truque?

Alan ignorava o que causava tanto medo ao menino, mas uma coisa era certa — sua

mágica, na qual se estribava freqüentemente para quebrar o gelo com a criançada, por alguma

razão desconhecida tinha dado o efeito contrário, desta vez. O melhor a fazer, era deixá-la de

lado o mais cedo possível e começar tudo de novo.

Alan passou a mão direita aberta muito devagar pelo braço esquerdo, retirando

teatralmente, com o polegar, o pacotinho minúsculo preso sob a corrente do relógio. Ao fechar

o punho, desfez o nó quase microscópico que prendia o pacotinho. Fechou a mão esquerda

sobre a direita, e quando as separou, um buquê impossível de flores de papel surgiu

praticamente do nada.

Alan executara este truque centenas de vezes, e nunca tão habilmente quanto nesta quente

tarde de outubro, mas a reação esperada — um momento de surpresa estupefata, em seguida

um sorriso feito de uma parte de assombro e duas partes de admiração — não

aflorou ao rosto

de Brian. Dirigiu um olhar indiferente ao buquê (parecia haver algum alívio naquele breve

olhar, como se esperasse que o truque fosse de natureza muito menos inofensiva) e depois

voltou a fitar Alan.

— Bom truque, não é? — Alan perguntou. Forçou um largo sorriso, tão falso quanto a

dentadura de seu avô.

— É... — Brian respondeu.

— Noto que você parece exausto. — Alan juntou as mãos habilmente voltando a dobrar o

buquê. Era fácil — fácil demais, na verdade. Estava na hora de comprar uma cópia nova do

Truque do Bouquê Dobrado — não duravam muito. A minúscula mola desta cópia estava

ficando frouxa e o papel vivamente colorido logo começaria a rasgar.

Abriu novamente as mãos, sorrindo, agora, com maiores esperanças. O buquê tinha

desaparecido, e se transformara, de novo, num pacotinho ínfimo, guardado sob a pulseira do

relógio. Brian Rusk não retribuiu o sorriso. Seu rosto estava completamente sem expressão. O

que restava do bronzeado de verão não chegava a encobrir completamente nem a palidez

subjacente, nem o fato de que sua pele se encontrava em estado de rebelião,

comum no período

de transição pré-pubescente: espinhas na testa, uma das grandes perto do canto do lábio, ninhos

de cravos de cada lado das narinas. Havia sombras arroxeadas sob os olhos, como se a última

boa noite de sono do menino tivesse ocorrido há muito tempo.

Este menino está longe de estar bem, Alan pensou. Há nele algo de gravemente retorcido,

talvez até quebrado. Parecia haver duas alternativas possíveis: ou Brian Rusk tinha visto o

responsável pelo vandalismo na casa de Wilma Jerzyck, ou era, ele próprio, o responsável. Era

seis de uma e meia-dúzia de outra, mas se a verdadeira fosse a segunda hipótese, Alan mal

podia medir o tamanho e o peso da culpa que agora sufocava o menino.

— Foi um ótimo truque, xerife Pangborn — Brian disse numa voz sem cor ou emoção. —

Foi mesmo.

— Obrigado. Que bom que gostou. Sabe sobre o que é que eu gostaria de levar um papo

com você, Brian?

— Eu... acho que sim — Brian disse, e Alan de repente achou que o garoto ia confessar ter

quebrado aquelas vidraças. Bem aqui na esquina, ele ia confessar tudo, e Alan daria um passo

gigantesco para esclarecer o que se passara entre Nettie e Wilma.

Mas, Brian calou-se. Limitou-se a levantar o olhar para Alan com os olhos cansados e

ligeiramente injetados.

— O que aconteceu, filho? — Alan indagou na mesma voz tranqüila. — O que aconteceu

quando estava na casa dos Jerzycks?

— Não sei — Brian disse. A voz era desatenta. — Mas sonhei com ela ontem. E na noite

de domingo, também. Sonho que estou indo para aquela casa, só que no meu sonho vejo o que

está causado todo aquele barulho.

— E o que é, Brian?

— Um monstro — Brian respondeu. Sua voz não se alterou, mas uma grossa lágrima

surgiu em cada órbita, crescendo no arco inferior das pálpebras. — No meu sonho, eu bato na

porta em vez de ir embora, como fiz, e a porta se abre e é um monstro, e o monstro... me...

devora.

As lágrimas transbordaram e deslizaram devagar pelo rosto de cútis tumultuada de Brian

Rusk.

— Ah, sim, pode ser somente isso — simples medo. O tipo de medo que pode assaltar uma

criança ao abrir a porta do quarto dos pais e surpreendê-los fazendo amor. Uma vez que é

muito criança para saber o que estão fazendo, pensa que seus pais estão lutando. Pode até

acontecer, se os pais estiverem fazendo muitos ruídos, que a criança pense que estão se

matando.

Mas —

Mas, desconfiava que não era este o caso. Muito simples. O que desconfiava era que o

menino estava mentindo descaradamente, apesar da expressão exausta nos olhos, aquela

expressão que dizia *quero lhe contar tudo.* O que significaria aquilo? Alan não tinha certeza,

mas a experiência lhe ensinara que a solução mais provável era que Brian Rusk tinha visto o

vândalo. Talvez se tratasse de alguém que Brian se julgava na obrigação de proteger. Ou talvez

o vândalo soubesse que tinha sido visto por Brian, e Brian soubesse *isso.* O garoto podia estar

com medo de represálias.

— Alguém jogou uma porção de pedras na casa dos Jerzycks — Alan disse em voz baixa e

(assim esperava) calma.

— Sim, senhor — Brian respondeu, quase num suspiro. — Acho que sim. Acho que pode

ter sido isso. Pensei que eles estavam brigando, mas podia ter sido alguém jogando pedras.

Traque, bum, bangue.

O compasso rítmico era inteiro da *Gangue Púrpura*, Alan pensou, mas não disse.

— Você pensou que eles estavam brigando?

— Sim, senhor.

— Você realmente pensou que era isso?

Alan suspirou.

— Bem, agora você sabe o que era. E agora você sabe que foi uma coisa ruim. Quebrar

vidraças com pedras é um negócio grave, mesmo que não tenha conseqüências.

— Sim, senhor.

— Desta vez, no entanto, *houve* conseqüências. Você entende, não entende, Brian?

— Sim, senhor.

Aqueles olhos, olhando para ele, naquele rostinho pálido e plácido. Alan começou a

entender duas coisas: o garoto *queria* contar-lhe tudo o que tinha acontecido; mas, quase

certamente, não o faria.

— Você parece muito infeliz, Brian.

— Sim, senhor.

— Esse "sim, senhor"... significa que *está* infeliz, Brian?

Brian fez que sim com a cabeça, e mais duas grossas lágrimas escorreram de seus olhos e

deslizaram pelo rosto. Alan viu-se tomado de duas emoções poderosas e conflitantes: profunda

piedade e furiosa exasperação.

— Por que está se sentindo infeliz, Brian? Conte-me.

Numa voz tão baixa que era quase inaudível, Brian disse:

— Eu sempre tinha aquele sonho tão gostoso. Era bobagem, mas era gostoso, mesmo

assim. Era um sonho com a srta. Ratcliffe, minha professora da fala. Agora eu sei que era

bobagem. Mas quando eu não sabia, era muito melhor. E, adivinhe? Eu sei muito mais coisas,

agora.

Aqueles olhos escuros e terrivelmente infelizes levantaram-se para encararem os de Alan.

— O sonho que eu tenho... aquele com o monstro que joga as pedras... eu morro de medo,

xerife... mas o que me deixa infeliz são as coisas que eu sei agora. É como saber como é que o

mágico faz os truques.

Balançou levemente a cabeça, e Alan poderia ter jurado que Brian estava olhando para a

pulseira do seu relógio.

—Às vezes, o melhor é a gente não saber nada. Sei disso agora.

Alan pôs a mão no ombro do garoto.

— Brian, vamos falar sem rodeios, certo? Conte-me o que aconteceu. Conte-me

o que viu e

o que fez.

— Fui lá para ver se eles iam querer retirar a neve da entrada, neste inverno — Brian disse,

numa voz mecânica de quem decorou a lição, o que deixou Alan extremamente apavorado. O

menino era igualzinho a qualquer outro menino americano de 11 ou 12 anos — tênis Converse,

calças jeans, uma camiseta estampada com o Bart Simpson — mas soava como um robô mal

programado que corre o risco de sobrecarga. Pela primeira vez, Alan indagou-se se Brian Rusk

teria visto seu próprio pai ou mãe jogando as pedras na casa dos Jerzycks.

— Ouvi um barulho — o garoto continuou. Expressava-se em sentenças simples e

declarativas, como um detetive treinado para talar num tribunal. — Eram uns barulhos de

meter medo. *Bangues* e *plefts* e coisas se quebrando. Por isso, saí correndo de lá o mais

depressa que podia. A dona da casa ao lado apareceu na entrada da casa dela. Ela me

perguntou o que estava acontecendo. Acho que ela também estava assustada.

— Sim — Alan disse. — Jillian Mislaburski. Falei com ela.

Tocou na caixa conservadora de temperatura, ajeitada meio de lado no bagageiro da

bicicleta de Brian. Não notou o modo como os lábios de Brian se apertaram a

esse gesto.

— Você estava com essa caixa na manhã de domingo, Brian?

— Sim, senhor. — Brian disse. Enxugou as faces com as costas da mão e olhou desconfiado para o rosto de Alan.

— O que tinha dentro dela, Brian?

Brian nada disse. Alan julgou notar um tremor nos lábios.

— O que tinha dentro dela, Brian?

Brian nada disse mais um pouco.

— Estava cheia de pedras?

Lenta e deliberadamente, Brian sacudiu a cabeça — não.

Pela terceira vez, Alan indagou: — O que tinha dentro dela?

— O mesmo que agora — Brian murmurou.

— Posso abrir e verificar?

— Sim, senhor — Brian disse com sua voz sem expressão. — Acho que sim.

Alan rodou a tampa para o lado e espiou o interior da caixa conservadora de temperatura.

Estava cheia de figurinhas de beisebol: Topps, Fleer, Donruss.

— Essas são as que eu tenho “pra troca”. Carrego todas elas comigo, quase sempre.

— Você... as carrega com você.

— Sim, senhor.

— Por quê, Brian? Por que carregar uma caixa conservadora cheia de figurinhas

com

você?

— Eu *lhe disse* — são pra troca. Nunca se sabe quando é que vai surgir a chance de fazer

uma troca supimpa com alguém. Ainda estou procurando um Joe Foy — ele integrou o time do

Sonho Impossível de 1967 — e um Mike Greenwell em princípio de carreira. O Gator é o meu

jogador favorito.

E, nesse Instante, Alan julgou perceber um flébil, fugitivo brilho de divertimento nos olhos

do menino — podia quase ouvir telepaticamente uma voz que dizia: *“Enganei um bobo! Na*

casca do ovo!" Mas, não, era imaginação sua — apenas sua própria frustração imitando a voz

do garoto.

Ou não era?

Ora, e o que *esperava* achar dentro da caixa conservadora de temperatura? Uma porção de

pedras com mensagens presas a cada uma delas? Você realmente chegou a pensar que ele

estava indo para *alguma outra casa* para fazer a mesma coisa?

Sim, Alan admitiu. Era exatamente o que uma parte dele tinha imaginado. Brian Rusk, o

Terror Baixinho de Castle Rock. O Apedrejador Lunático. O pior era que tinha certeza de que

Brian sabia o que se passava em sua mente.

Enganei um bobo! Na casca do ovo!

— Brian, por favor, me diga o que está acontecendo por aqui. Se você sabe, por favor me

diga.

Brian fechou a tampa da caixa conservadora e nada disse. O fecho fez um *clique!* suave na

sonolenta tarde de outono.

— Não pode me dizer?

Brian fez que sim, lentamente — o que significava, Alan julgou, que tinha razão: ele não

podia dizer.

— Pelo menos, me responda uma coisa: está com medo? Está com medo, Brian?

De novo, Brian fez que sim, lentamente.

— Diga-me do que está com medo, filho. Quem sabe eu posso espantar esse medo. —

Bateu com a ponta do dedo no distintivo que trazia preso no lado esquerdo da camisa de seu

uniforme. Acho que essa é uma das razões por que me pagam para andar com esta estrela por

aí. Porque, de vez em quando, eu posso espantar o medo dos outros.

— Eu... — Brian começou, e, naquele exato momento, o rádio que Alan mandara Instalar

sob o painel da sua camioneta particular, há três ou quatro anos, se acendeu esganiçado.

Viatura Um, Viatura Um, fala a Base. Está me copiando? Câmbio.

Os olhos do menino libertaram-se dos de Alan, e voltaram-se para a viatura e para o som

da voz de Sheila Brigham — a voz da autoridade, a voz da polícia. Alan percebeu que se Brian

estivera a ponto de lhe confidenciar alguma coisa (e não passava de otimismo seu, pensar

assim), agora já não estava mais. Seu rosto se fechou como uma ostra.

— Vá para casa, Brian. Falaremos sobre o assunto mais tarde... esse seu sonho... mais

tarde, conversaremos. OK?

— Sim, senhor — Brian respondeu. — Acho que sim.

— Nesse meio tempo, pense no que eu lhe disse: a maior função de um xerife é espantar o

medo das pessoas.

— Tenho que ir agora, xerife. Se não chegar logo em casa, minha mãe vai ficar muito

zangada comigo.

Alan meneou a cabeça.

— Não queremos que isto aconteça, não é? Pode ir, Brian.

Observou o menino se afastando. A cabeça de Brian ia abaixada, e novamente, mais

parecia que ele arrastava a bicicleta entre as pernas do que propriamente pedalava. Havia algo

de errado ali, tão errado que Alan sentiu que esclarecer o que tinha se passado

com Wilma e

Nettie era coisa secundária se comparada a descobrir o que tinha posto aquela expressão

cansada e assustada no rosto do menino.

As duas mulheres, afinal de contas, estavam mortas e enterradas. Brian Rusk ainda estava

vivo.

Dirigiu-se à desgastada camioneta quê já deveria ter sido trocada há mais de um ano,

inclinou-se e agarrou o microfone do rádio enquanto apertava o botão de transmissão.

— Sim, Sheila, aqui é a Viatura Um. Estou copiando — câmbio.

— Henry Payton telefonou à sua procura, Alan — Sheila disse. — Pediu-me para dizer-lhe

que é urgente. Pediu que eu conectaste você com ele. Câmbio?

— Vá em frente — Alan disse. Sentia o pulso acelerar-se.

— Pode levar alguns minutos, Câmbio?

— Está bem assim. Estou na escuta. Viatura Um ligada.

Reclinou-se de lado no carro, na sombra salpicada, microfone na mão, esperando para

constatar o que haveria de tão urgente na vida de Henry Payton.

13

Quando Polly chegou em casa, já passavam 20 minutos das 3:00h, e sentia-se dividida em

duas direções opostas. De um lado, sentia a necessidade urgente e profunda de tratar da tarefa

da qual o sr. Gaunt a incumbira (não gostava de pensar nela em termos de uma brincadeira —

Polly Chalmers não gostava muito de brincadeiras), e terminá-la logo para que o *azka*

finalmente lhe pertencesse. O conceito de que o negócio não estaria concluído até que o sr.

Gaunt *dissesse* que estava concluído, sequer lhe passara pela cabeça.

Por outro lado, sentia a necessidade profunda de procurar Alan, de lhe contar exatamente o

que acontecera... ou tanto quanto fosse capaz de se lembrar. De uma coisa *era capaz* de se

lembrar — o que a enchia de vergonha e uma espécie sórdida de horror, mas lembrava-se, e

muito bem — e era o seguinte: o sr. Leland Gaunt detestava o homem que Polly amava, e o sr.

Gaunt estava fazendo alguma coisa — *alguma coisa* — que era extremamente errada. Alan

precisava saber. Mesmo que o *azka* deixasse de funcionar, Alan precisava saber.

Você não está falando sério.

Mas, sim — uma parte dela sentia-se *exatamente* assim. Aquela parte que sentia verdadeiro

pavor do sr. Leland Gaunt, embora não pudesse precisar o que ele fizera para induzir tal

sensação de terror.

Quer voltar ao que era antes, Polly? Quer voltar à época em que suas mãos pareciam cheias

de estilhaços?

Não... mas tampouco queria que Alan ficasse ferido. Nem tampouco desejava que o sr.

Gaunt fizesse o que estava planejando fazer, se fosse algo que iria (como ela suspeitava) ferir a

cidade. Nem tampouco queria participar desse algo, indo até a propriedade deserta dos

Cambers, no fim da Estrada Vicinal 3 para passar um trote que ela nem sequer compreendia.

Assim, esses desejos divergentes, cada um tendo por paladino uma voz própria a defendê-

lo, deixavam-na dividida enquanto caminhava lentamente para casa. Caso tivesse sido

hipnotizada pelo sr. Gaunt (tinha muita certeza disso ao deixar a loja, mas, com o passar do

tempo, ia ficando menos e menos certa), os efeitos já se tinham dissipado. (Polly realmente

acreditava nisso.) E, nunca em toda a sua vida, sentira-se tão incapaz de decidir o que fazer em

seguida. Era como se todo o suprimento de algum componente químico em seu cérebro, vital

para a tomada de decisões, tivesse sido roubado.

No fim, foi para casa, fazer o que o sr. Gaunt lhe aconselhara (embora já não se lembrasse

precisamente do conselho). Verificaria a sua correspondência, e então telefonaria para Alan e

lhe contaria o que o sr. Gaunt lhe pedira para fazer.

Se agir assim, a voz interior disse sinistramente, o *azka* realmente *vai parar* de funcionar. E

você sabe disso muito bem.

Sim — contudo, restava ainda o conceito do certo e do errado. Ainda restava isso.

Telefonaria para Alan, pediria desculpas por ter sido tão impaciente com ele, e depois lhe

contaria o que o sr. Gaunt queria que da fizesse. Talvez até entregasse a ele o envelope que lhe

fora dado pelo sr. Gaunt, aquele que ela deveria colocar na lata.

Talvez.

Sentindo-se um pouco melhor, Polly colocou a chave na porta da frente — mais uma vez

se rejubilando com a facilidade da operação, quase sem se dar conta do que estava fazendo - e

girou-a. A correspondência se encontrava no lugar de sempre, em cima do tapete — não era

muita, hoje. Geralmente, havia mais impressos depois de um feriado dos Correios. Curvou-se e

apanhou a correspondência. Unia brochura sobre TV a cabo, com o rosto sorridente e

incrivelmente bonito de Tom Cruise na capa; um catálogo da *Horchow Collection* e outra de

The Sharper Image. E, também —

Polly percebeu uma única carta e uma sensação pesada de receio formou-se no fundo do

seu estômago. Para Patrícia Chalmers, de Castle Rock, do Departamento de Proteção ao Menor

de San Francisco... 666 Geary. Ela se lembrava tão bem de 666 Geary, por suas idas até lá.

Três, ao todo. Três entrevistas com três burocratas de Auxilio ao Menor Dependente, dois dos

quais eram homens — homens que a fitaram com a mesma expressão que se olha para o papel

de bala que ficou grudado na sola do sapato. A terceira burocrata tinha sido uma mulher negra

de vastas proporções, uma mulher que sabia ouvir e sabia rir, e foi dessa mulher que Polly,

finalmente, conseguira a autorização. Porém, lembrava-se tão — mas tão bem do 2º andar de

666 Geary. Lembrava-se da mancha leitosa e longa lançada peia luz que entrava pela janela

grande no fim do corredor; lembrava-se do eco das máquinas de escrever de salas cujas portas

ficavam permanentemente abertas; lembrava-se dos grupinhos de homens, fumando ao redor

das urnas cheias de areia na outra extremidade do corredor, e do modo como a olhavam.

Acima de tudo, lembrava-se da sensação de estar vestida em sua única roupa boa — um

terninho escuro de poliéster, com blusa de seda branca, meia-calça L'Eggs Nearly Nude, seus

sapatos de salto baixo — e do sentimento de terror e solidão pois o corredor do 2º andar do nº

666 Geary parecia ser um lugar sem alma ou coração. Sua petição tinha finalmente sido

aprovada naquele andar, mas Polly lembrava-se principalmente das recusas, é claro — dos

olhares masculinos, como rastejavam sobre seus seios (esses homens vestiam-se mais

elegantemente do que Norville, no restaurante, mas, no fundo, ela pensou, eram bem pouco

diferentes); as bocas masculinas, como se franziam, decorosamente reprovadoras ao

considerarem o problema de Kelton Chalmers, a criança sem pai desta vagabundazinha, esta

maria-sem-vergonha que não tinha a aparência de *hippie*, oh *não*, agora não, mas que sem

dúvida tiraria apressada sua bonita blusa de seda e o elegante terninho no momento em que

saísse dali, sem falar no sutiã, para vestir uma calça jeans boca-de-sino e camiseta apertada

realçando o bico dos seios. Os olhares masculinos diziam tudo isto e muito mais, e embora a

resposta do Departamento tivesse chegado pelo correio, Polly tinha adivinhado imediatamente

que sua solicitação tinha sido recusada. Tinha chorado ao sair do prédio, nas

duas ocasiões, e

parecia-lhe agora que ainda se lembrava da sensação ácida do deslizar de cada lágrima pelo

seu rosto. Isso e também o jeito como as pessoas na rua olharam para ela. Com expressões

indiferentes nos olhos — somente um laivo de surda curiosidade.

Queria jamais ter tornado a pensar naquela época ou no escuro corredor do segundo andar,

mas tudo lhe voltava agora — tão nitidamente que Polly chegava a sentir novamente o cheiro

da cera, chegava a ver a luz leitosa que se refletia da janela larga, chegava a ouvir o som

distante e ritmado de velhas máquinas de escrever manuais, atravessando mais um dia a roer as

entranhas da burocracia.

O que estariam querendo? Deus do céu, o que será que aquela gente do 666 Geary poderia

ainda querer com ela, depois de tanto tempo?

Rasgue isso! uma voz interior quase gritou, e a ordem foi de tal modo imperiosa que ela

esteve a ponto de obedecer cegamente. Ao invés, rasgou a beira do envelope. Havia dentro

uma única folha de papel. Era uma cópia xerox. E, embora o envelope estivesse endereçado a

ela, Polly notou com espanto que a carta estava endereçada ao xerife Alan Pangborn e não a

ela.

Seus olhos desceram para a margem inferior do papel. O nome datilografado sob a

assinatura de garranchos dizia John L. Perlmutter, e esse nome lhe soou muito vagamente

familiar. Seus olhos desceram mais um pouco e, bem ao pé do papel, ela notou a marca “cc:

Patrícia Chalmers”. Ora, era uma xerox, não de uma cópia carbono, mas, ainda assim,

esclarecia o aspecto intrigante de que se tratava de uma carta dirigida a Alan (e dissipava a

primeira idéia confusa de que lhe tinha sido remetida por engano). Mas, o que, em nome de

Deus...

Polly sentou-se no banco Shaker do vestíbulo e pôs-se a ler a carta. Ao fazê-lo, uma

notável série de emoções refletiu-se em sua fisionomia, como formações de nuvens em dia

instável de muito vento: confusão, compreensão, vergonha, horror, raiva, e, finalmente, fúria.

Gritou uma vez:

— *Não!*

E voltou à leitura forçando-se a ler a carta novamente, lentamente, da primeira à última

palavra.

Departamento de Proteção ao Menor

666 - Geary Street

San Francisco, Califórnia, 94112

23 de setembro, 1991

Xerife Alan J. Pangborn

Delegacia de Polícia do Município de Castle Rock

2° Edifício Municipal - Castle Rock, Maine, 04055

Prezado xerife Pangborn,

Acuso o recebimento de sua carta de lº de setembro, e em resposta gostaria de informá-lo

de que não tenho condições de auxiliá-lo quanto ao assunto. A política deste departamento é

fornecer informações aos candidatos de Auxílio ao Menor Dependente apenas quando a isto

somos forçados por uma notificação judicial válida. Sua correspondência foi entregue ao dr.

Martin D. Chung, chefe do Departamento Jurídico, que me instruiu a escrever-lhe informando

que uma cópia de sua carta foi entregue à Procuradoria Geral do Estado da Califórnia. O sr.

Chung solicitou um parecer quanto à legalidade do pedido feito por V. Sa. Independente do

resultado do parecer, é meu dever dizer-lhe que julgo sua curiosidade sobre a vida da pessoa

em apreço em San Francisco ao mesmo tempo inadequada e insultante.

Sugiro, xerife Pangborn, que deixe o assunto cair no esquecimento antes que precise

enfrentar problemas de ordem jurídica.

Atenciosamente,

John L. Perlmutter Diretor Substituto

Cc: Patricia Chalmers

Depois de ler esta carta terrível pela quarta vez, Polly levantou-se do banco e foi para a

cozinha. Seu andar era lento e gracioso, com gestos fluidos de quem está nadando e não

caminhando. A expressão de seu olhar era, a princípio, confusa e abstrata, mas no momento

em que pegou o fone no aparelho de parede e pressionou o número da delegacia nas teclas

tamanho-gigante, não havia engano. A luz que iluminava seus olhos era simples e inequívoca:

uma raiva tão profunda que beirava as raias do ódio.

Seu namorado andava metendo o bedelho em seu passado — achava a idéia Inacreditável,

e, simultaneamente, estranha e horrivelmente plausível. Se dera ao trabalho de estabelecer

longas comparações entre si mesma e Alan Pangborn durante os últimos cinco ou seis meses, o

que significava que vinha se acostumando a chegar em segundo lugar. As lágrimas dele contra

sua fingida calma, que escondia tanta vergonha e sofrimento e secreto orgulho desafiador. A

honestidade dele contra sua lista de mentirinhas. E como ele lhe parecera tão santo! Tão

esmagadoramente perfeito! Que enorme hipocrisia a sua própria insistência de que ele deixasse

o passado para trás!

E, o tempo todo, ele estava se metendo onde não era chamado, tentando descobrir a

verdadeira história de Kelton Chalmers.

— Seu filho-da-mãe — ela murmurou, e quando a campainha do telefone começou a tocar,

os nós dos dedos que seguravam o fone já estavam brancos, tal a pressão.

14

Lester Pratt, em geral, saía do Colégio de Castle Rock na companhia de vários amigos: iam

todos para o Mercado Hemphill tomar refrigerantes e, em seguida, iam juntos para a casa ou

apartamento de algum deles, onde passavam cerca de duas horas cantando hinos, distraindo-se

com jogos ou simplesmente jogando conversa fora. Nesse dia, entretanto, Lester saiu,

carregando a mochila às costas (ele fazia pouco caso da tradicional pasta de professor),

sozinho e cabisbaixo. Se Alan estivesse presente para observar o modo lento como Lester

atravessava o gramado, na direção do estacionamento dos professores, teria notado a enorme

semelhança entre a atitude do rapaz e a de Brian Rusk.

Três vezes, naquele dia, Lester tentara entrar em contato com Sally, a fim de descobrir o

que, puxa vida, a deixara tão danada da vida. A última vez fora no intervalo do quinto período.

Sabia que ela se encontrava na Escola Primária, mas o máximo que conseguiu foi falar com

Mona Lawless, que ensinava matemática para a 6ª e a 7ª séries e era amiga de Sally.

— Ela não pode atender agora — Mona informou, tão calorosa como um *freezer* repleto de

picolés.

— Por que não? — ele perguntara, quase gemendo.—Vamos, Mona — desembuche!

— Não sei — a expressão de Mona progredira de picolés no *freezer* para o equivalente

verbal de nitrogênio líquido. — Tudo o que sei é que ela está na casa de Irene Lutjens, parece

que passou a noite inteira chorando, e diz que não quer falar com você.

— E é tudo culpa sua, *dizia o tom gelado de Mona.* Sei disso porque você é homem e todos

os homens são titica de cachorro — e você é o exemplo específico que ilustra a regra geral.

— Mas eu não tenho a mínima idéia do que está acontecendo! — Lester gritou.

— Pode,

pelo menos, dizer isto a ela? Dizer-lhe que não sei por que ela está tão zangada comigo! Dizer-

lhe que seja o que for, tem que ser um mal-entendido, *pois não estou entendendo nada!*

Fez-se um longo silêncio. Quando Mona falou novamente, sua voz estava ligeiramente

aquecida. Não muito, mas bem melhor do que nitrogênio líquido:

— Está bem, Lester. Direi a ela.

E, agora, ele ergueu a cabeça, na esperança de ver Sally sentada no assento do carona do

Mustang, pronta para beijá-lo e fazer as pazes. Mas, o carro estava vazio. A única pessoa nas

redondezas era o miolo-mole do Slopey Dodd, zanzando no seu *skate.*

Steve Edwards aproximou-se por trás e apertou seu ombro.

— Les, amigão! Quer vir até minha casa para uma Coca-Cola? Uma porção dos rapazes

prometeu passar por lá. Temos que discutir aquela sórdida história dos católicos. E não se

esqueça da reunião geral na igreja hoje à noite, e seria ótimo se nós da Juventude Cristã

apresentássemos uma frente unida quando chegasse a hora de se decidir o que fazer. Falei com

Don Hemphill a respeito, e ele disse que está tudo bem, ótimo, vá em frente. — Fitou Lester

como se esperasse receber um tapinha no ombro.

— Esta tarde não posso, Steve. Fica para outra vez.

— Hei — Les, será que não entendeu? Talvez não haja uma *próxima vez.* Os meninos do

papa não está brincando desta vez!

— Não posso ir — Les disse. E, se você for esperto, sua expressão dizia, vai parar de me

aborrecer.

— Bem, mas... mas, por que não?

Porque tenho que descobrir o que foi que deixou minha garota tão zangada, Lester pensou.

E *vou* descobrir, mesmo que tenha que arrancar a saca-rolhas.

Em voz alta, ele disse:

— Tenho que fazer um trabalho, Steve. Trabalho importante. Acredite.

— Se é a Sally, Les —

Os olhos de Lester faiscaram ameaçadores.

— Não toque no nome de Sally.

Steve, um rapaz inofensivo que se deixara empolgar pela discussão sobre a Noite de

Cassino, ainda não pegara fogo a ponto de ultrapassar a linha tão distintamente marcada por

Lester Pratt. Por outro lado, ainda não estava pronto para desistir. Sem Lester Pratt, a reunião

da Juventude Cristã era uma piada, não importando quantos do grupo marcassem presença.

Dando um tom mais tranqüilo à voz, ele disse:

— Sabe aquele cartão anônimo que Bill recebeu?

— Sei — Lester respondeu. O reverendo Rose encontrara-o no chão do corredor central da

casa paroquial: o já famoso cartão “Monturo dos Batistas". O pastor convocara apressadamente

uma reunião da Juventude Cristã — para Homens Somente, na qual exibira a nota, porque, ele

explicara, era impossível acreditar a menos que a vissem com seus próprios olhos. Era difícil

acreditar, o reverendo Rose acrescentara, a que profundezas os católicos conseguiam descer

para-uhm sufocar a justa oposição à sua noite de jogatina inspirada por Satã. Talvez, à vista

daquela vil sujeira, eles próprios viriam a compreender o que teriam que enfrentar.

— Pois não dizemos que-uhm... um homem prevenido vale por dois? — o reverendo

terminara em tons grandiloqüentes. Mostrou, então, o cartão (que estava dentro de um

envelope plástico, como se aqueles que fossem pegá-lo precisassem se proteger de alguma

forma de infecção) que passou de mão em mão.

— Ao ler o cartão, Lester mostrara-se mais que pronto a bater o badalo de alguns sinos

católicos, mas o caso todo parecia-lhe agora remoto e infantil. Quem se

importava realmente,

se os católicos jogavam ou não a dinheiro e distribuíam alguns pneus novos e

eletrodomésticos? Se tivesse que escolher entre os católicos e Sally Ratcliffe, Lester sabia

muito bem quem seria o objeto de suas preocupações.

...uma reunião para tentarmos definir o próximo passo! — Steve continuava. Tornava-se

novamente incensado. — Temos que tomar a iniciativa, Les... temos *mesmo!* O reverendo Bill

diz que esses homens que se intitulam Os Católicos Preocupados podem passar das palavras

aos atos. O próximo passo deles pode ser—

— Olhe aqui, Steve, faça o que dizer, *mas me deixe fora disso!*

Steve interrompeu-se e fitou-o, obviamente chocado e também obviamente esperando que

Lester, em geral de índole extremamente dócil, voltasse a si e pedisse desculpas. Ao dar-se

conta de que não receberia qualquer desculpa, voltou sobre seus passos na direção do colégio,

afastando-se de Lester.

— Cara, que humor desgraçado o seu!

— Exatamente! — Lester gritou em resposta, truculentamente, colocando os punhos

fechados nos quadris.

Lester, porém, estava mais do que apenas zangado: estava magoado, droga, e a

dor

espalhava-se pelo corpo todo, e o que doía mais era sua *mente*, e sua vontade era agredir

alguém. Não o coitado do Steve Edwards — foi só que ao deixar-se enfurecer por Steve, algo

se acendera em seu íntimo. E o que se acendera, tinha enviado ondas elétricas a uma série de

pontos mentais normalmente escuros e silenciosos. Pela primeira vez, desde que se apaixonara

por Sally Ratcliffe, Lester — geralmente o mais plácido dos mortais — sentia-se também

zangado com ela. Que direito tinha ela de mandá-lo para o inferno? Que direito tinha ela de

xingá-lo de filho-da-mãe?

Ela estava com raiva de alguma coisa, não estava? Muito bem, ela estava com raiva.

Talvez, até, ele lhe tivesse dado algum motivo para estar com raiva. Não fazia a menor idéia de

qual seria esse motivo, mas digamos (apenas para argumentar) que tivesse dado esse motivo.

Isso daria a Sally o direito de perder as estribeiras sem sequer lhe fazer o obséquio de, antes,

pedir-lhe explicações? Isso daria a ela o direito de ir para a casa de Irene Lutjens de modo que

ele não pudesse ir atrás dela, ou de recusar-se a atender seus telefonemas, ou usar Mona

Lawless como intermediária?

Hei de encontrá-la, Lester pensou, e hei de descobrir o que a atormenta. Então, depois que

ela botar tudo pata fora, faremos as pazes. E, depois que fizermos as pazes, vou fazer para ela o

mesmo discurso que faço para os calouros quando começam os treinos de basquetebol — que a

confiança mútua é a base do trabalho de equipe.

Tirou a mochila, jogando-a no banco traseiro, e entrou no carro. No ato, viu um objeto que

surgia sob o banco do carona. Um objeto preto. Parecia ser uma carteira.

Lester apanhou-a rapidamente, pensando a princípio que deveria pertencer a Sally. Caso

tivesse perdido a carteira no decorrer do longo fim-de-semana, estaria, a esta altura, dando por

falta dela. Estaria angustiada. E, se ele pudesse aliviar a angústia de Sally com relação à

carteira perdida, talvez o resto da conversa entre ambos se tornasse um pouco mais fácil.

Mas, a carteira não era de Sally — foi o que percebeu assim que examinou um pouco mais

de perto o objeto cuja ponta aparecia sob o assento do carona. Era de couro preto. A de Sally

era de pelica azul e muito menor.

Curioso, abriu a carteira. A primeira coisa que viu, atingiu-o como um soco no plexo solar.

Era o distintivo policial de John LaPointe.

Mas o que, em nome dos céus, John La Pointe fazia em *seu* carro?

Sally ficara com o carro durante todo o fim-de-semana, sussurrou sua mente. Portanto, que

diabos *você* acha que ele estava fazendo em seu carro?

— Não — ele replicou. — De jeito nenhum. Ela não faria isso. Ela não estaria com de, de

jeito nenhum, nem no inferno.

Mas, o fato era que ela o vira. Ela e o policial John LaPointe tinham sido namorados por

mais de um ano, apesar do antagonismo entre os batistas e os católicos de Castle Rock. Tinham

desmanchado antes do falatório todo sobre a Noite no Cassino, mas —

Lester tornou a sair do carro e folheou as divisões da carteira. Sua incredulidade aumentou.

Lá estava a carteira de motorista de La Pointe — e, na fotografia, ele ainda estava com o

bigode que cultivara durante seu tempo de namoro com Sally. Lester sabia o nome que alguns

homens davam a esse tipo de bigode: espanador de boceta. A licença de pesca de John

LaPointe. Uma fotografia dos pais de John LaPointe. A licença de caça. E aqui... *aqui...*

Lester olhou fixamente a fotografia que acabava de encontrar. Um instantâneo de John e

Sally. Um cara e sua namorada. De pé na frente do que parecia ser uma galeria

de tiro ao alvo

de algum parque de diversões. Fitavam-se sorridentes. Sally segurava um enorme urso de

pelúcia. Provavelmente, LaPointe acabara de ganhá-lo e dera-o de presente para ela.

Lester examinou a fotografia. Uma veia surgira, bastante grossa, no centro de sua testa, e

latejava.

Do que é que ela o xingara? De filho-da-mãe mentiroso?

— Ora, vejam só quem fala — Lester Pratt murmurou.

E a fúria começou a tomar conta dele. Tudo aconteceu muito depressa. E quando alguém

tocou-lhe o ombro, ele virou-se rapidamente, deixando cair a carteira e fechando os punhos. E

chegou muito perto de, com um soco, mandar o gaguinho e Inofensivo Slopey Dodd aterrissar

na lua.

— P p professor P-p-p-pratt? — Slopey indagou. Seus olhos estavam grandes e redondos,

mas não parecia assustado. Curioso, mas não assustado.— O-o-o s-s-s-enhor está b-b-b-em?

— Estou multo bem — Lester respondeu com voz pastosa. — Vá para casa, Slopey. Você

não devia estar com o seu *skate* no estacionamento dos professores.

Abaixou-se para apanhar a carteira, mas Slopey estava meio metro mais perto do solo e foi

mais rápido. Olhou curioso para a fotografia da carteira de motorista de John LaPointe antes de

devolver a carteira ao instrutor Pratt.

Ééé — Slopey comentou. — É o m-m-m-esmo c-c-c-ara, s-s-sim.

Pulou para o *skate* e preparou-se para ir embora. Lester agarrou-o pelo colarinho antes que

conseguisse afastar-se. Os pés de Slopey saíram do *skate* que deslizou por sua própria conta,

bateu contra um calombo e tombou. A camiseta AC/DC de Slopey — AQUELES QUE VÃO

DANÇAR O ROCK — NÓS VOS SAUDAMOS, dizia, rasgou-se na nuca, e Slopey nem se

importou; nem sequer pareceu surpreso com os atos de Lester, e muito menos assustado. Lester

não notou. Lester ultrapassara o limite de perceber nuances. Era um desses homens,

grandalhões e plácidos, que sob esse manto de placidez escondem um humor tempestuoso, um

vulcão emocional adormecido. Alguns desses homens vão pela vida toda sem que jamais

descubram esse maligno olho da tempestade. Lester, contudo, descobriu o seu (ou melhor,

descobriram para ele) e estava naquele momento completamente enredado em suas malhas.

Agarrado a um farrapo da camisa de Slopey num punho que mais parecia um presunto

Sadia, curvou o rosto suarento até quase tocar o de Slopey. A veia no centro de sua testa

latejava mais do que nunca.

— O que quer dizer com isso? “É o mesmo cara, sim”?

— É-é-é o m-m-m-esmo c-c-cara q-q-ue v-v-eio buscar a-a-a srta. Ratcliffe d-d-d-epois da

a-a-aula.

— Ele veio buscá-la *depois da aula?* — Lester perguntou com voz rouca. Sacudiu Slopey,

com força suficiente para fazê-lo rilhar todos os dentes. — Tem certeza do que está dizendo?

— Sim — Slopey respondeu. — Eles f-f-foram embora no s-s-seu carro, prof. P-p-p-ratt. O

c-c-cara dirigiu.

— *Dirigiu? Ele dirigiu o meu carro?* John LaPointe dirigiu o meu carro com Sally dentro

dele?

— B-b-b-em, es-s-s-e cara — Slopey disse, apontando para a fotografia. — M-m-m-as,

antes de s-s-subirem no c-c-c-arro, ele d-d-d-eu um b-b-beijo nela.

— *É mesmo?* — Lester disse. Seu rosto estava imóvel. — É mesmo?

— Oh, s-s-s-sim — Slopey disse. Um sorriso largo (e bastante malicioso) iluminou seu

rosto.

Num tom de voz suave, sedoso, completamente diferente da sua voz normal de

“vamos em

frente que atrás vem gente”, Lester perguntou:

— E ela correspondeu? O que você acha, Slopey?

Slopey revirou os olhos, feliz da vida.

— L-l-l-ógico que s-s-s-im. F-f-foi um b-b-beijo de des-em-en-entupidor de pia.

— Desentupidor de pia — Lester repetiu, naquele seu novo tom de voz, suave e sedoso.

— É.

— Desentupidor de pia, *mesmo* — Lester maravilhou-se, naquele seu novo tom de voz,

suave e sedoso.

— S-s-sim, s-s-senhor.

Lester largou Slopester (como seus poucos amigos o chamavam) e endireitou-se. A

pulsação da veia no centro da testa começava a se acalmar. Um sorriso aflorou. Um sorriso

desagradável, deixando à mostra o que parecia ser uma quantidade muito maior do que um

homem normal teria de dentes brancos e quadrados. Os olhos azuis transformaram-se em

triângulos apertados. O cabelo à escovinha arrepiou-se em todas as direções.

— P-p-p-rof. P-p-p-ratt? — Slopey perguntou. — A-a-alguma coisa er-r-r-ada?

— Não — Lester Pratt respondeu em seu novo tom de voz, suave e sedoso. Seu sorriso não

tremeu. — Nada que eu não possa endireitar.

Mentalmente, suas mãos já apertavam o pescoço daquele papista mentiroso, que ganhava

ursinhos, roubava garotas, comia merda, o tal francês bicha John LaPointe. O bundão que

achava que era homem. O bundão que aparentemente ensinara à garota que Lester amava —

aquela mesma garota que mal entreabria os lábios quando Lester a beijava — como beijar feito

desentupidor de pia.

Primeiro, se entenderia com John LaPointe. Nenhum problema. Quando tivesse terminado,

teria uma conversinha com Sally.

Ou algo assim.

— Nada que eu não possa endireitar — repetiu no mesmo tom de voz suave e sedoso, e

deslizou para o banco da frente do Mustang. O carro inclinou-se substancialmente para a

esquerda, quando os 110kg de puro músculo e sangue de Lester arriaram-se no assento do

motorista. Ligou o motor, tirou alguns roncos ásperos e furiosos da máquina, e partiu, fritando

os pneus. O Slopester, tossindo e abanando a poeira com gestos teatrais, foi para o lugar onde

seu *skate* tinha caído.

O colarinho da camiseta estava destroçado, deixando o que parecia ser um colar

negro ao

redor das clavículas ossudas do menino. Sorria. Tinha feito exatamente o que o sr. Gaunt tinha

mandado, e tudo saíra às mil maravilhas. O professor Pratt parecia mais desorientado que um

peru na roda.

E, agora, ele podia ir para casa e apreciar o seu bule de chá.

—E-e-eu só q-q-queria parar de g-g-gaguej-j-jar — ele comentou com o mundo em geral.

Slopey montou no *skate* e foi embora.

15

Sheila teve muita dificuldade em conectar Alan com Henry Payton — tinha certeza de que

perdera Henry uma vez, e ele parecia excitado, e teria que contatá-lo novamente *e* mal

realizara esse extraordinário feito tecnológico, quando a luz da linha pessoal de Alan acendeu-

se. Sheila largou o cigarro que estava a pique de acender e respondeu.

— Delegacia de Castle Rock. Linha do xerife Pangborn.

— Alô, Sheila. Quero falar com Alan.

— Polly? — Sheila franziu as sobrancelhas. Tinha certeza de que era quem era, mas nunca

ouvira Polly falar exatamente naquele tom de voz — frio e positivo, como a Voz da secretária

executiva de uma grande empresa. — É você?

— Sim — Polly redargüiu. — Quero falar com Alan.

— Ih, Polly, não dá. Neste momento, ele está falando com Henry Payton.

— Não tem importância — Polly disse. — Eu aguardo na linha.

Sheila começou a ficar atrapalhada.

— Bem... é que... puxa, a situação é um pouco mais complicada. Alan... veja você... está

em diligência e... foi preciso conectar o Henry.

— Se você conectou o Henry, você também pode me conectar — Polly disse com frieza.

— Certo?

— Sim, mas... não sei quanto tempo eles —

— Não me interessa que eles falem até que o mar vire deserto — Polly disse. — Fico

aguardando na linha, e quando eles terminarem, por favor faça a conexão da minha linha para

Alan. Eu não lhe pediria isto se não fosse importante — você sabe disso, não sabe, Sheila?

— Sim — Sheila sabia. E sabia mais alguma coisa. Polly começava a deixá-la assustada.

— Polly, você está bem?

Fez-se um longo silêncio. Depois, Polly respondeu com outra pergunta.

— Sheila, você datilografou algum tipo de correspondência para o xerife Pangborn,

endereçada ao Departamento de Proteção do Menor em San Francisco? Ou viu algum envelope

endereçado a eles, saindo aí da delegacia?

— Luzes vermelhas — uma série delas — piscaram na cabeça de Sheila. Ela chegava

quase a idolatrar Alan Pangborn, e Polly Chalmers fazia agora uma acusação contra ele. Não

sabia bem de que se tratava, mas farejava de longe um tom acusatório, pois o conhecia muito

bem.

— Não posso dar esse tipo de informação a ninguém — Sheila disse, e a temperatura de

sua voz baixou uns 20 graus .— *É* melhor que você pergunte ao xerife, Polly.

— Tem razão... acho que é melhor. Deixe-me aguardando na linha e faça a conexão

quando for possível, por favor.

— Polly, o que há? Está zangada com Alan? Porque, se está, deveria saber que ele nunca

faria —

— Já não sei de nada a respeito de ninguém — Polly respondeu. — Se lhe fiz uma

pergunta indiscreta, sinto muito. Agora, por favor, quer me deixar esperando na linha e

completar a ligação logo que possível, ou será que vou precisar sair por aí procurando por ele?

— Não, eu completo a ligação — Sheila disse. Seu coração ficou estranhamente

perturbado, como se algo de terrível tivesse acontecido. Ela, como muitas das mulheres em

Castle Rock, achavam que Alan e Polly estavam muito apaixonados, e, como muitas das

mulheres de Castle Rock, via-os como personagens de um conto de fadas em cores bastante

fortes no qual tudo dava certo no fim, e o amor triunfava. No entanto, neste momento havia

raiva na voz de Polly, e mais que isso: havia dor, e mais alguma coisa. Aos ouvidos de Sheila,

essa alguma coisa chegava quase a parecer ódio.

— Vou deixá-la aguardando, agora, Polly. Pode demorar um pouco.

— Está ótimo. Obrigada, Sheila.

— De nada. — Apertou o botão adequado e procurou o cigarro. Acendeu-o e tragou fundo,

olhando de cenho franzido para a luzinha que piscava.

16

— Alan? — Henry Payton perguntou. — Alan? Você está ouvindo? — Parecia um locutor

de rádio, irradiando do lado de dentro de uma caixa grande de Saltines.

— Alto e claro, Henry.

— Recebi uma ligação do FBI há uma meia hora — Henry disse de dentro de sua caixa de

bolachas. — Tivemos uma sorte danada com aquelas impressões digitais.

O batimento cardíaco de Alan acelerou-se.

— Aquelas na maçaneta da porta de Nettie Cobb? Aquelas impressões parciais?

— Certo. Parece que, a princípio, ela bate com as de um cara bem aí na sua cidade. Com

antecedentes criminais — furto simples em 1977. Também temos as digitais dele do tempo do

exército.

— Não me deixe neste suspense. Quem é o cara?

— O nome do elemento é Hugh Albert Priest.

— Hugh Priest! — Alan exclamou. Não teria ficado mais surpreso se Payton tivesse dito o

nome de J. Danforth Quayle. Pelo que Alan sabia, nenhum dos dois sequer conhecia Nettie

Cobb. — Mas, por que Hugh mataria o cãozinho de Nettie? Ou quebraria as vidraças de Wilma

Jerzyck?

— Não conheço o cavalheiro em questão, portanto não sei dizer — Henry redargüiu. —

Por que não tenta encontrá-lo e pergunta você mesmo? De fato, por que não o luz agora

mesmo antes que ele tique nervoso e resolva ir visitar os parentes que tem em Dry Hump,

Dakota do Sul?

— Ótima idéia — Alan disse. — Falo com você depois, Henry.

— Mantenha-me informado, companheiro. Este caso supostamente é meu, você sabe.

— Sim. Falo com você depois.

Houve um *clique* metálico quando a ligação terminou, e então o rádio de Alan começou a

transmitir o zumbido de linha telefônica aberta. Alan chegou a perguntar se o que Nynex e a

AT&T achariam dos jogos que estavam jogando, e em seguida curvou-se para apanhar o

microfone. Ao fazê-lo, o zumbido de linha foi interrompido pela voz de Sheila Brigham —

uma voz inusitadamente hesitante.

— Xerife, estou com Polly Chalmers na linha. Ela pediu para eu passar a ligação assim que

você estivesse livre. Câmbio.

Alan piscou.

— Polly? — E subitamente teve medo, como quando o telefone toca às 3:00h da

madrugada. Polly jamais tinha recorrido a esse meio antes, e se lhe tivessem perguntado Alan

teria respondido que ela jamais o faria — tanto mais que iria contra o conceito dela de boas

maneiras, e, para Polly, boas maneiras eram um ponto muito importante. — De que se trata,

Sheila... ela disse alguma coisa? Câmbio.

— Não, xerife. Câmbio.

Não. Claro que não. Já sabia disso também. Polly não divulgaria o assunto. O fato de ter

perguntado, dava uma boa idéia da surpresa que Alan sentia.

— Xerife?

— Complete a ligação, Sheila. Câmbio.

— Câmbio, xerife.

Clique!

Ele ficou de pé ao sol, o coração batendo forte demais, depressa demais. Não estava

gostando.

O som do *clique* soou novamente, e em seguida a voz de Sheila — distante, quase perdida.

— Pode falar, Polly. Já completei a ligação.

— Alan? A voz soou tão alto que ele se encolheu. A voz de um gigante... um gigante

furioso. Ficou sabendo pelo menos isso — uma só palavra fora suficiente.

— Estou aqui, Polly. O que é?

Durante um momento fez-se apenas silêncio. Em algum ponto, no âmago do aparelho,

havia um remoto zunzum de outras vozes em outros telefonemas. Ele teve tempo de indagar-se

se a ligação teria sido interrompida... tempo de chegar quase a desejar que tivesse.

— Alan, eu sei que esta linha é aberta... — ela disse. — Mas você saberá do que estou

falando. Como pôde? *Como pôde?*

— Havia algo de familiar na conversa. Algo.

— Polly, não estou entendendo —

— Ah, sim, está, sim — ela respondeu. A voz se tornava mais pastosa, mais difícil de

entender, e Alan entendeu que ou ela estava chorando, ou logo estaria.

— É horrível descobrir que a gente não conhece uma pessoa como pensava que conhecia.

É horrível descobrir que o rosto que a gente julgava amar não passava de uma máscara.

Algo familiar, sim, que ele agora conseguia identificar. Isto era como os pesadelos que o

perseguiram após a morte de Annie e Todd, os pesadelos nos quais ele estava parado na beira

da estrada e via os dois passarem no Scout. Iam ao encontro da morte. Ele sabia disso mas

nada podia fazer para impedir. Tentava acenar com os braços, mas estes estavam pesados

demais. Tentava gritar, mas não conseguia lembrar-se o que fazer para abrir a boca. Os dois

passavam por ele, como se fosse invisível, e era isto o que estava acontecendo - como se, de

algum modo estranho, tivesse ficado invisível para Polly.

— Annie... — Horrorizado, viu que pronunciara o nome errado e corrigiu-se. — *Polly.* Não

sei do que está falando, Polly, mas —

— *Você sabe, sim!* — ela gritou subitamente. — Não diga que não sabe, quando você sabe

que sabe! Por que não esperou até que eu lhe contasse, Alan? E, se não era capaz de esperar,

por que *não me perguntou?* Por que fazer isto sem que eu soubesse? *Como pôde fazer isso sem*

me contar?

Ele fechou os olhos bem apertados, no esforço de alcançar seus pensamentos tumultuados e

confusos, mas não conseguiu. Ao invés, surgiu-lhe na mente um quadro horroroso: Mike

Horton, do *Joumal-Register* de Norway, curvado sobre o rastreador Bearcat, tomando notas

apressadas naquela taquigrafia minúscula.

— Não sei o que você pensa que eu fiz, mas entendeu tudo errado. Vamos nos encontrar,

conversar —

— Não Alan. Creio que não estou em condições de vê-lo neste momento.

— Está, sim. Claro que está. E vai me ver. Estarei —

E, de repente, lembrou-se da voz de Henry Payton. Por que não o faz agora mesmo, antes

que ele fique nervoso e resolva visitar os parentes que tem em Dry Hump, Dakota do Sul.

— Estará o quê? — ela perguntou. - Estará o quê?

— Acabei de me lembrar de uma coisa — Alan respondeu lentamente.

— Ah, é? Será que não foi uma carta que você escreveu no princípio de setembro, Alan?

Uma carta para San Francisco?

— Não faço idéia do que está falando, Polly. Não posso ir até aí agora porque surgiram

novidades... naquele outro assunto. Mais tarde, porém —

Ela falou com a voz entrecortada por soluços que deveriam ter tomado incompreensível o

que dizia, o que não se deu.

— Será que não entende, Alan? Não vai haver um "mais tarde", nunca mais. Você —

— *Polly*, por favor —

— Não! Deixe-me em paz! Deixe-me em paz, seu bisbilhoteiro, intrometido filho-da-mãe!

— Clique!

E, de repente, Alan estava ouvindo aquele zumbido de linha aberta novamente. Olhou à

volta, no cruzamento da Rua Principal com a do Colégio, como um homem desorientado que

não tem noção de onde se encontra, nem sabe corpo foi parar ali. Seu olhar trazia aquela

expressão distante e confusa vista com freqüência nos olhos tios pugilistas segundos antes de

dobrarem seus joelhos e se esborracharem na lona para um longo período de hibernação.

Como tudo isto fora acontecer? Como acontecera tão *de repente?*

Não fazia a menor idéia. Parecia que a cidade inteira tinha ficado um pouco maluca nesta

última semana, mais ou menos... e, agora, Polly se deixara contagiar.

Clique!

— Uhm... xerife? — Era Sheila, e pelo seu tom de voz hesitante e abafado, Alan entendeu

que ela estivera de antena ligada pelo menos durante parte de seu diálogo com Polly.

— Alan? está me ouvindo? Responda?

Ele sentiu um impulso repentino, surpreendentemente violento, de arrancar o microfone do

gancho e lançá-lo longe no meio dos arbustos, além da calçada. E depois ir embora. Para

qualquer lugar. Limpar todos os pensamentos da cabeça, e simplesmente dirigir para o sol.

Em vez disso, juntou todas as suas forças e forçou-se a pensar em Hugh Priest. Era isso que

precisava fazer, porque começava a parecer que talvez Hugh fosse o responsável pela morte

das duas mulheres. Neste momento, tinha que se preocupar com Hugh, não com Polly... e

descobriu uma grande sensação de alívio escondida nesse pensamento.

Apertou o botão que dizia TRANSMISSÃO.

— Diga, Sheila. Câmbio.

Alan, acho que a linha com Polly caiu. Eu... hum-hum... eu não queria ouvir, mas —

— Está tudo bem, Sheila. Já tínhamos acabado. — (Havia uma terrível conotação nessas

palavras, mas recusava-se a pensar nisso agora.) — Quem está aí com você, agora? Câmbio.

— John está tentando pôr-se em dia — Sheila disse, obviamente aliviada com o rumo da

conversa. — Clut está na patrulha. Perto da Vista do Castelo, segundo sua última

comunicação.

— OK. O rosto de Polly, rubro de raiva mal contida, tentou subir à superfície de sua mente.

Ele tirou a idéia da cabeça e concentrou-se novamente em Hugh Priest. Contudo, durante um

pavoroso momento não conseguiu ver rosto algum — fizera-se um imenso vazio.

— Alan? Está me ouvindo? Câmbio.

— Sim. Estou, sim. Chame Clut e diga-lhe para ir até a casa de Hugh Priest quase no fim

da Estrada do Morro do Castelo. Ele sabe onde fica. Creio que Hugh está no trabalho, neste

momento, mas se por acaso tiver tirado o dia de folga, quero que Clut o apanhe e traga-o até a

delegacia para interrogatório. Câmbio?

— Câmbio, Alan.

— Diga a Clut para usar de extrema cautela. Diga-lhe que quero interrogar Hugh a respeito

das mortes de Nettie Cobb e Wilma Jerzyck. Ele talvez preencha os claros da história. Câmbio.

— Oh — Sheila parecia empolgada e alarmada ao mesmo tempo. — Câmbio, xerife.

Estou a caminho da garagem municipal. Creio que encontrarei Hugh lá. Câmbio final e

desligo.

Ao pendurar o microfone (depois do que lhe parecia mais de quatro anos), ele pensou: Se

tivesse contado a Polly o que acabara de dizer a Sheila, essa batata quente que você tem nas

mãos talvez não queimasse tanto.

Ou, talvez não — como poderia dizer isso se não sabia de que se tratava? Polly o acusara

de bisbilhotar... de se intrometer. Esses dois verbos cobriam uma área muito extensa, que não

era mapeada. Além disso, havia alguma outra coisa. Dizer ao oficial do Expediente que

transmitisse uma instrução de busca de suspeito fazia parte do trabalho. Assim como

assegurar-se de que os policiais em diligência soubessem que o elemento poderia ser perigoso.

Dar a mesma informação à namorada através de uma ligação rádio/telefone era uma outra

história, completamente diferente. Agira certo e sabia disso.

O que, entretanto, não aquietava a dor em seu coração, e ele fez novo esforço a fim de

concentrar-se no trabalho que o esperava — encontrar Hugh Priest, trazê-lo até a delegacia,

arranjar-lhe o melhor advogado possível, se fosse desejo dele, e, em seguida,

perguntar-lhe por

que ele havia enterrado um saca-rolhas no Raider, o cão de Nettie.

Funcionou, mas por muito pouco tempo. Ao dar partida no motor da camioneta e afastar-se

do meio-fio, era o rosto de Polly — e não o de Hugh — que dominava sua mente.

CAPÍTULO DEZESSETE

1

MAIS OU MENOS À MESMA HORA em que Alan atravessava a cidade para ir à captura

de Hugh Priest, Henry Beaufort estava parado na entrada de carro de sua casa, fitando seu

Thunderbird. Numa das mãos, segurava a mensagem que encontrara presa ao limpa-vidros. Os

danos que o merdinha filho da puta tinha causado aos pneus eram bastante sérios, mas pneus

podiam ser substituídos. Era o arranhão ao longo da lateral direita do carro que tinha deixado

Henry puto dentro das calças.

Fitou a nota novamente e leu em voz alta: “Nunca mais deixe de me servir e depois guardar

as chaves do meu carro, seu *sapo* maldito!”

A quem tinha ele se recusado a servir ultimamente? Ora, uma porção de gente. A, noite em

que não tinha que recusar *alguém* era uma exceção. Mas, alguém a quem não serviu *e* cujas

chaves do carro guardou atrás do bar? Só um desses, ultimamente.

Só um.

— Seu veado nojento. — O proprietário e gerente do Tigre Manso murmurou em voz

branda e pensativa. — Seu estúpido, louco, veado nojento, filho da puta.

Pensou em entrar em casa novamente e apanhar seu rifle de caça grossa, e depois ponderou

melhor. O Tigre ficava logo ali adiante na mesma rua, e lá ele guardava uma caixa especial

embaixo do balcão. Dentro dessa caixa havia uma espingarda Winchester de cano duplo

serrado pela metade. Ficara lá guardada desde que aquele fodido do Ace Merrill tinha tentado

assaltar o bar há alguns anos. Tratava-se de arma altamente ilegal e Henry jamais fizera uso

dela.

Achou que talvez tivesse chegado a hora de usá-la.

Tocou de leve o arranhão feio que Hugh fizera na lateral do T-Bird, depois amassou a nota

e jogou-a fora. Billy Tupper já teria chegado ao Tigre a esta hora, e com certeza estaria

varrendo o chão e arrumando o lugar. Henry pegaria a espingarda, e pediria emprestado o

Pontiac de Billy. Parece que tinha que sair à caça de burros.

Henry chutou a mensagem amassada.

— Você se esqueceu de tomar seu “semancol", Hugh, mas esta foi a última vez, depois de

hoje, não vai mais precisar tomar nada — eu garanto. — Tocou o arranhão pela última vez. —

Merda, eu garanto!

Henry subiu a rua na direção do Tigre Manso, caminhando depressa.

2

No curso de destruição do quarto de George T. Nelson, Frank Jewett deparou com alguns

gramas de cocaína embaixo do colchão da cama de casal. Jogou na privada e deu descarga, e

ao vê-la descer na água, sentiu uma repentina dor de barriga. Começou a abrir a braguilha, e

em seguida voltou ao quarto. Frank começava a achar que estava completamente louco, mas

pouco lhe importava. Gente louca não precisava se preocupar com o futuro. O futuro, para os

loucos, não era prioridade.

Um dos poucos objetos no quarto de George T. Nelson que não tinha sido mexido era um

quadro na parede. Representava uma senhora idosa. Estava numa moldura dourada muito

valiosa, o que fez Frank pensar que se tratava da santa genitora de George T. Nelson. A dor de

barriga voltou. Frank tirou o quadro da parede, colocando-o no chão. Em seguida, desceu as

calças, agachou-se cuidadosamente bem em cima dele, e deixou a natureza tomar seu curso.

Foi o ponto culminante de um dia que tinha sido, até então, bem pouco promissor.

3

Lenny Partridge, o mais idoso habitante de Castle Rock, e que hoje detinha a Bengala do

Boston *Post* que já estivera em poder da tia Ewie Chalmers, também dirigia um dos carros

mais velhos da cidade. Era um Chevrolet Bel-Air 1966, que já tinha sido branco. Era agora de

uma cor genérica não definida — digamos que era cor-de-burro-quando-foge. O carro não

estava em muito boa forma. O vidro traseiro tinha sido substituído por um pedaço de plástico

esvoaçante há alguns anos, e a suspensão tinha se enferrujado a tal ponto que Lenny só

conseguia ver a rua através de um complicado emaranhado de ferrugem à proporção em que

avançava, e o cano de descarga ficava pendurado como o braço decomposto de um homem que

tivesse morrido num lugar de clima seco. Também, o carro queimava óleo escandalosamente.

Quando saía dirigindo o Bel-Air, deixava atrás de si nuvens espessas de fragrante fumaça azul,

e os campos pelos quais passava em suas idas diárias à cidade pareciam ficar borrifados de

paraquat por algum aviador maluco. O Chewy entornava três (e às vezes quatro) quartos de

galão de óleo por dia. Esse consumo desenfreado não causava o mínimo aborrecimento a

Lenny — ele comprava óleo de motor Diamond reciclado, de Sonny Jackett, em recipientes de

tamanho econômico de cinco galões, e conseguia fazer com que Sonny lhe desse um desconto

de 10%... o desconto de sua Idade de Ouro. E como, nos últimos dez anos, jamais dirigia o

Bel-Air a mais de 50km por hora, o carro, provavelmente, duraria mais do que o próprio

Lenny.

Enquanto do outro lado da Ponte das Latas, a quase 8km de distância, Henry começava a

caminhada para o Tigre Manso, Lenny Partridge vinha guiando o seu Bel-Air enferrujado pelo

topo da Vista do Castelo.

Havia um homem parado no meio da estrada, com os braços levantados num imperioso

gesto para que ele parasse. O homem estava de peito nu e descalço. Vestia apenas um par de

calças cáqui com a braguilha aberta e trazia, ao redor do pescoço, uma cauda de raposa roída

de traça.

O coração de Lenny deu uma cambalhota no peito magricela e ele baixou os dois pés,

calçados num par de tênis de cano alto que aos poucos iam se desintegrando, no pedal do freio.

O pedal baixou até quase o chão do carro com um gemido sobrenatural e o Bel-Air finalmente

parou a menos de 1m do homem parado no meio da estrada, que Lenny reconhecia agora como

sendo Hugh Priest. Hugh não esboçara sequer um movimento. Assim que o automóvel parou,

ele deu rapidamente a volta até onde Lenny estava sentado, com as mãos comprimindo a

camiseta, tentando recuperar o fôlego e perguntando-se se este seria o seu acidente vascular

cardíaco fatal.

— Hugh! — ele exclamou, sem ar. — Ora, que diabos está fazendo? Quase o atropelei! Eu

—

Hugh abriu a porta do lado de Lenny e curvou-se. A estola de pele ao redor de seu pescoço

ficou pendurada e Lenny encolheu-se para longe dela. Parecia uma cauda de

raposa meio

podre, com grandes espaços pelados no couro. Fedia.

Hugh agarrou-o pelas alças do macacão e puxou-o para fora do carro. Lenny soltou um

urro de pavor e de revolta.

— Desculpe, velhinho — Hugh disse numa voz de quem tem na mente problemas muito

mais sérios. — Preciso do seu carro. O meu não está funcionando bem.

— Você não pode —

Mas, muito definitivamente, Hugh podia. Jogou Lenny para a beira da estrada como se o

pobre ancião não passasse de uma trouxinha de trapos. Quando Lenny aterrissou, ouviu-se um

ruído nítido de galho seco se quebrando, e seus urros se transformaram em gritos baixos e

lamentosos de dor. Tinha fraturado a clavícula e duas costelas.

Ignorando-o completamente, Hugh ajeitou-se ao volante do Chevy, bateu a porta, e baixou

o pé no acelerador. O motor deixou escapar um grito de surpresa e um nevoeiro azul de fumaça

de óleo escapou do cano de descarga solto. Já descia o morro a mais de 80km por hora antes

mesmo que Lenny Partridge conseguisse sentar-se.

4

Andy Clutterbuck entrou na Estrada da Vista do Castelo às 3:35h da tarde.

Cruzou com o

velho queimador de óleo de Lenny Partridge que vinha em direção contrária e nem pensou

nele; sua mente se ocupava inteiramente de Hugh Priest, e o velho Bel-Air enferrujado não

passava de um detalhe na paisagem.

Clut não fazia a menor idéia do “como” ou do “porque” do envolvimento de Hugh Priest

nas mortes de Wilma e Nettie, mas estava tudo bem; Clut não passava de infantaria, e seu

dever era cumprir ordens. Os “comos” e “porquês” eram assunto de outras pessoas, e este era

exatamente um daqueles dias em que dava graças a Deus por isso. Ele *sabia* que Hugh não

passava de um alcoólatra desclassificado a quem a idade não amenizara. Um homem como

aquele era capaz de qualquer coisa... especialmente se estivesse bêbado.

De qualquer forma, provavelmente estaria no trabalho, Clut raciocinou, mas ao aproximar-

se do barraco ao qual Hugh dava o nome de casa, achou melhor, pelo sim pelo não, soltar a

alça do coldre. Um segundo depois, notou reflexos de sol em vidro e metal na entrada do

barraco e seus nervos se retesaram até começarem a zumbir como fios telefônicos num

vendaval. O *carro* de Hugh estava lá, e quando o carro de um homem está em

casa, geralmente

o próprio homem também está. Fato inegável da vida rural.

Ao sair de sua casa a pé, Hugh tinha dobrado à direita, afastando-se da cidade e indo na

direção da Vista do Castelo. Se Clut tivesse olhado para lá, teria visto Lenny Partridge com o

ombro são apoiado na estrada e rodopiando como peru na roda — mas não foi nessa direção

que Clut olhou. Toda a sua atenção se centrava na casa de Hugh. Os gritos de Lenny, agudos

como os de um passarinho, entravam por um ouvido, atravessavam todo o cérebro de Clut sem

levantar o mais leve sinal de alarme, e saíam pelo outro ouvido.

Clut empunhou a arma antes de sair da viatura.

5

William Tupper tinha apenas 19 anos e jamais seria um Prêmio Nobel, mas tinha

inteligência suficiente para ficar apavorado pelo comportamento de Henry ao entrar no Tigre,

às vinte para as quatro horas no último dia de existência verdadeira da cidadezinha de Castle

Rock. Tinha inteligência suficiente também para saber que não valia a pena negar-se a dar as

chaves do seu Pontiac para ele; no estado de espírito em que se encontrava, Henry (que, em

circunstâncias normais, era o melhor patrão que Billy já tivera) simplesmente dar-lhe-ia um

soco e tomaria as chaves.

Assim, pela primeira — e, talvez, única — vez em sua vida, Billy tentou usar de astúcia.

— Henry — ele disse timidamente. — Você parece estar precisando de um drinque. Sei

que *eu* precisaria. Por que não me deixa servir um curto para nós dois antes de sair?

Henry tinha desaparecido atrás do balcão. Billy ouvia-o fazendo barulho, remexendo coisas

e praguejando em voz baixa. Finalmente, Henry endireitou-se, segurando uma caixa retangular

de madeira com um pequeno cadeado. Colocou a caixa sobre o balcão e pôs-se a procurar uma

chave no chaveiro que trazia no cinto.

Ponderou o oferecimento de Billy, fez menção de sacudir a cabeça, e então reconsiderou.

Um drinque não era má idéia. Acalmaria seus nervos e firmaria suas mãos. Encontrou a chave

certa, puxou o cadeado e deixou-o no balcão.

— OK — disse ele. — Mas, se vamos beber, vamos fazer a coisa certa. Chivas. Dose

simples para você e dupla para mim —

Apontou o dedo para Billy. Billy se encolheu todo — subitamente teve certeza de que

Henry ia acrescentar *"e você vem comigo!"*

...mas não diga a sua mãe que deixei você beber bebida alcoólica aqui, está

entendendo?

— Sim, senhor — Billy respondeu, aliviado. Foi rapidamente apanhar a garrafa antes que

Henry mudasse de idéia. — Estou entendendo perfeitamente.

6

Deke Bradford, o homem que dirigia a maior e mais sofisticada operação de Castle Rock

— Serviços Públicos — sentia um profundo descontentamento.

— Não, ele não está aqui — informou ele a Alan. — Não apareceu por aqui o dia Inteiro.

Mas caso o veja antes de mim, faça-me um favor: diga a ele que estás: despedido.

— Por que o manteve por tanto tempo, Deke?

Estavam de pé, ao sol quente da tarde, na entrada da Garagem Municipal nº1. À esquerda,

um caminhão da companhia Case de Construção e Fornecimentos estava estacionado embaixo

de um galpão. Três homens descarregavam caixas de madeira, pequenas mas pesadas. Um

losango vermelho — símbolo de explosivos fortes — estava pintada em cada uma delas. Do

interior do galpão, Alan ouvia um aparelho de ar condicionado, ainda ligado, embora já fosse

quase inverno, mas a semana toda tinha sido muito esquisita em Castle Rock.

— Fiquei com ele mais tempo do que deveria — Deke admitiu, e passou a mão pelo cabelo

curto que estava ficando grisalho. — Porque achava que havia um bom homem escondido no

seu íntimo.

Deke era um desses homens baixos e fortes — um barril de pólvora em cima de duas

pernas — que parece estar sempre pronto para voar no pescoço de alguém. E, no entanto, era

um dos homens mais gentis e bondosos que Alan conhecera.

— Quando não estava bêbado ou de ressaca, não havia ninguém na cidade para dar mais

duro do que Hugh. E havia alguma coisa em sua expressão que me fazia achar que ele talvez

não fosse um desses homens que precisam beber e beber até que o diabo os leve. Pensei que,

talvez, com um emprego certo, ele se endireitaria e encontraria um rumo. Mas, nesta última

semana...

— O que aconteceu nesta última semana?

— O homem parecia estar procurando o caminho do inferno, parecia estar sempre sob o

efeito de alguma coisa, e não necessariamente bebida. Como se seus olhos tivessem se

afundado para dentro da cara, e ficava o tempo todo olhando por cima do ombro enquanto eu

falava com ele, e nunca me encarava. E, também, deu para falar sozinho.

— Sobre o quê?

— Não sei. Duvido que os outros saibam. Detesto ter que despedir alguém, mas já tinha

tomado minha decisão a respeito de Hugh antes mesmo de você chegar até aqui esta tarde. Não

agüento mais ele.

— Com licença, Deke. — Alan voltou à viatura, chamou Sheila e reportou que Hugh não

tinha aparecido no emprego o dia inteiro.

— Veja se encontra Clut, Sheila, e diga-lhe para tomar muito cuidado. E mande John para

lá a fim de dar cobertura.

Hesitou quanto ao que ia dizer em seguida, pois sabia que cautela em demasia já tinha

resultado em muitos tiroteios inúteis, e depois continuou. Era necessário — era sua obrigação

para com os oficiais em trabalho de campo.

— Clut e John devem considerar Hugh como elemento armado e perigoso. Entendido?

— Armado e perigoso. Câmbio.

— OK. Câmbio final. Unidade Um desligando.

Pendurou o microfone e voltou para perto de Deke.

— Você acha que ele pode ter saído da cidade, Deke?

— *Ele?* — Deke inclinou a cabeça para um lado e cuspiu fumo mascado. — Sujeitos como

ele *nunca* saem da cidade até receberem o último cheque de pagamento. A

maioria não sai de

jeito nenhum. Quando se trata de saber quais as estradas que levam para fora da cidade,

sujeitos como Hugh ficam desmemoriados.

Algo chamou a atenção de Deke e ele virou-se para os homens descarregando as caixas de

madeira.

Cuidado com isso, vocês aí! As caixas são para ser descarregadas e não para vocês ficarem

brincando de palitinho.

— Há um bocado de explosivo ali — Alan comentou.

— É... vinte caixas. Vamos explodir a jazida de granito no poço de cascalho na vicinal nº5.

Pelas minhas contas, vai sobrar o suficiente para explodirmos Hugh até Marte, se você quiser.

— Por que arranjou tanta dinamite assim?

Não foi idéia minha. Buster aumentou meus cálculos, só Deus sabe por quê. Mas, posso lhe

dizer uma coisa: ele vai se cagar quando olhar a conta de luz este mês... a menos que venha

uma frente fria. Aquele ar-condicionado gasta uma barbaridade de energia elétrica, mas o

ambiente tem que ser mantido frio ou os explosivos começam a suar. Todos vão dizer que é

diferente com esses novos explosivos, mas o que eu digo é que é melhor prevenir do que

remediar.

— Buster aumentou seus cálculos — Alan murmurou:

— É — mais umas quatro ou cinco caixas. Não me lembro quantas. Milagres acontecem,

não é?

— É, sim. Deke, posso usar o telefone do seu escritório?

— À vontade.

Alan sentou-se à mesa de Deke durante um minuto inteiro, deixando manchas escuras de

suor na camisa do uniforme, embaixo das axilas, enquanto ouvia o telefone da casa de Polly

chamar, chamar. Finalmente, colocou o fone de volta no gancho.

Saiu do escritório de Deke andando lentamente, cabisbaixo. Deke estava passando o

cadeado no galpão da dinamite e, ao virar-se para Alan, estava de rosto comprido e

preocupado.

— Havia um bom homem escondido em Hugh Priest, Alan. Posso jurar que havia. Muitas

vezes, Hugh deixava transparecer esse homem bom. Já vi acontecer antes. Mais vezes do que

se poderia imaginar. Com Hugh... — deu de ombros... — Huh-uh. Nem pensar.

Alan meneou a cabeça.

— Você está bem, Alan? Está com uma cara esquisita.

—Estou bem — Alan respondeu, sorrindo de leve. Mas, era verdade — estava esquisito.

Polly também. E Hugh. E Brian Rusk. Todo mundo parecia estar esquisito hoje.

— Quer um copo d'água ou mate gelado? Tenho um pouco.

— Obrigado, mas é melhor eu ir andando.

— Tudo bem. Depois, me conte como terminou.

Isto era algo que Alan não poderia prometer, e com um certo aperto na boca do estômago

teve o pressentimento de que Deke poderia ler o desfecho de tudo no jornal, dentro de um ou

dois dias. Ou assistir no noticiário da televisão.

7

O velho Chevrolet Bel-Air de Lenny Partridge entrou numa das vagas oblíquas na frente de

Coisas Necessárias um pouco antes das 4:00h da tarde, e o homem do dia saltou do carro. O

zíper da braguilha continuava descido, ele ainda trazia a cauda de raposa ao redor do pescoço.

Atravessou a calçada, os pés descalços batendo no concreto quente, e abriu a porta. O sininho

de prata tilintou.

A única pessoa que chegou a vê-lo foi Charlie Fortin. Ele estava no umbral da porta da

Western Auto fumando um daqueles cigarros fedidos de fumo de rolo.

— O velho Hugh finalmente perdeu o juízo — Charlie comentou com ninguém

em

particular.

Dentro da loja, o sr. Gaunt fitou o velho Hugh com um sorrisinho de prazer e expectativa...

como se homens descalços, de peito nu, com caudas de raposa ao redor do pescoço, fossem

visitas comuns, de todo dia, na loja. Fez um tique na folha no lado da caixa registradora. O

último tique da lista.

— Estou em apuros — Hugh anunciou, avançando na direção do sr. Gaunt. Seus olhos

rolavam nas órbitas, de um lado para outro, como pêndulos.

— Desta vez, estou metido numa encrenca muito grande.

— Eu sei — disse o sr. Gaunt, em seu tom de voz mais tranqüilizador.

— Achei que este era o lugar certo. Não sei... sonho com o senhor quase o tempo todo.

Eu... eu não sabia mais o que fazer.

— Aqui *é* o lugar certo, Hugh.

— Ele cortou os meus pneus — Hugh sussurrou. — Beaufort, aquele desgraçado, dono do

Tigre Manso. E deixou um recado. “Você sabe o que virei procurar da próxima vez, não é?”,

era o que dizia. E eu sei de que se trata. Pode apostar que sei. —Um dos dedos grossos e

pegajosos de Hugh acariciaram a cauda de raposa, e uma expressão de adoração

espraiou-se

por seu rosto. Seria ridícula se não fosse tão obviamente genuína. — Minha cauda de raposa,

tão linda, linda.

— Talvez você precise dar um jeito nele — o sr. Gaunt sugeriu pensativamente. — Antes

que de dê um jeito em você. Eu sei que parece um pouco... bem... *drástico*... mas se

considerarmos —

— Pois é, pois é, é exatamente o que quero fazer!

Creio que tenho exatamente o que você precisa — disse o sr. Gaunt. Curvou-se, e, ao ficar

ereto novamente trazia uma pistola automática em sua mão esquerda. Empurrou-a sobre o

tampo de vidro do balcão.

— Está carregada.

Hugh apanhou-a. Sua confusão pareceu dissipar-se como fumaça, ao sentir o peso sólido

da arma na palma da mão. Sentia o cheiro de graxa, leve e fragrante.

— Eu... eu esqueci a carteira em casa — ele disse.

— Ora, não precisa se preocupar *com isso* — disse-lhe o sr. Gaunt. — Em Coisas

Necessárias, Hugh, os objetos que vendemos estão no seguro. — E, subitamente, suas feições

se endureceram. Seus lábios se arreganharam, e seus olhos falsearam.

— Acabe com ele! — ele roncou, em voz baixa e rouca. — Acabe com aquele desgraçado

que quer destruir aquilo que é seu! Acabe com ele, Hugh! Proteja-se! Proteja *o que é seu!*

Hugh deu um sorriso súbito.

— Obrigado, sr. Gaunt. Multo obrigado.

— Por nada — respondeu o sr. Gaunt, voltando imediatamente ao seu tom de voz normal,

mas o sininho de prata já tilintava anunciando a saída de Hugh, que ia metendo a automática

no cós da calça enquanto andava.

O sr. Gaunt aproximou-se da janela e observou Hugh acomodar-se ao volante do velho

Chevrolet e dar marcha à ré para a rua. Um caminhão Budweiser que descia lentamente a Rua

Principal tocou alto a buzina e deu uma guinada para evitar a colisão.

Acabe com ele, Hugh — o sr. Gaunt repetiu em voz baixa. Finos fios de fumaça

começaram a desprender-se de suas orelhas e de seus cabelos — fios mais espessos saíam de

suas narinas e pelos interstícios dos dentes quadrados como pedras tumulares.

Acabe com quantos puder. Começou a festa, grandalhão.

O sr. Gaunt jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar.

8

John LaPointe dirigiu-se apressado para a porta lateral da delegacia, aquela que dava para o

estacionamento do Edifício Municipal. Estava empolgadíssimo. Armado e perigoso. Não era

sempre que se era chamado para auxiliar na captura de um suspeito armado e perigoso. Não

num lugarejo pachorrento como Castle Rock, seja como for. Esquecera-se por completo do

incidente da carteira desaparecida (pelo menos por enquanto) e Sally Ratcliffe estava ainda

mais distante de sua memória.

Estendeu a mão para a porta exatamente no mesmo instante em que esta se abriu pelo lado

de fora. E, inesperadamente, John LaPointe viu-se encarando 110kg de um furioso treinador de

educação física.

— Exatamente quem eu estava procurando — Lester Pratt disse, naquela sua nova voz

macia e sedosa, Estendeu uma carteira preta de couro.

— Andou perdendo alguma coisa, seu filho da mãe nojento, safado, sem-vergonha?

John não fazia a menor idéia do que Lester Pratt estaria fazendo ali, ou como ele poderia

estar de posse de sua carteira perdida. Sabia apenas que tinha sido designado para dar

cobertura a Clut e tinha que sair imediatamente.

— Seja o que for, falo com você mais tarde, Lester — John disse, e tentou pegar sua

carteira. Quando Lester a tirou do alcance de sua mão pela primeira vez e depois a tHMI.se

violentamente contra o meio de sua cara, John ficou mais perplexo do que zangado.

— Oh, eu não quero *falar* — Lester disse em sua nova voz suave e sedosa. — Não vou

perder tempo.

Deixou cair a carteira, agarrou John pelos ombros, levantou-o do chão e arremessou-o de

volta para dentro da delegacia. O oficial LaPointe voou dois metros pelo ar e foi aterrissar no

tampo da mesa de Norris Ridgewick. Deslizou de bunda pela mesa, cavando uma vala nas

pilhas de papel e derrubando a bandeja de "ENTRADA/SAÍDA" no chão. John seguiu o

mesmo trajeto, caindo de costas com um baque doloroso.

Sheila Brigham observava através da vidraça da Expedição, de boca completamente aberta.

John começou a recompor-se. Estava abalado e zonzo, sem uma dica, por mais leve que

fosse, do que estava se passando.

Lester vinha vindo para ele num passo de briga. Seus punhos estavam levantados na

antiquada pose tradicional de John L. Sullivan, que poderia parecer cômica mas que era de

meter medo.

Vou lhe ensinar uma lição— Lester disse em sua nova voz suave e sedosa. — Vou ensinar-

lhe o que acontece com homens católicos que roubam as namoradas dos batistas. Vou lhe dar

uma lição completa, e quando eu terminar, você vai ter aprendido tão bem que nunca vai

esquecer.

Lester Pratt aproximou-se até ficar na distância adequada para a lição.

9

Billy Tupper podia não ser do tipo intelectual, mas era um confidente atento, e um

confidente atento era o melhor remédio para a fúria de Henry Beaufort naquela tarde. Henry

tomou o seu drinque e contou a Billy o que acontecera... e enquanto falava, foi se acalmando.

Ocorreu-lhe que se tivesse apanhado a espingarda e ido em frente teria terminado o dia não

atrás do balcão do bar mas atrás das barras da cela coletiva da delegacia. Adorava o seu T-

Bird, mas começava a entender que não o amava a ponto de querer ser preso por causa dele.

Podia substituir os pneus, e o amassado na lateral iria diminuindo aos poucos. Quanto a Hugh

Priest, a lei que se encarregasse dele.

Terminou a bebida e levantou-se.

— Ainda pretende ir atrás dele, sr. Beaufort? — Billy indagou, apreensivo.

Seria perda de tempo — Henry disse, e Billy respirou aliviado. — Vou deixar que Alan

Pangborn tome conta dele. Afinal, é para coisas assim que pago meus impostos.

— Acho que sim. — Billy olhou pela janela e ficou um pouco mais alegre. Um velho

calhambeque, que teria sido branco em outros tempos mas que agora era de uma cor genérica e

não definida — digamos que era cor-de-burro-quando-foge — vinha subindo o morro na

direção do Tigre Manso, espalhando uma espessa nuvem azul de óleo queimado que saia do

cano de descarga.

— Olhe! É o velho Lenny! Faz séculos que não o vejo!

— Ora, mesmo assim não abrimos antes das 5:00h — Henry disse. Foi para trás do bar

usar o telefone. A caixa com a espingarda de cano serrado ainda estava sobre o balcão. Acho

que planejava usá-la, ele pensou. Acho que realmente planejava. O que será que dá nas pessoas

— algum tipo de veneno?

Billy foi para a porta quando o calhambeque de Lenny entrou no estacionamento.

10

— Lester — John LaPointe começou a dizer quando um punho quase do tamanho de um

presunto — mas, muito mais rijo — colidiu com o meio de sua cara. Houve um

som feio de

algo sendo esmigalhado quando seu nariz se fraturou numa explosão de dor insuportável. Os

olhos de John se fecharam apertados, e estrelas faiscaram em jatos na escuridão. Ele foi

rodopiando e perdendo o equilíbrio, agitando os braços, lutando uma batalha perdida para

manter-se de pé. O sangue jorrou de seu nariz e sobre a boca. Ele bateu contra o quadro de

boletins e arrancou-o da parede.

Lester partiu novamente para ele, o cenho franzido numa carranca de concentração abaixo

do corte de cabelo.

Na sala de Expedição, Sheila Brigham ligou o rádio e começou a gritar chamando Alan.

11

Frank Jewett estava a pique de ir embora da casa do seu velho "amigo" George T. Nelson

quando lhe ocorreu um pensamento de cautela. Esse pensamento era que quando George T.

Nelson chegasse em casa e encontrasse o seu quarto todo remexido, sua coca na latrina, e o

retrato de sua mãe todo cagado, poderia sair à procura de seu velho companheiro. Frank

chegou à conclusão de que era loucura ir embora sem terminar o que tinha começado... e se

terminar o que tinha começado significava estourar os ovos do filho da puta chantagista, então,

assim seria! Havia um armário de armas de fogo no andar térreo e a idéia de completar o

serviço com uma das armas do próprio George T. Nelson tinha um sabor de justiça poética.

Caso não fosse capaz de abrir o armário de armas, ou de forçar a porta, se serviria de uma das

facas de churrasco do velho companheiro de farras, e faria o serviço com *ela*. Ficaria atrás da

porta da frente, e quando George T. Nelson entrasse, Frank estouraria aqueles ovos fodidos ou

o agarraria pelo cabelo e cortaria aquela garganta fodida. Das duas opções, a arma de fogo

seria provavelmente a mais segura, mas quanto mais Frank imaginava o sangue quente

jorrando da garganta degolada de George T. Nelson e se derramando pelas suas mãos, mais

gostava da idéia. *Et tu,* Georgie. *Et tu,* chantagista fodido.

As reflexões de Frank foram interrompidas nesse instante pela periquitinha de George T,

Nelson, Tammy Faye, que escolheu o momento menos auspicioso de sua breve vida de

passarinho para abrir o canto. Ao ouvi-la, um sorriso peculiar e horrivelmente desagradável

aflorou. Como foi que deixei escapar esse passarinho maldito, da primeira vez? ele se

perguntou ao marchar para dentro da cozinha.

Após uma ligeira exploração, encontrou a gaveta que guardava as afiadas facas e passou os

15 minutos seguintes enfiando a faca entre as barras da gaiola de Tammy Faye levando o

passarinho a um estado de pânico entremeado de vôos e penas soltas, até que se cansou da

brincadeira e cravou a faca na avezinha. Depois desceu, para ver o que se poderia fazer com o

armário de armas. O resultado foi que o trinco abriu-se facilmente, e ao subir de volta ao andar

superior, desandou numa cantoria fora de hora, mas muito alegre.

Oh... não faça briga, e não seja chorão,

Não fique emburrado, e vou dizer a razão,

Papai Noel está chegando!

Ele vem espiar quando você dorme,

Ele sabe quando você está acordado!

Ele sabe se você fez besteira

Ou se foi bonzinho...

Por isso, menino, é melhor ser bonzinho!

Frank, que jamais perdia o programa de Lawrence Welk nas noites de sábado, na

companhia de sua adorada mãezinha, cantou o último verso num baixo de Larry Hooper. Puxa,

como se sentia bem! Como poderia ter pensado, há apenas uma hora ou pouco

mais, que sua

vida estava por um fio? Isto não era o fim — era o princípio! Adeus ao que era antigo —

especialmente os antigos e queridos “amigos” como George T. Nelson — e bem-vindo o que

era novo!

Frank postou-se atrás da porta. Estava bem armado, como se fosse caçar um urso; havia

uma espingarda Winchester encostada à parede, um automática Llama 32 enfiada no cinto, e

uma faca de churrasco Sheffington na mão. De onde estava via a trouxinha de penas amarelas

que tinha se chamado Tammy Faye. Um sorrisinho torceu os lábios de Frank, numa boca igual

à do sr. Weatherbee, e seus olhos — completamente desvairados; agora — reviravam-se

incessantemente atrás das lentes redondas**,** sem aro, dos óculos iguais aos do sr. Weatherbee.

— *Por isso, menino, é melhor ser bonzinho*! — ele admoestou baixinho. Cantou último

verso diversas vezes, parado ali, e mais algumas vezes depois que se acomodou mais

confortavelmente, sentado atrás da porta com as pernas cruzadas, as costas apoiadas na parede,

e as armas no colo.

Começou a sentir-se alarmado com a sonolência que o invadia. Parecia loucura

senti-se se

sonolento enquanto esperava para degolar um homem, só que o raciocínio não alterava o fato.

Achou que tinha lido não sabia onde (talvez em uma de suas aulas na Universidade do Maine,

em Farmington, uma universidade de matutos onde se diplomara sem altas notas) que um

choque nervoso de grande intensidade pode ter exatamente esse efeito... e ele, sem dúvida,

sofrerá um choque nervoso de grande intensidade. Era de admirar que seu coração não tivesse

explodido como um pneu furado ao ver todas aquelas revistinhas espalhadas pelo seu

escritório.

Frank concluiu que seria burrice arriscar. Afastou da parede o longo sofá, cor de mingau de

aveia, de George T. Nelson, fazendo um espaço para onde se arrastou, e deitou-se de costas

com a espingarda na mão esquerda. A mão direita, ainda prendendo o cabo da faca de

churrasco, repousava em seu peito. Assim. Muito melhor. O tapete grosso de George T. Nelson

era realmente bastante confortável.

— *Seja bonzinho, por favor!* — Frank cantou em voz muito baixa. Ainda cantava numa

voz baixa, roncando, dez minutos depois, quando finalmente adormeceu.

12

— Unidade Um! — Sheila berrou do rádio sob o painel enquanto Alan atravessava a Ponte

das Latas no caminho de volta para a cidade. — Responda, Unidade Um! Responda

imediatamente!

Alan sentiu uma reviravolta na boca do estômago. Clut teria se metido em palpos de aranha

ao chegar à casa de Hugh Priest na Estrada do Morro do Castelo — tinha certeza disso. Por

quê, em nome de Jesus, não instruíra Clut a esperar a chegada de John antes de enfrentar

Hugh?

Você sabe a resposta — porque, ao dar suas ordens, não estava pondo toda a sua atenção

no trabalho. Se alguma coisa aconteceu ao Clut por causa disso, você terá que admitir e aceitar

a parcela de culpa que lhe cabe. Mas isto fica para depois. O seu trabalho agora é *fazer* o seu

trabalho. Portanto, Alan, faça-o — esqueça Polly e faça o seu trabalho!

Arrancou o microfone do gancho.

— Unidade Um, respondendo.

— Estão dando uma surra em John! — ela gritou. — Venha depressa, Alan. Ele está

massacrando o John!

Esta informação era tão diversa do que Alan vinha imaginando, que, por um momento,

ficou completamente desorientado.

— O quê? Quem? *Onde?*

— Depressa! Ele está matando o John!

E, muito de repente, entendeu tudo. Hugh Priest, é claro; Por algum motivo, Hugh tinha ido

até a delegacia, tinha chegado antes da saída efe, John para o Morro do Castelo, e tinha

começado a bagunça. Era John LaPointe, e não Andy Clutterbuck; quem corria perigo.

Alan agarrou a sirene rotativa, ligou-a e colocou-a no teto da viatura. Ao chegar do outro

lado da ponte, pediu desculpas silenciosas à sua velha caminhonete, e desceu o pé no

acelerador.

13

Clut começou a desconfiar que Hugh não se encontrava em casa ao notar que os pneus do

carro do homem não estavam simplesmente vazios, estavam em tiras.

Pensou em se aproximar da casa, de qualquer maneira, quando finalmente ouviu gritos

finos de socorro.

Parou onde estava por um momento, indeciso, depois desceu correndo a entrada de auto.

Desta vez, viu Lenny deitado na estrada e correu, o coldre sacudindo, para onde o velho se

encontrava.

— Socorro! — Lenny guinchou quando Clut se aproximou. — Hugh Priest endoidou de

vez, o idiota chapado quase me manda para o céu!

— Onde dói, Lenny? — Clut perguntou. Tocou o ombro do ancião. Lenny soltou um grito

agudo. Era uma resposta tão boa quanto outra qualquer. Clut pôs-se de pé, sem saber ao certo

como agir em seguida. Coisas demais se amontoavam dentro de sua cabeça. Tudo o que sabia

era que desesperadamente não desejava piorar a «situação.

— Não se mexa — disse ele, finalmente. — Vou chamar a Assistência Médica.

— Não tenho intenção de me levantar e sair sambando por aí, seu idiota — Lenny disse.

Chorava e se contorcia de dor. Parecia um velho cão de caça com a pata quebrada.

— Certo — Clut respondeu. Fez menção de correr para a viatura policial, depois voltou

para perto de Lenny. — Ele pegou seu carro, certo?

— Não! - Lenny ranzinzou, segurando as costelas fraturadas com as mãos. — Ele me

quebrou todo e depois saiu voando num tapete mágico! Claro que ele pegou meu carro! Por

que pensa que estou aqui deitado? Me bronzeando?

— Certo — Clut repetiu e saiu correndo estrada abaixo. Moedas de 10 e 25 *cents* se

derramaram de seus bolsos e saíram rolando pelo macadame em pequenos arcos faiscantes.

Curvou-se pela janela do carro tão depressa que quase bateu com a cabeça no alto da porta.

Agarrou o microfone. Tinha que contatar Sheila e pedir socorro para o Velho, mas este não era

o ponto mais importante. Tanto Alan como a Polícia Estadual Unham que ser informados de

que Hugh Priest estava agora dirigindo o velho Chevrolet Bel-Air de Lenny Partridge. Clut não

sabia de que ano era o carro, mas ninguém se enganaria com aquele queimador de óleo cor-de-

burro-quando-foge.

Mas, não conseguiu contato com Sheila. Tentou três vezes e não obteve resposta. Nenhuma

resposta.

Ouviu Lenny, que agora voltara a gritar, e entrou na casa de Hugh para chamar a Equipe de

Resgates de Norway pelo telefone.

Sheila escolheu uma péssima hora para ir ao banheiro, ele pensou.

14

Henry Beaufort também estava tentando contatar a delegacia. Estava atrás do balcão com o

telefone contra a orelha. Chamava, chamava e chamava, e ninguém atendia.

— Vamos — ele disse. — Atendam esse maldito telefone. O que estão fazendo aí na

delegacia? Jogando buraco?

Billy Tupper tinha saído. Henry ouviu ele gritar alguma coisa e levantou o olhar com

impaciência. Ao grito, seguiu-se uma repentina explosão. O primeiro pensamento de Henry foi

que um dos pneus carecas de Lenny tinha estourado... e então, mais dois disparos foram feitos.

Billy entrou no Tigre. Andava muito devagar. Trazia uma das mãos apertada contra a

garganta, e o sangue se escoava entre seus dedos.

Enry! — Billy gritou numa voz esquisita e estrangulada, sem aspirar o “h”. — *Enry! En*—

Chegou até a motorola, oscilou ali por um instante, e então tudo em seu corpo se soltou de

repente e ele caiu frouxamente.

Uma sombra projetou-se sobre seus pés, que estavam quase para fora da porta, e em

seguida o dono da sombra surgiu. Trazia uma cauda de raposa ao redor do pescoço e

empunhava uma automática. Saía fumaça do cano da arma. Diminutas pérolas de transpiração

aninhavam-se nos pêlos esparsos do peito nu entre os mamilos. A pele sob os olhos estava

intumescida e escura. Ele passou por cima de Billy Tupper para a penumbra do

Tigre Manso.

— Alô, Henry — disse Hugh Priest.

15

John LaPointe não sabia por que aquilo tudo estava acontecendo, mas sabia que Lester

acabaria por matá-lo se continuasse — e Lester não dava sinal sequer de amenizar o ataque,

quanto mais de parar. John tentou deslizar pela parede e colocar-se fora do alcance de Lester,

mas este agarrou-o pela camisa e puxou-o novamente para cima. Lester ainda respirava

tranqüilamente. Sua camisa nem mesmo se soltara do elástico da cintura de suas calças de

exercício.

E tome mais um, John, meu garoto — Lester disse e soltou outro murro violento no lábio

superior de John. John sentiu o lábio rachar-se contra os dentes.

— E deixe o seu espanador de boceta crescer sobre *isto!*

Às cegas, John esticou a perna até o traseiro de Lester e empurrou com todas as forças que

lhe restavam. Lester deixou escapar um berro surpreso e caiu, mas estendeu as duas mãos ao

cair, agarrou a camisa ensangüentada de John e puxou o oficial para cima de seu corpo. Saíram

rolando pelo assoalho, socando-se e golpeando-se.

Estavam ambos ocupados demais para notar que Sheila Brigham tinha saído correndo do

cubículo da Expedição e entrado na sala de Alan. Tirou a espingarda da parede, engatilhou-a e

voltou às pressas pára a área de espera, que, a esta altura, estava uma bagunça. Lester estava

sentado sobre John, industriosamente batendo a cabeça dele contra o chão.

Sheila sabia manejar a arma — praticava tiro ao alvo desde os oito anos de idade. Neste

instante, ajeitou o cabo da espingarda no ombro e gritou:

— Afaste-se dele, John! Deixe o alvo limpo!

Lester virou-se ao som dessa voz, os olhos faiscando. Arreganhou Os dentes para Sheila

como um gorila macho furioso, e depois voltou à tarefa de socar a cabeça de John contra o

soalho.

16

Ao aproximar-se do Edifício Municipal, Alan viu a primeira coisa boa do dia, acima de

qualquer qualificação: o Fusquinha de Norris Ridgewick chegando do lado oposto. Norris

estava à paisana, e a Alan pouco importava. Tinha trabalho para Norris naquela tarde. Puxa

vida, se tinha!

E, então, tudo foi por água abaixo.

Um grande automóvel vermelho — um Cadillac — placa nº KEETONl subitamente

avançou do beco estreito que dava acesso ao estacionamento do Edifício Municipal. Alan

observou, boquiaberto, Buster dirigir seu carro contra a lateral do Fusquinha de Norris. O

Caddy não ia em alta velocidade, mas tinha mais ou menos quatro vezes o tamanho do

Volkswagen. Um ruído de metal amassado e o VW tombou sobre o lado direito com um baque

oco e vidro quebrado.

Alan botou o pé nó freio e desceu correndo da viatura.

Buster estava saindo do Cadillac.

Norris estava lutando para sair pela janela do seu Volkswagen trazendo no rosto uma

expressão confusa.

Buster avançou para Norris, as mãos fechando-se em punhos. Um sorriso gelado surgiu no

rosto gorducho e redondo:

Alan viu aquele sorriso e desandou a correr.

17

O primeiro tiro disparado por Hugh quebrou uma garrafa de Wild Turkey na prateleira

atrás do bar. O segundo arrebentou o vidro de um documento emoldurado pendurado na parede

exatamente acima da cabeça de Henry, deixando um buraco negro na licença de venda de

bebidas alcoólicas. O terceiro arrancou um pedaço da face direita de Henry Beaufort numa

nuvem cor-de-rosa de sangue e carne pulverizada.

Henry gritou, agarrou a caixa com a espingarda de cano serrado, e abaixou-se atrás do

balcão. Sabia que tinha levado um tiro de Hugh, mas não tomou conhecimento se o ferimento

era grave ou não. Tinha consciência apenas de que sua face direita queimava como uma

fornalha, e que o sangue — morno, úmido, pegajoso escorria pelo lado do pescoço.

— Vamos conversar sobre automóveis, Henry — Hugh estava dizendo ao aproximar-se do

bar. — Melhor do que isso, vamos conversar sobre minha cauda de raposa, o que acha?

Henry abriu a caixa. Era forrada de veludo vermelho. Enfiou as mãos trêmulas e instáveis

lá dentro e puxou a Winchester serrada. Fez menção de abri-la, e deu-se conta de que não

havia tempo. O jeito era rezar que estivesse carregada.

Juntou as pernas embaixo do corpo, aprontando-se para levantar-se de um salto e fazer com

que Hugh tivesse o que ele sinceramente esperava que fosse uma enorme surpresa...

18

Sheila viu que John não ia desvencilhar-se daquele homem doido, que ela agora notava ser

Lester Platt ou Pratt... enfim, o professor de educação física do ginásio. Não acreditava que

John pudesse libertar-se. Lester tinha parado de bater com a cabeça de John no chão e agora

acabava de fechar suas mãos enormes ao redor da garganta de John.

Sheila colocou a arma ao contrário, cruzou as mãos no cano da espingarda e a armou sobre

o ombro à maneira de Ted Williams. Em seguida, trouxe-a de volta num movimento suave e

certeiro.

Lester virou a cabeça no último momento, exatamente a tempo de ver a ponta de aço do

cano da arma bem entre seus olhos. Ouviu-se um ruído mau quando o projétil cavou um

buraco no crânio de Lester transformando a parte frontal do cérebro em gelatina. O barulho era

igual ao de um saco cheio de pipocas que fosse esmigalhado. Lester Pratt estava morto antes

mesmo de tocar o chão.

Sheila fitou-o e começou a gritar.

19

— Você pensou que eu não descobriria? — Buster Keeton resmungou enquanto puxava

Norris — que estava zonzo mas ileso — para fora da janela do VW. — Pensou que eu não

descobriria, com o seu nome assinado bem na linha de todas as fichas que você colou?

Pensou? Pensou?

Levou um punho para trás aprestando-se para socar Norris, quando Alan Pangborn, com

assombrosa rapidez, passou-lhe a algema no pulso.

— Hein? — Buster exclamou, e girou pesadamente nos calcanhares.

Dentro do Edifício Municipal alguém começou a gritar.

Alan lançou um rápido olhar naquela direção, e usou a outra algema do par que prendia

Buster para puxá-lo para a porta aberta do seu próprio Cadillac. Buster agitou os braços em

protesto. Alan deu diversos tapas inócuos no ombro dele, e prendeu a algema livre na

maçaneta do carro.

Virou-se e lá estava Norris. Teve tempo de registrar o fato de que Norris estava com uma

expressão terrível e levou-a à conta de ter sido atingido a meia-nau pelo presidente do

Conselho Municipal.

— Venha — disse Alan para Norris. — Temos encrenca.

Mas Norris o ignorou, pelo menos por um instante. Passou rápido por Alan e deu um soco

bem no meio dos olhos de Buster. Buster soltou um grito esganiçado e caiu para trás, sobre a

porta do automóvel. Ainda estava aberta e seu peso fez com que ela se fechasse, com isso

prendendo a fralda ensopada de suor de sua camisa.

— Isto é pela ratoeira, seu merda gordo! — Norris gritou.

— Eu pego você! — Buster gritou de volta. — Não pense que não! *Vou pegar Todos*

Vocês!

— Pegue *isto!* — Norris roncou. Avançou novamente, com os punhos cerrados próximos

ao peito de pombo, quando Alan o agarrou e o trouxe para trás.

Pare com isso! — berrou na cara de Norris. — Temos encrenca lá dentro!

— Encrenca das piores!

Os gritos elevaram-se novamente. Curiosos começavam a juntar-se na calçada da parte

baixa da Rua Principal. Norris olhou nessa direção, e depois fitou Alan. Seus olhos tinham

clareado, Alan notou aliviado, e já parecia ser o mesmo de sempre. Mais ou menos.

— O que é, Alan? Alguma coisa a ver *com ele?*— Fez um gesto de cabeça na direção do

Cadillac. Buster estava lá, olhando emburrado para os dois e puxando a algema no seu pulso

com a mão que estava livre.

— Não — Alan respondeu. — Está com sua arma?

Norris que não com a cabeça.

Alan soltou a alça de segurança de seu coldre, sacou a sua 38 oficial, entregando-a Norris.

— E você, Alan? — Norris quis saber.

— Quero estar com as mãos livres. Vamos, vamos entrar. Hugh Priest está lá dentro, e está

completamente louco.

20

Hugh Priest tinha enlouquecido, sim — quanto a isto não havia a menor dúvida — mas

encontrava-se a quase 6km de distância do Edifício Municipal de Castle Rock.

— Vamos conversar sobre — ele começou e foi aí que Henry Beaufort subitamente se pôs

de pé atrás do bar como um boneco de mola, o sangue molhando o lado direito da camisa, a

espingarda fazendo mira.

Henry e Hugh apertaram o gatilho ao mesmo tempo. O disparo da automática se perdeu no

trovejar surdo e primevo da espingarda. Fogo e fumaça se soltaram do cano serrado. O impacto

levantou Hugh do chão arremessando-o através do salão, os pés descalços se arrastando, o

peito se desintegrando num pântano de muco vermelho. A pistola soltou-se de sua mão. As

pontas da cauda de raposa estavam se Incendiando.

A bala da automática de Hugh atirou Henry contra a prateleira de trás ao penetrar no

pulmão direito. Garrafas caíram e se quebraram ao seu redor. Uma imensa dormência

apoderou-se de seu peito. Deixou cair a espingarda e tentou alcançar o telefone. O ar encheu-se

de loucos odores: álcool derramado e pêlo de raposa queimando. Henry tentou recuperar o

fôlego, e embora o peito arfasse não conseguiu inspirar ar algum. Saía um som fino e agudo

quando tentava respirar.

O telefone parecia pesar uma tonelada, mas finalmente conseguiu levá-lo ao ouvido e

apertar a tecla que ligava automaticamente para a delegacia.

Trmim... trrrrim... trrrim...

— Mas que porra está *acontecendo* com vocês? — Henry exclamou ofegante. — Estou

aqui *morrendo?.* Atendam este maldito telefone!

Mas o telefone continuou tocando, tocando.

21

Norris alcançou Alan quando este já estava na metade do beco e então caminharam lado a

lado até o pequeno estacionamento do Edifício Municipal. Norris segurava o revólver de Alan

com o dedo curvado ao redor do gatilho e o cano apontado para o céu quente de outubro. O

Saab de Sheila Brigham estava no estacionamento ao lado da Viatura 4, de John LaPointe, e

isto era tudo. Alan perguntou-se vagamente onde estaria o carro de Hugh Priest, e nesse

momento a porta da delegacia abriu-se bruscamente. Alguém carregando a espingarda da sala

de Alan num par de mãos ensangüentadas surgiu. Norris *fez* pontaria com o 38 cano-curto e

resvalou o dedo para o gatilho.

Alan notou dois detalhes simultaneamente. O primeiro era que Norris ia atirar. O segundo

era que aquele alguém que saíra gritando e carregando a espingarda era Sheila Brigham, não

Hugh Priest.

Os reflexos quase milagrosos de Alan salvaram a vida de Sheila naquela tarde, mas por um

triz. Ele nem mesmo se deu ao trabalho de tentar gritar ou usar sua mão para desviar o cano da

arma. Nenhum dos dois teria dado certo. Ele dobrou o cotovelo, e levantou-o com força, como

um homem dançando uma quadrilha agitada numa festa caipira. O cotovelo atingiu a mão

armada de Norris uma fração de segundo antes do disparo, fazendo com que o cano se

levantasse. O som do tiro ampliou-se como uma chicotada no pátio exíguo. Uma vidraça do

Departamento de Serviços Municipais estilhaçou-se. E então Sheila Brigham deixou cair a

espingarda usada para explodir os miolos de Lester Pratt e veio correndo ao encontro deles,

gritando e chorando.

— Meu Jesus — Norris disse, em voz pequena e chocada. Seu rosto estava pálido como

cera e ele estendeu a pistola, pela coronha, na direção de Alan — Eu quase atirei em *Sheila* —

meu Sagrado Coração de Jesus!

— *Alan!* — Sheila chorava. — Graças a Deus!

Colidiu contra ele, sem diminuir o passo, e quase o derrubou. Ele guardou a arma no

coldre, e depois passou os braços ao redor dela. Sheila tremia como um fio elétrico

sobrecarregado de eletricidade. Alan suspeitava que também estava tremendo, e tinha quase

molhado as calças. Sheila estava completamente histérica, cega de pânico, e isto

provavelmente era uma bênção: ele não acreditava que ela tivesse se dado conta de quão perto

estivera de levar um tiro.

— O que está acontecendo lá dentro, Sheila? — Alan perguntou. — Conte logo.

Seus ouvidos zumbiam tanto do tiro e do eco que se sucedeu, que chegou quase a pensar

ter escutado um telefone tocando ali por perto.

22

Henry Beaufort sentia-se como um boneco de neve derretendo-se ao sol. Suas pernas

cediam. Foi aos poucos se encolhendo a uma posição ajoelhada, com o fone ainda tilintando

junto ao ouvido. Sua cabeça estava tonta com o fedor misto de álcool e pêlo queimado. Um

outro cheiro quente veio juntar-se a estes. Henry suspeitava que vinha de Hugh Priest.

Tinha uma vaga consciência de que aquele número não estava adiantando e que deveria

discar qualquer outro para pedir socorro, mas achava que não conseguiria. Estava além de suas

forças tentar discar qualquer número que fosse — estava resignado. Assim, sentou-se atrás do

balcão, numa poça de seu próprio sangue, ouvindo o som de assovio de sua própria respiração

no rombo do peito, agarrando-se desesperadamente a um frágil fiapo de consciência. Ainda

faltava uma hora para o Tigre abrir, Billy estava morto, e se ninguém atendesse ao seu

chamado ele também estaria morto quando os primeiros fregueses começassem a chegar para

as suas diferentes libações de *happy-hour*.

Por favor — Henry sussurrou numa voz resfolegante e ansiosa. — Por favor,

atendam o

telefone, alguém, por favor, atenda esta porra de telefone.

23

Sheila Brigham foi, aos poucos, recuperando o autocontrole, e Alan entendeu de pronto a

coisa mais importante da história: ela tinha desarmado Hugh com o cabo da espingarda.

Ninguém iria tentar acertá-los quando entrassem por aquela porta.

Tomara que não.

— Venha — ele disse para Norris. — Vamos entrar.

— Alan... quando ela saiu... eu pensei...

— Eu sei o que pensou, mas nada de mal aconteceu. Esqueça, Norris. John está lá dentro.

Vamos entrar.

Foram até a porta e pararam, um de cada lado. Alan olhou para Norris.

— Abaixe-se — ele disse.

Norris meneou a cabeça.

Alan agarrou a maçaneta, abriu a porta de supetão, e atirou-se para dentro. Norris o seguiu,

agachado.

John tinha conseguido encontrar os pés e cambalear quase toda a distância até a porta, Alan

e Norris o atingiram como um rolo compressor — a linha de ataque dos antigos Pittsburgh

Steelers — e John sofreu sua última e dolorosa indignidade: estatelou-se no chão, derrubado

por seus próprios colegas, e saiu deslizando pelo chão de azulejos como um peso de jogo de

bocha. Bateu contra a parede oposta com um baque e soltou um grito de dor cheio, ao mesmo

tempo, de surpresa e de cansaço.

— Meu Jesus, é o *John!* — Norris gritou. — Mas que massacre!

— Venha me dar uma mão — Alan disse.

Atravessaram a sala correndo até onde estava John, que agora ia se sentando devagar, por

seu próprio esforço. Seu rosto era uma máscara sangrenta. O nariz desviado violentamente

para a esquerda. O lábio superior inchado como um balão premo a estourar. Quando Alan e

Norris se aproximaram, John fez concha com a mão e cuspiu um dente dentro dela.

— Ele enlouqueceu — John comentou num tom de voz perplexo e sufocado. — Sheila

atirou nele com a espingarda. Acho que ela o matou.

— John, você está bem?— Norris perguntou.

— Estou *um cocô* — John respondeu. Curvou-se para frente e extravagantemente vomitou

entre suas próprias pernas, para provar o que dizia.

Alan olhou ao redor. Tinha a vaga impressão de que não eram apenas os seus ouvidos —

um telefone *estava* tocando. Mas, o telefone não era importante agora. Viu Hugh de cara para

o chão, na parede dos fundos e foi até lá. Encostou o ouvido nas costas de Hugh para ver se

havia sinal de vida. Tudo o que ouviu, a princípio, foi o mesmo tilintar. Como se todos os

telefones estivessem tocando em todas as mesas.

Atenda essa porra ou deixe fora do gancho! — Alan irritou-se com Norris. Norris foi até o

telefone mais próximo—que acontecia ser o de sua própria mesa — apertou o botão que estava

piscando e atendeu.

— Não podemos ser Incomodados agora — ele disse. — Temos uma situação de

emergência na delegacia. Telefone mais tarde.

Desligou antes de esperar a resposta.

24

Henry Beaufort afastou o telefone — que pesava tanto, tanto — da orelha e o fitou com

olhos vidrados e incrédulos.

— *O que* você disse? — murmurou.

E subitamente não foi mais capaz de segurar o fone — era pesado demais. Deixou-o cair

no chão, e lentamente foi arriando até ficar deitado de lado, tentando respirar.

25

Pelo que Alan podia ver, Hugh não tinha salvação. Agarrou-o pelos ombros, e virou-o de

peito para cima... e não era Hugh, afinal de contas. O rosto estava completamente coberto de

sangue, miolos, e lascas de osso, o que tornava difícil identificá-lo, mas certamente não era

Hugh Priest.

— Que porra é essa que está acontecendo aqui? — ele perguntou, em voz baixa e atônita.

26

Danforth "Buster" Keeton estava no meio da rua, algemado ao seu próprio Cadillac,

olhando Aqueles que o olhavam. Agora que o Perseguidor-Mor e o Perseguidor Substituto

tinham ido embora, Eles nada mais tinham o que ficar olhando.

Olhou para Eles, e Os reconheceu pelo que Eles realmente eram — cada um e todos Eles.

Bill Fullerton e Henry Gendron estavam na frente da barbearia. Bobby Dugas postava-se

entre os dois, o avental de barbeiro ainda pendurado ao pescoço e caindo pela frente do corpo

como um guardanapo tamanho gigante. Charlie Fortin estava na porta da Western Auto. Scott

Garson e seus amigos nojentos, Albert Martin e Howard Potter, estavam na frente do banco

onde provavelmente tinham fofocado a seu respeito antes de começar toda

aquela bagunça.

Olhos,

Olhos fodidos!

Havia olhos por toda parte.

Olhos que olhavam *para ele!*

— Estou vendo Vocês! — Buster gritou de repente. — Estou vendo todos Vocês! E sei

muito bem o que vou fazer! Sim! Podem apostar!

Abriu a porta do Cadillac e tentou entrar. Não conseguiu. Estava algemado à maçaneta pelo

lado de fora. A corrente entre as duas algemas era bastante longa, mas não *tanto assim.*

Alguém riu.

Buster ouviu a risada muito claramente.

Olhou ao redor.

Muitos dos habitantes de Castle Rock estavam na frente das lojas ao longo da Rua

Principal, olhando para ele, com aquele olhar negro de pólvora de ratos inteligentes.

Estavam todos ali, menos o sr. Gaunt.

Mas o sr, Gauht *estava* ali. Bem dentro da cabeça de Buster, dizendo a ele exatamente o

que fazer.

Buster ouviu... e começou a sorrir.

27

O caminhão da Budweiser que quase colidira com Hugh Priest parou do outro lado da

ponte, ao lado de alguns arbustos e, finalmente, entrou no estacionamento do Tigre Manso às

4:01h da tarde. O motorista desceu, apanhou sua prancheta, ajeitou as calças cáqui e marchou

para o bar. Parou a menos de 2m da porta, de olhos arregalados. Distinguia dois pés no limiar

da porta.

— Meu Jesus! — o caminhoneiro exclamou. — Você está bem, cara?

— Uma voz fraca e assoviante flutuou até ele:

...socorro...

O caminhoneiro entrou correndo e descobriu Henry Beaufort, semimorto, caído atrás do

bar.

28

— Foi o Lezster Pratt — John LaPointe coaxou. Amparado de um lado por Norris é do

outro por Sheila, foi mancando penosamente até onde Alan estava ajoelhado ao lado do corpo.

— *Quem?* — Alan indagou. Tinha a sensação de ter invadido, inadvertidamente, o cenário

de uma comédia maluca qualquer. *Ricky e Lucy Vão para o Inferno.* Olha aí Lester, explique-

se.

— Lezster Pratt — John repetiu com dolorosa paciência.— O profezor de Educação Física

do ginásio.

— O que *ele* estava fazendo aqui? — Alan perguntou.

John LaPointe sacudiu a cabeça, num gesto cansado.

— Não zei, Alan. Ele zó entrou e ficou louco.

— Por favor, dá um tempo! — Alan disse. — Cadê o Hugh Priest? Cadê o Clut? Pelo amor

de Deus, o que está acontecendo aqui?

29

George T. Nelson parou no limiar do quarto de dormir, passando o olhar incrédulo ao redor

do aposento. Era como se uma daquelas bandas *punk* completamente desvairadas — a Sex

Pistols ou, quem sabe, os Cramps — tivesse dado uma festinha na companhia de todos os seus

fãs.

— O que... — ele começou a dizer, e não teve mais palavras. Nem precisava. Ele *sabia* o

que. A cocaína. Tinha que ser. Há seis anos, vinha fornecendo coca ao corpo docente do

Ginásio de Castle Rock (nem todos os professores eram apreciadores daquilo a que Ace

Merrill dava; de vez em quando, o nome de Pó Boliviano da Pesada, mas podia-

se dizer que

alguns deles eram *grandes* apreciadores), e ele havia deixado uns 15g de coca quase pura

embaixo do colchão. Era *a branquinha*, tinha que ser. Alguém tinha dado com a língua nos

dentes; e a cobiça de alguém despertara. George supunha ter desconfiado desde que entrara

com o carro e notara que a vidraça da cozinha estava quebrada.

Atravessou o quarto e levantou o colchão com um safanão, com mãos que ele sentia mortas

e dormentes. Nada embaixo do colchão. A coca tinha sumido. Pouco menos de US$ 2.000 de

coca quase pura tinha sumido. Como um sonâmbulo, foi até o banheiro verificar se a sua

própria dose ainda estava no vidro de Anacin, na prateleira de cima do armário de remédios.

Jamais precisara tanto de uma dose estimulante como neste exato momento.

Chegou até a porta e estacou, os olhos se arregalando. Não foi a bagunça que atraiu sua

atenção, embora também aqui tudo estivesse rigorosamente de pernas para o ar — foi o vaso

sanitário. O assento estava descido e sobre ele havia uma levíssima camada de pó branco.

George era de opinião de que não se tratava de Talco Johnson.

Foi até o vaso, umedeceu o dedo e tocou o pó. A ponta da língua ficou entorpecida quase

no mesmo instante. No chão, entre o vaso e a banheira, encontrou um saquinho Baggie de

plástico. O quadro tornou-se claro. Insano, mas claro. Alguém entrou, encontrou a cocaína... *e,*

então, jogou tudo na latrina e deu descarga. Por quê? *Por quê?* Não sabia, mas tomou a

decisão de que quando encontrasse a pessoa responsável por tudo aquilo, perguntaria. Um

pouquinho antes de arrancar sua cabeça dos ombros. Não ia doer nada.

Sua dose de três gramas estava intacta. Levou-a para fora do banheiro e, então, ficou

novamente paralisado sob o efeito de um novo choque para os seus olhos. Não havia notado

aquela abominação em particular, ao ir da porta do quarto para o banheiro, mas, do ângulo em

que se encontrava agora era impossível não ver.

Ficou onde estava por um longo momento, olhos esbugalhados de horror espantado, a

garganta agitando-se convulsivamente. As veias, na rede das têmporas, batiam rápidas, como

asas de passarinho. Finalmente, conseguiu dizer uma única e estrangulada palavra: mamãe...

No andar térreo, atrás do sofá cor de mingau de aveia de George T. Nelson, Frank Jewett

ressonava.

Os curiosos, na parte baixa da Principal, cuja atenção tinha sido atraída pela berraria e pelo

tiroteio, arranjaram agora uma nova diversão: a fuga em câmera-lenta do seu presidente do

Conselho Municipal.

Buster curvou-se, tanto quanto podia, para dentro do Cadillac e ligou o botão de ignição.

Em seguida, apertou o botão que fazia descer o vidro do lado esquerdo do carro. Tornou a

fechar a porta e, com muito cuidado, começou a esgueirar-se para dentro do carro, pela janela

aberta, retorcendo-se como uma cobra.

Dos joelhos para baixo ainda estava do lado de fora, e tinha o braço esquerdo esticado às

costas, num ângulo perigoso por causa da algema presa à maçaneta da porta; a corrente da

algema passava sobre sua gorda coxa esquerda quando Scott Garson aproximou-se.

— Oi Danforth — disse o banqueiro, com certa hesitação. — Não creio que deva fazer

isso. Creio que recebeu voz de prisão.

Buster espiou por baixo do sovaco direito, sentindo seus próprios odores — bastante

picantes, por sinal, bastante picantes — e viu Garson, de cabeça para baixo. Estava exatamente

atrás de Buster. Parecia ter a intenção de puxar Buster para fora do carro

novamente.

Buster encolheu as pernas o quanto pôde e depois soltou-as com força, como um cavalo

dando coices, solto no pasto. Os saltos de seus sapatos atingiram o rosto de Garson com um

estalo que Buster considerou inteiramente satisfatório: Os óculos de aro de ouro de Garson

despedaçaram-se. Ele urrou, cambaleou para trás, tampando com na mãos o rosto que

sangrava, e estatelou-se na calçada da Rua Principal.

— Hah! — Buster exultou. — Peguei você de surpresa, não foi? Não contava com isto *nem*

de longe, não é? Seu perseguidor filho-da-mãe.

Contorceu-se em ziguezagues para dentro do automóvel. A corrente da algema deu na

medida certa. A junta do ombro rangeu de modo alarmante e depois girou na articulação de

maneira a permitir que Buster se retorcesse sob seu próprio braço e ajeitasse a bunda no

assento. E, agora, estava sentado ao volante de seu Cadillac, com o braço algemado pendendo

para fora da porta. Ligou o motor.

Scott Garson sentou a tempo de ver o Cadillac avançando sobre ele. A grade do carro

parecia rosnar para ele, uma imensa montanha de cromo pronta a triturá-lo.

Rolou freneticamente para a esquerda, evitando a morte por um triz. Um dos

pneus tala-

larga do Cadillac passou por cima de sua mão direita esmagando-a muito eficazmente. Em

seguida, sobre ela passou o pneu traseiro completando o serviço. Garson ficou deitado de

costas, fitando seus dedos grotescamente esmigalhados, que agora já não passavam de cotos, e

começou a rugir para o quente céu azul.

31

—*TAMMMMYYYYY FAYYYYYYYYE!*

O grito agudo despertou Frank Jewett de seu cochilo cada vez mais profundo. Durante

aqueles primeiros momentos confusos, não foi capaz de saber onde se encontrava — apenas

que era um lugar escuro e apertado. Um lugar *desagradável.* E estava segurando alguma

coisa... o que seria?

Levantou a mão direita e quase furou o próprio olho com a faca de churrasco;

— *Ooooooooohhhh, nãããããããão! TAMMMMYYYYYYY FAYYYYYYYE!*

E, subitamente, veio-lhe tudo à memória. Estava atrás do sofá do seu velho “amigo”

George T. Nelson, e aquele era o próprio George T. Nelson, em carne e osso, lamentando

ruidosamente a morte de sua periquitinha. Junto com esta lembrança, ocorreram-lhe todos os

outros detalhes: as revistinhas espalhadas pela sala toda, a mensagem de chantagem, a possível

(mais que possível, provável — e quanto mais pensava no assunto, mais provável lhe parecia)

ruína de sua carreira e de sua vida.

E, nesse momento, inacreditavelmente, ouviu George soluçar. Soluçar pela perda de uma

titiquinha. Bem, George, vou libertá-lo de seu sofrimento. Quem sabe... você pode até ser

levado para o céu dos passarinhos.

Os soluços se aproximavam do sofá. As coisas ficavam cada vez melhores. Ele daria um

pulo — "Surpresinha,, George!" — e o filho da mãe estaria morto antes mesmo de saber o que

estava acontecendo.

Frank estava prestes a dar o pulo, quando George T. Nelson, ainda soluçando como seu

coração fosse partir-se, despencou-se no sofá. Como era um homem corpulento, seu peso

empurrou o sofá contra a parede. Ele não ouviu o *"uuuuuuuuufffe"* surpreso e ofegante atrás do

sofá — encoberto pelo som de seus próprios lamentos. Tateou à procura do telefone, discou o

número através de uma nuvem de lágrimas e (quase por milagre) Fred Rubin atendeu ao

primeiro toque.

Fred! — de chorou. — Fred, aconteceu uma coisa horrível! Acho que ainda está

acontecendo! Meu Jesus, Fred! Meu Jesus!

Atrás e abaixo dele, Frank Jewett lutava por ar. Contos de Edgar Allan Poe, que lera

quando criança, contos de pessoas enterradas vivas, passaram-lhe pela memória. Seu rosto ia,

aos poucos, adquirindo a cor de tijolo velho. O pesado pé de madeira do móvel, que

comprimira seu peito quando George T. Nelson deixara-se cair no sofá, dava-lhe a sensação de

uma barra de chumbo. As costas do sofá apertavam-lhe o ombro e o lado do rosto.

Acima dele, George T. Nelson despejava uma descrição entrecortada do que tinha

acontecido no ouvido afinal atento de Fred Rubin. Finalmente, fez uma pausa e depois berrou:

— Não *me interessa* se devia falar disso pelo telefone — QUE IMPORTÂNCIA PODE

TER, QUANDO ELE MATOU TAMMY FAYE? O FILHO DA PUTA MATOU TAMMY

FAYE. Quem podería ter feito isto, Fred? *Quem?* Você tem que me ajudar.

Outra pausa, enquanto George T. Nelson ouvia, e Frank deu-se conta, em crescente pânico,

de que logo iria desmaiar. E, de súbito, compreendeu o que devia fazer — usar a automática

Llama e atirar através do sofá. Talvez não chegasse a matar George T. Nelson,

talvez nem

mesmo *atingisse* George T. Nelson, mas, certo como dois c dois são quatro, *chamaria a*

atenção de George T. Nelson e, uma vez alcançado esse ponto, calculava que as chances eram

boas de que George T. Nelson levantasse aquela bunda gorda do sofá antes que Frank morresse

ali atrás com o nariz apertado contra o aparelho aquecedor instalado no rodapé.

Frank abriu a mão que empunhava a faca e tentou agarrar a pistola enfiada no cós da calça.

Horror de pesadelo invadiu-o ao ver que não conseguia alcançá-la. Seus dedos se abriam e

fechavam a mais de 5cm acima da coronha incrustada de marfim. Tentou, com todas as forças

que ainda lhe restavam, abaixar um pouco mais a mão, mas o ombro comprimido não fazia um

único movimento: o amplo sofá — e o peso considerável de George T. Nelson — mantinham-

no imobilizado contra a parede.

Rosas negras — arautos da asfixia próxima — desabrochavam diante dos olhos arregalados

de Frank.

De uma distância impossível, ouvia seu velho “amigo” gritando com Fred Rubin, sem

dúvida sócio de George T. Nelson no fornecimento da cocaína.

— Do que você está *falando?* Eu ligo para contar que minha casa foi arrombada e você me

manda ir visitar um sujeito no fim da rua? Não preciso de panos quentes, Fred. O que eu

preciso é —

Interrompeu-se, levantou-se, e pôs-se a andar de um lado para outro da sala. Com o que era

literalmente o finzinho de sua resistência, Frank conseguiu afastar o sofá alguns centímetros.

Não era muito, mas permitia-lhe tomar pequenos goles de ar incrivelmente maravilhosos.

— Ele vende o *quê?* — George T. Nelson bradou. — Meu Jesus! Jesus do céu! Por que não

disse logo?

Silêncio novamente. Frank ficou deitado atrás do sofá, como uma baleia encalhada,

respirando ar aos pouquinhos, na esperança de que a cabeça que latejava monstruosamente não

explodisse. Em um momento, teria forças pára se levantar e estourar os bagos de seu velho

“amigo” George T. Nelson. Daqui a pouco. Quando recuperasse o fôlego, E quando as rosas

negras, que neste momento preenchiam a sua visão, murchassem até sumir completamente. Em

um momento. Dois, no máximo.

— OK — George T. Nelson disse. — Irei vê-lo. Duvido que ele faça os milagres que você

diz que ele faz, mas, a cavalo dado não se olham os dentes, certo? Mas, tenho que lhe dizer

uma coisa: estou cagando e andando se ele vende ou não. Vou descobrir o filho da puta que fez

isto — esta é a minha primeira prioridade — e vou cravá-lo no paredão mais próximo.

Entendeu?

Eu entendi, Frank pensou, mas quem vai cravar quem nesse fabuloso paredão é outra

história, meu velho e querido amigo de farras.

— Sim, *peguei* o nome! — George T. Nelson berrou ao telefone. — Gaunt, Gaunt, *Gaunt*,

porra!

Bateu o telefone, e em seguida deve tê-lo atirado longe — Frank ouviu o ruído de vidro

partido. Segundos mais tarde, George T. Nelson soltou um último palavrão e saiu bruscamente.

O motor do seu Iroc-Z despertou. Frank ouviu quando ele deu marcha à ré pela entrada de

carros, e ele próprio empurrou o sofá para longe da parede. Os pneus cantaram no asfalto da

rua, e então o velho “amigo” de Frank, George T. Nelson, tinha ido embora.

Dois minutos depois, um par de mãos surgiu e agarrou o encosto do sofá cor de mingau de

aveia. E um momento depois disso, o rosto de Frank M. Jewett — pálido e demente, os óculos

sem aro, *à la* Weatherbee, tortos no pequeno nariz arrebitado, uma das lentes rachada — surgiu

entre as mãos. As costas do sofá tinham deixado uma profunda marca vermelha em sua face

direita. Uns poucos flocos de poeira dançavam nos cabelos ralos.

Lentamente, como um cadáver encharcado que emerge do fundo de um rio e vem flutuar

quase à superfície, o sorriso reapareceu no rosto de Frank. Tinha perdido essa oportunidade

com seu velho “amigo” George T. Nelson, desta vez, mas George T. Nelson não tinha planos

de deixar a cidade. O diálogo ao telefone tinha deixado isto bem claro. Frank tornaria a

encontrá-lo antes do fim do dia. Num lugarejo como Castle Rock, seria difícil não encontrá-lo.

32

Sean Rusk parou na soleira da porta da cozinha de sua casa, olhando apreensivo

para a

garagem. Cinco minutos antes, seu irmão mais velho tinha ido para lá — Sean vira-o por

acaso, porque estava olhando pela janela de seu quarto. Brian levava alguma coisa na mão. A

distância era muito grande para que Sean pudesse ver o que era, mas ele não precisava *ver*. Ele

sabia o que era. Era a nova figurinha de beisebol que fazia Brian subir freqüentemente até o

quarto, a fim de admirá-la. Brian não sabia que Sean sabia a respeito da figurinha, mas Sean

sabia, sim. Sabia ate quem era o jogador, porque nesse dia tinha chegado da escola muito mais

cedo do que Brian, e tinha ido escondido ao quarto de Brian dar uma espiada. Não fazia a

menor idéia da razão pela qual Brian dava tamanha importância àquela figurinha —era velha,

suja, enrolada nos cantos, e desbotada. Ainda por cirna, o jogador era alguém de quem Sean

jamais ouvira falar — um lançador dos Los Angeles Dodgers, chamado Sammy Kobeig, cuja

folha profissional consistia de uma vitória e três derrotas. O cara nem sequer permanecera um

ano inteiro na divisão principal. Por que seria que Brian se importava tanto com essa

figurinha?

Sean não sabia. Contudo, sabia de duas coisas: Brian realmente *se importava,* e o

comportamento de Brian durante esta última semana mais ou menos tinha sido de meter medo.

Era como aquelas propagandas na TV sobre crianças viciadas em drogas. Mas, Brian não

usaria drogas... será que usaria?

Algo na expressão de Brian ao ir para a garagem deixara Sean morto de medo, e ele tinha

ido procurar a mãe. Não sabia exatamente o que diria e, no fim das contas isto tornou-se

irrelevante pois não teve tempo de dizer coisa alguma. Ela estava cantarolando pelo quarto,

vestida no roupão de banho, e com aqueles óculos ridículos que tinha comprado na loja nova.

— Mamãe, o Brian — ele começou, e foi tudo o que conseguiu dizer.

— Vá embora, Sean. Mamãe está ocupada.

— Mas, mamãe —

— Vá *embora,* já disse!

E, antes que tivesse tido uma chance de ir embora por conta própria, viu-se empurrado sem

cerimônias para fora do quarto. O roupão da mãe abrira-se ao empurrá-lo, e antes que pudesse

desviar os olhos Sean viu que ela não usava roupa alguma sob o roupão, nem mesmo uma

camisola.

Tinha batido com a porta na cara dele. E trancado a porta.

E, agora, ali estava ele na porta da cozinha, esperando ansioso que Brian voltasse da

garagem... e Brian não voltava.

Sua aflição foi aumentando lentamente até transformar-se em pavor mal controlado. Sean

deixou a soleira da porta da cozinha, atravessou a área de vento, e entrou na garagem.

A garagem estava escura, cheirando a óleo e explosivamente quente. Por alguns instantes

não enxergou o irmão, perdido nas sombras, e imaginou que ele talvez tivesse saído pela porta

dos fundos para o quintal. Então, seus olhos se acostumaram ao escuro, e ele teve um

sobressalto assustado.

Brian estava sentado, encostado à parede dos fundos, ao lado do cortador de grama

Lawnboy. Tinha apanhado o rifle do papai. A coronha estava apoiada no chão, o cano

apontava para o seu próprio rosto. Brian segurava o cano do rifle com uma das mãos, e na

outra trazia a velha e suja figurinha de beisebol que, por motivos ignorados, exercera tal poder

sobre a sua vida nesta última semana.

— Brian! — Sean gritou. — O que está fazendo?

— Não chegue perto, Sean, ou vai ficar todo sujo.

— Brian, não! — Sean gritou, começando a chorar. — Não seja bobo.. Você está... está me

assustando!

— Quero que me prometa uma coisa—Brian disse. Tinha tirado as meias e os tênis, e

enfiado o dedão no guarda-mato do gatilho.

Um líquido morno molhou Sean entre as pernas. Nunca tinha sentido tanto pavor em toda a

sua vida.

— Brian, por favor! *Por favooooor!*

— Quero que me prometa que nunca vai pôr os pés naquela loja nova.

— *Não!* — Sean gritou, dando um passo atrás precipitadamente. — Quero dizer, sim! *Sim!*

Brian abaixou levemente o cano do rifle, e o dedão relaxou um pouco ao redor do gatilho,

ao ver que seu irmão se afastava.

— Prometa.

— *Prometo!* Tudo o que você quiser. Mas, não faça isso. Não... não faça mais isso, Bri!

Entra comigo, vamos assistir aos Transformers! Não... você escolhe... o programa que quiser!

Até o Wapner! Vamos assistir o Wapner, se você quiser! A semana inteira! O mês inteiro! Eu

assisto junto com você. Mas, pare de me meter medo, Brian, por favor, *pare de me meter*

medo!

Era como se Brian não tivesse ouvido. Seus olhos pareciam flutuar no rosto distante e

sereno.

— Nunca entre lá dentro — ele disse. — Coisas Necessárias é um lugar maldito, e o sr.

Gaunt é um homem maldito. Só que ele não é bem um homem, Sean. Ele não é um homem de

verdade. Jure que nunca vai comprar nenhuma daquelas coisas malditas que o sr. Gaunt vende.

— Eu juro! Eu juro! — Sean balbuciou. — Juro pela mamãe!

— Não — Brian respondeu. — Não pode, porque ele também tomou conta dela. Jure por

você mesmo, Sean. Jure pelo seu próprio nome.

— Eu juro! — Sean gritou na garagem quente e escura. Estendeu as mãos para o irmão,

num gesto suplicante. — Eu juro, eu juro pelo meu próprio nome. Agora, por favor, ponha a

rifle no chão, Bri —

— Eu adoro você, meu irmãozinho. — Baixou os olhos para a figurinha, por um momento.

— Sandy Koufax que se foda — ele disse, e apertou o gatilho com o dedão do pé. O grito

agudo de terror de Sean elevou-se acima do estampido do rifle, que soou alto e plano na

garagem quente e escura.

33

Leland Gaunt estava à janela de sua loja, contemplando a Rua Principal e sorrindo

brandamente. O som do tiro na Rua Ford foi longínquo, mas seus ouvidos eram aguçados e ele

ouviu.

O sorriso alargou-se um pouco.

Tirou a tabuleta da janela que anunciava que só atenderia com hora marcada, e colocou

uma tabuleta nova. Esta dizia:

FECHADA ATÉ SEGUNDA ORDEM

— Estamos começando a nos divertir — Leland comentou com ninguém em particular. —

Sim, senhor!

CAPÍTULO DEZOITO

1

POLLY CHALMERS IGNORAVA o que estava acontecendo.

Enquanto Castle Rock dava os primeiros frutos verdadeiros da semeadura do sr.

Gaunt,

Polly se encontrava na Estrada Vicinal nº 3, na velha propriedade dos Cambers. Tinha ido para

lá assim que terminara sua conversa com Alan.

Terminara? ela pensou. Ora, querida, que expressão tão civilizada. Assim que bateu com o

telefone na cara dele — Não era isto o que queria dizer?

Está bem, ela concordou. Depois que bati com o telefone na cara dele. Mas, ele se

intrometeu na minha vida. E quando lhe pedi contas, ele se atrapalhou todo e depois mentiu.

Ele *mentiu*. E acontece que, para mim, esse tipo de comportamento *merece* uma resposta

pouco civilizada.

Algo em seu íntimo agitou-se incomodamente a esse pensamento, algo que poderia ter se

expressado se ela lhe tivesse dado tempo e espaço, mas Polly negou-lhe ambos. Não desejava

vozes discordantes; na verdade, preferia não pensar nu última conversa que tivera com Alan

Pangborn. Desejava apenas dar conta do seu recado, aqui no fim da Estrada Vicinal 3, e depois

voltar para casa. Uma vez em casa, pretendia tomar um banho fresco e dormir durante 12 ou

16 horas.

Mas, aquela voz profunda conseguiu pronunciar cinco palavras: Mas, Polly...

você já

pensou —

Não, não tinha pensado. Achava que teria que pensar nisso algum dia, mas ainda era cedo

demais. Quando começasse a pensar, também começaria o sofrimento. Por enquanto, devia

cumprir sua tarefa... e não pensar em coisa alguma.

A propriedade dos Cambers dava medo... alguns diziam que era mal-assombrada.

Há não muitos anos, duas pessoas — um menininho e o xerife George Bannerman —

tinham morrido na porta dos fundos dessa casa. Duas outras pessoas, Gary Pervier e próprio

John Camber, tinham morrido na descida do morro. Polly estacionou o carro exatamente no

local onde uma mulher chamada Donna Trenton tinha, certa feita, cometido o erro fatal de

estacionar o seu Ford e descer.

Ao fazê-lo, o *azka* oscilou entre seus seios.

Ela olhou ao redor, receosa, notou a varanda toda torta, as paredes sem pintura invadidas

pela hera, as janelas, quase todas quebradas, olhando cegamente para ela. Grilos cantavamsua

cançãozinha boba na grama, e o sol quente batia forte como naqueles dias terríveis em que,

neste lugar, Donna Trenton tinha lutado pela própria vida e pela vida de seu

fllho.

O que estou fazendo aqui? Polly *pensou. Meu Deus do céu, o que estou fazendo aqui?*

Mas, ela sabia a resposta, e nada tinha a ver com Alan Pangborn ou com Kelton, ou com o

Departamento de Proteção à Criança de San Francisco. Esta ligeira incursão pelo campo nada

tinha a ver com amor. Tinha a ver com dor. Só isto... e isto bastava.

Havia algo dentro do pequeno amuleto de prata. Algo que estava vivo. Caso não cumprisse

sua parte do acordo que tinha feito com Leland Gaunt, aquele algo morreria. E ela não sabia se

suportaria ser lançada de volta à dor horrível e triturante que sentira ao acordar na manhã de

domingo. Se tivesse que enfrentar uma vida inteira daquela dor, achava que preferiria morrer.

— E não é o Alan — Polly murmurou enquanto ia para o celeiro cuja porta parecia uma

boca aberta e cujo telhado era horrivelmente distorcido. — Ele disse que não levantaria um

dedo contra Allan.

E por que se preocupa? aquela voz aflita sussurrou.

Preocupava-se porque não queria magoar Alan. Estava zangada com ele, é verdade —

furiosa, mesmo — mas, isto não queria dizer que iria descer ao nível dele, que iria tratá-lo com

o mesmo pouco caso com que de a tratara.

Mas, Polly... você já pensou —

Não. *Não!*

Polly ia pregar uma peça em Ace Merrill, e não se importava nem um pouco com Ace —

nem mesmo o conhecia, apenas ouvira falar de sua reputação. O trote era em Ace, mas...

Mas Alan, que mandara Ace Merril para Shawshank, entrava no trote; entretanto, não sabia

como. Era o que o seu coração lhe dizia.

E poderia Polly desistir? Mesmo que quisesse, será que poderia?

Havia Kelton, também. O sr. Gaunt não dissera textualmente que a notícia do que

acontecera ao seu filho correria pela cidade toda a menos que ela cumprisse o trato... mas era o

que tinha dado a entender. E ela não suportaria que isto acontecesse.

Uma mulher não tem direito ao seu amor-próprio? Quando tudo o mais acaba, não tem

eia direito a pelo menos isto, a moeda sem a qual sua carteira estaria completamente vazia?

Sim. E sim. E sim.

O sr. Gaunt lhe dissera que encontraria no celeiro a única ferramenta de que ia precisar; por

isso, Polly encaminhou-se para lá.

Vá para onde seus pés a levarem, mas chegue lá viva, Trisha, tia Ewie lhe

dissera. Não

vire um fantasma.

Mas agora, ao entrar no celeiro dos Cambers pelas portas escancaradas e emperradas em

suas dobradiças enferrujadas, Polly *sentia-se* como um fantasma. Nunca se sentira tão

fantasma como neste momento. O *azka* mexeu-se no rego dos seios... por sua própria conta.

Alguma coisa lá dentro. Alguma coisa viva. A idéia não lhe agradava, mas a idéia do que

aconteceria se aquela coisa morresse agradava-lhe menos ainda.

Faria direitinho o que o sr. Gaunt lhe recomendara, pelo menos desta vez, cortaria todos os

laços que a uniam a Alan Pangborn (fora um erro começar com ele, entendia isso agora,

entendia-o muito claramente), e guardaria o passado só para si mesma. Por que não?

Afinal, o que tinha a fazer aqui era uma coisinha à toa.

2

A pá estava exatamente no lugar onde ele dissera que estaria, encostada na parede sob um

feixe de luz empoeirado. Polly segurou o cabo liso de tanto uso.

De repente, julgou ouvir um rosnido baixo e grosso, vindo da profunda escuridão do

celeiro, como se o são-bernardo rábico, que tinha matado George Bannerman e causado a

morte de Tad Trenton, ainda lá estivesse, de volta do além e mais feroz do que nunca. Os

braços de Polly ficaram arrepiados e ela saiu correndo do celeiro. O pátio não era lá muito

alegre - com aquela casa deserta fitando-a rabugenta — mas CRI melhor do que o celeiro.

O que estou fazendo aqui? perguntou-se mentalmente, angustiada, e foi a voz de tia Ewie

que respondeu: Virando fantasma. É isto o que está fazendo. Você está virando fantasma.

Polly fechou os olhos, bem apertados.

— Pare com isso! — sussurrou violentamente. — *Pare já com isso!*

Correto, disse Leland Gaunt. Além disso, por que tanto escândalo? Tudo não passa de um

trote inofensivo. E se algo de sério viesse a acontecer — não que se impere que aconteça, mas

apenas supondo, para argumentar, que acontecesse, de quem seria a culpa?

— De Alan — Polly murmurou. Seus olhos agitaram-se nervosamente nas órbitas e mias

mãos abriam-se e fechavam-se pousadas entre os seios. — Se ele estivesse aqui, para

podermos conversar... se ele não tivesse cavado este abismo, metendo-se onde não era

chamado, xeretando...

À vozinha interior tentou interferir, mas Leland Gaunt silenciou-a antes que pudesse

pronunciar palavra.

Correto, de novo, Gaunt disse. E, quanto ao que está fazendo aqui, Polly, a resposta é

muito simples: está pagando. É isso o que está fazendo, e isto é tudo que está fazendo.

Fantasmas nada têm a ver com a história. E lembre-se do seguinte, que é o aspecto mais

simples e mais maravilhoso da atividade comercial: uma vez pago o preço, o objeto comprado

lhe pertence. Você não pensou que um objeto tão maravilhoso fosse sair barato, não é? Mas,

quando acabar de pagar, será todo seu. Você tem direito líquido e certo sobre o bem pelo qual

pagou. E agora, vai ficar aqui o dia inteiro, dando ouvidos a essas velhas vozes lamurientas,

ou vai pôr mãos à obra?

Polly tornou a abrir os olhos. O *azka* pendia imóvel na ponta da correntinha. Caso tivesse

se movido antes — e agora, já não tinha tanta certeza — estava imóvel nesse momento. A casa

não passava de uma casa, vazia há muito tempo e exibindo os sinais inevitáveis de abandono.

As janelas não eram olhos, mas simplesmente buracos cujos vidros tinham sido quebrados por

pedras jogadas por garotos aventureiros. Se ouvira alguma coisa lá dentro do celeiro — e

agora, já não tinha tanta certeza — não passara do estalido de uma tábua ao calor inusitado de

outubro.

Seus pais estavam mortos. Seu bebezinho lindo estava morto. E o cão que dominara este

pátio com ferocidade tão total e terrível durante três dias e três noites do verão de 11 anos

atrás, também estava morto.

Não existiam fantasmas.

— Nem mesmo eu — ela disse, e começou a dar a volta ao celeiro.

3

Ao dar a volta ao celeiro, o sr. Gaunt lhe dissera, *vai ver os restos de um velho trailer.* Ela

viu — um Air-Flow de laterais prateadas, quase obscurecido por trepadeiras silvestres e moitas

de girassóis.

Vai ver uma grande pedra plana à esquerda do trailer.

Polly encontrou-a facilmente. Era grande como uma lajota de jardim.

Afaste a pedra e comece a cavar. A mais ou menos meio metro, vai encontrar uma lata de

Crisco.

Ela jogou a pedra para um lado e começou a cavar. Em menos de cinco minutos a lâmina

da pá bateu na lata. Largou a pá e cavou a terra solta com os dedos, rompendo a leve rede de

raízes. Um minuto depois, segurava a lata de Crisco. Estava enferrujada, mas intacta. O rótulo

apodrecido soltou-se e ela viu a receita de Bolo-Surpresa de Abacaxi no verso do rótulo (a lista

de ingredientes estava ilegível graças a uma mancha negra de mofo) e um cupom de Bisquick

cujo prazo de validade tinha expirado em 1969. Conseguiu introduzir os dedos sob a tampa da

lata e abri-la. O jato de ar que escapou da lata fez com que franzisse o rosto e jogasse a cabeça

para trás. Aquela voz íntima tentou, pela última vez, perguntar o que ela estava fazendo ali,

mas Polly a silenciou.

Espiou dentro da lata e viu o que o sr. Gaunt lhe dissera que veria: um maço de selos Gold

Bond para troca e várias fotografias desbotadas de uma mulher fazendo sexo com um cão

collie.

Tirou essas coisas para fora, meteu-as no bolso traseiro, e friccionou os dedos

vigorosamente na calça jeans. Lavaria as mãos assim que pudesse, prometeu a si mesma. Tocar

nessas coisas que tinham permanecido durante tanto tempo enterradas fazia com que se

sentisse suja.

De seu outro bolso tirou um envelope comercial fechado. No rosto do envelope estava

datilografado, em letras maiúsculas, o seguinte:

MENSAGEM PARA O INTRÉPIDO

CAÇA-TESOUROS

Polly acondicionou o envelope dentro da lata, fechou-a novamente, e tornou a jogá-la no

buraco que tinha cavado. Com a pá, encheu o buraco de terra, trabalhando depressa e de

qualquer jeito. Tudo o que queria naquele momento era dar o fora dali.

Ao terminar, afastou-se rapidamente. A pá, Polly a jogou no mato alto. Não tinha intenção

de levá-la de volta ao celeiro, não importa quão simples fosse a explicação para o som que

tinha ouvido lá dentro.

Chegando ao seu carro, abriu primeiro a porta do lado direito e em seguida o porta-luvas.

Tateou pelas pilhas de papéis até que encontrou uma carteirinha de fósforos bem antiga.

Riscou quatro fósforos até conseguir uma chamazinha. A dor já quase desaparecera de suas

mãos que tremiam com tal violência que riscara os três primeiros palitos com força excessiva,

o que torcera e desalinhara suas cabeças.

Quando o quarto palito de fósforo se acendeu, ela o segurou entre dois dedos da mão

direita, a chama tornando-se quase invisível sob o sol da tarde quente, e tirou a pilha amassada

dos selos de troca e fotografias pornográficas do bolso da calça. Levou

fogo até o maço enrolado e o manteve próximo até ter certeza de que tinha acendido. Em

seguida, jogou fora o fósforo e virou o maço de papéis a fim de alimentar a chama. A mulher

da fotografia era desnutrida e de olhos fundos. O cão parecia vagabundo, esperto o suficiente

para se mostrar envergonhado. Era um alívio observar a única fotografia que tinha visto,

fazendo bolhas e ficando escura. Quando as fotografias começaram a se encurvar, Polly jogou

o maço todo na terra onde, certa vez, uma mulher tinha espancado um outro cachorro, um certo

são-bernardo, até matá-lo com um taco de beisebol.

O fogo flamejou. A pilha de selos de troca e fotos rapidamente se transformou em cinzas

pretas. As chamas bruxulearam e se apagaram... e no momento em que isto aconteceu, uma

lufada de vento agitou a atmosfera parada, espalhando o montinho de cinzas em flocos leves

que subiram num remoinho que Polly acompanhou com olhos subitamente medrosos e

arregalados. De onde, exatamente, tinha soprado essa entranha lufada de vento?

Oh, por favor! Será que você não pode deixar de ser tão estupidamente —

E, naquele momento, o rosnado baixo e rouco, como um motor de popa sem direção,

elevou-se das trevas quentes do celeiro. Não era sua imaginação e não era o estalido de uma

tábua.

Era um cachorro!

Polly olhou assustada para aquele lado, e viu dois círculos fundos de luz avermelhada

fitando-a da escuridão do celeiro.

Correu ao redor do carro, batendo com o quadril dolorosamente, em sua pressa, no lado

direito do capô, entrou correndo, levantou os vidros e travou as portas. Girou a chave de

ignição. O motor roncou... mas não pegou.

Ninguém sabe onde estou, ela pensou. Ninguém, a não ser o sr. Gaunt... e de não abriria a

boca.

Por um instante viu-se encurralada ali, como acontecera com Donna Trenton e seu filho.

Então, o motor despertou e ela deu marcha à ré, tão depressa que quase deixou o carro cair no

barranco, do outro lado da estrada. Engatou a marcha e voltou para a cidade tão depressa

quanto se atrevia a dirigir.

Esquecera-se completamente daquela idéia de lavar as mãos.

4

Ace Merrill rolou para fora da cama mais ou menos à mesma hora em que Brian

Rusk

estourava os miolos a uns 50km de distância.

Entrou no banheiro, libertando-se das cuecas sujas enquanto andava, e urinando durante

uma ou duas horas. Levantou um braço e cheirou o sovaco. Olhou para o chuveiro e decidiu-se

contra. Tinha um grande dia pela frente. O banho podia esperar.

Saiu do banheiro sem dar-se ao trabalho de dar descarga — *se amarelo mijar, deixe ficar,*

fazia parte integral da filosofia de Ace — e foi direto para o gabinete onde o restinho do pó do

sr. Gaunt estava arrumado sobre um espelho. Grande pó — entra redondo no nariz, e é uma

paulada na cabeça. E já estava quase no fim. Ace precisara de uma boa quantidade na noite

anterior, exatamente como o sr. Gaunt tinha lhe dito. Fazia idéia, contudo, de que ainda havia

bastante na mesma fonte.

Ace usou a lâmina de sua licença de motorista para formar as duas fileiras de pó. Aspirou-

as com um tubo feito de uma nota de US$ 5,00, e alguma coisa semelhante a um míssil Strike

explodiu dentro de sua cabeça.

Bum! — Ace Merrill gritou na sua melhor imitação da voz de Warner Wolf. — E vamos

para o vídeo-teipe.

Puxou um par de calças jeans desbotadas sobre os quadris nus e enfiou-se na camiseta da

Harley-Davidson. É a roupa que os caça-tesouros estão vestindo este ano, e riu

desenfreadamente. Puxa vida! aquela coca era uma maravilha!

Já ia sair pela porta quando deu com os olhos na colheita da noite anterior, e lembrou-se de

que tinha a intenção de telefonar para Nat Copeland, em Portsmouth. Voltou ao quarto,

remexeu entre as roupas emboladas de qualquer jeito na gaveta de cima do gabinete, e

finalmente encontrou um livrinho de telefones já bastante arrebentado. Voltou à cozinha,

sentou-se e discou o número que tinha. Duvidava que chegasse a apanhar Nat, mas valia a pena

tentar. A cocaína zumbia e ricocheteava dentro da cabeça, mas Ace sentia que ela já estava

começando a perder o efeito. Uma boa dose de coca transforma qualquer um em um novo

homem. O chato é que a primeira coisa que esse novo homem quer é mais uma dose do pó, e o

suprimento de Ace estava tristemente exaurido.

— Hein? — disse uma voz desconfiada do outro lado da linha, e Ace concluiu que tinha

vencido ás chances contrárias — a sorte estava do seu lado.

— Nat! — Ace exclamou.

— Quem diz isso?

— Eu, amigo velho. Eu digo!

— Ace? É você?

— Eu mesmo! Como vai, amigão?

— Já tive dias melhores. — Nat não deixou transparecer grandes alegrias ao ouvir a voz de

seu antigo companheiro de oficina, em Shawshank. — O que você quer, Ace?

— Ora, e isso é jeito de falar com um velho amigo? — Ace perguntou em tom de crítica.

Prendeu o telefone entre a orelha e o ombro e puxou um par de latas enferrujadas para ele.

Tinha desenterrado uma delas na terra atrás da antiga propriedade dos Treblenorrt, e a

outra viera de um buraco na adega da velha fazenda dos Masters, que tinha sido destruída por

um incêndio quando Ace tinha apenas dez anos de idade. A primeira lata tinha guardado

apenas quatro álbuns de Etiquetas Verdes S & H e vários maços de cigarros Raleigh enrolados

e presos por um elástico. A segunda tinha guardado alguns bolinhos de selos de troca diversos

e seis rolos de *pennies.* Só que as moedas não pareciam legítimas.

Eram brancas.

— Talvez eu queira apenas estabelecer contato — Ace brincou. — Você entende, verificar

o estado de suas fezes, saber como vai o seu suprimento de K-Y. Esse tipo de coisa.

— O que você quer, Ace? — Nat Copeland repetiu impaciente.

Ace tirou um dos rolos de *pennies* da velha lata de Crisco. O papel, que a princípio fora

vermelho-púrpura, tinha desbotado para um cor-de-rosa lavado e sem brilho. Despejou duas

moedinhas na palma da mão e fitou-as com curiosidade. Se alguém sabia alguma coisa sobre

elas, esse alguém era Nat Copeland.

Ele já fora proprietário de uma loja em Kittery chamada Copeland’s — Moedas e Peças de

Colecionador. Ele também já possuíra sua própria coleção de moedas — uma das dez melhores

da Nova Inglaterra, pelo menos segundo o próprio Nat Copeland. E, então, ele também

descobrira as maravilhas da cocaína. Depois de quatro ou cinco anos, a partir dessa descoberta,

Nat havia desmontado toda a sua coleção, peça por peça, e cheirado cada uma delas. Em 1985,

em resposta ao alarme disparado pela loja de moedas Long John Silver, em Portland, a policia

dera um flagrante em Nat Copeland no quarto dos fundos, estufando um saco de camurça com

dólares de prata “A Dama da Liberdade”. Ace e ele se conheceram pouco depois disto.

— Bem, eu *tinha* uma pergunta, agora que você mencionou.

— Uma pergunta? Só isso?

— Só isso, amigão.

— Tudo bem — A voz de Nat soou um tiquinho de nada menos tensa. — Então, pergunte.

Não tenho o dia todo.

— Certo — Ace disse. — Ocupadíssimo, ocupadíssimo. Ir a uma porção de lugares e

visitar uma porção de gente, certo, Natty? — Riu como um demente. Não só por causa da coca

— mas por causa *do dia*. Tinha voltado para casa somente ao raiar do dia, a coca ingerida

mantivera-o acordado até quase às 10:00h da manhã apesar do cansaço físico e das persianas

fechadas, e ainda assim sentia-se pronto para comer barras de ferro e cuspir pregos. E por que

não? E por que não, *porra?* Encontrava-se no limiar da fortuna. Tinha certeza, sentia isto em

cada fibra do corpo.

— Ace, será que existe alguma coisa dentro dessa sua cabeça oca, ou você ligou só para

mexer comigo?

— Não, não liguei só para mexer com você. Se você me der uma boa dica, Natty, talvez eu

dê *a você* uma boa dica. Muito boa.

— É mesmo? — No mesmo instante, a voz de Nat Copeland perdeu aquele tom de

impaciência. Tornou-se abafada, quase reverente. — Que cagada é essa, Ace?

— A melhor, a maior cagada de toda a minha vida, Natty Bumppo, meu amigo.

— E eu estou nessa?

— Não duvido, nem um pouco — Ace disse, pensando justamente o contrário. Tinha

despejado mais três ou quatro daqueles *pennies* esquisitos do rolinho velho e pálido. Nesse

momento, colocou-os em linha reta.

— Mas preciso que você me faça um favor.

— Diga lá.

— O que você sabe a respeito de *pennies* brancos?

— Fez-se silêncio do outro lado da linha. Então, Nat perguntou cautelosamente:

— *Pennies* brancos? O que você quer dizer, *pennies de aço?*

— Não sei o que quero dizer — você é que é o colecionador de moedas, não eu.

— Verifique as datas. Veja se foram cunhadas entre 1941 e 1945.

Ace virou as moedas à sua frente. Uma era de 1941; quatro eram de 1943; a última era de

1944.

— É, são. Elas valem alguma coisa, Nat? — Tentava disfarçar a ansiedade da voz, sem

muito sucesso.

— Não muito, se tomadas individualmente — Nat explicou. — Mas muito mais do que

pennies comuns. Talvez uns US$ 2.00 cada uma. US$ 3.00 se forem N. C.

— O que é isso?

— Não Circuladas. Retidas na Casa da Moeda. Você tem muitas delas, Ace?

— Bastante — Ace respondeu. — Bastante, Nat, meu amigão.

Mas, estava desapontado. Tinha seis rolos, trezentos *pennies*, e a moeda que tinha à sua

frente não parecia estar em muito boas condições. Não estavam um cocô de tanto uso, mas

nem de longe estavam tinindo de novas. US$ 600.00, US$ 800.00 no máximo. Não era

exatamente o que se poderia chamar de sorte grande.

— Bem, traga as moedas aqui e dou uma olhada nelas — Nat disse. — Posso conseguir um

preço melhor para você. — Hesitou, e depois continuou: — E traga um pouco desse pó

maravilhoso com você.

— Vou pensar no assunto.

— Ei, Ace! Não desligue!

Foi exatamente o que fez, respondendo:

— Foda-se, Natty.

Permaneceu sentado por alguns instantes, ponderando sobre os *pennies* e as duas latas

enferrujadas. Havia alguma coisa de muito estranha em tudo isto. Selos de troca sem valor e

US$ 600.00 de *pennies* de aço. Qual era o produto dessas parcelas?

Essa é que é a merda toda, Ace pensou. Não dá em nada. Onde está a coisa? Onde está a

droga do TESOURO?

Afastou-se da mesa com um safanão, entrou no quarto, e cheirou o resto do pó que o sr.

Gaunt lhe dera. Ao retomar consciência, segurava o livro com o mapa dentro e sentia-se bem

mais animado. Havia um *produto.* O produto certinho. Agora que dera um reforço para sua

mente, percebia tudo.

Afinal de contas, havia um número enorme de cruzes naquele mapa. Tinha encontrado dois

esconderijos exatamente nos lugares indicados por duas das cruzes, cada um marcado por uma

grande pedra plana. Cruz + Pedra Plana = Tesouro Enterrado. *Parecia* que o tio ficara um

pouco de miolo mole no fim da vida, mais do que o pessoal da cidade teria acreditado, tendo

assim um pouco de dificuldade em distinguir a diferença entre diamantes e poeira, mas o que

valia mesmo — ouro, dinheiro, notas de crédito negociáveis — tinha que estar *em algum*

lugar, embaixo de uma ou mais daquelas pedras planas.

Tinha *tirado a prova.* Seu tio tinha enterrado coisas *de valor*, não somente velhos selos de

troca. Na velha fazenda dos Masters tinha encontrado seis rolos de *pennies* de

aço, que valiam

US$ 600.00. Não era muito... mas já era um sinal.

Está lá — Ace disse baixinho. Os olhos falsearam insanos. — Está lá — em um daqueles

outros sete buracos. Ou em dois. Ou em três.

Ele sabia.

Tirou o mapa em papel pardo de dentro do livro e deixou o dedo deslizar de uma cruz para

outra, perguntando-se se algumas seriam mais promissoras que outras. O dedo de Ace parou na

velha propriedade de Joe Camber. Era o único local onde havia duas cruzes muito juntas. O

dedo começou a mover-se lentamente de uma para outra, de uma para outra.

Joe Camber encontrara a morte numa tragédia que levara três outras vidas. Na ocasião, sua

mulher e seu filho encontravam-se ausentes. Em férias. Gente como os Cambers dificilmente

saíam de férias, mas tinha uma vaga idéia de que Charity Camber ganhara algum dinheiro

numa loteria estadual. Tentou lembrar-se de maiores detalhes, mas estava tudo multo nebuloso

em sua mente. Naquela época, estava às voltas com seus próprios assuntos — muitos deles.

Qual tinha sido a reação da sra. Camber ao voltar da viagem com o filho e descobrir que

Joe — que, segundo Ace ouvira dizer, era um panacão — tinha morrido?

Tinham se mudado

do estado, não era? E a propriedade? Talvez ela tivesse tido vontade de desfazer-se dela com

muita pressa. Em Castle Rock, um nome se destacava sobre todos os demais quando se tratava

de se desfazer de coisas com muita pressa, e esse nome era Reginald Marion “Pop” Merrill.

Teria ela procurado seu tio?

Ele teria oferecido um preço abaixo do valor de mercado — ele era assim — mas se ela

estava ansiosa para se mudar, mesmo um preço baixo seria satisfatório. Em outras palavras, a

propriedade dos Camber talvez pertencesse ao seu tio à época de sua morte.

Esta possibilidade concretizou-se em certeza na mente de Ace, poucos minutos depois de

ter-lhe ocorrido.

A Fazenda Camber! — ele disse. — Aposto que é lá que está! Eu *sei* que é lá que está!

Milhares de dólares! Talvez *dezenas* de milhares! Jesus querido!

Apanhou o mapa bruscamente e tornou a guardá-lo no livro. Em seguida, quase Correndo,

foi para o Chevy que o sr. Gaunt lhe tinha emprestado.

Uma pergunta ainda o incomodava: se Pop tinha realmente sido capaz de entender a

diferença entre diamantes e poeira, por que se dera ao trabalho de enterrar aqueles selos de

troca?

Impacientemente, Ace deixou esse enigma de lado e pegou a estrada para Castle Rock.

5

Danforth Keeton chegou de volta à sua casa na Vista do Castelo no momento em que Ace

se dirigia para a zona mais rural da cidade. Buster continuava algemado à maçaneta de seu

Cadillac, mas seu estado de espírito era de desenfreada euforia. Tinha passado os últimos dois

anos dando murro em ponta de faca e perdendo a briga. Chegara a um ponto em que começara

a temer que estivesse perdendo o juízo... o que, é óbvio, era exatamente o que Eles queriam

que pensasse.

Enquanto vinha de automóvel da Rua Principal até sua casa na Vista, notou diversos

“discos de satélite”. Já os tinha notado antes, e se indagado se não fariam parte do que estava

acontecendo nesta cidade. Agora, tinha certeza. Não eram absolutamente “discos de satélite”.

Eram sugadores da mente. Talvez não estivessem *todos* assestados para sua casa, mas era certo

que os que não estavam, estariam visando as outras poucas pessoas como ele que estavam a

par da monstruosa conspiração em curso.

Buster parou o carro na entrada da casa e pressionou o controle remoto para abrir

automaticamente a garagem, instalado no seu visor solar. A porta começou a subir, mas no

mesmo instante ele sentiu uma terrível punhalada de dor atravessando sua cabeça. Entendeu

que *isto* também fazia parte do plano deles — Eles tinham substituído seu *verdadeiro* aparelho

automático para abrir a garagem por algum outro artefato, um artefato que lançava raios dentro

de sua cabeça ao mesmo tempo em que abria a porta da garagem.

Arrancou o instrumento do visor solar e atirou-o pela janela antes de entrar na garagem.

Desligou a Ignição, abriu a porta do carro e saiu. A algema o prendia à porta com tanta

eficiência como um grilhão ao redor do pescoço. Havia uma série de ferramentas arrumadas

com muito esmero em ganchos na parede, mas estavam muito fora de alcance. Buster curvou-

se para dentro do carro e desandou a tocar a buzina.

6

Myrtle Keeton, que tinha tido o seu próprio trabalho a cumprir naquela tarde, estava

deitada em seu quarto num meio cochilo agitado quando a buzina desandou a tocar. Sentou-se

ereta, os olhos se esbugalhando de terror.

— *Eu fiz*! — ela gaguejou. — Eu fiz o que o senhor me mandou, portanto, por

favor, me

deixe em paz!

Compreendeu que estivera sonhando, que o sr. Gaunt não estava presente, e deixou escapar

um suspiro trêmulo e prolongado.

FOON! FOON! FOOOOOOOOOOOOONNNNNNNN!

Parecia a buzina do Cadillac. Pegou a boneca que estava a seu lado na cama, a belíssima

boneca que comprara na loja do sr. Gaunt, e a abraçou em busca de amparo. Tinha feito uma

certa coisa naquela tarde, uma certa coisa que uma parte vaga e medrosa de seu íntimo

considerava uma coisa feia, uma coisa *muito* feia, e desde então a boneca se tornara

inexprimivelmente querida para ela. O preço, diria o sr. Gaunt, sempre valoriza o objeto... pelo

menos, aos olhos do comprador.

FOOOOOOOOONNNNNNNNNN!

Era a buzina do Cadillac. Por que estaria Danforth sentado na garagem, tocando aquela

buzina? Era melhor levantar-se e ir verificar.

— Mas é melhor que ele não machuque a minha boneca — ela disse em voz baixa.

Colocou-a cuidadosamente na sombra embaixo do seu lado na cama. — É melhor que ele não

a machuque, porque esse é o meu limite.

Myrtle foi uma das várias pessoas a visitar Coisas Necessárias naquele dia, apenas mais um

nome na lista feita pelo sr. Gaunt. Tinha vindo, como tantas outras, porque o sr. Gaunt tinha

lhe *dito* que viesse. Recebeu a mensagem por uma via de comunicação que seu marido teria

entendido plenamente: ouviu-a dentro da cabeça.

O sr. Gaunt lhe dissera que chegara a hora de pagar pela boneca... se quisesse fitar com ela,

é claro. Ela deveria levar uma caixa de metal e uma carta lacrada para A Irmandade das Filhas

de Isabella, ao lado da Igreja de Nossa Senhora das Águas Serenas. A caixa tinha grades em

todos os lados menos no fundo. Myrtle ouvia um leve ruído de tique-taque lá dentro. Tentara

espiar por uma das grades redondas — semelhantes aos alto-falantes dos antigos rádios de

mesa — mas só conseguira distinguir uma vaga forma cúbica. E, a bem da verdade, não tinha

olhado com muita intenção. Parecera-lhe melhor — mais seguro — não fazê-lo.

Ao chegar a pé, Myrtle vira um único automóvel no estacionamento do pequenino terreno

que fazia parte da igreja. No entanto, a casa paroquial em si estava vazia. Myrtle espiou por

cima do cartaz grudado na vidraça na metade superior da porta, a fim de ter

certeza, e depois

leu o cartaz.

REUNIÃO DAS FILHAS DE ISABELLA

NA TERÇA-FEIRA, ÀS 7:00h DA NOITE

VENHA AJUDAR NO PLANEJAMENTO DA

NOITE NO CASSINO

Myrtle esgueirou-se para dentro da casa paroquial. À sua esquerda havia uma estante de

escaninhos em cores vivas encostada à parede — era onde as crianças da creche paroquial

guardavam seus lanches e onde as crianças da Escola Dominical guardavam seus vários

desenhos e projetos de tarefas. Myrtle tinha sido instruída a colocar o objeto que levava num

desses compartimentos, e ela assim o fez. Cabia direitinho. Na frente do aposento ficava a

mesa da presidenta, ostentando uma bandeira americana à esquerda e um pendão com a figura

do Menino Jesus de Praga à direita. A mesa já estava preparada para a reunião da noite, com

lápis, canetas, folhas de assinaturas para a Noite no Cassino, e, no meio da mesa, a agenda da

presidenta. Myrtle tinha escondido o envelope que lhe fora dado pelo sr. Gaunt sob essa folha,

de forma que, assim que pegasse a agenda, Betsy Vigue, com mandato de presidenta das

Atividades das Filhas de Isabella para aquele ano, não poderia deixar de vê-lo.

LEIA ESTA MENSAGEM

IMEDIATAMENTE

PROSTITUTA PAPISTA

Estava datilografado no rosto do envelope.

O coração batendo rápido dentro do peito, e a pressão arterial mais alta do que a lua,

Myrtle saiu na ponta dos pés da Irmandade das Filhas de Isabella. Do lado de fora, parou um

instante, a mão apertando o peito farto, tentando recuperar a respiração.

E viu um vulto saindo apressado da Fraternidade dos Cavaleiros de Colombo, além da

igreja.

Era June Gavineaux. E sua expressão era tão culpada e temerosa quanto a de Myrtle.

Desceu correndo os degraus de madeira até o estacionamento, em passo tão veloz que quase

levou um tombo e depois dirigiu-se para aquele único automóvel estacionado, os saltos baixos

martelando vigorosamente a calçada quente.

Ela levantou o olhar, viu Myrtle e empalideceu. Em seguida, estudou o rosto de Myrtle

mais atentamente... e compreendeu.

— Você também? — ela perguntou em voz baixa. Um sorriso estranho, ao mesmo tempo

alegre e nauseado, surgiu em seu rosto. Era a expressão de uma criança normalmente bem-

comportada que, por razões que ela própria ignora, esconde um camundongo na gaveta da

mesa de sua professora predileta.

Myrtle sentiu que respondia, com um sorriso exatamente igual que surgia em seu próprio

rosto. Tentou desviar o assunto.

— Pelo amor de Deus! Não sei do que está falando!

— Sabe, sabe sim — June tinha passado um rápido olhar ao seu redor, mas as duas

mulheres eram as donas daquela esquina, nessa estranha tarde. — O sr. Gaunt.

Myrtle meneou a cabeça e sentiu suas faces se incendiarem num rubor violento e pouco

usual.

— O que você comprou? — June perguntou.

— Uma boneca. O que *você* comprou?

— Um vaso. O vaso *cloisonné* mais lindo que se possa imaginar.

— O que você fez?

Sorrindo matreira, June devolveu a pergunta: — O que *você* fez?

— Não importa — Myrtle olhou para a Irmandade das Filhas de Isabella, e fungou. — Seja

como for, não importa. Não passam de católicas.

— Isso mesmo — June (que era, ela própria, uma católica negligente)

concordou. Depois,

tinha ido para o carro. Myrtle não pediu carona e June Gavineaux não lhe ofereceu. Myrtle

saira do estacionamento, andando muito depressa. Não levantou os olhos quando June passou

célere por ela, no Satum branco. Tudo o que Myrtle queria era chegar em casa, tirar um cochilo

abraçada à sua boneca, e esquecer o que tinha feito.

Isto, descobria agora, não iria ser tão fácil como tinha esperado.

7

FOOOOOOOOOOOOOOOONNNNNNNNNNNNNNNNNN!

Buster plantou a mão na buzina e deixou tocar. O som ricocheteava e zunia em seus

ouvidos. Onde, diabos, estaria aquela cadela?

Finalmente, a porta que ficava entre a garagem e a cozinha abriu-se. Myrtle enfiou a

cabeça pela fresta. Os olhos estavam arregalados e amedrontados.

— Ora, finalmente! — Bustcr disse, largando a buzina. —Pensei que você tinha morrido

na privada.

— Danforth? O que aconteceu?

— Nada. As coisas estão melhores agora do que nestes últimos dois anos. Só preciso de

uma mãozinha aqui, só isso.

Myrtle não se mexeu.

— Mexa essa bunda mole até aqui, mulher!

Ela não tinha vontade de ir — ele a assustava — mas o hábito era antigo, rígido e

profundo, difícil de ser vencido. Myrtle acercou-se dele, no espaço apertado atrás da porta

aberta do carro. Andava devagar, os chinelos batendo no concreto de uma forma tal que fez

Buster rilhar os dentes.

Myrtle viu as algemas e seus olhos se alargaram.

— Danforth, o que aconteceu?

Nada que eu não possa dar um jeito. Me dê a serra de arco, Myrt. Aquela ali na parede.

Não — pensando melhor, esqueça a serra de arco por enquanto. Me dê a chave de fenda

grande. E aquele martelo.

Ela começou a afastar-se dele, as mãos se elevando para o peito e se cruzando nun gesto

ansioso. Rápido como uma cobra, mexendo-se antes que ela pudesse ficar fora de alcance,

Buster estendeu depressa a mão livre pela janela aberta e agarrou-a pelos cabelos.

— *Ai!* — ela gritou, agarrando inutilmente o pulso dele. — *Danforth, ai! AAAAAAI!*

Buster arrastou-a para perto dele, o rosto contorcido numa expressão medonha.

Duas grandes veias pulsavam em sua testa. A sensação da mão dela batendo em seu pulso

era o mesmo que o ruflar de asas de passarinho.

— *Vá buscar o que eu mandei!* — ele gritou, e puxou a cabeça dela para frente. Bateu a

cabeça de Myrtle na quina da porta aberta, uma, duas, três vezes. — *Você nasceu idiota ou*

tomou lições particulares? Vá! Vá! Vá!

— Danforth, você está me machucando!

— *Isso mesmo! — ele* gritou de volta, e novamente bateu a cabeça dela na porta aberta do

Cadillac, só que com muito mais força, desta vez. A pele da testa de Myrtle rompeu-se e um

fio de sangue escorreu pela face esquerda.

— Vai prestar atenção no que digo, mulher?

— Sim! Sim! Sim!

— Ótimo! — sua mão soltou levemente o cabelo dela. — Agora, vá buscar aquela chave

de fenda maior e o martelo. E não tente nenhuma gracinha,

Ela esticou o braço na direção da parede.

— Não alcanço.

Ele se inclinou, esticando um pouco o seu próprio alcance e assim permitindo que ela desse

um passo para a parede onde se encontravam as ferramentas. Enquanto Myrtle tateava,

Danforth não deixou de apertar os cabelos dela firmemente. Gotas de sangue, do tamanho de

moedas de dez cents, caíam no chão entre seus chinelos.

Sua mão agarrou uma das ferramentas, e Danforth sacudiu-lhe a cabeça com violência, do

modo como um cão *terrier* sacode um rato morto.

— Essa aí não, Burralda — ele disse. — Isso é uma verruma. Eu pedi uma verruma? *Hein?*

— Mas, Danforth — *AAAII!* Não estou *enxergando!*

— Acho que o que quer é que eu a solte. Daí, poderia fugir para dentro de casa e chamá-

los, não é?

— Não sei de que está falando!

— Ah, não. Que anjinho tão inocente que você é. Foi pura coincidência que você arranjou

um meio de me fazer sair de casa no domingo, para aquele tira fodido vir até aqui e espalhar

aquelas fichas pela casa toda — é Isso que deseja me fazer acreditar?

Ela o fitou através das mechas caldas do cabelo. O sangue formara diminutas contas em

seus cílios.

— Mas... mas.. Danforth... foi *você* que levou *a mim* para fora de casa no domingo. Você

disse —

Ele puxou os cabelos dela com força. Myrtle gritou.

— Pegue o que pedi, só isso. Discutiremos o assunto mais tarde.

Myrtle tateou ao longo da parede, a cabeça pendida, o cabelo (fora o que estava sendo

agarrado por Buster) caindo sobre o rosto. Seus dedos hesitantes tocaram na chave de fenda

maior.

— Essa é a primeira ferramenta — ele disse. — Vejamos a segunda, o que acha?

Ela continuou tateando à procura das ferramentas, e, afinal, seus dedos trêmulos tocaram a

proteção de borracha perfurada que cobria o cabo do martelo Craftsman.

— Ótimo. Agora me dê os dois.

Myrtle tirou o martelo do gancho, e Buster a arrastou de volta. Soltou seus cabelos, pronto

a puxar mais um punhado, caso ela desse sinal de fuga. Ela não o fez. Estava acovardada.

Esperava apenas receber permissão para voltar ao quarto, onde poderia ninar sua boneca

maravilhosa e adormecer. Seu desejo era dormir para sempre.

Ele puxou as ferramentas de mãos que não resistiram. Ajeitou a ponta da chave de fenda

contra a maçaneta da porta e pôs-se a martelar a cabeça da chave de fenda. No quarto golpe, a

maçaneta cedeu. Buster tirou o aro da algema e largou maçaneta e chave de fenda no chão de

concreto. A primeira coisa que fez foi apertar o botão que fechava a porta da garagem. E,

enquanto a porta descia chocalhando ruidosamente nos trilhos, ele avançou para Myrtle com o

martelo na mão.

— Você foi para a cama com ele, Myrtle? — ele perguntou em voz baixa.

— O quê? — Ela o fitou com olhos apáticos e inexpressivos.

Buster pôs-se a socar a palma da mão com a cabeça do martelo. Era um som macio e cheio

— *paft!paft!paft!*

— Você foi para a a cama com ele, depois que vocês dois grudaram aquelas fichas cor-de-

rosa pela casa toda?

Ela o fitou sem expressão, sem entender, e o próprio Buster esqueceu-se de que Myrtle

tinha estado em sua companhia no Maurice enquanto Ridgewood invadia a casa e executava

aquela porcaria.

— Buster, do que é que você está fal —

Ele fez alto, os olhos aumentando de tamanho.

— Do que foi que me chamou?

A apatia abandonou os olhos de Myrtle. Ela começou a recuar, encolhendo os ombros num

gesto de proteção. Atrás deles, a porta da garagem acabou de fechar-se. E, agora, os únicos

ruídos lá dentro eram o arrastar de seus pés e o brando tilintar da corrente da algema que

oscilava de um lado para outro.

— Desculpe — ela sussurrou. — Desculpe, Danforth. — E, virando-se inesperadamente,

correu para a porta da cozinha.

A três passos da porta, ele a alcançou, agarrando-a mais uma vez pelos cabelos para puxá-

la para si.

— *Do que foi* que você me chamou? — ele gritou, levantando o martelo.

Os olhos de Myrtle reviraram-se a tempo de acompanhar a curva ascendente do martelo.

— Danforth, não, por favor!

Do que foi que você me chamou? Do que foi que você me chamou?

E ficou repetindo a pergunta, aos gritos, e a cada vez que perguntava, marcava a pontuação

com aquele som macio e cheio: *Paft, Paft. Paft.*

8

Ace entrou no pátio da fazenda Camber às 5:00h. Meteu o mapa no bolso traseiro da calça,

e depois abriu o porta-malas. Tirou a pá e a picareta que o sr. Gaunt tinha atenciosamente

providenciado, e foi para a varanda inclinada e imensa que corria ao longo de um dos lados da

casa. Tirou o mapa do bolso e sentou-se na escadinha da Varanda, a fim de estudá-lo. Os

efeitos imediatos da cocaína já iam desaparecendo, mas o coração ainda batia

vigorosamente

dentro do peito. Caçar tesouros, ele descobrira, também era um estimulante.

Olhou ao redor para o pátio invadido pelo mato, o celeiro cambo, as touceiras de girassóis

cegos. Não é lá grande coisa, mas creio que é isto aqui, assim mesmo, ele pensou. O lugar

onde consegui deixar os Irmãos Corsons para trás definitivamente, *e* ainda por cima, ficar

podre de rico. Está aqui — no todo ou em parte. Bem aqui. Tenho um pressentimento.

No entanto, era mais do que simples pressentimento — podia *ouvi-lo*, cantando para ele.

Cantando sob a terra. Não apenas dezenas de milhares. Mas, centenas de milhares. Talvez,

quem sabe, um milhão.

— Um milhão de dólares — Ace murmurou, com voz rouca e embargada, e debruçou-se

sobre o mapa.

Cinco minutos depois, ele saía caçando pelo lado oeste da casa. Quase no fim do caminho

para os fundos, mal escondido pelo mato alto, encontrou o que estava procurando — uma

pedra grande e plana. Levantou-a, jogou-a para o lado, e começou a cavar freneticamente. Em

menos de dois minutos, ouviu um tinido abafado quando a lâmina da pá bateu no metal

enferrujado. Ace caiu de joelhos, enraizado ao solo como um cão farejando um osso enterrado,

c um minuto depois exumou uma lata de tinta Sherwin-Williams que tinha sido enterrada ali.

A grande maioria dos adeptos da cocaína também são fervorosos roedores de unha, e Ace

não era exceção. Não tinha unhas que servissem de alavanca e não conseguia retirar a tampa. A

tinta ao redor da borda tinha secado até transformar-se em cola teimosa. Com um rugido de

fúria e frustração, Ace abriu seu canivete, introduziu a lâmina sob a borda da tampa da lata, e

conseguiu removê-la. Espiou para dentro.

Notas!

Rolos e rolos de notas!

Com um grito, agarrou os rolos e puxou-os para fora... e percebeu que sua ansiedade o

havia traído. Eram apenas selos de troca, da Red Ball desta vez, selos que só poderiam ser

trocados abaixo da Linha Mason-Dixon... e só até 1964, ano em que a companhia fechara as

portas.

— *Cague fogo para economizar fósforos!* —Ace gritou. Jogou os selos longe. Eles se

desenrolaram e começaram a flutuar na brisa leve e quente que se levantara. Alguns deles

ficaram presos e tremularam nas hastes do mato alto como flâmulas empoeiradas.

— *Puto! Filho da mãe! Filho da puta!*

Sacudiu a lata, virou-a de cabeça para baixo a ver se havia alguma mensagem presa ao

fundo, e nada encontrou. Lançou-a longe, contemplou-a por um momento, depois correu e

chutou-a como se fosse uma bola de futebol.

Procurou o mapa no bolso novamente. Passou por um instante de pânico temendo que

tivesse desaparecido, que o tivesse perdido. O que tinha acontecido era que fizera força ao

guardá-lo, ansioso por começar a caça ao tesouro, e o mapa fora parar no fundo do bolso.

Puxou-o violentamente e analisou-o. A outra cruz ficava mais longe, atrás do celeiro... e uma

súbita e maravilhosa idéia ocorreu a Ace, como uma Chuva de Prata explodindo no céu de um

4 de julho, iluminando as trevas zangadas que envolviam sua cabeça.

A lata que acabara de desenterrar era uma pista falsa! Pop deveria ter imaginado que

alguém poderia descobrir que as pedras grandes e planas marcavam os vários locais onde

enterrara alguma coisa. Assim, aplicara aqui na fazenda Camber um pouco da velha ciência de

despistar. Por segurança. Um caçador que encontrasse um esconderijo sem nada

de valor

jamais imaginaria que deveria haver um outro esconderijo,, bem ali na mesma propriedade, só

que num ponto mais afastado...

— A menos que tivesse o mapa — Ace murmurou. — Como eu tenho.

Agarrou a pá e a picareta e correu para o celeiro, de olhos muito abertos, e o cabelo que

começava a ficar grisalho todo suado, grudado às têmporas.

9

Viu o velho *trailer* Air-Flow e correu para ele. Estava quase chegando quando tropeçou em

alguma coisa e estatelou-se no chão. Pôs-se de pé rapidamente, correndo os olhos ao redor. E

viu o objeto no qual tinha tropeçado.

Era uma pá. Com terra fresca grudada na lâmina.

Um mau pressentimento assaltou-o — um pressentimento realmente muito mau! Que

começou na barriga, e foi subindo até o peito e depois desceu até seus testículos. Muito

lentamente, seus lábios se arreganharam, deixando os dentes à mostra, num rosnido selvagem.

Pôs-se de pé e viu a pedra de marcação ali por perto, o lado sujo de terra virado para cima.

Tinha sido removida. Alguém estivera ali antes dele... e, a julgar pela aparência, há bem pouco

tempo. Alguém o vencera na caça ao tesouro.

— Não — murmurou. A palavra caiu de sua boca como uma gota de sangue envenenado

ou de saliva infecta. — *Não!*

Não muito longe da pá e da pedra removida, Ace viu um montinho de terra solta que tinha

sido posto de volta num buraco, de modo bastante negligente. Ignorando tanto as suas próprias

ferramentas como a pá que o ladrão tinha largado, Ace caiu de joelhos novamente e principiou

a cavar o buraco com as mãos. Num instante, encontrou a lata de Crisco.

A única coisa dentro dela era um envelope branco.

Ace tirou-o e rasgou um dos lados. De dentro do envelope saíram duas coisas: um papel

dobrado e um envelope menor. Ace ignorou o segundo envelope por enquanto e desdobrou o

papel. Era uma mensagem datilografada. Ficou de boca aberta ao ler seu próprio nome no alto

da página.

Caro Ace,

Não posso ter certeza de que vai encontrar esta carta, mas a esperança é a última que

morre. Mandar você para a cadeia foi muito divertido, mas isto aqui é melhor ainda. Tomara

que eu pudesse ver sua cara quando terminar de ler.

Não muito depois de tê-lo mandado para a cadeia, fui visitar Pop. Fazia visitas bastante

freqüentes a ele — na verdade, uma vez por mês. Tínhamos um acordo: ele me dava 100 por

mês e eu não me intrometia nos seus empréstimos ilegais. Tudo muito civilizado. Na meio

daquela visita em particular, ele pediu licença para ir ao banheiro — "alguma coisa que eu

comi", disse ele. Haha! Aproveitei a oportunidade para revistar a escrivaninha que ele tinha

deixado destrancada. Tamanha falta de cuidado não era típica dele; creio, no entanto, que ele

estava com medo de encher as calças caso não se apressasse em ir ao banheiro. Ha!

Encontrei apenas uma coisa interessante, mas essa coisa valia tudo o mais. Parecia um

mapa. Havia uma porção de cruzes, e uma delas — a que marcava este lugar — estava em

vermelho. Devolvi o mapa ao lugar antes que Pop voltasse. Nunca desconfiou de que eu o

tinha examinado. Vim até aqui, assim que ele morreu e desenterrei esta lata de Crisco. Havia

mais de US$ 200,000.00 dentro dela, Ace. Contudo, não se preocupe — decidi repartir

metade/metade e vou deixar para você exatamente o que acho que merece.

Bem-vindo de volta, Otário!

Atenciosamente, Alan Pangborn

Xerife Municipal de Castle Rock

P.S.: uma palavra de advertência, Ace: agora que sabe da história, “leve a sua parte” e

esqueça o resto. Você conhece o velho ditado, “achado não é roubado”. Se algum dia tentar me

pegar por causa do dinheiro do seu tio, abro um novo cu no seu rabo e enfio sua cabeça lá

dentro. Pode acreditar.

A.P.

Ace deixou a folha de papel cair de seus dedos entorpecidos e abriu o segundo envelope.

De dentro dele caiu uma única nota de US$ 1.00.

“Decidi repartir metade/metade e vou deixar para você exatamente o que acho que

merece.

— Seu filho da mãe lazarento — Ace sussurrou, e pegou a nota de US$ 1.00 com dedos

que tremiam.

Bem-vindo de volta, Otário!

— *Seu FILHO DA PUTA!* — Ace berrou tão alto que forçou, e quase rompeu, alguma

coisa em sua garganta. O eco ressoou de longe: *...puta... puta... puta...*

Ia quase rasgando a nota de US$ 1.00, quando forçou os dedos a se descontraírem.

— Uhm — uhm. Nada disso.

Guardaria aquela nota. O filho da puta queria o dinheiro de Pop, não é? Tinha roubado o

que legalmente pertencia ao único parente vivo de Pop, não é? Ora, muito bem. Muito bem.

Ótimo. Mas teria que ficar *com tudo.* E, era exatamente isso o que Ace pretendia fazer com o

xerife. Assim, depois de arrancar os testículos daquela pústula humana, pretendia enfiar aquela

nota de US$ 1.00 no buraco que ficasse.

— Quer o dinheiro, não é, papaizinho? — Ace perguntou numa voz baixa e pensativa. —

Está bem. Está tudo bem. Sem problema. Sem... nenhuma... porra... de problema.

Pôs-se de pé, mais uma vez, na direção do carro, numa versão dura e trôpega do seu usual

andar de malandro de rua.

Quando chegou perto do carro, já estava quase correndo.

Terceira Parte

Liquidação Total

CAPÍTULO DEZENOVE

1

POR VOLTA DE UM QUARTO PARA AS 6:00h, um estranho crepúsculo abateu-se sobre

Castle Rock. Cabeças de trovões se ajuntavam no horizonte ao sul. Baixos e distantes roncos

rolavam sobre bosques e campos, vindos daquele lado. As nuvens flutuavam em direção à

cidade, engrossando ao se aproximarem. Os postes de iluminação, controlados por uma célula-

mestra fotoelétrica, acenderam-se uma boa meia hora mais cedo do que a hora em que

normalmente se acendiam nesta época do ano.

A parte baixa da Rua Principal convertera-se em confusão generalizada. Fora invadida por

viaturas policiais e canos de reportagem de TV. Ligações pelo rádio estalavam e se

entremeavam no ar quente e parado. Os técnicos de TV desenrolavam cabos e gritavam com os

curiosos — crianças, em sua maior parte — que tropeçavam pelos fios soltos antes que

pudessem ser ancorados temporariamente à calçada por duetos adesivos. Fotógrafos de quatro

jornais diários estavam postados fora das barricadas erguidas na frente do Edifício Municipal,

e tiravam fotos em poses que sairiam estampadas nas manchetes do dia seguinte. Um pequeno

número dos habitantes locais — supreendentemente poucos, se alguém tivesse se dado ao

trabalho de notar o detalhe — esticava os pescoços. Um correspondente de TV estava de pé no

círculo de luz de uma lâmpada de alta densidade, gravando sua reportagem, tendo o Edifício

Municipal por pano de fundo.

— Uma insana onda de violência varreu Castle Rock esta tarde — ele começou, depois

parou. — *Varreu?* — perguntou-se, pouco satisfeito. — Merda, vamos começar de novo, desde

o princípio.

À sua esquerda, um sujeito todo arrumado, de outra estação de televisão, observava sua

equipe preparar-se para uma transmissão ao vivo dentro de vinte minutos. Os curiosos tinham

sido atraídos mais pelos rostos familiares dos comentaristas de televisão do que pelas

barricadas onde nada havia para se ver porque dois atendentes da Assistência Médica tinham

trazido o infeliz Lester Pratt dentro de um saco plástico preto que acomodaram no vão traseiro

da ambulância, e ido embora.

A parte alta da Principal, longe das luzes azuis das viaturas da Polícia Estadual e dos

círculos de luz brilhantes das televisões, estava quase deserta.

Quase.

De raro em raro, surgia um carro ou uma *pick-up* que acabava por estacionar numa das

vagas oblíquas defronte a Coisas Necessárias. De raro em raro, um pedestre saracoteava para

perto da loja, onde as luzes da vitrine estavam apagadas e a persiana puxada sobre a vidraça da

porta sob o toldo. De raro em raro, um dos espectadores na Baixa Principal afastava-se da

aglomeração e subia a rua, passando pelo terreno baldio onde no passado se erguera o

Emporium Galorium, passando por Costura que Costura, fechada e às escuras, na direção da

nova loja.

Ninguém notava esse fluxo rarefeito de visitantes — nem a polícia, nem as equipes de

televisão, nem os correspondentes, nem a maioria dos curiosos. Estavam todos concentrados

NA CENA DO CRIME, com as costas voltadas para o local onde, a menos de trezentos

metros, o crime continuava.

Se algum observador desinteressado *tivesse* ficado de olho em Coisas Necessárias, ele (ou

ela) teria rapidamente detectado um padrão. Os visitantes se aproximavam. Os visitantes viam

a tabuleta onde estava escrito:

FECHADA ATÉ SEGUNDA ORDEM

E os visitantes recuavam um passo, com idênticas expressões de frustração e angústia

estampando-se em suas fisionomias — muito como os viciados em droga, magoados ao

descobrirem que o seu fornecedor não estava onde prometera. *O que vou fazer agora? seus*

rostos diziam. Muitos chegavam mais perto, como se um segundo e mais atento escrutínio

pudesse, de alguma forma, alterar a mensagem.

Poucos deles voltavam para seus carros ou vagavam rua abaixo para apreciar, durante

algum tempo, o espetáculo gratuito, parecendo um tanto confusos e vagamente desapontados.

Na fisionomia da maioria, no entanto, despontava uma expressão de súbita compreensão.

Tinham a aparência de pessoas que de repente conseguiam entender algum conceito básico, tal

como redigir uma sentença simples ou reduzir um par de frações ao seu mínimo denominador

comum.

Tais pessoas dobravam a esquina para o beco que corria atrás dos edifícios comerciais da

Rua Principal — o beco onde Ace Merrill tinha estacionado o Tucker Talismã na noite

anterior.

A pouco mais de 13 metros adiante, um losango de luz amarela sé projetava de uma porta

aberta sobre o concreto remendado. Essa luz foi se intensificando à medida em que o dia

resvalava para a noite. Havia uma sombra no centro dessa luz, como uma silhueta recortada em

cartolina negra. A sombra, obviamente, pertencia a Leland Gaunt.

Ele havia colocado uma mesa no vão da porta. Sobre ela havia uma caixa de charutos Roi-

Tan. Nessa caixa, guardava o dinheiro que seus Clientes pagavam e fazia o troco; Seus

patronos aproximavam-se com hesitação, ou até com temor em certos casos, mas todos eles

tinham alguma coisa em comum: eram pessoas muito zangadas com profundos ressentimentos

a serem acertados. Alguns — não muitos — davam meia-volta antes de chegarem ao balcão

improvisado do sr. Gaunt. Alguns passavam correndo, com os olhos arregalados

de homens e

mulheres que acabaram de ver um monstro assustador lambendo suas costelas nas sombras. Á

maior parte, contudo, ficava para fazer negócio. E enquanto o sr. Gaunt pechinchava com eles,

tratando este esquisito comércio de fundo de rua como se fosse uma gostosa diversão ao fim de

um longo dia, eles acabavam por relaxar.

O sr. Gaunt divertira-se com a loja, mas jamais se sentia tão à vontade atrás de balcões de

vidro e um teto sobre a cabeça como se sentia aqui, ao limiar do ar livre, com as primeiras

brisas da tempestade que se aproximava desmanchando seus cabelos. Tudo bem com a loja,

com aquela inteligente distribuição de luz focal nos trilhos montados no teto... mas aqui era

melhor. Aqui era *sempre* melhor.

Começara seu negócio há muitos anos — como mercador ambulante na superfície cega de

plagas distantes, um mercador que carregava suas mercadorias às costas, um mercador que

normalmente chegava com as sombras da noite e que desaparecia antes do romper do dia,

deixando atrás de si um rastro de sangue, horror e sofrimento. Anos mais tarde, numa Europa

varrida pela peste, com os carroções de cadáveres rolando pelas ruas, ele tinha

ido de cidade

em cidade, e de país em país, numa carroça puxada por um cavalo branco esquelético que tinha

olhos esbraseados e uma língua mais negra do que o coração de um assassino. Vendia suas

mercadorias na traseira da carroça... e ia embora antes que seus fregueses, que pagavam com

moedinhas gastas e amassadas ou então em espécie, tivessem oportunidade de descobrir o que

tinham *realmente* adquirido.

Mudaram os tempos; mudaram os métodos; também os rostos. Mas, quando estes refletiam

suas próprias necessidades, eram sempre os mesmos, os rostos de ovelhas que se perderam de

seu pastor, e era nesta espécie de comércio que se sentia mais à vontade, mais semelhante ao

mercador de outros tempos, não atrás de um balcão soflsticado.com uma caixa registradora

Sweda ao lado, mas atrás de uma mesinha de madeira sem atrativos, tirando o troco de uma

caixa de charutos e vendendo a eles a mesma peça, de novo e de novo.

As mercadorias que tinham tanto atraído os habitantes de Castle Rock — as pérolas negras,

as relíquias sagradas, as opalinas, os cachimbos, as velhas revistas de quadrinhos, as figurinhas

de beisebol, os caleidoscópios antigos — tudo tinha desaparecido. O sr. Gaunt se

devotava ao

seu *verdadeiro* comércio, e, no final das contas, o comércio *verdadeiro* era sempre o mesmo.

O item final também mudara com os tempos, exatamente como tudo o mais; tais mudanças,

porém, eram apenas superficiais, coberturas de diferentes sabores sobre a mesma massa de

bolo, escura e amarga.

No final das contas, o sr. Gaunt sempre lhes vendia armas... e eles sempre as compravam.

— Ora, muito obrigado, sr. Warburton! — disse o sr. Gaunt, pegando a nota de US$ 5.00

das mãos do servente negro. Deu-lhe troco de US$ 1.00 e uma das pistolas automáticas

trazidas de Boston por Ace.

— Muito obrigado, srta. Milliken! — Pegou dez e devolveu 8.

Cobrava de cada um conforme os meios de cada um — nem um centavo a mais ou a

menos. "Cada um paga o que pode", era o moto do sr. Gaunt, e nada daquilo de "a cada um

conforme as suas necessidades", pois eram *todas elas* coisas necessárias, e ele tinha vindo para

cá a fim de preencher os vazios e fazer cessar suas dores.

— Prazer em vê-lo, sr. Emerson!

Oh, era sempre bom, sempre tão bom, fazer negócio à moda antiga. E os negócios iam de

vento em popa.

2

Alan Pangborn se achava ausente de Castle Rock. Enquanto os repórteres e a polícia

estadual se ajuntavam numa das extremidades da Rua Principal, e Leland Gaunt conduzia sua

liquidação total para mudança de endereço na subida do morro, Alan estava sentado na sala das

enfermeiras na Ala Blumer no Hospital de Cumberland do Norte, em Bridgton.

A Ala Blumer era pequena — apenas 14 quartos de pacientes — mas o que lhe faltava em

tamanho, sobrava em cores. As paredes dos quartos dos impacientes estavam pintadas em

vivazes cores primárias. Um mobile pendia do teto da sala das enfermeiras, com passarinhos

pendurados nele, balançando e se curvando graciosamente ao redor de um fio central.

Alan estava sentado de frente para um grande mural mostrando cenas de cantigas infantis.

Uma parte desse mural mostrava um homem inclinado sobre uma mesa, estendendo alguma

coisa para um menininho, obviamente uin camponês, cuja expressão era ao mesmo tempo

assustada e fascinada. Um detalhe qualquer nessa pintura em particular despertou a atenção de

Alan, e um trecho da velha canção infantil elevou-se como um murmúrio em sua

mente:

Simão Simplório e o doceiro

Seguiam o mesmo caminho.

“Simão Simplório”, disse o doceiro,

“Venha provar um docinho! ”.

Uma onda de arrepios invadiu os braços de Alan — carocinhos minúsculos como gotas de

suor gelado. Não saberia dizer por que, e isto lhe parecia perfeitamente natural. Nunca, em

toda a sua vida, sentira-se tão abalado, tão amedrontado, tão profundamente confuso como

neste preciso momento. Alguma coisa totalmente além de sua capacidade de compreensão

estava se passando em Castle Rock. Este fato tinha se tornado amplamente manifesto somente

no fim desta tarde, quando, de repente, tudo pareceu estar explodindo ao mesmo tempo, mas

havia começado há já alguns dias, talvez mesmo uma semana: Não sabia o que era, mas tinha

certeza de que Nettie Cobb e Wilma Jerzyck tinham sido apenas os primeiros indícios

exteriores.

E estava morto de medo de que as coisas ainda continuassem em pleno desenvolvimento,

enquanto ele se encontrava aqui, na companhia de Simão Simplório e o doceiro.

Uma enfermeira, a srta. Hendrie segundo o crachá sobre o seio, subiu o corredor com os

sapatos de sola de crepe que rangiam muito de leve, desviando-se graciosamente dos

brinquedos que atulhavam o corredor. À sua chegada, uma meia dúzia de crianças — algumas

com membros engessados ou em tipóias, outras com aquela calva parcial que ele associou a

tratamentos de quimioterapia — estavam brincando no corredor, trocando cubos e caminhões,

e gritando umas com as outras em tom de amigos. Agora, era hora do jantar, e as crianças

tinham ido ou para a cantina no andar de baixo, ou para seus quartos.

— Como está ele? — Alan perguntou à srta. Hendrie.

— Sem alteração. — Fitou Alan com uma expressão serena que continha um elemento de

hostilidade. — Dormindo. *Tinha* que estar dormindo. Sofreu um trauma terrível.

— Teve notícias dos pais dele?

— Telefonamos para o trabalho do pai dele em South Paris. Tinha ido fazer uma Instalação

em New Hampshire, hoje à tarde. Já está a caminho de casa, pelo que entendi, e será

informado assim que chegar. Deverá estar aqui por volta das 9:00h da noite, pelos meus

cálculos, mas, é claro, não se pode ter certeza.

— E a mãe?

— Não sei — tornou a srta. Hendrie. Desta vez, a hostilidade era mais aberta, embora Alan

não fosse o alvo. — Não consegui fazer essa ligação. O que sei é o que estou vendo — ela não

está aqui. Esse menininho viu seu irmão cometer suicídio com um rifle, e embora tudo tenha

acontecido em casa, a mãe ainda não chegou aqui. E, agora, o senhor precisa me dar licença —

tenho que amimar o carrinho de medicamentos.

— Claro — Alan murmurou. Observou-a quando ela fez menção de se afastar, e então

levantou-se da cadeira. — Srta. Hendrie?

Virou-se para ele. Os olhos ainda guardavam uma expressão tranquila, mas as sobrancelhas

indicavam irritação.

— Srta. Hendrie, eu realmente preciso falar com Sean Rusk. É importantíssimo que eu

possa falar com ele.

— Sim? — a voz soou fria.

Alguma coisa... — Alan de repente pensou em Polly e sua voz quebrou-se. Limpou a

garganta c continuou: — Alguma coisa está acontecendo na minha cidade. Creio que o suicídio

de Brian Rusk é apenas parte do quadro. E também creio que Sean Rusk possa ter a chave para

o problema.

— Xerife Pangborn, Sean Rusk tem apenas sete anos. E se ele *sabe* de alguma coisa, por

que outros policiais não estão aqui?

Outros policiais, ele pensou. O que ela está querendo dizer é policiais *qualificados.*

Policiais que não interrogam menininhos de 11 anos de idade no meio da rua e depois os

deixam ir para casa cometer suicídio dentro da garagem.

— Porque eles estão sobrecarregados — Alan explicou — e porque eles não conhecem a

cidade como eu conheço.

— Entendo — ela virou-se para ir embora.

— Srta. Hendrie.

— Xerife, estou com falta de pessoal esta noite e muito oc —

— Brian Rusk não foi a única fatalidade de Castle Rock hoje. Houve três outras, pelo

menos. Um outro homem, o proprietário da taverna local, foi levado para o hospital em

Norway com ferimentos de arma de fogo. Talvez ele sobreviva, mas seu estado c crítico para

as próximas 36 horas, mais ou menos. E tenho o pressentimento de que a matança continua.

Tinha, finalmente, conseguido capturar toda a atenção da enfermeira.

— O senhor acha que Sean Rusk pode saber de alguma coisa a esse respeito?

Ele talvez saiba por que o irmão matou-se. Se souber, será uma dica para o resto

tio caso.

Por favor, se ele acordar, poderia me chamar?

Ela hesitou, e disse em seguida:

— Tudo vai depender do estado mental em que ele acordar, xerife. Não posso permitir que

o senhor piore a condição de um menininho sob histeria, não importa o que esteja acontecendo

em sua cidade.

— Entendo.

— Entende mesmo? Ótimo.

Lançou-lhe um olhar que queria dizer *"então, sente-se aí quietinho e não me atrapalhe"*, e

voltou para o carrinho alto. Sentou-se, e ouviu o barulho de vidros e caixas sendo colocados no

carrinho de medicamentos.

Alan levantou-se, foi até o telefone público no corredor, e discou novamente o número de

Polly. E, mais uma vez, o telefone simplesmente tocou e tocou. Discou o número de Costura

que Costura, a secretária eletrônica respondeu. Desligou. Voltou para sua cadeira, sentou-se, e

pôs-se novamente a contemplar fixamente o mural de cantigas infantis.

À senhora esqueceu-se de me fazer uma outra pergunta, srta. Hendrie, Alan pensou.

Esqueceu-se de me perguntar por que estou aqui, quando tanta coisa está

acontecendo na sede

do município que me elegeu para preservá-lo e protegê-lo. Esqueceu-se de me perguntar por

que não estou chefiando as investigações, deixando que um outro policial, menos essencial —

Seat Thomas, por exemplo — fique sentado aqui, à espera de que Sean Rusk acorde. A

senhora esqueceu-se de me fazer estas perguntas, srta. Hendrie, e tenho um segredo. *Estou*

contente que tenha se esquecido. Esse é o segredo.

A razão era tão simples quanto humilhante. À exceção de Portland e Bangor, homicídios

eram da alçada não do xerife municipal mas da polícia estadual. Henry Payton tinha dado o

alerta na esteira do duelo entre Nettie Cobb e Wilma Jerzyck, e agora já não alertava mais. Não

podia dar-se a esse luxo. Representantes de todos os jornais e da estação de televisão do sul do

Maine se encontravam em Castle Rock neste momento, ou estavam a caminho. A eles, dentro

em pouco, se reuniriam os colegas de todo o estado... e se, como Alan desconfiava, a coisa não

terminasse logo, teriam a companhia de mais pessoal da mídia de outros pontos mais ao sul.

Esta era a simples realidade da situação, o que não alterava o que Alan sentia. Sentia-se

como-o lançador cujo treinador manda-o para o chuveiro antes que termine a partida. A

sensação era indescritivelmente de merda. Sentou-se, novamente, de frente para Simão

Simplório, a ver se a soma das parcelas chegava a algum produto.

Lester Pratt, morto. Chegara à delegacia numa febre de ciúme frenético e atacara John

LaPointe. Aparentemente por causa da garota, embora John tivesse confidenciado a Alan,

antes da chegada da ambulância, que há mais de um ano não saía com Sally Ratcliffe.

Eu zó falava com ela de vezs em quando na rua, e, azim mesmo, ela me dava gelo quase

zempre. Ela achava que eu eztava condenado ao inferno. — Tocara o nariz quebrado e fizera

uma careta de dor. — E, agora, eu *me zinto* como um condenado ao inferno.

Neste instante, John se encontrava hospitalizado em Norway, com fratura de nariz, fratura

de mandíbula e possíveis ferimentos internos.

Sheila Brigham também estava internada. Choque.

Hugh Priest e Billy Tupper estavam ambos mortos. A notícia chegou mais ou menos na

hora em que Sheila começava a entrar em colapso nervoso. A chamada viera de um entregador

de cerveja que tivera o bom-senso de chamar a Ambulância Médica antes de chamar o xerife.

O homem se achava num nível de histeria quase igual ao de Sheila Brigham, e Alan entendia

muito bem. Àquela altura, ele próprio começava a sentir-se bastante histérico.

Henry Beaufort, em estado crítico, em conseqüência de diversos ferimentos causados por

arma de fogo.

Norris Ridgewick, desaparecido... e isto era, provavelmente, o que mais lhe doía.

Alan tinha procurado por ele, logo após receber o chamado do entregador de cerveja, mas

Norris tinha simplesmente desaparecido. Alan tinha presumido, na ocasião, que ele se

ausentara para formalmente dar voz de prisão a Danforth e que voltaria rebocando o presidente

do Conselho, mas os eventos provaram que ninguém prendera Keeton. Alan supunha que se os

estaduais topassem com ele no curso de suas investigações, acabariam por prendê-lo; caso

contrário, não. Tinham providências mais importantes a tomar. E, no ínterim, Norris estava

desaparecido. Onde quer que estivesse, tinha ido a pé. Quando Alan saiu da cidade, o

Fusquinha de Norris ainda estava tombado no meio da Rua Principal.

As testemunhas disseram que Buster tinha se arrastado para dentro do Cadillac pela janela,

e simplesmente ido embora. A única pessoa a tentar detê-lo pagara muito caro. Scott Garson

dera entrada no hospital aqui mesmo em Cumberland, com o queixo fraturado, o zigoma

fraturado, o pulso fraturado, e três dedos fraturados. E, poderia ter sido pior: os circunstantes

testemunharam que Buster tinha propositadamente tentado atropelar o homem caído na rua.

Lenny Partridge, com a clavícula fraturada e sabe Deus quantas costelas fraturadas,

também estava internado por ali. Andy Clutterbuck tinha chegado com mais esta notícia

quando Alan ainda estava tentando compreender o fato de que o presidente do Conselho

Municipal era agora um foragido da lei, algemado ao seu próprio Cadillac. Hugh Priest,

aparentemente, tinha feito Lenny parar, e jogado o velho no meio da estrada, indo embora com

o calhambeque dele. Alan supunha que acabariam por encontrar o carro do velho no

estacionamento do Tigre Manso, já que fora lá que Hugh beijara o chão.

E, é claro, havia Brian Rusk, que engolira um bala de rifle na avançada idade de 11 anos.

Clut mal tinha começado a contar sua história e o telefone começara a tocar. Aquela altura,

Sheila já tinha sido levada, e Alan apanhara o fone para ouvir a voz esganiçada e histérica de

um menininho — Sean Rusk, que tinha discado o número no berrante adesivo cor de laranja ao

lado do telefone da cozinha.

No frigir dos ovos, as ambulâncias das Assistências Médicas e as unidades dos Serviços de

Resgate de quatro diferentes cidades tinham feito paradas em Castle Rock, naquela tarde.

E, naquele momento, dando as costas para Simão Simplório e o doceiro, contemplando os

passarinhos de plástico voejando e mergulhando ao redor de sua mola, Alan, novamente,

concentrou-se em Hugh e Lenny Partdrige. O confronto entre os dois não seria, de forma

alguma, o maior a ter lugar em Castle Rock naquele dia, mas era um dos mais singulares... e

Alan pressentia que uma das chaves para o enigma poderia estar escondida exatamente nessa

singularidade.

Por que, em nome de Deus, Hugh não levou seu próprio carro, se tinha uma desavença com

Henry Beaufort? — Alan tinha perguntado a Clut, correndo os dedos por cabelos que já

estavam furiosamente despenteados. — Por que querer o calhambeque merdinha do Lenny?

Porque o Buick de Hugh estava com os quatro pneus arriados. Parece que alguém fez

picadinho deles com uma faca. — Clut deu de ombros, olhando desconfiado para a bagunça

que reinava na delegacia. — Talvez ele tivesse achado que Henry Beaufort era o culpado.

Sim, Alan raciocinava agora. Podia ser. Era uma loucura, mas seria mais loucura do que

Wilma Jerzyck achar que Nettie Cobb tinha primeiro jogado lama em seus lençóis e depois

lançado pedras pelas janelas de sua casa? Mais loucura do que Nettie achar que Wilma tinha

matado o seu cachorro?

Antes que tivesse oportunidade de prosseguir interrogando Clut, Henry Payton tinha

entrado para dizer a Alan, com tanto tato quanto possível, que estava assumindo o caso. Alan

assentira.

— Há uma coisa que você precisa descobrir logo que puder.

— E o que é, Alan? — Henry tinha perguntado, mas, com o coração apertado, Alan notara

que a atenção de Henry estava dividida. Seu velho camarada — o primeiro amigo verdadeiro

que Alan fizera na comunidade mais ampla da força policial após ganhar a eleição para xerife,

e que amigo precioso ele se tornara — começava já a se concentrar em outras coisas. Como

iria distribuir as forças, considerando-se os variados pontos em que tinham ocorrido os

conflitos, era, provavelmente, uma de suas mais prementes preocupações.

— Você precisa descobrir se Henry Beaufort estava com tanta raiva de Hugh como este,

aparentemente, estava com raiva dele. Não é possível fazer a pergunta agora, pois ele está

inconsciente, pelo que sei, mas quando ele acordar —

— Farei isso — Henry respondeu, segurando o ombro de Alan. — Farei isso. — E depois,

alteando a voz: — Brooks! Morrison! Aqui!

Alan viu-o afastar-se e pensou em segui-lo. Em agarrá-lo e *forçá-lo* a prestar atenção. Não

o fez, porque Henry e Hugh e Lester e John — e, até, Wilma e Nettie — começavam a perder

qualquer importância concreta para ele. Os mortos estavam mortos. Os feridos estavam sob

cuidados. Os crimes tinham sido cometidos.

Só que Alan tinha a terrível, insidiosa suspeita de que o verdadeiro crime ainda continuava.

Depois de Henry se afastar para dar instruções aos seus homens, Alan chamou Clut

novamente. O oficial aproximou-se, as mãos enfiadas nos bolsos e uma expressão taciturna no

rosto.

— Fomos substituídos, Alan; nos tiraram da jogada. *Droga!*

— Não inteiramente — Alan disse, esperando que sua voz desse a impressão de que

acreditava realmente no que dizia. — —Você vai ser o meu contato aqui, Clut.

— Onde você vai?

— Até a casa dos Rusks.

Mas, ao chegar lá, tanto Brian como Sean Rusk já tinham sido levados. A ambulância que

se encarregara do infeliz Scott Garson dera uma volta para apanhar Sean, e estavam a caminho

do Hospital de Cumberland. O segundo carro funerário de Harry Samuels, um velho Lincoln

adaptado, tinha apanhado Brian Rusk e levado o corpo para Oxford, para futura autópsia. O

melhor carro funerário de Harry — aquele ao qual dava o nome de “o carro da companhia” —

já se dirigira ao mesmo destino levando Hugh e Billy Tupper.

Alan pensou: os cadáveres vão ter que ficar empilhados como cordoalha naquele necrotério

minúsculo.

Foi só ao chegar à casa dos Rusks que Alan deu-se conta — desta vez no fundo das tripas

tanto quanto na cabeça — de quão completamente tinham-no tirado da jogada. Dois dos

homens da Homicídios de Henry já estavam lá, antes dele, e deixaram bem claro que Alan

poderia ficar por perto apenas como espectador contanto que não tentasse meter a colher no

prato deles. Ficara por um instante no umbral da porta, observando-os, sentindo-se tão inútil

como uma terceira roda numa lambreta. As respostas de Cora Rusk eram lentas, quase

dopadas. Alan pensou que poderia, ser choque, ou talvez os atendentes da ambulância que

estavam transportando para o hospital o filho que lhe restara, lhe tivessem ministrado um

tranqüilizante antes de partirem. Ela lhe lembrava, de um modo sinistro, a expressão de Norris

Ridgewick ao sair pela janela do seu Volkswagen tombado. Fosse devido a algum

tranqüilizante ou simples choque, os detetives não estavam conseguindo arrancar muita coisa

dela. Não estava chorando propriamente, mas era evidente que não conseguia concentrar-se o

suficiente nas perguntas que lhe eram feitas para dar respostas coerentes. Não tomara

conhecimento de coisa alguma, ela lhes dissera; estava no andar de cima, tirando um cochilo.

Coitadinho do Brian, ela repetia. Coitadinho, coitadinho do Brian. Mas, expressava esse

sentimento num ritmo monótono, que Alan achou que era de dar arrepios, e ela ficava

brincando com um par de velhos óculos que estavam sobre a mesa da cozinha, ao lado dela.

Uma das hastes estava emendada com fita adesiva, e uma das lentes estava rachada.

Alan tinha ido embora, repugnado, e vindo para o hospital.

E, nesse instante, levantara-se e se dirigira ao telefone público no saguão principal. Tentou

novamente ligar para Polly, e ninguém respondeu; depois ligou para a delegacia. A voz que

atendeu rosnou:

— Polícia Estadual. — E Alan sentiu uma pontada infantil de ciúme. Identificou-se, e

pediu para falar com Clut. Depois de quase cinco minutos, Clut veio ao telefone.

— Desculpe, Alan. Eles simplesmente deixaram o telefone jogado lá na mesa. Sorte que eu

vim checar, e você ainda estava esperando. Esses nojentos dos estaduais não ligam a mínima

para nós.

— Não se incomode com isso, Clut. Alguém já encontrou Keeton?

— Bem... nem sei como começar, Alan... mas...

Alan sentiu um terrível aperto na boca do estômago e fechou os olhos. Ele sempre tivera

razão — o crime ainda não acabara.

— Conte-me — ele disse. — Esqueça o protocolo.

Buster.. quero dizer, Danforth... guiou o carro até a casa dele e usou uma chave de fenda

para arrebentar a maçaneta do Cadillac. Você sabe, onde ele estava algemado.

— Sim, sei — Alan assentiu. Os olhos continuavam fechados.

— Bem... ele matou a esposa, Alan. Com um martelo. Não foram os estaduais que o

encontraram, porque até há uns vinte minutos, não estavam interessados em Buster. Foi Seat

Thomas. Ele passou de carro pela casa de Buster para rechecagem. Mandou o relatório do que

tinha encontrado e voltou há menos de cinco minutos. Está sentindo dores no peito. E não é

para menos. Ele me contou que Buster literalmente acabou com a cara dela. Disse que há tripas

e sangue por toda parte. Neste momento, um batalhão dos “azuis” de Payton está lá na Vista.

Coloquei Seat na sua sala. Achei melhor que ele se sentasse antes de cair por aí.

— Jesus Cristo, Clut — leve-o correndo para o Ray Van Allen. Ele tem 62 anos e fumou

Camels a vida inteira.

— Ray foi a Oxford, Alan. Está ajudando os médicos a remendarem Henry Beaufort.

— O assistente dele, então... como é o nome dele? Frankel... Everett Frankel.

— Não está por aqui. Tentei localizá-lo em casa e no consultório.

— Sim? E o que disse a mulher dele?

— Ele é solteiro, Alan.

— Ah, merda. — Alguém tinha pichado uma frase acima do telefone: *“Eu quero sossego"*,

dizia. Alan a fitou, com extremo azedume.

— Posso levá-lo eu mesmo ao hospital — Clut se ofereceu.

— Preciso de você exatamente onde está — Alan disse. — Os repórteres e o

pessoal da

televisão já apareceram por aí?

— Já. A delegacia está fervilhando de gente.

— Bem, verifique o estado de Seat assim que desligarmos. Caso ele não esteja se sentindo

melhor, eis o que você vai fazer: vá até lá fora, agarre um repórter que lhe pareça mais ou

menos inteligente, passe o bastão para ele, e peça-lhe que traga Seat de carro até Northern

Cumberland.

— OK. — Houve uma certa hesitação e, em seguida, Clut explodiu: — Eu queria ir até a

casa dos Keetons, mas os estaduais... eles não me permitiram entrar na cena do crime! O que

acha disto, Alan? Aqueles filhos-da-mãe não permitiram a entrada de um oficial do xerife na

cena do crime.

— Sei como se sente. Também não me agrada. Mas, eles estão cumprindo o seu dever. Daí

onde está dá para ver Seat?

— Dá.

— Bem? E, ele está vivo?

— Ele está sentado à sua mesa, xerife, fumando um cigarro e folheando a edição deste mês

de O *Cumprimento da Lei na Zona Rural*.

— Certo — disse Alan. Sentiu vontade de rir, ou de chorar, ou das duas coisas ao mesmo

tempo. — Faz sentido. Clut, Polly Chalmers me telefonou?

— Nã... espere um instante, o registro está bem aqui. Pensei que tinham dado sumiço nele.

Ela ligou sim, Alan. Pouco antes das 3:00h.

Alan franziu o rosto.

— Já tinha conhecimento dessa ligação. Nenhuma outra, depois disso?

— Não que tenha sido registrada, o que não quer dizer nada. Sem a Sheila aqui, com esses

Ursos Estaduais pululando pelo lugar todo, quem pode ter certeza?

— Obrigado, Clut. Mais alguma coisa que eu deva saber?

— Sim. Algumas.

— Diga lá.

Acharam a arma que Hugh usou para atirar em Henry, mas o David Friedman, do

Departamento de Balística da Policia Estadual diz que não conhece aquela arma. Uma pistola

automática que o cara diz nunca ter visto outra igual em toda a vida.

— Tem certeza de que era David Friedman? — Alan perguntou.

— Sim, Friedman... esse era o nome do cara.

— Ele *tem* que saber. David Friedman é uma enciclopédia ambulante em matéria de armas

de fogo.

— Pois ele não sabia. Eu estava pertinho, enquanto ele conversava com seu amigo Payton.

Disse que era parecida com a Mauser alemã, só que não tinha as marcas de praxe e o trilho do

pente era diferente. Creio que foi enviada para Augusta, com mais uma tonelada de provas.

— O que mais?

Encontraram uma mensagem anônima no jardim de Henry Beaufort — Clut informou. —

O papel estava amassado, feito uma bola, ao lado do carro — sabe, aquele T-Bird clássico que

ele tem? Completamente vandalizado, igualzinho ao que aconteceu com o de Hugh.

Alan sentiu como uma bofetada, aplicada por mão macia e grande. — O que dizia a

mensagem, Clut?

Espere um momento. — Alan ouviu um vago farfalhar enquanto Clut folheava seu bloco

de anotações. — Aqui está. *“Nunca* mais deixe de me servir e depois guardar as chaves do

meu carro, seu *sapo* nojento”.

— *Sapo?*

— É o que diz a nota. — Clut soltou uma risada nervosa. — As palavras *nunca* e *sapo*

estão sublinhadas várias vezes.

— E está me dizendo que o automóvel foi vandalizado?

— Isso mesmo. Pneus rasgados, exatamente como os de Hugh. E um arranhão, fundo e

comprido, na lateral direita. Ui!

— OK — Alan disse. — Tem mais uma coisa que quero que faça. Vá até a barbearia, e

depois ao salão de bilhar, se for necessário. Tente descobrir quem Henry se recusou a servir,

nesta semana ou na passada.

— Mas a Polícia Estadual —

— *Foda-se* a polícia estadual — Alan disse, com profundo sentimento. — Esta é a *nossa*

cidade. Você está tentando me dizer que não é capaz de encontrar, em menos de cinco

minutos, quem saiba contar tudo o que aconteceu?

— Claro que não — Clut redargüiu. — Quando estava voltando da Vista do Castelo, vi o

Charlie Fortin batendo papo com um grupo de gente na frente da Western Auto. Se o Henry se

encrencou com alguém, Charlie vai saber quem foi. Que diabos, para o Charlie o Tigre é uma

extensão da casa dele!

— Pois é. A polícia estadual o interrogou?

— Ora... não.

— Não. Por isso, *você* vai interrogá-lo. Mas, creio que nós dois já sabemos a resposta, não

é?

— Hugh Priest — disse Clut.

— Para mim, é o óbvio ululante — Alan disse. E pensou: “Afinal de contas, isto talvez não

seja muito diferente da primeira conjetura de Henry Payton”.

— OK, Alan, vou dar andamento.

— E me telefone no mesmo minuto em que descobrir com certeza. *No mesmo segundo.* —

Deu o número do telefone para Clut, obrigou-o a repetir para assegurar- se de que Clut tinha

anotado o número certo.

— Farei isso. — E, subitamente, teve uma explosão, de raiva. — O que está acontecendo,

Alan? Droga, *o que está acontecendo por aqui?*

— Não sei.

Alan sentiu-se muito velho, muito cansado... e furioso. Não mais com Payton, por afastá-lo

do caso, mas furioso com quem quer que fosse o responsável por aqueles macabros distúrbios.

E sentia, cada vez com mais certeza, de que quando chegassem à solução do caso,

descobririam que era tudo obra de um único agente. Wilma e Nettie. Henry e Hugh. Lester e

John. Alguém os amarrara, a todos eles, como se fossem pacotes de alto explosivo.

— Não sei, Clut. Mas, vamos descobrir.

Desligou e em seguida tornou a telefonar para a casa de Polly. A necessidade premente de

acertar as coisas com ela, de compreender o que teria acontecido para deixá-la tão furiosa com

ele, estava se tornando mais amena. Mas, ia sendo substituída por outro sentimento que

começava lentamente a invadi-lo, e que era ainda mais angustiante: um terror difuso e

profundo, uma sensação cada vez maior de que ela corria perigo.

Trrrrimmmm... trrrrimmmm... trrrrimmmm, e ninguém atendeu.

Polly, eu te amo, e precisamos conversar. Por favor, atenda o telefone, Polly. Polly, eu te

amo, e precisamos conversar. Por favor, atenda o telefone. Polly, eu te amo —

A litania dava voltas em sua cabeça como um brinquedo de corda. Sentiu vontade de

contatar Clut novamente e pedir-lhe que fosse imediatamente verificar o que estava

acontecendo, antes de qualquer outra providência, mas não podia fazer isso. Seria muito

incorreto, considerando-se que podería haver ainda muitos outros pacotes de explosivo

preparados, esperando para explodir em Castle Rock.

Sim, mas... Alan... e se Polly for um desses pacotes?

Esse pensamento liberou uma vaga associação de idéias que se encontrava enterrada, e que

Alan não conseguiu trazer à consciência antes de dissipar-se.

Vagarosamente, Alan pendurou o fone, cortando o tilintar da campainha ao interromper a

ligação.

3

Polly já não aguentava mais. Rolou para o lado, estendeu a mão para atender o telefone... e

ele parou de tocar no meio do tilintar.

Ótimo, ela pensou. Mas... seria mesmo?

Estava deitada, ouvindo o roncar dos trovões que se aproximavam. Estava quente no andar

de cima — temperatura idêntica à de meados de julho — mas abrir a janela não era uma de

suas opções, pois apenas na semana anterior, Dave Phillips, um dos empreiteiros e “faz-tudo”

da cidade, viera instalar portas e janelas reforçadas contra tempestades. Assim, Polly tinha

tirado as calças jeans e a camisa que vestira pata sua expedição ao campo, deixando-as

cuidadosamente dobradas na cadeira ao lado da porta. E estava agora deitada, em sua roupa de

baixo, procurando tirar um cochilo, antes de se levantar e tomar um banho de chuveiro, e

incapaz de conciliar o sono.

Um pouco por causa das sirenes, e muito por causa de Alan — do que Alan tinha feito.

Não entendia essa traição grotesca a tudo que ela acreditara e a tudo que viera a confiar nele, e

tampouco conseguia esquecer. Sua mente se concentrava em alguma outra coisa (aquelas

sirenes, por exemplo, tocando como se anunciassem o fim do mundo) e, então,

inesperadamente, lá vinha o pensamento novamente, como de a traíra pelas costas, como se

intrometera. Era como causar uma ferida, num local muito secreto e sensível, como uma farpa

de madeira na extremidade da tábua.

Oh, Alan como pôde? Polly perguntava-lhe — e a si mesma — repetidamente.

A voz que respondeu pegou-a de surpresa. Era a voz de tia Ewie, e sob aquela aparente

falta de sentimento que sempre fora o seu modo de ser, Polly ouviu uma fúria poderosa e

inquietante.

Se, antes de tudo, você lhe tivesse contado a verdade, minha menina, ele não teria tido a

mínima necessidade.

Polly sentou-se ereta, rapidamente. Aquela era uma voz perturbadora, sem dúvida, e a

coisa mais perturbadora a respeito dela era o fato de que se tratava de *sua própria voz;* tia Ewie

estava morta há muitos anos. Esta voz era a sua própria mente subconsciente, usando a tia

Ewie para expressar sua raiva, muito semelhante ao que latia um ventríloquo tímido que usasse

o seu boneco para fazer uma declaração de amor, e —

Pare com isso, menina — eu já não lhe tinha dito que esta cidade está cheia de fantasmas?

Talvez seja eu. Talvez seja.

Polly deixou escapar um gritinho de susto e agonia e depois tapou a boca com a mão.

Ou, talvez não seja. No fim, quem é ou deixa de ser não interessa. A questão é a seguinte,

Trisha: Quem cometeu o primeiro pecado? Quem contou a primeira mentira? Quem foi o

primeiro a usar disfarce? Quem atirou a primeira pedra?

— Isso não é justo! — Polly gritou dentro do quarto abafado, e depois fitou sua própria

imagem assustada e de olhos arregalados, no espelho. Ficou à espera de que a voz da tia Ewie

voltasse, c como isto hão aconteceu, vagarosamente tornou a deitar-se.

Talvez Polly *tivesse* cometido o primeiro pecado, se a omissão de parte da verdade e

algumas mentirinhas sem importância pudessem ser consideradas pecado, Talvez ela *tivesse*

tentado o primeiro disfarce, mas, daria isto a Alan o direito de iniciar uma investigação a seu

respeito, como o faria uma autoridade policial com relação a um criminoso conhecido? Daria a

ele o direito de fazer constar o nome dela através de um meio qualquer de comunicação

interestadual das forças policiais... ou ium pedido de busca, se era esse o nome... ou... ou...

Não ligue, Polly — uma voz — que ela conhecia muito bem — sussurrou. Pare de se

martirizar sobre o que foi uma conduta irrepreensível de sua parte. Isto é, afinal de contas...

você sentiu o tom de culpa na voz dele, não sentiu?

— Sim! — ela resmungou violentamente no travesseiro.—Tem razão, *ouvi, sim!* E agora,

hein, tia Ewie? — Não houve resposta. Apenas uma pontada leve e estranha.

(a questão é a seguinte, Trisha)

em seu subconsciente. Como se ela tivesse esquecido algum detalhe, desprezado algum

elemento

(quer uma bala, Trisha?)

da equação.

Polly rolou, agitada, para o lado, e o *azka* deslizou sobre toda a curva de seu seio. Ela

ouviu um delicado farfalhar dentro das paredes de prata daquela diminuta prisão.

Não, Polly pensou, é simplesmente alguma coisa se deslocando. Alguma coisa inerte. Essa

idéia de que há alguma coisa viva aí dentro... é pura imaginação.

Réct-réct-réct...

A bolinha de prata deslocou-se uma fraçãozinha de nada, entre à taça de seu sutiã de

algodão e a colcha da cama.

Réct-réct-réct...

Essa coisa está viva, Trisha, disse a tia Ewie. Essa coisa está viva, e você sabe disso.

Que bobagem, Polly retrucou, virando-se para o outro lado. Como podería haver Uma

criatura viva ali dentro? Creio que podería respirar através de todos aqueles minúsculos

buraquinhos, mas do que, em nome de Deus, se alimentaria?

Talvez, tia Ewie replicou suavemente implacável, *esteja devorando você*, *Trisha.*

— Polly — ela murmurou. — Meu nome é *Polly.*

Desta vez, a pontada de sua mente subconsciente foi mais aguda — alarmante, até certo

ponto — e, por um instante, ela foi capaz de entender. Então, o telefone começou a tocar

novamente. Ela prendeu a respiração e sentou-se, seu rosto uma máscara de exausto desalento.

Orgulho e saudade duelavam.

Fale com ele, Trisha — que mal pode haver? Melhor ainda, ouça o que ele tem a dizer.

Você não se deu a este trabalho, antes, não é?

Não quero falar com ele. Não depois do que ele me fez.

Mas, você ainda o ama.

Sim, é verdade. Só que, agora, ela também o odiava.

A voz de tia Ewie elevou-se novamente, passando em rajadas por sua mente. Quer ser um

fantasma pelo resto de sua vida, Trisha? O que está acontecendo com você, menina?

Polly estendeu a mão para o telefone, num arremedo de decisão. Sua mão — livre da dor, e

com movimentos mais hábeis — hesitou quase ao alcançar o fone. Porque, talvez, *não fosse*

Alan. Talvez fosse o sr. Gaunt. Talvez o sr. Gaunt quisesse informá-la de que o acordo ainda

não fora cumprido, que Polly ainda não tinha acabado de pagar.

Fez mais um gesto na direção do telefone — desta vez, as pontas dos dedos chegaram a

tocar o aparelho — e então ela recolheu a mão. Esta foi ao encontro da outra mão, e juntas se

cruzaram, formando um nó nervoso sobre seu ventre. Tinha medo da voz morta de tia Ewie, de

sua ação nesta tarde, do que o sr. Gaunt (ou Alan) poderiam espalhar pela cidade a respeito de

seu bebê morto, do significado daquela confusão distante de sirenes e carros em alta

velocidade.

Mas, acima de tudo o mais, ela o sabia, tinha medo do próprio Leland Gaunt. Era como se

alguém a tivesse amarrado ao badalo de um enorme sino de bronze que poderia

simultaneamente deixá-la surda, louca e esmigalhada quando começasse a bater.

O telefone silenciou.

Lá fora, outra sirene começou a berrar, e, ao se afastar, indo na direção da Ponte das Latas,

os trovões roncaram novamente. Mais perto do que nunca.

Atenda, sussurrou a voz de tia Ewie. Atenda, querida. Você pode. O domínio dele é sobre a

necessidade — não sobre a vontade. Atenda. Destrua o domínio dele sobre você.

No entanto, Polly fitava o telefone, recordando aquela noite — menos de uma semana atrás

— em que tentara segurar o fone e seus dedos tinham-no derrubado ao se chocarem com ele.

Recordava a dor que se irradiara braço acima, como um rato faminto de dentes quebrados. Não

podia voltar àquele estado. Simplesmente, — não podia.

Podia?

Algo de maléfico está acontecendo esta noite em Castle Rock, tia Ewie disse.

Você quer

acordar amanhã e ter que calcular qual A SUA QUOTA nesse malefício? Você realmente quer

fazer esse cálculo, Trisha?

— Você não entende — Polly gemeu. — Não foi em Alan que preguei o trote. Foi em Ace!

Ace Merrill! E ele merece tudo o que lhe possa acontecer!

A voz implacável de tia Ewie retornou:

— Neste caso, querida, você também merece. Você também.

4

Ás 6:20h da noite daquela terça-feira, quando as cabeças de trovão chegaram mais perto e

as trevas verdadeiramente venceram o crepúsculo, o oficial da polícia estadual que substituíra

Sheila Brigham na Expedição entrou na área de espera da delegacia. Deu a volta ao redor do

desenho vagamente oblongo, marcado com uma fita CENA DO CRIME, e correu para onde se

encontrava Henry Payton.

Payton estava despenteado e com ar de infeliz. Tinha passado os últimos cinco minutos

com os senhores e senhoras da imprensa e estava ainda sob o efeito daquilo que sempre sentia

depois de um desses confrontos: como se tivesse sido todo lambuzado de mel e depois forçado

a se espojar num grande bolo de cocô de hiena infestado de formigas. Suas declarações não

tinham sido bem preparadas — nem estavam inexpugnavelmente vagas — como seria de

desejar. O pessoal da TV tinha forçado a sua mão. Desejavam fazer transmissão ao vivo

naquela meia hora entre 6:00 c 6:30h em que se transmitiam as notícias locais — disseram-lhe

que *tinham* que transmitir ao vivo — e, caso ele não os atendesse, seria crucificado no

noticiário das ll:00h. De qualquer forma, já quase tinham logrado isto. Em toda a sua carreira,

jamais estivera tão à beira de admitir que não tinha uma única pista. Não era que tivesse dado

por encerrada aquela coletiva improvisada à imprensa — *escafedera-se*...

Payton surpreendeu-se desejando que tivesse dado ouvidos a Alan. Ao chegar, tinha

imaginado que a questão era essencialmente de controle da ocorrência. Agora, surgiam as

dúvidas, pois *outro* homicídio tinha acontecido desde que assumira o caso — o de uma mulher

chamada Myrtle Keeton. O marido se encontrava foragido, provavelmente atravessara as

montanhas e estaria longe a esta hora; contudo, havia a possibilidade de que ainda estivesse

galopando alegremente por este lugarejo amaldiçoado. Um homem que dera cabo da mulher a

golpes de martelo. Em outras palavras, doido de pedra.

O problema era que ele *não conhecia* esta gente. Alan e seus policiais conheciam-na, mas

nem Alan, nem Ridgewick, estavam presentes. LaPointe estava hospitalizado, provavelmente

torcendo para que os médicos conseguissem endireitar seu nariz. Olhou à volta, procurando

por Clutterbuck e não ficou de todo surpreso ao notar que ele também sumira.

Você quer o caso, Henry? — *ouviu Alan falando dentro de sua cabeça.* — Ótimo. É todo

seu. E, quanto aos suspeitos, sugiro que tente a lista telefônica.

— Tenente Payton? Tenente Payton! — era o oficial encarregado da Expedição.

— O que foi? — Henry rosnou.

— Estou com o dr. Van Allen no rádio. Ele quer falar com o senhor.

— Sobre?

— Ele não disse. Disse apenas que *precisava* falar com o senhor.

Henry Payton entrou na Expedição, sentindo-se mais e mais como um menino indo morro

abaixo, pedalando uma bicicleta sem freio, tendo um abismo de um lado e um paredão de

pedra de outro, e uma matilha de lobos famintos, com caras de repórteres, em seu encalço.

Apanhou o microfone.

— Henry Payton falando. Câmbio.

— Tenente Payton, aqui fala o dr. Van Allen, médico-legista municipal. — A voz soava

oca e distante, interrompida ocasionalmente por uma onda de estática. Conseqüência da

tempestade que se aproximava, Henry sabia. Tudo ia ficar mais engraçado ainda.

— Sim, eu sei quem é o senhor — Henry respondeu. — O senhor levou Henry Beaufort

para Oxford. Como está ele?

Ele está —

Cric-crac-bizzzz-zummmm.

O tempo interrompeu a comunicação, dr. Van Allen — Henry disse, falando com que

paciência podia. — Como está ele? Câmbio.

— Morto!—Van Allen gritou, num intervalo entre duas ondas de estática. — Morreu na

ambulância, mas não cremos que os tiros tenham sido a causa da morte. Está me entendendo?

Não cremos que o paciente tenha morrido em consequência dos tiros. Seu cérebro sofreu

edema atípico e depois rompeu-se. O diagnóstico mais provável é que uma substância tóxica,

uma substância *extremamente* tóxica, foi introduzida em seu sangue ao levar os tiros. Essa

mesma substância parece ter feito com que seu coração literalmente explodisse. Mensagem

recebida?

— *Oh, Jesus,* Henry Payton pensou. Afrouxou a gravata, desabotoou o colarinho, e em

seguida apertou o botão de “transmissão”.

— Mensagem recebida, dr. Van Allen, mas quero ser mico de circo se cheguei a entendê-la

direito. Câmbio.

Muito provavelmente, a toxina se encontrava nas balas da arma que foi usada. A infecção

parece alastrar-se lentamente a princípio, e depois se torna mais rápida. Temos duas áreas em

leque bem definidas de introdução da toxina: o ferimento no rosto e o ferimento no peito.

Também é importante —

Cric-crac-bizzzz-zummmm.

...aquela arma? Câmbio.

— Por favor, repita, dr. Van Allen. — Henry desejou do fundo do coração que aquele

homem tivesse simplesmente usado o telefone. Por favor, repita, câmbio.

— Quem está com aquela arma? — *Van Allen esganiçou.* — Câmbio!

— David Friedman. Balística. Levou-a para Augusta. Câmbio.

— Ele teria, em primeiro lugar, descarregado a arma? Câmbio.

— Sim. Procedimento de rotina. Câmbio.

— Era um revólver ou uma automática, tenente Payton? Este detalhe é, agora, dá maior

importância. Câmbio.

— Automática. Câmbio.

— Ele teria removido o pente de balas? Câmbio.

— Era o que faria, ao chegar a Augusta. — Payton deixou-se cair pesadamente na poltrona

da Expedição. Sentia a repentina necessidade de estar bem acomodado. — Câmbio.

— Não! Não! Ele não deve! *Ele não deve fazer isso!* Está me copiando?

— Estou. — Henry voltou. — Vou deixar uma mensagem para ele no Laboratório de

Balística, dizendo para ele deixar a merda das balas na merda do pente, até que se esclareça

esta última merda de informação.

Sentia um prazer infantil em saber que todo o diálogo ia sendo transmitido por ondas

aéreas... e, então, perguntou-se quantos dos repórteres lá fora estariam monitorando a conversa

em seus receptores.

Ouça, dr. Van Allen, não devíamos estar falando sobre este assunto pelo rádio. Câmbio.

— Não é hora de pensar no aspecto de relações-públicas — Van Allen admoestou

severamente. — Estamos falando *da vida* de um homem. Tenente Payton, tentei comunicação

por telefone e não consegui. Diga ao seu oficial Friedman que examine as mãos

cuidadosamente, à procura de cortes, arranhões ou até sabugos de unha. Se ele tiver a mínima

rachadura na pele das mãos, deve dirigir-se ao hospital mais próximo *imediatamente*. Não

tenho como saber se o veneno com que estamos lidando estava apenas no projétil ou também

no pente de munição. E, não é o tipo de coisa com que se possa aceitar o menor risco. Essa

coisa é *mortal*. Câmbio?

— Mensagem recebida — Henry ouviu-se dizer. Desejaria estar em qualquer lugar, menos

aqui — mas, já que *estava* aqui, desejaria que Alan Pangborn estivesse a seu lado. Desde a sua

chegada a Castle Rock, sentia-se mais e mais como o Porquinho encurralado na casinha de

palha e o Lobo Mau soprando do lado de fora.

— Qual é o veneno?

— Não sabemos ainda. Não é curare, pois não houve paralisia senão quase no fim. Por

outro lado, o curare é relativamente indolor, e o sr. Beaufort sofreu muito. Tudo o que

descobrimos até agora é que começa agindo devagar e depois dispara como um foguete.

Câmbio.

— Só isso? Câmbio.

— Jesus Cristo! — Ray Van Allen explodiu. — Não chega? Câmbio.

— Sim. Creio que sim. Câmbio.

— Basta certificar-se —

Críc-crac-bizzz-zummmmm.

Repita, por favor, dr. Van Allen. Repita. Câmbio.

Através da onda cada vez mais intensa de estática, ouviu o dr. Van Allen dizer:

— Basta certificar-se de que a arma está sob custódia. Que o senhor não tem que se

preocupar de que ela cause mais danos. Câmbio.

Tem razão quanto a isso, amigo. Câmbio final e desligo.

5

Cora Rusk dobrou a esquina para a Rua Principal e caminhou em passo lento para Coisas

Necessárias. Passou por um caminhão Ford Econoline amarelo-vivo, com os seguintes dizeres

pintados na lateral: WPTD CANAL 5 A NOTÍCIA AO VIVO, sem notar que Danforth

“Buster” Keeton a fitava, de olhos fixos, pela janela do motorista. De qualquer forma,

provavelmente não o teria reconhecido. Buster tinha se transformado, por assim dizer, num

novo homem. E, mesmo que o tivesse visto e reconhecido, isto nada significaria para ela. Cora

tinha seus próprios sofrimentos e preocupações. Acima de tudo, tinha a sua própria raiva. E

nenhum desses sentimentos dizia respeito a seu filho morto.

Na mão, Cora carregava um par de óculos quebrados.

Tinha a impressão de que a polícia iria interrogá-la pelo resto de sua vida... ou, pelo

menos, até que enlouquecesse. Vão embora! — tivera vontade de gritar para eles. Chega

dessas perguntas idiotas sobre o Brian! Se ele se meteu em alguma encrenca, prendam-no, e

depois o pai dele dará um jeito, porque é só para isso que o pai dele serve — para dar um

jeito nas coisas, mas deixem-me em paz! Tenho um encontro com o Rei, e não posso deixá-lo

esperando!

A certa altura, tinha vislumbrado o xerife Pangborn encostado ao batente da porta entre a

cozinha e o galpão do quintal, braços cruzados sobre o peito, e esteve a ponto de deixar

escapar tudo aquilo, pensando que *ele* talvez fosse capaz de compreender. “Ele não era como

aqueles outros—ele pertencia à cidade, sabia a respeito de Coisas Necessárias, com certeza

também teria comprado algum objeto especial, ele compreenderia.

Só que o sr. Gaunt falou dentro de sua cabeça, nesse exato momento, calmo e razoável

como sempre.

— Não, Cora — não fale com ele. Ele não compreenderia. Ele não é como você. Não é um

comprador experiente. Diga a eles que você quer ir até o hospital para ver o seu outro filho.

Isso a livrará deles, pelo menos por algum tempo. E, mais tarde, já não fará qualquer

diferença.

Assim, foi exatamente o que Cora lhes disse e funcionou que foi uma maravilha. Tinha até

conseguido espremer uma ou duas lágrimas, pensando — não em Brian, mas em como EIvis

deveria estar se sentindo, vagueando por Graceland sem a sua companhia. Pobre Rei perdido!

E todos eles tinham ido embora, exceto dois ou três que ficaram na garagem. Cora

ignorava o que estariam fazendo lá, ou o que poderiam querer, mas pouco lhe importava.

Agarrou os óculos mágicos sobre a mesa e correu para cima. Uma vez dentro do quarto,

desvencilhou-se do robe, deitou-se e colocou os óculos.

Imediatamente, viu-se em Graceland. Alívio, expectativa e surpreendente desenvoltura a

invadiram.

Subiu a escadaria curva, tranqüilamente nua, para o corredor do andar superior, que tinha

tapeçarias tropicais penduradas nas paredes e quase tão largo quanto uma rodovia. Dirigiu-se

para as portas duplas no fim do corredor, os pés descalços sussurrando no tapete

espesso. Viu

seus dedos se estendendo e segurando as maçanetas. Abriu as portas com um leve empurrão,

revelando o quarto do Rei, um quarto todo em branco e preto — paredes pretas, tapete peludo

branco, cortinas pretas nas janelas, bainha branca nas cobertas pretas — exceto o teto, pintado

em azul-noite com milhares de estrelinhas elétricas tremeluzindo.

Então, olhou para a cama e foi aí que o horror começou.

O Rei estava na cama, mas o Rei não estava sozinho.

Sobre ele, como se montasse um cavalo, estava Myra Evans. Myra virou a cabeça e fitou

Cora quando as portas se abriram. O Rei continuou contemplando Myra, piscando aqueles seus

olhos azuis sonolentos e deslumbrantes.

— Myra! — Cora exclamou. — O que está fazendo aqui?

— Ora — Myra respondera muito sonsa. — Não estou passando o aspirador no tapete...

Cora lutou para recuperar o fôlego, sentindo-se totalmente desnorteada.

— Ora... ora... ora... *que um raio me parta!* — ela exclamou, a voz se elevando quando

conseguiu respirar.

Nesse caso, vá para o raio que a parta! — disse Myra, mexendo os quadris mais depressa.

— E, falando nisso, é melhor tirar esses óculos ridículos da sua cara. Coisa mais

idiota! Saia

daqui. Volte para Castle Rock. Estamos muito ocupados... não é é?

— Certo, doçura o respondeu o Rei. — Ocupados como duas pulgas no tapete.

O horror transformara-se em fúria, e a paralisia de Cora desapareceu num instante. Correu

para a falsa amiga, com a intenção de arrancar-lhe os olhos fingidos da cara. Mas ao levantar a

mão em garra, Myra estendeu a própria mão — sem perder o ritmo com que mexia os quadris

— e arrancou os óculos do rosto de Cora.

Surpreendida, Cora fechou os olhos... e, ao abri-los, viu-se de volta em seu próprio quarto.

Os óculos estavam no chão, as duas lentes partidas.

— *Não* — Cora gemeu, balançando-se para fora da cama. Tinha vontade de gritar, mas

uma voz interior — que não era a sua própria — preveniu-a de que se o fizesse os dois

policiais na garagem ouviriam e viram correndo.

— Não, por favor não, *por favoooooooor* —

Tentou juntar os cacos de lentes quebradas dentro do aro dourado, mas em vão. Estavam

quebradas, feitas em pedaços por aquela puta sem vergonha, sem coração, feitas em pedaços

por sua *amiga*, Myra Evans. Sua amiga, que dera um jeito de chegar a Graceland, a *amiga* que,

neste exato momento — enquanto Cora tentava juntar os caquinhos deste objeto inestimável,

irrecuperavelmente destruído — fazia amor com o Rei.

Cora levantou a vista, com olhos que se tinham tornado estreitas frestas faiscantes.

— Eu acabo *com ela* — sussurrou, rouca. — Acabo com ela.

6

Cora leu o aviso em Coisas Necessárias, deteve-se por um momento, raciocinando, e, em

seguida, deu a volta para o beco dos fundos. Passou rápida por Francine Pelletier, que vinha

saindo do beco e colocava alguma coisa dentro da bolsa. Cora sequer dirigiu-lhe um olhar.

A meio caminho, viu o sr. Gaunt de pé, atrás de uma mesinha de madeira atravessada no

vão da porta dos fundos da loja, como se fosse uma barricada.

— Ah, Cora! — ele exclamou. — Já estava me perguntando que fim teria levado.

— Aquela *cadela!*— as palavras saíram cuspidas. — Aquela *puta-cadela* traidora.

— Desculpe, Cora — disse o sr. Gaunt com urbana delicadeza. — Parece que você se

esqueceu de fechar dois botões. — E apontou com um de seus longos e esquisitos dedos para a

frente do vestido de Cora.

Cora escondera sua nudez com a primeira coisa que pegara no armário, e só

tinha

conseguido abotoar o botão de cima. Abaixo dele, o vestido se abria para exibir os crespos

pêlos púbicos. A barriga, inchada de tantas guloseimas, biscoitos e bombons de chocolate com

recheio de cereja, que ia ingerindo enquanto assistia a *Santa Barbara* (e todos os outros

seriados), se projetava em curva.

— Quem se importa, porra! — Cora zangou-se.

— Eu não — o sr. Gaunt concordou serenamente. — Em que posso servi-la?

— Aquela cadela está fodendo com o Rei. Quebrou os meus óculos. Minha vontade é

matá-la.

— É mesmo? — disse o sr. Gaunt, levantando os supercílios. — Bem, não posso dizer que

não concordo, Cora, porque não seria verdade. Pode ser que uma mulher que rouba o homem

da outra mereça viver. Não gostaria de dar minha opinião — nem a favor, nem contra. Tenho

sido comerciante toda a minha vida, e não tenho experiência em coisas do coração. Mas, uma

mulher que deliberadamente quebra o objeto de valor afetivo de outra mulher... bem, esse já é

um assunto muito sério, concorda comigo?

Cora começou a sorrir. Era um sorriso duro. Era um sorriso impiedoso. Era um sorriso sem

o mínimo resquício de sanidade.

Pra caralho! — respondeu Cora Rusk.

O sr. Gaunt virou-se um instante. Ao encarar Cora novamente, trazia uma pistola

automática na mão. E perguntou:

— Será que estaria procurando algo assim?

CAPÍTULO VINTE

1

DEPOIS DE ACABAR COM A VIDA de Myrtle, Buster caiu em profunda crise de fuga

psicológica. Todo o senso de propósito deespertou-o. Pensou Neles — a cidade toda fervilhava

Deles — mas, ao invés da ira justa e nítida que a idéia lhe trouxera há apenas poucos minutos,

sentia agora apenas cansaço e depressão. Estava com dor de cabeça latejante. Braço e: costas

doíam devido aos movimentos que fizera com o martelo.

Baixou a vista e notou que ainda o segurava. Abriu a mão e deixou-o cair no linóleo da

cozinha fazendo uma mancha de sangue. Durante um minuto inteiro, contemplou aquela

sangueira com uma espécie de atenção estuporada. Parecia ver rosto do pai, desenhado em

sangue.

Lá se foi arrastando os pés pela sala, e entrou no escritório, friccionando o braço e o ombro

ao caminhar. A corrente da algema tilintava de modo enlouquecedor. Abriu a porta do armário

embutido, caiu de joelhos, enfiou-se no meio das roupas penduradas na frente, e trouxe para

fora a caixa do jogo de cavalinhos. Arrastou-se de ré, desajeitadamente, para fora do armário (a

algema ficou presa num sapato de Myrtle que ele jogou para o fundo do armário com um

palavrão emburrado), levou a caixa para sua escrivaninha, e sentou-se com o brinquedo à sua

frente. Em vez de empolgação, sentiu tristeza. Pule Vencedora era formidável, sem dúvida,

mas de que lhe adiantava agora? Não faria diferença para ele devolver ou não o dinheiro.

Tinha assassinado sua esposa. Ela, não resta dúvida, tinha merecido, mas Eles não veriam a

coisa por esse ângulo. Na maior alegria, Eles o trancafiariam no calabouço mais escuro e mais

profundo da penitenciária de Shawshank que pudessem encontrar, e jogariam a chave fora.

Notou que deixara grandes borrões de sangue na tampa da caixa, e olhou-para si mesmo.

Pela primeira vez, viu que estava todo ensangüentado. Os antebraços carnudos poderiam

pertencer a algum matador de porcos de Chicago. A depressão novamente fechou-se sobre ele,

como uma onda macia e negra. Eles o tinham derrotado... tudo bem. De alguma maneira,

escaparia Deles. Escaparia Deles, assim mesmo.

Levantou-se, cansado até a medula, e arrastou-se para o segundo andar da casa. Foi tirando

a roupa enquanto subia, soltando os sapatos na sala de estar, deixando cair as calças no pé da

escada, sentando-se, depois, no meio da escada, para tirar as meias. Até elas estavam

ensangüentadas. A camisa foi a pior parte: tirar uma camisa, tendo uma das mãos algemada,

era uma trabalheira dos diabos.

Quase vinte minutos tinham se passado entre o assassinato da sra. Keeton e a batalha de

Bus ter para subir e tomar banho. Em qualquer momento, durante aquele período, ele poderia

ter sido preso e levado em custódia sem causar qualquer problema... mas na parte baixa da Rua

Principal operava-se uma transição de autoridade, a delegacia estava quase que totalmente

caótica, e o paradeiro de Danforth “Buster” Keeton simplesmente não foi considerado muito

importante.

Após ter-se enxugado, vestiu calças limpas e uma camiseta — não tinha energia suficiente

para brigar novamente com mangas longas — e desceu para o escritório. Buster sentou-se em

sua poltrona, e contemplou a Pule Vencedora, esperando que sua depressão não passasse de

crise efêmera, que um pouco da antiga alegria retomasse. Mas, a figura na tampa da caixa

parecia ter esmaecido, perdido o brilho. A cor mais viva em evidência era o borrão do sangue

de Myrtle sobre os flancos do cavalinho nº2.

Tirou a tampa e espiou para dentro. Ficou chocado ao ver que os cavalinhos de chumbo

inclinavam-se tristemente para todos os lados. Também suas cores estavam desbotadas. Uma

pontinha de mola quebrada surgia no buraco onde se colocava a chave para dar corda no

brinquedo.

Alguém esteve aqui! sua mente gritou. Alguém mexeu aqui! Um Deles! Não era suficiente

arruinar a mim! Precisavam também arruinar o jogo!

Mas, uma voz mais profunda, talvez a voz da sanidade que lhe escapava, sussurrou que

isso não era verdade. *Era assim que estava desde o princípio,* murmurou a voz. *Mas, você não*

viu.

Foi até o armário novamente, com a intenção de pegar a arma, afinal de contas. Chegara a

hora de usá-la. Estava tateando à sua procura, quando o telefone tocou. Buster levantou o fone,

muito lentamente, sabendo de antemão quem estava no outro lado do fio.

Não ficou desapontado.

2

— Alô, Dan — disse o sr. Gaunt — Como vai, nesta linda noite?

— Terrível — Buster respondeu, numa voz sombria e arrastada. — O mundo está de

pernas para o ar. Vou me matar.

— Oh? — o sr. Gaunt soava ligeiramente desapontado, nada mais.

— Nada está bom. Nem o jogo que o senhor me vendeu está bom.

— Duvido muito — o sr. Gaunt respondeu, com um laivo de aspereza. — Verifico todas as

minhas mercadorias com muito cuidado, sr. Keeton. Com muito cuidado mesmo. Por que não

torna a olhar?

— Foi o que Buster fez, e o que viu deixou-o estarrecido. Os cavalinhos enfileiravam-se

eretos em suas trilhas. Cada camisa parecia recém-pintada e brilhante. A pista de latão era toda

em tons de verde e castanhos poeirentos de verão. *A pista parece ligeira,* pensou

sonhadoramente, e os olhos voltaram-se para a tampa da caixa.

Ou seus olhos, embotados pela profunda depressão, tinham-no enganado ou as cores

tinham se avivado, de forma extraordinária, nos poucos instantes em que o telefone tocara.

Agora, o que ele mal enxergava era o sangue de Myrtle. Que ao secar ia tomando um tom de

marrom.

— Meu Deus! — ele murmurou.

— Bem? — indagou o sr. Gaunt.—Pois então, Dan? Estou errado? Porque, se estiver, você

precisa adiar o seu suicídio pelo menos pelo tempo necessário para vir até aqui devolver a sua

compra e pegar todo o seu dinheiro dé volta. Minha mercadoria é o meu compromisso. Tenho

uma reputação a zelar, e este é um conceito que eu levo muito a sério num mundo em que há

milhões Deles e apenas um de mim.

— Não... não! — Buster disse. — Está... está *lindo!*

— Então, você estava errado? — o sr. Gaunt persistiu.

— Eu... eu creio que devo ter estado.

— Você *admite* que estava errado?

— Eu... sim.

— Ótimo — disse o sr. Gaunt. A voz perdeu o tom impaciente. — Então, fique à vontade,

vá em frente e mate-se. Embora eu deva admitir que estou desapontado. Pensei finalmente ter

encontrado um homem com coragem suficiente para me ajudar a dar um chute na bunda Deles.

Acho que você, como todos os outros, é papo-furado. — O sr. Gaunt suspirou. O suspiro de

um homem que chega à conclusão de que, afinal de contas, não estava vendo a luz no fim do

túnel.

Algo de estranho se passava com Buster Keeton. Sentia sua vontade e sua vitalidade

retomando em ondas. Suas próprias cores interiores pareciam mais brilhantes, intensificando-

se novamente.

— Quer dizer que não é tarde demais?

Acho que não prestou atenção no Poema 101. Nunca é tarde demais para se ir em busca de

um mundo mais novo. Não se se tiver um pouco de tutano nos ossos. Ora, eu tinha tudo

preparado para o senhor, sr. Keeton. Veja, estava contando com o senhor.

— Gostei muito mais de ser simplesmente Dan — Buster disse, quase timidamente.

— Está bem. Dan. Está mesmo decidido a deixar a vida de forma tão covarde?

— Não! — Buster exclamou. — É só que... pensei, de que adianta? Eles são

muitos.

— Três homens fortes podem causar um bocado de estrago, Dan.

— Três? O senhor disse *três*?

— Sim... há mais um de nós. Alguém que percebe o perigo, que compreende qual a

intenção Deles.

— Quem? — Buster perguntou ansioso. — Quem?

— Cada coisa a seu tempo — disse o sr. Gaunt. — Mas, por enquanto, o tempo urge. Eles

estão no seu encalço.

Buster olhou pela janela do escritório com os olhos apertados de uma doninha que fareja o

perigo pelo vento. A rua estava deserta, mas somente por enquanto. Sentia-os, pressentia-os

reunindo-se em massa contra ele.

— O que devo fazer?

— Então, você está no meu grupo? — perguntou o sr. Gaunt. — *Posso* contar com você,

afinal?

— Sim!

— Até o fim?

— Até que o inferno vire gelo ou que o senhor diga outra coisa.

— Muito bom — replicou o sr. Gaunt. — Preste muita atenção, Dan. — E, enquanto o sr.

Gaunt falava, e Buster ouvia, mergulhando aos poucos naquele estado hipnótico que o sr.

Gaunt era capaz de induzir à vontade, os primeiros roncos da tempestade próxima sacudiram o

ar.

3

Cinco minutos mais tarde, Buster saiu de casa. Vestiu um paletó leve sobre a camiseta, e

enfiou a mão algemada no fundo do bolso. Meia quadra adiante encontrou um caminhão

encostado ao meio-fio, exatamente como o sr. Gaunt lhe dissera que encontraria. Era amarelo-

canário, uma garantia de que os pedestres teriam sua atenção desviada para a pintura, e não

para o motorista. Quase não tinha janelas, e as duas laterais exibiam o logotipo de uma estação

de TV de Portland.

Buster olhou, rápida mas atentamente, para os dois lados, e depois entrou. O sr. Gaunt lhe

dissera que as chaves estariam sob o assento. Estavam. E sobre o assento do carona havia uma

sacola de compras de papel. Dentro dela, Buster encontrou uma peruca loira, um par de óculos

de jovem executivo, de aros de metal, e um vidrinho.

Com certa dose de apreensão, ajeitou a peruca — de cabelo comprido e despenteado, muito

semelhante ao escalpo de algum cantor de rock que tivesse morrido — mas, ao se olhar no

espelho retrovisor do caminhão, ficou surpreso ao ver como lhe ia bem. Parecia mais jovem.

Muito mais jovem. As lentes dos óculos de jovem executivo não tinham grau, e mudavam sua

aparência (pelo menos na opinião de Buster) ainda mais do que a peruca. Davam-lhe um ar

inteligente, como Harrison Ford em A *Costa do Mosquito** [título Original: The Moquito coast, lançado

em vídeo. (N. do E.)] Mirou-se, fascinado. De repente, parecia ter trinta e poucos anos, em vez de

52, com cara de quem poderia muito bem trabalhar na televisão. Não exatamente como

comentarista, nada assim tão sensacional, mas talvez como *cameraman* ou produtor.

Desatarraxou a tampa do vidrinho e fez uma careta — o que tinha lá dentro cheirava a

bateria de trator derretida. Fios de fumaça subiam da boca do vidrinho. *Tenho que ter cuidado*

com isto, Buster pensou. *Tenho que ter muito cuidado.*

Ajeitou a algema vazia sob a coxa direita e esticou a corrente. Então, derramou um pouco

do conteúdo do vidrinho na corrente, exatamente abaixo da argola que prendia seu pulso,

tomando cuidado para não deixar pingar aquele líquido escuro e viscoso sobre a pele.

Imediatamente, o aço começou a borbulhar e desprender fumaça. Algumas gotinhas caíram no

tapete de borracha que também começou a borbulhar. Fumaça e um odor horrível de coisa

fritando *se* evolaram dele. Passados alguns momentos, Buster soltou a algema vazia presa sob

a coxa, enganchou os dedos através dela e deu um puxão violento. A corrente partiu-se como

se fosse de papel, e ele a jogou ao chão. Ainda estava com o bracelete da algema, mas

sobreviveria; a algema vazia e a corrente balançando é que eram um pé no saco. Colocou a

chave na ignição, o motor pegou, e ele foi embora.

Menos de três minutos depois disso, uma das viaturas da delegacia de Castle Rock, dirigida

por Seat Thomas, passou pela entrada de carros da casa dos Keetons, e Seat encontrou Myrtle

Keeton, cujo corpo estava jogado meio para dentro e meio para fora da porta de comunicação

entre a cozinha e a garagem. Em pouco tempo, à sua viatura juntaram-se quatro unidades da

polícia estadual. Os policiais vasculharam a casa do topo ao rés do chão, à procura de Buster

ou de algum indício de seu paradeiro. Ninguém olhou duas vezes para o jogo sobre a mesa do

escritório. Era velho, sujo e obviamente estava quebrado. Como uma quinquilharia encontrada

no sótão de um parente pobre.

4

Já durava mais de dois anos a raiva que Eddie Warburton, o faxineiro do Edifício

Municipal, sentia de Sonny Jackett. E, nos últimos dois dias, essa raiva transformara-se em

fúria fervente.

Quando a transmissão do compacto e bonitinho Honda Civic de Eddie tinha emperrado, no

verão de 1989, Eddie não se resolvera a levá-lo ao representante mais próximo da Honda, pois

isto envolveria um alto custo de reboque. Já tinha sido ruim a garantia da carroceria não tinha

expirado senão três semanas depois da garantia da embreagem. Por isso, consultara primeiro

Sonny Jackett, perguntando se ele tinha alguma experiência com carros estrangeiros.

Sonny dissera que sim. Falou naquele tom discursivo e paternalista que os ianques

caipiras tendiam adotar quando falavam com Eddie. Menino, não temos preconceito, era o *que*

esse tom transmitia. Aqui é o norte, sabe? Não admitimos aquele *preconceito* sulista. CLARO

que você é negro, qualquer um vê isso, mas para nós *não tem* mínima importância. Preto,

amarelo, branco ou verde, tratamos todos da mesma maneira. Pode trazer o carro

aqui.

Sonny tinha consertado a transmissão do Honda, mas a conta foi US$100.00 mais do que

Sonny dissera que seria, e por causa disso quase tinham chegado às vias de fato, certa noite, no

Tigre Manso. Então, *o advogado* de Sonny (era engraçado, mas ianques ou sulistas, todos os

brancos sempre tinham um *advogado*) telefonara, informando que Sonny ia entrar com uma

ação contra ele no Tribunal de Pequenas Causas. Eddie acabou tendo de desembolsar US$

50.00 em conseqüência dessa experiência e o incêndio na parte elétrica do Honda ocorreu

cinco meses depois. O automóvel estava no estacionamento do Edifício Municipal. Alguém

chamou Eddie aos gritos, mas quando este saiu levando um extintor, o interior do seu carro era

uma coisa chamejante de fogo amarelo. Foi perda total.

Desde então, vinha se indagando se Sonny Jackett teria causado aquele incêndio. O

investigador da companhia de seguros dissera que se tratava de um acidente *bona fide*, causado

por um curto-circuito... que acontecia uma em um milhão de vezes. Mas, o que é que aquele

sujeito sabia? Provavelmente nada, e além do mais, não era o dinheiro *dele*. E nem que a

indenização do seguro tivesse sido suficiente para cobrir o investimento de Eddie.

E, agora ele ficara sabendo. Com certeza.

Mais cedo, naquele dia, tinha recebido um pacotinho pelo correio. As peças dentro do

pacote contavam sua própria história: alguns prendedores dentados (boca-de-jacaré),

enegrecidos, uma fotografia velha de cantos esgarçados, e uma mensagem.

Os prendedores eram daquele tipo que se usa para começar um incêndio pelo sistema

elétrico. Simplesmente, remove-se o isolamento dos pares certos de fios nos lugares certos,

junta-se os fios, e *voilà.*

A fotografia exibia Sonny e alguns de seus amigos branquelos, aqueles que estavam

sempre refestelados nas cadeiras de cozinha, no escritório do posto de gasolina, quando você

chegava lá. O lugar, contudo, não era o Sunoco's, de Sonny — era o ferro-velho de Robicheau,

na Vicinal nº 5. Os sacanas estavam de pé na frente do Civic incendiado de Eddie, bebendo

cerveja e dando risada... e comendo fatias de melancia.

A mensagem era curta e grossa: Querido Negro, me foder foi um erro muito grande.

A princípio, Eddie não saberia dizer por que Sonny lhe teria enviado aquela mensagem

(embora não estabelecesse qualquer relação com a carta que ele próprio havia depositado na

abertura de correspondência da casa de Polly Chalmers, a pedido do sr. Gaunt). Chegou à

conclusão de que era porque Sonny era ainda mais burro e mesquinho do que a maioria dos

sacanas. Ainda assim — se a história ainda afligia Sonny, por que teria ele levado tanto tempo

para reabrir a questão? Mas, quanto mais lembrava os velhos tempos

(Querido Negro:)

... menos importância dava a essas perguntas... A nota e os prendedores queimados e

aquela antiga fotografia invadiram sua cabeça, zunindo lá dentro como uma nuvem de

mosquitos esfomeados.

Cedo naquela noite, comprara uma arma do sr. Gaunt.

As luzes fluorescentes do escritório do posto Sunoco lançavam um branco trapezoidal no

macadame do suprimento de alcatrão, quando Eddie lá chegou — ao volante do seu Olds de

segunda-mão que substituíra o Civic. Saltou do carro, a mão dentro do bolso do paletó,

segurando a arma.

Parou do lado de fora da porta por um instante, espiando para dentro. Sonny estava sentado

ao lado da caixa registradora, numa cadeira de plástico, apoiada contra a parede

nos pés

traseiros. Eddie enxergava apenas o topo do boné de Sonny por cima do jornal aberto. Lendo o

jornal. Mas, é claro. Os brancos sempre tinham *advogados*, e depois de um dia inteiro

sacaneando os pretos como Eddie, sempre ficavam sentados em seus escritórios, em cadeiras

inclinadas para trás, lendo o jornal.

Brancos desgraçados, com seus *advogados* desgraçados, e seus *jornais* desgraçados.

Eddie sacou a pistola automática e entrou. Uma parte dele, que se encontrava adormecida,

despertou subitamente e gritou alarmada que ele não devia fazer isso, era tudo um engano.

Mas, a voz não importava. Não importava porque, de repente, Eddie já não parecia estar dentro

do seu corpo. Era como um fantasma flutuando sobre o seu próprio ombro, observando tudo o

que acontecia. Um espírito maligno assumira a todos os seus controles.

Tenho alguma coisa aqui para você, seu filho da mãe — Eddie ouviu sua boca dizer, e viu

seu dedo apertar duas vezes o gatilho da pistola automática. Dois buraquinhos negros surgiram

numa manchete que dizia A PORCENTAGEM DE APROVAÇÃO DE MCKERNAN SOBE

RAPIDAMENTE. Sonny Jackett gritou e entrou em convulsão. Os pés traseiros

da cadeira

resvalaram e Sonny estatelou-se no chão, o sangue encharcando o seu guarda-pó... só que o

nome bordado nele, com linha dourada, era RICKY, Não era Sonny — era Ricky Bissonette.

— Ah, que merda! — Eddie gritou— — Atirei no sacana errado!

— Alô, Eddie — Sonny Jackett comentou às suas costas. — Que bom que eu fui cagar na

hora certa, não é?

Eddie começou a virar-se. Três balas da pistola automática que Sonny tinha comprado do

sr. Gaunt no fim daquela tarde atingiram a parte de baixo de suas costas, pulverizando a

espinha, antes que ele completasse sequer metade do giro.

Ficou vendo, de olhos abertos e indefesos, quando Sonny curvou-se sobre ele. A boca da

arma que Sonny portava era grande como a boca de um túnel e negro como o eterno. E, acima

dela, o rosto de Sonny estava pálido e imóvel. Uma mancha de graxa escorria de uma das

faces.

Planejar o roubo do meu jogo de ferramentas não foi o seu erro — Sonny disse, ao encostar

o canto da automática no meio da testa de Eddie Warburton. — Escrever para *me dizer* que ia

roubar... *esse* foi o seu erro.

Uma imensa luz branca — a luz do entendimento — acendeu-se, de súbito, na mente de

Eddie. *Agora,* recordou a carta que tinha colocado na caixinha de correio de Polly Chalmers, e

juntou aquele trote à mensagem que tinha recebido e aquela que Sonny estava mencionando.

— Ouça — ele sussurrou. — Você tem me ouvir, Jackett — nos fizeram de otários, nós

dois. Nós —

Adeus, negrinho — Sonny disse, e puxou o gatilho.

Sonny ficou contemplando o que restava de Eddie Warburton durante um minuto inteiro,

na dúvida se deveria ter ouvido o que ele tinha a dizer. Concluiu que não. O que poderia ter a

dizer, alguém tão burro que mandava aviso do que pretendia fazer?

Sonny pôs se de pé, entrou no escritório, e pulou por cima das pernas de Ricky Bisonette.

Abriu o cofre e tirou o jogo de chaves de fenda que comprara do sr. Gaunt. Ainda as

contemplava, segurando cada uma, e alisando-a afetuosamente, e devolvendo-a depois ao

lugar, quando a polícia estadual chegou para levá-lo preso.

5

Estacione na esquina da Rua do Freixo com Principal, o *sr. Gaunt instruira Buster pelo*

telefone, e fique esperando. Mandarei alguém até você.

Buster seguira as instruções ao pé da letra. De seu ponto de vantagem, uma quadra acima,

tinha observado grande movimento de idas e vindas na saída do beco — quase todos os seus

amigos e vizinhos, assim lhe parecera, tinham algum negocinho a tratar com o sr. Gaunt

naquela noite. Há uns dez minutos, a tal de Cora Rusk tinha vindo, com o vestido desabotoado,

parecendo o fantasma de um pesadelo.

Então, menos de cinco minutos depois, ela saíra do beco, colocando alguma coisa no bolso

do vestido (que continuava desabotoado, mostrando tudo, mas quem, em seu juízo perfeito,

Buster ponderou, ia querer olhar?), e então houve uma troca de tiros mais acima, na Rua

Principal. Buster não tinha certeza, mas julgava que os tiros tinham sido no posto Sunoco.

Viaturas da polícia estadual ziguezagueavam pela Rua Principal, saindo do Edifício

Municipal, as luzes azuis piscando, espantando os repórteres como se fossem pombos. Com ou

sem disfarce, Buster chegou à conclusão de que seria prudente ir para a parte fechada do

caminhão durante algum tempo.

Os veículos da polícia estadual passavam roncando, e as luzes azuis que giravam,

iluminaram alguma coisa que estava encostada na porta traseira do caminhão — um saco de

lona verde. Curioso, Buster desfez o nó, abriu a boca do saco e espiou para dentro.

Havia uma caixa em cima do conteúdo do saco. Buster retirou a caixa e viu que o saco

estava cheio de marcadores de tempo. Marcadores de tempo cronométricos. Havia facilmente

duas dúzias deles. Com os mostradores brancos como olhos d'"A Órfãzinha", sem pupilas.

Abriu a caixa que tinha tirado, e descobriu que estava cheia de prendedores boca-de-jacaré —

daquele tipo que os eletricistas usam, de vez em quando, para fazerem uma ligação rápida.

Buster franziu o cenho... e em seguida, repentinamente, viu mentalmente um formulário

oficial — um formulário para liberação de verba, para ser mais exato. Cuidadosamente

datilografado no espaço reservado para *Material e/ou Serviço a Ser Prestado*, estava o

seguinte: 16 CAIXAS DE DINAMITE.

Sentado no fundo do caminhão, Buster começou a sorrir. Depois soltou gargalhadas. Fora,

os trovões explodiam e rolavam. Um chicote de relâmpago lambeu o ventre de uma nuvem que

se arrastava e se abateu sobre Castle Rock.

Buster continuou dando risada. Gargalhou tanto que sacudiu o caminhão.

— Eles! — Buster gritou. — Puxa vida, que surpresa nós temos para Eles! Que surpresa!

6

Henry Payton, que viera para Castle Rock a fim de tirar Alan Pangborn da jogada, parou

boquiaberto no limiar da porta do escritório do posto Sunoco. Tinham aqui mais dois homens

tombados. Um era branco e o outro era preto, e ambos estavam mortos.

Um terceiro homem, o proprietário do posto pelo nome no guarda-pó, estava sentado no

chão ao lado de um cofre aberto, com uma caixa metálica muito emporcalhada, aninhada nos

braços como se fosse um bebê. Ao lado dele, havia uma pistola automática no chão. Ao vê-la,

Henry sentiu como se um elevador despencasse em suas tripas. Era idêntica à que Hugh Priest

tinha usado para atirar em Henry Beaufort.

— Olhe! — um dos oficiais atrás de Henry murmurou em voz baixa e espantada. — Há

mais uma ali.

Henry virou a cabeça e sentiu os tendões da nuca estalarem. Outra arma — a terceira

pistola automática — estava caída perto da mão esticada do preto.

— Não toquem nelas — instruiu seus oficiais. — Nem mesmo cheguem perto delas.

Pulou sobre a poça de sangue, agarrou Sonny Jackett pelas lapelas do guarda-pó e pôs de

pé. Sonny não resistiu, mas segurou a caixa metálica com mais força.

— O que aconteceu aqui? — Henry berrou bem perto de seu rosto. — O que, em nome de

Deus, aconteceu aqui?

Sonny fez um gesto na direção de Eddie Warburton, com a ponta do cotovelo a fim de não

largar a caixa. — Ele entrou. Tinha uma arma. Estava louco. O senhor pode perceber que ele

estava louco — veja o que ele fez com Ricky. Pensou que Ricky era eu. Queria roubar minhas

ferramentas. Olhe aqui!

Sonny sorriu e inclinou a caixa de forma que Henry visse a miscelânea de peças

enferrujadas dentro dela.

— Não ia deixar que ele fizesse isso, não é? Ora... são *minhas.* Paguei por elas, e elas são

minhas.

Henry abriu a boca para falar alguma coisa. Não fazia idéia do que pretendia dizer, e as

palavras jamais deixaram sua boca. Antes que pudesse pronunciar uma única palavra, houve

novo tiroteio, e desta vez os tiros vieram da Vista do Castelo.

7

Lenore Potter, estava de pé ao lado do corpo de Stephanie Bonsaint com uma

fumegante

pistola automática na mão. O corpo jazia no canteiro atrás da casa, o único aquela cadela

maldita e vingativa tinha deixado inteiro, em suas duas incursões interiores,

— VOCÊ não devia ter voltado — Lenore comentou. Jamais tinha puxado um gatilho

antes, em toda a sua vida, e agora tinha assassinado uma mulher... e a única coisa que sentia

era uma sombria exaltação. Aquela mulher invadira a sua propriedade, destruíra seu jardim

(Lenore esperou até que ela começasse o serviço — a mãe de Lenore não gerara filhos

imbecis) e estava em seu direito. *Perfeitamente* em seu direito.

— Lenore? — seu marido chamou. Debruçava-se sobre o parapeito da janela do banheiro,

o rosto cheio de espuma de barba. Havia alarme em sua voz. — Lenore, o que está

acontecendo?

— Atirei num invasor — Lenore respondeu calmamente, sem se voltar. Colocou o pé sob o

corpo morto e fez força. Sentindo o dedão afundar-se na barriga daquela cadela, sem encontrar

resistência, deu-lhe um repentino prazer malévolo.

— É Stephanie Bom —

O corpo rolou. Não era Stephanie Bonsaint. Era a esposa daquele policial simpático.

Tinha matado Melissa Clutterbuck.

Muito subitamente, o *calava* de Lenore Potter passou do azul, passou do púrpura, passou

do vermelho-escuro. Foi direto para o negro meia-noite.

8

Alan Pangborn, sentava-se de olhos baixos para as próprias mãos, mirando além delas, para

dentro de trevas tão negras que só poderiam ser sentidas. Ocorreu-lhe que talvez tivesse

perdido Polly Chalmers nesta tarde, não por pouco tempo — até que se esclarecesse o mal-

entendido — mas para sempre. O que lhe deixaria cerca de 35 anos para matar o tempo.

Ouviu um leve arrastar e rapidamente levantou a vista. Era a srta. Hendric. Parecia nervosa,

mas também parecia que tinha tomado uma decisão.

— O menino está começando a voltar a si — ela disse. — Não está desperto; tomou um

tranqüilizante e durante algum tempo não vai despertar *de verdade* — mas está começando a

se mexer.

— Está? — Alan perguntou em voz baixa, na expectativa.

A srta. Hendrie mordeu o lábio e continuou.

— Sim. Eu deixaria que o senhor o visse, xerife Pangborn, mas realmente não posso. O

senhor entende, não entende? Isto é, sei que está com problemas em sua cidade, mas este

menininho tem apenas sete anos de idade.

— Sim.

— Vou dar uma descidinha até a cantina para tomar uma xícara de chá. A sra. Evans está

atrasada, como sempre — mas chegará dentro de um ou dois minutos. Se o senhor for até o

quarto de Sean Rusk — Quarto nº 9 — imediatamente depois que eu descer, ela provavelmente

não tomara conhecimento da sua visita. Entende?

— Sim — havia gratidão na voz de Alan.

— A próxima ronda será por volta das 8:00h; assim, se o senhor estivesse no quarto dele,

ela não notaria. Claro que se ela notasse, o senhor deveria dizer que eu obedeci ao regulamento

do hospital e não permiti a sua entrada no quarto; que o senhor se esgueirou quando a mesa

ficou temporariamente vazia.

— Sim — Alan disse. — Sem dúvida que direi.

O senhor poderia sair pelas escadas no fim do corredor. Se entrasse no quarto de Sean

Rusk, é claro; que, como eu lhe disse, o senhor não poderia.

Alan levantou-se e impulsivamente beijou-lhe o rosto.

A srta. Hendrie enrubesceu.

— Muito obrigado — Alan disse.

— Do quê? Não fiz nada. Acho que vou apanhar minha xícara de chá, agora. Por favor,

fique sentado aí quietinho, até que eu vá, xerife.

Obedientemente, Alan tornou a sentar-se. Permaneceu sentado, a cabeça posicionada entre

o Simão Simplório e o doceiro até que as portas duplas tivessem quase totalmente se fechado

depois que a srta. Hendrie passou por elas. Ele, então, levantou-se e caminhou silenciosamente

pelo corredor pintado em cores vivas, entre brinquedos c quebra-cabeças espalhados, até o

Quarto nº 9.

9

Para Alan, Sean Rusk parecia estar completamente acordado.

Esta era a ala pediátrica e o leito era pequeno, mas mesmo assim o menino parecia perdido

nele. Seu corpo mal chegava a se delinear, sob a manta, de modo que sua cabeça parecia

descansar sobre o travesseiro branco, sem ter o resto do corpo Seu rosto estava exangue. Havia

sombras roxas, escuras como machucados, sob os olhos que fitaram Alan com uma calma

ausência de surpresa. Um cacho do cabelo escuro descansava sobre a testa, como se fosse uma

vírgula.

Alan pegou a cadeira ao lado da janela e puxou-a para perto da cama, cuja grade Citava

levantada para evitar que Sean caísse. Sean não virou a cabeça, mas seus olhos acompanharam

todos esses movimentos.

— Alô, Sean — Alan disse. — Como se sente?

— Minha garganta está seca — Sean disse num sussurro rouco.

Havia uma jarra de água e dois copos na mesinha-de-cabeceira. Alan botou água mim copo

e curvou-se sobre a grade da cama.

Sean tentou sentar-se, mas não conseguiu. Caiu sobre o travesseiro com um leve suspiro

que confrangeu o coração de Alan. E sua mente voltou-se para o seu próprio filho — pobre,

infeliz Todd. Ao passar a mão pela nuca de Sean Rusk para ajudá-lo a levantar-se, teve um

momento de total e Infernal recordação. Viu Todd ao lado do Scout naquele dia, retribuindo o

aceno de despedida de Alan, e, na imagem da memória, via uma espécie de halo nacarado, de

luz penumbrosa, ao redor da cabeça de Todd, iluminando cada linha e cada feição daquele

rostinho tão amado.

Sua mão tremeu. Um pouquinho de água escorreu pela frente da túnica de hospital que

Sean estava usando.

— Desculpe.

— Tudo bem — Sean respondeu no mesmo sussurro rouco, e bebeu avidamente. Quase

esvaziou o copo. Depois arrotou.

Com multo cuidado, Alan ajudou-o a deitar-se novamente. Sean parecia estar um pouco

mais alerta nesse momento, mas os olhos ainda não tinham readquirido o brilho. Ocorreu a

Alan que jamais tinha visto um menininho que parecesse tão terrivelmente solitário como

Sean, e, mais uma vez, tentou mentalmente recapturar a imagem final de Todd.

Afastou-a. Tinha trabalho pela frente aqui. Trabalho desagradável, e extremamente

delicado, além de tudo, mas tinha cada vez mais e mais a impressão de que era também

trabalho desesperadamente importante. Deixando de lado o que poderia estar acontecendo em

Castle Rock naquele momento, sua certeza gradualmente aumentava de que encontraria pelo

menos algumas respostas aqui, atrás daquela fronte pálida e daqueles olhos baços e tristonhos.

Olhou ao seu redor e forçou um sorriso.

— O quarto é sem graça — comentou.

— É — Sean respondeu na sua vozinha rouca e baixa. — Completamente imbecil.

Quem sabe, algumas flores alegrariam o ambiente? — Alan disse, e passou a

mão direita

pela antebraço esquerdo, habilmente tirando o buquê dobrado de seu esconderijo bem

escondido sob a correia do relógio de pulso.

Sabia que estava jogando com a sorte, mas tinha decidido, impulsivamente, tentar esse

caminho. Quase se arrependeu. Duas das flores de papel se rasgaram quando ele deslizou o nó

e abriu o buquê. Ouviu a mola ranger muito de leve. Sem apelação, esta seria a sua última

apresentação do Truque do Buquê de Flores, mas deu resultado... por um triz. E Sean, ao

contrário do irmão, mostrou-se abertamente divertido e maravilhado apesar de sua condição

psicológica e das drogas fluindo em seu sistema.

— *Bárbaro!* Como o senhor faz isso?

— Só um pouquinho de mágica... Quer as flores?—Moveu-se para colocar o buquê de

flores de papel na jarra.

— Não. Elas são de papel. E, também, estão um pouco rasgadas. — Sean ponderou o que

tinha dito, aparentemente concluiu que era grosseria, e acrescentou: — Mas foi um truque

formidável. O senhor pode fazer as flores desaparecerem?

— Duvido muito, filho, Alan pensou. Em voz alta, disse:

— Vou tentar.

Levantou o buquê, para que Sean pudesse vê-lo nitidamente, depois curvou ligeiramente a

mão direita e a trouxe para baixo. Executou esse passe muito mais lentamente do que o normal,

em deferência ao estado lamentável do material MacGuffin, e surpreendeu-se e impressionou-

se com o resultado. Ao invés de fechar-se de supetão, como de costume, o Buquê de Flores

pareceu sumir dentro do punho curvado como se fosse fumaça. Ele sentiu que a mola

sobrecarregada e com pouca pressão tentou emperrar e dobrar-se, e depois, no fim, resolveu

cooperar pela última vez.

— Truque radical, esse — Sean disse em tom de respeito, e intimamente Alan concordou.

Foi uma belíssima variação de um truque com o qual vinha encantando menininhos de escola

há muitos anos, e duvidava que pudesse ser executado com a nova versão do Buquê de Flores.

Uma mola nova em folha tomaria impossível aquele passe lento e maravilhoso.

— Muito obrigado — Alan disse, e, pela última vez, guardou o pacotinho da mágica sob a

correia do relógio. — Se não deseja flores, que tal uma moeda para a máquina de Coca-Cola?

Alan debruçou-se e como quem não quer nada tirou uma moeda de 25 *cents* do

nariz de

Sean. O garoto sorriu.

— Opa! me esqueci... uma Coca custa, hoje, 75 *cents*, certo? Com a inflação e tudo o

mais... Bem, sem problema! — Puxou uma moeda dos lábios de Sean e descobriu uma terceira

moeda em sua própria orelha. A esta altura, o sorriso de Sean ia diminuindo, e Alan viu que

tinha que chegar ao assunto rapidamente. Empilhou as três moedas na mesinha-de-cabeceira.

— Fica aí para quando você se sentir melhor — ele disse.

— Obrigado, senhor.

— De nada, Sean.

— Cadê o papai? — Sean perguntou. A voz soou um tiquinho de nada mais forte.

— Alan achou a pergunta muito estranha. Tinha como certo que Sean Chamaria a mãe, em

primeiro lugar. Afinal de contas, o garoto tinha apenas sete anos.

— Ele vai chegar logo, Sean.

— Tomara! Eu quero ele.

— Eu sei. — Alan fez uma pausa e acrescentou: — Sua mãe também vai chegar logo,

Sean.

Sean pensou no assunto, e depois, lenta e deliberadamente, fez que não com a cabeça. O

travesseiro farfalhou levemente com esse movimento!

— Não, ela não vem. Ela está muito ocupada.

Muito ocupada para vir ver você?

— É. Ela está muito ocupada. Mamãe está visitando o Rei. Por isso é que eu não posso

mais entrar no quarto dela. Ela fecha a porta, põe os óculos escuros e vai visitar o Rei.

Alan visualizou a sra. Rusk respondendo às perguntas feitas pela polícia estadual. A voz

estava lenta e distante. Havia um par de óculos escuros ao lado dela, na mesa. Parecia que ela

não conseguia deixá-los sozinhos — uma de suas mãos quase não parou de brincar com eles.

Recolhia a mão, como se tivesse medo que alguém pudesse ter notado, e depois, passados

alguns segundos, a mão se estendia novamente para os óculos, aparentemente por vontade

própria. Na ocasião, Alan imaginara que ela poderia estar sob a influência de um

tranqüilizante. Agora, tinha dúvidas. Também se perguntava se deveria inquirir Sean a respeito

de Brian ou seguir a trilha que começara. Ou será que as duas opções convergiam na mesma

trilha?

— O senhor não é mágico de verdade — Sean comentou. — O senhor é da polícia, não é?

— Uh-uhm.

— O senhor é da polícia estadual, naqueles carrões azuis que passam voando?

— Não... sou xerife municipal. Normalmente, ando numa viatura marrom, com uma estrela

na porta, que anda bastante depressa. Mas, hoje, estou com a minha velha camioneta e sempre

me esqueço de trocá-la. — Alan sorriu. — Essa camioneta anda devagar demais.

Isto despertou algum interesse.

— E por que o senhor não está dirigindo a sua viatura oficial?

Para não meter medo em Jill Mislaburski ou em seu irmão, Alan disse em pensamento.

Não sei com Jill, mas não funcionou muito bem com Brian.

— Na verdade, não sei — ele disse. — Foi um dia muito comprido.

— O senhor é xerife como no filme *Jovens Demais para Morrer?* * [*Título Original: Young Guns,

somente a 2ª parte lançada em vídeo (N. do E.)]

— Uh-hum. Acho que sim. Algo parecido.

Eu e o Brian alugamos esse filme. Foi bárbaro. Nós queríamos ir ver *Jovens Demais Para*

Morrer - II, quando passou no Cine Lanterna Mágica, em Bridgton, no Verão passado, mas a

mamãe não deixou a gente ir porque o filme era proibido para menores de 12 anos. A gente

não tem permissão de ver filmes proibidos para menores de 12 anos, mas às vezes o papai

deixa a gente ver no vídeo cassete. Eu e o Brian adoramos Jovens Demais para

Morrer —

Sean interrompeu-se e seus olhos se tornaram sombrios. — Mas isto foi antes de Brian

arranjar aquela figurinha.

— Que figurinha?

Pela primeira vez, uma emoção verdadeira refletiu-se nos olhos de Sean. Terror.

— A figurinha de beisebol. A grande figurinha especial.

— Oh? — Alan recordou a caixa conservadora de temperatura Playmate e as figurinhas

de beisebol — "para troca", dissera Brian — dentro dela. — Brian gostava de figurinhas de

beisebol, não é, Sean?

— É. Foi assim que ele pegou ele. Acho que ele usa coisas diferentes para pegar pessoas

diferentes.

Alan inclinou-se. — Quem, Sean? Quem pegou ele?

— Brian matou-se. Eu vi. Eu estava na garagem.

— Eu sei. Que coisa triste.

Saiu uma coisa grossa por trás da cabeça dele. Não era só sangue. Coisa. Amarela.

Alan não achou nada para dizer. O coração batia, lento e pesado, dentro do peito, a boca

seca como um deserto, e sentiu náuseas. O nome de seu filho retinia em sua mente como um

sino fúnebre locado por mãos imbecis no meio da noite.

— Eu não queria que ele se matasse — Sean disse. A voz soou estranhamente firme, mas

uma lágrima surgiu no canto de cada olho, avolumou-se e deslizou pelas faces lisas.

— Já não vamos ver Jovens Demais para Morrer - II juntos, quando lançarem o vídeo.

Vou ter que assistir sozinho, e não vai ter graça nenhuma, sem o Brian fazendo aquelas

brincadeiras todas. Eu sei que não vai.

— Você gostava muito do seu irmão, não é? — Alan perguntou com voz rouca. Estendeu a

mão entre as barras da grade da cama. A mão de Sean Rusk apertou-a com muita força.

Estava quente. E era pequena. Muito pequena.

— Gostava. O Brian queria ser lançador da Liga Red Sox quando crescesse. Disse que ia

aprender a lançar em curva de peixe-morto, exatamente como Mike Boddicker. Agora, nunca

mais vai lazer isso. Ele me disse para eu não chegar mais perto para não me sujar. Eu chorei.

Eu estava morto de medo. Não era como num filme. Era dentro da nossa garagem!

— Eu sei — Alan disse. E veio-lhe à memória o carro de Annie. As janelas quebradas. O

sangue nos assentos, em poças escuras. Também não tinha sido como num filme.

Alan

começou a chorar.

— Eu sei, filho.

— Ele me pediu para prometer, e eu prometi, e não vou quebrar minha promessa. Vou

manter a promessa pelo resto da vida.

— O que você prometeu, filho?

Alan limpou o rosto com a mão livre, mas as lágrimas não cessaram. O menino deitado

diante de seus olhos, de pele quase tão branca quanto a fronha sobre a qual sua cabeça

repousava, o menino vira seu irmão cometer suicídio, vira o cérebro atingir a parede da

garagem como uma porção de gosma fresca, e onde estava a mãe dele? Visitando o Rei, ele

dissera. Ela fecha a porta, põe os óculos escuros e vai visitar o Rei.

— O que você prometeu, filho?

— Eu tentei jurar pela mamãe, mas o Brian não deixou. Disse que eu tinha que jurar por

mim mesmo. Porque ele também tinha pegado ela Brian disse que ele pega qualquer um que

jure pelo nome de outro. Por isso, jurei por mim mesmo, como ele queria, só que ele disparou

a arma assim mesmo. — Sean chorava mais forte agora, mas levantou os olhos firmemente

para Alan, através das lágrimas.

— Não era só sangue, sr. xerife. Era outra coisa. Uma coisa amarela.

Alan apertou a mão do menino.

— Eu sei, Sean. O que era que seu irmão queria que você prometesse?

— Se eu contar, pode ser que o Brian não vá para o céu.

— Ele vai, sim. Eu prometo. E eu sou o xerife.

— E os xerifes nunca quebram as suas promessas?

— Nunca quebram promessas que fizeram para meninos que estão no hospital — Alan

disse. — Os xerifes não podem quebrar suas promessas para esses meninos.

— Eles vão para o inferno se quebrarem?

— Vão — respondeu Alan. — É isso aí. Eles vão para o inferno se quebrarem a promessa.

— O senhor jura que o Brian vai para o céu mesmo se eu contar? O senhor jura pelo seu

próprio nome?

— Juro pelo meu próprio nome — Alan disse.

— OK — disse Sean. — Ele fez eu prometer que eu nunca entraria na loja nova onde ele

comprou aquela grande figurinha especial. Ele achava que era a figurinha de Sandy Koufax,

mas não era. Era outro jogador. A figurinha estava velha e suja, e acho que ele não sabia. —

Sean fez uma ligeira pausa, pensando, e em seguida continuou, naquela sua voz

macabramente calma: — Um dia, ele chegou em casa com as mãos todas sujas de lama. Ele

lavou a lama e depois eu ouvi ele chorando no quarto.

Os lençóis, Alan pensou. Os lençóis de Wilma. Tinha sido Brian.

— Brian disse que Coisas Necessárias era um lugar maldito e que ele era um homem

maldito e que eu nunca devia pôr os pés lá dentro.

— Brian disse isso? Ele disse Coisas Necessárias?

— Disse.

— Sean — Interrompeu-se, pensando. Faíscas elétricas explodindo pelo corpo todo,

ziguezagueando em minúsculas centelhas.

— O quê?

— Sua... sua mãe comprou os óculos em Coisas Necessárias?

— Sim.

— Ela disse que comprou lá?

— Não. Mas eu sei que foi lá. Ela usa os óculos escuros e é assim que ela visita O Rei,

— Que Rei, Sean? Você sabe?

— Sean fitou Alan como se ele fosse louco.

— Elvis. Ele é o Rei.

— Elvis — Alan murmurou. — Claro... quem mais?

— Quero o papai.

— Eu sei querido. Só mais umas perguntinhas, e depois eu deixo você sossegado.

— Então, você vai voltar a dormir e quando acordar seu pai vai estar aqui com você. —

Esperava que sim. — Sean, Brian disse quem era esse homem maldito?

— Sim, o sr. Gaunt. O dono da loja. Ele é o homem maldito.

E, de repente, pensou em Polly — Polly, depois do funeral, dizendo Acho que foi só

questão de finalmente encontrar o médico certo... dr. Gaunt. Dr. Leland Gaunt.

Lembrou-se de vê-la estendendo a bolinha de prata que tinha comprado em Coisas

Necessárias para que ele pudesse vê-la... mas protegendo-a com a mão em concha ao gesto

que Alan fizera para tocá-la. Naquele momento, havia uma expressão no rosto de Polly que

não combinava. Uma expressão de mesquinha suspeita e possessividade. E, mais tarde, com

voz estridente, trêmula e lacrimosa, que também não combinava com ela: E difícil descobrir

que o rosto que se pensou amar não passava de uma máscara... Como pôde me fazer isso

pelas costas... Como pôde?

— O que disse a ela? — Alan murmurou. Não fazia idéia de que tinha agarrado a colcha

da cama com a mão livre e a torcia devagar no punho fechado. — O que disse a ela? E o que

fez, demônio, para que ela acreditasse?

— Sr. xerife? O senhor está bem?

— Alan forçou-se a abrir a mão.

— Sim... estou bem. Você tem certeza de que o Brian mencionou o sr. Gaunt, não tem,

Sean?

— Tenho.

— Muito obrigado. — Alan curvou-se sobre a grade, pegou a mão de Sean, e deu um beijo

no rostinho frio e pálido.

— Muito obrigado por falar comigo. — Soltou a mão do menino e levantou-se.

Durante esta última semana, um lançamento em sua agenda simplesmente não pudera ser

cumprido — uma visita de cortesia ao mais recente comerciante de Castle Rock. Nada de

grande importância — apenas um alô amigo, de boas-vindas à cidade, e uma rápida revisão

de como proceder em caso de encrenca. Tinha pensado em fazê-lo, tinha até ido até a loja,

mas não tinha conseguido. E hoje, quando o comportamento de Polly fez com que começasse a

indagar-se se o sr. Gaunt estaria por trás de tudo, a merda tinha realmente atingido o

ventilador, e ali estava ele, a quase 40km de distância.

Será que ele está me mantendo afastado? Será que o tempo todo ele está me

mantendo

afastado?

A idéia deveria parecer ridícula, mas neste quarto tranqüilo e cheio de sombras, não

parecia nem um pouco ridícula.

Sentiu a repentina necessidade de voltar. Precisava voltar o mais depressa possível.

— Sr. xerife?

Alan baixou os olhos para o menino.

— Brian também disse mais uma coisa — Sean disse.

— É mesmo? — Alan perguntou. — E o que foi, Sean?

— Brian disse que o sr. Gaunt não era um homem de verdade.

10

Alan desceu o corredor na direção da porta marcada SAÍDA sobre o batente, tão

silenciosamente quanto possível, esperando a qualquer momento ficar paralisado pelo grito

de desafio da substituta da srta. Hendrie. Mas, a única pessoa a lhe dirigir a palavra foi uma

menininha. Ela estava na porta de seu quarto, os cabelos loiros presos em tranças que caíam

pela frente de sua camisolinha de flanela cor-de-rosa. Segurava um cobertor. Seu favorito, a

julgar pela aparência de coisa muito usada. Os pés estavam descalços, os laços que prendiam

as trancinhas estavam tortos, e os olhos eram imensos no rostinho desfigurado. Era um rosto

que sabia mais a respeito da dor do que qualquer rosto de criança deveria saber.

— O senhor tem uma arma — ela anunciou.

— Tenho, sim.

— Meu papai tem uma arma.

— Tem mesmo?

— Tem, é maior que a sua. É maior que o mundo. O senhor é o Bicho Papão?

— Não, queridinha — ele disse, e pensou: acho que o Bicho Papão está lá na minha

cidade esta noite.

Empurrou a porta no fim do corredor, desceu as escadas, e passou por mais uma porta

saindo para o crepúsculo tardio e quente como uma noite de pleno verão. Deu a volta

apressado para o estacionamento, sem correr exatamente. Trovões roncavam, vindos do oeste,

da direção de Castle Rock.

Destrancou a porta esquerda da caminhonete, entrou e tirou do gancho o microfone do

rádio.

Unidade Um para base. Responda.

A única resposta foi uma forte onda de estática.

A droga da tempestade.

Talvez o Bicho Papão tenha feito uma encomenda especial, sussurrou-lhe uma voz no

âmago de seu íntimo. Alan sorriu de lábios apertados.

Tentou novamente, teve a mesma resposta, e depois tentou a polícia estadual em Oxford A

resposta chegou alta e clara. A Expedição informou a existência de uma enorme tempestade

elétrica nas vizinhanças de Castle Rock, e que as comunicações estavam horríveis. Até os

telefones pareciam só trabalhar quando tinham vontade.

— Bem, entre em contato com Henry Payton e diga-lhe que prenda um homem chamado

Leland Gaunt. Testemunha material, serve para começar. Escreve-se Gaunt com G de George.

Está me copiando? Câmbio.

— Estou copiando muito bem, xerife. Gaunt, G de George. Câmbio.

— Diga-lhe que acho que Gaunt pode ser o autor intelectual dos assassinatos de Nettie

Cobb e Wilma Jerzyck. Câmbio.

— Copiando. Câmbio.

— É tudo. Câmbio final e desligo.

Recolocou o microfone no gancho, ligou o motor e voltou para Castle Rock. Na periferia

de Bridgton, entrou no estacionamento de uma loja Red Apple e usou o telefone

para discar

para a sua delegacia. Dois cliques e entrou uma voz de secretária eletrônica informando que

o número se encontrava temporariamente inoperante.

Desligou e voltou para o carro. Desta vez, estava correndo. Antes que saísse do

estacionamento e pegasse a Rodovia 117, ligou a luz giratória e colocou-a no teto da

caminhonete. E, em menos de lkm estrada afora, o Ford ia fazendo, sob tremores e protestos,

120km por hora.

11

Ace Merrill e trevas espessas chegaram juntos a Castle Rock.

Vinha no Chevy Celebrity pela Ponte do Riacho do Castelo, enquanto os trovões rolavam,

indo e vindo pelo céu acima de sua cabeça, e os relâmpagos esfaqueavam a terra indefesa.

Dirigia com as janelas abertas — a chuva ainda não estava caindo e o ar estava grosso como

melado.

Estava sujo, e cansado, e furioso. Tinha ido a mais três lugares marcados no mapa, apesar

da mensagem, incapaz de acreditar no que tinha acontecido, incapaz de acreditar que pudesse

ter acontecido. Enfim, incapaz de acreditar que o seu trunfo tivesse sido batido. Em cada um

dos locais tinha encontrado uma pedra plana e uma lata enterrada. Duas delas continham

mais rolos de sujos selos de troca. A última, no terreno pantanoso atrás da fazenda Strout,

continha apenas uma velha caneta esferográfica. Havia um decalque de uma mulher com

penteado dos anos ’40 no corpo da caneta. Usava um maiô também dos anos ’40. Quando se

levantava a caneta, o maiô desaparecia.

Grande tesouro!

Ace voltara para Castle Rock em alta velocidade, com olhos furiosos e as calças jeans

sujas de visgo do pântano até os joelhos, com um propósito, um único propósito: matar Alan

Pangborn. E depois, se mandaria para a Costa do Pacífico — que era o que deveria ter feito

há muito tempo. Talvez conseguisse tirar algum dinheiro de Pangborn — talvez não

conseguisse tirar nada. De um jeito ou de outro, uma coisa era certa: aquele filho da puta ia

morrer, e ia custar para morrer.

Ainda a uns 4,5km da ponte, deu-se conta de que não possuía arma alguma. Tinha tido a

intenção de pegar uma das automáticas naqueles engradados na garagem de Cambridge, más

foi quando aquela droga de gravador tinha começado a falar, quase o matando

de susto. Mas,

sabia onde estavam.

Ah, sim.

Passou pela ponte... e, então, parou no cruzamento de Principal com Alameda do Moinho,

embora estivesse na preferencial.

— Que merda é essa? — ele resmungou.

A parte baixa da Rua Principal era uma confusão infernal de viaturas da polícia estadual,

luzes azuis que piscavam, caminhões de TV, e grupinhos esparsos de curiosos. Quase toda a

ação girava em torno do Edifício Municipal. Era como se os anciãos da cidade tivessem

decidido fazer Carnaval de rua numa decisão de momento.

A Ace pouco importava o que tivesse acontecido: quanto a ele, pouco se lhe dava se a

cidade inteira explodisse e se desintegrasse. Mas, ele queria Pangborn, queria arrancar o

escalpo daquele ladrão fodido para pendurar no seu cinto, e como poderia fazê-lo, se o que

parecia ser toda a força policial do estado do Maine se encontrava presente na porta da

delegacia?

A resposta lhe veio de imediato. O sr. Gaunt vai saber. O sr. Gaunt tem a artilharia, e terá

as respostas que acompanham as armas. Vá ver o sr. Gaunt.

Olhou pelo espelho e viu mais luzes azuis surgindo no alto da lombada mais próxima da ponte. Ainda mais tiras chegando. Que merda teria acontecido aqui nesta cidade? perguntou-se novamente, mas esta era uma indagação cuja resposta podia ficar para depois... ou para nunca, se fosse o caso. No ínterim, tinha que tratar de seus próprios interesses, começando por sair do caminho antes que os tiras que estavam chegando ficassem nos seus calcanhares.

Ace virou à esquerda na Alameda do Moinho, depois à direita na Rua do Cedro, dando a volta à cidade antes de chegar novamente à Rua Principal. Parou por um instante no sinal de trânsito, fitando o ninho de luzes azuis que piscavam no sopé do morro. Em seguida, estacionou defronte a Coisas Necessárias.

Saltou do carro, atravessou a rua, e leu a tabuleta na janela. Sentiu invadi-lo uma onda de asfixiante desapontamento — não era só da arma que ele precisava, mas de mais um pouquinho do pozinho do sr. Gaunt — e, então, lembrou-se da entrada dos fundos, pelo beco.

Subiu a quadra e dobrou a esquina, e não notou nem o caminhão amarelo-vivo estacionado

alguns 20 ou 30m adiante, nem o homem sentado dentro dele (Buster se encontrava agora no

lugar do carona) que o observava.

Ao entrar no beco, deu um encontrão num homem que usava um boné de tweed puxado

baixo sobre a testa.

— Ora, veja por onde anda, velhote — Ace disse.

O homem do boné de tweed levantou a cabeça, arreganhou os dentes para ele rosnou. Ao

mesmo tempo, puxou uma automática do bolso e apontando-a na direção de Ace.

— Não tente me foder, meu amigo, a menos que queira levar chumbo.

Ace levantou as mãos e deu um passo atrás. Não estava com medo — estava

completamente atônito.

— Eu, não, sr. Nelson — ele disse. — Me deixe fora disso.

— Certo — o homem no boné de tweed disse. — Você viu aquele chupa-pau do Jewett?

...aquele do primeiro grau?

— Do ginásio, esse mesmo — será que há outros Jewetts na cidade? Cai na real, pelo

amor de Deus!

— Acabei de chegar — Ace explicou cautelosamente. — E, na verdade, ainda não vi

ninguém, sr. Nelson.

— Bem, hei de encontrá-lo, e então ele vai virar um saco de bosta, de dar pena. Ele matou

minha periquitinha e cagou em cima de minha mãe — George T. Nelson apertou os olhos e

acrescentou: — Quem for esperto-que fique longe do meu caminho,

Ace não discutiu.

O sr. Nelson enfiou a arma de volta no bolso e desapareceu ao dobrar a esquina, andando

com os passos decididos de quem está realmente morrendo de raiva. Ace ficou exatamente

onde estava por um momento, conservando as mãos levantadas.

O sr. Nelson ensinava artesanato em madeira e metal no ginásio. Ace sempre o achara

incapaz de matar sequer uma mosca, mesmo que estivesse pousada no seu nariz, e chegou à

conclusão de que teria que mudar de opinião a esse respeito. Por outro lado, tinha

reconhecido a arma. Tinha que reconhecê-la — ainda na noite anterior, trouxera de Boston

uma caixa cheia delas.

12

— Ace! — exclamou o sr. Gaunt. — Chegou bem na hora.

— Preciso de uma arma — Ace disse. — E também de mais um pouco daquele pozinho

maravilhoso, se ainda sobrou.

— Sim, sim... cada coisa a seu tempo. Dê-me uma mãozinha aqui com esta mesa, Ace.

— Vou matar Pangborn — Ace disse. — Ele roubou a porra do meu tesouro e eu vou

matá-lo.

O sr. Gaunt fitou Ace com aquele olhar fixo, amarelo, de um gato espreitando um rato... e,

naquele instante, Ace sentia-se como se fosse o rato.

— Não me faça perder tempo com coisas que já sei — ele disse. — Se quer a minha ajuda,

Ace, trate de me ajudar.

Ace agarrou um dos lados da mesa, e juntos carregaram-na para o quartinho de

almoxarifado. O sr. Gaunt abaixou-se e apanhou uma tabuleta que estava encostada à parede.

DESTA VEZ A LOJA

ESTÁ FECHADA MESMO

dizia ela. Prendeu-a na porta. E já estava girando o trinco antes que Ace se desse conta de

que não havia coisa alguma sustentando a tabuleta: nem prego, nem fita adesiva, nem coisa

alguma. Contudo, a tabuleta estava fixa no lugar.

Foi quando sua vista desviou-se para os engradados que continham as pistolas

automáticas e os pentes de munição. Restavam apenas três armas e três pentes.

Meu Jesus! Onde foram parar todas elas?

— Os negócios foram muito bons esta noite, Ace — disse o sr. Gaunt, esfregando as mãos

de dedos compridos. — Extremamente bons. E, vão ficar ainda melhores. Tenho um trabalho

para você.

Eu lhe disse — Ace reclamou. — O xerife roubou o meu —

Leland Gaunt estava sobre ele antes que Ace tivesse tido tempo de sequer notar qualquer

movimento. Aquelas mãos longas e feias agarraram-no pelo peito da camisa e suspenderam-

no no ar como se fosse uma pluma. Um grito perplexo saiu-lhe da garganta. As mãos que o

seguravam pareciam de ferro. O sr. Gaunt levantou-o alto, e Ace, repentinamente, apenas com

uma leve idéia de como tinha ido parar lá em cima, viu-se fitando aquele rosto chamejante e

demoníaco. Mesmo no limite extremo de seu súbito terror, Ace notou que saía fumaça — ou

talvez fosse vapor — das orelhas e das narinas do sr. Gaunt. Tinha a aparência de um dragão

humano.

—Você não me disse NADA! — o sr. Gaunt gritou para ele. Sua língua surgiu entre

aqueles dentes de pedras tumulares, e Ace viu que era bífida, como a de uma cobra.

Eu lhe digo TUDO! Cale-se na presença de seus superiores, Ace! Cale-se e

ouça! Cale-se

e ouça! Cale-se e ouça! CALE-SE E OUÇA!

Fez Ace girar duas voltas ao redor da cabeça como se fosse um malabarista de circo

dando um parafuso aéreo em seu adversário, e lançou-o contra a parede oposta. A cabeça de

Ace fez contato com o reboco. Um intenso espocar de fogos de artifício explodiu no centro de

seu cérebro. Quando sua visão clareou, viu Leland Gaunt avançando para ele. Seu rosto era

uma pavorosa visão de olhos e dentes e fumaça.

— Não! — Ace guinchou. — Não, sr. Gaunt, por favor! NÃO!

As mãos haviam se transformado em garras, de unhas longas e curvas, em questão de

segundos... ou será que sempre tinham sido assim? A mente de Ace teve um clarão. Talvez

tivessem sido sempre assim, só que ninguém notava.

AS garras rasgaram o tecido da camisa de Ace, como se fossem navalhas, e Ace foi

levantado para perto daquele rosto assustador.

— Está pronto para ouvir, Ace? — perguntou o sr. Gaunt. Jatos quentes de vapor atingiam

o rosto de Ace a cada palavra. — Está pronto, ou será que devo rasgar essas suas tripas que

nada valem e acabar com isso?

— Sim! — ele soluçou. — Quero dizer, não! Estou ouvindo!

— Vai ser um menino de recados exemplar e obedecer às ordens?

— Sim!

— Sabe o que vai acontecer, se não se comportar?

— Sim! Sim! Sim!

— Você é repulsivo, Ace — disse o sr. Gaunt. — Gosto disso nos seres humanos. — jogou

Ate contra a parede. Ace escorregou para o chão, ficando de joelhos, resfolegando e

soluçando. Fitava o chão. Tinha medo de olhar diretamente para o rosto do monstro.

Se chegar a pensar em ir contra os meus desejos, Ace, tomarei providências para que faça

o grande circuito do inferno. Não se preocupe, o xerife será seu. Por enquanto, contudo, ele

não está na cidade. Agora, fique de pé.

Devagar, Ace levantou-se. A cabeça latejava; a camiseta estava em tiras.

Vou perguntar-lhe uma coisa — o sr. Gaunt mostrava-se gentil e sorridente de novo, sem

um fio de cabelo fora do lugar. — Você gosta deste lugarejo? Você ama este lugar? Tem

fotografias dele nas paredes do seu barraco fedorento, que lhe recorde o recanto rural

daqueles dias em que a abelha dá uma picada, e o cachorro dá uma mordida?

— Droga, não! — Ace respondeu, com voz insegura. O som da voz aumentava e

diminuia

conforme as batidas do coração. Conseguiu pôr-se de pé apenas com o maior esforço. Suas

pernas pareciam feitas de espaguete cozido. Ficou de costas contra a parede, observando

atentamente o sr. Gaunt.

— Será que ficaria muito estupefato se que lhe dissesse que quero que você literalmente

tire este lugarzinho de merda do mapa enquanto espera a volta do xerife?

— Eu não sei o que significa essa palavra — Ace respondeu nervoso.

— Não me admira. Mas, creio que entende o que quero dizer, não é mesmo, Ace?

A memória de Ace projetou-se no passado. Recordou uma época muito longínqua, há

muitos anos, em que quatro garotos melequentos tinham passado a perna nele e em seus

amigos (Ace tinha tido amigos naquele tempo, ou, pelo menos, algo parecido) por alguma

coisa que Ace queria muito. Tinham apanhado um dos melequentos — Gordie LaChance —

pouco depois e aplicado uma surra pra ninguém botar defeito, mas não tinha tido

importância. Atualmente, Gordie LaChance era um escritor importante, que morava em outra

parte do estado, e provavelmente limpava a bunda com notas de dez. De um modo ou de outro,

os melequentos tinham vencido, e depois do incidente as coisas nunca mais foram as mesmas

para Ace. Foi aí que sua sorte o abandonara. Portas que antes se abriam para ele,

começaram a fechar-se, uma a uma. Pouco a pouco foi chegando à conclusão de que não era

rei e Castle Rock não era o seu reino. Se algum dia isto fora verdade, esse dia passara

naquele Dia do Trabalho em que tinha 16 anos, e os melequentos tinham passado a perna nele

e em seus amigos com relação a algo que lhes pertencia de pleno direito. Quando chegou à

idade em que podia tomar bebida alcoólica no Tigre Manso, passou de rei a mercenário,

invadindo território inimigo.

— Eu odeio esta latrina fedorenta! — disse ele a Leland Gaunt.

— Ótimo — disse o sr. Gaunt. — Muito bom. Tenho um amigo — está estacionado a uma

quadra daqui — que vai ajudá-lo nesse assunto, Ace. Você terá o xerife... e terá também a

cidade toda. Que tal? — Seu olhar capturara os olhos de Ace. Ace ficou à sua frente, com as

roupas em frangalhos, e sorriu. Sua cabeça já não doía.

— É — ele respondeu. — Parece formidável.

O sr. Gaunt meteu a mão no bolso do paletó, de onde tirou um saquinho plástico de

embrulhar sanduíche, cheio de pó branco. Estendeu-o para Ace.

— Ao trabalho, Ace — disse ele.

Ace apanhou o saquinho de sanduíche, mas ainda olhava para o sr. Gaunt — fundo nos

olhos dele.

Bom — ele disse. — Estou pronto.

13

Buster viu quando o último homem a entrar no beco vinha voltando. A camiseta do cara

estava em tiras e ele carregava um engradado. Enfiadas no cós de sua calça jeans estavam as

coronhas de duas pistolas automáticas.

Buster encolheu-se em súbito alarme quando o homem, que agora reconhecia ser John

"Ace" Merrill veio direto para o caminhão e descansou o engradado.

Ace deu um tapinha no vidro.

— Abre aí, velhote — ele disse. — Temos trabalho.

Buster desceu a janela.

— Saia daqui — ele disse. — Saia daqui, seu rufião! Ou eu chamo a polícia.

— Boa sorte — Ace resmungou.

Tirou uma das pistolas do cós da calça. Buster ficou rígido, e então Ace passou a arma

pela janela, a coronha voltada para ele. Buster piscou olhando a arma.

— Pegue — Ace disse com impaciência. — e depois abra a porta traseira. Se não sabe

quem me mandou, é ainda mais burro do que parece. Estendeu a outra mão e tateou a peruca.

— Adorei seu penteado, queridinho! — ele disse com um sorrisinho. Está divino!

Pare com isso — Buster disse, mas a raiva e a desconfiança tinham desaparecido de sua

voz. Três homens fortes podem causar um bocado de estrago, o sr. Gaunt tinha dito. Mandarei

alguém para você.

Mas... Ace? Ace Merrill? O homem era um criminoso!

Olha — Ace disse —, se quiser discutir o caso com o sr. Gaunt, acho que ele ainda está lá.

Mas, como pode ver — e acenou com as mãos através das tiras de sua camiseta — ele não

está de muito bom humor.

— E é você quem vai me ajudar a me livrar Deles?

— ISSO mesmo — Ace disse. — Vamos fazer churrasquinho desta cidade. — Apanhou o

engradado. — Mas eu não sei como podemos fazer grandes estragos com apenas uma caixa

de detonadores. Ele disse que você teria a resposta a esta questão.

Buster tinha começado a sorrir. Levantou-se, arrastou-se para o interior do caminhão e

abriu a porta corrediça. — Creio que tenho, sim — ele disse. — Entre, sr. Merrill, Temos um

trabalhinho afazer.

— Onde?

— Na garagem municipal, para começar — Buster respondeu. Ainda sorria.

CAPÍTULO VINTE E UM

1

O REV. WILLIAM ROSE, que pela primeira vez subira ao púlpito da Igreja Batista Unida

de Castle Rock em maio de 1983, era um fanático de primeira água — quanto a isto não havia

dúvida. Infelizmente, era também enérgico, tinha um senso de humor cruel e distorcido, e era

extremamente popular perante sua congregação. Seu primeiro sermão como pastor do rebanho

batista tinha sido um prenúncio dos dias que viriam. O título era “Por que os Católicos Vão

para o Inferno”. E alimentara essa veia, que desde então tornara-se extremamente popular

perante sua congregação. Os católicos, ele informou a seus fiéis, eram criaturas blásfemas, mal

orientadas, que em vez de adorar Jesus, adoravam a mulher que tinha sido escolhida para ser

Sua mãe. Seria de admirar que se inclinassem tanto ao erro, também em relação a outros

assuntos?

Explicou ao seu rebanho que, durante a Inquisição, os católicos tinham aperfeiçoado

métodos de tortura; quê os Inquisidores tinham queimado os *verdadeiros* fiéis no que ele

chamava de A Estaca-uhm de Fogo até o final do século XIX, quando os heróicos protestantes

(batistas em sua maior parte) tinham posto um termo a isso; que quarenta diferentes papas, ao

longo da história, tinham mantido-uhm relações ilícitas com suas próprias mães e irmãs-uhm, e

até com suas filhas ilegítimas; que o Vaticano tinha sido construído com o ouro dos mártires

protestantes e com a pilhagem das nações.

Esse tipo de falatório ignorante não era novidade alguma para a Igreja Católica, que há

centenas de anos vinha aturando heresias semelhantes. Muitos padres as aceitariam de bom

grado, até talvez fazendo piadinhas inocentes a respeito. O padre John Brigham, entretanto,

não pertencia à espécie de religioso que aceita tais coisas de bom grado. Muito pelo contrario.

Irlandês de quatro costados, mal-humorado, Brigham era desses homens sem senso de humor

que não agüentam os tolos, especialmente tolos empertigados da estirpe do rev. Rose.

Tinha carregado em silêncio a cruz da provocação estridente de Rose, durante quase um

ano antes de, finalmente, botar a boca no trombone do alto de seu próprio púlpito. Sua homília,

que não fazia quaisquer rodeios, intitulava-se “Os Pecados do Reverendo Willie”. E no

sermão, ridicularizava o pastor batista como sendo “um burro cantador de salmos, que crê que

Billy Graham andava sobre a água e que Billy Sunday senta-se à mão direita do Senhor Deus

Todo-Poderoso”.

Mais tarde, naquele mesmo domingo, o rev. Rose, na companhia de quatro de seus mais

corpulentos diáconos, tinha feito uma visita ao padre Brigham. Estavam chocados e zangados,

disseram, com as calúnias lançadas pelo padre Brigham.

— É muita ousadia vir aqui, dizer *a mim* para baixar o tom — padre Brigham respondera

— depois de uma árdua manhã em que ficou contando aos seus fiéis que eu sirvo a Prostituta

da Babilônia.

O rubor subiu rapidamente ao rosto normalmente pálido do rev. Rose. Ele jamais

tinha dito

o que fosse sobre a Prostituta da Babilônia, disse ele ao padre Brigham, embora *tivesse*

mencionado a Prostituta de Roma inúmeras vezes, e se a carapuça servia, o padre Brigham

tinha liberdade de colocá-la na cabeça.

O padre Brigham tinha saído pela porta da frente da Reitoria, já com os punhos fechados.

Se quer discutir a questão aqui na calçada, meu amigo — ele disse —, dê ordens à sua

pequena unidade da Gestapo para afastar-se e discutiremos à vontade.

O rev. Rose, que era quase 8cm mais alto que o padre Brigham — mas uns 10kg mais

magro — afastou-se um passo com ar de desdém.

— Não vou sujar-uhm minhas mãos — ele disse.

Um dos diáconos era Don Hemphill. Ele era mais alto *e também* mais pesado do que o

padre brigão.

— Eu posso discutir com o senhor, se preferir — ele disse. — E vou limpar a calçada com

a sua papista e herética *bunda.*

Dois dos outros diáconos, sabendo que Dan era capaz de cumprir integralmente « ameaça,

tinham-no segurado na hora “h”... mas, a partir de então, á guerra estava declarada..

Até este outubro, quase tudo tinha sido *sub rosa* — anedotas étnicas e fofoquinhas

venenosas nos grupos masculinos e femininos das duas igrejas, provocações na hora do recreio

entre as crianças das duas facções, e, acima de tudo, granadas retóricas lançadas de púlpito a

púlpito nos domingos, esse dia de paz em que, segundo ensina a história, começa realmente a

grande maioria das guerras. De vez em quando, incidentes mais sérios ocorriam — ovos eram

jogados no Salão Paroquial durante um baile da Juventude Batista, e uma vez arremessaram

uma pedra de estilingue pela janela da Reitoria — mas, em sua maior parte — a guerra tinha

sido, principalmente, de palavras.

Como todas as guerras, tinha tido seus momentos de batalha feroz e de calmaria, mas,

desde o dia em que as Filhas de Isabella tinham anunciado seus planos de Uma Noite no

Cassino, surgiu um elemento de raiva crescente nessa guerra. Na ocasião em que o rev. Rose

recebera aquela infame mensagem de "foda de ratos batistas", tornara-se provavelmente tarde

demais para evitar uma confrontação qualquer — a excessiva grosseria do cartão parecia

apenas garantir que quando essa confrontação tivesse lugar, não seria coisa insignificante. A

fogueira estava armada — faltava, apenas, que alguém lhe pusesse fogo.

Se houve alguém que, por fatalidade, subestimou a volatilidade da situação, esse alguém

foi o padre Brigham. Ele sabia que o seu símile batista não apreciaria a idéia de Uma Noite no

Cassino, mas não chegou a entender quão profundamente o conceito de jogos de azar

patrocinados por um igreja pudessem ofender e enraivecer o pregador batista. Ignorava que o

pai de Willie Barcaça tinha sido um jogador inveterado que, em muitas ocasiões, abandonara a

família quando a febre do jogo o assaltava, ou que o homem acabara por suicidar-se com um

tiro no quartinho dos fundos de um salão de dança, depois de um noite de azar no jogo. E a

verdade pouco recomendável a respeito do padre Brigham era a seguinte: talvez não tivesse

feito diferença alguma para ele, mesmo que soubesse.

O rev. Rose mobilizou suas forças. Os batistas arregaçaram as mangas para uma campanha

de cartas dizendo Não À Noite no Cassino, através *d'"A Chamada"* de Castle Rock (Wanda

Hemphill, mulher de Don, escrevera, ela própria, a maioria das cartas) seguindo-se às cartas os

cartazes de DADOS DO DEMÔNIO. Betsy Vigue, presidente da Noite no Cassino e a grande

regente do capítulo local das Filhas de Isabella, organizou o contra-ataque. Durante as três

semanas precedentes, *“A Chamada"* ia ao prelo com 16 páginas a fim de publicar o debate

resultante (só que era mais um concurso de gritaria do que a exposição razoável de pontos de

vista divergentes). Mais cartazes subiram rapidamente — e com igual presteza foram rasgados.

Um editorial clamando por temperança em ambas as facções foi ignorado. Alguns dos

facciosos estavam se divertindo; era uma novidade verem-se envolvidos nessa tempestade em

copo d’água. Mas, ao se aproximar o fim, o rev. Rose já não se divertia; nem o padre Brigham.

— Eu odeio aquele merdinha metido a santo! — bradou o padre Brigham para um surpreso

Albert Gendron no dia em que este lhe trouxera aquela infame carta “OUÇA AQUI SEU

LADRÃO DE BACALHAU” que Albert encontrara presa por fita adesiva na porta de seu

consultório.

— Imagine, aquele filho de uma prostituta acusando batistas honrados de tal coisa! —

explodira o rev. Rose para os igualmente surpresos Norman Harper e Don Hemphill. Isto se

passara no Dia do Descobrimento da América, depois de um telefonema feito pelo padre

Brigham. Brigham tinha tentado ler a mensagem do "OUÇA AQUI..." para o rev. Rose; e este

(muito acertadamente, na opinião de seus diáconos) recusara-se a ouvir.

Norman Harper, um homem que pesava cerca de 10kg a mais do que Albert Gendron, e

que era mais ou menos da mesma altura, ficou agitado com a qualidade estridente, quase

histérica, da voz do rev. Rose, mas manteve silêncio.

— Sabe o que é? — disse ele. —O bom padre Limpa-Calçada está um pouco nervoso com

o cartão que o senhor recebeu na paróquia. Ele se deu conta de que foi longe demais. E acha

que agora, se disser que os amiguinhos dele também receberam uma carta cheia das mesmas

imundícies, a coisa fica equilibrada.

— Pois bem, não funcionou! — a voz do rev. Rose estava mais esganiçada do que nunca.

— Ninguém da minha congregação desceria a tal nível de imundície. *Ninguém!* — E sua voz

quebrou-se na última palavra. As mãos se abriam e se fechavam convulsivamente. Norman e

Don trocaram um olhar rápido e inquieto. Tinham discutido esse comportamento que se

tornava cada mais freqüente no rev. Rose, por diversas ocasiões nestas últimas semanas. A

história da Noite no Cassino estava deixando Bill destroçado. Os dois homens temiam que ele

chegasse a um colapso nervoso antes que a situação finalmente se resolvesse.

— Não se agite — Don disse em tom tranqüilizador. — Sabemos toda a verdade dessa

história, Bill.

— Sim! — gritou o rev. Rose, fixando os dois homens com um olhar trêmulo, líquido. —

Sim, *vocês* sabem — vocês dois. E eu — *eu* sei! Mas, e o resto da cidade-uhm? Será que *eles*

sabem?

Nem Norman nem Don tinham resposta.

— Tomara que alguém amarre aquele idólatra mentiroso num trilho de trem! — William

Rose bradou, fechando os punhos e sacudindo-os num acesso impotente. — Num trilho! O que

eu não pagaria para ver isso! Eu pagaria muito!

Mais tarde naquela segunda-feira, o padre Brigham fez alguns telefonemas, convocando

aqueles que estivessem interessados “na atual atmosfera de repressão religiosa

em Castle

Rock” para aparecerem na reitoria para uma breve reunião naquela noite. Foram tantos os que

apareceram que a reunião teve que se transferir para a Fraternidade dos Cavaleiros de

Colombo, no prédio vizinho.

Brigham começou falando da carta que Albert Gendron tinha encontrado na porta do

consultório — uma carta supostamente assinada pelos Batistas Preocupados de Castle Rock —

e, em seguida, relatou sua inútil conversa telefônica com o rev. Rose. Ao contar para os

presentes que o rev. Rose clamava ter recebido, ele próprio, uma mensagem obscena, uma nota

supostamente assinada pelos *Católicos* Preocupados de Castle Rock, um rumor correu pela

multidão... a princípio chocada, e depois zangada.

— O homem é um mentiroso! — alguém gritou dos fundos do salão.

O padre Brigham pareceu assentir e discordar ao mesmo tempo.

— Talvez, Sam, mas o problema verdadeiro não é esse. Ele está completamente louco —

acho que *esse* é o problema.

Silêncio pensativo e preocupado acolheu estas palavras, mas, mesmo assim, o padre

Brigham pressentiu uma sensação de alívio quase palpável. *Completamente louco* era a

primeira vez que o dizia em voz alta, embora as palavras tivessem circulado em sua mente

durante estes últimos três anos.

— Não vou permitir que um maluco religioso me faça parar — o padre Brigham

continuou. — Nossa Noite no Cassino é inofensiva e interessante, apesar do que possa pensar

o rev. Willie Barcaça. Mas, é minha opinião, levando-se em conta que ele vem se tornando

cada vez mais estridente e menos equilibrado, que deveríamos pôr o problema em votação.

Aqueles de vocês que são a favor do cancelamento da Noite no Cassino — curvando-se à

pressão por razões de segurança — devem se manifestar.

— A Votação para que a Noite no Cassino se realizasse como planejado ganhou por

unanimidade.

Padre Brigham meneou a cabeça, satisfeito. Em seguida, fitou Betsy Vigue.

— Você vai fazer uma reunião de planejamento amanhã, não é, Betsy?

— Sim, padre.

— Gostaria, então, de sugerir — padre Brigham disse — que os homens se reúnam aqui,

na Fraternidade C. C., exatamente na mesma hora.

Albert Gendron, um homem pesadão, tardo em se zangar e tardo em se recobrar da raiva,

levantou-se lentamente em toda a sua grande altura. Pescoços se torceram para

apreciar o seu

levantar.

— Está sugerindo que aqueles batistas palhaços podem tentar molestar as senhoras, padre?

— Não, não, absolutamente — tranqüilizou-o o padre Brigham. — Mas creio que seria

conveniente se discutíssemos alguns planos para que a *própria* Noite no Cassino transcorra

sem percalços —

— Guardas? — um outro gritou com entusiasmo. — Guardas, padre?

Olhos e ouvidos... melhor dizendo — padre Brigham disse, não deixando dúvida alguma

de que “guardas” era o que tinha em mente. — E, se nos reunirmos na terça-feira à noite, na

mesma hora que a reunião das senhoras, estaremos por perto caso *haja* algum rebuliço.

Assim, enquanto as Filhas de Isabella se reuniam no edifício de um lado do

estacionamento, os homens católicos mantinham reunião no edifício do lado oposto. E, na

outra extremidade da cidade, o rev. Rose convocara uma reunião na mesma hora para

discutirem a mais recente calúnia católica e para planejarem a manufatura de cartazes e a

organização de piquetes contra a Noite no Cassino.

Os vários tumultos e excursões por dentro de Castle Rock no princípio da noite não

influíram muito na presença a todas essas reuniões. A maior parte dos curiosos vagueando ao

redor do Edifício Municipal à aproximação da tormenta, era de pessoas neutras na Grande

Controvérisa da Noite no Cassino. No que respeitava a católicos e protestantes realmente

enredados no alvoroço todo, um ou dois assassinatos não eram, nem de longe, páreo para a

perspectiva de um boa e santa cruzada. Pois, afinal de contas, deve cessar tudo quanto a antiga

musa canta quanto um assunto mais alto, como a religião, se alevanta.

2

Mais de setenta membros da congregação disseram presente na quarta reunião daquilo que

o rev. Rose batizara de Os Soldados Batistas Cristãos Contra o Jogo em Castle Rock. Era um

excelente resultado. A presença tinha sofrido uma brusca queda na última reunião, mas os

rumores sobre o cartão obsceno deixado na caixa de correspondência da Casa Paroquial tinham

reacendido o interesse. A presença maciça trouxe alívio ao rev. Rose, mas ficou intrigado e

desapontado ao notar que Don Hemphill estava ausente. Don tinha prometido que viria, e Don

era o seu forte braço direito.

Rose espiou as horas no relógio de pulso e viu que já passavam cinco minutos

das 7:00h —

já não dava tempo de telefonar para o mercado a fim de verificar se Don teria esquecido.

Todos aqueles que viriam estavam presentes, e queria apanhá-los em sua rede enquanto a maré

de sua curiosidade e de sua indignação estava em enchente. Deu mais um minuto de tolerância

a Don Hemphill, depois subiu ao púlpito e levantou os braços magriços num gesto de boas-

vindas. Os membros de sua congregação — quase todos em roupas de trabalho, nesta noite -

enfileiraram-se nos corredores para tomar assento nos bancos de madeira sem enfeite.

— Vamos começar este nosso esforço como começam-uhm todos os grandes esforços-uhm

— disse o rev. Rose quietamente. — Curvemos nossas cabeças em oração.

Todos curvaram as cabeças, e foi quando, nesse instante, a porta da igreja se abriu min

enorme estrondo, como de um tiro. Algumas senhoras soltaram gritinhos, e vários homens

puseram-se de pé rapidamente.

Era Don. Ele era o seu próprio açougueiro-chefe, e ainda estava vestido em seu avental

branco cheio de sangue. O rosto se mostrava vermelho como um tomate enfeitando o filé-

mignon. Os olhos estavam ferozes e lacrimejantes. Ranho começava a endurecer

em seu nariz,

sobre o lábio superior e as comissuras da boca.

Ele também estava fedendo.

Don fedia como um grupo de gambás que tivessem primeiro sido mergulhados num barril

de enxofre e depois friccionados com bosta fresca de vaca pelo corpo, e por último soltos para

pular e correr, naquele seu modo meio adoidado, por uma sala fechada. O fedor de Don o

precedia; o fedor de Don o acompanhava; mas, acima de tudo, o fedor de Don pairava acima

dele como uma nuvem pestilenta. As senhoras tentaram se afastar do corredor da igreja,

buscando seus lencinhos, enquanto ele prosseguia aos tropeções, o avental esvoaçando na

frente e as fraldas da camisa branca, para fora do cós, esvoaçando atrás. As poucas crianças

presentes abriram o berreiro. Os homens soltaram um grande clamor, misto de surpresa e

repugnância.

— Don! — gritou o rev. Rose numa voz perplexa e efeminada. Ainda tinha os braços

levantados, mas com a aproximação de Don, Rose os abaixou rapidamente e involuntariamente

levou uma das mãos a tapar o nariz e a boca. Achou que ia vomitar. Este era o fedor mais

incrivelmente pungente que já enfrentara.

— O que... o que aconteceu?

— O que aconteceu? — Don Hemphill trovejou. — *Aconteceu?* Eu lhes conto o que

aconteceu! Eu lhes conto *tudo o* que aconteceu.

Girou nos calcanhares, para ficar de frente para a congregação e, apesar do mau cheiro que

se agarrava a ele e ao mesmo tempo se desprendia dele, ficaram todos imóveis quando aqueles

olhos furiosos e enlouquecidos se fixaram neles.

— Os filhos-da-mãe esconderam uma bomba de fedor dentro da minha loja, foi isso que

aconteceu! Havia pouca gente, porque eu tinha colocado um aviso dizendo que ia fechar mais

cedo, e graças a Deus por isso, mas o estoque está arruinado! Todo ele arruinado! US$

40,000.00 de mercadorias! Arruinadas! Não sei o que os filhos-da-mãe usaram, mas vai ficar

fedendo durante *dias!*

— Quem? — perguntou o rev. Rose em voz timorata. — Quem fez isso, Don?

— *QUEM, PORRA, O SENHOR ACHA QUE FOI? — ele berrou.* — Meu mercado! Meu

estoque! Tudo perdido, porra, e quem o senhor acha que foi?

Jogou os panfletos sobre a espantada congregação *de* Soldados Batistas Cristãos Contra o

Jogo. Os panfletos espalharam-se ainda no ar e flutuaram para baixo como confete. Alguns dos

presentes esticaram a mão e agarraram alguns deles. Eram todos iguais. Cada um mostrava um

grupo de homens e mulheres dando risada, ao redor de uma mesa de roleta.

PURO DIVERTIMENTO

Estava escrito no topo do papel. E mais abaixo:

JUNTE-SE A NÓS

PARA A NOITE NO CASSINO

NO SALÃO DA FRATERNIDADE

DOS CAVALEIROS DE COLOMBO

31 DE OUTUBRO DE 1991

EM BENEFÍCIO DO FUNDO

DA PASTORAL CATÓLICA

— Onde encontrou esses panfletos, Don? — Len Milliken perguntou, numa voz trovejante

e cavernosa. — E esse colarinho?

— Alguém os deixou na porta principal — Don disse. — Antes que tudo fosse para o inf

—

A porta do vestíbulo tornou a abrir-se com estrépito, e todos pularam em seus assentos, só

que desta vez não estava se abrindo, mas se fechando.

— Espero que apreciem o perfume, seus batistas fanáticos! — alguém gritou. A isto

seguiram-se gargalhadas esganiçadas e maliciosas.

A congregação fitou o rev. Rose com olhos amedrontados. E ele retribuiu esse olhar com

olhos igualmente assustados. E foi aí que a caixa escondida no coro começou repentinamente a

chiar. Exatamente como a caixa plantada na Irmandade das Filhas de Isabella pela falecida

Myrtle Keeton, esta (plantada por Sonny Jackett, agora também falecido) continha um

marcador de tempo que tiquetaqueara a tarde inteira.

Nuvens de um fedor indescritível evolaram-se das grades laterais das caixa.

Na Igreja Batista Unida de Castle Rock, o divertimento começava agora.

3

Babs Miller se esgueirava pela parede lateral da Irmandade das Filhas de Isabella,

imobilizando-se cada vez que uma fulgurante luz branco-azulada de relâmpago riscava o céu.

Trazia um pé-de-cabra numa das mãos e uma das pistolas automáticas do sr. Gaunt na outra. A

caixinha de música que comprara em Coisas Necessárias estava guardada num dos bolsos do

sobretudo masculino que estava vestindo, e se alguém tentasse roubá-la, esse alguém iria

engolir alguns gramas de chumbo grosso.

Quem poderia querer cometer um ato tão baixo, tão perverso, tão mesquinho? Quem

poderia querer roubar a caixinha de música antes mesmo que Babs descobrisse qual a música

que tocava?

Bem, ela pensou, digamos apenas que é melhor que Cyndi Rose Martin não me mostre a

cara dela esta noite. Se mostrar, ela *nunca mais* vai mostrar a cara para ninguém — pelo

menos, não deste lado do inferno. O que será que ela pensa que eu sou... imbecil?

Nesse ínterim, tinha que pregar um trote. Uma brincadeira. Por solicitação do sr. Gaunt, é

claro.

Você conhece Betsy Vigue? perguntara o sr. Gaunt. Conhece, sim, não conhece?

Claro que conhecia. Conhecia Betsy desde os tempos da escola primária, quando eram as

duas monitoras de classe e amigas inseparáveis.

Ótimo. Olhe pela janela. Ela vai sentar-se. Ela vai levantar uma folha de papel, e ver

alguma coisa embaixo dela.

O quê? Babs indagara, por curiosidade.

Isso não importa. Se espera encontrar a chave que abre a sua caixinha de música, é

melhor manter a boca bem fechada e olhos e ouvidos bem abertos — está entendendo, minha

cara?

Ela entendera. E também entendera outra coisa: o sr. Gaunt, às vezes, metia me *do. Metia*

muito medo.

Ela vai apanhar aquela coisa que encontrou. Vai examiná-la. Vai começara abri-la. A essa

altura, você já deverá estar na porta do prédio. Espere até que todos olhem na direção dos

fundos da parede esquerda.

Babs teve vontade de perguntar por que todos fariam isso, mas achou que era mais seguro

não perguntar.

Quando todos se virarem para olhar, você vai colocar a ponta bipartida do pé-de-cabra

sob o trinco da porta. Firme a outra ponta no chão. Ajuste bem firme.

Quando é que eu vou gritar? Babs tinha indagado.

Você vai descobrir. Vão ficar todos com cara de quem está com o cu cheio de pimenta

malagueta. Lembra-se do que deve gritar, Babs?

Ela se lembrava. Era um trote bastante forte para ser pregado em Betsy Vigue, com quem

tinha passeado de mãos dadas, dando pulinhos, a caminho da escola, mas, por outro lado,

parecia inofensivo (isto é... *mais ou menos* inofensivo), e já não eram mais crianças, ela e a

menininha a quem, por uma razão qualquer, sempre chamara de Betsy Lá-Lá. E tudo isto se

passara há muito, muito tempo. E, como o sr. Gaunt observara, ninguém iria ligar uma coisa a

outra. Por que o fariam? Babs e seu marido eram, afinal de contas, Adventistas do Sétimo Dia,

e pelo que lhe dizia respeito, católicos e batistas mereciam o que lhes acontecesse — Betsy Lá-

Lá, inclusive.

Relampejou. Babs ficou imóvel, depois correu para uma janela mais próxima da porta,

espiando para dentro a fim de certificar-se de que Betsy ainda não estava sentada à mesa.

E as primeiras gotas hesitantes da portentosa tempestade que se aproximava começaram a

cair a seu redor.

4

O fedor que começava a invadir a Igreja Batista era igualzinho ao fedor que se agarrava a

Don Hemphill... só que mil vezes mais forte.

— *Oh, merda!* —Don urrou. Esquecera-se completamente de onde se encontrava e,

provavelmente, mesmo que se lembrasse, não teria alterado o seu linguajar. —

Colocaram outra aqui também! Para fora! Fora! Fora, todo mundo!

— Mexam-se! — *Nan Roberts berrou em sua voz cheia de barítono da hora do* rush. —

Mexam-se depressa! Gente, vamos embora, depressa!

Todos viam de onde vinha o fedor — rolos espessos de fumaça amarelo-esbranquiçada se

espalhando pela grade alta do coro e através das aberturas oblongas dos painéis inferiores. A

porta lateral ficava exatamente sob o balcão do coro, mas ninguém pensou em tomar essa

direção. Um fedor daqueles era capaz de matar alguém... mas antes disso, os olhos iriam saltar

das órbitas, os cabelos iriam cair completamente, e o cu iria fechar-se em horror ultrajado.

Em menos de cinco minutos, os Soldados Batistas Cristãos Contra o Jogo de Castle Rock

tinham se transformado num exército em debandada geral. Como num estouro de boiada,

correram todos para o vestíbulo nos fundos da igreja, gritando e tossindo. Um dos bancos

tombou e bateu no chão fazendo um barulhão. O pé de Deborah Johnstone ficou preso sob o

banco, e Norman Harper atingiu seu traseiro enquanto ela lutava para libertar o pé. Deborah

caiu sobre o banco e seu tornozelo fez um ruído de galho seco ao quebrar-se. Ela guinchou de

dor, com o pé ainda preso sob o banco, mas, no meio de tanta gritaria, seus gritos não foram

ouvidos.

O rev. Rose era quem se achava mais perto do coro, e o fedor fechou-se sobre sua cabeça

como uma máscara enorme e fétida. Este é o cheiro dos católicos queimando no inferno, ele

pensou confusamente e pulou do púlpito. Aterrissou em cheio no lombo de Deborah

Johnstone, batendo nela com os dois pés, e seus guinchos se transformaram num longo e

sufocado gemido que foi se perdendo no nada enquanto ela perdia os sentidos. O rev. Rose,

sem sequer perceber que tinha deixado inconsciente uma de suas mais fiéis paroquianas, abriu

seu caminho para os fundos da igreja.

Os primeiros a chegar às portas do vestíbulo descobriram que por ali não haveria saída: de

algum modo, as portas estavam travadas. Antes que pudessem bater em retirada, esses líderes

do proposto êxodo foram esmagados contra as portas por aqueles que vinham atrás.

Gritos, urros zangados, e pragas furiosas permearam o ar. E quando a chuva começou do

lado de fora, do lado de dentro começou o vômito.

5

Betsy Vigue tomou assento na mesa da presidenta, entre a bandeira americana e o pendão

do Menino Jesus de Praga. Bateu na mesa com os nós dos dedos, pedindo

ordem, e as senhoras

— cerca de quarenta, ao todo — dirigiram-se aos seus lugares. Fora, os trovões faziam tremer

o céu. Alguns gritinhos e risos nervosos se fizeram ouvir.

Dou início aos trabalhos desta reunião das Filhas de Isabella — Betsy anunciou e apanhou

sua agenda. — Começaremos, como de praxe, pela leitura —

E interrompeu-se. Havia um envelope comercial branco sobre a mesa. Estivera escondido

sob sua agenda. As palavras datilografadas faiscavam contra ela.

LEIA ISTO IMEDIATAMENTE

PROSTITUTA PAPISTA

Eles, ela pensou. Aqueles batistas. Aquela gentalha vil, tacanha, mesquinha.

— Betsy? — Naomi Jessup indagou. — Alguma coisa errada?

Betsy rasgou o lado do envelope. Uma folha de papel caiu. Datilografada nela, estava a

seguinte mensagem:

ESTE É O CHEIRO

DAS BOCETAS CATÓLICAS!

De repente, do canto esquerdo dos fundos do salão, veio um ruído de chiado, como um

cano de vapor superaquecido. Diversas senhoras soltaram exclamações e se viraram para

aquele lado. O troar dos trovões era cada vez mais alto, e desta vez os gritos

foram para valer.

Um vapor amarelo-esbranquiçado desprendia-se de um dos escaninhos ao lado da porta. E,

inesperadamente, o pequeno edifício que continha apenas aquele salão encheu-se da mais

horrível fedentina que qualquer uma das senhoras presentes tinha sentido.

Betsy levantou se, derrubando a cadeira. Tinha acabado de abrir a boca — para falar o quê,

não saberia dizer — quando uma voz feminina gritou do lado de fora:

— Isto é por causa da Noite no Cassino, suas cadeias! Arrependam-se! Arrependiam-se!

Vislumbrou um vulto fora da porta dos fundos antes que a nuvem fedorenta que saia do

escaninho obliterasse completamente a janela da porta... e, depois disso, parou de preocupar-

se. O fedor era insuportável.

Reinou o pandemônio. As Filhas de Isabella corriam para todos os lados, no salão falido e

esfumaçado, como ovelhinhas enlouquecidas. Quando Antonia Bissette foi empurrada para trás

e quebrou o pescoço no acabamento metálico da mesa da presidenta, ninguém ouviu ou notou.

Fora, os trovões explodiam e os relâmpagos iluminavam o céu.

6

Os homens católicos na Fraternidade dos Cavaleiros de Colombo reuniram-se num circulo

frouxo ao redor de Albert Gendron. Usando a mensagem que encontrara presa à porta de seu

consultório como ponto de partida ("Ora, isto não é nada — vocês deviam ter visto quando...),

Gendron os regalava com histórias terríveis, mas fascinantes de ciladas contra os católicos e a

vingança destes, na década de '30, em Lewiston**.**

E, assim, quando ele viu que aqueles "bíblias" fanáticos tinham lambuzado os pés da

Virgem Maria com cocô de vaca, imediatamente entrou no carro e foi —

Albert interrompeu-se de repente, de ouvidos atentos.

— O que foi isso? — ele perguntou.

— Trovoadas — Jake Pulaski disse. — Vai ser uma tempestade e tanto.

— Não — isso —Albert disse, ao mesmo tempo em que se punha de pé. — Parecem gritos.

Os trovões diminuíram temporariamente a meros resmungos, e nesse hiato que se fez,

todos eles ouviram: mulheres. Mulheres gritando.

Voltaram-se para o padre Brigham, que também tinha se levantado de sua cadeira.

— Vamos, senhores! — ele disse. — Vamos ver —

Foi então que o chiado começou, e a fedentina se espalhou vinda dos fundos do salão na

direção de onde se encontravam os homens reunidos. Uma vidraça quebrou-se e uma pedra

veio rolando, como doida, pelo soalho cujo polimento tinha adquirido um lustro suave devido

aos anos em que ali se dançava. Os homens berraram e recuaram do petardo. A pedra rolou até

a parede oposta, deu mais uma volta, e parou.

Do lado de fora, alguém gritou:

— Este é o fogo do inferno que os batistas enviam! Nada de jogo em Castle Rock!

Divulguem a palavra, seus fodidos!

A porta do saguão da Fraternidade também tinha sido travada por um pé-de-cabra. Os

homens bateram nela e começaram a se empilhar.

— *Não!*— gritou o padre Brigham. Lutou contra o fedor que aumentava até chegar a uma

porta lateral. Estava destrancada.

— *Por aqui! POR AQUI!*

A princípio, ninguém lhe deu ouvidos; no pânico, continuaram a se empilhar contra a porta

da frente, intransponível, da Fraternidade. Então, Albert Gendron, estendendo as mãozorras,

encontrou duas cabeças e bateu uma contra a outra.

— Obedeçam ao padre! — *ele berrou.* — Estão matando as mulheres!

Albert abriu caminho contra o amontoado usando pura força bruta, e os outros começaram

a segui-lo. Foram-no seguindo, numa fila mal feita, trôpega, através do fedor que

se alastrava,

tossindo e praguejando. Meade Rossignol não conseguiu controlar por mais tempo a náusea.

Abriu a boca e vomitou todo o seu jantar nas costas largas de Albert Gendron. Albert mal

notou.

Padre Brigham já ia aos tropeções na direção da escadinha que levava ao estacionamento e

à Irmandade das Filhas de Isabella, que ficava do outro lado. De vez em quando, dava uma

parada para vomitar em seco. O fedor agarrava-se a ele como papel de apanhar moscas. Os

homens puseram-se a segui-lo numa procissão desorganizada, mal percebendo a chuva, que

agora começava a cair mais forte.

Quando padre Brigham estava a meio caminho no pequeno lance de degraus, o fulgor de

um relâmpago mostrou-lhe o pé-de-cabra que travava a porta da Irmandade das Filhas de

Isabella. Passou-se um momento e uma das janelas do lado direito da Irmandade quebrou-se de

dentro para fora e as senhoras começaram a se atirar por aquela abertura, tombando pelo

gramado como se fossem enormes bonecas de pano que tivessem aprendido a vomitar.

O rev. Rose não chegou a alcançar o vestíbulo; havia muita gente amontoada à sua frente.

Ele virou-se, tampando o nariz, e cambaleou de volta ao interior da igreja. Tentou gritar para

os outros, mas, ao abrir a boca, espalhou um grande jato de vômito. Seus pés se embaraçaram e

ele caiu, batendo a cabeça com força no alto de um dos bancos. Tentou ficar de pé e não

conseguiu. Então, duas grandes mãos o levantaram pelas axilas e o puxaram para cima.

— Pela janela, reverendo — Nan Roberts gritou. — Vamos, mexa-se!

— O vidro —

— O vidro não interessa! Vamos sufocar aqui dentro!

Empurrou-o para frente, e o rev. Rose teve tempo apenas de proteger os olhos com a mão

antes de arrebentar sua saída por um vitral que mostrava Cristo levando suas ovelhas na

descida de um outeiro da cor exata de gelatina Jelly-O sabor lima. Ele voou pelo ar, bateu no

gramado e saltou. Sua dentadura superior desprendeu-se da boca e ele resmungou.

Sentou-se, subitamente cônscio da escuridão, da chuva... e do perfume abençoado do ar

puro. Não teve tempo para saborear este momento: Nan Roberts agarrou-o pelos cabelos e deu-

lhe um safanão pondo-o de pé.

— Vamos, reverendo! — ela gritou. O rosto dela, vislumbrado à luz branco-azulada de um

relâmpago, tinha as feições distorcidas de uma harpia. Ainda usava o uniforme branco de

raiom — tinha sempre sido seu hábito vestir-se exatamente igual a todas as suas garçonetes —

mas sobre o busto tinha agora um babador de vômito.

O reverendo ia tropeçando ao lado dela, de cabeça abaixada. Gostaria que ela soltasse o seu

cabelo, mas, a cada vez que tentava fazer-se entender, um trovão afogava suas palavras.

Alguns poucos os seguiram pelo vitral quebrado, mas muitos deles ainda se encontravam

empilhados do outro lado da porta do vestíbulo. Nan percebeu imediatamente o porquê: dois

pés-de-cabra tinham sido colocados sob as maçanetas. Ela deu um chute nas ferramentas no

momento em que um relâmpago atingiu a Praça Municipal, incendiando o coreto onde, certa

vez, um atormentado jovem chamado John Smith tinha descoberto o nome de um assassino, e

que se transformou numa fogueira. E agora o vento zunia mais forte, chicoteando as árvores

contra os céus trevosos e turbulentos.

No momento em que os pés-de-cabra caíram, as portas se abriram de supetão — uma delas

inteiramente arrancada de suas dobradiças tombou no canteiro de flores ao lado esquerdo da

escadinha. Uma maré de batistas de olhos insanos atropelou-se na saída, caindo uns sobre os

outros ao escorregarem nos degraus da igreja. Fediam. Choravam. Tossiam. Vomitavam.

E estavam todos loucos de fúria.

8

Os Cavaleiros de Colombo, liderados pelo padre Brigham, e as Filhas de Isabella,

chefiadas por Betsy Vigue, juntaram-se no centro do estacionamento no momento em que se

abriam as comportas do céu e a chuva caía em lençóis. Betsy tateou em busca do padre

Brigham e agarrou-se a ele, olhos injetados e lacrimejantes, cabelos grudados ao couro

cabeludo como um capacete molhado e lustroso.

Ainda tem gente lá dentro! — ela gritou. — Naomi Jessup... Tonia Bissette... e não sei

quantas mais!

— Quem foi? — Albert Gendron esbravejou. — Quem, demônios, fez isto?

— Ah, foram os batistas! Claro que foram eles! — *Betsy esganiçou, e desandou a chorar*

enquanto no céu os relâmpagos fulguravam como filamentos incandescentes de tungstênio. —

Xingaram-me de prostituta papista! Foram os batistas! Os batistas! Foram

aqueles batistas

amaldiçoados!

Padre Brigham, nesse meio tempo, tinha se desvencilhado de Betsy e saltado para a porta

da Irmandade das Filhas de Isabella. Chutou para longe o pé-de-cabra — em torno deste,

formando um círculo, a porta estava completamente lascada — e abriu a porta com violência.

Três mulheres, nauseadas e tontas, e uma nuvem de fumaça fétida, saíram pela porta.

Através da fumaça, ele reconheceu Antonia Bissette, tão bonita, sempre rápida e

caprichosa em seus trabalhos de agulha e sempre tão pronta a ajudar em qualquer novo projeto

da igreja. Estava caída ao chão, ao lado da mesa da presidenta, parcialmente escondida pelo

pendão do Menino Jesus de Praga. Naomi Jessup estava ajoelhada a seu lado, lamentando-se.

A cabeça de Tonia torcia-se num ângulo grotesco e impossível. Os olhos esgazeados fitavam o

teto. O fedor já não podia incomodar Antonia Bissette, que não comprara um único objeto do

sr. Gaunt nem participara de nenhum dos seus pequenos trotes.

Naomi viu o padre Brigham parado na porta, levantou-se e cambaleou em sua direção. Na

profundeza de seu choque, o fedor da bomba de cheiro também não parecia incomodá-la.

— Padre — ela gritou — padre, *por quê?* Por que fizeram isto? Era para ser um

divertimento inofensivo... era só isso! *Por quê?*

— Porque aquele homem é louco — padre Brigham respondeu. Acolheu Naomi em seus

braços.

A seu lado, numa voz simultaneamente baixa mas mortal, Albert Gendron disse:

— Vamos lá pegá-los.

9

Os Soldados Batistas Cristãos Contra o Jogo marcharam pela Rua Harrington, saindo da

igreja batista, embaixo de chuva torrencial, com Don Hemphill, Nan Roberts, Norman Harper

e William Rose na vanguarda. Olhos avermelhados, globos furiosos projetando-se de órbitas

inchadas e irritadas. Quase todos os Soldados Cristãos tinham vômito nas calças, nas camisas,

nos sapatos, ou nos três. O cheiro de ovo podre da bomba de cheiro se apegava a eles apesar da

chuva forte, e recusava-se a desaparecer.

Um veículo da polícia estadual parou no cruzamento de Harrington com a Avenida do

Castelo, que a menos de lkm se transformava na Vista do Castelo, e um oficial da Polícia

Montada saltou do carro e ficou de boca aberta.

— Ei! — ele gritou. — Onde é que vocês pensam que vão?

Vamos chutar algumas bundas de puxa-sacos papistas, e se você sabe o que é melhor para

você, fique longe de nós! — Nan Roberts gritou de volta para ele.

De repente, Don Hemphill abriu a boca e começou a cantar em sua voz cheia e afinada de

barítono.

Vamos com Jesus e marchemos sem temor!

Vamos ao combate, inflamados de valor!

Outras vozes se juntaram. E, logo, toda a congregação entrou no coro, começando a andar

mais depressa, não apenas caminhando, mas marchando com o ritmo. Os rostos estavam

lívidos e zangados e vazios de qualquer pensamento quando passaram do canto para o berro. O

rev. Rose cantava junto com eles, embora de boca murcha agora que tinha perdido a dentadura

superior.

Com coragem, vamos todos contra o mal!

Em Jesus teremos nosso General!

E, agora, estavam quase correndo.

10

O policial Morris ficou ao lado da porta de seu carro, com o microfone na mão,

acompanhando-os com o olhar. Água escorria do impermeável que cobria a aba do seu chapéu

de Polícia Montada em pequenas enxurradas.

— Responda, Unidade 16 — veio a voz de Henry Payton.

— É melhor o senhor mandar reforços para cá imediatamente — Morris gritou. A voz

soava excitada e assustada. Entrara para a Policia Montada Estadual há menos de um ano. —

Tem alguma coisa acontecendo! Alguma coisa muito ruim! Um grupo de umas setenta pessoas

acabou de passar por mim! Câmbio!

— E o que estavam fazendo? — Payton perguntou. — Câmbio!

— Estavam cantando “Avante, Soldados de Cristo”! Câmbio!

— Morris, é você falando? Câmbio.

— Sim, senhor! Câmbio!

Bem, pelo que sei, policial Morris, ainda não há lei contra cantar hinos, mesmo se

estiverem verem cantando na chuva. Creio que se trata de uma atividade imbecil, mas não i

Ilegal. Agora, quero que repita o seguinte ao menos uma vez: estou com quatro batatas quentes

nas mãos, não sei onde estão nem o xerife nem os seus oficiais, *e não quero ser incomodado*

com coisas sem importância! Está me copiando?

O policial Morris engoliu em seco.

Sim, senhor, estou copiando, claro que estou, mas alguém na multidão... uma mulher,

creio... disse que eles estavam indo... hum... “chutar algumas bundas de puxa-sacos papistas”,

foi o que acho que ela disse. Eu sei que não faz muito sentido, mas não gostei muito do que

ouvi. — E, então, Morris continuou timidamente: —

— Câmbio?

O silêncio foi tão prolongado que Morris pensou em chamar Payton novamente — a

eletricidade do ar tinha tornado impossíveis as comunicações por rádio a longa distância, e

bastante difíceis mesmo no perímetro da cidade — e, então, Payton disse em voz cansada e

amedrontada: — Ah, ah, meu Jesus, meu Jesus caramba *Cristo.* O que acontecendo por aqui?

— Bem, a senhora disse que eles estavam indo —

— *Eu ouvi da primeira vez!* — Payton berrou, tão alto, que sua voz se distorceu e

interrompeu-se. — Vá para a igreja católica! Se estiver acontecendo alguma concentração,

tente dispersar a multidão, mas não se machuque. Repito, *não se machuque.*

— Vou mandar reforços logo que puder — se ainda tiver algum reforço disponível. Vá!

Câmbio.

— Uhm, tenente Payton? Onde fica a igreja católica?

— Como, porra, posso saber? — *Payton gritou.*— Não é a igreja que eu freqüento! Siga a

multidão! Câmbio final e desligo!

Morris pendurou o microfone. Já não podia *ver* a multidão, mas ainda ouvia o coro, entre

um trovão e outro. Ligou a viatura e seguiu a cantoria.

11

O caminho que levava à porta da cozinha da casa de Myra Evans tinha nas bordas pedras

pintadas em cores pastel.

Cora Rusk pegou uma delas na mão que não carregava a pistola, sopesando-a. Tentou abrir

a porta. Estava trancada, como era de se esperar. Lançou a pedra pelo vidro e usou o cano da

arma para tirar os cacos e lascas que ainda se agarravam à moldura. Em seguida, passou a mão

para o lado de dentro, destrancou a porta, e entrou. O cabelo estava grudado às suas faces, em

mechas encharcadas e curvas. O vestido ainda estava desabotoado, e gotas de chuva escorriam

pela curva dos seios e dos mamilos.

Chuck Evans não estava em casa, mas Garfield, o gato angorá de Chuck e Myra, estava.

Ele entrou trotando na cozinha, miando, esperando sua comida, e Cora cuidou dele. O gato

voou para trás numa revoada de pêlo e sangue.

— Coma *isto*, Garfield! — Cora disse. Atravessou a fumaça feita pela arma e entrou no

corredor. Começou a subir as escadas. Sabia onde encontrar aquela vagabunda. Encontraria

Myra na cama. Cora sabia disso tão bem como sabia o seu próprio nome.

— Está na hora de ir para a cama, sim senhora — ela disse. — Pode acreditar, Myra, minha

querida.

Cora sorria.

12

Padre Brigham e Albert Gendron lideravam o batalhão de católicos furiosos na descida da

Avenida do Castelo, na direção da Rua Harrington. A meio caminho, ouviram a cantoria de

hinos. Os dois homens trocaram um olhar.

— Você acha que podemos fazer com que cantem outra música, Albert? — padre Brigham

indagou gentilmente.

— Acho que sim, padre — Albert respondeu.

— Que tal ensinarmos a eles “Vou Voltar Correndo para Casa"?

— Música muito boa, padre. Acho que até gente burra como eles é capaz de aprender essa

música.

Um raio cortou o céu. E iluminou a Avenida do Castelo com fulgor momentâneo,

mostrando aos dois homens uma pequena multidão que avançava subindo o morro em sua

direção. Os componentes da multidão tinham olhos brancos e vazios, como olhos de estátua,

no falsear do relâmpago.

— Lá estão eles! — gritou alguém, e uma mulher esganiçou: — Vamos pegar esses filhos

da mãe!

— Vamos botar algum lixo no saco — padre John Brigham disse alegremente, e fez carga

contra os batistas.

— Amém, padre — Albert respondeu, correndo a seu lado.

Todos eles começaram a correr.

Quando o policial Morris fez a curva, um novo relâmpago ziguezagueou pelo céu,

atingindo um dos velhos olmos à margem do riacho do Castelo. Na luz, ele viu dois grupos de

pessoas correndo para se enfrentarem. Um grupo subia o morro, e o outro descia, e os dois

grupos gritavam por sangue. De repente, o policial Morris desejou ter faltado ao serviço

naquela tarde, sob alegação de estar doente.

13

Cora abriu a porta do quarto de dormir de Myra e Chuck e viu exatamente o que estava

esperando: a cadela, deitada nua numa cama tão desarrumada que parecia ter estado em regime

de trabalhos forçados o dia inteiro. Uma das mãos estava para trás, escondida sob o travesseiro.

A outra segurava uma fotografia emoldurada. A fotografia estava presa entre as coxas carnudas

de Myra, que parecia estar tendo relações com ela. Os olhos estavam semicerrados em êxtase.

— Huuuuuuuummmm! Ah! — ela gemia. — Oooooh, ai! *OOOOOOOOOHHHHHH,*

AAAAAAAHHHHHHHH!

Ciúme horrorizado invadiu o coração de Cora e subiu-lhe à garganta até que sentiu o seu

gosto amargo na boca.

— Ora, sua vira-lata imunda! — ela ofegou, e sacou a automática.

Naquele instante, Myra fitou-a, e estava sorrindo. Tirou a mão livre que estava sob o

travesseiro. Nela segurava a automática que comprara do sr. Gaunt.

— O sr. Gaunt *disse* que você viria, Cora — ela disse, e atirou.

Cora sentiu que o projétil bateu no ar ao lado de sua face; ouviu quando ele se enterrou no

reboco ao lado esquerdo da porta. Apertou o gatilho de sua própria arma. A bala atingiu a

fotografia emoldurada, entre as pernas de Myra, estilhaçando o vidro e enterrando-se no alto da

coxa de Myra.

Também fez um buraco de bala no centro da testa de Elvis Presley.

— Olha o que você fez! — Myra guinchou. — Você atirou no Rei, sua bocetuda estupida!

Deu três tiros em Cora. Dois se perderam, mas o terceiro acertou a garganta de Cora,

empurrando-a para trás contra a parede num jato róseo de sangue. Ao cair, Cora atirou

novamente. O projétil fez um buraco na rótula do joelho de Myra e jogou-a a para fora da

cama. Então, Cora caiu de cara para o chão, a arma escorregando de sua mão.

Estou indo ao seu encontro, Elvis, tentou dizer, mas algo de terrivelmente, terrivelmente

errado estava se passando. Havia apenas trevas, e só ela perdida nessas trevas.

14

Os batistas de Castle Rock, liderados pelo rev. William Rose, e os católicos, comandos

pelo padre Brigham, encontraram-se ao pé do Morro do Castelo com um embate quase audível.

Não houve troca gentil de socos, as regras do Marquês de Queensberry não foram observadas.

O objetivo do confronto era arrancar olhos e quebrar narizes. Muito possivelmente, matar.

Albert Gendron, o gigantesco dentista que dava um boi para não entrar numa briga mas que

se tornava terrível quando sua fúria era finalmente despertada, agarrou Norman Harper pelas

orelhas e puxou a cabeça de Norman para frente. Curvou sua própria cabeça ao

mesmo tempo.

Os crânios colidiram com o som de louça que se quebra durante um terremoto. Norman

estremeceu, e depois ficou mole. Albert jogou-o para um lado como um saco de roupa suja e

tentou agarrar Bill Sayers, que vendia ferramentas na Western Auto. Bill se esquivou, e deu

um murro. Albert recebeu o soco direto na boca, cuspiu um dente, agarrou Bill num abraço de

urso, e espremeu até ouvir uma costela se quebrando. Bill desandou a berrar. Albert lançou-o

para o outro lado da rua, onde o policial montado Morris freou no momento exato para não

atropelá-lo.

A área tornara-se um amontoado de corpos lutando, socando, espremendo, gritando.

Tropeçavam uns nos outros, escorregavam na chuva, levantavam-se, atingiam e eram atingidos

por golpes. Às luzes fulgurantes dos relâmpagos pareciam se agitar numa estranha sarabanda

onde, ao invés de acompanhar o par, este era jogado contra a árvore mais próxima, ou batia-se

com o joelho no saco do parceiro em vez de fazer mesura.

Nan Roberts agarrou Betsy Vigue pelas costas de seu vestido, enquanto Betsy rasgava

tatuagens no rosto de Lucille Dunham com as unhas. Nan puxou Betsy para bem

perto, fez

com que girasse nos calcanhares, e enfiou dois dedos, até a segunda falange, fundo nas narinas

de Betsy. Betsy soltava gritos, como os apitos de neblina de um navio, enquanto Nan a sacudia

entusiasticamente, de um lado para outro, pendurada pelo nariz.

Com a ajuda de sua agenda, Frieda Pulaski abraçou Nan. Nan foi forçada a ajoelhar-se.

Seus dedos largaram o nariz de Betsy Vigue com um “plop” audível. Ao tentar levantar-se,

Betsy deu-lhe um chute na cara que a fez cair esparramada no meio da rua.

— Sua belequenta, você bachucou o beu dariz! — Betsy bradou. — Você BACHUCOU O

BEU DARIZ!

Tentou pisar a barriga de Nan. Nan agarrou o seu pé, girou-a, fez com que a outrora

chamada Betsy Lá-Lá caísse de borco na lama. Nan arrastou-se para cima dela; Betsy estava à

sua espera. Um momento depois, as duas rolavam engalfinhadas pela rua, trocando mordidas e

arranhões.

— *PAREM!!!*

Rugiu o policial Morris, mas sua voz perdeu-se num trovejar ensurdecedor que fez tremer

a rua inteira. Sacou a arma e apontou-a para o alto... mas antes que pudesse apertar o gatilho, a

alguém — só Deus sabe quem — atirou em sua genitália com uma das armas da venda

especial de Leland Gaunt. O policial Morris foi arremessado contra o capô de sua viatura

agarrando o que restava de seu equipamento sexual e tentando gritar.

Seria impossível dizer quantos dos combatentes tinham trazido armas compradas do sr.

Gaunt naquele dia. Não muitos, e alguns dos que *estavam* armados antes, tinham perdido as

automáticas por ocasião do rebuliço para fugir das bombas de fedor. Mas, pelos menos quatro,

ou mais, tiros foram ouvidos em rápida sucessão, tiros aos quais não se prestou atenção no

clamor das vozes que gritavam e do ronco tios trovões.

Len Milliken viu Jake Pulaski fazendo pontaria com uma das automáticas contra Nan, que

tinha permitido que Betsy se desvencilhasse e estava agora tentando sufocar Meade Rossignol.

Len agarrou o pulso de Jake forçando-o para cima, para o alto onde os relâmpagos fulguravam,

um segundo antes que o tiro saísse. Depois, puxou o pulso de Jake para baixo, contra o joelho,

e partiu-o como se fosse um galho seco. A arma caiu na rua molhada. Jake desandou a soltar

urros. Len deu um passo atrás e disse:

— Isto é para você aprender a —

E não pôde continuar porque alguém escolheu esse exato momento para enfiar a lâmina de

um canivete em sua nuca, seccionando a espinha dorsal de Len na altura da base do crânio.

Outras viaturas policiais começavam a aproximar-se, as luzes azuis girando loucamente na

escuridão lavada pela chuva. Os combatentes não prestaram atenção aos gritos de cessar e

desistir, pelos megafones. Quando os policiais montados tentaram dissolver a briga, viram-se,

ao contrário, engolfados na batalha.

Nan Roberts viu o padre Brigham, a maldita camisa preta rasgada ao longo das costas.

Segurava o rev. Rose pela nuca com uma das mãos. A outra estava fechada em punho, que

batia no nariz do reverendo repetidamente. O punho atingia o alvo, a mão segurando a nuca do

rev. Rose cedia um pouquinho para trás e depois trazia o rev. Rose de volta à posição original

para o próximo soco.

Bradando tão alto quanto lhe permitiam os seus pulmões, ignorando o confuso policial

montado que lhe dizia — quase lhe implorava — para parar e *parar naquele instante,* Nan

lançou Meade Rossignol longe e partiu para cima do padre Brigham.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

1

O CHICOTEAR DA TORMENTA tinha reduzido a velocidade do carro de Alan a um mero

rastejar, apesar de seu pressentimento cada vez mais forte de que o tempo tornara-se vital e

amargamente importante, e de que se não chegasse logo a Castle Rock, depois não faria

diferença se chegasse ou não. Muitas das informações de que realmente precisava, assim lhe

parecia agora, tinham estado sempre em sua mente, trancadas atrás de sólidas portas. Na porta

havia uma plaqueta impressa cuidadosamente — não se tratava da SALA DO PRESIDENTE

ou da SALA DA DIRETORIA ou sequer PARTICULAR — PROIBIDA A ENTRADA. A

plaqueta impressa na mente de Alan dizia ISTO NÃO FAZ SENTIDO. Tudo o que precisava

para destrancar aquela porta era... a chave certa. A chave que Sean Rusk lhe dera. E o que se

encontrava atrás daquela porta?

Ora, Coisas Necessárias. E seu proprietário, o sr. Leland Gaunt.

Brian Rusk tinha comprado a sua figurinha de beisebol em Coisas Necessárias, e Brian

estava morto. Nettie Cobb tinha comprado um abajur de opalina em Coisas Necessárias, e *ela*

também estava morta. Quantos outros, em Castle Rock, teriam ido até o poço buscar água

envenenada daquele homem maldito? Norris — uma vara de pescar. Polly — um talismã

mágico. A mãe de Brian Rusk — um par de óculos baratos que tinha alguma coisa a ver com

Elvis Presley. Até Ace Merrill — um livro antigo. Alan era capaz de apostar que Hugh Priest

também fizera a sua compra especial... e Danforth Keeton..

Quantos outros? *Quantos?*

Chegou ao princípio da Ponte das Latas exatamente no instante em que um raio caiu,

abatendo um dos velhos olmos à margem do riacho do Castelo. Fez-se um terrível estrondo

elétrico e um radioso fulgor selvagem. Alan jogou o braço sobre os olhos, mas a imagem

fixara-se em sua retina, em azul forte, ao mesmo tempo em que o rádio emitia um jato de

estática e o olmo tombava majestosamente na água do riacho.

Deixou cair o braço, depois clamou alto quando um trovão explodiu bem acima

de sua

cabeça, com um estrépito tão violento que poderia quebrar o mundo. Por um momento, seus

olhos ofuscados não conseguiram distinguir coisa alguma e ele temia que a árvore tivesse

caído sobre a ponte, bloqueando o seu caminho de volta à cidade. Viu em seguida o olmo

atravessado um pouco além da velha estrutura e enferrujada, enterrado num ninho de

corredeiras. Alan engatou a marcha e atravessou a ponte. Enquanto fazia a travessia, ouvia o

vento, que se transformara em vendaval, fazendo gemer as fundações e as vigas da ponte. Era

como um pio solitário e fantasmagórico.

A chuva batia no pára-brisas da velha caminhonete, transformando tudo à sua frente em

ondulante alucinação. Ao deixar a ponte para trás e entrar na parte baixa da Rua Principal, no

cruzamento com a Alameda do Moinho, a chuva já estava tão forte que os limpa-vidros,

mesmo na velocidade máxima, tornaram-se completamente inúteis. Abriu a janela, botou a

cabeça para fora, e foi assim que conseguiu dirigir. Ficou instantaneamente encharcado.

A área ao redor do Edifício Municipal estava congestionada de carros policiais e

caminhões de tv, mas, ao mesmo tempo, tinha uma aparência estranha e deserta,

como se as

pessoas a quem todos aqueles veículos pertenciam tivessem, subitamente, sido teleportadas

para o planeta Netuno por nefastos extraterrestres. Alan avistou alguns poucos repórteres

espiando pelo toldo de seus caminhões, e um policial estadual correu para o beco que levava

ao estacionamento do Edifício Municipal, os sapatos chapinhando na água da chuva. Nada

mais.

Três quadras acima, na direção do Morro do Castelo, um carro da policia estadual varou a

Principal, em alta velocidade, tomando a direção da Rua do Loureiro. Não se passou um

momento, e outro carro varou a Principal. Este se encontrava na Rua do Vidoeiro, e tomou

direção oposta à do primeiro. Aconteceu tão depressa — vapt-vupt! — que foi como uma cena

de comédia sobre a polícia desorientada. *Desta Vez Te Agarro,* quem sabe. Alan, entretanto,

nada achou de engraçado. Dava-lhe a sensação de ações despropositadas, movimentos pânicos

e sem sentido. Subitamente, teve certeza de que Henry Payton tinha perdido o controle do que

quer que estivesse ocorrendo em Castle Rock nessa noite... quer dizer, se é que ele, em

primeiro lugar, tivera algo mais do que a mera ilusão de controle.

Julgou ter ouvido gritos distantes, vindos da área do Morro do Castelo. Com a chuva,

trovões, relâmpagos, e o vento fustigante, era difícil ter certeza, mas não achava que aqueles

gritos fossem pura imaginação. Para prová-lo, uma viatura da polícia estadual roncou, saindo

velozmente do beco próximo ao Edifício Municipal, os faróis dianteiros e a luz giratória

iluminando fios prateados de chuva, e tomou a direção dos gritos. No processo, quase bateu de

raspão com um enorme caminhão de reportagem da WMTW.

Alan lembrou-se de que tinha tido o pressentimento, no princípio da semana, de que havia

algo de extremamente errado em sua cidadezinha — coisas que ele não conseguia perceber

estavam dando errado, e que Castle Rock tremia à beira de algum abalo inimaginável. E o

abalo se fizera presente, e tudo tinha sido planejado pelo homem

(Brian disse que o sr. Gaunt não é um homem de verdade)

Alan não tinha jamais conseguido perceber.

Um grito elevou-se na noite, alto e agudo. Seguido pelo som de vidro quebrado... e então,

de algum outro ponto, um tiro e uma gargalhada rouca e idiota. Os trovões ribombavam como

uma pilha de pesadas toras desabando.

Mas, tenho tempo agora, Alan pensou. Sim. Tenho tempo de sobra. sr. Gaunt, e creio que

devemos nos dizer alô; está mais do que na hora de o senhor descobrir o que acontece às

pessoas que insultam a minha cidade.

Ignorando os ruídos distantes de caos e violência que ouvia pela janela aberta do carro,

ignorando o Edifício Municipal onde Henry Payton, presumivelmente, coordenava as forças da

lei e da ordem — ou tentava — Alan foi para a Rua Principal, dirigindo-se para Coisas

Necessárias.

Ao fazê-lo, um violento raio branco-roxo riscou o céu como uma árvore elétrica

incendiada, e enquanto o acompanhamento das trovoadas ainda roncava, todas as luzes de

Castle Rock se apagaram.

2

O policial Norris Ridgewick, vestido no uniforme que reservava para as paradas e outras

ocasiões de gala, se encontrava no galpão contíguo à casa em que tinha morado com sua mãe

até ela morrer de colapso no outono de 1986, a casa onde, desde então, ele vivia sozinho.

Estava em cima de uma banqueta. Um bom pedaço de corda grossa, com um nó na ponta,

pendia de uma das vigas do telhado. Norris passou o nó da corda ao redor da

cabeça e estava a

ponto de apertá-lo contra a orelha direita quando um relâmpago fulgurou e as duas lâmpadas

elétricas que iluminavam o galpão se apagaram.

Ainda assim, ele enxergava a vara de pesca Bazun encostada à parede ao lado da porta que

dava para a cozinha. Tinha desejado tanto aquela vara de pesca e acreditara ter pago tão pouco

por ela, mas, ao fim, era um preço muito alto. Alto demais para Norris pagar.

Sua casa localizava-se no braço alto da Alameda do Moinho, de onde se descortina o

Morro do Castelo e a Vista. O vento soprava da direita, e ele ouvia os sons de uma briga que

ainda ali continuava — os gritos, os berros, um tiro ocasional.

Eu sou o responsável por aquilo, pensou. Não de todo — droga, não — mas sou parte

disso. Participei. Eu sou a razão pela qual Henry Beaufort está ferido ou morrendo, ou talvez já

esteja morto em Oxford. Eu sou a razão pela qual Hugh Priest está numa gaveta do médico-

legal. Eu. O cara que sempre quis ser da polícia e auxiliar as pessoas, o cara que quis ser da

polícia desde que era menino. Burro, engraçado, desajeitado Norris Ridgewick que achava que

precisava de uma vara de pesca Bazun e podia pagar barato por ela.

— Sinto muito tudo o que causei — Norris disse. — Isto não endireita as coisas,

mas, pelo

que vale, *sinto muito mesmo!*

Preparou-se para pular da banqueta, e subitamente uma voz desconhecida falou dentro de

sua cabeça: *Então, por que não tenta endireitar, seu covardezinho de meia pataca?*

— Não posso — Norris disse. Relâmpagos fulgiam; sua sombra se agitava loucamente

contra a parede, como se ele estivesse executando uma dança no ar. — É tarde demais.

Então, pelo menos, dê uma olhada naquilo PELO QUE fez tudo, insistiu a voz irada. *Isso*

você pode, não pode? Dê uma olhada! Dê uma BOA olhada!

Outro relâmpago cintilou. Norris olhou para a vara Bazun... e soltou um berro de agonia e

incredulidade. Fez um movimento brusco, quase caindo da banqueta e enforcando-se por

acidente.

A esguia Bazun, tão forte e flexível, já não se encontrava no lugar. Tinha sido substituída

por uma vara da bambu, suja e lascada, nada além de um bambuzinho com um molinete

infantil preso a ela por um parafuso enferrujado.

— Foi roubada! — Norris gritou. E todo o seu amargo ciúme, sua cobiça desvairada

voltaram num piscar de olhos, e sentiu que precisava ir para as ruas e encontrar o

ladrão.

Mataria todos eles, todo mundo da cidade, se fosse necessário para chegar ao miserável

homem ou mulher responsável.

— ALGUÉM LEVOU A MINHA BAZUN! — ele gemeu novamente, oscilando em cima

da banqueta.

— *Não*, a voz irada respondeu. *É assim que ela sempre foi. Os seus antolhos é que foram*

levados — aqueles que você próprio colocou, por sua livre e espontânea vontade.

— Não! — Mãos monstruosas segurando os lados de sua cabeça e que começavam, agora,

a espremer. — Não, não, *não!*

Mas, um relâmpago fulgurou, novamente mostrando a ele o bambu sujo onde pouco

minutos antes estivera a sua Bazun. Era onde a tinha colocado, para que fosse a última coisa

que veria antes de tirar os pés da banqueta. Ninguém tinha estado aqui; ninguém mexera nela;

conseqüentemente, a voz tinha razão.

Está como sempre foi, a voz irada prosseguiu. *A única questão é a seguinte: você vai fazer*

alguma coisa a esse respeito, ou vai se refugiar na escuridão?

Ele pôs-se a procurar o nó da corda, e naquele momento teve a impressão de que não se

encontrava sozinho no galpão. Naquele momento teve a impressão de sentir o cheiro de tabaco,

e de café, e uma leve colônia — Southern Gentleman, talvez — os odores do sr. Gaunt.

Ou perdeu o equilíbrio, ou mãos zangadas e inviáveis o empurraram da banqueta. Um pé

escorregou quando ele balançou para frente e tombou-a.

O grito de Norris foi sufocado pelo nó corrediço que rapidamente se apertou. Sua mão

aflita encontrou a viga acima de sua cabeça e a agarrou. Ele conseguiu soerguer metade do

corpo, dando-se um pouco de folga. A outra mão tateava a corda. Fios de cânhamo picavam-

lhe o pescoço.

Não, de fato! ouviu o sr. Gaunt bradar furioso. *Não, de fato mesmo, seu caloteiro de uma*

figa!

Ele não estava presente; não fisicamente; Norris sabia que não tinha sido empurrado. No

entanto, tinha certeza absoluta de que aquela parte do sr. Gaunt *estava* aqui, assim mesmo... e o

sr. Gaunt não estava satisfeito, porque não era assim que o caso devia desenrolar-se. Não, pelo

menos, até que fosse tarde demais.

Ele puxava e mexia na corda, mas era como se o nó tivesse sido fabricado de concreto. O

braço que o mantinha suspenso começava a tremer violentamente. Seus pés iam e vinham em

movimento de tesoura, acima do chão. Não conseguiria manter-se nessa posição de

levantamento em barra por muito tempo. Já era de admirar que tivesse mantido uma folga

qualquer naquela corda.

Finalmente, deu um jeito de enfiar dois dedos sob o nó e abri-lo pela metade.

Deslizou a cabeça para fora dele no momento em que uma câimbra horrível e paralisante

atingiu o braço pelo qual se mantinha. Caiu ao chão numa trouxa ofegante, apertando o braço

dolorido contra o peito. Um raio chicoteou, transformando a saliva que lhe cobria os dentes à

mostra em diminutos arcos vermelhos de luz. Desmaiou... por quanto tempo, não saberia dizer,

mas a chuva continuava caindo forte e os relâmpagos ainda cintilavam quando sua mente

voltou ao que era.

Pôs-se de pé cambaleando e foi até a vara de pesca, ainda segurando o braço. A câimbra

começava a amenizar, mas Norris ainda ofegava. Pegou a vara de bambu, examinando-a detida

e exasperadamente.

Bambu. Bambu velho, emporcalhado. Não valia o mundo; não valia *nada*.

O peito magro de Norris doía ao respirar, e ele deixou escapar um grito de raiva

e

vergonha. No mesmo instante, ergueu o joelho, quebrando nele a vara de bambu. Dobrou os

pedaços e tornou a quebrar. Pareciam malignos — quase infectos — ao contato de suas mãos.

Eram *fraudulentos*. Lançou-os ao chão e eles rolaram, indo parar ao lado da banqueta tombada,

parecendo outros tantos pedaços sem significado.

— Pronto! — ele gritou. — Pronto! *Pronto! PRONTO!*

Os pensamentos de Norris voltaram-se para o sr. Gaunt. O sr. Gaunt, com seus cabelos

prateados e seu paletó de *tweed* e seus dentes gulosos e irregulares.

— Eu pego você — Norris Ridgewick vociferou. — Não sei o que pode acontecer depois,

mas vou pegar você *de jeito!*

Foi para a porta do galpão, abriu-a de supetão, e saiu no temporal. A Unidade 2 estava na

entrada da casa. Curvou seu corpo franzino contra o vento e foi para o carro.

— Não sei o que você é — Norris disse. — Mas vou atrás do seu rabo sujo e mentiroso.

Entrou no automóvel e deu ré até a rua. Humilhação, decepção, raiva batalhavam em

igualdade de condições em suas feições. Ao chegar à rua, dobrou à esquerda e tomou a direção

de Coisas Necessárias, guiando tão rápido quanto se atrevia.

3

Polly Chalmers sonhava.

Em seu sonho, entrava em Coisas Necessárias, mas o vulto atrás do balcão não era o sr.

Leland Gaunt — era tia Ewie Chalmers. Tia Ewie, em seu melhor vestido azul e seu xale azul,

aquele que tinha uma bainha vermelha. Preso entre os dentes grandes, e até improvavelmente

falsos, fumava um charuto Herbert Tareyton.

Tia Ewie! Polly gritava em seu sonho. Um prazer imenso e um alívio ainda maior — essa

espécie de alívio que só se pode sentir em sonhos, e no momento em que se acorda de um

pesadelo — invadiu-a como se fosse luz. *Tia Ewie! Você está viva!*

Mas, tia Ewie não deu sinal de reconhecê-la. *Compre o que quiser, senhorita,* dizia tia

Ewie. *E, falando nisso, seu nome é Polly ou Patrícia? Não sei por quê, não me lembro.*

Tia Ewie, você sabe o meu nome — eu sou Trisha. Sempre fui Trisha para você.

Tia Ewie não prestou atenção. *Seja qual for o seu nome, hoje é dia de liquidação. Nada*

deve sobrar!

Tia Ewie, o que está fazendo aqui?

Eu FAÇO PARTE disto, tia Ewie disse. *Todas as pessoas desta cidade fazem parte disto,*

srta. Dois-Nomes. Na verdade, o MUNDO todo faz parte disto, porque todo mundo adora uma

pechincha. Todo mundo adora qualquer coisa que não custe nada... mesmo que custe tudo.

A sensação agradável desapareceu repentinamente. Substituída pelo pavor. Polly espiou

nos balcões de vidro e viu garrafas contendo um fluido escuro marcado TÔNICO ELÉTRICO

DO DR. GAUNT. Havia brinquedos de mola, mal-acabados, que cuspiriam seus parafusos e

soltariam suas molas na segunda vez que fossem usados. Havia grosseiros objetos de sexo.

Havia vidrinhos do que parecia ser cocaína — estes estavam rotulados como sendo O

POTENTE PÓ DE FANTASIA DO DR. GAUNT. Novidades baratas abundavam: cocô de

plástico, pó-de-mico, cigarros de mentira e campainhas de música. Havia um par de óculos de

raios-X que se alardeava capaz de fazer com que se enxergasse através de portas fechadas ou

roupas femininas, mas que na verdade simplesmente deixavam marcas de carvão ao redor dos

olhos de quem os usava. Havia flores de plástico e cartas marcadas de baralho e vidros de

perfume barato rotulados de POÇÃO DO AMOR DO DR. GAUNT Nº 9 — TRANSFORMA

A INDIFERENÇA EM LUXÚRIA. Os balcões da loja eram um catálogo

completo do que

havia de mais sem gosto, sem época, sem utilidade.

O que desejar, senhorita Dois-Nomes, disse a tia Ewie.

Por que me chama assim, tia Ewie? Por favor — não me reconhece?

Todas as mercadorias têm garantia de bom funcionamento. A única coisa que não

garantimos que vá funcionar é VOCÊ. Por isso, entre aqui e compre, compre, compre.

E agora fitava Polly fixamente, e o pavor atravessou Polly como um punhal. Viu

compaixão nos olhos de tia Ewie, mas era uma compaixão terrível e implacável.

Como é o seu nome, criança? Parece-me que já o soube.

No seu sonho (e em sua cama) Polly pôs-se a chorar.

Alguém esqueceu o seu nome? tia Ewie perguntou. *Imagine. Parece que sim.*

Tia *Ewie, está me assustando!*

Você está se assustando, criança, tia Ewie respondeu, pela primeira vez olhando Polly

diretamente. *Lembre-se apenas de que quando você compra alguma coisa aqui, você também*

vende alguma coisa.

Mas eu preciso *dele!* Polly gritou. Chorava mais forte. *Minhas mãos!...*

Sim, isto resolve o assunto, srta. Polly Frisco, tia Ewie disse e mostrou um dos vidros

marcados TÔNICO ELÉTRICO DO DR. GAUNT. Colocou-o em cima do balcão — um

vidrinho quadrado cheio de alguma coisa que parecia lama mole. *É claro, não pode tirar a dor*

— nada pode tirá-la — mas faz uma transferência.

O que está dizendo? Por que está me assustando?

Transfere o local da sua artrite, srta. Dois-Nomes — em vez de afetar suas mãos, a doença

ataca o seu coração.

Não!

Sim.

Não! Não! NÃO!

Sim. Ah, sim. E também a sua alma. Mas você conservará o seu orgulho. Pelo menos isto

lhe restará. E não terá uma mulher direito ao seu amor-próprio? Quando tudo o mais acaba

— alma, coração, o homem que você ama — ainda lhe restará o seu amor-próprio, não é

assim, pequena srta. Polly Prisco? Terá essa única moeda sem a qual a sua cortesia estaria

completamente vazia. Que isto lhe sirva de negro e amargo conforto, para o resto de sua vida.

Que lhe sirva bem. Tem que servir, pois caso persista em seguir essa trilha em que está agora,

certamente nada mais lhe restará.

Pare com isso, por favor, será que não pode —

— Pare — ela resmungou em seu sono. — Por favor, pare. *Por favor.*

Virou-se de lado. O *azka* tilintou suavemente contra a correntinha. Um raio iluminou o céu,

atingindo o velho olmo à beira do riacho, abatendo-o sobre a água tumultuada, enquanto Alan

estava ao volante de sua velha caminhonete, ofuscado pelo fulgor.

O ronco do trovão que se seguiu acordou Polly. Seus olhos se abriram depressa. Sua mão

ergueu-se imediatamente para o *azka,* fechando-se ao redor dele num gesto protetor. A mão

estava mais flexível; as juntas se mexiam com tanta facilidade quanto rolimãs mergulhados em

óleo de limpeza.

Srta. Dois-Nomes... srta. Polly Prisco.

— O quê...? — a voz saiu espessa, mas sua mente já se mostrava desanuviada e alerta,

como se não tivesse dormido, mas simplesmente caído em tão profundos pensamentos que

eram quase um transe. Algo crescia em sua mente — algo do tamanho de uma baleia. Fora, os

raios cintilavam e ziguezagueavam pelo céu como faíscas vermelhas.

Alguém mais esqueceu seu nome?... Parece que sim.

Estendeu a mão para o abajur de cabeceira e acendeu a luz. Ao lado do telefone Princess —

aquele, especialmente equipado com teclas tamanho gigante, do qual não mais precisava —

estava o envelope que ela encontrara no vestíbulo da casa, junto com o resto da

correspondência, ao voltar para casa naquela tarde. Tinha dobrado a carta novamente,

guardando-a dentro do envelope.

Perdidos na noite, entre um e outro trovejar, julgou ouvir gritos. Polly os ignorou. Pensava

no cuco, que põe seus ovos em ninho estranho enquanto o dono se encontra ausente. Quando a

futura mamãe ave volta ao ninho, será que nota a presença do ovo adicional? Claro que não,

simplesmente o aceita como se fosse seu. Do mesmo modo que Polly aceitara aquela maldita

carta, simplesmente porque acontecera de estar jogada no chão junto com dois catálogos e a

programação de uma TV a cabo do Maine.

Simplesmente a aceitara...mas, *qualquer um* pode jogar uma carta na caixinha de correio da

porta, é ou não é?

— Srta. Dois-Nomes — murmurou desanimada. — Pequena srta. Polly Frisco.

E, era isso mesmo, não é? O detalhe que sua mente subconsciente tinha relembrado e feito

com que tia Ewie lhe repetisse. *Tinha* usado o nome de Polly Frisco.

Fora seu nome, há muito, muito tempo.

Estendeu a mão para apanhar o envelope.

Não! preveniu-a uma voz, e aquela era uma voz que ela conhecia muito bem.

Não toque

nisso, Polly — não toque nisso, se sabe o que é bom para você!

Dor, negra e forte como café requentado, fustigou-lhe as mãos.

Não pode tirar a dor... mas faz uma transferência.

Aquela coisa em sua mente, do tamanho de uma baleia, estava emergindo. A voz do sr.

Gaunt não poderia impedir — nada poderia impedir.

VOCÊ! Você pode, Polly, disse o sr. Gaunt. Acredite-me, você deve.

Sua mão recolheu-se antes de tocar a carta. Voltou ao *azka*, formando um escudo protetor

ao redor dele. Sentia alguma coisa ali dentro, alguma coisa que se aquentara ao calor do seu

corpo, e agora corria freneticamente no interior do amuleto oco de prata, o que a encheu de

repugnância, causando náuseas e fraqueza em seu estômago, e fazendo virar suas entranhas.

Relaxou e novamente estendeu a mão para a carta.

Último aviso, Polly, disse-lhe a voz do sr. Gaunt.

Sim, replicou-a voz de tia Ewie. Creio que ele está falando a sério, Trisha. Ele sempre

apreciou tanto as mulheres que preservam o seu orgulho, mas quer saber de uma coisa? Não

creio que ele goste muito daquelas que decidem abrir mão dele antes da queda. Acho que

chegou a hora em que você terá que decidir, de uma vez por todas, qual é o seu

nome

realmente.

Polly apanhou o envelope, ignorando uma fisgada de aviso em suas mãos, e examinou o

endereço datilografado cuidadosamente. Esta carta — esta *pretensa* carta, esta *pretensa* xerox

— tinha sido enviada a "Sra. Patrícia Chalmers".

— Não — ela murmurou. — Errado. O *nome* está errado. — Sua mão fechou-se lenta e

firmemente ao redor da carta, amassando-a. Uma dor surda, que Polly ignorou, invadiu seu

pulso. Seus olhos estavam brilhantes e febris. — Eu sempre fui Polly em San Francisco — eu

era Polly para todo mundo, *inclusive para o Departamento de Proteção ao Menor!*

Este tinha sido um dos aspectos de sua tentativa de deixar completamente para trás sua

vida antiga que ela acreditava ter-lhe feito tanto mal, jamais permitindo-se sequer sonhar,

mesmo em suas noites de mais densas trevas, que a maioria de suas mágoas era autoflagelação.

Em San Francisco, não tinha havido Trisha ou Patrícia — apenas Polly. Tinha preenchido

todas os três formulários de Auxílio ao Menor Dependente com esse nome, e assim tinha

assinado o seu nome — como Polly Chalmers, sem inicial média.

Se Alan tivesse *realmente* procurado o pessoal do D.P.M. em San Francisco, supunha que

ele teria dado o nome de Patrícia, e neste caso, não teriam as buscas de arquivo resultado

inúteis? Sim, claro. Nem mesmo haveria correlação de endereços, pois aquele que tinha

informado no espaço reservado para ENDEREÇO DA RESIDÊNCIA ANTERIOR, há tantos

anos atrás, tinha sido o da casa de seus pais, que ficava do outro lado da rua.

E se Alan tivesse fornecido os dois nomes? *Polly* e *Patrícia?*

E, se assim fosse? Tinha suficiente conhecimento da burocracia governamental para saber

que, independente do nome ou nomes que *Alan* tivesse fornecido, ao escrever para ela, o

departamento endereçaria a carta ao nome e endereço que constavam de seus arquivos. Polly

tinha uma amiga em Oxford cuja correspondência vinda da Universidade do Maine ainda era

endereçada em seu nome de solteira, embora estivesse casada há vinte anos.

Mas, este envelope tinha vindo endereçado a *Patrícia* Chalmers, não a Polly Chalmers. E

quem, ainda hoje, a chamara de Patrícia?

A mesma pessoa que sabia que Nettie Cobb chamava-se na verdade Netitia Cobb. Seu bom

amigo Leland Gaunt.

Toda essa bagunça com os nomes é interessante, disse tia Ewie

inesperadamente, *mas não*

é, na verdade, a parte importante. A parte importante é o homem — o seu homem. Ele é o seu

homem, não é? Mesmo agora. Você sabe que ele jamais se intrometeria, como aquela carta

diz que ele fez. Não importa qual o nome no endereço, nem quão convincente possa ter

parecido... você sabe disso, não sabe?

— Sim — ela sussurrou. — Eu conheço o *Alan.*

Teria ela, de fato, dado crédito à carta? Ou teria ela deixado de lado suas duvidas a respeito

daquela carta absurda e inacreditável porque tinha medo — terror, realmente — de que Alan

vislumbrasse a verdade sórdida do *azka*, forçando-a a escolher entre ele e o talismã?

— Ah, não — assim é muito simples — ela murmurou. — Você acreditou, sim. Apenas

pela metade de um dia, mas acreditou. Oh, meu Jesus. Oh, meu Jesus, que fiz eu?

Arremessou a carta amassada ao chão com a expressão de nojo que uma mulher teria ao

verificar que estava segurando um rato morto.

Eu não disse a ele a razão da minha raiva; não lhe dei uma chance de explicar;

simplesmente... simplesmente, acreditei. Por quê? Em nome de Deus, porquê?

Ela sabia a resposta, claro. O medo repentino e vergonhoso de que suas mentiras a respeito

da causa da morte de Kelton tivessem sido descobertas, que se suspeitasse o tormento daqueles

anos em San Francisco, que a sua culpabilidade com relação à morte de seu bebê fosse

avaliada... e tudo isto por aquele único homem no mundo cuja opinião a seu respeito ela queria

e precisava que fosse boa.

Mas, isto não era tudo. Não era sequer o principal. O principal era o seu orgulho — ferido,

ultrajado, latejante, inchado, infecto orgulho. Orgulho, a moeda sem a qual a sua bolsa estaria

completamente vazia. E acreditara nisso, porque sua vergonha a deixara em pânico, a vergonha

que nascera do orgulho.

Sempre admirei as mulheres que se orgulham de si mesmas.

Uma onda terrivel de dor assaltou suas mãos. Polly gemeu, apertando-as contra o peito.

Ainda não é tarde demais, Polly, disse o sr. Gaunt docemente. Mesmo agora, não é tarde

demais.

— *Ora foda-se o orgulho*! — Polly gritou estridentemente no escuro do seu quarto fechado

e abafado, arrancando o *azka* do pescoço. Ergueu-o alto acima da cabeça, no punho fechado, a

fina correntinha de prata balançando loucamente, e ela sentiu que a superfície do amuleto se

rachava como casca de ovo, dentro de sua mão.

— *FODA-SE O ORGULHO!*

Imediatamente, como um animalzinho faminto, a dor trilhou o caminho de suas mãos... ela,

no entanto, sabia que essa dor não era tão forte quanto ela temia; nem de longe tão forte quanto

ela temia. Sabia disso com tanta certeza como sabia que Alan jamais se dirigiu ao

Departamento de Proteção ao Menor em San Francisco, para fazer indagações a seu respeito.

— *FODA-SE O ORGULHO! FODA-SE! FODA-SE! FODA-SE! — ela gritou, jogando o*

azka através do quarto.

O amuleto bateu contra a parede, saiu pulando pelo soalho, e partiu-se. Um raio relampejou

e ela viu duas patas peludas surgindo pela rachadura. A rachadura alargou-se, e o que rastejou

lá de dentro foi uma pequena aranha que saiu correndo na direção do banheiro. Outro

relâmpago cintilou, imprimindo a sombra oval e alongada da aranha sobre o chão como se

fosse uma tatuagem elétrica.

Polly saltou da cama e correu atrás dela. Devia matá-la, e depressa... pois, mesmo enquanto

a observava, a aranha começara a crescer. Tinha se alimentado do veneno que sugara do

corpo.de Polly, e agora que estava livre de sua prisão, não se poderia saber de que tamanho

ficaria.

Ela bateu no interruptor de luz do banheiro e a luz fluorescente sobre a pia se acendeu. Viu

a aranha correndo para a banheira. Ao entrar no banheiro não era maior do que um besouro.

Agora, já estava do tamanho de um camundongo.

À entrada de Polly, a aranha virou-se e correu em sua direção — aquele pavoroso

tamborilar de suas patas nos azulejos — e Polly teve tempo de pensar: ela ficou entre os meus

seios, apoiada EM MIM, apoiada em mim O TEMPO TODO —

O corpo da aranha era um marrom-negro áspero. Pêlos minúsculos se eriçavam nas patas.

Olhos fixos como rubis falsos fitavam-na... e Polly notou que dois dentes saíam de sua boca

como caninos curvos de vampiro. Deles pingava um líquido claro. Onde as gotinhas caíam,

formavam-se diminutas crateras fumegantes. Polly deu um grito e agarrou o desentupidor que

ficava ao lado do vaso. Foi como se suas mãos devolvessem seu grito, mas fechou-as, mesmo

assim, ao redor do cabo do desentupidor e bateu com ele na aranha. Ela recuou, agora com

uma das patas quebrada, inutilmente torta e pendurada. Polly foi em seu encalço,

quando ela

correu para a banheira.

Ferida ou não, continuava a crescer. Já estava do tamanho de uma ratazana. A barriga

inchada ia se arrastando pelos azulejos, mas subiu pela cortina do chuveiro com surpreendente

agilidade. Sobre a cortina de plástico, suas patas faziam o ruído de gotas caindo. As argolas

tilintavam na barra metálica.

Polly usou o desentupidor como se fosse um bastão de beisebol, a concha de sucção

cortando o ar com um "uuuush", e bateu novamente naquela criatura horrenda. A concha de

borracha abrangia uma boa extensão de área, mas, infelizmente, não funcionou muito bem. A

cortina de plástico enfunou-se para dentro e a aranha caiu na banheira com um "ploc" pesado.

Naquele instante, as luzes se apagaram.

Polly ficou no escuro, desentupidor na mão, ouvindo o ruído que a aranha fazia ao fugir.

Foi quando outro relâmpago fulgurou e ela viu o corpo áspero e curvo projetando-se pela

beirada da banheira. A coisa, que tinha saído de dentro de um *azka* que não era maior que um

dedal, estava agora do tamanho de um gato — aquela coisa que vinha se alimentando do

sangue de seu coração ao mesmo tempo em que abstraía a dor de suas mãos.

O envelope que deixei na velha propriedade dos Cambers — o que seria?

Sem o *azka* ao redor do pescoço, com a dor agora desperta e urrando em suas mãos, ela já

não poderia convencer-se de que nada tinha a ver com Alan.

Os caninos da aranha batiam na borda de porcelana da banheira, fazendo um barulho

semelhante ao de uma moeda contra uma superfície dura batida por alguém que quer chamar a

atenção. Seus olhos inexpressivos de boneca agora a observavam acima da borda da banheira.

É tarde demais, aqueles olhos pareciam dizer. Tarde demais para Alan, tarde demais para

você. Tarde demais para todo mundo.

Polly arremessou-se em sua direção.

— O que você me fez fazer? — ela gritou. — O que você me fez fazer? Oh, seu monstro, O

QUE VOCÊ ME FEZ FAZER?

E a aranha se ergueu nas patas traseiras, obscenamente batendo com as patas dianteiras na

cortina de plástico, a fim de equilibrar-se e enfrentar o ataque.

5

Ace Merrill começou a respeitar um pouquinho o velhote, quando Keeton surgiu com uma

chave que abria e trancava o galpão em cujas portas se achavam pintados os

losangos

vermelhos que indicavam ALTO EXPLOSIVO. Começou a respeitá-lo um pouco mais quando

sentiu o ar frio, ouviu o ronco baixo e ininterrupto do ar-condicionado e viu os engradados

empilhados. Dinamite comercial. Um montão de dinamite comercial. Não era o mesmo que um

arsenal cheio de mísseis Stinger, mas dava um bom samba. Ora, se dava.

No espaço entre os bancos da frente, havia uma poderosa lanterna de oito pilhas

juntamente com um bom suprimento de outras úteis ferramentas, e neste instante — enquanto

Alan se aproximava de Castle Rock em sua caminhonete, enquanto Norris Ridgewick sentava-

se na cozinha de sua casa, armando um nó de forca com um bom pedaço de corda forte,

enquanto o sonho de Polly Chalmers com a tia Ewie chegava ao fim — Ace corria o facho de

luz da lanterna de um engradado para outro. Acima de suas cabeças, a chuva tamborilava no

teto do galpão. Caía agora com tal intensidade que Ace quase chegou a acreditar que estava de

volta aos chuveiros da penitenciária.

— Vamos em frente — Buster disse, com voz baixa e rouca.

— Só um minuto, papai — Ace disse. — Hora do lanche. — Passou a lanterna para Buster

e pegou o saquinho de plástico que lhe tinha sido dado pelo sr. Gaunt. Despejou

um pouquinho

da coca na concha da mão esquerda e aspirou rapidamente.

— O que é isso? — Buster indagou, desconfiado.

— Pozinho sul-americano ultrapotente, e gostoso à beça.

— Huh — Keeton resmungou. — Cocaína. O que Eles vendem é cocaína.

Ace não precisou perguntar quem eram Eles. O velhote não falara de outra coisa durante

lodo o caminho, e Ace desconfiava que ele não falaria de outro assunto o refilo da noite.

Não é verdade, papai — Ace disse. — Eles não vendem; Eles são aqueles que querem tudo

para Si Mesmos. — Despejou mais um pouquinho no côncavo da base do polegar c estendeu a

mão. — Experimente e diga se não tenho razão.

Keeton fitou-o num misto de dúvida, curiosidade e suspeita. — Por que você fica me

chamando de papai? Não tenho *idade* suficiente para ser seu pai.

— Hem, duvido que você já tenha lido revistas de quadrinhos *underground,* mas tem um

cara chamado R. Crumb — Ace explicou. A cocaína começava a fazer efeito dobre ele,

despertando todos os filamentos nervosos de seu corpo. — Ele desenha quadrinhos a respeito

de um personagem chamado Zippy. E, para mim, você é igualzinho ao papai do Zippy.

— E isso é bom? — Keeton perguntou em tom de dúvida.

— Bárbaro — Ace assegurou-lhe. — Mas, se quiser, posso chamá-lo de sr. Keeton.

— Fez uma pausa, e depois continuou deliberadamente: — Exatamente como Eles.

— Não — Buster replicou de imediato. — Está bem assim. Contanto que não seja um

insulto.

— De forma alguma — Ace disse. — Vamos... prove aqui. Um pouco *desta* titiquinha e

você vai sair cantando “Eu vou... eu vou... pra mina agora eu vou...” até o dia clarear.

Buster lançou-lhe mais um olhar de profunda suspeita, e em seguida aspirou a coca que

Ace lhe oferecera. Tossiu, espirrou, e depois fechou o nariz com a mão. Seus olhos

lacrimejantes fitaram Ace acusadoramente.

— Isto *arde!*

— Só na primeira vez — Ace assegurou-lhe alegremente.

— Seja como for, não estou sentindo coisa alguma. Vamos parar de besteira e botar esta

dinamite dentro do caminhão.

— Pode apostar, papai.

Em menos de dez minutos tinham carregado as caixas de dinamite. Depois de carregarem a

última, Buster comentou;

— Talvez esse seu pó faça *mesmo* algum efeito, afinal de contas. Pode me dar mais um

pouco?

— Claro, papai — Ace sorriu. — Vamos fazer a festa juntos.

Cheiraram, e depois voltaram à cidade. Buster guiava, e agora já não parecia o pai de

Zippy, mas o Sapo Tadeu de *Dois Sujeitos Fabulosos** [*Título original The Wind in the Willows. (N. do

E.)] , *de* Walt Disney. Uma luz nova e irrequieta surgira nos olhos do presidente do Conselho

Municipal. Era de admirar a rapidez com que a confusão se dissipara de sua mente; sentia-se

agora em punição de entender tudo que Eles tinham tramado — cada plano, cada intriga, cada

maquinação. Contou tudo a Ace, e Ace ouviu, sentado nos fundos do caminhão, as pernas

cruzadas, adaptando marcadores de tempo aos detonadores.

Pelo menos por enquanto, Buster esquecera-se completamente de Alan Pangborn, que era o

Chefão Deles. Estava fascinado com a idéia de explodir Castle Rock — ou tanto dela quanto

possível — até o Dia do Juízo.

O respeito de Ace transformou-se em concreta admiração. O velhote era doido, e Ace

gostava de doidos — como sempre gostara. Sentia-se à vontade com eles. E,

como quase todos

na primeira experiência com cocaína, a cabeça do velhote estava fazendo turismo nos planetas

exteriores. Não conseguia calar-se. Ace limitava-se apenas a repetir:

— Uh-hum... — ou —... ’tá certo... — ou —... Que foda!

Por várias vezes, quase o chamou de Sapo Tadeu, ao invés de papai, mas corrigia-se a

tempo. Dar a este cara o nome de Sapo Tadeu parecia-lhe uma idéia muito idiota.

Atravessaram a Ponte das Latas quando faltavam ainda 5km para Alan chegar a ela, e

saíram na chuva grossa. Ace encontrou um cobertor nos compartimentos embutidos do

caminhão e nele embrulhou um pacote de dinamite e um dos marcadores de tempo equipados

com detonador.

— Precisa de ajuda? — Buster perguntou, com nervosismo.

— É melhor me deixar lidar com isto, papai. Era capaz de você cair na droga da correnteza,

e eu ia perder tempo pescando você no riacho. Mas, fique de olhos abertos, está bem?

— Ficarei, Ace... será que, primeiro, não podemos cheirar mais um pouquinho daquela

cocaína?

— Agora, não — Ace respondeu, indulgente, e deu um tapinha no braço carnudo de

Buster. — Essa titica é quase pura. Quer explodir?

— *Eu,* não — Buster disse. — O resto pode explodir, mas *eu* não. — Desandou a rir

insanamente. Ace também riu.

— Está se divertindo esta noite, não é, papai?

Buster admirou-se ao dar-se conta de que era verdade. Sua depressão depois do... acidente

com Myrtle... parecia-lhe ter sido há anos. Achava que ele e seu excelente amigo, Ace Merrill,

finalmente tinham conseguido encurralá-Los exatamente onde queriam: na palma de sua mão

coletiva.

— Pode apostar — respondeu, e ficou vendo Ace descer pela margem molhada e cheia de

mato, ao lado da ponte, carregando o cobertor que continha o pacote de dinamite apertado

contra a barriga.

Estava relativamente seco embaixo da ponte — não que isto tivesse importância — tanto a

dinamite como os detonadores eram à prova d'água. Ace colocou o pacote no cruzamento de

duas vigas da estrutura e depois fez a ligação do detonador colocando as duas pontas — que já

estavam desencapadas, que conveniência! — em uma das bananas de dinamite. Girou o

ponteiro negro do marcador para 40. Ele começou o tique-taque.

Arrastou-se para fora e subiu a margem escorregadia, resvalando de vez em quando.

— Bem? — Buster perguntou ansioso. — Vai explodir, você acha?

— Vai explodir — Ace respondeu em tom tranqüilizador, e entrou no caminhão. Estava

encharcado até os ossos, mas não se incomodava.

— E se Eles descobrirem? E se Eles desligarem antes que —

— Papai — Ace respondeu. — Ouça. Ponha a cabeça para fora desta porta e *ouça*.

Foi o que Buster fez. Ao longe, no intervalo entre dois trovões, julgou ouvir gritos e berros.

E em seguida, nitidamente, ouviu o som agudo e seco de um tiro de pistola.

O sr. Gaunt Os está mantendo ocupados — Ace disse. — É muito inteligente aquele filho

da mãe. — Colocou um montinho de cocaína no côncavo da mão, cheirou, e depois pôs a mão

sob o nariz de Buster.

— Olhe, papai, 'tá na hora de se divertir.

— Buster curvou a cabeça e aspirou.

Afastaram-se da ponte sete minutos antes de Alan Pangborn atravessá-la. Sob a estrutura, o

ponteiro negro do marcador apontava para o 30.

6

Ace Merrill e Danforth Keeton — vulgo Buster, vulgo papai do Zippy, vulgo Sapo Tadeu

da Casa do Sapo — subiram lentamente a Rua Principal embaixo da chuva violenta, como

Papai Noel e seu ajudante, distribuindo pacotinhos aqui e ali. Viaturas da policia estadual

passaram velozmente por eles, duas vezes, e nenhuma demonstrou o menor interesse pelo que

parecia ser apenas mais um caminhão de estação de televisão. Como Ace tinha dito, o sr.

Gaunt Os estava mantendo ocupados.

Deixaram um marcador de tempo e cinco bananas de dinamite na soleira da porta tia Casa

Funerária Samuels. A barbearia ficava ao lado. Ace embrulhou o braço em um pedaço do

cobertor e bateu com o cotovelo na vidraça da porta. Duvidava muito que a barbearia tivesse

equipamento de alarme... ou, mesmo se tivesse, que a polícia fosse se dar ao trabalho de

responder. Buster passou-lhe uma bomba recém-preparada. Estavam usando fio de um dos

compartimentos para amarrar firmemente os marcadores e os detonadores às bananas de

dinamite — e Ace jogou a bomba-relógio pelo buraco feito na porta. Observaram-na rolar até

parar perto da cadeira nº1, o relógio marcando 25.

— Ninguém vai querer se barbear ali por algum tempo, papai — Ace comentou, e Buster

deu uma risadinha sufocada.

Separaram-se, então, Ace lançando um pacote no Galaxia enquanto Buster jogava outro na

boca do escaninho de depósitos noturnos do banco. Ao voltarem para o caminhão, sob uma

chuva cortante, um relâmpago cortou o céu. O velho olmo escorregou para a correnteza do

riacho com um urro final. Os dois ficaram parados na calçada, olhando naquela direção, ambos

pensando que a dinamite sob a estrutura (lil ponte tinha explodido cerca de vinte minutos mais

cedo, mas não viram clarão de fogo.

— Foi o raio — Ace disse. — Deve ter atingido uma árvore. Vamos.

Ao saírem, agora com Ace ao volante, a caminhonete de Alan passou por eles. Na chuva

violenta, nenhum dos dois motoristas prestou atenção no outro.

Foram até a Nan's. Ace quebrou o vidro da porta com o cotovelo e deixaram a dinamite e o

marcador, desta vez ajustado em 20, bem perto da porta, ao lado do balcão da caixa

registradora. Ao saírem, um fulgor extraordinariamente brilhante de relâmpago cintilou e todas

as luzes da rua se apagaram.

— Foi a energia — Buster gritou todo satisfeito. — Acabou a energia! Fantástico! Vamos

aprontar o Edifício Municipal! Vai explodir até o céu!

— Papai, o lugar está fervilhando de tiras! Não os viu?

— Estão correndo atrás do próprio rabo — Buster respondeu, impaciente. — E quando

estas belezinhas começarem a explodir, vão correr duas vezes mais depressa. Além disso, já

está escuro, e podemos entrar pelo Foro, do outro lado. A chave mestra também abre *aquela*

porta.

— Você tem saco de tigre, papai, sabia ?

Buster sorriu apertado.

— Você também, Ace. Você também.

7

Alan estacionou em uma das vagas oblíquas defronte a Coisas Necessárias, desligou o

motor da caminhonete, e simplesmente continuou sentado, observando a loja do sr. Gaunt. A

tabuleta na janela dizia o seguinte:

VOCÊ DIZ ALÔ, EU DIGO ADEUS

ADEUS ADEUS

NÃO SEI POR QUE

VOCÊ DIZ ALÔ, EU DIGO ADEUS

Relâmpagos fulgiam e se apagavam como luzes néon gigantescas, dando à janela a

aparência de um olho morto e sem expressão.

No entanto, um instinto profundo lhe sugeria que Coisas Necessárias, apesar de fechada e

silenciosa, talvez não estivesse deserta. O sr. Gaunt talvez tivesse saído da cidade, no meio da

confusão toda, sim — com a tormenta furiosa e os policiais correndo em círculos, como perus

de Natal, fazendo o que não deveria ser problema. Mas, a idéia que vinha fazendo do sr. Gaunt,

na longa e desvairada corrida, desde o hospital em Bridgton, era a da Nêmesis do Batman — o

Coringa. Alan fazia idéia de que estava tratando com uma determinada espécie de homem

capaz de pensar que colocar uma bomba de reversão a jato no vaso do banheiro de um amigo

era o máximo do humor. E será que esse tipo de homem — capaz de pôr um prego na cadeira

do outro, ou um fósforo aceso na sola do seu sapato, apenas para se divertir — iria embora

antes que você se sentasse ou que notasse suas meias se incendiando e o fogo já chegando à

bainha da calça? Claro que não. Qual seria a graça?

Acho que você ainda está por perto, Alan pensou. Acho que quer assistir a todo o

espetáculo. Não é, seu filho da puta?

Sentou-se muito quieto, fitando a loja de toldo verde, tentando imaginar a mente de um

homem que fosse capaz de pôr em movimento tais mecanismos de ação, tão complexos e

malignos. Estava se concentrando por demais profundamente para notar que o carro

estacionado ao lado esquerdo do seu era bastante velho, embora de linhas suaves, quase

aerodinâmicas. Na verdade, tratava-se do Tucker Talismã do sr. Gaunt.

Como conseguiu? Há muitas coisas que quero saber, mas apenas esta é suficiente por hoje.

Como *conseguiu?* Como conseguiu saber tanto a nosso respeito em tão pouco tempo?

Brian disse que o sr. Gaunt não era um homem de verdade.

À luz do dia, Alan teria desprezado essa idéia, assim como desprezara a idéia de que o

talismã de Polly pudesse ter qualquer poder sobrenatural de cura. Nesta noite, no entanto,

acuado na palma da tempestade, fitando a vitrine que havia se transformado em um olho

morto, a idéia adquiria seu próprio poder macabro e inegável. Lembrou-se do dia em que viera

até a porta de Coisas Necessárias com a intenção específica de conhecer e conversar com o sr.

Gaunt, e lembrou-se também da estranha sensação que o invadira ao espiar pela vidraça,

tampando os lados do rosto com as mãos em concha, a fim de evitar a claridade. A sensação de

estar sendo espionado, embora a loja obviamente estivesse vazia. E, não apenas isto — sentira,

igualmente, a qualidade maligna, odienta, de quem o espionava. A sensação tinha sido tão

intensa que, por um momento, realmente confundira seu próprio reflexo com o rosto repulsivo

(e meio transparente) de um outro alguém.

Que intensidade a daquela sensação... que intensidade!

Alan recordou outro detalhe — um ditado que sua avó lhe repetia quando ele era menino: *a*

voz do demônio é doce aos ouvidos.

Brian disse —

Como o sr. Gaunt chegara a saber tanto? E por que, em nome de tudo quanto havia de mais

sagrado, ele se incomodaria com um lugarejo de beira de estrada como Castle Rock?

— *que o sr. Gaunt não era um homem de verdade.*

Inesperadamente, Alan curvou-se e tateou pelo chão do lado direito da caminhonete.

Houve um instante em que chegou a pensar que aquilo que procurava tinha sumido — talvez

caído do carro durante o dia, numa hora qualquer em que aquela porta se abrira — e, então,

seus dedos tocaram um metal arredondado. Tinha rolado para baixo do assento, só isso. Tirou-

o com alguma dificuldade e ergueu-o... e a voz da depressão, ausente desde que

saíra do quarto

de hospital de Sean Rusk (ou, talvez, as coisas tivessem se atropelado tanto que Alan não tinha

conseguido ouvi-la), se fez presente, em alto, bom e satisfeito tom.

Oi, Alan! Desculpe, estive fora, mas agora estou de volta, está bem? O que temos aqui?

Uma lata de nozes sortidas? Não — isso é só o que parece ser, não é? Esse é o último

brinquedo comprado por Todd na Loja de Novidades Auburn, não é? Uma lata falsa de nozes

sortidas Tastee-Munch, com uma cobra verde dentro dela — papel crepom envolvendo uma

mola. E, quando ele a trouxe para você ver, com aqueles olhos brilhantes e um sorriso largo e

feliz no rosto, você lhe disse para devolver aquela coisa boba, não foi? E, quando o rosto dele

mostrou decepção, você fingiu não notar — você lhe disse que... deixe-me ver... O QUE FOI

MESMO que você lhe disse?

Um tolo e seu dinheiro logo se separam — Alan respondeu descorçoado. Virava e revirava

a lata entre as mãos, fitando-a, recordando o rosto de Todd. — Foi o que eu disse a ele.

Aaaaaaahh, ceeeeerrrrto! concordou a voz. Como poderia ter-me esquecido disso! E,

falando de mesquinhez. Puxa vida! Que bom que me lembrei! Que bom que

lembrei A NÓS

DOIS, certo? Só que Annie ajeitou as coisas — pedindo que você o deixasse ficar com a lata.

Ela disse... deixe-me ver. O QUE FOI que ela disse?

— Ela disse que era engraçado como Todd era igualzinho a mim, e que só se é jovem uma

vez. — A voz de Alan tornara-se rouca e embargada. Começava a chorar novamente, e por que

não? Simplesmente, por que, porra, não? A velha dor estava de volta, enroscando-se ao redor

de seu coração dorido, como. um trapo sujo.

Dói, não é? A voz da depressão — aquela voz culpada, de autoflagelação — perguntou

com uma doçura que Alan (ou o que restava de Alan) sabia que era completamente fingida.

Dói demais, como ser o herói de uma canção sertaneja na qual o amor verdadeiro fica

envenenado e os meninos bonzinhos morrem. Nada que doa tanto assim pode fazer qualquer

bem. Enfie essa dor de volta no porta-luvas, cara. Esqueça. Na semana que vem, quando toda

esta loucura tiver chegado ao fim, você vai poder trocar a velha caminhonete com sua falsa

lata de nozes sortidas. Por que não? É o tipo de truque barato que só poderia atrair crianças

ou um homem como Gaunt. Esqueça. Esque —

Alan interrompeu a voz, sem cerimônias, no meio do discurso. Até aquele momento, não

sabia que podia fazê-lo, mas era bom ficar sabendo, poderia ser útil no futuro... se *houvesse* um

futuro. Examinou a lata mais atentamente, virando-a para todos os lados, na verdade vendo a

lata pela primeira vez, vendo-a não como uma recordação triste do filho morto, mas como um

elemento para desviar a atenção dos outros, como a varinha mágica oca, ou a cartola de cetim

de fundo falso, ou o Truque das Flores Dobradas que permanecia escondido sob a correia de

seu relógio.

Mágica — e não se resumiria tudo nesta palavra? Mágica mal-intencionada, admita-se;

mágica calculada não para que as pessoas prendessem o fôlego ou dessem risada, mas para

transformá-las em touros selvagens, mas — mesmo assim — mágica. E, qual era o segredo de

qualquer mágica? Desviar a atenção. Como uma serpente de metro e meio escondida em uma

lata, ou, pensando em Polly, em uma doença que parecia uma cura.

Abriu a porta do carro, e ao sair na chuva torrencial, ainda levava a lata de nozes sortidas

na mão esquerda. Agora que se libertara um pouco da atração perigosa do sentimentalismo,

lembrou-se — com algo que chegava às raias da perplexidade — de sua oposição à compra da

lata. Toda a sua vida, deixara-se fascinar pela mágica, e, obviamente, se fosse criança, ficaria

encantado com o velho truque da cobra dentro da lata. Neste caso, por que repreendera o filho

de modo tão hostil quando o menino demonstrou desejo de comprá-la, e depois fingiu não ver

a decepção do filho? Seria inveja da juventude e do entusiasmo de Todd? A incapacidade de

relembrar o encanto das coisas simples? Ou, o quê?

Não sabia. Sabia apenas que este era exatamente o tipo de truque que homens como o sr.

Gaunt entenderiam, e queria tê-lo à mão no momento.

Alan inclinou-se novamente para dentro do carro, agarrou uma lanterna a pilha na caixinha

de ferramentas guardada no banco de trás, passou andando pela frente do Tucker Talismã do

sr. Gaunt (ainda sem percebê-lo), e entrou sob o toldo verde escuro de Coisas Necessárias.

8

Bem, eis-me aqui. Finalmente, eis-me aqui.

O coração de Alan martelava forte, mas compassado, dentro do peito. Mentalmente, os

rostos de sua mulher, de seu filho e de Sean Rusk pareceram fundir-se. Passou o olhar, mais

uma vez, pelo aviso na vitrine e tentou abrir a porta. Estava trancada. Acima de sua cabeça, o

toldo de lona se enfunava e batia ao sabor do vento que uivava.

Tinha escondido a lata dentro da camisa. Tocou-a neste instante com a mão direita e teve a

impressão de que recebia dela um indescritível mas perfeitamente concreto encorajamento.

— OK — ele murmurou. — Pronto ou não, lá vou eu.

Usou o cabo da lanterna para abrir um buraco no vidro. Ficou duro, à espera do alarme

contra ladrões, que não soou. Ou Gaunt tinha desligado o alarme, ou *não havia* alarme. Passou

a mão pelo buraco cheio de pontas agudas de vidro e tentou abrir pelo lado de dentro. A

maçaneta girou, e, pela primeira vez, Alan Pangborn pôs o pé em Coisas Necessárias.

A primeira coisa a lhe chamar a atenção foi o cheiro: denso, parado, empoeirado. Não era o

odor de uma loja nova, mas de um lugar que se quedara sem cuidados por meses ou até anos.

Carregando a arma na mão direita, com a esquerda passou o feixe de luz da lanterna pelo

interior da loja, iluminando um assoalho nu, paredes nuas e dois balcões de vidro. Os balcões

estavam vazios, e não havia estoque de mercadorias. Tudo coberto por uma grossa camada de

pó e este sem um sinal de que tivesse sido perturbado.

Ninguém vem aqui há muito, muito tempo.

Mas, como poderia ser isso, se ele tinha visto pessoas entrando e saindo daqui, durante a

semana toda?

Porque ele não é um homem de verdade. Porque a voz do demônio é doce aos ouvidos.

Deu mais dois passos para dentro da loja, usando a lanterna para ir clareando, por áreas, o

ambiente vazio, respirando a poeira de museu suspensa no ar. Olhou para trás e à luz de um

relâmpago viu as marcas deixadas por seus próprios passos. Dirigiu o foco de luz da lanterna

novamente para dentro, deixou-o correr da esquerda para a direita, ao longo do balcão que

também servira de caixa para o sr. Gaunt... e parou.

Um aparelho de vídeo-cassete e uma TV Sony portátil — modelo esportivo, mais

arredondado do que quadrado, cuja caixa era de um vermelho-vivo como a cor dos caminhões

do corpo de bombeiros. Um barbante dava a volta ao redor do aparelho de TV. E, sobre o VCR

havia um objeto. Da distância em que se encontrava pareceu-lhe ser um livro, mas não

acreditava que fosse.

Aproximou-se e iluminou primeiro a televisão. Estava tão coberta de poeira

quanto o

soalho e os balcões de vidro. O barbante ao redor dela nada mais era do que um cabo coaxial

com conectores nas extremidades. Alan moveu a luz para o objeto sobre o VCR, que não era

um livro, mas uma fita de vídeo, dentro de uma capa preta, sem marcas.

Um empoeirado envelope branco estava ao lado dele. Na face do envelope estava escrito o

seguinte:

ATENÇÃO XERIFE ALAN PANGBORN

Alan depositou a lanterna e a arma sobre o balcão de vidro, pegou o envelope e abriu-o,

retirando de dentro dele uma única folha de papel. Depois, segurando novamente a lanterna,

dirigiu o seu poderoso jato de luz para a curta mensagem datilografada:

Prezado xerife Pangborn,

A esta hora, o senhor já terá descoberto que sou um tipo muito especial de comerciante —

aquele tipo raro que realmente tenta ter em estoque “uma coisa para cada pessoa”. Lamento

que não tenha sido possível nos encontrarmos frente a frente, mas espero que entenda que tal

encontro não seria sensato — pelo menos, do meu ponto de vista. Ha-ha! De qualquer forma,

deixei-lhe uma lembrancinha que, acredito, poderá interessar-lhe muito. *Não é* um presente —

não faço o gênero Papai Noel, há de concordar — mas todos nesta cidade asseguraram que o

senhor é um homem de bem, e creio que pagará o preço que estou pedindo. Esse preço inclui

um servicinho... um servicinho que, no seu caso em especial, será mais uma boa ação do que

um trote. Creio que concordará comigo, senhor.

Sei que há muito tempo vem se amargurando profundamente sobre o que teria acontecido

durante os últimos minutos de vida de sua mulher e de seu filho caçula. Julgo que há uma

resposta para todas as suas indagações.

Creia que lhe desejo apenas o melhor, e que me subscrevo.

Seu criado atencioso,

Leland Gaunt

Lentamente, Alan foi abaixando a folha de papel.

— *Filho da mãe!* — resmungou.

Tornou a lançar o foco de luz pelo interior da loja e viu que o fio do VCR caía pelo lado

oposto do balcão, indo terminar num plugue a mais de um metro da tomada mais próxima. O

que não era problema, porque, de qualquer forma, a cidade estava sem energia elétrica.

Mas, quer saber de uma coisa? Acho que não faz diferença. Não faz a mínima diferença.

Acredito que uma vez que eu faça as ligações entre os aparelhos, e ligue as tomadas todas e

coloque a fita no vídeo, tudo vai funcionar direitinho. Pois não haveria como ele causar as

coisas que causou, nem saber as coisas que sabia... a não ser que não fosse um ser humano. A

voz do demônio é doce aos ouvidos, Alan, e faça você o que fizer, não deve ver aquilo que ele

lhe deixou.

Mesmo assim, botou a lanterna de lado e apanhou o cabo coaxial. Inspecionou-o por um

instante, e curvou-se para ligá-lo no ponto certo na parte de trás da TV. Ao inclinar-se, a lata

de nozes sortidas quase escorregou para fora da camisa. Ele a segurou com os dedos ágeis

antes que caísse ao solo, e colocou-a sobre o balcão de vidro, ao lado do VCR.

9

Norris Ridgewick estava a caminho de Coisas Necessárias quando, de repente, lhe ocorreu

que seria loucura — muito maior do que a que ele já havia cometido, o que não era pouco —

enfrentar o sr. Leland Gaunt sozinho.

Tirou o microfone do gancho.

— Viatura 2 para a Base — ele chamou. — Aqui é Norris. Câmbio.

Soltou o botão. Nada, a não ser uma tremenda descarga de estática. O olho da tempestade

colocou-se exatamente sobre Castle Rock.

— Foda-se — ele exclamou, e tomou a direção do Edifício Municipal. Talvez Alan

estivesse por lá; caso contrário, alguém lhe diria onde encontrá-lo. E Alan o aconselharia a

como proceder... e, mesmo que não o fizesse, Alan teria que ouvir sua confissão; que tinha

cortado os pneus de Hugh Priest, e enviado o homem para a sua morte, simplesmente porque

ele, Norris Ridgewick, tinha desejado possuir uma vara de pesca Bazun, igualzinha à de seu

querido pai.

Chegou ao Edifício Municipal no momento em que a bomba-relógio sob a ponte marcava

5, e estacionou diretamente atrás de um Caminhão pintado de amarelo berrante. Pelo jeito, um

caminhão de TV.

Norris apeou, embaixo da chuva caudalosa, e correu para dentro da delegacia, a fim de

encontrar Alan.

10

Polly jogou a concha de sucção do desentupidor na aranha obscenamente de pé, e desta vez

o bicho não retrocedeu. As cabeludas patas dianteiras agarraram o cabo, e as mãos de Polly

soltaram um grito de agonia quando a aranha ergueu o seu peso sobre a concha.

Polly não

conseguiu manter seguro o desentupidor, arriou-o, e, subitamente, a aranha se equilibrava

sobre o cabo como um homem na corda bamba.

Polly respirou fundo para soltar um grito, e então as patas da aranha caíram sobre seus

ombros como os braços de um Lothario escabroso que tivesse pago 10 *cents* por um dança. Os

olhos parados fixaram-se nos de Polly. A boca de caninos longos se abriu e Polly sentiu o seu

hálito — um fedor de temperos amargos e carne podre.

Polly abriu os lábios para gritar. Uma das patas da aranha enfiou-se para dentro de sua

boca. Pêlos duros, repugnantes, acariciaram seus dentes e sua língua. A aranha sugou-os

avidamente.

Polly resistiu ao primeiro impulso de cuspir aquela coisa horrenda e latejante. Soltou o

desentupidor e agarrou a pata da aranha. Ao mesmo tempo, deu uma mordida forte, usando

toda a força de suas mandíbulas. Esmigalhou não sabia ao certo o que, dentro da boca, com o

ruído de quem mastiga drops, e um gosto frio e amargo, como de chá muito velho, espalhou-se

por sua boca.

A aranha soltou um grito de dor e tentou retroceder. Os pêlos duros deslizaram

asperamente pelos punhos de Polly, e ela apertou as mãos, que urravam de dor, ao redor da

pata daquele ser repulsivo, antes que pudesse escapar completamente... e *torceu*, como alguém

que torce uma coxa de peru assado para separá-la do corpo. Houve um ruído de coisa que se

rasga. A aranha soltou outro grito agoniado de dor.

Tentou jogar-se para longe. Cuspindo o líquido escuro e amargo que tinha enchido sua

boca, sabendo que muito, muito tempo haveria de passar antes que se libertasse inteiramente

daquele gosto, Polly a trouxe para perto. Uma parte remota de si mesma ficou estarrecida com

aquela exibição de força, mas uma outra parte a compreendia perfeitamente. Estava assustada,

estava repugnada... mas, acima de tudo o mais, estava furiosa.

Fui usada, ela pensou incoerentemente. Troquei ã vida de Alan por um horror destes! Por

este monstro!

A aranha tentou mordê-la com suas presas, mas as patas traseiras perderam o frágil

equilíbrio que mantinham sobre o cabo do desentupidor, e teria caído... se Polly tivesse

permitido.

Não permitiu. Agarrou aquele corpo quente e inchado entre seus antebraços e apertou.

Levantou a aranha de forma que ficasse acima dela, as patas esperneando e tentando alcançar

seu rosto virado para cima. Linfa e sangue escuro começaram a escorrer do corpo da aranha e

deslizar por seus braços em fios que queimavam.

— CHEGA! — Polly gritou. — CHEGA. CHEGA. CHEGA!

Lançou-a longe. A aranha bateu contra a parede de azulejos atrás da banheira e caiu

estatelada num esfregão. Ficou ali um momento, grudada ao esfregão por suas próprias

entranhas, e depois tombou para dentro da banheira com um baque viscoso.

Polly agarrou novamente o desentupidor e começou a surrar a aranha. Começou batendo

como uma mulher bate num camundongo com uma vassoura. Não estava adiantando. A aranha

apenas estremecia e tentava se arrastar pelo tapetinho antiderrapante de borracha, com seu

estampado de margaridas. Polly retraiu o desentupidor, virou-o ao contrário, e arremeteu com

quantas forças tinha, usando o cabo como se fosse uma lança.

Atingiu em cheio aquela coisa monstruosa e horrenda, empalando-a. Houve um barulho

grotesco de soco, e, então, as entranhas da aranha se romperam e escorreram pelo tapetinho de

borracha numa enxurrada fétida. A aranha se contorcia freneticamente, curvando inutilmente

as patas ao redor da estaca que Polly lhe cravara bem no centro... e, então, finalmente, ficou

imóvel.

Polly deu um passo atrás, fechou os olhos, e sentiu o mundo oscilar. Estava, na verdade, à

beira de um desmaio quando o nome de Alan explodiu em sua cabeça como uma "Chuva de

Estrelas". Fechou as mãos em punhos e bateu-as, juntas contra juntas. A dor foi súbita,

fulgurante, imensa. O mundo voltou, imediatamente, ao seu lugar.

Polly abriu os olhos, adiantou-se até a banheira, e espiou para dentro. A princípio, julgou

que nada havia para ver. Depois, ao lado da concha de sucção do desentupidor, viu a aranha.

Não era maior do que a sua unha rosada, e estava muito morta.

O resto não aconteceu. Foi pura imaginação.

— Imaginação, uma ova! — Polly disse em voz fraca e trêmula.

Mas, o importante não era a aranha. O importante era *Alan.* Alan, que estava em perigo

mortal, e ela era a causa. Tinha que encontrá-lo, e antes que fosse tarde demais.

Se já não fosse tarde demais naquele instante.

Iria até a delegacia. Alguém lá saberia dizer onde —

Não, a voz de tia Ewie intrometeu-se em seus pensamentos. *Lá, não. Se for até tá será*

realmente tarde demais. Você sabe onde ir. Você sabe onde ele está.

Sim.

Sim, claro que sabia.

Polly correu para a porta e um único pensamento confuso fremia em seu cérebro como as

asas de uma borboleta: *Senhor, eu vos imploro, não deixeis que ele compre coisa alguma. Oh,*

Senhor, eu vos imploro, imploro, imploro, não deixeis que ele compre coisa alguma.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

1

A BOMBA-RELÓGIO SOB A PONTE do riacho, mais conhecida pelos moradores de

Castle Rock, desde tempos imemoriais, pelo nome de Ponte das Latas, chegou ao “0” às 7:38h

da noite de terça-feira, 15 de outubro do Anno Domini 1991— A minúscula fagulha elétrica,

que deveria disparar o alarme do marcador de tempo, passou pelos fios desencapados que Ace

tinha enroscado ao redor dos terminais da bateria de 9 volts que fazia funcionar o artefato. O

alarme, de fato, começou a soar, mas ele — e o resto do marcador — foram engolidos, uma

fração de segundo depois, na explosão luminosa que ocorreu quando a eletricidade atingiu o

detonador e este, por seu turno, detonou a dinamite.

Apenas poucas pessoas em Castle Rock tomaram a explosão da dinamite pelo ronco de um

trovão. Os trovões eram artilharia pesada no céu — e o estardalhaço que ouviram era o

estampido de um gigantesco rifle. O lado sul da velha ponte, que era construída não de lata,

mas de ferro já corroído de ferrugem, deslocou-se da margem como uma enorme bola de fogo.

Ergueu-se talvez uns três metros no ar, transformando-se numa rampa de suave inclinação e

tornou a cair com estrondo de cimento estraçalhado e estilhaços de metal. A extremidade norte

da ponte contorceu-se e soltou-se, e toda a estrutura desabou para dentro do riacho, que se

tornara caudaloso. A extremidade sul veio a pousar sobre o olmo abatido pelo raio.

Na Avenida do Castelo, onde católicos e batistas — e mais uma dúzia de oficiais da polícia

estadual — ainda se engajavam em cansativa batalha, fez-se uma pausa na refrega. Todos os

combatentes olharam na direção de onde se erguera o fogo, para as bandas do Riacho do

Castelo. Albert Gendron e Phil Burgmeyer, que alguns segundos antes se enfrentavam com

grande ferocidade, ficaram agora lado a lado, fitando a fulguração. Corria sangue do lado

esquerdo do rosto de Albert devido a um ferimento na têmpora, e a camisa de Phil estava em

tiras.

Ali por perto, Nan Roberts estava a cavaleiro sobre o padre Brigham, como se fosse um

imenso (e, em seu uniforme de garçonete, de raiom) e branco abutre. Ela vinha utilizando a

cabeleira dele para levantar-lhe a cabeça e depois socá-la contra a calçada, repetidas vezes. A

poucos passos, jazia o rev. Rose, inconsciente devido ao tratamento ministrado pelo padre

Brigham.

Henry Payton, que perdera um dente desde que chegara (para não falar de qualquer ilusão

que pudesse ter alimentado a respeito da harmonia religiosa na América), imobilizou-se no ato

de puxar Tony Mislaburski de cima do diácono batista Fred Mellon.

Todos se imobilizaram, como crianças numa brincadeira de Estátuas.

— Meu Jesus! Foi a ponte — Don Hemphill murmurou.

Henry Payton resolveu tirar vantagem da calmaria. Jogou Tony Mislaburski para um lado,

colocou as mãos em concha ao redor da boca e berrou:

— Muito bem, minha gente! Aqui é a polícia! Estou mandando que vocês — Foi então que

Nan Roberts alteou a voz num grito. Eram longos os seus anos de experiência em gritar ordens

para a cozinha de sua lanchonete, e estava acostumada a se fazer ouvir, não importa a

algazarra. Não se tratava de competição — sua voz sobrepunha-se facilmente à de Henry

Payton.

— OS MALDITOS CATÓLICOS ESTÃO USANDO DINAMITE! — ela trombeteou.

Naquele momento, os guerreiros não eram muitos, mas o que lhes faltava em número

sobejava em feroz entusiasmo.

Pouco segundos depois do brado de Nan, a contenda recrudesceu, tomando a forma de uma

dúzia de escaramuças espalhadas ao longo de um trecho de 50m da avenida varrida pela chuva.

2

Norris Ridgewick invadiu a sala do xerife segundos antes da ponte ir pelos ares, gritando a

plenos pulmões:

— Onde está o xerife Pangborn? Preciso encontrar o xerife Pang — Interrompeu-se.

Exceto pela presença de Seaton Thomas e de um representante da polícia estadual, que não

parecia ter idade suficiente sequer para tomar cerveja, st delegacia estava deserta.

Onde, *porra*, estava todo mundo? Havia, ou assim lhe parecera, umas seis mil unidades e

outros veículos sortidos espalhados ao deus-dará pelos quatro cantos da cidade. Um destes era

o seu próprio Fusquinha, e se houvesse prêmio para o que estivesse mais ao deus-dará, ele o

ganharia. Ainda se encontrava tombado de lado, onde Buster colidira com ele.

— Jesus! — gritou Norris. — Onde está todo mundo?

O garoto da polícia estadual que não parecia ter idade suficiente sequer para tomar cerveja,

atentou para o uniforme de Norris e respondeu: — Está havendo uma batalha no fim da rua. Os

cristãos contra os canibais, ou qualquer coisa do gênero. Fiquei encarregado da Expedição,

mas com essa tempestade, não recebo nem transmito coisa alguma. —E, acrescentou, como

quem não quer nada: — Quem é o senhor?

— Oficial do xerife, Ridgewick.

— Bem, meu nome é Joe Price. Que raio de cidade é esta aqui, oficial? Parece que todo

mundo endoidou de vez.

Norris o ignorou e dirigiu-se a Seaton Thomas. A fisionomia de Seaton estava acinzentada,

e ele respirava em estertores. Uma das mãos enrugadas estava espalmada sobre o

peito.

— Seat, cadê o Alan ?

— Sei não — Seat respondeu, e fitou Norris com expressão medrosa e sem brilho. —

Norris, tem alguma coisa, muito ruim acontecendo por aí. Ruim mesmo. Pela cidade toda. Os

telefones estão mudos, e isto não podia acontecer, porque a maioria dos troncos é subterrânea.

Mas, quer saber de uma coisa? *É bom* que estejam mudos. Não quero saber por que e tenho

raiva de quem sabe.

— Você devia estar num hospital — Norris comentou, observando, preocupado, o velhote.

— Eu devia estar no Kansas — Seat disse, cansado. — Enquanto isto, vou ficar bem

sentado aqui e esperar até que tudo acabe. Eu não vou —

Nesse instante, a ponte explodiu, interrompendo-o — aquele imenso tiro de rifle arranhou a

noite como unhas afiadas.

— *Meu Jesus!*— Norris e Joe Price gritaram em uníssono.

— É — Seat Thomas disse, naquela sua voz cansada, medrosa, resmungona, inexpressiva.

— Acho que vão explodir a cidade. Acho que é o que vai acontecer em seguida.

Estarrecedora e subitamente, o velho caiu em prantos.

— Onde está Henry Payton? — Norris gritou para o policial Price. Price o

ignorou. Estava

correndo para a porta a fim de ver o que tinha acontecido.

Norris lançou um olhar rápido para Seat Thomas, cuja olhar se achava lugubremente

perdido no espaço, lágrimas rolando pelo rosto e a mão ainda firmemente espalmada no meio

do peito. Norris seguiu o policial Joe Price e foi encontrá-lo no estacionamento do Edifício

Municipal onde Norris tinha multado o Cadillac vermelho de Buster Keeton, há mais ou menos

mil anos. Uma coluna de fogo se apagando delineava-se nitidamente na noite chuvosa, e,

àquela luz, ambos notaram que a ponte do riacho do Castelo tinha sumido. O sinal de trânsito

na periferia da cidade tinha sido derrubado.

— Santa Mãe de Deus! — murmurou o policial Price num reverente tom de voz. — Graças

a Deus que esta não é a *minha* cidade! — O fulgor tingira de rosa suas faces e pusera

cintilações esbraseadas em seus olhos.

A necessidade de encontrar Alan tornou-se mais premente para Norris. Decidiu que era

melhor voltar à viatura e tentar encontrar Henry Payton primeiro — se havia mesmo uma

batalha campal acontecendo por ali, não seria difícil encontrá-lo. Talvez Alan também

estivesse por perto.

Já estava quase do outro lado da rua, quando um relâmpago mostrou-lhe dois vultos

virando a esquina do Fórum, ao lado do Edifício Municipal. Pareciam ir na direção do

caminhão amarelo-vivo. Quanto a um deles, não estava muito certo, mas era impossível

confundir o outro vulto — gorducho e de pernas ligeiramente tortas. Tratava-se de Danforth

Keeton.

Norris Ridgewick deu dois passos para a direita e plantou as costas contra a parede de

tijolos na saída do beco. Sacou o révólver. Etgueu-o à altura do ombro, o cano apontando para

o céu chuvoso, e gritou: — *ALTO!* — a plenos pulmões.

3

Polly tirou seu carro da entrada, de marcha à ré, ligou os limpa-vidros e girou o volante

para a esquerda. À dor que sentia nas mãos juntara-se um ardor profundo e pesado nos braços,

onde sua pele fora atingida pelo muco da aranha. De alguma forma, fora envenenada, e esse

veneno infiltrava-se sem parar em seu organismo. Contudo, não tinha tempo a perder com isso,

no momento.

Aproximava-se do sinal de trânsito da Rua do Loureiro com Principal quando a

ponte

explodiu. Franzindo o rosto, retraiu-se daquela explosão maciça, e, atônita, fitou por um

instante a brilhante gota incandescente que se levantou do riacho do Castelo. Por um momento

vislumbrou a silhueta do esqueleto metálico da própria ponte, cheia de ângulos negros contra a

forte cintilação, que depois foi engolida pelas chamas.

Virou à esquerda, para a Rua Principal, tomando a direção de Coisas Necessárias.

4

Em certa época, o passatempo de Alan Pangborn era fazer filmes dentro de casa — não

calculava quantos de seus amigos tinham se entediado até às lágrimas com aqueles filmes

tremidos, projetados sobre um lençol esticado em uma das paredes da sala de estar, mostrando

criancinhas ainda de fraldas trilhando um caminho incerto pela sala, Annie dando banho nas

crianças, festinhas de aniversário, passeios da família. Em todos esses filmes, todo mundo

acenava e fazia careta para a câmera. Era como se houvesse uma lei tácita: quando alguém

aponta uma câmera em sua direção, você deve acenar, ou fazer careta, ou ambas as coisas.

Caso não o faça, pode ser preso por Indiferença de Segundo Grau, que pode

resultar numa

pena de até dez anos, sendo obrigado durante esse tempo a assistir a infindáveis filmes

tremidos, mostrando cenas familiares.

Há cinco anos, mudara para uma câmera de vídeo, que era mais barata e mais fácil de

operar... e, ao invés de entediar as pessoas até às lágrimas durante dez ou 15 minutos, que era o

tempo que três ou quatro bobinas de 8mm levam quando coladas, era possível entediá-los

durante horas sem precisar, sequer, trocar o cassete.

Agora, tirou aquela fita-cassete da caixa e inspecionou-a. Não havia rótulo. Tudo bem, ele

pensou. Tudo perfeitamente bem. Preciso apenas descobrir o que há nela por mim mesmo, não

é? Sua mão estendeu-se para o botão de ligar o VCR... e hesitou.

A figura sobreposta dos rostos de Todd e de Sean e de sua mulher, subitamente

desapareceu. Foi substituída pelo rosto lívido e chocado de Brian Rusk, como Alan o tinha

visto ainda naquela mesma tarde.

— *Você parece triste, Brian.*

— *Sim, senhor.*

— *Isto significa que está triste ?*

Sim, senhor — e se o senhor ligar esse botão, também vai ficar triste. Ele quer que o

senhor veja o filme, mas não para lhe fazer um favor. O sr. Gaunt não faz favores. Ele quer

envenená-lo, só isso. Como envenenou todos os outros.

No entanto, *tinha* que ver.

Seus dedos tocaram o botão, acariciaram sua forma lisa e quadrada. Parou e olhou ao redor.

Sim, Gaunt ainda estava presente. Em algum canto, Alan sentia sua presença — pesada, ao

mesmo tempo ameaçadora e persuasiva. Pensou na mensagem que deixara. *Sei que há muito*

tempo vem se amargurando profundamente sobre o que teria acontecido durante os últimos

minutos de vida de sua mulher e de seu filho caçula...

Não faça isso, xerife, Brian Rusk sussurrou. Alan viu aquele rosto descorado, magoado, à

beira do suicídio, fitando-o por cima da caixa conservadora no bagageiro da bicicleta, aquela

caixa cheia de figurinhas de beisebol. *Esqueça o passado. É melhor assim. E ele mente — o*

senhor SABE que ele mente.

Sim. Sabia. Sabia muito bem.

Ainda assim, *tinha* que ver.

O dedo de Alan apertou o botão.

Imediatamente acendeu-se a luzinha de "ligado". O VCR funcionava às mil maravilhas,

com ou sem energia elétrica, exatamente como Alan previra que aconteceria. Ligou a *sexy*

Sony vermelha e num instante a luz alva do Canal 3 iluminou seu rosto, com um níveo fulgor

pálido. Alan apertou o botão de “RETIRAR” e o carrinho do VCR abriu-se.

Não faça isso, a voz rouca de Brian Rusk repetiu. Alan, porém, não lhe deu atenção.

Colocou o cassete, empurrou o carrinho, e ouviu todos os barulhinhos mecânicos ao encaixar-

se a fita. Respirou fundo e apertou o botão de “TOCAR". O brilhante branco da tela foi

substituído por uma negritude aveludada. Passado um momento, a tela tornou-se cinza-grafite,

e, em seguida, uma série de números foi surgindo: 8... 7... 6... 5... 4... 3... 2... X.

O que se seguiu foi uma tomada manual, tremida, de uma estrada rural. Em primeiro plano,

ligeiramente fora de foco, mas ainda legível, havia uma placa de estrada: 117, dizia. Alan não

precisava dela. Já passara inúmeras vezes por aquele trecho, e o conhecia muito bem.

Reconheceu o bosque de pinheiros exatamente após o ponto onde a estrada fazia uma curva —

o bosque onde o Scout tinha colidido, o nariz amassado ao redor da maior das árvores, num

abraço incompleto.

Mas as árvores no filme não mostravam cicatrizes do acidente, embora elas

ainda fossem

visíveis, caso alguém passasse pelo local e se desse ao trabalho de olhar (o que ele tinha feito

muitas vezes). Curiosidade e horror fluíram pelos ossos de Alan ao depreender — não apenas

das superfícies intactas das árvores e da curva na estrada, mas também devido a cada

configuração da paisagem e cada intuição de seu coração — que este vídeo-teipe tinha sido

rodado no dia em que Annie e Todd tinham morrido.

E, ele ia ver acontecer.

Era completamente impossível, mas era verdade. Ia ver sua mulher e seu filho serem

estraçalhados, diante de seus olhos.

Desligue isso! Brian gritou. *Desligue isso, ele é um homem maldito que vende coisas*

malditas. Desligue isso antes que seja tarde demais!

Alan não pôde obedecer, assim como não poderia ter feito parar seu coração apenas pelo

poder da mente. Estava imóvel, capturado.

Agora, a câmera desviava-se instável para a esquerda, mostrando a estrada durante um

momento, nada aconteceu, e em seguida algo rebrilhou. Era o Scout. O Scout chegando. O

Scout seguindo para o pinheiro onde ele próprio e as pessoas dentro dele terminariam para

sempre. O Scout aproximando-se do seu ponto final na Terra. Não vinha em excesso de

velocidade; não ziguezagueava. Não havia indício de que Annie tivesse perdido o controle ou

se achasse a ponto de perdê-lo.

Alan curvou-se para a frente, ao lado do VCR que zunia, bagas de suor escorrendo lhe pelo

rosto, sangue latejando forte nas têmporas. Sentia náuseas.

Isto não é real. É coisa fabricada. Ele o inventou, de alguma maneira. Não são eles pode ser

que haja uma atriz e um menino-ator lá dentro fingindo serem eles, mas não são eles. Não pode

ser.

No entanto, sabia que eram. O que mais poderia ser visto em imagens transmitidas por um

VCR para uma TV que não estava ligada na tomada mas que funcionava, mesmo assim? O

quê, senão a verdade?

Uma mentira, xerife, gritou a voz de Brian Rusk, mas soava distante e foi facilmente

ignorada. *Mentira, xerife, uma mentira! UMA MENTIRA!*

Agora, distinguia a placa do Scout que se aproximava — 24912 V. A placa do carro de

Annie.

Subitamente, atrás do Scout, um outro lampejo. Outro carro, aproximando-se depressa,

diminuindo a distância.

Fora, a Ponte das Latas explodiu com aquele estrépito de monstruoso tiro de rifle. Alan

sequer virou a cabeça naquela direção, sequer ouviu a explosão. Cada grama de sua

concentração estava fixa na tela da TV Sony vermelha, onde Annie e Todd se aproximavam da

árvore que se interpunha entre eles e o resto de suas vidas.

O carro atrás deles fazia 120km, talvez 150km, por hora. Ao se aproximar o Scout da

posição em que se encontrava o *cameraman,* aquele segundo automóvel — sobre o qual nunca

houvera qualquer relatório — chegou perto do Scout. Annie, aparentemente, também o viu —

o Scout começou a ganhar velocidade, mas era pouco. E era tarde demais.

Esse segundo automóvel era um Dodge Challenger verde-lima, levantado na traseira, de

maneira que seu nariz embicava na frente. Através do vidro fumê das janelas, podia-se

vislumbrar vagamente a barra curva de través no teto, pelo lado de dentro. O vidro traseiro

exibia uma porção de adesivos: HEARST, FUELLY, FRAM, QUAKER STATE... Apesar de a

fita ser silenciosa, Alan era quase capaz de ouvir os roncos e os estalos através dos canos retos

da descarga.

— *Ace!* — Alan gritou, ao compreender, agoniado. Ace! Ace Merrill! Vingança! Lógico!

Como não pensara nisso antes?

O Scout passou pela frente da câmera, que foi fazendo o giro para a direita para

acompanhá-lo. Houve um momento em que Alan conseguiu enxergar dentro do carro e — sim,

era Annie, com o lenço estampado que estava usando naquele dia para prender os cabelos, e

Todd, em sua camiseta de *Jornada nas Estrelas.* Todd estava olhando para o carro atrás deles.

Annie olhava pelo espelho retrovisor. Alan não conseguia ver-lhe o rosto, mas o corpo se

curvava tenso para frente, deixando teso o cinto de segurança sobre o ombro. Alan teve aquela

última e breve visão dos dois — sua mulher e seu filho — e parte dele chegou à conclusão de

que não queria vê-los assim, já que não havia como alterar o desfecho: não queria observar o

terror daqueles últimos momentos.

Mas, não havia como retroceder, agora.

O Challenger deu um tranco no Scout. Não foi um impacto forte, mas, como Annie tinha

acelerado, foi o suficiente. O Scout não conseguiu fazer a curva e saiu da estrada

desgovernado, indo para o pinheiral onde o grande pinheiro esperava por eles.

— *NÃO!* — Alan gritou.

O Scout entrou na vala e saiu. Balançou-se em duas rodas, desceu, e entrou no tronco do

pinheiro, amassando-se silenciosamente. Uma boneca de pano, com um lenço estampado na

cabeça voou pelo pára-brisa, bateu contra uma árvore e caiu num arbusto.

O Challenger verde-lima fez uma parada na beira da estrada.

A porta do motorista abriu-se.

Ace Merrill saltou.

Estava contemplando os destroços do Scout, agora quase invisível no vapor que escapava

do radiador estourado. E estava rindo.

— *NÃO*! — Alan tornou a gritar, e empurrou o VCR para um lado do balcão com as duas

mãos. O aparelho caiu mas não se quebrou e o cabo coaxial era pouquinho longo demais para

se desligar. Surgiu uma linha de estática pela tela da TV, e foi só. Alan viu Ace voltando para

o seu próprio carro, ainda rindo, e então ele agarrou a TV vermelha, levantou-a acima da

cabeça enquanto dava uma meia-volta, e lançou-a contra a parede. Houve um clarão, um baque

oco, e depois nada, exceto o zumbido do VCR com a fita ainda rodando. Alan deu-lhe um

chute e o aparelho, misericordiosamente, ficou silencioso.

Pegue ele. Ele mora em Mechanic Fall s.

Esta voz era nova. Era fria, e era insana, mas possuía sua própria qualidade de

racionalidade impiedosa. A voz de Brian Rusk desaparecera; neste instante, havia somente

aquela voz nova, repetindo sempre as mesas duas frases.

Pegue ele. Ele mora em Mechanic Falls. Pegue ele. Ele mora em Mechanic Falls. Pegue

ele. Ele mora em Mechanic Falls.

Do outro lado da rua, fizeram-se ouvir mais duas daquelas monstruosas explosões

enquanto a barbearia e a Casa Funerária Samuels eram destruídas quase simultaneamente,

arrotando vidros quebrados e estilhaços fumegantes para o alto e para a rua. Alan nem notou.

Pegue ele. Ele mora em Mechanic Falls.

Sem pensar, pegou a lata falsa de nozes sortidas, e o fez simplesmente porque era algo que

tinha trazido para dentro da loja e, conseqüentemente, devia levar de volta. Passou pela porta,

arrastando os pés sobre a trilha de pegadas que deixara previamente até se tornarem

incompreensíveis, e saiu de Coisas Necessárias. As explosões não significavam coisa alguma

para ele. O buraco irregular que se incendiava na linha de edifícios no outro lado da Rua

Principal não significava coisa alguma para ele. O amontoado de madeira e vidro e tijolos no

meio da rua não significava coisa alguma para ele. Castle Rock e seus moradores, inclusive

Polly Chalmers, não significavam coisa alguma para ele. Tinha uma tarefa a cumprir em

Mechanic Falls, a 50km dali. *Isto* significava alguma coisa para ele. Na verdade, significava

TUDO.

Alan deu a volta para o lado do motorista da caminhonete. Jogou a arma, a lanterna e a lata

falsa de nozes no assento. Mentalmente, suas mãos já estavam ao redor da garganta de Ace

Merrill, e começavam a apertar.

5

— ALTO! — Norris tornou a gritar. — ALTO E NÃO SE MOVAM!

Norris estava achando que este era um belíssimo golpe de sorte. Encontrava-se a menos de

60 metros da cela onde pretendia trancafiar Dan Keeton bem guardadinho. Quanto ao outro

sujeito... bem, tudo dependeria do que os dois tinham andado aprontando, é ou não é? Nenhum

dos dois estava exatamente com expressão de quem tinha andado a cuidar dos doentes e

consolar os sofredores.

O policial Price olhou de Norris para os homens parados ao lado da tabuleta antiga que

dizia FÓRUM DE CASTLE ROCK. Depois, olhou de volta para Norris. Ace e o

Papai de

Zippy se entreolharam. Então, ambos abaixaram as mãos para os cabos das armas que se

projetavam dos cós de suas calças.

Norris apontara o cano do revolver para o alto, conforme as instruções que recebera de

como agir em situações como esta. Agora, ainda observando as instruções, prendeu seu pulso

direito no punho esquerdo e fez pontaria. Se os manuais estivessem certos, os homens não

perceberiam que o cano apontava para o espaço entre os dois. Cada um acreditaria que Norris

apontava para ele.

— Afastem suas mãos das armas, amigos. *Agora!*

Buster e seu companheiro trocaram outro olhar e deixaram cair as mãos ao longo do corpo.

.....

Norris olhou de esguelha para o policial.

— Você aí — ele disse. — Price. Quer vir me dar uma mãozinha aqui? Isto é, se não

estiver cansado demais?

— O que *está* fazendo? — Price perguntou. Parecia preocupado e relutante em participar.

As atividades desta noite, com a demolição barulhenta da ponte, para completar, tinham-no

reduzido à condição de espectador. Sentia-se aparentemente relutante em retomar um papel

ativo. As coisas tinham ficado grandes demais, depressa demais.

— Estou prendendo estes dois vadios — Norris respondeu secamente. — Que outra coisa

poderia ser ?

— Por que não prende isto, homem? — Ace perguntou e mostrou o pênis para Norris.

Buster soltou uma gargalhada sonora e em falsete.

Price fitou os dois, muito nervoso, e em seguida voltou o olhar preocupado para Norris.

— Uhm... sob que acusação?

O amigo de Buster deu risada.

Norris voltou sua total atenção para os dois homens, e notou alarmado que a posição de

cada um em relação ao outro tinha se alterado. Ao serem interpelados, estavam quase ombro a

ombro. Agora, a distância entre os dois era de quase 1,5m e ia aumentando.

— *Parados!* — ele berrou. Os dois pararam e se entreolharam. — *Fiquem juntos*

novamente!

Eles se limitaram a ficar parados, embaixo da chuva torrencial, mãos caídas, olhando para

Norris.

— *Estou dando voz de prisão sob a alegação de porte ilegal de armas, pra começar!* —

Norris berrou furioso para o policial estadual Joe Price. — Agora, vê se tira o dedo *do cu e me*

dá uma mãozinha aqui!

Isto eletrizou Price para a ação. Tentou sacar o seu próprio revólver, descobriu que a alça

de segurança do coldre ainda estava presa, e tentou soltá-la. Ainda estava atrapalhado mexendo

nela quando a barbearia e a casa funerária explodiram.

Buster, Norris e o policial Price todos olharam rua acima. Ace, não. Estivera esperando

exatamente por este momento de ouro. Sacou sua automática do cós da calça com a velocidade

de um daqueles gatilhos-ligeiros dos filmes de *western* e atirou. A bala atingiu Norris no alto

do ombro esquerdo, raspando pelo pulmão e esmigalhando a clavícula. Norris se afastara um

passo da parede de tijolos ao notar que os dois homens estavam se separando. Agora, foi

lançado contra ela. Ace atirou de novo, cavando um buraco no tijolo a 2cm da cabeça de

Norris. O ricochete soou como o zumbido de um inseto muito grande e muito zangado.

— *Oh, Cristo!* — gritou o policial Price, e pôs-se a trabalhar com mais entusiasmo na faina

de desprender a alça do coldre sobre a coronha da arma.

— *Queima esse cara, papai!* — Ace gritou. Estava sorrindo. Deu mais um tiro

em Norris,

e esta terceira bala fez uma vala ardente no lado esquerdo do oficial, quando ele caiu de

joelhos. Um raio brilhou. Era inacreditável, mas Norris ainda ouvia tijolos e madeira das

últimas explosões, rolando pela rua.

Depois de uma eternidade, o policial Price conseguiu libertar seu revólver. Estava sacando

a arma quando a automática de Keeton arrancou-lhe o topo da cabeça, das sobrancelhas para

cima. Suas botas soltaram-se com o impacto e ele foi arremessado contra a parede de tijolos do

beco.

Norris levantou sua própria arma, mais uma vez. Parecia pesar uma tonelada. Ainda

segurando-a com as duas mãos, fez mira em Keeton. Buster era um alvo melhor do que o seu

amigo. Mais importante, Buster acabara de matar um policial, e esta merda decididamente não

podia ser admitida em Castle Rock. Podiam ser caipiras, talvez, mas não *bárbaros*. Norris

puxou o gatilho no momento em que Ace atirou novamente.

O soco do tiro jogou Norris para trás. A bala de Ace passou zunindo pelo ar vazio onde a

cabeça de Norris estivera há uma fração de segundo. Buster Keeton também foi lançado para

trás, as mãos apertando o ventre. Sangue escorria entre seus dedos.

Norris ficou encostado na parede, ao lado do policial Price, ofegando alto, a mão

comprimindo o ombro ferido. *Meu Jesus, que dia pavoroso foi este,* ele pensou.

Ace fez pontaria com a automática, e depois mudou de idéia — pelo menos por enquanto.

Ao invés, aproximou-se de Buster e pôs um joelho em terra ao lado dele. Para as bandas do

norte, o banco explodiu num trovejar de fogo e granito pulverizado. Ace nem sequer virou a

cabeça. Separou as mãos do velho Papai para examinar melhor o ferimento. Lamentava o

ocorrido. Já estava começando a gostar bastante do velhote.

Buster gritava.

— *Aaaaaaai, como dói! Aaaaaaaiiii, como dói!*

Ace podia apostar que sim. O Papai velhote levara um balaço .45 bem em cima do umbigo.

Ao entrar, fizera um buraco do tamanho de uma moeda. Ace não precisava virá-lo de costas

para saber que ao sair deixara um buraco do tamanho de uma xícara de chá, provavelmente

com lascas dos ossos da espinha do velhote espetadas para fora, como bengalinhas de açúcar

cobertas de sangue.

— *Dóóóóóói! DÓÓÓÓÓÓÓI!* — Buster gritou, o rosto voltado para a chuva.

— É — Ace pousou o cano da pistola na têmpora de Buster.

—Deu azar, Papai. Mas vou acabar com sua dor.

Deu três disparos. O corpo de Buster deu uma convulsão e ficou imóvel.

Ace se pôs de pé, com a intenção de exterminar aquele maldito policial — se é que sobrara

algo dele para ser exterminado — quando uma arma disparou e uma bala passou zumbindo a

menos de 30cm de sua cabeça. Ace levantou o olhar e viu outro tira de pé bem na soleira da

porta da delegacia para o estacionamento. Aquele policial parecia mais velho que Deus.

Atirava em Ace usando apenas uma das mãos, enquanto a outra comprimia o peito acima do

coração.

O segundo tiro de Seat Thomas atingiu o solo bem ao lado de Ace, borrifando água

barrenta nas botas de engenheiro usadas por ele. O velho corvo não atirava titicas, mas Ace

subitamente percebeu que, de um modo ou de outro, precisava dar o fora dali bem depressa.

Tinham colocado dinamite suficiente no Fórum para mandar o edifício todo para as nuvens,

tinham acertado o marcador para cinco minutos, e ei-lo ali, praticamente encostado na bomba-

relógio enquanto o velho Matusalém dava tiros ao acaso tentando atingi-lo.

A dinamite que se encarregasse desses dois.

Era hora de fazer uma visitinha ao sr. Gaunt.

Ace levantou-se e correu para a rua. O velho policial ainda disparou novamente, mas esta

nem passou perto. Ace correu para trás do caminhão amarelo sem, no entanto, tentar entrar. O

Chevrolet Celebrity estava estacionado em Coisas Necessárias. Era perfeito para ser usado na

fuga. Mas, antes, pretendia encontrar o sr. Gaunt e receber o que era de direito. Sem dúvida, o

sr. Gaunt teria *alguma coisa* para ele, e sem dúvida o sr. Gaunt dar-lhe-ia essa coisa.

Por outro lado, tinha que encontrar um certo xerife ladrão.

— Quero o que é meu, porra — Ace resmungou, e correu pela Rua Principal na direção de

Coisas Necessárias.

6

Frank Jewett se encontrava parado na escada do Fórum quando finalmente avistou o

homem que vinha procurando. Já havia algum tempo que Frank lá estava, e nenhuma das

coisas que andavam acontecendo em Castle Rock, naquela noite, o afetavam muito. Nem os

gritos e berros que chegavam do Morro do Castelo, nem Danforth Keeton e alguém que

parecia um *Hell's Angel* meio velhusco descendo em correria a escada do Fórum, menos de

cinco minutos atrás, nem as explosões, nem o tiroteio mais recente, desta vez

bem ali, virando

a esquina, no estacionamento da delegacia. Frank tinha seus próprios propósitos e

preocupações. Frank tinha um “Mandado de Busca e Apreensão” pessoal contra o seu

excelente “amigo” velho, George T. Nelson.

E, puxa vida! Finalmente! Eis que surge George T. Nelson em carne e osso, passeando

lampeiro ao pé da escada do Fórum! Exceto pela pistola automática enfiada no cós da calça de

poliéster Sans-a-Belt (sem cinto) de George T. Nelson (e o fato de que ainda estava chovendo

como o diabo), o homem poderia estar indo para um piquenique.

Simplesmente passeando na chuva, aquele lambe-cu de mãe, Monsieur George T. Nelson,

simplesmente tomando ar, ao sabor da brisa, e o que é que dizia a mensagem encontrada no

escritório de Frank? Ah, sim: *Lembre-se, US$ 2.000, em minha casa, até as 7:15h o mais*

tardar, ou você vai desejar que tivesse nascido sem o pinto. Frank olhou o relógio, viu que a

hora estava mais para as 8:00h do que para as 7:15h, e chegou à conclusão de que não fazia

muita diferença.

Ergueu a Llama espanhola de George T. Nelson e apontou-a para a cabeça daquele

professorzinho filho de uma cadela sarnenta que era a causa de todas as suas tristezas.

— NELSON! — gritou. — GEORGE NELSON! VIRE-SE E ME ENCARE, SEU

VEADO!

George T. Nelson girou nos calcanhares. A mão desceu para a coronha da pistola

automática, e em seguida afastou-se ao ver que tinha cobertura. Ao invés, colocou as mãos nos

quadris e levantou a vista para Frank Jewett no alto da escada do Fórum, que lá estava de pé,

pingando chuva pelo nariz, pelo queixo e pelo cano da arma roubada dele.

— Você vai atirar em mim? — George T. Nelson perguntou.

— Pode apostar que sim! — Frank rosnou.

— Vai me matar como a um cão danado, hein?

— E por que não? É o que você merece!

— Para surpresa de Frank, George T. Nelson sorria e meneava a cabeça.

— Sim, senhor — ele disse — ... e era exatamente isso que se podia esperar de um filho da

mãe de titica que invade a casa de um amigo e mata uma avezinha indefesa. *Exatamente* o que

se podia esperar. Pois então, vá em frente, seu merdinha quatro-olhos. Atire em mim, e

acabemos com isto.

Um trovão roncou alto nas nuvens, mas Frank não o ouviu. Dez segundos depois, o banco

explodiu e ele mal ouviu *isso*. Estava por demais ocupado administrando sua fúria... e sua

perplexidade. Perplexidade com o descaramento deslavado e atrevido de Monsieur George T.

Lambe-cu-da-mãe Nelson.

Finalmente, Frank conseguiu destravar a língua.

— Matei seu passarinho, certo! Caguei naquela fotografia imbecil de sua mãe, certo

novamente! E o que você fez? O que *você* fez, George, além de assegurar-se de que eu

perderia o meu emprego e nunca mais poderia voltar a lecionar? Deus do céu, já será muita

sorte se eu não acabar na cadeia!

Percebeu a total injustiça dessas palavras, num repentino rasgo sombrio de compreensão;

era como jogar vinagre numa ferida aberta.

Por que, simplesmente, não me procurou e *pediu* o dinheiro, se precisava dele? Por que

simplesmente não veio e pediu? *Podíamos ter dado um jeito juntos, seu filho-da-mãe.*

— Mas do que é que você está falando! — George T. Nelson gritou de volta. — Tudo o

que sei é que você tem muita coragem para matar periquitinhas de um tamanhinho de nada,

mas não tem bagos para me enfrentar num duelo cara a cara.

— Não sabe... *não sabe do que estou falando?*— Frank engasgou. O cano do

LLama ia de

um lado para outro, freneticamente. Não podia acreditar no descaramento do homem na

calçada; simplesmente não podia *acreditar!* Ali parado, com um pé na calçada e o outro

praticamente na eternidade e simplesmente *teimando em mentir...*

— Não! Não sei! Não faço a menor idéia!

No limite de sua fúria, Frank Jewett fez uma regressão aos tempos de criança em resposta a

negativas tão ousadas e insultantes.

— Mentiroso! Mentiroso! Olha o nariz crescendo!

— Covarde! — George T. Nelson replicou vivamente. — Bobão covarde! Matador de

passarinho!

— Chantagista!

— Maluco! Largue essa arma, seu maluco! Enfrente-me numa luta limpa!

Frank lançou-lhe um sorriso.

— *Limpa?* Lutar *limpo* com você? O que é que você entende de *lutar limpo?*

George T. Nelson levantou as mãos vazias e mexeu os dedos.

— Parece que mais do que você.

Frank abriu a boca para replicar, mas não saiu som algum. As mãos vazias de George T.

Nelson deixaram-no temporariamente sem palavras.

— Vamos — desafiou George T. Nelson. — Guarde a arma. Vamos fazer como nos filmes

de bangue-bangue, Frank. Isto é, se você é macho para tanto. O mais rápido ganha.

Frank ponderou. Ora, por que não? Por que não?

Já não tinha muitas razões para viver, de um modo ou de outro, e, quanto mais não fosse,

mostraria ao seu velho “amigo” que não era um covarde.

— Está bem — ele disse, e meteu a Llama no cós de sua própria calça. Estendeu as mãos à

sua frente, tremulando bem perto da coronha.

— Como quer fazer, Georginho-Porquinho?

George T. Nelson sorria.

— Você começa a descer os degraus — ele disse. — E eu começo a subir. Quando o

próximo trovão roncar—

— Está bem — Frank concordou. — Ótimo. Vamos em frente.

Começou a descer os degraus. E George T. Nelson começou a subi-los.

7

Polly mal divisara o toldo verde de Coisas Necessárias mais adiante quando a barbearia e a

casa funerária explodiram. O fulgor e o estrépito foram intensos. Ela viu os jatos de destroços

saindo do coração da explosão como asteróides num filme de ficção científica, e

instintivamente se abaixou. Agiu muito bem, assim. Muitos pedaços de madeira e de aço

inoxidável do pedal da cadeira nº 2 — a cadeira de Henry Gendron — arrebentaram o pára-

brisa do seu Toyota. O pedal fez um barulho esquisito, faminto, ao passar através do carro e

sair voando pelo vidro traseiro. Vidro quebrado sussurrou pelos ares numa nuvem de explosão

em expansão.

O Toyota, sem ter quem o dirigisse, subiu pelo meio-fio, bateu num hidrante, e parou.

Polly endireitou-se, piscando, e olhou pelo buraco feito no pára-brisa. Viu alguém saindo

de Coisas Necessárias e se dirigindo para os três carros estacionados defronte à loja. À luz

brilhante do incêndio, reconheceu Alan facilmente.

— *Alan!* — Polly gritou. Alan não se virou. Movia-se, tomado por um único propósito,

como um robô.

Polly empurrou a porta do carro e correu para ele, gritando e gritando por ele. Do fundo da

rua veio o som de tiroteio rápido. Alan também não se virou para lá, nem avistou a

conflagração daquilo que, momentos antes, tinha sido a barbearia e a casa funerária. Parecia

preso inteiramente em seu próprio curso interior de ação, e Polly de repente

percebeu que

chegara tarde demais. Leland Gaunt tinha conseguido apanhá-lo. No final das contas, Alan

comprara alguma coisa, e se ela não chegasse ao seu carro antes que ele se lançasse a qualquer

tarefa insensata para a qual o sr. Gaunt o enviara, ele simplesmente iria embora... e então, só

Deus sabia o que poderia acontecer.

Polly correu mais depressa.

8

— Me dê uma ajuda, aqui — *Norris* pediu a Seaton Thomas, passando o braço ao redor do

seu pescoço.

— Acho que peguei ele — Seaton disse. Estava ofegante, mas a cor tinha voltado.

— Ótimo — Norris disse. O ombro queimava como fogo... e a dor parecia ir cada vez mais

fundo na carne, como se estivesse à procura de seu coração. — Agora, me dê uma ajuda.

— Você vai ficar bom — Seaton disse. Em seu desespero a respeito de Norris, Seat havia

esquecido o medo de que estivesse, segundo suas próprias palavras, à beira de um ataque

cardíaco.

— Assim que chegarmos lá dentro —

— Não — Norris disse. — A viatura.

— *O quê?*

Norris virou-se para Thomas com olhos frenéticos e inundados de dor.

— Leve-me para a viatura! Tenho que ir até Coisas Necessárias!

— Sim. No momento em que as palavras deixaram seus lábios, todas as peças do quebra-

cabeças se ajustaram. Coisas Necessárias, onde tinha comprado a vara de pesca Bazun. A

direção tomada em correria pelo homem que dera os tiros nele. Coisas Necessárias era onde

tudo tinha começado, e Coisas Necessárias era onde tudo devia terminar.

Galaxia explodiu, inundando a rua com novas fulgurações. Uma máquina “Double

Dragon” subiu das ruínas, deu duas piruetas, e aterrissou de cabeça para baixo no meio da rua,

com um baque.

— Norris, você levou um tiro —

— *Claro que levei um tiro!* — Norris gritou. Saliva ensangüentada saiu de seus lábios. —

Agora, me leve até a viatura!

— Norris, essa idéia é péssima —

— Não, não é, não — Norris disse em tom sombrio. Virou a cabeça e cuspiu sangue. — É

a *única* idéia. Agora vamos; me ajude aqui.

Seat Thomas amparou-o na direção da Unidade nº 2.

9

Se Alan não tivesse espiado pelo espelho retrovisor antes de dar marcha à ré para a rua,

teria atropelado Polly e completado o seu dia esmigalhando a mulher que amava sob as rodas

traseiras da sua velha camionete. Não a reconheceu; não passava de um vulto atrás do carro,

uma silhueta feminina contra a caldeira de chamas do outro lado da rua. Aplicou os freios, e

em menos de um segundo ela estava batendo no vidro da sua porta.

Ignorando-a, Alan voltou a dar marcha à ré. Não tinha tempo a perder com os problemas da

cidade, esta noite; tinha seus próprios problemas a resolver. Que se matassem como animais

embrutecidos, se era o que desejavam. Ele ia para Mechanic Falls. Ele ia pegar o homem que

tinha assassinado sua mulher e seu filho para vingar-se de uma sentença de míseros quatro

anos de prisão.

Polly agarrou a maçaneta do carro e foi, meio puxada, meio arrastada, pela rua atulhada de

destroços. Apertou o botão *abaixo da* maçaneta, seus braços berrando de dor, e a porta se abriu

de supetão com Polly agarrando-se a ela desesperadamente e os pés se arrastando quando Alan

trocou de marcha. O nariz do carro apontava para a parte baixa da Rua Principal. Em seu

sofrimento, e em sua exasperação, Alan se esquecera totalmente de que naquela direção não

havia mais ponte pela qual pudesse passar.

— *Alan!* — Polly gritou. — *Alan, pare!*

Penetrou. De algum jeito, apesar da chuva, apesar da trovoada, do vento, do crepitar

selvagem do fogo, penetrou. Apesar da compulsão de Alan.

Ele a fitou, e o coração de Polly partiu-se ao ver a expressão nos olhos dele. Alan tinha os

olhos de um homem flutuando nas entranhas de um pesadelo. Remotamente, ele perguntou:

— Polly?

— Alan! Você tem que parar!

Polly tinha vontade de largar a maçaneta — suas mãos estavam em agonia —, contudo,

tinha medo de que se o fizesse, ele simplesmente seguiria adiante e iria deixá-la ali, no meio da

Rua Principal.

Não... ela *sabia* que era isto o que ele faria.

— Polly, preciso ir. Lamento que esteja zangada comigo — que você pense que fiz alguma

coisa — mas decidiremos isso depois. Agora, tenho que par —

— Já não estou zangada com você, Alan. Sei que não foi você. Foi *ele,* nos

jogando um

contra o outro, como fez com quase todo mundo em Castle Rock. Pois é isto o que ele faz. Está

me entendendo, Alan? Está me ouvindo? *Pois é isto o que ele faz!* Agora, pare! Desligue essa

droga de motor e *ouça-me!*

— Preciso ir, Polly — ele respondeu. Até a voz dele parecia vir de muito longe. Como se

fosse pelo rádio. — Mas vou vol —

— Não, *não vai!* — ela gritou. E, inesperadamente, estava furiosa com ele — furiosa com

todos eles, todas essas pessoas gananciosas, assustadas, furiosas, cobiçosas desta cidade,

inclusive ela própria.

— Não, não vai, porque se for embora agora, *não haverá nada pelo que VOLTAR!*

O fliperama voou pelo ares. Destroços choveram ao redor do carro de Alan, parado no

meio da Rua Principal. A talentosa mão direita de Alan estendeu-se, apanhou a lata falsa de

nozes sortidas, em busca de consolo, e trouxe-a para o colo.

Polly não notou a explosão; fitava Alan com seus olhos escuros inundados de dor.

— Polly —

— *Olhe!* — ela gritou subitamente, e rasgou a frente da blusa. Gotas de chuva respingaram

sobre os seios e cintilaram na curva da garganta. — Olhe, eu joguei fora — o talismã!

Desapareceu! Agora, jogue fora o seu, Alan! *Se é homem, jogue fora o seu talismã!*

Ele não conseguia compreendê-la direito, das funduras do pesadelo em que se debatia, o

pesadelo que o sr. Gaunt tecera à sua volta, como um casulo envenenado... e num súbito rasgo

de compreensão ela percebeu qual era esse pesadelo. Qual *devia ser* esse pesadelo.

— Ele lhe contou o que aconteceu com Annie e Todd? — Polly perguntou com meiguice.

A cabeça dele jogou-se para trás como se ela lhe tivesse dado uma bofetada, e Polly

percebeu que acertara em cheio.

— Claro que sim. Qual a única coisa no mundo, a única coisa inútil que você deseja tanto

que chega a pensar que precisa dela? *Esse* é o seu talismã, Alan — *esse* é o talismã ao redor do

seu pescoço.

Ela soltou a maçaneta e jogou ambos os braços para dentro do carro. A luz da abóbada caiu

sobre eles. A pele estava de um vermelho muito escuro, como fígado. Seus braços estavam tão

inchados que os cotovelos pareciam duas covinhas.

— Havia uma aranha dentro do meu talismã — ela disse brandamente. — “Uma

aranha

pequenina, foi correndo para fora; veio uma chuva forte, levou a aranha embora". Uma

aranhazinha de nada. Que cresceu. Alimentou-se da minha dor e cresceu. Foi o que ela fez

antes que eu a matasse e pegasse minha dor de volta. Eu queria tanto ficar livre daquela dor,

Alan. Era isso o que eu queria, mas não *necessitava* que ela fosse embora. Eu posso te amar, e

posso amar a vida, e posso agüentar a dor, tudo ao mesmo tempo. Acho até que a dor talvez

tome as outras coisas melhores, assim como um belo engaste realça o diamante.

— Polly —

— Claro que me envenenou — ela continuou pensativa — e acho que esse veneno pode

matar-me se nenhuma providência for tomada. Mas, por que não? É justo. Duro, mas justo.

Comprei o veneno quando comprei o talismã. Ele vendeu uma porção de talismãs na sua

lojinha maligna, durante a semana toda. O filho-da-mãe trabalha rápido. Tenho que admitir.

Uma aranha pequenina que foi correndo para fora. Era isso que tinha dentro do meu. O que

tem dentro do seu? Annie e Todd, não é? *Não é?*

— Polly, Ace Merrill matou minha mulher! Matou *Todd!* Ele —

— Não! — *ela gritou, e segurou o rosto dele entre as mãos agoniadas.* — Ouça!

Entenda!

Alan, não é só *a sua* vida, será que não entende? Ele faz a pessoa comprar a própria doença, e

pagar dobrado por ela! Ainda não compreendeu isto? Não percebeu?

— Ele a fitou, boquiaberto... e então, lentamente, sua boca fechou-se.

— Espere... — ele disse. — Havia algo de errado. Algo estava errado naquela fita que ele

deixou para mim. Não consigo —

— Consegue, sim, Alan! Seja o que for que o filho-da-mãe tenha vendido, estava errado!

Como o nome errado na carta que ele deixou para mim.

Pela primeira vez, ele prestava atenção.

— Que carta?

— Não importa, no momento — se houver um amanhã, eu lhe conto. O ponto é que ele

exagera. Acho que ele *sempre* exagera. Está tão impado de orgulho que não sei como ainda

não explodiu. Alan, por favor, tente entender. Annie está *morta.* Todd está *morto,* e se sair por

aí à caça de Ace Merril enquanto a cidade está se queimando ao seu redor —

Surgiu uma mão sobre o ombro de Polly. Um antebraço enroscou-se ao redor de seu

pescoço e puxou-a para trás com grosseria. De súbito, Ace Merrill estava atrás dela,

segurando-a, e apontando uma arma para ela, e sorrindo para Alan, por sobre o

ombro dela.

— Quando se fala do diabo, minha senhora — Ace disse, e sobre suas cabeças —

10

— um trovão estrugiu pelo céu.

Frank Jewett e seu bom e velho “amigo” George T. Nelson vinham se encarando na

escadaria do Fórum, como se fossem dois estranhos matadores quatro-olhos, há uns bons

quatro minutos, os nervos tesos como cordas de violino afinadas na oitava mais alta.

— *Epa!* — disse Frank. A mão correu para a pistola automática enfiada no cós de suas

calças.

— *Opa!* — disse George T. Nelson, e procurou a sua própria arma.

Sacaram ambos com idênticos sorrisos febris — sorrisos que pareciam enormes gritos

silenciosos — e jogaram-se ao chão. Os dedos apertaram os gatilhos. Os dois tiros se

sobrepuseram com tal perfeição que soaram como se fossem um só. Um relâmpago fulgurou

quando as balas dispararam... e se rasparam em pleno vôo, desviando-se apenas o suficiente

para errar o que deveria ter sido um par de alvos à queima-roupa.

Frank Jewett sentiu um sopro de vento passando pela têmpora esquerda.

George T. Nelson sentiu como uma picada de inseto no lado direito do pescoço.

Fitaram-se, aturdidos, acima das armas fumegantes.

— *Hummm*? — disse George T. Nelson.

— *Hein*? — disse Frank Jewett.

Começaram a sorrir de modo idêntico, sorrisos de incredulidade. George T. Nelson deu um

passo para cima, hesitante na direção de Frank. Frank deu um passo hesitante para baixo, na

direção de George. Em um ou dois momentos poderiam estar abraçados, a prebenda entre os

dois diminuída diante da enormidade daqueles dois sopros de eternidade... Foi então que o

Edifício Municipal explodiu com um estrondo capaz de partir o mundo em dois, vaporizando

os dois no lugar onde se encontravam.

11

A explosão final tornou ínfimas todas as outras. Ace e Buster tinham plantado quarenta

bananas de dinamite, em duas bombas-relógio de vinte cada uma, no Edifício Municipal. Uma

dessas bombas fora colocada no assento da poltrona do juiz na sala do tribunal. Buster insistira

que deixassem a outra na mesa dé Amanda Williams, na ala do Conselho Municipal.

— De qualquer forma, mulher não tem que se meter em política — Buster explicou a Ace.

O barulho da explosão foi ensurdecedor, e, por um momento, todas as janelas do maior

edifício da cidade se encheram de uma luz sobrenatural roxa-alaranjada. Então o fogo soltou-

se, *através* das janelas, *através* das portas, *através* de grades e respiradouros, como braços

musculosos e sem piedade. O telhado de ardósia ergueu-se intacto, como uma nave espacial de

estranha forma, levantou-se num colchão de fogo, e depois fragmentou-se num milhão de

cacos pontiagudos.

No instante seguinte, o próprio edifício explodiu para todos os lados, transformando a parte

baixa da Rua Principal num vendaval de tijolo e vidro onde nenhum ser vivo maior do que

uma barata teria condições de sobreviver. Entre homens e mulheres, 19 pessoas morreram na

explosão, cinco delas repórteres de televisão que tinham vindo para fazer a cobertura da

escalada de macabros acontecimentos em Castle Rock, e que, ao invés, tornaram-se

personagens dessas ocorrências.

Unidades da polícia estadual e veículos dos meios de comunicação foram lançados ao ar

como se fossem miniaturas Corgi. O caminhão amarelo, que o sr. Gaunt providenciara para

Ace e Buster, cruzou tranqüilamente a Rua Principal a um metro do solo, as rodas girando, as

portas traseiras balançando-se em dobradiças tortas, ferramentas e marcadores de tempo

despejando-se por trás. Inclinou-se em vôo de furacão tropical térmico e aterrissou

embarafustando pela sala da frente da Agência de Seguros Dostie, abrindo uma vala, com sua

grade contorcida, entre máquinas de escrever e móveis de arquivos.

Um tremor como de terremoto fez estremecer todo o solo. Pela cidade toda, vidraças se

quebraram. Cata-ventos, que vinham apontando sem parar para o nordeste ao sabor dos Ventos

prevalentes de tormenta (que começava, agora, a amainar, como que envergonhada pela

intromissão desse avatar), desandaram a girar desnorteados. Vários deles se desprenderam de

suas bases, e no dia seguinte um deles seria encontrado, enterrado fundo na porta da igreja

batista, como a seta perdida de um índio qualquer.

Na Avenida do Castelo, onde os ventos da vitória sopravam decisivamente para o lado dos

católicos, a batalha campal interrompeu-se. Henry Payton encontrava-se ao lado de seu

automóvel, de arma na mão balançando ao lado do joelho, e contemplou a bola de fogo ao sul

da cidade. Sangue escorria por suas faces como se fossem lágrimas. O rev. Wllliam Rose

sentou-se, viu aquele fulgor monstruoso e começou a suspeitar de que o fim do mundo tinha

chegado, e ele contemplava a Estrela Mortal. O padre John Brigham aproximou-se dele, em

passos bêbados e cambaleantes. O nariz estava severamente entortado para o lado esquerdo e a

boca era uma massa de sangue. Considerou a possibilidade de chutar a cabeça do reverendo

como se fosse uma bola de futebol, mas, em lugar disso, estendeu-lhe a mão para ajudá-lo a

levantar-se.

Na Vista do Castelo, Andy Clutterbuck nem sequer levantou o olhar. Estava sentado na

escadinha da frente da casa dos Potters, chorando e aninhando nos braços sua mulher morta.

Faltavam ainda dois anos para o mergulho embriagado contra o gelo na superfície do lago do

Castelo que lhe tiraria a vida, mas estava chegando ao fim do último dia sóbrio de sua vida.

Na Alameda Dell, Sally Ratcliffe estava dentro do armário embutido de seu quarto, e uma

pequena fila indiana de insetos, como se dançassem a conga, desciam pela costura lateral de

seu vestido. Tinha ouvido a notícia do que acontecera a Lester, percebido que a culpa, de um

modo ou de outro, era dela (ou *acreditara* ter percebido, o que, no fim, dava no mesmo) e se

enforcado com o cinto de seu roupão de banho. Uma de suas mãos descansava fundo no bolso

do vestido. Presa nessa mão estava uma lasca de madeira. Estava preta de tão velha e porosa de

podre. Os bichinhos que a tinham infestado, saíram em busca de um abrigo mais novo e mais

confortável. Chegaram à bainha do vestido de Sally e empreenderam a marcha para o chão,

descendo pela perna que oscilava.

Tijolos passavam zunindo pelo ar, e os edifícios mais distantes se transformaram em alvos

de solo no que parecia ser o resultado de uma barragem de artilharia. Os prédios mais

próximos tomavam a forma de raladores de queijo, ou se arrasavam completamente.

A noite rugia como um leão que tivesse um espinho venenoso encravado na garganta.

12

Seat Thomas, ao volante da viatura que tinham pegado devido à insistência de Norris

Ridgewick, sentiu a traseira do carro erguer-se levemente, como que levantada pela mão de um

gigante. Um momento depois, uma chuvarada de tijolos tinha engolfado o veículo. Dois ou três

deles passaram pelo porta-malas. Um bateu no teto. Outro colidiu com o capô borrifando pó de

tijolo cor de sangue velho e escorregou pela frente do automóvel.

— Jesus, Norris, a cidade toda está explodindo! — Seat gritou, estridente.

— Dirija — Norris disse. Sentia como se estivesse queimando; o suor porejava, em

grandes gotas, o rosto enrubescido e avermelhado. Desconfiava que Ace não o atingira

mortalmente, que das duas vezes a bala passara de raspão, mas, ainda assim, havia algo

pavorosamente errado. Sentia que a doença se infiltrava em seu organismo, e a visão teimava

em obscurecer-se. Apegava-se à consciência, inflexivelmente. Quanto mais sua febre

aumentava, mais e mais certeza tinha de que Alan precisava dele, e que se ele tivesse muita

sorte e fosse muito corajoso, talvez chegasse a expiar o terrível mal que tinha posto em

movimento ao cortar os pneus de Hugh.

À sua frente, viu um grupinho de vultos na rua, perto do toldo verde de Coisas Necessárias.

A coluna de fogo erguendo-se das ruínas do Edifício Municipal iluminava as figuras em

silhueta. Distinguia a caminhonete de Alan, e o próprio Alan saindo dela. De frente para ele, de

costas para o veículo no qual se aproximavam Norris Ridgewick e Seaton

Thomas, havia um

homem empunhando uma arma. E segurava uma mulher como se fosse seu escudo. Norris não

via detalhes suficientes da mulher para poder identificá-la, mas o homem que a mantinha como

refém estava usando uma esfarrapada camiseta Harley-Davidson. Era o mesmo homem que

tentara matar Norris no Edifício Municipal, aquele que tinha estourado os miolos de Buster

Keeton. Embora jamais o tivesse conhecido, Norris tinha bastante certeza de que se tratava da

ovelha-negra da cidade, Ace Merrill.

— Jesus Cristo, Norris! Aquele *é o Alan!* O que está acontecendo agora?

Seja quem for aquele sujeito, ele não pode ouvir que estamos chegando perto, Norris

pensou. Não com toda essa barulheira. Se Alan não olhar para o nosso lado, se não entregar o

ouro ao bandido —

O revólver oficial de Norris descansava em seu colo. Ele desceu o vidro da janela do lado

do carona e levantou a arma. Será que antes ela pesava cem quilos ? Pois agora pesava, pelo

menos, o dobro.

— Dirija devagar, Seat — o mais devagar possível. E quando eu der sinal com o pé, pare o

carro. Imediatamente. Não tente entender as coisas.

— Com o seu *pé?* O que você está querendo dizer, com o seu —

— Cale a boca, Seat — Norris disse com bondade exausta. — Lembre-se apenas do que eu

lhe disse.

Norris virou-se de lado, botou a cabeça e os ombros para fora da janela e agarrou as barras

que seguravam a luz de teto do veículo. Lentamente, laboriosamente, levantou-se e esgueirou-

se até que se viu sentado na janela. A dor do ombro era um urro de agonia, e sangue vivo

começou a encharcar sua camisa. Estavam agora á menos de 30m de distância das três pessoas

paradas na rua, e ao longo do telhado ele tinha condições de fazer mira direta no homem que

segurava a mulher. Não podia disparar, pelo menos por enquanto, porque corria o risco de

atingi-la também quando atingisse o homem. Mas se um deles se movesse...

Era o mais perto que Norris se atrevia a chegar. Bateu de leve na perna de Seat com o pé.

Seat parou o carro muito de mansinho na rua atapetada de cacos de tijolo e de destroços.

Alguém se mova, Norris rezou. Um de vocês, por favor, mova-se. Não interessa quem, e

pode ser só um pouquinho, mas, por favor, por favor, alguém se mova.

Não notou que a porta de Coisas Necessárias se abria; concentrava-se ferozmente no

homem com a arma e sua refém. Também não viu o sr. Leland Gaunt sair de sua loja e parar

sob o toldo verde.

13

— Aquele dinheiro era *meu*, seu filho da puta! — Ace gritou para Alan. — E se quer esta

cadela de volta com todo o seu equipamento original, é melhor me dizer o que fez com ele!

Alan tinha saído da caminhonete.

— Ace, não sei do que está falando.

— Resposta errada! — Ace berrou. — Você sabe *exatamente* do que estou falando. Do

dinheiro de Pop! Nas latas! Se quer a cadela, diga-me o que fez com ele! A oferta é por tempo

limitado, seu veado!

Pelo canto do olho, Alan captou movimento abaixo deles, na Rua Principal. Era um carro

de polícia, e julgou tratar-se de uma das viaturas do município, mas não se atrevia a olhar mais

atentamente. Se Ace soubesse que estava na mira, tiraria a vida de Polly. Faria isso num piscar

de olhos.

Assim, fixou seu olhar no rosto dela. Os olhos escuros estavam cansados e inundados de

dor... mas não mostravam medo.

Alan sentiu que sua sanidade retornava. Coisa engraçada, a sanidade. Se alguém a perdia,

não dava pela coisa. Não sentia a perda. Só iria dar-se conta do acontecido quando ela

retornasse, como um raro pássaro selvagem que vivesse em seu íntimo não por decreto, mas

por escolha.

— Ele errou — Alan dirigiu-se calmamente a Polly. — Gaunt errou ao fazer a fita.

— *Que porra é essa que está falando?* — A voz de Ace soou estridente, cheia de cocaína.

Apertou o cano da arma contra a têmpora de Polly.

De todos eles, apenas Alan tinha notado a porta de Coisas Necessárias se abrir

silenciosamente, e não o teria notado se não tivesse mantido seu olhar tão rigorosamente

desviado da viatura que se esgueirava pela rua. Apenas Alan notara — no limite extremo de

sua visão — a figura alta que saiu da loja, uma figura vestida não de paletó esporte ou de

jaqueta de veludo, mas num sobretudo negro de casimira fina.

Um sobretudo de viagem.

Na mão, o sr. Gaunt trazia uma valise antiquada, daquele tipo que um mercador itinerante,

ou um caixeiro-viajante, teria guardado, em tempos de antanho, suas mercadorias e amostras.

Era feita de couro de hiena, e se agitava; ficava estufada e abaulada, estufada e

abaulada, sob

os longos dedos brancos que apertavam a alça. E de lá de dentro, como o assovio de vento

distante ou o grito de lamúria que se ouve nos fios de alta tensão, vinha o som flébil de gritos.

Alan não ouviu esse som com os ouvidos; antes, pareceu ouvi-los com a mente e com o

coração.

Gaunt estava sob o toldo de onde via tanto a viatura que se aproximava como as figuras em

tableau ao lado da caminhonete, e em seus olhos crescia uma expressão de incipiente

irritação... talvez, mesmo, de preocupação.

Alan pensou: e ele não sabe que já o notei. Tenho quase certeza. Por favor, Senhor, fazei

com que eu esteja certo.

14

Alan não deu resposta a Ace. Ao invés, dirigiu-se a Polly, segurando mais firme a falsa lata

de nozes sortidas, enquanto falava. Ace nem sequer notara a lata, segundo parecia, muito

provavelmente porque Alan não fizera uma única menção de escondê-la..

— Annie não estava usando o cinto de segurança naquele dia — Alan explicou para Polly.

— Eu já tinha lhe contado este detalhe?

— Eu... não me lembro, Alan.

Por trás de Ace, Norris ia se puxando laboriosamente para fora da janela da viatura.

— Foi por isso que ela atravessou o pára-brisas.

Em apenas um momento terei que atacar um dos dois, ele pensou. Ace ou o sr. Gaunt?

Qual a direção? *Qual?*

— Foi isto o que sempre me intrigou — por que ela não estava usando o cinto de

segurança. Ela prendia o cinto sem nem pensar, era um hábito tão antigo. Mas, naquele dia,

não prendeu.

— Última chance, xerife! — *Ace gritou.* — Ou eu levo o meu dinheiro ou esta cadela. A

escolha é sua!

Alan continuava a ignorá-lo.

— Mas, na fita, o *cinto de segurança ainda estava preso* — Alan disse. E, de repente, ele

soube. E o conhecimento elevou-se em sua mente como uma nítida e prateada coluna de fogo.

— O *cinto de segurança ainda estava preso E O SENHOR COMETEU UM ERRO, SR.*

GAUNT!

Alan virou-se para a figura alta parada sob o toldo verde a 2,5m de distância. Agarrou a

tampa da falsa lata de Tastec-Munch ao dar um único e largo passo na direção

do mais recente

comerciante de Castle Rock, e antes que Gaunt pudesse fazer um movimento — antes que seus

olhos pudessem fazer outra coisa senão começar a se arregalar — Alan tinha tirado a tampa do

último brinquedo de Todd, aquele que Annie lhe pedira que permitisse a ele comprar, porque

só se é jovem uma vez.

A cobra saiu, e desta vez não era de brinquedo.

Desta vez era de verdade.

Só foi de verdade por alguns segundos, e Alan jamais ficou sabendo se alguém mais

chegara a perceber, mas *Gaunt* percebeu — disto tinha absoluta certeza. Era comprida —

muito mais comprida do que a cobra de papel crepom que tinha pulado de dentro daquela lata,

há mais ou menos uma semana, na ocasião em que tirara a tampa da lata, no estacionamento do

Edifício Municipal, depois daquela longa e solitária corrida, de volta de Porlland. A pele da

cobra rebrilhava com uma iridiscência furta-cor e o corpo era coberto de losangos vermelhos, e

negros, como a pele de alguma jararaca fabulosa.

Suas mandíbulas se escancararam quando ela mordeu o ombro do sobretudo do sr. Leland

Gaunt, e Alan apertou os olhos contra o fulgor crômico e ofuscante de suas

presas. Viu a

mortífera cabeça triangular afastar-se para depois lançar-se ao pescoço do sr. Gaunt. Viu Gaunt

tentar agarrá-la e segurá-la e, antes que pudesse fazê-lo, as presas da serpente cravarem-se

fundo na carne dele, não uma mas diversas vezes. A cabeça triangular erguia-se e abaixava-se,

num borrão, como o carretei de uma máquina de costura.

Gaunt gritou — se de dor, raiva, ou ambas, Alan não saberia dizer — e deixou cair a valise

a fim de segurar a cobra com as duas mãos. Alan viu surgir sua oportunidade e deu um salto

adiante, no momento em que Gaunt conseguiu afastar a cobra dele e jogá-la na calçada, junto

às suas botas. Ao cair, transformou-se de novo naquilo que sempre fora — um brinquedo

barato, l,5m de mola envolta em papel crepom verde desbotado, aquele tipo de brinquedo que

apenas uma criança como Todd poderia realmente gostar e uma criatura como Gaunt poderia

realmente apreciar.

Sangue porejava, em gotículas, de três pares de orifícios. Enxugou-o com uma daquelas

estranhas mãos de dedos longos, e curvou-se para apanhar a valise... e subitamente ficou

imóvel. Curvado assim, as pernas compridas dobradas, o braço comprido

estendido, parecia

uma reprodução de Ichabold Crane talhada em madeira. Aquilo que desejava apanhar ao

curvar-se já não estava lá. A valise de couro de hiena, cujos lados respiravam lugubremente,

descansava na calçada, entre os pés de Alan. Ela conseguira tirá-la enquanto Gaunt se ocupava

da cobra, e o fizera com sua usual rapidez e desenvoltura.

Não havia dúvida quanto à expressão de Gaunt, neste momento: uma combinação

explosiva de ódio, fúria e surpresa incrédula contorcia suas feições. O lábio superior

arreganhou-se como o focinho de um cão, exibindo a fileira de dentes tortos. Mas estes, agora,

mostravam-se pontiagudos, como se tivessem sido afiados para a ocasião.

Estendeu as mãos membranosas e silvou:

— *Dê-me a valise... ela é minha!*

Alan não sabia que Leland Gaunt tinha afirmado a dezenas de habitantes de Castle Rock,

de Hugh Priest a Slopey Dodd, que não tinha o menor interesse na alma humana — medíocres,

encolhidas, miseráveis coisas que eram. Caso *tivesse* sabido, Alan teria dado risada e

mencionado que a principal mercadoria em estoque do sr. Gaunt era a mentira. Oh, ele sabia

muito bem o que havia dentro daquela valise — o que havia lá dentro, gemendo

como fios de

alta tensão ao vento e respirando em estertores como um ancião no leito de morte. Ele sabia

muito bem.

Os lábios de Gaunt se afastaram dos dentes num sorriso macabro. Suas mãos repugnantes

se estenderam ainda mais para Alan.

— Estou avisando, xerife — não tente me foder. Não sou o tipo de homem que se possa

foder. Essa valise é minha, estou dizendo!

— Creio que não, sr. Gaunt. Faço idéia de que se trata de apropriação indébita. Creio que é

melhor o senhor —

Ace estivera a assistir boquiaberto, a transformação sutil mas ininterrupta do sr. Gaunt, de

comerciante em monstro. O braço ao redor da garganta de Polly relaxou um pouco, e ela viu

sua oportunidade. Torceu a cabeça e cravou seus dentes, até a linha da gengiva, no pulso de

Ace Merrill. Ace jogou-a longe, sem pensar, e Polly caiu estatelada na calçada. Ace fez

pontaria contra ela.

— *Cadela!* — ele gritou.

15

— Pronto — Norris Ridgewick murmurou com gratidão.

Tinha apoiado o cano do seu revólver de serviço ao longo de uma das barras da luz do teto.

Prendeu a respiração, mordeu o lábio inferior entre os dentes, e puxou o gatilho. Ace Merrill

foi repentinamente lançado sobre a mulher caída na rua — era Polly Chalmers, e Norris ainda

teve tempo de pensar que deveria ter deduzido — com a parte de trás da cabeça se espalhando

e voando em pedaços e coágulos.

De súbito, Norris sentiu-se muito fraco.

E também sentiu-se muito, muitíssimo bem-aventurado.

16

Alan não prestou atenção ao fim de Ace Merrill.

Nem o fez Leland Gaunt.

Estavam cara a cara, Gaunt na calçada, Alan ao lado de sua camionete, no melo da rua,

com aquela valise horrível, ofegante, entre os pés.

Gaunt respirou fundo e fechou os olhos. Algo passou sobre sua fisionomia — uma espécie

de brilho. Ao abrir os olhos novamente, parecia ter voltado a ser o mesmo Leland Gaunt que

enganara tanta gente em Castle Rock — o urbano e encantador sr. Gaunt. Lançou um olhar à

cobra de papel jogada na calçada, fez uma careta de repulsa, e chutou-a para a sarjeta. Depois,

voltou a fitar o xerife e estendeu-lhe a mão.

— Por favor, xerife — não vamos discutir. Já é bem tarde, e estou cansado. Se me quer

fora da cidade, e devo dizer que quero partir, *partirei*... assim que o senhor me devolver o que

me pertence. E, *me pertence*, asseguro-lhe.

— Assegure e dane-se. Não acredito, meu amigo.

Gaunt contemplou-o com raiva e impaciência.

— Essa valise e o que ela contém é *minha* propriedade! Não acredita em livre comércio,

xerife Pangborn? O que é o senhor? Algum tipo de comunista? Barganhei todas e cada uma

das peças que estão aí dentro! Obtive-as com lisura e honestidade. Se o que deseja é uma

recompensa, um emolumento, uma propina, um pagamento, uma gorjeta, a moeda para

atravessar o rio, seja qual for o nome que se lhe dê, então eu entendo e pagarei com muito

prazer. Mas, o senhor deve entender, trata-se de uma questão *comercial,* não de uma questão

legí —

— *Você tapeou!* — Polly gritou. — *Você tapeou, e você mentiu, e você trapaceou!*

Gaunt dirigiu-lhe um olhar magoado, e voltou a fitar Alan.

— Não é verdade, o senhor sabe. Fiz negócios nas bases em que sempre faço. Mostro aos

fregueses o que tenho para vender... e deixo que eles próprios decidam. Assim... se me fizer o

favor...

— Acho que vou ficar com ela — Alan disse calmamente. Um sorrisinho, afiado e agudo

como uma lasca de gelo em novembro, aflorou-lhe aos lábios. — Digamos que se trata de uma

prova, está bem?

— Temo que não possa fazer isso, xerife — Gaunt deixou a calçada e veio para a rua.

Pontos vermelhos de luz faiscaram em seus olhos.

Você pode morrer, mas não pode reter a minha propriedade. Não se eu decidir que quero

levá-ia. E é o que quero!

Caminhou ao encontro de Alan, os pontos vermelhos em seus olhos tornando-se mais

profundos. Deixando a impressão de uma de suas botas num montinho cor de mingau de aveia

do cérebro de Ace Merrill.

Alan sentiu suas entranhas se contorcendo, mas permaneceu impassível. Em seguida,

impelido por um instinto que ele nem tentou compreender, juntou as mãos em frente ao farol

dianteiro esquerdo da camionete. Cruzou-as, fez com que tomassem a forma de um pássaro, e

começou a dobrar os pulsos rapidamente, para frente e para trás.

Os pardais estão voando de novo, sr. Gaunt, ele pensou.

A projeção ampliada da sombra de um pássaro — mais falcão do que pardal e

impressionantemente *realista* para uma sombra incorpórea — subitamente passou pela frente

falsa de Coisas Necessárias. Gaunt notou-a pelo rabo do olho, girou nos calcanhares,

engasgou, e voltou atrás.

— Saia da cidade, meu amigo — Alan disse. Ajeitou as mãos em outra posição e agora um

grande cão — um são-bernardo, talvez — passou trotando pela frente de Costura que Costura

no círculo de luz lançado pelas luzes dianteiras da caminhonete. E ali por perto — fosse por

coincidência... ou não — um cão começou a latir. Pelo som, um animal de grande porte.

Gaunt virou-se naquela direção. Tinha uma aparência levemente aflita, agora, e

definitivamente se desequilibrara.

— Você tem sorte por sair livre — Alan continuou. — Mas, pensando bem, que acusação

poderia pesar contra você? O furto de almas talvez esteja previsto no código legal usado por

Brigham e Rose, mas creio que não o encontraria no meu. Ainda assim, meu conselho é que vá

embora enquanto ainda pode.

— *Devolva minha valise!*

Alan fitou-o, tentando dar ao rosto uma expressão de desprezo e incredulidade, embora o

coração martelasse descompassado dentro do peito. — Ainda não entendeu? Não pegou? *Você*

perde. Já esqueceu como se comportar nessa situação?

Gaunt ficou imóvel fixando Alan por um longo momento, e então meneou a cabeça.

— Eu sabia que seria aconselhável evitá-lo — ele disse. Era quase como se falasse consigo

mesmo. — Sabia muito bem. Está bem. Você ganha. — Começou a virar-se. Alan relaxou de

leve. — Eu vou —

Desfez o giro, ele próprio rápido como uma serpente, tão rápido que fez Alan parecer lento.

Sua fisionomia já não era a mesma — sua aparência humana tinha desaparecido

completamente. Era, agora, o rosto do demônio, faces longas com marcas profundas e olhos

caídos que fulguravam fogo vermelho.

— *MAS NÃO SEM A MINHA PROPRIEDADE!* — ele gritou, e saltou para a valise.

De algum ponto — próximo ou a quilômetros de distância — Polly gritou:

— *Cuidado, Alan!* — mas não havia tempo para ter cuidado; o demônio, cheirando a

enxofre e chifre queimado, o atacava. Havia apenas tempo para agir ou tempo para morrer.

Alan passou a mão direita por baixo do pulso esquerdo, procurando com os

dedos o

diminuto nó de elástico que se projetava da correia de seu relógio. Uma parte dele profetizava

que não poderia nunca dar certo, e nem mesmo um outro milagre de transmutação poderia

salvá-lo desta vez, porque o Truque das Flores Dobradas estava desgastado, estava —

O polegar encontrou o nó.

O minúsculo pacotinho de papel escorregou para fora.

Alan avançou com a mão, desfazendo o nó pela última vez ao fazê-lo.

— *ABRACADABRA! DEMÔNIO ENGANADOR!* — ele gritou, e o que subitamente

desabrochou em sua mão não foi um buquê de flores mas um feixe de luz e tão ofuscante que

iluminou toda a parte alta da Rua Principal numa luminescência fabulosa, de cores matizadas.

Contudo, Alan percebeu que as cores jorrando de seu pulso naquela fonte inacreditável eram

uma só cor, assim como todas as cores transmudadas por um prisma de cristal ou um arco-íris

no céu são uma única cor. Uma poderosa energia invadia-lhe o braço, e por um instante sentiu

um imenso e incoerente êxtase.

O branco! A vinda do branco!

Gaunt urrava de dor e de raiva e de temor... mas não encolheu-se. Talvez se passasse o que

Alan tinha sugerido: já fazia tanto tempo que não sabia o que era perder, que se esquecera.

Tentou mergulhar sob o buquê de luz que irrompia da mão fechada de Alan, e por apenas um

segundo suas mãos chegaram a tocar a alça da valise entre os pés de Alan.

Surgiu, de repente, um pé calçado numa chinelinha — o pé de Polly. Pisou a mão de Gaunt

violentamente.

— *Não mexa nisso! — ela gritou.*

Ele levantou a vista e rosnou... e Alan jogou o feixe iridiscente naquele rosto. Gaunt soltou

um gemido longo e lamentoso de dor e medo e cambaleou para trás, com fogo azul dançando

em seus cabelos. Os longos dedos brancos fizeram uma última tentativa de agarrar as alças da

valise, e desta vez foi Alan quem pisou neles.

Estou lhe dizendo, pela última vez, que vá embora — ele disse, numa voz que não

reconhecia como sendo a sua. Era forte demais, altaneira demais, por demais plena de poder.

Sabia que provavelmente não conseguiria destruir aquela criatura encolhida à sua frente, cuja

mão enrugada tentava proteger o rosto contra o mutável espectro de luz, mas poderia forçá-la a

ir embora. Esta noite, tal poder lhe pertencia... se ousasse usá-lo. Se ousasse ser fiel e

verdadeiro.

— E, estou lhe dizendo, pela última vez, que você vai sem ela.

Elas morrerão sem mim! — o Gaunt-monstro lamuriou. Suas mãos pendiam, nesse

instante, entre as pernas; as garras longas arranhavam e escavavam os escombros espalhados

pela rua. — *Cada uma* delas morrerá, sem mim, como plantas sem água no deserto. É isso que

deseja? *É isso?*

Polly estava com Alan agora, apoiada nele.

— Sim — ela respondeu com frieza. — É melhor que morram aqui e agora, se for esse o

caso, do que irem embora com você e viverem. Elas — *nós* — fizemos coisas sórdidas, mas o

preço é alto demais.

O Gaunt-monstro silvou e agitou as garras para eles.

Alan apanhou a valise e foi retrocedendo pela rua, com Polly a seu lado. Ergueu o jorro de

luz de maneira a lançar a luminosidade sobre o sr. Gaunt e o seu Tucker Talismã. Alan encheu

os pulmões de ar — mais ar do que seu corpo jamais tinha contido, ou assim lhe pareceu. E

quando falou, as palavras troaram de sua garganta numa vasta voz que não era a sua.

— *AFASTA-SE DAQUI, SANATÁS! ESTÁS EXPULSO DESTE LUGAR!*

O monstro-Gaunt berrou como se lhe tivessem jogado água fervente. O toldo verde de

Coisas Necessárias incendiou-se e a vitrine explodiu para dentro da loja, o vidro pulverizando-

se em diamantes. Acima da mão fechada de Alan, luzes faiscantes de radiância — azuis,

verdes, vermelhos, laranjas e roxos profundos — abriram-se em leque. Por um instante, foi

como se uma estrelinha minúscula se equilibrasse em seu punho.

A valise de couro de hiena arrebentou-se num estourar de coisa podre, e as vozes

capturadas e lamentosas escaparam num vapor invisível, mas que todos — Allan, Polly,

Norris, Seaton — sentiram.

Polly sentiu que o veneno ardente e debilitante nos braços e no peito desapareciam.

O ardor que envolvia o coração de Norris dissipou-se aos poucos.

Sobre toda Castle Rock, armas e cajados foram lançados ao chão. As pessoas se

entreolharam com a expressão confusa daqueles que acordam de um sonho horroroso.

E a chuva cessou.

17

Ainda berrando, aquilo que fora Leland Gaunt saltitou trôpego atravessando a rua na

direção do Tucker. Abriu a porta e acomodou-se ao volante. O motor acordou com um

guincho. Não era o som de qualquer máquina fabricada por mãos humanas. Uma comprida

língua de fogo alaranjado escapou pelo cano de descarga. Os faróis traseiros se acenderam e

não eram luzes vermelhas, eram olhos — os olhos de duendes cruéis.

Polly Chalmers gritou e escondeu o rosto no ombro de Alan, e Alan não permaneceu

imóvel. Alan estava fadado a presenciar e recordar, pelo resto de sua vida, o que estava vendo,

assim como jamais esqueceria as maravilhas radiosas daquela noite — a cobra de papel que se

tornara momentaneamente real, as flores de crepom transformando-se numa fonte de luz e uma

represa de poder.

Os três faróis dianteiros fulguraram. O Tucker deu marcha à ré para a rua, derretendo o

macadame sob os pneus a um pasta viscosa. Os pneus cantaram na mudança para a direita, e

embora não chegasse a tocar no carro de Alan, a camionete se deslocou vários metros assim

mesmo, como que repelida por um poderoso ímã. A frente do Talismã tinha começado a emitir

uma luminosidade branco-nebulosa, e sob essa luminosidade parecia estar se alterando e se

transformando.

O carro *gritou*, ao apontar a descida para a caldeira incandescente que tinha sido

o Edifício

Municipal, as ruínas de carros e caminhões destruídos, e para a correnteza turbulenta sobre a

qual já não existia ponte. O motor se contorcia em revoluções insanas, almas urravam num

frenesi desafinado, e o resplendor fulgurante e nebuloso espalhou-se para trás engolfando o

veículo.

Por um único instante, o monstro-Gaunt contemplou Alan por uma janela que se derretia e

despencava, do lado do motorista, como se estivesse a marcá-lo para sempre com seus olhos

vermelhos em forma de losango, e a boca escancarada num rosnido lento.

Foi então que o Tucker começou a rodar.

Foi ganhando velocidade ao descer a rua, e as alterações igualmente ganharam velocidade.

O carro pareceu derreter-se, e reordenar-se. O teto ficou para trás, os suportes metálicos

transformaram-se em colunas, os pneus afinaram e ficaram mais altos e mais finos. Uma forma

começou a destacar-se do que restou da grade do Tucker. Surgiu um cavalo negro cujos olhos

eram tão vermelhos como os do sr. Gaunt, um corcel envolto num manto luminosamente

leitoso, cujas patas tiravam faíscas da calçada e deixavam marcas profundas e fumegantes no

centro da rua.

O Talismã tomara a forma de uma carruagem antiga, com um anão corcunda sentado alto

na boléia. As botas desse anão descansavam na trave dianteira e as pontas curvas como as de

um califa pareciam incendiadas.

E, ainda assim, não cessavam as transformações. Ao disparar pela descida da Rua

Principal, os lados começaram a crescer; um teto de madeira com beirais pareceu surgir

daquele polimórfico manto nutriente. Surgiu uma janela. Os raios das rodas captaram fulgores

luminosos quando as próprias rodas — assim como as patas do negro cavalo — alçaram-se da

rua.

O Talismã transformara-se numa carruagem; a carruagem agora tomava o formato de um

carroção, como aqueles que cruzavam o país há cem anos, levando comerciantes de remédios.

Havia uma legenda numa das bordas laterais e Alan mal conseguiu lê-la. Dizia:

CAVEAT EMPTOR

Cinco metros acima do solo e ainda subindo, o carroção passou pelas chamas espalhadas

das ruinas do Edifício Municipal. As patas do corcel negro galopavam numa estrada invisível

cortada nos ares, ainda tirando faíscas luminosamente azuis e alaranjadas.

Elevou-se acima do

riacho do Castelo, uma caixa resplandecente no céu. Passou sobre a ponte tombada que jazia

na torrente como o esqueleto de um dinossauro.

Então, dos destroços ardentes do Edifício Municipal, uma lufada de fumaça cruzou a Rua

Principal, e ao dissipar-se, Leland Gaunt e seu carroção infernal tinham desaparecido.

18

Alan levou Polly até a Unidade que, vindo do Edifício Municipal, tinha trazido Norris e

Seaton. Norris ainda se encontrava sentado na janela, agarrado às barras. Sentia-se fraco

demais para tentar descer para dentro, sem sofrer uma queda.

Alan passou a mão ao redor da barriga de Noiris (não que Norris, sequinho como um

bacalhau, tivesse lá muita barriga) e ajudou-o a descer para a calçada.

— Norris?

— Sim, Alan?

Norris chorava.

— De hoje em diante pode trocar de roupa, a qualquer hora, no banheiro dos homens —

Alan disse. — Está bem?

Norris não pareceu ouvir.

Alan sentia o sangue encharcando a camisa do seu oficial.

— O ferimento é muito grave?

Não muito. Pelo menos, acho que não. Mas isto... — e, de mão estendida, fez um gesto em

leque para a cidade, abrangendo todo o fogo, e toda a destruição. — Tudo isso é *minha* culpa.

Minha!

— Você não tem razão.

— Você não entende! — a fisionomia de Norris contorcia-se de vergonha e sofrimento. —

Fui eu que rasguei os pneus de Hugh Priest! Eu o provoquei!

— Sim — Polly respondeu. — Provavelmente, sim. E terá que viver com isso. Assim

como fui eu quem provocou Ace Merril, e terei que viver com *isso.* — Apontou para o local

onde católicos e protestantes se afastavam, cambaleantes, em todas as direções, sem serem

incomodados pelos poucos policiais confusos que ainda permaneciam por perto. Alguns dos

guerreiros religiosos iam sós; outros caminhavam lado a lado. O padre Brigham parecia estar

amparando o rev. Rose, e Nan Roberts tinha passado o braço ao redor da cintura de Henry

Payton.

— Mas quem os provocou, Norris? E Wilma? E Nettie? E todos os outros? Tudo o que

posso dizer é que se você foi capaz de causar isso tudo, deve ser um touro no trabalho.

Norris explodiu em soluços altos e angustiados.

— Mas eu *lamento* tanto!

— Eu também — Polly respondeu. — Meu coração está partido.

Alan abraçou Polly e Norris rapidamente, e curvou-se para o assento do carona do veículo

de Seat.

— E como *você* está se sentindo, velho amigo?

— Bem animado — Seat respondeu. Parecia estar, de fato, completamente fascinado.

Confuso, mas fascinado. — Vocês aí parecem em muito *piores* condições do que eu.

— É melhor levarmos Norris para o hospital, Seat. Se há espaço suficiente aí dentro,

podemos ir todos juntos.

— Lógico, Alan! Entrem! Qual hospital?

— Northern Cumberland — Alan disse. — Lá está um menininho que quero visitar. Quero

ter certeza de que o pai dele chegou lá.

Alan, será que eu vi mesmo o que acho que vi? O carro daquele sujeito virou um carroção

que saiu voando pelo céu?

— Não sei, Seat — Alan respondeu. — E do fundo do coração lhe digo, *não quero* saber

nunca.

Henry Payton se aproximou nesse instante e tocou no ombro de Alan. Seu olhar estava

estranho e chocado. Tinha o jeito de um homem que logo logo faria grandes mudanças em seu

modo de viver, em seu modo de pensar, ou em ambos.

— O que aconteceu, Alan? — ele perguntou. — O que realmente aconteceu nesta maldita

cidade?

Foi Polly quem respondeu.

— Houve uma liquidação. A maior liquidação total de estoque que já se viu... só que no

fim, alguns de nós resolvemos não comprar.

Alan tinha aberto a porta e estava ajudando Norris a se acomodar no banco da frente. E

agora tocou o ombro de Polly.

— Vamos — ele disse. — Vamos embora. Norris está sentindo dor, e perdeu muito

sangue.

— Epa! — Henry Payton exclamou. — Tenho uma porção de perguntas e —

— Guarde-as. — Alan entrou no carro depois de Polly, e fechou a porta. — Falaremos

amanhã, mas, por enquanto, estou de folga. Na verdade, creio que quanto a esta cidade, vou

estar de folga para sempre. Contente-se com o seguinte: acabou. Seja o que for

que tenha

acontecido em Castle Rock, está acabado.

— Mas —

Alan inclinou-se para frente e deu um tapinha no ombro ossudo de Seat.

— Vamos em frente — ele disse quietamente. — E não tenha pena dos cavalos.

Seat dirigiu o carro na direção da Rua Principal, depois foi para o norte. O carro dobrou à

esquerda no cruzamento e começou a subir o Morro do Castelo, indo para a Vista do Castelo.

Ao chegarem ao topo do morro, Alan e Polly viraram as cabeças ao mesmo tempo para

contemplar a cidade, onde o fogo brotava como rubis. Alan sentiu aflição, e sensação de perda,

e uma tristeza estranha e frustrada.

Minha cidade, *ele pensou.* Esta era a minha cidade. Já não é mais. Nunca mais será.

Viraram-se para olhar para a frente, novamente ao mesmo tempo, e acabaram se olhando

fundo nos olhos.

— Você nunca vai saber — Polly disse docemente. — O que realmente aconteceu com

Annie e Todd naquele dia.... você nunca vai saber.

— E também já não quero — Alan Pangborn disse. Deu-lhe um beijo suave na face. —

Isso pertence às trevas. Que as trevas levem embora.

Chegaram ao alto da Vista e tomaram a Rodovia 119, do outro lado, e Castle Rock

desapareceu. As trevas também levaram-na embora.

Você já esteve aqui antes.

CLARO QUE ESTEVE. Claro. Nunca esqueço um rosto.

Aproxime-se, deixe-me apertar a sua mão! Vou contar-lhe um segredo: reconheci-o pelo

seu jeito de andar, mesmo antes de ver bem seu rosto. Não poderia ter escolhido melhor dia

para voltar a Junction City, a melhor cidadezinha de Iowa — pelo menos, deste lado do Ames.

Vá em frente, pode rir; era mesmo uma piada.

Pode sentar-se um pouco aqui comigo? Bem aqui, neste banco ao lado do Monumento ao

Soldado estará ótimo. O sol está quente, e daqui podemos ver quase todo o centro da cidade.

Apenas, tenha cuidado com as farpas; este banco está aqui desde que Hector ainda

engatinhava. Agora — olhe lá. Não, um pouquinho mais à sua direita. Aquele prédio cujas

janelas estão cobertas de sabão. Antes, o escritório de Sam Peebles ficava ali. Corretor de

imóveis, e dos bons. Depois, casou-se com Naomi Higgins ali adiante na estrada, em

Proverbia, e se mudaram, como faz a maioria dos jovens de hoje.

Aquela loja ficou vazia por mais de um ano - a economia por aqui tem estado uma droga

desde o início daquela bagunça no Oriente Médio — más, parece que agora alguém ficou com

ela. Muito falatório por ai, estou lhe dizendo. Mas você sabe como é; num

lugarejo como

Junction City as coisas não mudam muito de um ano para o outro, e a inauguração de uma loja

é uma grande novidade. E não vai demorar muito, pelo andar da carruagem. O último operário

guardou suas ferramentas e foi embora na sexta-feira passada. Agora, o que eu acho é que —

— Quem?

Ah, *ela!* Aquela é Irma Skillins. Era a diretora do Colégio de Junction City — a primeira

mulher diretora nestas bandas do estado, foi o que ouvi. Aposentou-se há dois anos, e parece

que aposentou-se de tudo ao mesmo tempo: da Estrela do Oriente, da Irmandade das Filhas da

Revolução Americana, do Grupo de Teatro de Junction City. Desistiu até do coro da igreja,

pelo que entendi. Acho que em parte é devido ao reumatismo — ela sofre muito com ele agora.

Vê o modo como ela se apóia na bengala? Alguém que fique naquele estado, creio que faria

qualquer coisa para conseguir algum alívio.

Olhe lá! Lá foi ela examinar a nova loja bem de perto, está vendo? Ora, e por que não? Ela

pode estar velhusca, mas não está morta, e ainda falta muito. Além disso, você conhece o

ditado: a curiosidade matou o gato, mas a satisfação o trouxe de volta.,

Será que consigo ler a tabuleta? Lógico que posso! Comecei a usar óculos há dois anos,

mas só para perto. Minha visão para longe nunca esteve melhor. Diz o seguinte: BREVE —

INAUGURAÇÃO, em cima; e bem embaixo: PRECES ATENDIDAS — UM NOVO TIPO

DE LOJA. E na última linha — espere um pouco, a letra é menor — a última linha diz *Você*

não vai acreditar no que vê. Apesar do que, acho que vou, sim. Está escrito em Eclesiastes que

não há nada de novo sob o sol, e eu concordo bastante com isso. Irma, no entanto, vai voltar.

Quanto mais não seja, ela vai querer dar uma boa olhada em quem decidiu instalar aquele toldo

vermelho vivo sobre o antigo escritório de Sam Peebles.

Pode ser até que ela faça uma visitinha. Acho que quase todo mundo na cidade fará o

mesmo antes que deixe de ser novidade.

Nome interessante para uma loja, não é mesmo? Preces Atendidas. Dá para pensar no que

será que vão vender lá dentro.

Ora, com um nome desses, pode ser qualquer coisa.

Qualquer coisa.

24 de outubro de 1988.

28 de janeiro de 1991

Título original: Needful Things

Trocas Macabras
Stephen King

Tradução de Toni Thomson

Livraria Francisco Alves Editora S/A
ISBN: 85-265-0283-2

1992

Nossos agradecimentos pelo uso, a título gratuito, do seguinte material de Copyright:

Document Outline

Table of Contents